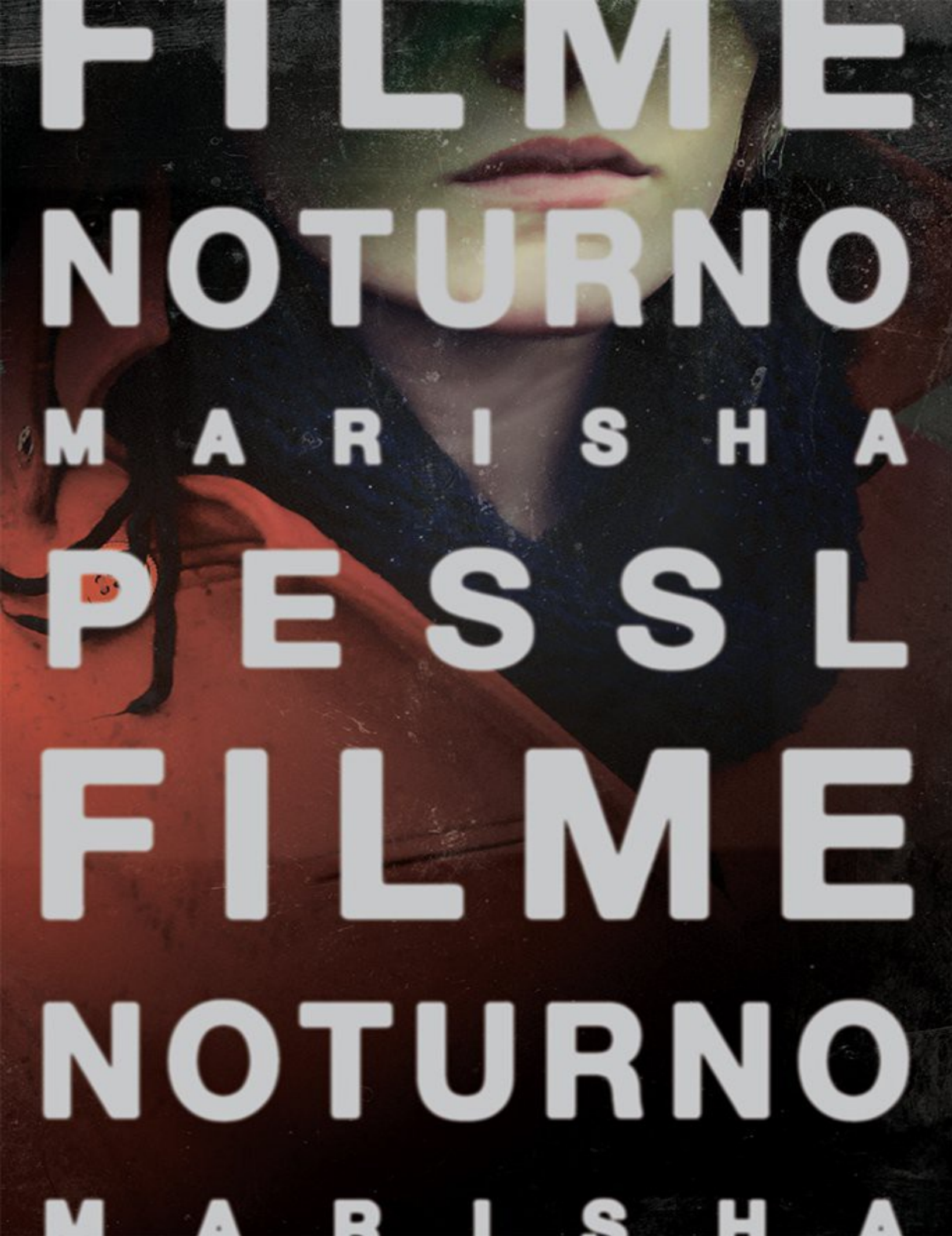




FILME

NOTURNO

M A R I S H A

P E S S L

FILME

NOTURNO

M A R I S H A



MARISHA PESSL
FILME NOTURNO

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE MARTINS



Copyright © 2013 by Wonderline Productions LLC

Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

Night Film

PREPARAÇÃO

Lorena Piñero

REVISÃO

Bruno Correia

Luiz Felipe Fonseca

DESIGN DE CAPA

John Gall

FOTO DE CAPA

© Rekha Garton

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

E-ISBN

978-85-8057-593-4

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Créditos	
Mídias sociais	
Dedicatória	
Epígrafe	
Prólogo	
Filme noturno	
1 Um grande candelabro lançava...	
2 Vinte minutos depois eu entrei...	
3 Meu escritório era um quarto...	
4 Ele faz alguma coisa...	
5 Anos antes, concentrado em Cordova...	
6 Um pouco mais de uma semana depois...	
7 Quem é?...	
8 A garota no guarda-volumes...	
9 Quinze minutos depois eu estava...	
10 Contornei a esquina...	
11 — Alô — atendi...	
12 Acompanhei Hopper escada acima...	
13 A Pom Pom era uma lanchonete...	
14 Na manhã seguinte, uma hora antes...	
15 — Não consideramos nossos hóspedes...	
16 Eu estava sozinho...	
17 Eles me escoltaram...	
18 Um guarda de expressão endurecida...	
19 — É na próxima entrada...	
20 Seguimos Morgan Devold...	
21 — É óbvio que Morgan se apaixonou...	
22 — Isso é o que acontece quando...	
23 Como a maioria dos nova-iorquinos...	
24 Seguimos Hashim...	
25 — A polícia poderá ajudar...	

26 | Nora não quis...
27 | Na manhã seguinte, fui acordado...
28 | — O número foi cortado...
29 | Nora e eu passamos a maior parte da noite...
30 | Na manhã seguinte descobri...
31 | Sam me olhou melancólica...
32 | Hopper estava esperando...
33 | As ruas eram estreitas...
34 | A única lâmpada de néon...
35 | Hopper deu um passo para dentro...
36 | Meu primeiro pensamento foi...
37 | — Vocês tiraram os gravetos...
38 | — Uma boate em Long Island...
39 | — Estava justamente contando...
40 | Hopper estava na metade do quarto...
41 | De volta ao Gitane expliquei...
42 | Eu estava exausto...
43 | Fechei a matéria...
44 | Era uma pequena sala...
45 | — Você se incomodaria...
46 | — Acha que vamos morrer?...
47 | Oubliette...
48 | Descemos Whaler's Way...
49 | Era algum tipo de depósito...
50 | Um bar de mármore preto...
51 | — Tem razão...
52 | Cheguei ao fim do saguão...
53 | Quando cheguei à cidade...
54 | — A sra. Quincy telefonou...
55 | Embora estivesse escurecendo...
56 | Observei Sam executar as ordens...
57 | — A sra. Quincy está descendo...
58 | A tarde que Peg Martin descrevera...
59 | — Hopper prometeu estar aqui...
60 | — Tom-may! — berrou o cara...
61 | Devolvi a Nora...
62 | — Você contou...

63 | “Elas eram irmãs...”
64 | Ao contar a história...
65 | O Golden Way era um mercadinho...
66 | — Cacete, cara...
67 | Atravessamos a rua...
68 | — Por favor?...
69 | Em casa, liguei...
70 | — Woodward?...
71 | — Ele passou a noite...
72 | — Senhor McGrath...
73 | Quando Nora e eu saímos...
74 | Enquanto Nora e eu entrávamos...
75 | Devolvi à mulher...
76 | Passamos as horas seguintes...
77 | — O que está acontecendo?...
78 | — Não menti para vocês...
79 | — Deveríamos partir...
80 | Dei a Hopper...
81 | — É ele...
82 | Quinze minutos depois...
83 | Entrei no saguão...
84 | — Você não tem...
85 | Ela devia estar se escondendo...
86 | — É a lendária propriedade...
87 | — Aconteceu em uma ponte...
88 | — Na verdade eu consigo entender...
89 | No dia seguinte...
90 | Não havia uma vitrine...
91 | Recuamos pela passagem...
92 | As luzes do hospital...
93 | Cheguei à Encantamentos...
94 | — Você esteve sumido...
95 | — Não sabemos o que aconteceu...
96 | O que tinha acontecido...
97 | A viagem de volta...
98 | Acordei arfando...
99 | Meu despertador tocou...

100 | De volta a Manhattan...
101 | Quando consegui voltar...
102 | Eu havia decidido...
103 | Tentei falar com Cynthia...
104 | — O que isso quer dizer?...
105 | Retornei à rua Perry...
106 | À luz do fim do dia...
107 | Beckman, vestindo uma calça...
108 | Vigiei a casa...
109 | Aconteceu no décimo segundo dia...
110 | — O negócio com você começou...
111 | Fiquei chocado...
112 | O que posso dizer...
113 | Dias depois empacotei...
114 | Chegou em quatro de janeiro...
115 | Foi um acaso feliz...
116 | Foi com a sensação...
117 | Ela era mágica...
118 | Quatro dias depois peguei...

Agradecimentos

Créditos das imagens

Sobre a autora

Leia também

À memória de minha avó,
RUTH HUNT READINGER
(1910-2011)

O medo mortal é tão crucial para nossas vidas quanto o amor. Ele apela ao cerne de nosso ser e nos mostra quem somos. Você vai recuar e tapar os olhos? Ou terá forças para andar até o precipício e olhar? Quer saber o que existe lá ou prefere viver na ilusão sombria dentro da qual este mundo comercial insiste em nos manter trancados como lagartas cegas em um casulo eterno? Você vai se encolher com os olhos fechados e morrer? Ou consegue lutar para sair disso e voar?

STANISLAS CORDOVA

Rolling Stone, 29 de dezembro de 1977

PRÓLOGO

Nova York, 2h32

TODOS TÊM UMA HISTÓRIA SOBRE CORDOVA, gostem ou não.

Talvez seu vizinho de porta tenha encontrado um dos filmes dele em uma caixa velha no sótão e nunca mais entrou sozinho em um cômodo escuro. Ou seu namorado se vangloriou de ter achado na internet uma cópia pirata de *À noite todos os pássaros são pretos* e depois de ver se recusou a falar sobre isso, como se fosse uma provação horrenda à qual sobrevivera por pouco.

Qualquer que seja sua opinião sobre Cordova, independentemente da sua obsessão ou indiferença à obra dele, ele está lá para que reajamos. Ele é uma fenda, um buraco negro, um perigo indefinido, um surto incansável do desconhecido em nosso mundo demasiadamente exposto. Ele está nas profundezas, se esgueirando nas esquinas da escuridão. Está sob a ponte ferroviária no rio junto a todas as provas de crimes perdidas e as respostas que nunca verão a luz do dia.

Ele é um mito, um monstro, um homem letal.

E ainda assim não consigo deixar de acreditar que, quando você mais precisa dele, Cordova surgirá em seu caminho, como um convidado misterioso que você nota do outro lado da sala em uma festa lotada. Num piscar de olhos, ele está *bem ao seu lado*, perto do ponche, observando-o enquanto você se vira e pergunta as horas casualmente.

Minha história com Cordova começou pela segunda vez em uma noite chuvosa de outubro quando eu era apenas mais um homem correndo em círculos, indo a lugar algum o mais rápido que conseguia. Eu estava correndo ao redor do Reservoir do Central Park após as duas horas da manhã — um hábito arriscado que eu adotara no ano anterior quando estava pilhado demais

para dormir, atormentado por uma inércia que não conseguia explicar, exceto por uma vaga compreensão de que a melhor parte da minha vida ficara para trás e de que o mundo de possibilidades, que eu enxergava tão claramente na juventude, desaparecera.

Fazia frio e eu estava encharcado. A trilha de cascalho estava tomada por poças, as águas negras do Reservoir cobertas por uma névoa. Ela bloqueava a visão para os juncos ao longo da margem e apagava a linha do horizonte do parque como se não passasse de papel, as beiradas rasgadas. Tudo o que conseguia ver dos prédios majestosos ao longo da Quinta Avenida eram poucas luzes douradas queimando através da escuridão, refletidas na superfície da água como moedas atiradas. Sempre que passava por um dos postes de ferro, minha sombra ganhava volume, enfraquecendo-se rapidamente e então descolando-se do corpo — como se não tivesse coragem de ficar.

Eu atravessava o portão sul, começando minha sexta volta, quando dei uma olhada por cima do ombro e notei alguém atrás de mim.

Uma mulher estava de pé diante de um poste, o rosto nas sombras, seu casaco vermelho atraindo a luz que vinha de trás dela, traçando um corte escarlate na noite.

Uma jovem aqui sozinha? Ela era louca?

Eu me virei, levemente irritado com a ingenuidade da garota — ou imprudência, o que quer que a tivesse levado ali. As mulheres de Manhattan, por mais magníficas que fossem, às vezes se esqueciam de que não eram imortais. Podiam se jogar como confete em uma noite de farra de sexta-feira sem pensar em qual *buraco* estariam metidas no sábado.

A trilha seguia reta rumo ao norte, a chuva alfinetando meu rosto, os galhos baixos formando um túnel grosseiro. Cortei caminho por fileiras de bancos e pela ponte, a lama respingando em minhas canelas.

A mulher — quem quer que fosse — parecia ter desaparecido.

Mas então — bem à frente, uma faísca de *vermelho*. Desapareceu assim que vi, e segundos depois pude perceber uma silhueta magra e escura caminhando lentamente à minha frente ao longo da grade de ferro. Estava usando botas pretas, o cabelo escuro caindo até o meio das costas. Acelerei o

passo, decidido a ultrapassá-la exatamente quando ela estivesse ao lado de um poste, para dar uma olhada mais de perto e me assegurar de que estava bem.

Mas à medida que me aproximava tive a clara sensação de que ela *não estava*.

Era o som dos seus passos, pesados demais para uma pessoa tão delicada, o modo como andava, tão rígida, como se esperasse por mim. De repente tive a sensação de que quando passasse ela se viraria e eu veria que seu rosto não era jovem como eu presumira, mas *velho*. O rosto desgastado de uma velha me encararia com olhos fundos, a boca feito uma machadada em uma árvore.

Ela agora estava apenas alguns metros à frente.

Ela ia esticar a mão, agarrar meu braço, e seu aperto seria forte como o de um homem, *gelado...*

Passei correndo, mas sua cabeça estava abaixada, escondida pelos cabelos. Quando me virei novamente ela já havia ultrapassado o fecho de luz e era pouco mais que uma forma sem rosto recortada da escuridão, os ombros contornados de vermelho.

Eu continuei, pegando um atalho pela trilha de arbustos densos, galhos açoitando meus braços. *Vou parar e dizer algo quando passar por ela novamente — mandá-la ir para casa.*

Mas completei mais uma volta e não havia sinal dela. Conferi a colina que levava às trilhas para cavalos.

Nada.

Em minutos eu estaria na North Gatehouse — uma construção de pedra além do alcance dos postes, mergulhada na escuridão. Não conseguia distinguir muito mais do que um lance de escada estreita levando a portas duplas enferrujadas, acorrentadas e trancadas, uma placa afixada ao lado: MANTENHA DISTÂNCIA. PROPRIEDADE DA CIDADE DE NOVA YORK.

À medida que me aproximava percebi, assustado, ao erguer os olhos, que ela estava *lá*, de pé no patamar, olhando para mim. *Ou estaria olhando através de mim?*

Quando sua presença foi plenamente registrada, eu já estava correndo cegamente. Mas o que vislumbrara naquela fração de segundo flutuava diante

de meus olhos como se alguém tivesse tirado uma foto com flash: cabelos emaranhados, aquele casaco vermelho-sangue que ficou marrom no escuro, o rosto tão completamente na sombra que era possível que nem sequer estivesse ali.

Eu *obviamente* deveria ter evitado aquele quarto uísque.

Houve um tempo não *tão* distante em que era necessário um pouco mais para me abalar. *Scott McGrath, um jornalista que iria ao inferno só para conseguir uma declaração de Lúcifer*, escrevera certa vez um blogueiro. Eu considerara isso um elogio. Detentos que tatuavam os rostos com graxa de sapato e o próprio mijo, adolescentes armados de Vigário Geral cheios de crack na cabeça, mafiosos de Medellín que todos os anos passavam férias em Rikers — nada disso me fazia recuar. Tudo era só parte do cenário.

Agora uma mulher na escuridão estava me deixando transtornado.

Ela só podia estar bêbada. Ou tinha tomado Xanax demais. Ou talvez aquilo fosse um desafio adolescente doentio — uma garota malvada do Upper East Side a obrigara a isso. A não ser que fosse uma armação e seu namorado bandidinho estivesse em algum lugar ali esperando para saltar sobre mim.

Se a ideia fosse essa, eles ficariam desapontados. Eu não tinha nada de valor comigo a não ser minhas chaves, um canivete e meu cartão do metrô, que valia umas oito pratas.

Certo, talvez eu estivesse passando por *um momento difícil, uma seca*, como queira chamar. Talvez a última vez que tivesse me defendido fosse... Bem, *tecnicamente*, o final dos anos noventa. Mas você nunca esquece como se luta pela sobrevivência. E nunca era tarde demais para recordar, a não ser que você esteja morto.

A noite parecia artificialmente silenciosa, *imóvel*. Aquela névoa se movera para além da água, sobre as árvores, tomara a trilha como uma doença, algo expelido para o ar, algo maligno.

Mais um minuto e estaria na North Gatehouse. Passei em disparada, esperando vê-la no patamar.

Estava deserto. Não havia qualquer sinal dela em parte alguma.

Mas quanto mais eu corria, a trilha se desenrolando como uma passagem subterrânea para alguma nova dimensão escura à minha frente, mais achava o encontro inconcluso, uma canção interrompida em uma nota de expectativa, um projetor de filmes travando segundos antes de uma cena de perseguição fundamental, a tela ficando branca. Não conseguia me livrar da poderosa sensação de que ela certamente estava *ali*, escondida em algum lugar, me observando.

Juro que senti um toque de perfume entranhado nos cheiros úmidos de lama e chuva. Apertei os olhos na direção das sombras na colina, esperando a qualquer momento ver o corte vermelho brilhante do casaco dela. Talvez estivesse sentada em um banco ou de pé na ponte. *Ela viera aqui para se machucar?* E se tivesse subido na balaustrada e esperado, olhando para mim com um rosto drenado de esperança, antes de dar um passo à frente, caindo na estrada bem abaixo como um saco de pedras?

Talvez eu tivesse tomado um *quinto* uísque sem perceber. *Ou esta maldita cidade finalmente me pegara.* Desci os degraus, seguindo para a East Drive e de lá para a Quinta Avenida, virando na esquina da rua Oitenta e seis Leste, a chuva se transformando em tempestade. Corri três quarteirões, passando por restaurantes fechados, saguões brilhantes com alguns porteiros entediados olhando para fora.

Na entrada do metrô na Lexington, ouvi o rugido de um trem se aproximando. Desci correndo o lance de escada seguinte, passando meu cartão pela roleta. Poucas pessoas esperavam na plataforma — dois adolescentes, uma idosa com uma sacola da Bloomingdale's.

O trem adentrou a estação, parando com um guincho, e eu embarquei em um vagão vazio.

“Este é o trem expresso quatro rumo ao Brooklyn. A próxima parada é na rua Cinquenta e nove.”

Sacudindo a chuva, olhei para os bancos desertos, um anúncio de um filme de ficção científica pichado. Alguém cegara o homem que corria no cartaz, rabiscando seus olhos com pilot preto.

As portas bateram. Com um gemido de freios, o trem deu partida.

E então, de repente, notei, descendo lentamente os degraus no canto mais distante: botas pretas brilhantes e *vermelho*, um casaco vermelho. Eu me dei conta, à medida que descia cada vez mais, os ensopados cabelos negros que pareciam tinta escorrendo sobre os ombros, de que era ela, a garota do Reservoir, o fantasma — *o que quer que ela fosse*. Mas antes que pudesse compreender essa impossibilidade, antes que minha mente pudesse gritar *Ela estava vindo atrás de mim*, o trem disparou túnel adentro, as janelas ficaram pretas e de repente estava olhando apenas para meu reflexo.

FILME NOTURNO

Ashley Cordova, 24, encontrada morta

http://www.nytimes.com/2011/10/14/ashley-cordova-24-encontrada-morta

PÁGINA INICIAL NOTÍCIAS VÍDEO MAIS POPULARES

Log in | Cadastre-se | Ajuda

The New York Times NY / Região

Procurar em NYTimes.com

MUNDO EUA NY / REGIÃO NEGÓCIOS TECNOLOGIA CIÊNCIAS SAÚDE ESPORTES OPINIÃO ARTES ESTILO

Ashley Cordova, 24, encontrada morta



Ashley Cordova, 24, encontrada morta

Fotografia cortesia de K&M Recording

Publicado: 14 de outubro de 2011, por Charles Dunbar

Um corpo encontrado em um armazém abandonado em Chinatown, na quinta-feira, foi identificado pelo legista da cidade como sendo o de Ashley Cordova, filha do diretor de cinema americano ganhador do Oscar Stanislas Cordova. Ashley tinha 24 anos.

A causa da morte ainda não foi determinada, mas a polícia investiga relatos de que a srta. Cordova, que supostamente teria um histórico de depressão, cometeu suicídio se jogando em um poço de elevador desativado, disse Hector J. Marcos, porta-voz do departamento de medicina legal da cidade.

A srta. Cordova era pianista clássica e foi uma criança prodígio. Estreou no Carnegie Hall aos 12 anos, tocando o "Concerto para Piano em Sol Maior" de Ravel com a Orquestra Filarmônica de Moscou. Abandonou a música aos 14 anos, recusando outros recitais, turnês e aparições públicas.

Ashley Cordova foi criada em The Peak, a enorme propriedade particular do seu pai em Adirondack, que serviu de cenário para muitos dos filmes do sr. Cordova, incluindo o *thriller* psicológico de 1979, "Anjinhos". A srta. Cordova se formou pelo Amherst College em 2009. Diferentemente de seu meio-irmão, Theo Cordova, que atuou com frequência nos filmes do pai, a srta. Cordova apareceu apenas uma vez, interpretando a filha mais nova dos Stevens em "Respirando com reis" (1996), adaptado do romance de August Hauer.

A família Cordova não foi encontrada para comentar.

Filha de Cordova encontrada morta



Ashley Cordova, a filha de 24 anos do cultuado mestre das sombras Stanislas Cordova, foi encontrada morta no centro de Nova York, devido a um suposto suicídio. Isso acrescenta outro capítulo sinistro à vida de um homem que parece ter engenhosamente criado e rejeitado a própria lenda infame. O que também leva à pergunta inevitável: será que isso é apenas uma triste coincidência ou uma dinastia seriamente amaldiçoada? Continuaremos a acompanhar os desdobramentos da história. [The New York Times]

SAIBA MAIS: FILMES, STANISLAS CORDOVA, ASHLEY CORDOVA, CULT

809 comentários [COMENTE](#)

RECENTES ANTIGOS SELECIONADOS MAIS RESPONDIDOS ☒ VER COMENTÁRIOS



ANÔNIMO

Muito triste,

Sexta, 14 de out de 2011, 23h23



Amocafeina

R.I.P. Ashley C.

Sexta, 14 de out de 2011, 23h26



Cathie

O homem é um psicopata. Pessoas como ele não deviam fazer filmes.

Sexta, 14 de out de 2011, 23h31



Bill é um duende alto

EXATAMENTE, Cathie!! Deus proíba que algo seja sombrio, bizarro e tão enervante que você questione sua visão de mundo comercializada e financiada pelas empresas.

Sexta, 14 de out de 2011, 23h33



Fã de Cordova

"Aquilo que hoje está provado não foi outrora mais do que imaginado." – William Blake

Sexta, 14 de out de 2011, 23h36



AWOL

Não surpreende. Só um louco poderia fazer a tortura psicológica que é Solitário 3.

Sexta, 14 de out de 2011, 23h41



Jess

Onde você viu isso?

Sexta, 14 de out de 2011, 23h43



AWOL

No túnel do trem

Sexta, 14 de out de 2011, 23h48



TIME Photos

CULTURA

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



Stanislas Cordova, Nova York, dezembro de 1977. Esta foto é a última imagem conhecida tirada do lendário cineasta.

Ashley Cordova, 24, filha do diretor de cinema Stanislas Cordova, foi encontrada morta ontem em um armazém abandonado em Lower Manhattan.

Em nosso mundo moderno de Twitter, excesso de informação e exposição completa, Stanislas Cordova é a exceção. Ele se recusa a aparecer em público ou conceder entrevistas desde a matéria de capa da *Rolling Stone* de 1977. Aqueles que trabalharam com ele mantêm um rígido sigilo. A obra de Cordova, composta de 15 filmes — jornadas nauseantes através de submundos cruéis —, ainda desfruta do status cult de ter alguns dos filmes mais aterrorizantes já produzidos. Igualmente enigmático é o próprio homem, cuja vida pessoal e profissional foi marcada pela polêmica.

TIME faz um breve perfil pictórico de Cordova, a figura inescrutável que — mesmo permanecendo em silêncio e fora de vista — ainda causa comoção.

Curtir 38

Tweet 90

+1 3

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



2 de 18



Primórdios

Filho único, criado em South Bronx por uma mãe solteira, pouco foi confirmado sobre a infância de Cordova. Quando descobrir fotos pessoais do diretor recluso se tornou um passatempo cult de seus fãs, uma professora primária aposentada alegou que Cordova aparece nesta imagem (*no fundo, à esquerda*). Uma busca no registro dos alunos da escola revelou a matrícula em 1948 de um menino chamado Stan Cordova. Ele recebeu notas baixas por “comportamento taciturno”.

Curtir 27

Tweet 48

+1 9

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



3 de 18



Chefe

Jessica Ramirez, ex-garçonete do Café Wha?, alega ter sido namorada de Cordova entre 1960 e 1962. Ela disse que Stanislas tinha largado a escola e cometia pequenos delitos. Após roubar um Ford Thunderbird, ele passou a ganhar a vida rodando a noite como taxista uniformizado para prostitutas que trabalhavam na decadente vida noturna da Nova York dos anos 1960, enquanto passava os dias escrevendo o roteiro do que seria seu arrepiante primeiro filme, *Figuras banhadas em luz* (1964). “Ele tinha olhos de outro mundo”, disse Ramirez. “Olhos que chegavam a você vindos de anos-luz e te viravam do avesso.” Esta é a única foto que ela (à esquerda) tem com Cordova (centro).

Curte 12

Tweet 87

+1 10

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



4 de 18



Gênio noturno

A Warner Bros. liberou este *still* de divulgação de Cordova nas filmagens de seu segundo longa, *O legado* (1966). O filme, que conta a história perturbadora de um garoto de 10 anos que decide matar um maldoso xerife de condado, introduziu os temas explorados posteriormente por Cordova em sua obra: um mundo horrendo espreitando sob o que é belo e normal; a natureza fragmentada da identidade humana com seus medos indizíveis, motivações violentas e desejos sexuais imorais; e o próprio *filme noturno* como uma experiência cativante e emocionalmente perturbadora. Quando Cordova parou de aparecer em público, surgiram dúvidas se ele realmente seria o homem desta foto.

Curtir 67

Tweet 12

+1 30

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



5 de 18



A braço direito

A partir de seu segundo longa, a colaboradora mais confiável de Cordova passou a ser uma mulher chamada Inez Gallo. Gallo teria sido uma dona de casa mexicana (*foto de casamento acima*) até conhecer Cordova em agosto de 1965 em um trem Q rumo ao Brooklyn. Dias depois ela abandonou a família no meio da noite e pelos 30 anos seguintes apareceu apenas como “Assistente do sr. Cordova” nos créditos dos 15 filmes dele. Sua única aparição pública foi na premiação do Oscar em 1980, quando recebeu em nome de Cordova o prêmio de Melhor Diretor por *Anjinhos* (1979). Seu discurso de uma frase, proferido vestindo coturnos, foi uma convocação para que as pessoas “fuja[m] de [seus] quarto[s] trancado[s], real[is] ou imaginário[s]”. A aparição provocou rumores de que ela era o verdadeiro gênio por trás da obra de Cordova. O clipe tem mais de 3 milhões de visualizações no YouTube.

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



6 de 18



A herdeira

Em junho de 1975, Cordova se casou com Genevra Castagnello, modelo italiana herdeira de um rico banqueiro italiano. Um ano depois eles compraram uma extensa propriedade em Adirondack, conhecida como The Peak, que já foi casa de férias dos Rockefeller. Pouco depois de dar à luz um filho, Theodore, Genevra foi encontrada morta por afogamento acidental em um lago da propriedade. Acredita-se que sua morte foi a causa do crescente isolamento de Cordova e da presença do mal como cerne de sua obra.

Curtir 34

Tweet 61

+1 32

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



7 de 18



The Peak

Desde 1976, Cordova mora e grava seus longas em uma propriedade de 120 hectares localizada no norte de Nova York, nas florestas isoladas ao norte do lago Lows. A condição remota do complexo — a cidade mais próxima é Crowthorpe Falls, 829 habitantes — e o fato bem documentado de que é protegido por uma cerca militar de seis metros de altura geraram muitos boatos e especulações quanto à vida de Cordova na residência.

Curte 71

Tweet 25

+1 2

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



8 de 18



A musa

A atriz e ícone da beleza Marlowe Hughes se tornou a segunda esposa de Cordova durante a produção de seu filme *Fruto do amor* (1985), embora a união tenha sido anulada apenas três meses depois. Ela se recusou a falar publicamente sobre o homem ou o casamento, embora sua vigorosa atuação como esposa de um político caçando um chantagista — que ameaça revelar seu passado de prostituição infantil — tenha lhe garantido críticas positivas, as melhores de sua carreira. O filme, proibido para menores, foi o último de Cordova a ser lançado em grande circuito.

Curtir 1

Tweet 48

+1 54

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



9 de 18



Fiasco ou marketing inteligente?

O décimo filme de Cordova, *À noite todos os pássaros são pretos* (1987) — sobre uma adolescente que chega a extremos horrendos para encontrar o pai desaparecido —, foi condenado pela Motion Picture Association of America e alvo de piquetes por grupos moralistas cristãos (*acima*) ultrajados pelo fato de uma jovem ter sofrido um colapso nervoso no cinema em uma pré-estreia. A Warner Bros. se recusou a lançar o filme. Alguns meses depois, começou a correr a notícia de exhibições ilegais na enorme rede de túneis sob Paris, a Cidade Luz.

Curtir 65

Tweet 18

+1 32

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



Ventres urbanos

Exibições secretas de filmes de Cordova — conhecidas como *projeções tarja vermelha* — começaram a ser realizadas nas catacumbas parisienses, um labirinto de passagens subterrâneas construído no século XII cujas paredes foram feitas com ossos humanos. As projeções subterrâneas logo se espalham por toda a Europa, Estados Unidos e Japão. Isso marcou o início da emergência de Cordova como um feiticeiro subversivo de um mundo sombrio e aterrorizante, livre das amarras comerciais da sociedade hegemônica.

Curtir 21

Tweet 14

+1 3

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



Símbolo de soberania

Na infame entrevista à *Rolling Stone* em 1977 — última vez em que falou em público —, Cordova comentou que a cena que mais gosta dos próprios filmes era um close do olho do assassino em *Figuras banhadas em luz*, descrevendo-a enigmaticamente como “soberana, mortal, perfeita”. Depois ele admitiu ainda ser de fato *seu olho*, e uma observação mais atenta da imagem revelou uma mulher gritando na íris. Quando Cordova desapareceu do convívio público, seus fãs — que chamam a si mesmo de Cordovitas — passaram a usar as palavras como um lema, e uma versão estilizada da imagem, como um símbolo para organizar projeções ilegais de seus filmes.

Curtir 25

Tweet 39

+1 81

Share



O último enigma

14 out, 2011 | Comente



A última saída para Cordova

Em 1º de outubro de 1989, em uma estação de metrô de Berlim, às 2h14, uma jovem examina indicações criptografadas para uma projeção de *La Douleur* (1989).

Curtir 90

Tweet 76

+1 51

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



Prelúdio ao inferno

Aqueles que vão a projeções tarja vermelha raramente falam do que acontece. Alguns alegaram que as exibições — realizadas em escuridão total em prédios condenados ou túneis bloqueados sob uma cidade — são tão horrendas que há informações de espectadores desmaiando de terror. Outros dizem que elas se transformam em raves orgíacas que duram dias. Acima, um artista de rua anônimo de Detroit dança antes de uma projeção de *Espere por mim aqui* (1993), primeiro filme de horror explícito de Cordova sobre uma série de assassinatos não solucionados que aterrorizam uma cidade do interior da Carolina do Sul. O artista de rua depois disse que ver o filme significou “deixar seu antigo eu para trás, andar pelo inferno e renascer”.

Curtir 88

Tweet 32

+1 8

Share

O último enigma

14 out. 2011 | Comente



O imitador

Em fevereiro de 2000 o corpo mutilado de Amy Andrews, 8, foi encontrado em uma fábrica de papel abandonada em Kalamazoo, Michigan. As autoridades identificaram no corpo ferimentos similares aos sofridos por Alice Reinhart, a criança que foi vítima em *Espere por mim aqui* (1993). Quando o suspeito, Hugh Thistleton, 22, foi detido, foram encontrados em seu apartamento DVDs piratas das fitas negras de Cordova — seus cinco últimos filmes —, levando a família Andrews a criar a Amy's Light, uma organização dedicada a comprar e destruir todas as cópias contrabandeadas da obra de Cordova vendidas anonimamente na internet.

Curtir 54

Tweet 12

+1 8

Share



O último enigma

14 out, 2011 | Comente



Difamação

Em 12 de maio de 2006, o premiado jornalista investigativo Scott McGrath apareceu no programa *Nightline* anunciando que Cordova seria seu próximo tema. Ele disse que Cordova era “um predador — da mesma categoria que [Charles] Manson, Jim Jones, coronel Kurtz” —, referindo-se ao bárbaro assassino em massa de *Apocalypse Now*. McGrath observou ainda que “alguém precisa eliminar [Cordova] com extrema crueldade”. Dois dias após o programa ter ido ao ar foi aberto um processo de calúnia de um milhão de dólares contra McGrath por advogados representando a família Cordova (*acima*). Embora a ação tenha sido resolvida extrajudicialmente, mais tarde foi revelado que a “fonte interna” do jornalista — um antigo chofer de Cordova — não passava de pura ficção, culminando na demissão de McGrath da revista *Insider*.

Curtir 75

Tweet 54

+1 2

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



16 de 18



Bela criança

Em 1986, Cordova teria se casado com sua terceira esposa, Astrid Goncourt, uma estilista francesa. Eles tiveram uma filha, Ashley, que, aos 8 anos, apareceu no último filme conhecido de Cordova, *Respirando com reis* (1996). Mais tarde, ficou famosa como um prodígio do piano usando o nome de Ashley DeRouin, tendo estreado no Carnegie Hall aos 12 anos. Ela foi encontrada morta em um armazém abandonado de Chinatown em 13 de outubro de 2011. Tinha 24 anos.

Curtir 50

Tweet 49

+1 7

Share

O último enigma

14 out, 2011 | Comente



Espera

Desde 1977, Cordova não fala publicamente. Em 2003 houve relatos de que ele estava trabalhando em um novo filme, com título provisório de *Matilde* — embora não haja nenhuma evidência de que a produção tenha sido iniciada. Em um apelo ao diretor para lançar um novo filme, os Cordovitas adotaram o símbolo da ave vermelha, que faz uma rápida aparição em todas as suas 15 películas: um símbolo de pura beleza, do impulso humano para a liberdade e, diante de um horror inimaginável, da possibilidade de transcendência.

Curtir 78

Tweet 21

+1 12

Share

O último enigma

14 out. 2011 | Comente



O último enigma

Boatos sobre o diretor são dissecados e analisados na deep web em um site oculto de fãs conhecido como Blackboards. Embora persistam relatos de que o diretor foi assolado por um transtorno mental ou doença desfiguradora, ou mesmo que está morto, um pequeno indício de seu paradeiro surgiu em 2 de junho de 2008, quando um funcionário anônimo da Christie's International de Londres vazou para a imprensa uma nota de venda após um leilão de arte contemporânea da casa. O documento revelava que o *Autorretrato* de Francis Bacon (1971) havia sido vendido por uma quantia não revelada de oito dígitos para um *S. Cordova*.

UM GRANDE CANDELABRO lançava uma luz dourada sobre a multidão enquanto eu analisava a festa pelo espelho de bronze acima da cornija da lareira. Fiquei chocado ao localizar alguém que mal reconhecia: eu mesmo. Camisa social azul, paletó esportivo, terceiro ou quarto drinque — estava perdendo a conta —, apoiado na parede como se a estivesse segurando. Eu não parecia estar em um coquetel, mas em um aeroporto, esperando minha vida decolar.

Infinitamente atrasado.

Sempre que me via em uma dessas noites beneficentes, reminiscências de minha vida de casado, ficava pensando em por que continuava a comparecer.

Talvez gostasse de encarar um pelotão de fuzilamento.

— Scott McGrath, que bom ver você!

Gostaria de poder dizer o mesmo, pensei.

— Trabalhando em algo legal atualmente?

Meu abdome.

— Ainda dá aquela aula de jornalismo na New School?

Eles me sugeriram um ano sabático. Em outras palavras? Cortes.

— Não sabia que você ainda estava na cidade.

Eu nunca sabia como responder a *essa*. Será que eles achavam que eu tinha sido mandado para o exílio em Santa Helena, como Napoleão depois de Waterloo?

Estava naquela festa graças a uma das amigas de Cynthia, minha ex-esposa, uma mulher chamada Birdie. Eu achava ao mesmo tempo divertido e lisonjeiro que, muito tempo após minha esposa ter se divorciado de mim, nadando para mares mais azuis, um denso cardume de amigas dela girasse ao meu redor como se eu fosse um naufrágio interessante, procurando por um pedaço dos escombros para resgatar e levar para casa. Birdie era loura, na

casa dos quarenta anos, e não saía do meu lado por umas duas horas. De tempos em tempos sua mão apertava meu braço — um sinal de que seu marido, um gestor de fundos hedge, estava fora da cidade, e seus três filhos, trancafiados com uma babá. Apenas uma convocação da anfitriã para mostrar a Birdie sua cozinha recém-reformada tirara a mulher do meu lado.

— Não vá a lugar algum — dissera Birdie.

Eu fizera *exatamente* isso. *Este naufrágio queria permanecer submerso.*

Virei o resto do meu uísque e estava prestes a voltar ao bar, quando senti meu BlackBerry vibrar.

Cruzei a porta atrás de mim para o patamar do segundo piso. Era uma mensagem do meu antigo advogado, Stu Laughton. Eu não tinha notícias de Stu havia pelo menos seis meses.

Filha de Cordova encontrada morta.

Me ligue.

Fechei a mensagem e procurei Cordova no Google, rolando os resultados.

Era verdade. E lá estava o *meu* maldito nome em algumas matérias.

“O jornalista caído em desgraça, Scott McGrath...”

Eu seria um homem marcado, bombardeado com perguntas, no instante em que aquela notícia começasse a circular pela festa.

De repente, fiquei sóbrio. Deslizei por entre a multidão, descendo pela escada de mármore em espiral. Ninguém disse nada enquanto eu agarrava meu casaco, passava pelo busto de bronze da anfitriã (que, em um uso sem pudor de licença artística, fazia lembrar Elizabeth Taylor), saindo pela porta da frente e descendo os degraus da casa para a rua Noventa e quatro Leste. Segui para a Quinta Avenida, respirando a noite úmida de outubro. Chamei um táxi e entrei.

— Quatro Oeste com Perry.

Enquanto saíamos, baixei a janela e senti meu estômago enrijecer à medida que a realidade daquilo se estabelecia: *Filha de Cordova encontrada morta*. Qual era a declaração sem cortes que eu soltara em rede nacional de televisão?

Cordova é um predador — da mesma categoria que Manson, Jim Jones, coronel Kurtz. Tenho uma fonte interna que trabalhou para a família durante anos. Alguém precisa eliminar esse cara com extrema crueldade.

Aquela máxima inspirada custara minha carreira, minha reputação — para não falar em um quarto de milhão de dólares —, mas isso não a tornava menos verdadeira. *Embora eu provavelmente devesse ter calado a boca após Charles Manson.*

Não conseguia deixar de rir de mim mesmo por me sentir como um fugitivo — ou talvez a comparação mais adequada fosse um *Os mais procurados* radical. Mas tinha de admitir que havia algo de eletrizante em ver aquele nome de novo — *Cordova* — pois talvez, *apenas talvez*, fosse hora de começar a tentar me salvar mais uma vez.

VINTE MINUTOS DEPOIS eu entrei em meu apartamento na rua Perry, número 30.

— Eu disse que tinha que cair fora daqui às *nove* — anunciou uma voz atrás de mim assim que fechei a porta. — Já passa de uma. Que *porra* é essa?

O nome dela era Jeannie, mas nenhum homem sério a consideraria um gênio.

Duas semanas por mês, quando eu tinha direito a ver Samantha, minha filha de cinco anos, minha ex-esposa decretou compulsoriamente que eu também tivesse a custódia de Jeannie, a babá. Ela era uma garota de 24 anos formada em Yale, que cursava pedagogia em Columbia e claramente gostava de sua posição de poder como guarda-costas, segurança particular e pelotão mercenário de Sam sempre que se aventurava em minha perigosa custódia. Nessa equação eu era a instável nação do terceiro mundo com um governo corrupto, infraestrutura deficiente, agitação rebelde e uma economia em queda livre.

— Desculpe — falei, jogando meu paletó na cadeira. — Perdi a noção do tempo. Onde está Sam?

— Dormindo.

— Encontrou os pijamas de nuvem dela?

— Não. Eu deveria estar em um grupo de estudo há *quatro horas*.

— Pago o dobro, então você poderá contratar um professor particular.

Saquei minha carteira, dei a Jeannie umas quinhentas pratas, que ela alegremente guardou na mochila, e então a contornei de propósito, seguindo na direção do saguão.

— Ah, sr. McGrath? Cynthia queria saber se poderia trocar o próximo fim de semana.

Parei junto à porta fechada do outro lado, me virando.

— Por quê?

— Ela e Bruce irão para Santa Barbara.

— Não.

— Não?

— Eu tenho planos. Vamos manter o combinado.

— Mas eles já fizeram os preparativos.

— É só desfazer.

Jeannie abriu a boca para protestar, mas voltou a fechá-la — sentindo, muito corretamente, que percorrer o território entre duas pessoas que *já* foram almas gêmeas mas *não eram mais* correspondia a vagar pela região tribal do Paquistão.

— Ela vai ligar para falar sobre isso — observou em voz baixa.

— Boa noite, Jeannie.

Com um suspiro ambíguo, ela saiu. Entrei no meu escritório, acendi a luminária da escrivaninha e fechei a porta atrás de mim.

Santa Barbara o cacete.

MEU ESCRITÓRIO ERA um quarto pequeno e malcuidado com paredes verdes, arquivos, fotografias, revistas e pilhas de livros.

Em minha escrivaninha havia uma foto emoldurada de Samantha, tirada no dia em que ela nasceu, o rosto antigo e parecido com o de um elfo. Pendurado na parede, um cartaz de filme com um Alain Delon relaxado, mas aparentando cansaço, em *Le Samourai*. Fora um presente de meu antigo editor na *Insider*. Ele me disse que eu o fazia lembrar o personagem principal — um solitário assassino de aluguel existencialista francês —, o que não fora um elogio. Do outro lado do cômodo, estava o que sobrou dos meus dias de fraternidade Phi Psi na Universidade de Michigan: um sofá de couro marrom afundado no qual eu perdera minha virgindade e digitara cada uma de minhas melhores matérias. Penduradas acima dele estavam as capas emolduradas de meus livros — *Nação MasterCard*, *Caçando o Capitão Gancho: Pirataria em mar aberto*, *Cru: Os segredos sujos da indústria do petróleo*, *Carnavais de cocaína*. Pareciam desbotadas, os projetos das sobrecapas eram *muito* final dos anos noventa. Também havia algumas cópias de meus artigos mais famosos para *Esquire*, *Time* e *Insider*: “Em busca do El Dorado”, “Black Snow Inferno”, “Sobrevivendo a uma prisão siberiana”. Duas janelas enormes em frente à porta davam para a rua Perry e um choupo maltratado, embora estivesse escuro demais no momento para vê-lo.

Andei até a estante no canto, ao lado da minha fotografia em Manaus com o braço ao redor de um comerciante ribeirinho, parecendo irritantemente *feliz e bronzeado* — *flagrante de uma vida passada* —, e me servi de um uísque.

Eu comprei seis caixas de Macallan Cask Strength durante minha viagem de carro de três semanas pela Escócia em 2007. A viagem foi feita depois de uma inspirada sugestão de meu analista, o dr. Weaver, após

Cynthia ter me informado que ela e minha filha de nove meses estavam me trocando por Bruce — um capitalista de risco com quem ela estava tendo um caso.

Fora apenas alguns meses após Cordova me acertar com o processo por difamação. Seria de imaginar que por misericórdia Cynthia teria racionado as más notícias, primeiro me dizendo que eu viajava demais, *depois* que ela fora infiel *e então* que estava apaixonada e finalmente que eles iam se divorciar dos respectivos cônjuges para ficar juntos. Em vez disso, foi tudo no mesmo dia — como uma tranquila cidade litorânea *já* assolada pela fome, e então atingida por um deslizamento de terra, um tsunami, um meteorito e, para completar, uma pequena invasão alienígena.

Mas talvez tivesse sido melhor assim: no início da sequência de desastres já não havia mais nada de pé para destruir.

O objetivo de minha viagem à Escócia fora recomeçar, virar a página — entrar em contato com minha ascendência e, portanto, *comigo mesmo*, visitando o lugar onde quatro gerações de McGrath haviam nascido e florescido: uma cidadezinha em Moray, Escócia, chamada Fogwatt. Mas eu deveria ter sido aconselhado a diminuir minhas expectativas. A sugestão do dr. Weaver se revelou quase como descobrir que meus antepassados haviam saído da ala de criminosos insanos de Bellevue. Fogwatt era composta de alguns imóveis brancos inclinados grudados a uma encosta cinzenta como os últimos dentes de uma boca velha. Mulheres cruzavam a cidade com os rostos endurecidos daqueles que sobreviveram a uma peste. Homens gordos vermelhos e quietos dominavam todos os bares da cidade. Achei que as coisas estavam melhorando quando acabei na cama com uma bartender atraente chamada Maisie — até me ocorrer que ela podia muito bem ser uma prima distante. Quando você acha que já chegou ao fundo do poço, se dá conta de que está de pé em outro alçapão.

Virei o uísque — instantaneamente me sentindo um pouco mais vivo —, me servi de outro e fui ao closet atrás da escrivaninha.

Havia se passado pelo menos um ano desde que me aventurara por lá.

A porta estava emperrada, e tive de forçar para abrir, chutando para o lado tênis velhos e plantas da casa de praia em Amagansett que pensara em

comprar para Cynthia em uma tentativa de “ajeitar as coisas” aos quarenta e cinco do segundo tempo. *O Band-Aid matrimonial de um milhão de dólares: nunca uma ideia inteligente*. Soltei o que estava obstruindo a porta, uma foto emoldurada de Cynthia e eu, tirada quando estávamos percorrendo o Brasil em uma moto Ducati, procurando minas de ouro ilegais, tão apaixonados que era impossível imaginar que um dia poderia não ser assim. *Meu Deus, ela era deslumbrante*. Joguei a foto de lado, empurrei pilhas da revista *National Geographic* e encontrei o que estava procurando — uma caixa de papelão.

Eu a puxei, a ergui até a escrivaninha e me sentei novamente na cadeira, olhando para ela.

A fita adesiva que eu usara para lacrar a caixa estava descolando.

Cordova.

A decisão, cinco anos antes, de escolher o homem como assunto fora accidental. Eu tinha acabado de chegar de uma temporada exaustiva de seis semanas em Freetown, uma favela de Serra Leoa. Por volta de três da manhã, totalmente acordado, com *jet lag*, me peguei clicando em uma matéria sobre Amy’s Light, a organização sem fins lucrativos dedicada a vasculhar a internet em busca das *fitas negras* de Cordova, para comprá-las e destruí-las. Uma mãe cuja filha fora morta de forma brutal por um homem obcecado por um dos filmes de Cordova fundara a organização. Como no assassinato central de *Espere por mim aqui*, Hugh Thistleton sequestrara Amy em uma esquina, onde ela esperava o irmão voltar de uma loja de conveniências, a levava para uma fábrica abandonada e a passara pelas engrenagens.

Uma organização dedicada a impedir Cordova de contaminar nossa juventude, declarava o site. Considerei a intenção comovente por sua própria impossibilidade — tentar livrar a internet de Cordova era como tentar livrar a Amazônia de insetos. Mas não concordava com ela. Como jornalista, liberdade de manifestação e expressão eram pedras angulares — princípios tão incrustados no cerne dos Estados Unidos que ceder até mesmo um centímetro seria a ruína do país. Eu também era veementemente contra a censura — Cordova não podia ser considerado mais responsável pela morte horrenda de Amy Andrews do que a indústria da carne por provocar ataques cardíacos fatais nos americanos. Por mais que algumas pessoas gostassem de

crer, para sua própria paz de espírito, que o surgimento do mal neste mundo tinha uma causa clara, a verdade nunca era tão simples.

Até aquela noite nunca tinha me importado muito com Cordova, além de gostar de (e me assustar com) alguns de seus primeiros filmes. Refletir sobre as motivações de um diretor recluso não era meu objetivo profissional ou minha especialidade. Eu me envolvia em matérias nas quais tinha interesse pessoal, nas quais vida e morte estavam em jogo. A causa mais sem esperanças de todas era para a qual meu coração se inclinava ao procurar um novo tema.

De alguma forma, em *algum* momento daquela noite, meu coração mergulhou nisso.

Talvez fosse por Sam ter nascido poucos meses antes e, de repente, diante da paternidade, eu estivesse mais suscetível que de costume à ideia de proteger aquela bela tábula rasa — proteger qualquer criança — dos horrores desestabilizadores que Cordova representava. Qualquer que fosse a razão, quanto mais eu clicava nas centenas de blogs de Cordova, sites de fãs e fóruns anônimos, sendo muitos dos posts de garotos de nove ou dez anos, mais insistente era a minha sensação de que havia *algo* errado com Cordova.

A experiência me fez lembrar de um repórter sul-africano alcoólatra com quem me deparei no hotel Hilton de Nairóbi quando estive lá em 2003 fazendo uma matéria sobre o tráfico de marfim. Ele estava a caminho de uma aldeia remota no sudoeste, onde uma tribo taita, perto da fronteira com a Tanzânia, estava morrendo e era considerada *walaani* — *amaldiçoada* — porque nenhuma criança nascida lá conseguia viver mais do que onze dias. Nós nos conhecemos no bar do hotel e, depois de nos lamuriarmos por ambos termos tido os carros roubados recentemente (confirmando o apelido da cidade, *Nairoubo*), o homem me contou que estava considerando perder o ônibus no dia seguinte, abandonando completamente a matéria, por causa do que acontecera com os três repórteres que tinham ido à aldeia antes dele. Um aparentemente enlouquecera e vagava pelas ruas gritando coisas sem sentido. Outro pedira demissão e uma semana depois se enforcara em um quarto de hotel em Mombaça. O terceiro desaparecera, abandonando a família e um emprego no jornal italiano *Corriere della Sera*.

— Está contaminada — murmurara o homem. — *A matéria*. Você sabe que algumas são.

Eu ri, supondo que aquele drama era o efeito colateral do Chivas Regal que estávamos virando a noite toda. Mas ele continuou:

— É um *lintwurm* — disse, semicerrando os olhos injetados para mim, procurando compreensão em meu rosto. — Uma tênia que comeu o próprio rabo. Não adianta ir atrás dela. Porque não tem fim. Tudo o que vai fazer é se enrolar em seu coração e espremer todo o sangue — falou, erguendo um punho cerrado. — *Dit suig jou droog*. Você deve fugir de algumas matérias enquanto ainda tem pernas.

Nunca descobri se ele foi à aldeia.

Filha de Cordova encontrada morta. O pensamento me trouxe de volta ao presente, e abri a velha caixa, agarrei a pilha de papéis e comecei a folhear.

Primeiro: uma lista datilografada de todos os atores que trabalharam com Cordova. Depois uma lista de locações de filmagem de sua primeira obra, *Figuras banhadas em luz*. A resenha de Pauline Kael sobre *Distorção*, “Desfazendo a inocência”. Um *still* de Marlowe Hughes na cama na cena final de *Fruto do amor*. Transcrições datilografadas de minhas anotações de Crowthorpe Falls. Uma foto que tirara da cerca ao redor da propriedade de Cordova, The Peak. O roteiro de Wolfgang Beckman para seu curso sobre Cordova, lecionado alguns anos antes na faculdade de cinema de Columbia, embora ele tivesse sido forçado a encerrá-lo após apenas três aulas por causa do protesto dos pais. (“Tópicos especiais sobre Cordova: Soturnamente vivo e totalmente petrificante”, como ele ousadamente batizara o curso.) Um DVD do documentário da PBS de 2003 sobre Cordova, *Comandante da escuridão*. E depois uma transcrição de um telefonema anônimo.

John. O informante misterioso que se revelou minha desgraça.

Tirei as três páginas da pilha.

Sempre que as lia, transcritas minutos após ter desligado, eu tentava e não conseguia localizar o momento na conversa em que perdera a cabeça. *O que* exatamente me levava a ignorar vinte anos de experiência e me *afundar na*

lama durante uma aparição na televisão menos de vinte e quatro horas depois?

Transcrição da conversa telefônica
– Anônimo identificado como "John"
S. McGrath, 11 de maio de 2006. 23h06 – 23h11.

SM: Alô.
Informante: É Scott McGrath, o repórter?
SM: Sim. Quem fala?

Sem resposta imediata. A voz é mais velha, [sessenta e tantos ou setenta.]

Informante: Ouvi dizer que está investigando Cordova.
SM: Como soube disso?
Informante: As notícias correm.
SM: É amigo dele?

Sem resposta. Ele parece nervoso.

Informante: Não quero que esta ligação seja gravada.
SM: Não está sendo. Qual é o seu nome?
Informante: John.

Não é o nome real dele. Sou tentado a ligar o gravador -- uma precaução necessária --, mas enfiar o plugue TP-7 faz um clique na linha. Não quero afugentá-lo.

SM: Qual a sua ligação com Cordova?
Informante: Eu dirigia para ele. →
SM: Era o chofer dele?
Informante: Pode-se dizer que sim.
SM: Onde?
Informante: No norte. ~~Crowthorpe Falls?~~

Norte de Nova York. "John" está respirando de forma estranha -- pensando bem o que vai dizer.

SM: Ainda está aí?
Informante: Desculpe. Não sei como estou me sentindo a respeito disso.
SM: Fique à vontade. Como você acabou indo trabalhar para ele?
Informante: Não gosto dessas perguntas todas.
SM: Foi você quem me ligou, John. Seria mais fácil se nos encontrássemos?
Informante: Não.

Pausa de trinta segundos.

Informante: A maior parte do tempo eu dirigia para a mulher, a mexicana, que trabalha para ele, até a cidade. Mas uma noite ele me ligou e perguntou se eu dirigiria para ele.
SM: Você mora perto da propriedade dele em Crowthorpe Falls?
Informante: Não quero dizer. ?

Faço algumas anotações.

Página 2

Informante: Ele queria que eu o buscasse lá no meio da noite. Às três da manhã. Pediu que eu subisse devagar até a mansão com os faróis apagados. Tive a sensação de que ele não queria acordar ninguém na casa. Quando cheguei lá, ele estava me esperando nos degraus.

SM: Estava sozinho?

Informante: Sim. Entrou no carro. No banco de trás.

Uma pausa.

SM: Para onde o levou?

Informante: A uma escola primária.

SM: Uma escola primária.

Informante: Sim.

SM: Qual?

Informante: Sem detalhes.

SM: Certo. Estou escutando.

Informante: Ele me pediu para ir ao estacionamento, desligar o motor e esperar. Eu o observei cruzar o gramado até o parquinho. No começo, ele ficou imóvel. Depois começou a circular pelos balanços, empurrando um, que subiu no ar, vazio. Então foi até a gangorra, empurrando-a para fazê-la subir e descer. Depois entrou na caixa de areia e se sentou.

SM: Ele se sentou na caixa de areia.

Informante: Eu não conseguia ver o que ele estava fazendo. Mas não estava certo, entende?

SM: O que ele estava fazendo?

Informante: No começo fiquei com medo de que estivesse fazendo alguma coisa sexual. Mas parecia estar cavando.

SM: Cavando?

Informante: Era o que parecia. Quando voltou ao carro, escondia algo no casaco.

SM: O quê?

Informante: Não consegui ver. Só o levei para casa.

SM: Ele disse alguma coisa?

Informante: Não. Mas algumas semanas depois ele me ligou de novo, pediu a mesma coisa.

SM: Levá-lo à escola primária?

Informante: Mas uma diferente dessa vez. Dessa vez ele foi para a quadra de esportes. Subiu as arquibancadas, procurando alguma coisa. Ao retornar, tinha novamente algo no casaco. Quando dirigi de volta à mansão, vi o que era quando ele saltou do carro.

SM: O que era?

Uma longa pausa.

?

Informante: Um uniforme de educação física de criança. Camiseta amarela pequena. Short azul. Me deu nojo. Perguntei o que ele queria com aquilo. Ele só me olhou feio por trás daqueles óculos. Saiu do carro. No dia seguinte recebi notícias da mexicana. Meus serviços não eram mais necessários. Mas sei que ele contratou outra pessoa para levá-lo de noite. Um cara novo. Pagou caro para ele fazer isso. Durante anos.

SM: Por quê?

Informante: Ele faz alguma coisa com as crianças.

SM: O quê?

Uma pausa.

SM: Como? Ele as machuca?

Uma pausa.

SM: Quem mais sabe disso?

Sem resposta. Eu o estou perdendo.

SM: Há algo mais que você possa me dizer? John?

Sem resposta.

SM: Você não tem o que temer.

A linha fica muda.

ELE FAZ ALGUMA coisa com as crianças.

Mesmo agora eu me lembrava da voz aterrorizada do velho ao telefone.

Não lembro muita coisa da minha entrevista ao *Nightline* — a não ser que fui quem mais falou. Minha razão para aparecer no programa era debater a reforma penitenciária. Para encanto do entrevistador do *Nightline*, desviei *bastante* do tema, puxando o assunto de Cordova. Depois que terminamos, ignorando a tempestade de merda que estava prestes a vir, eu estava tomado de satisfação, do tipo que um homem sente só quando finalmente diz o que tinha de ser dito.

Então começaram os telefonemas: primeiro meu agente perguntando o que eu tinha fumado, depois meu advogado contando o que acabara de ficar sabendo pelos altos funcionários da ABC.

— Você botou a cabeça de Stanislas Cordova a *prêmio*.

— O quê? *Não...*

— Eles acabaram de me passar por fax a transcrição. Estou lendo aqui, você interrompeu Martin Bashir para anunciar que Cordova deveria ser eliminado “com extrema crueldade”.

— Eu estava sendo *irônico*.

— Não existe ironia na televisão, Scott.

Desnecessário dizer que nunca mais tive notícias de *John*.

Os advogados de Cordova alegaram que eu não apenas havia colocado em risco a vida de seu cliente e de sua família, mas também inventara o telefonema anônimo — que eu tinha ido até o telefone público que fica a um quarteirão de meu apartamento e ligado para *mim mesmo* de modo a criar o registro de uma fonte ficcional.

Eu ri da alegação absurda — depois engoli minhas próprias palavras ao me dar conta de que não podia provar o contrário. Até mesmo meu advogado foi vago quanto a se acreditava ou não em mim. Ele sugeriu que John era real, mas havia sido afugentado por meu *comportamento mordaz*.

Não tive escolha a não ser fazer um acordo, admitindo minha culpa não de intenção maliciosa, mas de *desrespeito imprudente pela verdade*. Paguei aos Cordova 250 mil dólares de indenização, uma bela parcela do que havia poupado do que recebi pelos meus livros e matérias enquanto construía uma carreira embasada na ideia de inabalável integridade, que agora estava despedaçada. Fui demitido da *Insider*, tive minha coluna na *Time* cancelada. Eu tivera conversas preliminares com a CNN sobre apresentar um programa semanal de jornalismo investigativo. Mas a ideia se tornara risível.

— McGrath é como um herói idolatrado do esporte que foi pego se dopando — declarou Wolf Blitzer. — Precisamos questionar tudo o que ele escreveu e disse.

— Você deveria pensar em dar aulas ou consultorias — informou meu agente. — No jornalismo, no momento, você é intocável.

Esse momento se prolongou. *Jornalista caído em desgraça* se tornou parte do meu nome como *ex-presidiário*. Eu era um “sintoma do péssimo estado do jornalismo americano”. Surgiu no YouTube um vídeo no qual eu repetia trinta e nove vezes (minha voz eletronicamente manipulada) *eliminado com extrema crueldade*.

Abandonei a investigação. Na noite em que tomei essa decisão, guardando minhas anotações, eu estava enredado no processo por calúnia. Cynthia e Sam tinham ido embora, deixando um vazio tão absoluto que eu parecia ter sido submetido a uma cirurgia sem o meu consentimento. Embora estivesse vivo, fui deixado com a vaga suspeita de que algo fora permanentemente *desligado* dentro de mim. Estava além do meu alcance, algum nervo fundamental retorcido, algum órgão recolocado acidentalmente de cabeça para baixo. Só sentia raiva de Cordova — bem escondido atrás de seus advogados —, uma raiva especialmente revoltante por na verdade ser de *mim*, por minha própria arrogância e estupidez.

Porque eu sabia que minha derrocada não era nenhum acidente. Cordova, exibindo uma antevisão e uma inteligência que eu não pude antecipar, me superara. Eu estava no chão, nocauteado, luta encerrada, vencedor declarado — antes mesmo de ter colocado os pés no ringue.

Armaram de forma brilhante para mim. John fora a isca. Vendo que eu ia atrás dele, Cordova concebera uma armadilha usando o informante anônimo, sabendo, com clarividência quase sobre-humana, que a assustadora sugestão do homem — *ele faz alguma coisa com as crianças* — tocaria em uma ferida minha, e então recostou-se enquanto eu cavava meu próprio túmulo.

Ainda assim, se Cordova havia ficado tão preocupado com minha investigação a ponto de ter tanto trabalho para se livrar de mim, o que ele realmente estava escondendo? Algo ainda mais explosivo?

Eu decidira deixar para lá, esquecer, e em vez disso me concentrar em conseguir de volta algo que parecesse uma *vida*.

Mas ali estava eu de novo. Virei o resto do uísque, peguei outra pilha de páginas e em minutos encontrei o que estava procurando.

Era um fino envelope pardo. Com *Ashley* escrito na frente.

Abri e tirei o conteúdo: uma folha de papel e um CD.



Ashley Cordova '09 ensaia no Arms Music Center.

PRIMEIRA CLASSE (continuação)

planeja retornar à Dinamarca após conseguir duplo diploma em bioquímica e ciências da computação.

Ashley Cordova '09 é outra caloura de talento, vinda do norte de Nova York. Seu pai é o lendário cineasta Stanislas – sobre quem ela fala pouco: “Somos uma família muito reservada”, explica –, embora seja, por mérito próprio, uma mulher de realizações fantásticas.

Usando o nome artístico de Ashley DeRouin – DeRouin é um sobrenome do lado materno francês da família –, ela ganhou aos 11 anos o Concurso Internacional de Piano Tchaikovsky em Moscou, tocando o Trio para Piano em Lá Menor, derrotando músicos formados na Juilliard seis anos mais velhos que ela.

Percorreu o circuito internacional de concertos – incluindo um recital no Carnegie Hall. Aos 14 anos, gravou seu primeiro e único álbum solo, *Ashley DeRouin toca Gaspard de la Nuit*, de

Maurice Ravel, ou *O diabo na noite*, recebendo elogios da crítica por sua interpretação criativa e emocional da obra – um dos solos de piano mais desafiadores já compostos.

Embora já não toque profissionalmente, seu piano ainda é um prazer ao qual se dedica todos os dias.

– É uma maravilha poder se perder em uma música. Esquecer o próprio nome por um tempo.

Gaspard continua sendo uma de suas peças preferidas, não apenas por suas dificuldades técnicas – floreios, cadências, velozes corridas cromáticas que o pianista executa com apenas uma das mãos –, mas por causa da fonte de inspiração de Ravel, três poemas de Bertrand com temas variando de um espírito das águas seduzindo um homem a viver com ele no mar até um cadáver pendurado e um demônio que dança à noite, levando o caos às vidas humanas.

“É uma maravilha poder se perder em uma música. Esquecer o próprio nome por um tempo.”

– É um presente tocar essas peças – diz. – Ravel era muito modesto. Nunca se considerou um compositor; apenas tentava, e uma peça estava concluída quando não podia mais tentar. Ao tocar as sonatas, você é transportado para um mundo de grande crueldade, mas também há um anseio por amor, tristeza, um medo não da morte, mas de uma vida desperdiçada. Está tudo isso lá na música dele.

A despeito de suas habilidades de virtuosismo, Ashley quer ir além do piano em seu período em Amherst e planeja se formar em Antropologia ou História. E após se formar?

– Talvez morar no exterior. Viajar. Encontrar o lugar onde a Terra termina. Há uma vida para mim além da música.

Falando como a filha de um verdadeiro mestre:

Lucy Polk '09 é outra mulher que não perde tempo para correr atrás do que quer. Quando tinha apenas 4 anos ela começou a vender limonada, e aos 12 criou sua própria marca de limonada

(continua na p. 44)

ANOS ANTES, CONCENTRADO em Cordova, eu mal olhara para aquela matéria sobre os calouros excepcionais. Nem sequer me dera ao trabalho de ouvir o CD.



Rasguei o plástico, coloquei o CD no meu aparelho de som e apertei *play*. Houve um longo silêncio, e então: o piano.

As primeiras notas eram agudas, insistentes, tão rápidas e confiantes que parecia inconcebível que a pessoa tocando tivesse apenas quatorze anos. As

notas vibravam, ficavam suaves por um momento antes de se agitarem em um surto furioso, como uma metralhadora disparando sons no ar.

Enquanto eu escutava, os minutos passavam, e de repente tomei consciência de passos macios sobre as tábuas de madeira do lado de fora do meu escritório.

Era Sam. Ela recentemente adquirira o hábito de acordar no meio da noite. A maçaneta girou e minha filha apareceu à porta meio adormecida em uma camisola rosa.

— Oi, querida.

Esfregando os olhos, ela apenas veio até mim. Herdara a beleza de Cynthia, incluindo os cachos louros lindos como os de um anjo da Capela Sistina.

— O que está fazendo aqui? — questionou, em uma voz baixa e séria.

— Pesquisa.

Ela apoiou os cotovelos na mesa, dando estranhos chutes para trás. Estava naquele estágio em que ficava sempre se curvando, trançando os braços, se *enrolando* como em uma partida de Twister. Apertou os olhos para a matéria de Amherst.

— Quem é *essa*? — perguntou.

— Ashley.

— Quem é Ashley?

— Alguém com problemas.

Ela olhou para mim, preocupada.

— Ela fez alguma coisa ruim?

— Não esse tipo de problemas, querida. Do tipo que é um mistério.

— Qual mistério?

— Ainda não sei.

Essa era nossa dinâmica. Sam jogava perguntas no ar e eu sofria para responder-lhe. Por causa do cronograma de custódia inflexível de Cynthia e da vida agitada de Sam com brincadeiras na casa dos amigos e aulas de balé, eu infelizmente não conseguia vê-la com muita frequência. A última vez fora mais de três semanas antes, em um passeio ao zoológico do Bronx durante o qual ficou claro que ela confiava mais em gorilas do Congo — incluindo os

de pelos cinza nas costas que pesavam duzentos quilos — do que confiava em mim. Tinha seus motivos.

— Venha — falei, me levantando. — Vamos levar você de volta para a cama.

Estendi a mão, mas Sam apenas franziu o cenho, uma inconfundível expressão de *dúvida* no rosto. Parecia já saber o que eu levava quarenta e três anos para descobrir: que embora os adultos fossem *grandes*, o que sabíamos sobre as coisas, incluindo nós mesmos, era *pequeno*. A brincadeira existia desde que ela estava com uns três anos. E como um inocente condenado por estar no lugar errado na hora errada, Sam estava resignada a pacientemente cumprir sua pena (infância) com seus carcereiros ineptos (Cynthia e eu) até conseguir uma condicional.

— Que tal ir lá em cima e achar seu *pijama de nuvens*? — sugeri.

Ela assentiu, ansiosa, permitindo que eu a escoltasse pelo corredor e escada acima, e sentou-se pacientemente na cama enquanto eu revirava seu armário. O *pijama de nuvens* — flanela azul, coberto de nuvens cúmulos — fora a única coisa que eu fizera direito. Eu o comprara em uma loja de roupas infantis chique no SoHo, era o preferido de Sam, e algumas vezes ela chorava se não podia usá-lo na cama — obrigando Cynthia & Cia. a comprar um *segundo* e até mesmo um *terceiro* modelo do pijama de sucesso para proteger o sono de Sam — o que eu considerava uma pequena mas poderosa vitória pessoal.

Vasculhei cada centímetro do closet de Sam, finalmente encontrando o pijama em uma prateleira dos fundos. Eu o revelei dramaticamente — Sam gostava quando eu fazia uma atuação ao estilo Rodolfo Valentino em um filme mudo. Ela o vestiu e a coloquei na cama.

— Mais apertado — ordenou.

Eu a cobri e prendi a colcha ao seu redor.

— Quer que eu deixe a luz acesa? — perguntei.

Ela negou com um aceno de cabeça. Era a única criança do mundo que não tinha medo de escuro.

— Boa noite, querida.

— Boa noite, Scott.

Ela sempre me chamava de *Scott*, nunca de papai. Eu nunca conseguia me lembrar de quando isso começou, sua origem tão difícil de desvendar quanto a do ovo e da galinha.

— Eu amo você mais do que... *Quanto* é mesmo? — perguntei a ela.

— Que o sol mais a lua.

Ela fechou os olhos e pareceu adormecer instantaneamente, feito mágica.

Voltei para o andar de baixo. O CD ainda tocava, a música errática e selvagem. Eu me sentei à escrivaninha, relendo o artigo da Amherst.

Esquecer o próprio nome por um tempo, dissera Ashley.

Ela devia estar se referindo a Cordova.

Ele faz alguma coisa com as crianças. O que fizera à própria filha? Como acabara morta, um aparente suicídio, aos vinte e quatro anos?

Eu podia sentir aquilo recomeçando — a contracorrente escura na direção de Cordova. Esqueça minha fúria contra ele, que ainda fervia — aquela era uma chance de absolvição. Se fosse atrás dele de novo e provasse que *era* um predador — algo em que eu acreditava de verdade —, tudo o que tinha perdido poderia voltar. Talvez não Cynthia, não podia esperar isso, mas minha carreira, minha reputação, minha vida.

E diferentemente de cinco anos antes, agora eu tinha uma pista: *Ashley*.

Havia algo violento na compreensão de que aquela estranha, aquela selvagem encantadora de notas musicais, tinha sumido do mundo. Ela estava perdida agora, havia sido *silenciada* — outro galho morto da árvore retorcida de Cordova.

Ela poderia ser o frágil corredor até ele.

Era uma linha de ataque disfarçada descrita em *A arte da guerra* de Sun Tzu. Seu inimigo esperava a abordagem direta. Ele se preparou para isso e a combateu ferozmente, resultando em baixas severas, no desperdício de recursos importantes — e, no final, em sua própria derrota. Ainda assim, eventualmente havia outra entrada, o *frágil corredor*. Seu inimigo nunca esperava avanço por essa rota porque era labiríntica e traiçoeira, e geralmente nem sequer sabia que estava lá. Mas se seu exército conseguisse passar, o deixaria não apenas atrás das linhas do inimigo, mas na própria câmara interior, o cerne do seu cerne.

Uma tênia que comeu o próprio rabo, aquele velho jornalista me alertara. Não adianta ir atrás dela... Tudo o que vai fazer é se enrolar em seu coração e espremer todo o sangue.

Não, nunca descobri o que aconteceu com ele — mas sabia a resposta. Apesar de todos os seus resmungos, na manhã seguinte, tão certo quanto o nascer do sol, ele saiu da cama, arrumou as malas e pegou um ônibus direto para aquela maldita aldeia.

Ele não teria sido capaz de ficar longe da matéria.

Nem eu teria.

UM POUCO MAIS de uma semana depois, às três horas da manhã, embarquei em um ônibus M102 para o Harlem — o nº 5378, como Sharon Falcone instruía — e ocupei um assento isolado nos fundos.

Se a cidade tinha um lugar onde conversas murmuradas e olhares dúbios eram ignorados era *aquela* ônibus às três da manhã. Quaisquer que fossem os passageiros presentes, provavelmente estavam mortos de cansaço, doidões ou eles mesmos envolvidos em negócios suspeitos — então dava para apostar que eles queriam continuar tão incógnitos quanto você. Nunca entendi como Sharon conseguira, mas agora podia jurar que era o mesmo motorista da última vez em que tínhamos feito aquilo, uns nove anos antes.

Conheci a detetive Sharon Falcone em 1989 quando eu era foca do *The New York Post* e ela, uma policial novata ajudando no caso do corredor do Central Park. Mesmo agora, mais de vinte anos depois, ainda só sabia migalhas sobre ela, mas esses pedaços já eram demais, como uma pitada de tempero cajun em sua comida. Tinha quarenta e seis anos e morava sozinha no Queens com um pastor-alemão chamado Harley. Na década anterior, trabalhara na divisão de homicídios do Norte de Manhattan, uma unidade especializada que ajudava outras delegacias em casos de homicídio que ocorreram ao norte da rua Cinquenta e nove, e ela servia a suas vítimas falecidas com uma devoção que parecia bastante antiquada em sua generosidade e dedicação.

O ônibus entrou na Cento e dezesseis Leste, passando por conjuntos habitacionais abandonados, terrenos vazios, igrejas em ruínas — SALVAÇÃO E LIBERTAÇÃO, dizia uma placa —, homens vadiando pelas esquinas.

Algo deve estar errado, pensei. Na última vez em que fizemos isso, a esta altura Sharon já havia embarcado. Conferi o celular, mas não havia

nenhuma chamada não atendida, nenhuma mensagem. A conversa que tivéramos no dia anterior não fora promissora, nem ela assumira qualquer compromisso real de me ajudar.

“Amanhã à noite. Mesma hora e local”, dissera secamente, desligando em seguida.

O ônibus entrava no bulevar Malcolm X, e eu já começava a pensar que ela me dera o bolo quando paramos de repente diante de uma casa dilapidada, com uma figura solitária de pé junto ao meio-fio. As portas se abriram, e em segundos a detetive Sharon Falcone vinha apressada na minha direção — como se desde sempre soubesse exatamente onde eu estava sentado.

Ela parecia igual: ainda um metro e sessenta e lábios sérios, finos e sem sorrir, um nariz pequeno que se curvava para cima na beirada como uma raspa de madeira. Não era *não* atraente. Mas era *estranha*. Sharon poderia se passar por uma freira pálida de um retrato do século XV na ala de pintura flamenga do Met. Só que o artista não dominava *plenamente* as proporções humanas, então dera a ela um pescoço alongado, ombros tortos e mãos pequenas demais.

Ela deslizou para o meu lado, olhando os outros passageiros, e deixou a bolsa preta cair dos ombros até os pés.

— De todos os M102 de todas as cidades do mundo, você entra no meu — falei.

Ela não sorriu.

— Não tenho muito tempo — falou, abrindo o zíper da bolsa, tirando um envelope de vinte por vinte e cinco centímetros que me deu.

Puxei o bolo fino de papéis, cuja primeira página era uma fotocópia de um arquivo.

Caso nº 21-24-7232.

— Como está indo a investigação? — perguntei, deslizando a página de volta e enfiando o envelope no bolso.

— A quinta delegacia está cuidando disso. Estão recebendo centenas de ligações por dia. Denúncias anônimas, mas essas são besteira. Semana passada Ashley foi vista em um McDonald’s em Chicago. Três dias antes, em uma boate em Miami. Eles já conseguiram duas confissões de homicídio.

— Foi homicídio?

Sharon negou com a cabeça.

— Não. Ela pulou.

— Tem certeza?

Ela assentiu.

— Nenhum sinal de luta. Unhas limpas. Tirou sapatos e meias, os colocou juntos na beirada. Esse tipo de preparação metódica é muito consistente com suicídio. Não fizeram autópsia. Não estou certa de que farão.

— Por que não?

— O advogado da família está em cima disso. Motivos religiosos. Se você é judeu, é um sacrilégio profanar o corpo. — Ela franziu o cenho. — Notei que faltam algumas fotos no arquivo. Tronco, frente e costas. Meu palpite é que estão guardadas em uma pasta separada para que um pervertido não as vaze para algum tabloide sensacionalista.

— Causa da morte?

— Padrão para qualquer saltador. Hemorragia maciça. Pescoço quebrado, coração lacerado, várias costelas quebradas e crânio fraturado. Ela ficou alguns dias lá antes de ser encontrada. Deu entrada mês passado em um hospital particular chique no norte do estado. Eles deram queixa do seu desaparecimento dez dias antes de ela pular.

Eu a encarei, surpreso.

— Por quê? Ela fugiu?

A detetive anuiu.

— Uma enfermeira confirmou que Ashley estava no quarto, luzes apagadas, às onze da noite. Às *oito* da manhã seguinte, tinha sumido. De alguma forma ela apareceu em apenas *uma* câmera de segurança; maluquice, porque o lugar é tão vigiado quanto o Pentágono. Não dá para ver o rosto dela. É apenas uma figura de pijama branco correndo pelo gramado. Havia um homem com ela.

— Quem era ele?

— Eles não sabem.

— Por que ela estava no hospital? Problema com drogas?

— Não acho que soubessem o que havia de errado com ela. Algumas páginas da avaliação médica estão aí.

— Quando o hospital deu queixa do desaparecimento?

— Trinta de setembro. Está no relatório.

— E quando ela pulou?

— Tarde da noite do dia dez. Onze horas, meia-noite.

— Para onde ela foi nesses dez, onze dias de intervalo?

— Ninguém tem nenhuma ideia.

— Alguma atividade nos cartões de crédito dela?

Sharon negou com a cabeça.

— O celular também ficou desligado. Ela deveria saber que não era para ligar. Parece que não queria ser encontrada. Só houve uma identificação confirmada nesses dez dias. Quando acharam o corpo, vestia apenas calça jeans e camiseta. Encontraram um tíquete de plástico no bolso. A insígnia de uma árvore no verso. Foi identificado como sendo do restaurante Four Seasons. Sabe, aquele lugarzinho na avenida Park?

Assenti. Era um dos restaurantes mais caros da cidade, embora parecesse mais uma cara reserva ambiental. As pessoas pagavam uma entrada exorbitante (45 dólares por um bolinho de caranguejo) para observar — mas nunca *perturbar* — os privilegiados e poderosos de Nova York se alimentando e brigando entre si, exibindo todas as características de sua espécie: expressões endurecidas, cabelos rareando, ternos cinza-chumbo.

— Uma garota no guarda-volumes a identificou — disse Sharon. — Ashley apareceu por volta das dez, mas saiu minutos depois, *sem* o casaco, e nunca voltou. Algumas horas depois, pulou.

— Ela deve ter encontrado alguém.

— Não sabem.

— Mas alguém vai conferir isso.

— Não. *Não* há um *crime* aqui. — Ela me lançou um olhar penetrante. — Para chegar ao poço do elevador a garota teve de entrar em um prédio abandonado, que é um conhecido abrigo de invasores, o *Jardins Suspensos*. Depois, no telhado, se esgueirou por uma claraboia de cerca de trinta centímetros de largura. Poucos são suficientemente pequenos para passar por

uma abertura tão estreita, muito menos segurando alguém à força. Passaram um pente fino no lugar em busca de provas. Não há nenhum sinal de que alguém além dela esteve lá.

Sharon continuou a me observar — ou talvez a palavra certa fosse *investigar*, porque seus olhos castanhos percorriam meu rosto com lentidão, provavelmente no mesmo padrão metódico que usava com uma equipe de busca.

— Este é o momento em que pergunto *por que* você quer essa informação — disse ela.

— Negócios inacabados. Nada com que você precise se preocupar.

Ela semicerrou os olhos para mim.

— Sabe o que Confúcio disse?

— Relembre-me.

— “Antes de embarcar em uma vingança, cave duas covas.”

— Sempre achei a antiga sabedoria chinesa supervalorizada.

Peguei um envelope e o entreguei a ela. Continha três mil dólares em espécie. Ela o enfiou na bolsa, fechando o zíper.

— Como está seu pastor-alemão? — perguntei.

— Morreu há três meses.

— Sinto muito.

Ela afastou da testa a franja espetada, estudando um idoso que acabara de embarcar.

— Tudo que é bom dura pouco — disse. — Terminamos por aqui?

Assenti. Ela colocou a alça da bolsa no ombro e estava prestes a se levantar quando pensei em outra coisa e então agarrei seu pulso.

— E um bilhete de suicídio? — perguntei.

— Não encontraram nenhum.

— Quem identificou Ashley no necrotério?

— Um advogado. A família não disse uma palavra. Ouvi dizer que estão fora do país. *Viajando*.

Com uma expressão de lamento, mas pouca surpresa, ela se levantou, indo para a parte da frente do ônibus. O motorista parou no mesmo instante. Em segundos ela estava na calçada, embora não caminhasse exatamente, mas

abrisse caminho, com os ombros curvados, os olhos fixos no chão. Quando o ônibus partiu com um arroteio, dando uma guinada na rua, Sharon se tornou apenas uma figura sombreada passando por lojas fechadas e janelas com grades, virando depressa em uma esquina — e sumindo.

**APENAS PESSOAL
MÉDICO AUTORIZADO**

BH
Briarwood Hall

AVALIAÇÃO DE PACIENTE NOVO

Nome do paciente	Ashley Brett Cordova	Data de nascimento	30.12.86
Endereço	Estrada Country 112, 1014		
Cidade	Crowthorpe Falls	Estado	NY
	CEP	12047	
Médico pessoal	Paciente alega não ter médico de família	Telefone do médico	N/D
Médico de Briarwood	Annika Angley		
Data da avaliação	5/9/11	Datas de consultas	31/8, 1/9, 2/9, 3/9

Descrição de queixa/problema atual

Paciente apresenta humor aturdo e não responde às perguntas. Pode ser combativa e parece ter ideação paranoide – especificamente relacionada a estranhos. Paciente é conhecida por ter explosões violentas quando deixada sozinha e/ou no escuro (notado pela primeira vez em 31/8). Não demonstra interesse em outras pessoas ou em socializar e parece desmotivada em relação a suas atividades diárias. Em contraste com o descrito acima, a postura da paciente mudou quando foi autorizada a tocar piano durante o tempo livre. Ela tocou sem parar por duas horas – descartar tendências maníacas.

É recomendada uma nova avaliação, juntamente com 3 horas de tratamento diário – em grupo e individual.

Descrição de queixa/problema atual

Paciente alega nunca ter sido tratada.

Histórico familiar de doença mental

Nenhum informado.

Histórico Social (incluindo abuso de substâncias ou outros) incluindo Relações Atuais, Trabalho

Ex-prodígio musical. Trabalho atual e estado civil desconhecidos.

Medicamentos atuais

Nenhum

Quadros médicos relevantes/investigações/alergias

Nenhum

Exame de estado mental (favor indicar detalhes relevantes)

Aparência	Severidade, pálida, sugerindo anemia	Humor	Salvoza, paranoica, combativa
Raciocínio	Claro	Expressão emocional	Embotada, apática
Percepção	Bom	Sono Bom, mas exige todas as luzes do quarto acesas	
Anedonia	Não Bom	Apetite	Fraca
Atenção/Concentração	Bom	Motivação/Energia	Fraca
Memória	Bom	Avaliação/Descriminamento	Pode ser paranoica
Orientação	Bom	Fala	Clara

Avaliação de risco (se resposta for sim para planejar, prevenir ou risco para outros, encaminhar à equipe CÓDIGO PRETO, em 9211-3911)

Pensamentos suicidas	Sim ☒ Não ☐	Ideação suicida	Sim ☒ Não ☐
Plano atual	Sim ☐ Não ☒	Risco a outros	Sim ☒ Não ☐

CID-10 Diagnóstico provisório

Paciente é apto a:

PT distúrbio por uso de álcool e drogas	☐	Grupo de depressão	☒
Transtorno psicótico	☒	Grupo de pânico e fuga	☐
	☒	Grupo de co-morbidez	☐
	☐	Terapia individual	☒



RELATÓRIO INICIAL DE INCIDENTE/CRIME

RESUMO DE INCIDENTE POR DETETIVE

Data e
hora deste
relatório

HORA

14:02

DATA

14.10.11

CASO nº

21-24-7232

DETETIVE CHEFE RESPONSÁVEL PELO CASO

Detetive Mike Wu,
NYPD, 5ª delegacia

TIPO DE CRIME/INCIDENTE

Investigação de morte

CASO/INCIDENTE RELATADO	Denúncia de pessoa desaparecida, NY 12-388, Dep. da Polícia de Shandaken, Condado de Ulster
	Sgt. Frank Bryant; policial Joseph Anderson; Phil LaRock, fotógrafo do legista; Dra. Sanja Inratis, legista-assistente; investigador de cena de crime Richard Davis; Dra. Lisa Bennett, legista associada
LOCAL DO INCIDENTE	Rua Mott, 9

NOME DO FALECIDO

TESTEMUNHAS

	RAÇA	GÊNERO
Nenhuma testemunha		

INCIDENTE

Aproximadamente às 15h22 de 13 de outubro de 2011, Anthony Pellman, um empreiteiro, chegou ao número 9 da rua Mott para inspecionar o prédio. Os trabalhos de reforma interna haviam sido interrompidos por sete dias por causa de disputas contratuais, e Pellman chegou para avaliar o espaço antes do reconeço dos trabalhos, marcado para 14 de outubro. Ao entrar, Pellman se deparou com um cheiro ruim e após uma busca encontrou o corpo, que se acredita pertencer a uma mulher, em um poço de elevador de carga desativado. Ele ligou para o 911 para alertar as autoridades.

O corpo foi encontrado pelo primeiro policial, Joseph Anderson, totalmente vestido, constituição pequena, cabelos escuros, deitado sobre o lado esquerdo, orientação aproximadamente sudeste-nordeste. Aparência de ferimentos com muito sangramento. Grande ferimento no lado esquerdo do crânio. Possível deslocamento do lado esquerdo do maxilar e do ombro. Manchas de sangue sob área da cabeça e do pescoço indicam sangramento profuso. Poça seca, de cor vermelha a marron, medindo aproximadamente 55 x 45 centímetros. Corpo parece ter caído de grande altura e sangrado onde foi encontrado. Corpo apresenta lividez no lado esquerdo da área facial. Parece ter morrido pelo menos 48 horas antes de ter sido descoberto. Sinais recentes de decomposição na face. Mãos abertas, nenhum ferimento defensivo evidente.

Falecida veste calça jeans escura e camiseta preta com um anjo na frente. Pés descalços, tatuagem evidente no alto do pé direito. Sem joias. Nenhuma arma encontrada.

Um par de botas pretas e meias pretas que se acredita pertencer à falecida foram localizados no último andar da rua Mott, 9, sete andares acima da posição do corpo. Nenhum sinal imediato de luta. Pela falta de escadas funcionais ou elevador, acredita-se que a falecida alcançou o poço entrando no prédio pela claraboia do telhado do número 203 da rua Worth - o Jardina Suspensas, uma conhecida moradia de invasores e usuários de crack.

NYSP-11

**RELATÓRIO DE PESSOA
DESAPARECIDA/
NÃO IDENTIFICADA.**

PO 336-151 (Rev. 2-94)-M

**CERTIFICAÇÃO NO VERSO A SER
PREENCHIDA APÓS DESTACADO**

TIPO DE CASO

☒ DESAPARECIDA
☐ NÃO IDENTIFICADA

**JURISDIÇÃO/ AGÊNCIA
DENUNCIANTE**
Shandaken

Data e
hora deste
relatório

HORA

22.04

DATA

30.09.11

CASO n°

12-388

POLICIAL DE PLANTÃO

HELMS

TELEFONE

845-555-9022

ÚLTIMO NOME

CORDOVA

PRIMEIRO

ASHLEY

OUTRO

BRETT



IDADE

24

Desaparecida
desde

HORA

8:12

DATA

30.09.11

SEXO

F

RAÇA

CAUC

ALTURA

1,75

PESO

53

**COR DOS
OLHOS**

CINZA

COR/TAMANHO CABELO

CAST. ESC. COMP.

TIPO

SANGÜÍNEO

DESCONHECIDO

VISTA PELA ÚLTIMA VEZ
29.09.11, 23:10

QUARTO MH-314,
HOSPITAL BRIARWOOD

DESTINO PROVÁVEL
DESCONHECIDO

VEÍCULO ENVOLVIDO

☐ SIM

☐ NÃO **CASO POSITIVO:**

DESCONHECIDO

SS n° 38-2219

01-3-294-791

PLACA N°

MARCA/MODELO

ANO

TIPO DE DIGITAL (se conhecido)

MARCAS/CICATRIZES/TATUAGENS

Tatuagem colorida no pé direito e tornozelo, cristura cavalo/bode, com apenas cabeça e pernas dianteiras. Metade traseira faltando. Cicatriz de queimadura na mão esquerda.

RESTAURAÇÕES DENTÁRIAS VISÍVEIS Nenhuma

ÓCULOS/LENTE

☐ SIM

☒ NÃO **CASO POSITIVO:**

TIPO DE ARMAÇÃO

GRAU

DESCRIÇÃO DAS ROUPAS Indivíduo visto pela última vez vestindo pijama branco de algodão.

MEDIDA DA CINTURA 50 cm

NÚMERO CALÇADO 38

DESCRIÇÃO DE JOIAS Nenhuma

CIRCUNSTÂNCIAS SUSPEITAS/CRIME Ignorado

CIRCUNSTÂNCIAS/INFO ADICIONAIS Indivíduo visto em vídeo de segurança deixando terreno da clínica com indivíduo caucasiano não identificado do sexo masculino.

APÓS CONCLUIR, POR FAVOR DEVOLVER A: DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE SHANDAKEN, CONDADO DE ULSTER 54 NOVA YORK 42 SHANDAKEN, NY 12480

ATENÇÃO: CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS - UNIDADE DE DESAPARECIDOS

— *GUEM* É?

A voz da mulher — densa, com sotaque russo — saiu rascante do interfone.

— Scott McGrath — repeti, me inclinando na direção da pequena câmera preta acima das campainhas. — Sou amigo de Wolfgang. Ele está me esperando.

Era mentira. Naquela manhã, após ler o arquivo da polícia de Nova York sobre Ashley, eu passara pelo menos três horas tentando rastrear Wolfgang Beckman: estudioso de cinema, professor, Cordovita fanático e autor de seis livros sobre cinema, incluindo o popular volume sobre filmes de terror *Máscara americana*.

Eu tentara o escritório dele no Dodge Hall de Columbia e consegui o horário das suas aulas só para descobrir que naquele semestre ele estava ministrando apenas uma: “Tópicos de horror no cinema americano”, nas noites de terça-feira, às sete horas. Eu ligara para o escritório e o celular, mas ambos caíram na caixa postal, e considerando nosso *último* encontro mais de um ano antes — quando não apenas me disse que esperava que eu apodrecesse no inferno, como tentara me dar dois socos induzidos pela vodca — eu sabia que seria mais fácil ele ligar de volta para o papa. (Havia duas coisas que Beckman realmente detestava na vida: sentar-se nas primeiras três fileiras de um cinema e a Igreja Católica.) Meu último recurso era aparecer *aqui*, no apartamento de um prédio dilapidado na esquina de Riverside Drive com a Oitenta e três Oeste, onde passara muitas noites escutando suas palestras, com seu bando de gatos e um grupo de alunos que bebia cada uma de suas palavras como gatinhos lambendo leite.

Para minha surpresa, ouvi o barulho de metal raspando e um zumbido alto que me autorizou a entrar.

Quando bati na porta marcada com os números 506 desbotados, uma mulher pequeninha atendeu. Seu cabelo era preto e curto, e repousava sobre sua cabeça como uma tampa em uma caneta. Era a última empregada de Beckman. Desde que sua amada esposa, Véra, morrera anos antes de câncer, Beckman, totalmente incapaz de cuidar de si mesmo, contratara uma multidão de pequenas russas para fazer isso por ele.

Elas eram uniformemente baixas, severas e de meia-idade, com olhos azuis, mãos ressecadas, cabelo tingido da cor de um doce artificial e com personalidades bolcheviques. Dois anos antes fora Mila, de calça jeans gasta e camisetas bordadas com pequenos cristais que falava sem parar de um filho na Bielorrússia. (E quando não estava falando de Sergio, a maior parte do que dizia podia ser resumido em uma palavra: *nyet*.)

Tinha nariz aquilino, usava luvas de cozinha cor-de-rosa e um comprido avental de borracha preto, do tipo que metalúrgicos usam em fábricas de forjar aço. Parecia estar vestindo aquilo para limpar a cozinha de Beckman.

— Ele está esperando *você*? — perguntou, me examinando dos pés à cabeça. — Está no *dendista*.

— Ele me pediu para vir e esperar.

Ela estreitou os olhos, cética, mas abriu a porta.

— Quer *chá*? — perguntou.

— Obrigado.

Com um último olhar de reprovação, ela desapareceu na cozinha e passei do saguão para a sala de estar.

O lugar não tinha mudado. Ainda era escuro e melancólico, cheirando a meias sujas, umidade putrefata e *gato*. Papel de parede com estampa de flor de lis desbotada, o teto estufado como a parte de baixo de um sofá — na casa de Beckman sempre havia a persistente sensação de que água estava prestes a subir pelas tábuas do piso. Eu nunca estivera em um apartamento tão *esfregado* (a empregada de Beckman estava sempre armada com esfregão e balde, latas de desinfetante, água sanitária) que mesmo assim parecesse tanto com um pântano no meio das Everglades.

Caminhei até a cornija da lareira, fotografias emolduradas alinhadas acima. Também não tinham mudado. Havia uma foto colorida de Véra no dia do casamento, radiante de alegria. Ao lado, uma fotografia autografada de Marlowe Hughes, lendário ícone da beleza e segunda esposa de Cordova, estrela de *Fruto do amor*. Junto havia uma fotografia do filho de Beckman, Marvin, no dia que se formou em Direito; ele parecia perturbadoramente normal. Perto disso: um *still* de *Anjinhos*, de Cordova, da cena em que Emily Jackson olha a misteriosa valise do marido; uma foto de Beckman ao estilo indiano, venerado como um Buda feliz nos degraus da Biblioteca Low de Columbia, cercado por cinquenta alunos reverentes.

Pendurado à direita da lareira estava o cartaz emoldurado do olho enrugado e vincado de Cordovita em close. O cartaz estava ali desde que eu conhecia Beckman. Ele o arrancara de uma parede da estação do metrô de Pigalle depois de assistir a uma projeção tarja vermelha de *À noite todos os pássaros são pretos* que aconteceu nas catacumbas parisienses em 1987, um dos primeiros eventos desse tipo. Rabiscado à mão na parte inferior estava o ponto de encontro escolhido: *Soberano Mortal Perfeito N48° 48' 21.8594" E 2° 18' 33.3888" 1111870300*.

Logo à minha direita, no canto, havia uma escrivaninha de madeira e o velho Apple de Beckman. Zumbia, o que significava que estava *ligado*.

— *Seu chá.*

A empregada se materializara atrás de mim. Deslizou a bandeja pela mesa de centro, me fitando enquanto empurrava para o lado uma caixa chinesa preta de madeira e pilhas de jornais, depois foi marchando para a cozinha.

Esperei que ela voltasse a limpar e toquei no teclado. Não estava exatamente *orgulhoso* de mim mesmo por espiar o computador de um homem inocente, mas momentos de desespero pedem medidas desesperadas.

Cliquei no Firefox, depois em *Ver histórico*.

Complicações de cirurgia bucal – **busca Google**

Extrações de dentes o que pode dar errado – **busca Google**

Potenciais efeitos colaterais de novocaína – **busca Google**

The New Republic **on-line**

The New York Post

Russian Soulmates.ru

Guia de conversação em russo

Ashley Cordova – **busca Google**

Ashley Cordova, 24, encontrada morta – **nytimes.com**

A entrada seguinte dizia apenas: *blackboards.onion*.

Cliquei no link. O site demorou um tempo para carregar, a página inicial mostrando uma floresta mergulhada em neblina que reconheci como sendo a cena de abertura de *Espere por mim aqui*, de Cordova. A URL era longa, mas enterradas na sequência de símbolos e sinais de pontuação estavam três palavras-chave: *soberano mortal perfeito*.

Era o Blackboards, o site dos fãs de Cordova na Deep Web. O acesso era ferozmente protegido, apenas para Cordovitas autorizados. O site tinha uma URL secreta acessível apenas através da rede Tor — de modo que não aparecia no Google e não podia ser localizado por browsers comuns. Anos antes, quando nos conhecemos, eu tentara subornar Beckman para conseguir a URL, inutilmente. Ele disse que era “o último canto escondido”, um buraco negro onde os fãs podiam não apenas discutir todas as coisas sobre Cordova, mas expressar as suas ânsias e seus sonhos sinistros sem serem julgados.

Ouvi chaves chacoalhando, a porta da frente se abrindo. Um esfregão caiu no chão. Provavelmente *Madame Tolstoi alertando Beckman de que ele tinha um convidado*.

Saquei meu BlackBerry, tirei uma foto rápida do endereço da página e fechei o browser, recuando para a lareira ao ouvir passos rápidos sobre o piso de madeira.

— *Filho da puta* — berrou uma voz atrás de mim.

Beckman apareceu à porta. Vestia um casaco impermeável com cinto bem apertado, que dava a ele a aparência de uma batata enfiada em um saco de papel.

— Dê o fora.

— Espere *aí*...

— Na última vez em que nos falamos deixei *bem claro* que você tinha morrido para mim. *Olga!* Chame a polícia e diga que temos um invasor

perigoso.

— Eu gostaria de consertar as coisas.

— Não é possível *consertar* uma amizade que foi *explodida* em pedacinhos.

— Você está sendo ridículo.

Ele me lançou um olhar penetrante.

— Traição não é ridículo. É a razão pela qual impérios desmoronam.

Ele soltou o cinto do casaco impermeável, o jogou na cadeira — um gesto dramático que lembrava o de um toureiro espanhol lançando sua capa vermelha — e deu passos largos na minha direção. Felizmente não notou o computador, o canto brilhante por causa da tela iluminada.

Por mais *perturbado* que estivesse, era impossível para Beckman ser fisicamente intimidador. Usava uma calça cinza curta demais e óculos redondos dourados, por trás dos quais seus pequenos olhos gentis piscavam como os de um esquilo. Seu cabelo era ansioso. Ele mal podia *esperar* para começar, tendo início cinco centímetros acima das sobrancelhas. Sua bochecha direita estava bastante inchada, como se cheia de bolas de algodão.

— Quero conversar com você sobre Ashley — falei.

O nome fez com que ele tremesse como se tivesse tomado um choque. Murmurou algo em voz baixa e foi até uma poltrona, sentando-se com um leve assovio de almofada. Tirou os sapatos, colocando os pés — com chamativas meias amarelas quadriculadas — na otomana de couro à frente.

— *Ash Cordova* — repetiu ele, esfregando o lado paralisado de seu rosto devido a novocaína. Virou-se, berrando por sobre o ombro. — *Olga!*

Ela apareceu à porta falando ao telefone, aparentemente com a polícia.

— Pelo amor de Deus, Olga, *o que* você... Largue o telefone. Meu *Deus*. Este é meu grande amigo McGrath. Poderia lhe trazer algo melhor do que *chá*? Chá não faz nem *arranhão* no homem. — Ele olhou para mim. — Ainda bebe de dia?

— Claro.

— Fico contente que tenha preservado a melhor qualidade de sua personalidade. — Então para Olga: — Traga a vodca premium, pode ser?

Olga desapareceu, e me sentei no sofá. Beckman ainda não notara a tela brilhante do computador, distraído pelos três gatos que haviam acabado de se materializar, saídos de onde quer que estivessem se escondendo. Havia oito no apartamento, alguns orientais muito exóticos com olhos azuis, rostos negros, pelo feito um tapete felpudo e personalidades irritantes de estrelas de cinema, dando o ar de sua graça ao público só quando Beckman estava presente.

Ele se curvou para acariciar um que se esfregava na otomana.

— Qual é este? — perguntei, fingindo interesse, porque havia uma relação direta entre parecer interessado pelos gatos de Beckman e o bom humor dele.

— McGrath, você já o viu em *inúmeras* ocasiões. Este é Pontiac Caolho. Que *não* deve ser confundido com Tom Xereta ou Boris, o Filho do Ladrão. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Acabei de pegar outro filhote, sabe? Descobri mais uma marca registrada. É bastante constrangedor ter deixado essa passar.

— *Nove gatos*? Eles podem mandá-lo para a cadeia por isso.

Ele ajeitou os óculos no nariz.

— Vou chamá-lo de Murad, por causa dos cigarros.

— Nunca ouvi falar.

— É uma marca turca obscura, popular nos anos 1910 e 1920. *Murad* significa “desejo” em árabe. A *única* marca que aparece em um filme de Cordova é *Murad*. Não há um único Marlboro, Camel ou Virginia Slim. E tem mais. Se o cigarro Murad é *focalizado* pela câmera em qualquer filme de Cordova, a pessoa *seguinte* a aparecer na tela transformou-se devastadoramente em um *alvo*. Em outras palavras, os deuses terão desenhado um grande x em suas costas e colado um cartaz invisível dizendo FODIDO. A vida dela nunca mais será a mesma dali por diante.

Murad. Cada um dos gatos de Beckman tinha o nome de um detalhe específico dos filmes de Cordova, uma marca registrada ou assinatura silenciosa. Variavam de entradas em cena de átimos de segundo (parecida com as pontas de Hitchcock) a pequenos elementos cenográficos que simbolizavam devastação (como o surgimento de uma laranja nos filmes de

O Poderoso Chefão que antecipava a morte). A maioria não era óbvia, mas extremamente obscura, como Pontiac Caolho e Boris, o Filho do Ladrão.

Deslizei para a frente para dar um gole no meu chá, dando outra espiada no computador, *ainda brilhando*. Beckman arregaçou as mangas e, franzindo o cenho, pareceu prestes a seguir meu olhar.

— O que ouviu sobre Ashley? — perguntei.

O rosto dele escureceu

— Trágico. — Ele respirou fundo, se acomodando na poltrona. — Você se lembra de que Véra e eu vimos uma apresentação dela anos atrás. Weill Recital Hall. Uma experiência formidável. O concerto deveria começar às oito. Todos estavam esperando. Eram oito, oito e dez, oito e *vinte*. Um homem barbado subiu ao palco e anunciou, nervoso: “O concerto logo vai começar. Por favor, tenham paciência.” Os minutos correram. Oito e meia, oito e *quarenta*. Será que ela *iria* aparecer? As pessoas estavam ficando com raiva. “Foi por isso que nós *pagamos*?” Naturalmente *eu* estava olhando ao redor para descobrir se o pai dela aparecera. Uma figura solitária ao fundo, uniforme militar, cabelo grisalho, a expressão de quem tudo vê e os habituais óculos pretos transformando seus olhos em *moedas* retintas.

Beckman, olhos arregalados, chegou a se virar para a entrada vazia, como se esperasse ver Cordova ali. Virou-se, suspirando.

— *Ele não apareceu*. De repente, aquela criança em meia-calça preta e vestido de tafetá vermelho vivo entra rapidamente por uma porta no palco. Pensamos que iria fazer um anúncio. “O concerto foi cancelado.” Em vez disso, vai apressada até o Steinway, senta-se sem demonstrar o menor interesse por nós. Passa as mãos de cima a baixo no teclado, como um grande cozinheiro limpando uma tábua de corte. Então começa, sem esperar que a plateia pare de falar. Era o *Jeux d’eau* de Ravel.

Olga estava junto à mesinha de centro, servindo vodca gelada de uma garrafa preta pintada com letras russas grosseiras. Beckman e eu brindamos e bebemos. Era uma das melhores vodcas que eu já tinha provado: seca e leve, que descia dançando pela garganta.

— As notas não eram tocadas — continuou ele. — Eram *vertidas* de uma urna grega. As pessoas passaram de indignação para choque e depois para

assombro e idolatria. Nenhum de nós conseguia acreditar que uma *criança* pudesse tocar daquela forma. As profundezas escuras às quais ela tivera de descer... *sozinha*.

— A polícia está dizendo que foi suicídio — falei.

Ele pareceu pensativo.

— É possível. Havia algo na execução dela... Um conhecimento da escuridão em sua forma mais extrema. — Ele franziu o cenho. — Mas isso é muito comum, não é? O que você tende a encontrar na vida de pessoas brilhantes é uma devastação similar a de uma explosão nuclear. Casamentos destruídos. Esposas abandonadas. Crianças crescendo como prisioneiros de guerra perturbados; todos eles circulando com buracos onde deveriam estar seus corações, imaginando qual o lugar deles, de qual lado estão lutando. Riqueza extrema, do tipo com a qual Cordova se casou, apenas amplia a força e o alcance da tempestade radioativa. Talvez tenha sido assim para Ash.

— *Ash?*

— É como eles a chamavam no mundo da música. Ash DeRouin. Cinzas das ruínas. Ela tinha treze anos. Mas tocava como alguém que vivera seis vidas. Seis nascimentos. Seis mortes. E toda a tristeza, todo amor e ânsia agarrados e perdidos nesse ínterim. — Ele franziu o cenho, as sobrancelhas grossas se unindo. — *Aquele* grau de habilidade e sentimento, somado ao fato de que ela era, sem dúvida, a criança mais bonita que eu já tinha visto. Quando saímos da casa de espetáculos, Véra, secando as lágrimas, disse que ela não devia ser humana. Falou isso sem exagerar.

— Sabe alguma coisa da infância dela? — perguntei, servindo-me de mais vodca. — Como ela era? Você se lembra daquele telefonema anônimo.

Ele me olhou, cético.

— Quer dizer seu informante misterioso, *John*?

Assenti.

— Você sabe que nunca acreditei em John. Você foi vítima de um trote. Alguém lhe enganou. O que Cordova iria querer com roupas de crianças? Por *outro* lado, uma garota cercada de margaridas, pôneis Shetland e pais amorosos chamados Joanie e Phil não conseguiria tocar daquela forma. Há *alguma* nuvem escura pairando sobre a família, eu admito isso. Mas cobrindo

o que, quão densa... se é simplesmente uma névoa, um furacão categoria cinco ou um buraco negro do qual nenhuma luz escapa... Não sei.

— Já ouviu dizer que Ashley tinha problemas de saúde mental? No final de agosto ela foi internada em uma clínica no norte chamada Briarwood.

Ele pareceu intrigado.

— Não.

— Ela escapou do lugar com um homem não identificado e morreu no armazém dez dias depois. Ouviu algum boato no Blackboards?

— Por Deus, McGrath, *Blackboards*? — Rindo, virou a vodca, batendo o copo na mesa. — Parei de acessar esse site há sete anos. Estou velho demais para tal histrionice.

Aquela falsa objeção era tudo o que eu esperava de Beckman. Interrogá-lo sempre fora uma dança da chuva ao redor de uma fogueira, exigindo um toque delicado e três ou quatro de suas garrafas de *vodca*, que era mais potente que ópio e cuja origem sem dúvida remetia a uma banheira siberiana.

— Onde você acha que Cordova está agora? — perguntei.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não me diga que está se aventurando novamente em seu barquinho a motor subindo sozinho o Amazonas. Desta vez é vingança por ter arruinado sua carreira por causa dele ou apenas uma terrível curiosidade?

— Um pouco de ambos. Quero a verdade.

— Ah, a *verdade*.

Os olhos de Beckman pousaram na caixa hexagonal preta na mesinha de centro. Estava prestes a dizer algo, mas em vez disso se virou e olhou diretamente para o computador. A tela ainda estava acesa, e um daqueles malditos gatos — Pontiac Caolho, qualquer que fosse a porra do nome — se esfregava nas pernas da escrivaninha.

Ele se sentou, alarmado.

— *Olga!* — berrou. — Traga um prato daquelas sardinhas espanholas, por favor. Boris está com hipoglicemia. — Ele se virou de costas, os olhos piscando depressa por trás dos óculos. — Sabe, recentemente ouvi algo que você poderia achar útil. *Peg Martin*.

— Peg Martin?

— Ela teve um pequeno papel nos primeiros vinte minutos de *Solitário 3*. Interpreta uma das faxineiras do escritório de advocacia de Manhattan. Aquela garota muito desengonçada com o braço engessado. Cabelos ruivos crespos. Nariz chato. Ela desaparece pela escadaria e nunca volta. Deu uma entrevista à revista *Sneak* em meados dos anos 1990 e falou sobre Cordova.

Eu lembrava. Cinco anos antes, durante minha pesquisa, eu desenterrara a matéria.

— Uma das minhas alunas deste semestre tem um *terrier*. Ela o leva ao adestramento no Washington Square Park às seis da tarde de domingo. Ela me contou que, no final da aula de uma hora, uma ruiva crespa entrou na área de cães com um velho labrador preto e sentou-se com ele ombro a ombro em um banco, observando os outros lutando, fazendo bagunça, brincando e rindo. — Beckman estava sentado na beirada da cadeira, interpretando o papel de Peg Martin. — Ela fala com... ninguém. Olha para... *ninguém*. Da mesma forma que o cão. Bem. Minha aluna me disse que *aquela* mulher é Peg Martin.

— E então?

— Então vá lá. Fale com ela. Ela deve saber alguma coisa sobre a família. Se drogou por quinze anos, então talvez não seja tão determinada quanto os outros a manter o silêncio. — Ele franziu o cenho. — Eu também repassaria aquela matéria da *Rolling Stone* de 1977. A última entrevista de Cordova antes de se recolher. Ouvi dizer que há algo crucial nela. Dei uma olhada, mas não consegui achar nada. Talvez você consiga.

— E Cordova? Onde ele está?

Beckman virou o copo.

— Deve estar se escondendo. Imagino que esteja de coração partido. É engraçado pensar nisso, considerando os horrores de sua obra. Mas sempre desconfiei de que a escuridão estava lá para revelar a luz. Ele via o sofrimento mental das pessoas e esperava que seus filmes pudessem ser um refúgio. Seus personagens são destruídos, arrasados. Caminham por infernos e emergem purificados. O fato de as pessoas atualmente não aprenderem, serem fracas, medíocres, tão apáticas quanto a esse presente da vida como se tudo não passasse de um mero comercial da Pepsi; não o culpo por se

recolher. Você tem *visto* o mundo atualmente, McGrath? A crueldade, a falta de vínculos? Se você é artista, estou certo de que não pode deixar de pensar para que serve tudo isso. Estamos vivendo mais, estabelecemos laços sociais com nossas *telas*, e nosso poço de sentimento fica mais raso. Logo não passaremos de uma piscina formada pela maré, depois um dedal de água e então uma *microgota*. Dizem que nos próximos vinte anos iremos nos fundir a chips de computador para curar o envelhecimento e nos tornar imortais. Quem quer passar a eternidade sendo uma *máquina*? Não espanta que Cordova se esconda.

Ele ficou em silêncio de repente, parecendo murcho em sua cadeira.

O computador finalmente ficara escuro. Consultei meu relógio. Passava das seis. Precisava ir.

— Obrigado pela vodca — disse. — E também quero me desculpar formalmente.

Beckman não disse nada, distraído por algum pensamento melancólico, embora após um momento seus olhos brilhantes tenham pousado novamente na caixa chinesa preta na mesa. Ele estendeu a mão, testando a tampa com o indicador — mas claro que ela não abriria.

— Fico surpreso por você não ter tentado abrir enquanto eu estava fora — murmurou ele.

— Tenho *alguns* escrúpulos.

Ele ergueu uma sobrancelha interrogativa.

Para fazer sua vontade, estendi a mão e peguei a caixa — tinha a forma de um hexágono, bastante pesada. Sacudi, reconhecendo imediatamente os infames *baques secos* no interior. Não sabia o que eram — *ninguém sabia*, a não ser a pessoa não identificada que os trancara lá dentro.

Beckman comprara a caixa trancada de um vendedor de memorabilia no mercado negro. Supostamente era um objeto roubado do cenário do filme de Cordova *Espere por mim aqui*. No filme, a caixa é propriedade pessoal do assassino em série, Boyd Reinhart. Embora a plateia nunca descubra o que está trancado ali dentro, supostamente contém o objeto que o levava a matar, algo que o destruíra mentalmente quando criança. Mas, segundo o vendedor do objeto, por causa de um problema com a documentação de origem, havia a

possibilidade de que a caixa não tivesse vindo do cenário do filme, mas que tivesse sido roubada dos arquivos de provas do FBI de Hugh Thistleton, o assassino que copiara desde o modo de matar de Boyd Reinhart até seus trajes exuberantes.

Beckman adorava mostrar a caixa às pessoas, deixando que a pegassem. “Aqui está”, ele dizia reverentemente. “A caixa representa o limite misterioso entre a realidade e o faz de conta. Será de Reinhart? Será de Thistleton? Ou será *sua*? Porque cada um de nós tem sua caixa, uma câmara escura guardando aquilo que lancetou nosso coração. Contém aquilo pelo que você faria tudo, pelo que *anseia*, o que *distorce* tudo ao seu redor. E se fosse aberta, algo seria libertado? Não. Pois a prisão impenetrável com o cadeado impossível é a sua própria cabeça.”

Da última vez em que estivera ali, quando Beckman desaparecera na cozinha para pegar outra garrafa de vodca, eu — bastante embriagado e encorajado por uma de suas atraentes alunas — tivera a brilhante ideia de arrombar o cadeado com um canivete para descobrir o que havia dentro, de uma vez por todas.

A tranca de latão oxidada não cedeu.

Beckman me flagara. Ele me botara para fora gritando: *Traidor!* e *Filisteu!*. Suas últimas palavras para mim antes de bater a porta na minha cara foram: “Você nem sequer conseguiria achar a abertura.”

Olga estava trazendo duas travessas com sardinhas empilhadas — comida suficiente para todas as lontras do SeaWorld. Ela as colocou no tapete desbotado, os gatos as farejando.

— O seu problema, McGrath — disse Beckman, esvaziando a garrafa em nossos copos —, é que não tem nenhum respeito pela *escuridão*. Pelo negrume inexplicável. Pelo que não pode ser revelado. Vocês jornalistas arrasam com os mistérios da vida, ignorando o que tão impiedosamente desvelam, ignorando que escavam algo muito poderoso que — disse, voltando a se sentar na cadeira, os olhos escuros encontrando os meus — *não* quer ser encontrado. E que não será.

Estava falando de Cordova.

— De qualquer forma — acrescentou suavemente —, a sombra macabra de um homem não é o homem.

Concordei e ergui meu copo.

— À escuridão.

Brindamos e bebemos. Eu me levantei, fiz uma grande reverência para Beckman — que tinha uma queda pelo tratamento régio — e passei por ele. Não falou nada, caído desamparadamente em sua cadeira, preso na avalanche de seus pensamentos.

Enquanto eu seguia para o saguão, me vi não apenas culpado pelo que fizera ao vasculhar despudoradamente o computador dele, mas também lamentando o rumo da conversa. Graças à vodca eu fora um pouco sincero *demais*. Agora Beckman não teria dúvida de que eu estava de novo nesse caminho, mais uma vez atrás de Cordova, e eu não fazia ideia do que ele faria com essa informação.

Conferi a foto que tirara da tela do computador dele e não consegui acreditar na minha sorte. A imagem estava desfocada, mas eu ainda conseguia identificar a complexa URL. Em todos os anos em que conhecia Beckman, essa era a informação mais útil que arrancara do homem.

Fechei a foto e fiz uma rápida anotação em minha agenda.

Peg Martin. Washington Square Park. Domingo, 18h.

A GAROTA NO guarda-volumes do Four Seasons estava comendo jujubas coloridas e lendo um fino livro amarelo.

Eu lera no depoimento da testemunha na ficha policial de Ashley que a garota do guarda-volumes se chamava Nora Halliday e tinha dezenove anos.

Sempre que chegava um grupo de clientes — turistas do meio-oeste, caras do mercado financeiro, um casal tão velho que se movia como se fizesse uma espécie de tai chi —, ela tirava os óculos de armação preta, escondia o livro e pegava os casacos com um alegre “*Boa noite!*”. Depois que eles subiam para o restaurante, ela recolocava os óculos e voltava a ler, curvada sobre o balcão do guarda-volumes.

Eu a observava do lado oposto do saguão em um assento junto às escadas. Decidira que era melhor esperar *ali*, pois estava ligeiramente mais bêbado do que imaginara, graças à vodca de querosene na casa de Beckman. Em certo momento ela lançou um olhar curioso na minha direção. Sem dúvida supondo que eu estava esperando alguém, sorriu e voltou a ler.

Segundo o relatório policial, ela trabalhava ali havia apenas algumas semanas. Tinha cerca de um metro e setenta e era magricela feito um ponto de interrogação, com cabelo louro bem claro preso em um coque banana — cachos parecidos com alfafa pendendo ao redor do rosto. Vestia uma saia marrom e uma blusa da mesma cor grande demais para ela — o uniforme do restaurante —, ombreiras visíveis apoiadas de forma desigual no corpo.

Finalmente me levantei e fui até ela, que fechou o livro, virando a capa para baixo, mas *não* antes que eu vislumbrasse o título.

Hedda Gabler, de Henrik Ibsen.

Uma peça trágica apresentando o que se acredita amplamente ser a protagonista mais neurótica da literatura ocidental.

Eu teria problemas.

— Boa noite, senhor — cumprimentou animada, tirando os óculos e revelando grandes olhos azuis e traços delicados que teriam feito dela uma garota memorável uns cem anos atrás. Mas sendo esta a era de lábios com colágeno e sprays autobronzeador, ela era *bonita*, certamente, mas antiquada — uma Twiggy da virada do século. Usava um batom rosa, que não parecia ter sido aplicado sob luz adequada ou na frente de um espelho.

Mas ela parecia *amigável*. E bastante tranquila para começar uma conversa.

Apanhou um dos cabides prateados no cabideiro e estendeu a mão para pegar meu casaco.

— Não vou entrar — disse. — Você deve ser Nora Halliday.

— Sou.

— Prazer em conhecê-la. Scott McGrath. — Peguei meu cartão de visitas da carteira e o entreguei a ela. — Esperava que pudéssemos conversar, caso você tenha tempo.

— Conversar sobre o quê? — Ela estreitou os olhos para o cartão.

— Ashley Cordova. Pelo que sei você foi a última pessoa a vê-la viva.

Ela voltou a olhar para mim.

— Você é policial?

— Não. Sou repórter investigativo.

— O que está *investigando*?

— Fiz coberturas, cartéis internacionais de drogas. Estou reunindo material sobre Ashley. Estou interessado na sua versão. Ela lhe disse alguma coisa?

Mordendo o lábio inferior, ela depositou meu cartão na portinhola do balcão e cuidadosamente colocou na mão jujubas coloridas de um pote que continha uns quatro quilos delas. Enfiou a porção na boca, mastigando com os lábios bem apertados.

— Tudo o que me contar pode ser em *off* — acrescentei.

Ela cobriu a boca com a mão.

— Você andou bebendo? — perguntou.

— Não.

Ela pareceu reagir mal àquilo, engolindo ruidosamente.

— Vai jantar conosco esta noite, senhor?

— Não.

— Vai encontrar alguém no bar?

— Provavelmente não.

— Então terei de lhe pedir para se retirar.

Eu a encarei. Ela *decididamente não* era de Nova York. Tinha cara de *recém-formada na Ohio State com diploma de artes dramáticas*. Algo me dizia que ela provavelmente interpretara uma Pink Lady em uma péssima montagem de *Grease*, e quando alguém lhe perguntava o que ela era, respondia *Sou atriz* com a mesma voz ofegante que eu vira pessoas no AA anunciarem *Sou alcoólatra*. Garotas como ela se mudavam para cá aos montes, esperando serem descobertas e conhecerem o Figurão, mas com demasiada frequência acabavam em bares em Murray Hill usando vestidos pretos da Banana Republic, band-aids nas bolhas dos calcanhares. Elas tinham seu *Vou conquistar Manhattan* aniquilado desde cedo. Morar naquela cidade por um período mais longo exigia masoquismo, flexibilidade moral, a pele de um jacaré e a resistência de um João bobo — nada que aqueles vinte e muito *poucos* anos falsamente confiantes podiam sequer *pensar* em ter. Em cinco anos estaria correndo para a casa dos pais, para um namorado chamado Wayne e para um emprego em sua antiga escola, dando aulas de consciência corporal.

— Caso continue a circular vou ter que chamar meu gerente. Carl ficará feliz de resolver qualquer queixa ou pedido.

Respirei fundo.

— Srta. *Halliday* — falei, dando um pequeno passo em sua direção até conseguir ver que seu batom rosa borrara no lábio superior. — Uma jovem foi encontrada morta. *Você* foi a última pessoa a vê-la viva. A família Cordova sabe disso. *Muita* gente sabe disso. A polícia de Nova York não está mantendo seu nome no anonimato. As pessoas estão imaginando o que você pode ter feito ou dito que contribuiu com a morte dela horas depois. Não estou tirando conclusões. Só quero ouvir o seu lado.

Ela me encarou de volta, depois tirou o telefone do gancho na parede atrás de si, teclando um número de três dígitos.

— É Nora. Você pode descer? Há um homem aqui, e ele... — Ela me olhou explicitamente. — Tem cinquenta e tantos anos.

Não era a reação que eu esperara. Saí depressa do saguão. Do lado de fora, sob o toldo, olhei para trás. A pequena srta. Streep recolocara os óculos e estava apoiada na portinhola, me observando.

Um homem de terno azul apareceu logo, vindo lá de cima — *Carl no resgate*, imaginei —, então dei as costas e segui de volta para a avenida Park.

Não tinha dado certo. Eu estava enferrujado.

Consultei meu relógio. Passava das oito, estava frio, o céu da noite marcado por nuvens que ficavam brancas e se dissolviam como hálito sobre o vidro.

Podia estar um pouco *enferrujado*, mas não ia para casa.

Ainda não.

QUINZE MINUTOS DEPOIS eu estava em um táxi, cruzando Chinatown, passando por sobrados e restaurantes, placas sujas de massagistas e farmácias, anúncios misturando inglês e chinês. Homens em paletós escuros passavam apressados diante de lojas iluminadas com cores letais — carmim-sangue, verde-absinto, amarelo-icterícia, tudo vazando para as ruas malcuidadas. O bairro parecia próspero mas vazio, como se a área tivesse acabado de ser colocada em quarentena.

Passamos por uma igreja de alvenaria — IGREJA DA TRANSFIGURAÇÃO, dizia a placa.

— Bem aqui — disse ao motorista.

Paguei e saltei, olhando para o prédio. Era uma porcaria decadente de sete andares com pintura branca descascando, andaimes, todas as janelas cobertas com tábuas. Era o armazém onde Ashley Cordova fora encontrada morta. Flores e cartões estavam empilhados ao redor da entrada principal.

Havia buquês de rosas e cravos, lírios e velas, imagens da Virgem Maria. *Descanse em paz, Ashley. Deus a abençoe.* SUA MÚSICA VIVERÁ PARA SEMPRE. *Agora você está em um lugar melhor.* Sempre me surpreendo com a ferocidade com que o público chora um ilustre desconhecido — especialmente um de uma família famosa. Daquela forma vazia, as pessoas podiam descarregar a dor e o arrependimento de suas próprias vidas, se livrar delas, se sentir sortudas e leve por alguns dias, confortadas pelo pensamento: *Pelo menos não fui eu.*

Delicadamente, afastei para o lado algumas das flores para chegar à porta de aço. Estava trancada com dois cadeados, com avisos de CUIDADO e PERIGO. A faixa de ÁREA RESTRITA PELA POLÍCIA, NÃO ULTRAPASSE continuava intacta.

Atrás de mim, um sedã marrom com escapamento barulhento passou, a silhueta escura do motorista estava curvada. Recuei, me escondendo nas sombras do andaime enquanto o carro seguia até o fim da Mott e virava à esquerda; então a rua ficou novamente em silêncio.

Mas tive a sensação inconfundível de que havia mais alguém presente — ou que tinha acabado de estar ali.

Fechei o zíper da minha jaqueta e, depois de examinar a calçada — deserta, a não ser por um garoto asiático entrando em disparada em uma loja chamada Chinatown Fair —, me virei e andei até o final da Mott, onde ela cruzava com a Worth. Contornei a esquina à direita, passando por um toldo vermelho anunciando ODONTOLOGIA COSMÉTICA, uma cerca de grade amassada delimitando um terreno vazio e escuro. Quando cheguei ao prédio seguinte, em ruínas e sem elevador, e o depois desse, no número 197 da Worth, percebi que tinha ido longe demais.

Retornei, notando que ao lado do consultório dentário havia um buraco na cerca de arame. Fui até ali agachado. Um pequeno trapo havia sido amarrado no local — claramente para indicar alguma entrada. Consegui ver uma trilha de terra estreita que seguia sinuosa pelo terreno, levando a um prédio abandonado.

Tinha de ser esse. *Os Jardins Suspensos*, como Falcone o chamara — conhecida moradia de invasores e boca de crack, segundo a descrição do incidente no arquivo de Ashley. A polícia concluíra que ela entrara no número 9 da rua Mott a partir *dali*, o prédio 203 na Worth, depois subira pelas escadas até o telhado, entrando no prédio adjacente da rua Mott por uma claraboia. Embora o exame da área pela polícia não tivesse revelado testemunhas nem quaisquer objetos pessoais dela, isso não significava nada. Detetives são notoriamente preguiçosos quando chegam cedo a uma conclusão em um caso de morte por suicídio — com frequência negligenciando detalhes cruciais que contam uma história completamente diferente.

Essa era a razão pela qual *eu* estava ali.

Passei pela abertura, o cheiro rançoso de lixo dominando, animais fugindo enquanto eu avançava pela trilha. Provavelmente era apenas o

mascote de Nova York: *o rato do tamanho de um gato*. À medida que meus olhos se acostumavam à escuridão, eu conseguia distinguir a fachada de alvenaria degradada do prédio, uma porta à esquerda. Fui até ela, tropeçando em uma bicicleta velha e em algumas garrafas plásticas, e a abri.

Era um grande armazém, e uma luz fraca penetrava de algum lugar, iluminando mal as paredes cobertas de pichações indecifráveis. O lugar estava podre e cheio de *lixo*, jornais e latas, placas de gesso e isolamento, suéteres e caixas, painéis e frigideiras. Era óbvio que invasores estavam morando ali, embora, aparentemente, tivessem partido, talvez por causa da presença recente da polícia. Entrei, deixando a porta pesada se fechar atrás de mim com um rangido.

Uma vez que o efeito da vodca mortal de Beckman havia passado, eu me dei conta de como aquilo era insensato, ir ali sem sequer o canivete que eu usava em minhas corridas no Central Park. Nem ao menos pensara em levar uma lanterna. Respirei fundo — ignorando a voz em minha cabeça que me lembrava: *Não acabamos de definir que você estava enferrujado?* — e segui para os fundos em busca de alguma escada.

Elas estavam corroídas. Agarrei o corrimão para ver se conseguia arrancar a estrutura da parede, mas os parafusos eram surpreendentemente fortes.

Comecei a subir, o eco metálico de meus passos era perturbador. De tempos em tempos, parava para olhar ao redor, me certificar de que estava sozinho e tirar algumas fotos com meu BlackBerry. A cada passo o velho prédio parecia grunhir e tossir, protestando contra minha escalada sobre sua coluna enferrujada. *Foi por aqui que Ashley escalou*. Se a intenção dela era cometer suicídio — uma conclusão que eu não aceitava como verdade absoluta, independentemente do que Falcone dissesse —, *por que ela veio para cá, para este lugar decadente?*

Passei pelo sexto andar e então subi o último lance mais íngreme até um sótão claustrofóbico, onde havia um futon sujo jogado no chão. No ponto em que o teto inclinado encontrava a parede havia uma escotilha quadrada. Empurrei-a com o ombro, a porta cedeu com um engasgo e elevei meu corpo para fora.

Era um telhado deserto, com um sofá destroçado no canto mais distante. A vista era do conjunto de arranha-céus de Lower Manhattan: os topos mal acabados de prédios de baixa renda, prédios municipais com fachada de pedra, caixas d'água brotando como botões de cardo preto — todos lutando por um pedaço do céu noturno.

Os fundos do número 9 da rua Mott davam para este prédio, o espaço entre eles era de apenas trinta centímetros, mas levava diretamente à rua. Pisei no muro baixo circundando o perímetro do telhado e, após cometer o erro de *olhar para baixo* — se caísse, iria me cravar como uma salsinha humana entre dentes de tijolos —, pulei para o telhado adjacente.

Contornei uma enorme caixa d'água, e lá estava a claraboia. O formato era de uma pirâmide com base retangular, a maior parte do vidro faltando. Andei até ela e, me agachando, olhei através de uma das molduras quebradas.

Cerca de três metros e meio abaixo havia um piso escuro. Mais à esquerda, era possível ver diretamente o poço vazio de um elevador de carga que descia sete andares, o concreto muito iluminado na base. Era como encarar uma garganta, um corredor entre duas dimensões. A queda parecia ser de uns trinta metros. Mesmo do alto eu podia ver pontos de manchas enferrujadas no piso. *O sangue de Ashley.*

Ela supostamente entrara por aquela claraboia, tirara as botas e meias e fora até a beirada do poço do elevador. Deve ter sido muito rápido, o vento nos ouvidos, seu cabelo escuro protestando no rosto — e então nada.

Falcone estava absolutamente certa. As molduras metálicas quebradas da claraboia eram tão estreitas que teria sido difícil forçar Ashley por ali contra sua vontade. Difícil, mas não *impossível*.

Eu me levantei, inspecionando o terreno. Não havia evidências, guimbas de cigarro ou arranhões, nenhum lixo. Eu estava quase indo embora, retornando para o *Jardins Suspensos*, quando algo se moveu no fundo do poço do elevador.

Uma sombra acabara de cruzar o piso.

Esperei, pensando se teria imaginado aquilo, olhando para aquele espaço vazio iluminado.

Mas então, *de novo*, uma silhueta surgiu lentamente no meu campo de visão.

Havia alguém de pé lá embaixo, sua sombra lançada à frente. Ele permaneceu ali por um minuto, imóvel, depois entrou.

Vi um cabelo louro-escuro, um sobretudo cinza. *Devia ser um detetive, que tinha voltado para examinar a cena.* Ele se agachou para estudar os padrões de sangue no concreto. Depois, para minha surpresa, *se sentou* no canto, apoiando cotovelos nos joelhos.

Não se mexeu por um tempo.

Eu me inclinei para a frente para ver melhor, esbarrando em um caco de vidro, que caiu, se partindo logo abaixo.

Assustado, ele olhou para cima, depois sumiu.

Eu me pus de pé e atravessei o telhado.

Não podia ser um detetive. Nenhum detetive que eu conhecia — com exceção de Sharon Falcone — se movia *tão* rápido.

CONTORNEI A ESQUINA, correndo de volta para o número 9 da rua Mott, esperando encontrar a entrada destrancada.

Mas a faixa de isolamento policial continuava intacta, a porta ainda com cadeado.

Como havia entrado? *E quem era ele, cacete? Um Cordovita? Um fascinado por cenas de crime?* Verifiquei as janelas — todas pregadas. A única outra possibilidade era um beco estreito bloqueado por montanhas de lixo. Empurrei parte dele para o lado, tentando não inspirar, e me esgueirei. Certamente lá nos fundos havia uma janela aberta lançando luz na parede oposta.

Quem quer que fosse, tinha usado um pé de cabra — caído no chão — para arrancar as tábuas velhas, abrindo espaço suficiente apenas para entrar.

Fui até lá e olhei para dentro.

Era uma obra bem iluminada, lâmpadas de néon pendiam de um teto inacabado, barris de plástico e lonas empilhadas na entrada. Centenas de vigas de madeira para instalação de divisórias cobriam o espaço. Nos fundos, do lado direito, um cordão de isolamento amarelo fora preso na entrada do elevador.

Não havia sinal do homem.

— Olá? — chamei.

Silêncio. O único ruído era o zumbido de inseto ao redor das lâmpadas. Agarrei o pé de cabra — *só por garantia* — e entrei, caindo em uma pilha de sacos de cimento.

Era uma grande área aberta. Junto à parede dos fundos havia apenas uma pilha de vigas metálicas e barris de mistura de concreto, uma lona plástica cobrindo *algo*.

Andei cautelosamente até lá e a puxei para o lado.

Era um carrinho de mão.

— *Tem alguém aqui?* — chamei, olhando ao redor.

Não houve resposta, nenhum movimento.

O cara provavelmente fugiu assustado.

Fui na direção do cordão de isolamento da polícia e estava prestes a passar por baixo quando de repente uma mão agarrou meu ombro e algo pesado acertou a lateral da minha cabeça. Eu me virei, mas fui jogado no chão, soltando o pé de cabra.

Meus olhos ficaram brancos, cegos, embora conseguisse ver um homem me olhando de cima. Ele colocou o pé no meu peito.

— Quem é você, cacete? — gritou. Era uma voz jovem, pastosa de raiva.

Curvando-se sobre mim mais uma vez, ele estendeu a mão como se para agarrar meu pescoço, mas me soltei, desequilibrando-o com um empurrão, agarrei o pé de cabra e acertei seu ombro.

Eu não teria exatamente deixado Muhammad Ali orgulhoso, mas funcionou. Ele tentou se apoiar numa barra de metal, não conseguiu e caiu de costas.

Cambaleei em sua direção. Para minha surpresa, ele estava embriagado demais para ficar de pé. Fedia a álcool e cigarro, e era só um *vagabundo* — vinte e poucos anos, cabelos emaranhados, All Star brancos sujos, uma camiseta verde desbotada dizendo EX-CELEBRIDADE. Os olhos estavam úmidos e injetados, aparentemente incapazes de focalizar enquanto me encaravam.

— Minha vez — disse. — Quem *você* é, cacete?

Ele fechou os olhos e pareceu desmaiar.

Meu primeiro impulso foi estrangular o garoto. Ao tocar o ponto onde ele me acertara na cabeça, pude sentir sangue. Não era policial, então isso deixava poucas opções: um vagabundo aleatório ou um Cordovita. *Ou conhecia Ashley.*

Puxei seu casaco de tweed cinza, conferindo os bolsos. Em um havia um maço de Marlboro com três cigarros, um isqueiro, chaves de um apartamento. Coloquei tudo de volta. Do outro tirei um iPhone, tela rachada, com senha de segurança, tendo como fundo uma foto de uma loura seminua.

Conferi o bolso interno. Estava vazio. Mas senti *algo mais* e me dei conta de que havia outro compartimento costurado no forro.

Enfiei a mão, tirando dois pequenos sacos. Ambos continham comprimidos, um deles com comprimidos amarelos, o outro, verdes, letras e números gravados nas laterais — OC 40 e 80. *OxyContin*.

Então ele era um *traficante* — e medíocre, considerando o fato de que roncava durante uma revista. Devolvi os comprimidos ao bolso e me levantei.

— Consegue me ouvir, Scarface?

Ele não respondeu.

— Mãos ao alto. FBI! — gritei.

Nada.

Da forma mais gentil que consegui — embora não soubesse *por que* me importava; ele tiraria um cochilo durante um apocalipse —, eu o virei de lado, tirando a carteira do seu bolso de trás. Nada de carteira de motorista ou cartões de crédito, apenas *dinheiro* — setecentas e quarenta pratas, principalmente em notas de vinte.

Devolvi o dinheiro e a carteira, mas enfiei o iPhone no meu bolso. Depois passei por ele para inspecionar o elevador.

Não havia nada ali a não ser as poças escuras de sangue seco, algumas gavinhas se espalhando para as rachaduras do concreto.

Imaginei que não ficaria sabendo mais nada sobre o garoto até o dia seguinte, quando ele descobrisse que o celular sumira. Mas durante a viagem de táxi de volta para casa, e mesmo horas depois, após ter tomado um banho, engolido dois comprimidos de Tylenol (considerando a enorme dor depois da vodca de Beckman e de ter sido acertado na lateral da cabeça, deveria ter pegado um *OxyContin*) —, o telefone do garoto foi bombardeado com mensagens.

Cadê vc?

Era Chloe. Ela escreveu de novo seis minutos depois.

Esperando vc 2 hs q porra???

Depois foi Reinking (eu não pude deixar de imaginar uma *mulher*: nórdica, pernas finas e compridas).

John saiu vem aqui agora

Dois minutos depois:

Quero você

Doze minutos depois:

Tô com tanto tesão. Já tá lá embaixo?

Depois ela pareceu mandar uma imagem, que não consegui abrir. A isso se seguiu:

Ei? Nada??
Foda-se

Depois uma mensagem de Arden:

Tá na rua? Vem pro jimmy

No meio de tudo isso, uma garota muito obsessiva chamada Jessica ligou onze vezes. Deixei cair na caixa postal.

Depois, Arden de novo:

Hopper, cadê você, porra

Devia ser o nome dele: *Hopper*.

Traficantezinho de casaco desbotado agachado no canto daquele elevador de carga — ele teria algo a me contar sobre Ashley, quem quer que ele fosse.

— ALÔ — ATENDI. OUVI pratos batendo do outro lado.

— Ei. Você achou meu telefone.

— Achei. — Tomei um gole do meu café.

— *Legal*. Onde?

— Banco de trás de um táxi. Estou no West Village. Quer vir pegar?

Vinte minutos depois, minha campainha tocou. Abri as cortinas da sala, a janela com uma vista boa da sacada. Lá estava ele, *Hopper*: vestindo o mesmo casaco da noite anterior, mesma calça jeans desbotada e tênis All Star. Fumava um cigarro, ombros encolhidos para vencer o frio.

Quando abri a porta para ele, me dei conta à luz clara do dia que, mesmo com o cabelo engordurado, os olhos castanhos fundos de álcool e *mulheres* — quem sabe mais o quê —, ele era um garoto de boa aparência. Não sabia como não tinha notado isso antes. Era tão claro quanto um galpão prateado perfurando o horizonte de um milharal. Ele tinha um metro e setenta e cinco, alguns centímetros mais baixo do que eu, esguio, com barba falhada e os belos traços naturais de um ator pensativo dos anos 1950, daqueles que choram quando bêbados e morrem jovens.

— Oi — disse, sorrindo. — Estou aqui para pegar meu telefone.

Ele claramente não tinha *nenhuma* lembrança da noite anterior; olhava para mim como se nunca tivesse me visto.

— Certo.

Dei um passo para o lado para deixá-lo entrar, e após me avaliar e aparentemente decidir que eu não iria atacá-lo, ele enfiou as mãos nos bolsos e entrou. Fechei a porta, indo para a sala e apontando para o telefone dele na mesinha de centro.

— Obrigado, cara.

— Não precisa agradecer. Agora, o que você estava fazendo naquele armazém?

Ele ficou chocado.

— Em Chinatown. Seu nome é Hopper, certo?

Ele abriu a boca para falar, mas se conteve, os olhos passando de mim para a porta.

— Sou repórter, estou investigando a morte de Ashley. — Apontei para a estante. — Alguns dos meus casos antigos estão ali, caso queira dar uma olhada.

Com um olhar de dúvida, foi à estante e tirou *Carnavais de cocaína*.

— Um *tour de force* arrebatador — começou a ler — sobre o negócio bilionário das drogas e os milhares de vidas arrasadas por sua máquina mortal. — Ele me encarou. — Parece *épico*.

Ele foi sarcástico.

— Eu tento.

— E agora vai escrever sobre Ashley.

— Depende do que eu descobrir. O que você sabe?

— *Nada*.

— Qual sua ligação com ela?

— Nenhuma.

— Então por que invadiu o armazém onde ela morreu?

Ele não respondeu, apenas devolveu o livro à prateleira. Após examinar mais alguns títulos, se virou, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

— Para qual revista você escreve? — perguntou.

— Para mim mesmo. Tudo o que me disser pode ser em *off*.

— Tipo sigilo advogado-cliente.

— Com certeza.

Ele abriu um sorriso cético, mas depois seu rosto desmoronou enquanto olhava para mim. Era uma expressão que eu conhecia bem. Estava louco para falar, mas tentava decidir se podia confiar em mim.

— Está com tempo livre? — perguntou em voz baixa, esfregando o nariz.

ACOMPANHEI HOPPER ESCADA acima em um prédio encardido na rua Ludlow até seu apartamento, o 3B. Depois de jogar seu casaco cinza em uma cadeira de praia, ele desapareceu em um quarto dos fundos — onde não parecia haver nada além de um colchão no chão —, me deixando na porta da frente.

O lugar era pequeno, com o ar estagnado nauseante de uma pensão.

O sofá verde afundado na parede mais distante estava coberto com um velho edredom azul onde alguém desabara pouco antes — talvez *literalmente*. Em um prato na mesinha de centro havia um monte de guimbas de cigarro; ao lado, papel de enrolar cigarro, um embrulho de tabaco Golden Virginia, um pacote aberto de cookies, um exemplar amassado da *Interview* com alguma estrela magrela na capa. Sua camisa verde de EX-CELEBRIDADE da noite passada estava jogada no chão ao lado de um moletom branco e outras roupas. (Como se para expressamente *evitar* aquela pilha, uma meia-calça preta feminina estava pendurada nas costas da outra cadeira de praia.) Uma garota beijara uma parede usando batom preto. Um violão estava apoiado no canto ao lado de uma velha mochila de ciclista, várias coisas manuscritas no nylon vermelho desbotado.

Fui ler: *Caso isto se perca, devolver com todo o seu conteúdo para Hopper C. Cole, rua Todd 90, Mission, Dakota do Sul, 57555.*

Hopper Cole, de Dakota do Sul. Ele estava longe para cacete de casa.

Rabiscado acima disso, ao lado do telefone código 310 de uma mulher chamada Jade e um olho egípcio feito à mão, estavam as palavras: “*But now I smell the rain, and with it pain, and it’s heading my way. Sometimes I grow so tired. But I know I’ve got one thing I got to do. Ramble on.*”

Então ele era fã do Led Zepellin.

Hopper saiu do quarto com um envelope pardo. Com um olhar desconfiado, ele o entregou a mim.

Estava endereçado a *HOPPER COLE, RUA LUDLOW 165, 3B* — tudo em letras maiúsculas feitas com pilot preto. Havia sido selado e enviado de Nova York em 10 de outubro daquele ano. O último dia em que Ashley Cordova fora vista viva pela garota do guarda-volumes do Four Seasons. Não havia nome do remetente, apenas *RUA MOTT 9* — o endereço do armazém onde o corpo de Ashley fora encontrado.

Surpreso, olhei para Hopper, mas ele não disse nada, apenas me encarou, como se aquilo fosse algum tipo de teste.

Tirei o que havia ali dentro. Era um macaco de pelúcia, velho, com pelo marrom embaraçado, costuras saindo dos olhos, uma boca de feltro vermelho pela metade, pescoço flácido, provavelmente por causa da mão de alguma criança que o apertou com força. A coisa toda estava coberta de lama vermelha seca.

— O que é isto? — perguntei.

— Nunca viu isso antes? — retrucou.

— *Não*. De quem é?

— Não faço ideia. — Ele se afastou, jogou o edredom azul para o lado e se sentou no sofá.

— Quem mandou isso?

— *Ela*.

— Ashley.

Ele confirmou com um aceno de cabeça e depois, se inclinando para a frente, pegou o pacote de papel de enrolar cigarro na mesa e tirou um.

— Por quê? — perguntei.

— Algum tipo de brincadeira doentia.

— Então você *era* amigo dela.

— Não exatamente — disse ele, esticando a mão sobre a mesa para alcançar o casaco cinza, procurando o maço de Marlboro nos bolsos. — Não éramos amigos. Acho que éramos *conhecidos*. Só que mesmo isso é um exagero.

— Onde a conheceu?

Ele se recostou, tirando um cigarro.

— Acampamento.

— Acampamento?

— É.

— Qual *acampamento*?

— Six Silver Lakes Wilderness Therapy, em Utah. — Ele me olhou de relance, tirando o cabelo de cima dos olhos enquanto começava a dissecar o cigarro, soltando o filtro do papel. — Você já *ouviu falar* dessa instituição de primeira linha.

— Não.

— Então está perdendo. Se tem filhos, eu recomendo bastante. Especialmente se quiser que seu filho cresça e se torne um maníaco americano.

Não me preocupei em esconder minha surpresa.

— Você conheceu Ashley lá?

Ele assentiu.

— Quando?

— Eu tinha dezessete anos. Ela tinha, tipo, *dezesseis*. Verão de 2003.

Isso dava 25 anos a Hopper.

— É um daqueles golpes de terapia juvenil — continuou ele, colocando um bocado de tabaco Golden Virginia ao longo do papel de enrolar. — Eles anunciam ajuda para seu adolescente problemático por meio da observação de estrelas e de canções folk espirituais. Em vez disso, um bando de loucos barbados fica encarregado de alguns dos garotos mais malucos que vi em minha vida: bulímicos, ninfomaníacos, suicidas tentando serrar os pulsos com as colheres plásticas do almoço. Você não acreditaria nas merdas que acontecem lá. — Ele balançou a cabeça. — A maioria dos garotos estava tão fodida mentalmente por causa dos pais que precisava de mais do que doze semanas na *natureza*. Precisava de reencarnação. *Morrer* e simplesmente voltar como um gafanhoto, a porra de uma *erva daninha*. Isso seria preferível à agonia que eles sentiam apenas por estarem vivos.

Disse isso com uma rebeldia tão grande que imaginei que não estava falando de nenhum dos campistas, mas dele mesmo. Contornei o moletom

branco no chão até uma das cadeiras de praia — aquela com a meia-calça pendurada no encosto — e me sentei.

— Imagine onde eles acham os monitores — continuou Hopper, enfiando o filtro no final, se curvando para lamber o papel. — Provavelmente na ilha Rikers. Havia um garoto asiático gordo... Orlando? Eles o *torturaram*. Era uma espécie de batista, então estava sempre falando de Jesus. Eles o deixaram sem comer. O garoto nunca tinha passado dez minutos na vida sem um bolinho. Não conseguia acompanhar, teve *insolação*. *Mesmo assim* continuaram dizendo que tinha de encontrar a força interior, pedir ajuda a Deus. Deus estava ocupado. Não tinha nada para ele. A coisa toda era um *Senhor das moscas* com esteroides. Ainda tenho pesadelos.

— Por que você estava lá?

Ele se recostou no sofá, entretido. Enfiou o cigarro enrolado à mão no canto da boca, acendendo-o. Tragou, fazendo careta, e exalou um comprido jorro de fumaça.

— Meu tio — disse ele, esticando as pernas. — Eu tinha viajado com minha mãe pela América do Sul para a merda do culto missionário no qual ela estava envolvida. Fugi daquela porra de lugar. Meu tio mora no Novo México. Contratou um capanga para me caçar. Eu estava na casa de um amigo em Atlanta. Certa manhã, enquanto eu comia cereal, parou uma van marrom. Se a banda Grim Reaper tivesse rodas, seria *aquela* coisa. Sem janelas, a não ser duas na porta de trás, atrás da qual você sabia que um garoto inocente havia sido sequestrado e, tipo, *decapitado*. Depois só sei que estava nos fundos com um enfermeiro. — Ele balançou a cabeça. — Se *aquela* cara era um enfermeiro formado, então sou uma merda de um deputado.

Fez uma pausa para dar outro trago no cigarro.

— Eles me levaram para o acampamento base em Springdale. Parque Nacional Zion. Você treina lá por duas semanas com seus colegas campistas fodidos, fazendo filtros de sonhos de índios americanos e aprendendo a esfregar um sanitário com seu cuspe; habilidades *realmente vitais*, sabe? Depois o grupo parte para uma caminhada de dez semanas pela natureza, acampando em seis lagos diferentes. A cada lago estamos supostamente nos

aproximando mais de Deus e da autovalorização, só que na realidade você está se aproximando mais de se tornar um psicopata por causa de todas as merdas enlouquecedoras a que é exposto.

— E Ashley era uma acampada.

Ele confirmou com um gesto de cabeça.

— Por que ela estava lá?

— Não faço *ideia*. Esse era o grande mistério. Ela só apareceu no dia em que estávamos partindo para a caminhada de dez semanas. Na noite anterior, os monitores anunciaram que chegaria uma pessoa de última hora. Todos ficaram putos, porque aquilo significava que, quem quer que fosse, tinha conseguido pular o treinamento básico, o que fazia *Nascido para matar* parecer *Vila Sésamo*. — Ele fez uma pausa, balançando a cabeça, e depois, me encarando, sorriu de leve. — Mas quando a vimos ficamos de queixo caído.

— Por quê?

Ele olhou para a mesa.

— Ela era *gostosa*.

Pareceu prestes a acrescentar algo, mas em vez disso se inclinou para a frente e apagou o cigarro.

— Quem a deixou lá? — perguntei.

Ele ergueu os olhos para mim.

— Não sei. Na manhã seguinte, no café, ela simplesmente estava *lá*. Sentada sozinha em uma das mesas de piquenique no canto, comendo um pedaço de pão de milho. Tinha tudo arrumado e estava pronta para partir, com uma bandana vermelha no cabelo. Nós estávamos totalmente desorganizados, correndo de um lado para outro como galinhas perturbadas para se aprontar. Finalmente partimos.

— E você se apresentou — sugeri.

Ele negou com a cabeça, batendo o cigarro em um prato.

— Não. Ela ficou sozinha. Obviamente todo mundo sabia quem era o pai dela e que ela era a garotinha de *Respirando com reis*, então as pessoas ficavam em cima dela. Mas ela deu um gelo em todo mundo, sem dizer nada além de sim e não. — Ele deu de ombros. — Não era como se estivesse

amuada. Apenas não queria fazer amizades. Em pouco tempo havia ressentimento, especialmente por parte das garotas, devido a todas as dispensas que ela recebia dos monitores. Toda noite ao redor da fogueira tínhamos de transformar em poesia todas as merdas que tínhamos feito para cair ali. Invasão de domicílio. Tentativas de suicídio. Drogas. Os prontuários de alguns daqueles garotos eram mais longos do que *Guerra e paz*. Ash nunca precisou dizer *nada*. Eles a pulavam, sem explicação. A única pista era aquela atadura elástica na mão dela, que tinha desde que chegou. Após umas duas semanas de caminhada ela a tirou, revelando uma feia marca de queimadura. Nunca disse do que era.

Fiquei surpreso de ouvir aquilo. *Aquela* marca de queimadura, e a tatuagem no pé, foram mencionadas no boletim de desaparecimento como as únicas marcas identificáveis.

— Com dois dias de caminhada fizemos uma aposta — continuou Hopper. — O primeiro garoto que conseguisse ter uma conversa com Ashley que durasse mais de quinze minutos ganharia os dois comprimidos de ecstasy que um dos meninos de Los Angeles, Joshua, contrabandeara na ponta oca do cadarço de sua bota de caminhada. — Ele inclinou a cabeça para trás, soprando depressa a fumaça para o teto. — Decidi segurar, me preparar, deixar os outros guerrearem. E fizeram isso. Ashley se esquivou de todos. Um por um.

— Até você surgir — falei.

Era fácil imaginar: dois adolescentes lindos se encontrando na natureza selvagem da adolescência, duas orquídeas brotando no deserto.

— Na verdade, exatamente o *oposto*. Ela também se esquivou de *mim*.

Eu o encarei e disse:

— Está brincando.

Ele negou com a cabeça.

— Mais ou menos uma semana após todos os outros terem tentado e se dado mal, eu fiz minha tentativa. Ashley sempre andava atrás, então fiz isso. Perguntei de onde ela era. Ela disse Nova York. Depois disso, foram apenas respostas de uma palavra e um gesto de cabeça. Bola fora.

Ele apagou o cigarro na mesa de centro e o jogou em cima das outras guimbas, voltando a se sentar no sofá.

— Ashley não falou com ninguém durante *dez semanas*? — perguntei.

— Bem, ela falou. Mas nada além do indispensável. Todos desmoronavam em algum momento, tinham seus quinze minutos de *Um sonho de liberdade* em que uivavam para o céu. A caminhada, os monitores, os voyeurs, isso faz você contar toda a merda do seu passado. Todos desmoronam. Metade disso era verdade e metade era para tirar os caras do seu pé. Todo mundo teve sua chance de ser indicado ao Oscar, berrando sobre pais, sobre como só queriam ser *amados*. Menos Ashley. Ela nunca chorou, nunca se queixou. *Nenhuma vez*.

— Alguma vez mencionou a família?

— Não.

— E quanto ao pai?

— Nada. Ela era como a esfinge. Nós a chamávamos assim.

— Então foi só isso? — perguntei.

Ele negou com a cabeça, pigarreando.

— Após três semanas de caminhada, Orlando, o asiático gordo, estava *péssimo*. Tão queimado de sol que tinha bolhas no rosto todo, e os monitores deram a ele um frasco de loção de calamina. Com rosto inteiro lambuzado de uma merda rosa, chorando o tempo todo, ele parecia um leproso. Então certa noite, Joshua deu a ele um dos comprimidos de ecstasy, um *presente*, sabe, para animá-lo. Ele deve ter tomado quando partimos na manhã seguinte, porque às nove horas Orlando tinha perdido completamente a *cabeça*, abraçando as pessoas, dizendo que eram bonitas, com as pupilas dilatadas, deslizando os pés como se fosse John Travolta em um concurso de *twist*. Em certo momento o perdemos, tivemos que voltar e o encontramos rodopiando em um campo, sorrindo para o céu. Pena de Falcão, o monitor-chefe, ficou furioso.

— *Pena de Falcão*? — repeti.

Ele deu um sorrisinho.

— Os monitores insistiam em se dirigir uns aos outros por nomes de tribos nativas americanas, embora a maioria fosse branca, gorda e quase tão

da terra quanto um Big Mac. Pena de Falcão, um daqueles babacas cristãos rígidos, afastou-se com Orlando, exigindo saber o que ele tinha tomado e como conseguira as drogas. Orlando estava tão doido que só conseguia rir e dizer: “É só um Tylenolzinho, é só um Tylenol.”

Não pude deixar de rir. Hopper também sorriu, embora a diversão logo tenha sumido de seu rosto.

— Naquela noite todo mundo estava se cagando de medo — continuou, afastando o cabelo dos olhos. — Não queríamos saber o que Pena de Falcão iria fazer com Orlando ou com o restante de nós em sua missão de descobrir quem tinha contrabandeado o ecstasy. Naquela noite, anunciou que, se alguém não se apresentasse para explicar quem trouxera o ecstasy, ele iria transformar nossas vidas em um inferno. Todo mundo ficou assustado. Ninguém disse nada, só que eu sabia que era apenas uma questão de tempo até alguém dedurar Joshua. Mas de repente uma voz baixa anuncia: “*Fui eu.*” Todos nos viramos. Ninguém podia acreditar naquilo.

Ele ficou em silêncio, ainda espantado, mesmo naquele momento.

— Era Ashley — falei, quando ele não prosseguiu.

Ele olhou para mim, o rosto solene.

— É. De início, o Pena de Falcão não acreditou nela. Ashley tinha todo aquele tratamento preferencial. Mas então ela mostrou o *segundo* comprimido de ecstasy, que tinha de alguma forma roubado da bota de caminhada de Joshua. Disse que aceitaria qualquer punição que ele tivesse em mente. — Ele balançou a cabeça. — Pena de Falcão ficou louco de raiva. Ele a agarrou e a arrastou para fora do acampamento. Acabou levando-a para algum lugar distante no meio do nada e a obrigou a ficar lá só com o saco de dormir, totalmente sozinha. Não tinha permissão para voltar até ele ir buscá-la.

— Ninguém desafiou esse cara? — perguntei. — E quanto aos outros monitores?

Ele deu de ombros.

— Tinham medo dele. Estávamos longe da civilização. Era como se não houvesse leis.

Ele estendeu a mão e pegou o maço de Marlboro na mesa, tirando outro cigarro.

— A outra parte da punição foi armar todas as barracas e coletar madeira. Não podíamos ajudar. Como ela era lenta, Pena de Falcão berrava. Ela só o encarava com uma expressão vaga, como se não desse a mínima, como se fosse muito mais forte do que ele, o que só o deixava ainda *mais* puto. Ele finalmente desistiu. Um dos outros monitores o alertou de que estava indo longe demais. Então depois de sete noites dormindo sozinha, ela foi autorizada a se juntar a nós no acampamento.

Ele sorriu, com uma expressão intraduzível. Depois balançou a cabeça e acendeu o cigarro, soltando a fumaça em seguida.

— Na primeira noite de sua volta fomos todos acordados às três da manhã porque Pena de Falcão berrava como se estivesse sendo *esfaqueado*. Saiu correndo da barraca apenas de cueca, aquele cretino gordo balbuciando como uma criança, gritando que havia uma cascavel em seu saco de dormir. Todos acharam que era uma brincadeira, que ele tivera um pesadelo. Mas uma das monitoras, Quatro Corvos, entrou, apanhou o saco de dormir, abriu o zíper bem na nossa frente e sacudiu. E de fato uma *cascavel*, de um metro e meio, caiu no chão e disparou pelo acampamento, desaparecendo na escuridão. Pena de Falcão, branco como um lençol, quase mijando nas calças, se virou e olhou *direto* para Ashley. E ela olhou de volta. *Ele* não disse *nada*, mas sei que achava que tinha sido ela que a colocara lá. Todos achávamos.

Ficou em silêncio por um momento, olhando para a sala.

— Depois disso ele nos deixou em paz. E Orlando? — Ele fez uma pausa e engoliu em seco. — Ele *conseguiu*. Suas queimaduras de sol curaram. Parou de chorar. Ele se tornou tipo um *herói*. — Hopper fungou e limpou o nariz. — Quando finalmente voltamos ao acampamento base, deveríamos passar uma noite juntos de mãos dadas, celebrando nossas realizações; que era mais, tipo, agradecer a Deus por não termos *morrido*. Porque essa era a questão, o tempo todo, a morte era uma possibilidade. Tipo, estava sempre esperando por nós atrás das pedras. E a pessoa que impediu isso foi Ashley.

Eu não conseguia ver a expressão dele, que olhava para o chão, o cabelo na frente dos olhos.

— Mais ou menos uma hora antes do jantar — continuou ele —, olhei pela janela da barraca e a vi subindo em um SUV preto. Estava saindo mais cedo. Fiquei decepcionado. Queria tentar falar com ela. Mas era tarde demais. Um motorista pegou as coisas dela, colocou-as na traseira e eles partiram. Foi a última vez que a vi.

Ergueu a cabeça, me encarando de forma desafiadora, mas sem dizer nada.

— Nunca mais teve notícias dela?

Negou com um aceno de cabeça, apontando com o cigarro para o envelope em minha mão.

— Não até *isso*.

— Como sabe que foi ela que mandou?

— É a letra dela. E o endereço do remetente foi onde... — Ele deu de ombros. — Achei que estava brincando comigo. Umas duas noites atrás, invadi o local pensando se havia algum tipo de mensagem ou *senal* lá dentro. Mas não encontrei nada.

Ergui o macaco de pelúcia.

— O que significa?

— Nunca vi isso antes. Eu lhe *disse*. — Ele apagou o cigarro.

— Não tem nenhuma ideia sobre por que ela mandou isso?

Ele cravou os olhos em mim.

— Eu meio que esperava que *você* tivesse. Você é o repórter.

A lama vermelha grudada no bicho de pelúcia parecia do tipo encontrado no oeste, certamente em Utah, o que me fazia pensar que talvez tivesse pertencido a um dos garotos do acampamento — talvez ao próprio Hopper. Mas ele parecia alguém do tipo que levaria um exemplar gasto de *On the road* como brinquedo predileto.

Foi útil essa visão dele do caráter de Ashley. Permitira que ela ficasse em foco por um breve momento, revelando-a como uma espécie de anjo vingador feroz, uma *persona* totalmente coerente com o modo como tocava música. Não conseguia imaginar por que teria enviado o macaco para Hopper pelo correio no dia em que morreu — caso *tivesse* sido ela.

Hopper parecia ter caído em um humor irritadiço, afundado no sofá, de braços cruzados, a camiseta branca desbotada — GIFFORD'S FAMOUS ICE CREAM, dizia — retorcida em seu corpo. Ele me lembrava de um caroneiro adolescente que eu conhecera em El Paso; éramos os únicos no balcão de um restaurante ao nascer do dia. Depois de termos conversado, trocado histórias, ele se despediu, pegando uma carona com o motorista de um caminhão-tanque. Quando me levantei para pagar a conta percebi que ele tinha roubado minha carteira. *Nunca confie em um andarilho carismático.*

— Talvez tenha algo dentro — sugeri, virando o bicho de pelúcia.

Peguei meu canivete, fazendo uma incisão nas costas do macaco. Tirei o enchimento, amarelado e ressecado, tateando o interior. Não havia nada.

Percebi que meu celular estava tocando, código de área 407.

— Alô?

— Gostaria de falar com o sr. Scott McGrath.

Era uma mulher, voz animada e musical.

— É ele.

— Aqui é Nora Halliday. Do guarda-volumes. Estou na Quarenta e cinco com Décima primeira avenida. Na lanchonete Pom Pom. Você pode vir? Precisamos conversar.

— Quarenta e cinco com Décima primeira. Em quinze minutos.

— Certo.

Desligou. Balançando a cabeça, eu me levantei.

— Quem era? — perguntou Hopper.

— A garota do *guarda-volumes*, última pessoa a ver Ashley viva. Ontem ela quase mandou me prender. Hoje quer *conversar*. Tenho que ir. Enquanto isso, o macaco vai ter que esperar.

— Tudo bem — disse, pegando o bicho volta, lançando um olhar desconfiado para mim e desaparecendo no quarto com o pacote.

— Obrigado por seu tempo — falei por sobre o ombro. — Entrarei em contato se souber de algo.

Mas de repente Hopper estava indo para o saguão atrás de mim, se ajeitando no casaco cinza.

— Ótimo — disse.

Trancou a porta e desceu as escadas.

— Para onde está indo?

— Quarenta e cinco com Décima primeira. Tenho que encontrar a garota do *guarda-volumes*.

Enquanto os passos dele ecoavam pela escadaria, me censurei por mencionar para onde estava indo. Eu trabalhava *sozinho*, sempre foi assim.

Mas então — comecei a descer a escada — talvez não fosse uma ideia tão horrível fazer parceria com ele, *desta* vez. Havia mecânica quântica, teoria das cordas e ainda a fronteira mais perturbadora do mundo natural, *mulheres*. E pela minha experiência com esse tema espinhoso — que incluía décadas de tentativa e erro, com inúmeros anos de resultados lamentáveis (Cynthia), a triste percepção de que eu nunca seria referência nesse campo, apenas outro cientista mediano —, elas realmente tinham só uma constante identificável: perto de caras como Hopper, icebergs se transformavam em poças.

— *Legal* — gritei. — Mas eu que vou falar.

A POM POM era uma lanchonete nos moldes antigos, estreita como um vagão de trem.

Nora Halliday estava sentada nos fundos junto a uma foto de Manhattan que ocupava toda a parede. Ela estava jogada no assento, bem afundada, suas pernas magricelas esticadas à frente. Mas não estava apenas *sentada* no nicho. Parecia ter pagado o aluguel do primeiro e do último mês, mais um depósito de segurança, mais a comissão exorbitante de um corretor, assinado um contrato de aluguel e se mudado *para* o nicho.

De um lado dela havia duas gigantescas sacolas de compras da Duane Reade, do outro, uma sacola de papel pardo da Whole Foods e uma grande bolsa de couro cinza, aberta e escancarada como um tubarão estripado, dentro da qual era possível ver tudo o que ele ingerira naquela manhã: *Vogue*, um suéter verde ainda preso a agulhas de tricô, tênis, fones brancos da Apple enrolados não em um iPod, mas em um *Discman*. *Poderia muito bem ser em um gramofone.*

Ela não nos notou indo na sua direção, pois seus olhos estavam fechados e ela sussurrava sozinha — aparentemente tentando decorar o bloco de texto da peça em suas mãos. Na mesa à sua frente havia um prato de torradas pela metade, flutuando como um barco em uma poça de calda.

Ela ergueu os olhos para mim, depois para Hopper. No mesmo instante — provavelmente por causa da boa aparência dele — se empertigou.

— Este é Hopper — apresentei. — Espero que não seja problema ele se juntar a nós.

Hopper não disse nada, apenas deslizou para o assento à frente dela.

Ela vestia um traje estranho: calça jeans gasta saída de um filme dos anos 1980, um suéter de lã de um rosa que doía os olhos, luvas de lã pretas sem

dedos, batom em um tom lívido de vermelho. Diferentemente da noite anterior, seu cabelo louro-claro estava solto, dividido no meio e surpreendentemente comprido, chegando aos cotovelos, repicado nas pontas.

— Então você é atriz? — perguntei, deslizando para o lado de Hopper.

Ela sorriu, assentindo.

— No que você atuou? — perguntou Hopper.

Isso fez com que os olhos dela se dirigissem, confusos, para ele, depois retornassem a mim. Até mesmo *eu* sabia que essa era uma das perguntas mais rudes a se fazer a um ator.

— Nada. *Ainda*. Sou atriz há apenas cinco semanas. É o tempo que estou na cidade.

— De onde você veio? — perguntei.

— Saint Cloud. Perto de Narcoossee.

Eu só pude assentir, já que não sabia onde ficava *Narcoossee*. Soava como uma reserva indígena com cassino onde você podia jogar dados e ver uma sócia de Crystal Gayle cantar “Brown Eyed Blue”. Mas Nora sorriu sem vergonha, fechando a peça, tocando a capa como se fosse uma bíblia sagrada — mas era *Sucesso a qualquer preço*, de David Mamet.

— Desculpe ter sido tão rude na noite passada — disse.

— Desculpas aceitas — respondi.

Franzindo o cenho de leve, passou as mãos cuidadosamente sobre a superfície da mesa, jogando algumas migalhas de torrada no chão. Depois se virou e abriu a sacola da Whole Foods, dando uma olhada dentro como se houvesse algo vivo. Enfiou as mãos nela e tirou delicadamente um grande pacote vermelho e preto, colocando-o na mesa e deslizando-o na minha direção.

Eu o reconheci imediatamente.

Era um casaco de mulher. E por um momento a lanchonete e tudo nela se dissolveram. Só havia aquela peça de roupa, tão violentamente *vermelha*, me encarando. Parecia um figurino, decorado, levemente russo — lã vermelha, punhos de couro preto, cordões pretos na parte da frente.

A mulher que eu encontrara no Reservoir do Central Park semanas antes vestia isso.

O cabelo escuro encharcado, andar a passo lento para dentro e fora da luz, o casaco brilhando como uma chama, me alertando para... *O quê?* Será que ela estava apenas brincando comigo? O modo como a mulher conseguira me seguir tão depressa até o metrô desafiava a lógica. O incidente fora tão bizarro que quando fui para casa naquela noite não consegui dormir, contaminado pela estranheza dele. Pulei da cama várias vezes para abrir as cortinas, meio que esperando que ela estivesse lá, sua forma esguia como um corte vermelho na calçada, o rosto virado para mim, com olhos severos. Chegara a duvidar da minha sanidade, a cogitar se o que eu *via* realmente *existia*: as dificuldades dos anos anteriores finalmente tinham levado a uma ruptura mental com a realidade e naquele momento, comportas abertas, não haveria limite para os demônios que eu iria encontrar. Eles simplesmente se arrastariam da minha cabeça para o mundo.

Mas a calçada não tinha fenda vermelha alguma. A rua, a noite, permaneciam impecáveis e imóveis.

Na verdade eu já começara a esquecer todo o episódio — *até aquele momento*.

Era Ashley Cordova.

A compreensão era chocante, e a isso se seguiu rapidamente a sensação paranoica de que havia algo errado, incluindo aquela desajeitada garota do guarda-volumes. Ela tinha de estar envolvida em alguma espécie de trama. Mas a garota apenas sorria inocentemente de volta para mim. Hopper, por outro lado, deve ter visto algo em meu rosto — choque completo —, porque me olhava desconfiado.

— O que é isto? — perguntou ele, apontando com a cabeça para o casaco.

— O casaco de Ashley — disse Nora. — Ela estava vestindo isso quando foi ao restaurante. — Em seguida, pegou garfo e faca e cortou a torrada. — Ela o deixou comigo. Quando a polícia apareceu depois, perguntando por ela, dei a eles um casaco preto dos achados e perdidos e disse que era o de Ashley. Se descobrissem que eu havia mentido, diria que tinha misturado os recibos. Mas eles nunca voltaram.

Hopper puxou o casaco, o desdobrou e o segurou pelos ombros. Apesar de toda a costura elaborada, o casaco parecia gasto, cheirava a cidade, a vento

sujo, a suor. O interior era forrado de seda preta, e percebi, costurada na parte de trás do colarinho, uma etiqueta roxa. LARKIN, dizia em letras pretas. Rita Larkin era a antiga figurinista de Cordova. Estava prestes a mencionar esse detalhe quando notei que havia um fio de *cabelo* escuro grudado na manga em um S alongado.

— Por que você mentiu para a polícia? — perguntou Hopper a Nora.

— Vou lhes dizer, rapazes. Com uma condição. Quero fazer parte da investigação. — Ela olhou para mim. — Na noite passada você disse que estava investigando Ashley.

— Não é nada assim tão formal — falei, pigarreando, conseguindo desviar o olhar do casaco e olhar para Nora. — Na verdade estou investigando o pai dela. E Hopper por acaso está aqui hoje. Não somos parceiros.

— Somos, sim — contestou ele, me lançando um olhar. — *Com toda a certeza*. Bem-vinda ao *time*. Seja nosso maldito *masquete*. Por que você mentiu para a polícia?

Nora olhou para ele, desconcertada com sua intensidade. Depois olhou para mim, esperando pela minha resposta.

Eu não disse nada, porque estava me ajustando ao sentido daquilo, daquele encontro com Ashley. Respirei fundo, tentando pelo menos *fingir* que levava em consideração seu pedido. Só para constar: nem morto eu um dia contrataria um assistente — muito menos uma que acabara de sair engatinhando do interior da Flórida.

— Isto não é a grande aventura da sua vida — falei. — Não sou Starsky. Ele não é Hutch.

— Se eu não estiver envolvida do começo ao fim quando descobrirmos *quem* ou o *que* fez Ashley morrer *antes do tempo* — articulou ela, de forma decisiva, como se tivesse ensaiado sessenta vezes diante do espelho do banheiro —, então não vou contar como estava ou o que ela *fez*, e vocês dois podem se danar. — Puxou o casaco de volta e começou a enfiá-lo na sacola.

Hopper me olhou, ansioso.

— Não há necessidade de ser tão rígida sobre isso — falei.

Ela me ignorou.

— *Certo*. Você pode trabalhar conosco — eu disse.

— Jura? — perguntou ela, sorrindo.

— Juro.

Ela estendeu a mão, e eu a apertei — cruzando os dedos mentalmente.

— Era uma noite tranquila — começou, ansiosa. — Passava das dez. Não havia ninguém no saguão. Ela entrou direto vestindo *aquilo*, então eu a notei, claro. Era *bonita*. Mas muito magra, com olhos quase claros. Olhou diretamente para mim, e meu primeiro pensamento foi: *Ah, uau, ela é bonita*. O rosto dela estava mais em foco do que tudo no salão. Mas assim que se virou e começou a andar na minha direção, senti medo.

— Por quê? — perguntei.

Ela mordeu o lábio.

— Era como se você olhasse nos olhos dela e a parte humana estivesse destacada, como se outra coisa espreitasse.

— Tipo *o quê*? — estimulou Hopper.

— Não sei — disse ela, baixando os olhos para o próprio prato. — Ela não parecia piscar. Nem sequer *respirar*. Nem quando tirou aquele casaco vermelho, quando o entregou a mim, ou quando entreguei a ela o tíquete. Enquanto o pendurava no cabideiro, podia sentir os olhos dela em mim. Quando me virei, *achei* que ela ainda estaria de pé ali, mas já estava desaparecendo escada acima.

Eu testemunhara o mesmo movimento perturbador quando ela aparecera de repente no metrô.

— Naquele momento, outras pessoas entraram. Enquanto eu recolhia os casacos, notei que ela descia as escadas. Saiu sem olhar para mim. Imaginei que tivesse saído para fumar. Não a vi voltar, então pensei que eu estivera tão ocupada que não notara, mas no final da noite o casaco vermelho dela ainda estava pendurado lá. O único que restara.

Ela tomou um rápido gole de água.

— Três dias se passaram — continuou. — Toda noite, quando fechava o guarda-volumes, eu colocava o casaco dela nos achados e perdidos. No dia seguinte, o tirava de lá e o pendurava. Tinha *certeza* de que voltaria para pegá-lo. Mas também tinha medo disso. — Ela fez uma pausa, colocando o

cabelo atrás das orelhas. — No final do meu expediente na quarta noite, estava frio lá fora, e eu só tinha este casaco azul-marinho. Então, depois de fechar, em vez de recolocar o casaco dela nos achados e perdidos, eu o vesti e saí com ele. Poderia ter pegado qualquer um dos achados e perdidos. Mas peguei o dela.

Nora baixou os olhos para as mãos, o rosto vermelho.

— No dia seguinte, quando cheguei ao restaurante, a polícia estava lá. Eles me viram entrar vestindo o casaco dela. Quando me contaram o que havia acontecido, eu fiquei muito chateada *com o que eu tinha feito*. Fiquei com medo de que eles pudessem achar que eu tinha algo a ver com aquilo. Então peguei o casaco Yves Saint Laurent dos achados e perdidos e disse que *aquela* era o dela. — Ela inspirou de forma inquieta. — Eu tinha certeza de que eles iam descobrir que eu tinha mentido, iam mostrar o casaco à família dela. Mas... — Ela balançou a cabeça. — Ninguém voltou para me perguntar nada. Não até agora, pelo menos — Ela olhou para mim. — Só *você*.

— O que mais Ashley estava usando? — perguntei.

— Calça jeans, botas pretas, uma camiseta preta com um anjo na frente.

As mesmas roupas que vestia quando morreu.

— Ela falou com você? Mencionou se iria encontrar alguém?

Nora negou com a cabeça.

— Eu disse meu boa-noite habitual e “Irá jantar conosco?”. Há um pequeno roteiro que eles gostam que você decore para ser receptiva. Mas ela não respondeu. Toda noite, desde que a vi, mesmo antes de saber que ela tinha morrido, eu tenho tido pesadelos. Sabe aqueles que fazem você acordar depressa e há sons ecoando pelo quarto, mas você não tem ideia do que lhe fez gritar?

Ela realmente estava esperando por uma resposta, então assenti.

— Foi o que *eu tive*. E minha avó materna Eli disse que os Edge estão sintonizados com coisas da quarta e da quinta dimensões.

Senti que era obrigado a intervir naquele momento antes que ela nos presenteasse com mais sabedoria da vovó Eli. Sorri.

— Bem, vou examinar tudo e entrarei em contato.

— Primeiro temos que trocar telefones — disse Nora.

Ela e Hopper trocaram informações. Eu estava começando a pensar em como iria me *ejetar* dali quando Nora conferiu o relógio e deu um guincho, saindo apressada do nicho.

— Droga. Estou atrasada para o trabalho. — Ela pegou a conta, vasculhando a bolsa. — Ah, *não*. — Olhou para mim, mordiscando uma unha. — Deixei minha carteira em casa.

— Não se preocupe, cuido disso.

— Mesmo? Obrigada. Pode deixar que vou lhe pagar.

Se *isso* indicava seu talento de atriz, nem mesmo uma novela matinal de TV a contrataria. Ela fechou o zíper da bolsa, a pendurou no ombro e agarrou a sacola da Whole Foods.

— Posso ficar com o casaco. Assim não precisará carregar tanta coisa.

Ela me olhou com uma ponta de desconfiança, mas depois reconsiderou, me passando a sacola.

— Vejo vocês mais tarde — falou alegremente ao ir embora, com as sacolas batendo em suas canelas. — E obrigada pelo café da manhã.

Saí do nicho e, conferindo a conta, vi que a garota na verdade havia consumido *duas* refeições: as torradas com café, mas também ovos mexidos, uma porção de bacon, meio grapefruit e suco de cranberry. *Então aquela Dame Dench magrela tinha o apetite de um lutador de sumô*. Devia ser o motivo pelo qual ela decidira falar, para que eu subsidiasse seu café da manhã.

— O que achou? — perguntou Hopper, deslizando atrás de mim.

Dei de ombros.

— Jovem e impressionável. Provavelmente inventou a maior parte.

— Certo. Por isso você parecia tão entediado e quase tropeçou nos próprios pés para colocar as mãos naquele casaco.

Não disse nada, apenas tirei duas notas de vinte da carteira.

— Para começar, ela não tem onde morar — falou, olhando pela janela para onde Nora Halliday e suas muitas sacolas ainda podiam ser vistas, lá longe do outro lado da rua de quatro pistas.

Estava usando o reflexo espelhado de um prédio para prender o cabelo em um rabo de cavalo. Depois pegou as sacolas e sumiu atrás de um

caminhão de entregas.

Com uma última olhada severa para mim — claramente indicando que não confiava em mim *ou* que gostava especialmente de mim —, Hopper levou o telefone ao ouvido.

— Fique de olhos abertos, Starsky — disse ele, saindo.

Eu me demorei, esperando que ele passasse pela janela. Duvidei de que o veria novamente. Quando Nova York entrasse em ação, ambos ficariam pelo caminho.

Isso era algo magnífico sobre esta cidade: era inerentemente maquiavélica. Raras vezes era preciso se preocupar com *conduzir*, *acompanhar*, seguir os líderes ou com qualquer consistência nas pessoas, pois maquinação alguma supera a *pura força* de viver aqui. Nova York atingia diariamente seus moradores como um grandioso dilúvio debilitante, e apenas os *mais fortes* — aqueles com uma *vontade* de Espártaco — permaneciam não apenas boiando, mas no curso certo. Isso dizia respeito tanto a trabalho quanto às vidas privadas. A maioria das pessoas, após apenas alguns meses, terminava muito longe de onde pretendia ir, presa em um espinheiro ou atoleiro enquanto tentava seguir direto para o oceano. Outros se afogavam totalmente (viravam viciados em drogas) ou atracavam (mudavam-se para Connecticut).

Mas ainda assim os dois haviam sido úteis.

Então naquela noite era Ashley Cordova. Achei que a decisão de investigar a morte dela tivesse sido minha, mas inacreditavelmente ela fora a mim primeiro, se fincara como uma farpa em meu inconsciente. Eu teria que rever a sequência de acontecimentos, mas me lembro de que o encontro no Reservoir foi um pouco mais de uma semana antes da morte dela. Quando a vi deve ter sido só alguns dias *após* ter fugido da clínica de saúde mental, Briarwood Hall.

Como ela sabia que eu estaria lá? Ninguém sabia que eu corria no parque no meio da noite, a não ser Sam. Certa noite, meses antes, enquanto a colocava para dormir por telefone, ela reclamara que eu estava “muito longe” e eu respondera que *não*, pois ia ao bairro dela para correr. A cada volta podia olhar para sua janela e ver que estava na cama, segura e tranquila. Isso

foi uma *forção*, é claro. Eu via tanto o apartamento elegante de Cynthia e Bruce na Quinta Avenida quanto a Torre Eiffel, mas a ideia a agradara. Ela fechara os olhos sorrindo e adormecera imediatamente.

A única explicação possível, portanto, era a de que Ashley estivera me seguindo. Teria tomado conhecimento de mim depois do processo do pai. Era factível que me rastreasse de modo a me dizer algo, alguma coisa sobre seu pai — as palavras sinistras de John me vieram à cabeça imediatamente: *ele faz alguma coisa com as crianças* —, mas perdera a coragem.

Porém, depois do que Hopper me contara, timidez não parecia fazer parte da personalidade de Ashley. *Exatamente o contrário*.

Eu tinha de voltar à rua Perry: em primeiro lugar, para fazer acertos e dirigir rumo norte até Briarwood de modo a descobrir sobre a estadia de Ashley lá. Eu também queria verificar a URL do Blackboards que roubara do computador de Beckman.

Agarrei a sacola da Whole Foods, saindo da lanchonete. O sol lá fora espalhava uma luz forte sobre os carros que aceleravam pela Décima primeira avenida. Não serviu em nada para aliviar o desconforto que eu sentia com o fato simples e chocante de que o casaco vermelho, aquele toque vermelho-sangue na noite do Reservoir, aparecera uma última vez diante de mim.

Estava em minhas próprias mãos.



Bem-vindo a Blackboards

http://escadariadotune/8903-5493r89jdfj9w0129e61j77y*#||soberanomortifero perfeito.blackboards.onion



BEM-VINDO A BLACKBOARDS

Este é o maior buraco negro dos Cordovitas, onde o tempo volta, árvores decrescem, a luz come a si mesma, o medo é uma abertura e a vida é soberana, mortal, perfeita.

ALERTA: ESTE SITE CONTÉM IMAGENS FORTES DO MUNDO DE CORDOVA E DO MUNDO REAL. SE NÃO PUDER SUPORTAR, MANTENHA OS OLHOS FECHADOS.

ENTRAR >

Bem-vindo a Blackboards

[http://escadariadotune18903-5493r89jdfj9w0129e61j??*#\(\(\(soberanomortifero perfeito.blackboards.onion/perdi:](http://escadariadotune18903-5493r89jdfj9w0129e61j??*#(((soberanomortifero perfeito.blackboards.onion/perdi:)

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

**SEJA VOCÊ QUEM FOR,
NÃO DEVERIA ESTAR AQUI.
VÁ EMBORA.**

**VÁ EMBORA.
VÁ EMBORA.**

ENTRAR >

NA MANHÃ SEGUINTE, uma hora antes de partir para a viagem de três horas rumo norte até Briarwood, eu estava na minha cozinha preparando um novo bule de café quando ouvi uma batida na minha porta da frente.

Fui até o saguão e olhei pelo olho mágico.

Nora Halliday estava na minha porta.

Eu não sabia como ela tinha descoberto onde eu morava, mas depois me lembrei: o endereço estava naquele maldito cartão que lhe dera no Four Seasons. Alguém deve tê-la deixado entrar. Pensei em fingir que não estava em casa, mas ela bateu novamente, e eu sabia que as velhas tábuas de madeira do meu apartamento rangiam a cada passo; ou seja, ela era capaz de me ouvir ali de pé.

Destranquei a porta. Ela vestia uma jaqueta de lã preta justa com colarinho de penas de avestruz, meia-calça preta, botas e uma minissaia de nylon com estampa de zebra que parecia um traje de patinação artística dos Jogos Olímpicos de inverno de 1994. Não estava com sacolas de compras, apenas aquela bolsa de couro cinza, seu cabelo louro comprido em duas tranças enroladas ao redor da cabeça.

— Oi — cumprimentei.

— Oi.

— O que está fazendo aqui?

— Estou pronta para trabalhar.

— São oito da manhã.

Ela pegou algo crocante na barra da jaqueta.

— É, bem, achei que você talvez gostaria de trocar ideias com alguém.

Estava prestes a lhe dizer que voltasse no dia seguinte — quando então obviamente teria me mudado ou entrado em um programa de proteção a

testemunhas —, mas me lembrei da observação que Hopper fizera, sobre a garota não ter onde morar. Ela parecia pálida e exausta.

— Quer entrar e tomar uma xícara de café?

Ela ficou radiante.

— *Claro.*

— Estou quase saindo para um compromisso, então não posso demorar.

— Sem problemas.

— O que exatamente você está vestindo? — perguntei, conduzindo-a pelo saguão até a sala. — Sua mãe deixa você andar assim por aí?

— Ah, claro. Ela me deixa fazer tudo. Está morta.

Nora jogou a bolsa ao lado do sofá; tinha de conter pelo menos uma bola de boliche.

— Então aquela avó que você mencionou, ela não deixa você andar assim por aí.

— Eli? — disse, realmente pronunciando o nome de modo infernal: ÉÉ LI.

— Também está morta.

Algo me disse que eu devia parar antes que fizesse *pior*.

— E quanto ao seu pai?

Ela se inclinou para a frente para observar a pintura acima da lareira.

— Está em Starke.

— Starke?

— Prisão Estadual da Flórida. Eles têm uma Old Sparky lá.

Old Sparky — era o apelido da cadeira elétrica. Esperei que esclarecesse que o pai não estava destinado a *conhecer* a Old Sparky, mas ela foi até a estante, inspecionando os livros, deixando aquela conversa pendurada como a ponta de um festão que você não se deu o trabalho de prender.

— Como gosta do café? — perguntei, me retirando para a cozinha.

— Creme, duas pedras de açúcar. Mas só se não for trabalho demais.

— Não é trabalho algum.

— Você não teria algo para *comer*, teria?

Instalei a garota em minha sala com café, dois muffins tostados com manteiga e geleia, e um exemplar do meu livro *Carnavais de cocaína*. Após garantir que não havia nenhum dinheiro espalhado nem nada de valor com

que pudesse alimentar sua bolsa carnívora, voltei ao escritório para imprimir o mapa até Briarwood Hall.

Também tentei entrar novamente no site Blackboards, mas fui jogado de volta para a página de saída, como antes.

Pelo visto meu endereço de IP havia sido bloqueado.

Quando retornei à sala, Nora tinha se instalado. Tirara as botas, colocara um cobertor de lã sobre as pernas e esvaziara parte do conteúdo daquela bolsa em minha mesa de centro: duas peças teatrais, um batom, aquele discman malcuidado.

— Quem é C.L.M.? — perguntou ela, retornando algumas páginas até a dedicatória.

— Minha ex-mulher.

Ela ficou atônita.

— *Você* tem uma *ex-mulher*?

— Todo mundo tem, não?

— Onde ela está?

— Provavelmente malhando com o pessoal.

— Tem filhos?

— Uma filha.

Ela refletiu seriamente sobre isso. Imaginei que fosse um momento tão bom quanto qualquer outro para levantar a questão da moradia dela.

— Então onde exatamente você mora? — perguntei.

— Hell's Kitchen.

— Onde em Hell's Kitchen?

— Nona e, tipo, Cinquenta e dois.

— *Tipo* Cinquenta e dois?

— Acabei de me mudar, então esqueço qual é o cruzamento. Antes eu estava com um amigo. — Ela voltou a ler.

— Algum colega de quarto?

Ela não ergueu os olhos.

— Dois.

— E o que eles fazem?

— Como assim?

— São cafetões, viciados em drogas ou trabalham na indústria pornô?

— Ah, *não*. Quero dizer, não sei o que fazem durante o dia. Parecem legais.

— Quais os nomes deles?

Ela hesitou.

— Louisa e Gustav.

Pude perceber que aqueles eram nomes de colegas de quarto imaginários. Morando em Nova York por mais de duas décadas, nem uma única vez cheguei *perto* de conhecer alguém com esses nomes.

Conferi meu relógio. *Estava sem tempo para ser babá*.

— Tenho que sair para uma consulta médica — falei. — Então você precisa ir. Mas podemos conversar amanhã.

Peguei o prato e a caneca de café dela, enquanto Nora me observava com os olhos arregalados, e os levei para a cozinha, colocando-os no lava-louça.

— Obrigada pelo café — falou.

— Não precisa agradecer.

Houve um momento de silêncio bastante dúbio.

Estava prestes a dar uma olhada nela, mas então ouvi sua bolsa sendo aberta e fechada. Estava guardando suas coisas — *graças a Deus*. Mas eu sabia que só estava ganhando algum tempo; ela voltaria no dia seguinte. A garota era como um daqueles peixinhos que nadam sem parar sob a mandíbula de um grande tubarão branco *por quilômetros*. Eu teria que ligar para algum velho contato, alguém em um dos sindicatos ou bancos e torcer o braço do cara para que ela conseguisse um trabalho remunerado de doze horas por dia em algum banco em Jersey.

— O que é Shandaken? — gritou ela de repente.

— O quê? — perguntei, saindo da cozinha.

— Você tem um mapa para chegar a um lugar em *Shandaken*, Nova York.

Ela estava no saguão, inspecionando a pasta com os mapas para Briarwood e minha troca de e-mails com a diretora de internações, que eu colocara na mesa perto da sacola da Whole Foods com o casaco de Ashley.

— Você vai fazer um passeio pelas instalações? — perguntou ela, erguendo os olhos, assustada. — Que *instalações*?

Arranquei a pasta dela e, conferindo meu relógio — eu deveria estar na rodovia de New Jersey havia dez minutos —, fui a passos largos para o closet, pegando meu paletó preto e vestindo-o.

— Um hospital psiquiátrico. — Voltei para o saguão e apaguei as luzes.

— Por que você quer fazer um passeio por um hospital psiquiátrico?

— Por que pode ser que eu me *interne*. Nos falamos amanhã.

Agarrei os mapas e o braço ossudo de Nora, escoltando-a até a porta da frente e dando um leve *empurrão*, para que fosse para o lado de fora, então, saí depois dela e tranquei a porta.

— Você mentiu naquele e-mail — falou. — Disse que seu nome era Leon Dean.

— Um erro de digitação.

— Você está indo lá investigar Ashley.

Segui pelo saguão, Nora se apressando atrás de mim.

— Não.

— Mas está levando o casaco dela. *Eu* deveria ir.

— Não.

— Mas eu poderia ser a filha que você está pensando em internar. Poderia interpretar, tipo, uma adolescente sinistra e deprimida. Sou muito boa em improviso.

— Estou indo lá conseguir informações, não brincar.

Saí para a manhã brilhante, segurando a porta para ela — tinha um andar rápido e cambado, embora eu não fosse capaz de dizer se era escoliose ou resultado daquela bolsa que carregava.

— O lugar tem a segurança do Pentágono — falei, descendo depressa os degraus. — Ao longo dos anos desenvolvi um método de entrevistar que faz com que as pessoas confiem em mim. Por isso trabalho sozinho. O Garganta Profunda nunca teria falado com Woodward se ele estivesse sendo seguido por uma adolescente da Flórida.

— O que é Garganta Profunda?

Fiquei imóvel, olhando para ela. Estava realmente confusa.

Atravessei a rua.

— Você *pelo menos* viu o *filme*. *Todos os homens do presidente*. Robert Redford, Dustin Hoffman? Sabe quem *eles* são, não sabe? Ou não conhece nenhum astro do cinema mais velho do que Justin Timberlake?

— Conheço.

— Bem, eles interpretaram Woodward e Bernstein. Jornalistas lendários que denunciaram Watergate. Forçaram um presidente dos Estados Unidos a reconhecer um erro e a renunciar. Um dos mais poderosos atos de patriotismo de jornalistas na história deste país.

— Então você será Woodward. E eu serei Bernstein.

— Isso não... Tudo bem, certo, eles eram uma *equipe*, mas cada um levou algo substancial para a parceria.

— *Eu* posso levar algo substancial para a parceria.

— Como o quê? Seu profundo conhecimento de Ashley Cordova?

Ela ficou imóvel.

— *Eu vou* — anunciou atrás de mim. — Ou ligo para o hospital e digo a eles que você é uma farsa usando um nome falso.

Parei no meio do caminho, me virando para encará-la. Lá estava ela, aquela personalidade antiaderente com a qual eu tivera um *mano a mano* no Four Seasons. *Mulheres* — sempre *metamorfoseando*. Em um minuto estavam desamparadas, precisando de abrigo e muffins, e no segundo seguinte o curvavam de forma impiedosa à sua vontade como se você fosse uma placa de metal.

— Então é chantagem.

Ela concordou, o olhar feroz.

Andei os metros finais até meu carro, um BMW prata 1992 amassado estacionado junto ao meio-fio.

— Certo — murmurei por cima do ombro. — Mas você ficará no carro.

Nora, guinchando de excitação, foi depressa para o lado do carona.

— Me obedecerá o tempo todo. — Destranquei o porta-malas, enfiando a sacola da Whole Foods lá dentro. — Será uma agente silenciosa sem personalidade. Vai apenas processar e executar minhas ordens como uma máquina.

— Ah, *claro*.

Subi no carro, puxando o cinto de segurança e ligando o motor.

— Não quero *opiniões*. Nem choramingo. Não quero *papo furado*.

— Certo, mas ainda não podemos ir. — Ela se inclinou para a frente, ligando o rádio.

— Por que não?

— Hopper está vindo.

— Não. Não está. Isto não é uma merda de excursão escolar.

— Mas ele queria se encontrar com a gente. Você realmente odeia pessoas, não é?

Ignorei o comentário, saindo para a Perry, quando um táxi descendo a rua atrás de mim buzinou. Enfiei o pé no freio e fui forçado a encostar humildemente no meio-fio enquanto uma avalanche de carros passava, parando no sinal, nos prendendo ali.

— Você me lembra de um homem em Terra Hermosa.

— O que é Terra Hermosa, cacete?

— Uma comunidade de aposentados. O nome dele era Hank Weed. Na hora das refeições ele sempre pegava a mesa boa próxima à janela e apoiava seu andador na cadeira vazia para que ninguém mais pudesse se sentar e ver a vista. Morreu assim.

Não respondi, silenciado pela repentina compreensão de que eu não fazia ideia se alguma coisa que saía da boca daquela garota era verdade. Talvez realmente fosse boa em improviso. Não podia ter certeza de que tinha dezenove anos e de que seu nome era mesmo Nora Halliday. Talvez ela fosse como um daqueles suéteres com um inocente fio pendurado: bastava um puxão que tudo se desmanchava.

— Você dirige? — perguntei.

— Claro.

— Deixe-me ver sua carteira.

— Por quê?

— Preciso ter certeza de que não há um alerta de sequestro para você. Ou que não apareceu no *Dateline* como uma espécie de menor infratora.

Ela deu um sorriso afetado, se inclinou para a frente e remexeu naquela bolsa pesada, tirando uma carteira de nylon verde da LeSportsac, tão manchada e suja que parecia ter flutuado Nilo abaixo por uns dois anos. Procurou entre algumas fotos plastificadas — deliberadamente virando a carteira para que eu não as visse — e tirou a carteira, me entregando-a.

No retrato, ela parecia ter uns quatorze anos.

Nora Edge Halliday. Brave Lane, 4406. Saint Cloud, FL. Olhos: azuis. Cabelo: louro. Nascida em 28 de junho de 1992.

Ela *tinha* dezenove anos.

Eu a devolvi, sem dizer nada. Tanto Edge como nome do meio quanto Brave Lane — para não falar no ano de nascimento, que era basicamente *ontem* — eram suficientes para me deixar mudo.

O sinal ficou verde. Engrenei o carro e saí.

— Se você quiser esperar por Hopper, fique à vontade. Eu tenho trabalho a fazer.

— *Mas ele está aqui* — gritou, animada.

Como era de se esperar, *Hopper* se arrastava pela calçada em seu casaco cinza. Antes que eu pudesse impedir, Nora se esticou e buzinou várias vezes. Segundos depois, em uma rajada de ar frio, fumaça de cigarro e bafo de álcool, Hopper desabou no banco de trás.

— E aí, *cholos*?

O garoto estava doidão de novo.

Acelerei no sinal amarelo, cruzando a Sétima Avenida. Hopper murmurou algo incompreensível. Meia hora depois me pediu para parar no acostamento da Rodovia New Jersey e vomitou.

Não parecia ter passado a noite em casa; ainda estava usando a camiseta branca GIFFORD'S FAMOUS ICE CREAM do dia anterior. PROVE NOSSOS 13 DOCES SABORES! — sussurrava em letras desbotadas. Quando terminou, pareceu querer se sentar na divisória entre as pistas e observar o tráfego passando a centímetros do meu carro feito balas de canhão, então Nora saiu para ajudá-lo, guiando-o de volta para o veículo. Fez isso com impressionantes ternura e cuidado. Não pude deixar de sentir que tinha feito isso muitas vezes antes.

Para quem? A mãe morta? O pai condenado provavelmente esperando pela Old Sparky? Pela avó ÉÉ LI?

Afinal, por que ela se importava com Ashley Cordova — com qualquer coisa daquilo? E Hopper — um macaco de pelúcia enviado por um anônimo era o motivo *real* para ele ter escolhido ficar comigo na manhã de quarta-feira, não na cama com Chloe, Reinking ou alguma outra garota que fedia a cigarro e bandas *indie*?

Aqueles dois garotos claramente sabiam muito mais do que revelavam. Mas se estavam escondendo algo, eu logo descobriria o que era. *Segredos* — mesmo em criminosos calejados, eram apenas bolsões de ar alojados sob lama no fundo de um oceano. Poderia ser necessário um terremoto, ou que você mergulhasse até lá, remexesse o solo, mas sua tendência natural era seguir direto para a superfície — *sair*.

Nora ajudou Hopper a entrar no banco detrás. Ele murmurou algo enquanto ela tirava os óculos escuros, e depois, se esticando no banco com um suspiro ébrio, colocou o braço atrás da cabeça e apagou. Nora voltou a mexer no rádio. Parou em uma canção *folk* — “False Knight on the Road”, dizia o mostrador — e se recostou, olhando pela janela para os campos maltratados.

A manhã parecia limpar o céu, cansada, banhando as placas de trânsito e os para-brisas com uma luz fraca enquanto o ritmo da rodovia batia sob os pneus.

Eu também não estava com vontade de conversar. Estava surpreso demais com o ponto em que me encontrava: com dois completos estranhos, uma variedade de histórias atrás de nós e sem saber o *que* estava por vir, mas no momento as nossas vidas eram três linhas frágeis correndo paralelas.

Seguimos para Briarwood.

— NÃO CONSIDERAMOS nossos hóspedes *pacientes* — disse Elizabeth Poole enquanto seguíamos pela calçada. — Eles são membros da família Briarwood pela vida toda. Agora me fale mais sobre sua filha Lisa. Em que ano está? — perguntou, dando uma olhada em Nora, por ora conhecida como *Lisa*, que ficara vinte passos atrás.

— *Estava* no primeiro ano da faculdade — falei. — Mas largou.

Ela esperou que eu prosseguisse, mas simplesmente sorri e tentei parecer desconfortável, o que foi *fácil*.

Elizabeth Poole era uma mulher baixa e roliça na casa dos cinquenta anos, com uma expressão tão amarga que no início pensei que estivesse chupando uma bala amarga, só para me dar conta, depois de alguns minutos, de que aquela expressão não mudaria. Ela vestia calça jeans de cintura alta, o cabelo castanho fino preso em um rabo de cavalo.

Nora e eu tínhamos deixado Hopper desmaiado no banco de trás e encontrado o escritório de Poole no térreo do Dycon, um prédio de tijolos vermelhos que abrigava a administração de Briarwood e que não *ficava* exatamente na colina impecável, parecia mais estar *pregado*, com anexos compridos em forma de caixa e ramificações de calçadas cinzentas. Eu só dera uma olhada em Poole — depois, quando saíra tilintando detrás da escrivaninha com seu maltês branco, Sweetie, que usava um lacinho rosa e deslizava por seu escritório como um pequeno carro alegórico em um desfile de Ação de Graças — e no mesmo instante quis desistir de nosso estratagema.

Para piorar consideravelmente as coisas, havia a habilidade teatral de Nora — ou a alarmante falta dela.

Quando nos sentamos, expliquei como minha filha, Lisa, tinha problemas com disciplina. Nora fizera uma careta e olhara para o chão. Tinha certeza de que os vários olhares rígidos e intencionais que Poole me lançara não eram compassivos, mas friamente acusadores, como se soubesse que minha filha era uma farsa. Mas quando estava certo de que iria nos expulsar das instalações, Poole — e a arfante e tilintante Sweetie — iniciara o passeio, nos levando para fora de Dycon e pelo amplo terreno de Briarwood.

— Que tipo de segurança vocês têm aqui? — perguntei.

Poole desacelerou para observar mais uma vez Nora, que olhava com raiva para a calçada (um olhar que Sue Ellen lançou a Miss Ellie durante toda a décima segunda temporada de *Dallas*).

— Posso entrar em detalhes a sós com o senhor — disse Poole. — Mas, resumindo, cada paciente tem um grau de vigilância, que varia de observação *geral*, quando o paciente recebe uma visita da equipe a cada trinta minutos dia e noite, até observação *constante*, quando o paciente deve ficar o tempo todo ao alcance de um técnico treinado e só pode usar uma colher na hora das refeições. Ao chegar, Lisa será avaliada e receberá o grau adequado.

— Houve alguma fuga recentemente? — questionei.

A pergunta a pegou de surpresa.

— *Fuga?*

— Desculpe. Não quis que soasse como Alcatraz. É só que se Lisa vir uma oportunidade, vai tentar aproveitar.

Poole fez um gesto com a cabeça indicando que tinha compreendido. Caso tenha se lembrado da fuga de Ashley, não deu qualquer indício.

— Temos dezoito hectares — disse ela. — O perímetro é cercado e protegido por sistema de vídeo. Uma equipe monitora 24 horas por dia cada veículo que entra ou sai — explicou, com um sorriso fino. — A segurança do paciente é nossa maior prioridade.

Então *essa* era a declaração oficial sobre a fuga de Ashley: *Nunca aconteceu.*

Ela continuou:

— O engraçado é que assim que as pessoas se acostumam, é mais difícil fazê-las sair do que permanecer. Briarwood é um santuário. O mundo real,

sim, é brutal.

— Entendo. Aqui é bonito.

— Não é?

Sorri em concordância. *Tão bonito quanto uma injeção de morfina.*

Um enorme e impecável gramado se estendia em ambos os lados, suave, liso e impiedosamente verde. Mais à nossa direita se erguia um carvalho enorme, e sob ele um banco preto vazio. Parecia a imagem de um cartão de condolências. O terreno estava sinistramente deserto, a não ser por eventuais enfermeiras sorridentes que passavam por nós vestindo calças roxas e camisetas com estampas festivas combinando — *sem dúvida para distrair o paciente enquanto ela lhe dá seus remédios*. Mais distante, um homem careca se deslocava rápida e objetivamente entre prédios de tijolos.

Embora Poole tivesse explicado que àquela hora todos na clínica — *clínica* parecia ser o código para *ala psiquiátrica* — estavam em sessão de terapia comportamental, o lugar tinha um clima bizarro, de silenciamento. Não ficaria surpreso se a qualquer momento ouvisse o berro perturbador de um homem perfurar o canto dos pássaros e a brisa. Ou se visse alguma daquelas portas se abrir de repente — a porta de um daqueles prédios que Poole intencionalmente *pulara* em nossa visita; “Apenas outro dormitório”, dissera quando eu perguntara o que era — e dela sair um paciente de pijama branco, tentando fugir antes de ser derrubado por um enfermeiro e arrastado para sua sessão de terapia eletroconvulsiva, deixando a paisagem rigidamente serena.

— Quantos pacientes vocês têm? — perguntei, olhando para Nora.

Ela estava ficando cada vez mais para trás.

— Cento e dezenove adultos em nossos programas de saúde mental e abuso de substâncias. Isso não inclui os pacientes externos.

— E psicólogos trabalham isoladamente com cada pessoa?

— Ah, sim — respondeu ela, parando de andar para se curvar e espanar uma folha marrom que se prendera ao pelo de Sweetie. — Na admissão, designamos uma equipe de cuidados de saúde para o paciente. Isso inclui um médico, um farmacêutico e um psicólogo.

— E com que frequência eles se encontram?

— Depende. Muitas vezes diariamente. Em alguns casos, duas vezes por dia.

— Onde?

— Em Straffen — falou, apontando para um prédio de tijolos vermelhos parcialmente escondido por pinheiros. — Iremos lá daqui a um minuto. Antes vamos dar uma olhada em Buford.

Saímos da trilha, seguindo na direção de um prédio de pedra cinza, Sweetie trotando junto aos meus pés.

— Aqui é onde os residentes jantam e se encontram para atividades extracurriculares — disse Poole, subindo os degraus e abrindo a porta de madeira à minha frente. — Três vezes por semana temos professores da SUNY Purchase dando palestras no auditório sobre tudo, de aquecimento global a espécies ameaçadas de extinção, passando pela Primeira Guerra Mundial. Parte de nossa filosofia de cura é dar a nossos pacientes uma perspectiva global e noções de história.

Acenei com a cabeça e sorri, olhando por cima do ombro para descobrir onde diabo Nora estava. Ela parara de nos seguir, tendo ficado no centro do gramado. Estava protegendo os olhos com as mãos, examinando algo atrás de si.

— Entendo seu problema com ela — disse Poole, seguindo meu olhar. — As garotas podem ser difíceis nessa idade. E onde está a *senhora* Dean em tudo isso, se não se incomoda que eu pergunte?

— Ela não está presente.

Poole anuiu. Nora parecia estar decidindo se saía correndo. Mas então se virou para nós com uma postura curvada, parando para lançar a Poole um olhar de Dr. Evil antes de subir os degraus de dois em dois. Poole nos conduziu pelo saguão, que tinha um cheiro forte de desinfetante, até o salão de jantar. Era um cômodo grande e com luz natural, mesas redondas de madeira e janelas em arco. Um punhado de funcionárias se ocupava pondo as mesas.

— É onde os residentes fazem todas as refeições — explicou Poole. — Obviamente estimulamos a saúde física além da mental, então o cardápio tem

opções com poucas calorias, e também vegetariana, vegana e kosher. Nosso chef trabalhava em um restaurante bem conceituado em Sacramento.

— Quando vou conhecer as pessoas que *moram* aqui para saber que não são todas psicóticas? — perguntou Nora.

Poole piscou, chocada, olhando para mim — retribuí o olhar timidamente — e então, se recuperando, sorriu.

— Você não vai conhecer ninguém *hoje* — respondeu diplomaticamente, estendendo um braço para nos conduzir pelo saguão enquanto Sweetie flutuava a seu lado, as unhas estalando no piso. — Mas se vier, descobrirá que as pessoas aqui são tão diversas quanto as de qualquer lugar.

Poole parou de repente ao lado de um quarto escuro e, após uma pausa, acendeu uma luz no teto. As paredes eram cobertas de quadros de aviso com folhas de presença e fotos das atividades em Briarwood.

— Como podem ver, as pessoas são bem felizes — disse Poole, apontando para o interior do cômodo. — Mantemos todos ocupados, física e mentalmente.

Fazendo cara feia, Nora entrou.

— Quando essas fotos foram tiradas?

— Nos últimos meses — respondeu Poole.

Nora olhou com raiva e ceticismo, depois examinou as fotos, os braços cruzados na barriga. Imaginei se ela teria realmente *surtado* ou decidido por imitar Angelina em *Garota, interrompida*, quando me dei conta do que ela estava fazendo.

Estava procurando Ashley.

Não era má ideia. Passei por Poole para dar uma olhada. As fotos eram de pacientes envolvidos em corridas de revezamento, trilhas pela natureza. Alguns pareciam realmente felizes, embora a maioria parecesse magra e cansada demais. *Ashley se destacaria, não?* A garota de cabelo escuro um pouco solitária e de olhar desafiador. Examinei as fotos de um recital de música, mas sentado ao piano estava um homem com *dreadlocks*. Havia algumas fotos de um churrasco de verão no gramado principal, pacientes amontoados ao redor de mesas de piquenique, comendo hambúrgueres — nenhum sinal de Ashley.

Olhei outra vez para a porta e me dei conta de que Poole nos observava, levemente alarmada. Devíamos estar examinando com *muita atenção*.

— Todos parecem muito felizes — comentei.

Ela nos encarou friamente.

— Por que não continuamos?

Saí do quarto, aquele cãozinho peludo andando em círculos enquanto olhava para mim, arfando como se eu tivesse carne no bolso. Nora folheava as páginas de uma lista de inscrição no Clube do Livro de Briarwood, claramente lendo todos os nomes.

— *Lisa* — chamei. — Vamos.

Poole nos levou novamente para fora, atravessando o gramado até o Straffen Hall, onde fomos direto para o segundo andar — dedicado à música, pintura e ioga. Pelas descrições entrecortadas de Poole e seu tom seco ficou claro que ela realmente não ligava para mim ou minha filha arrogante. Tentei elogiar as instalações, mas ela apenas deu um sorriso rígido.

Enquanto passávamos pela sala de reflexão — velas, fotos de campinas e céus —, soou um toque de duas notas em um alto-falante. Era agudo e reverberava, o equivalente musical de um dedão esmagado.

— Preciso ir ao banheiro — anunciou Nora, impaciente.

— Claro — disse Poole, parando ao lado de um bebedouro, apontando para a porta no meio do corredor onde estava escrito MULHERES. — Vamos esperar por você aqui.

Nora revirou os olhos e foi. As paredes do corredor eram brilhantes, pintadas metade branco, metade rosa-focinho-de-gatinho, mas o lugar parecia clínico e claustrofóbico, como um compartimento de trem. *O expresso dos desorientados rumo a Malucolândia. Todos a bordo.*

Pacientes começaram a sair das salas de aula. Vestiam calças jeans e camisas de algodão largas — nada de cintos ou cadarços, notei —, uma faixa etária extensa. Um cara de cabelo grisalho espetado saiu cambaleando de uma sala de arte — parecia ter uns oitenta anos. A maioria evitava contato visual ao passar por mim. Vários cabeçudos e psiquiatras também circulavam, conversando, anuindo, parecendo construtivos. Eram fáceis de identificar porque todos vestiam jaquetas de malhas da L.L. Bean, suéteres de lã em tons

de terra — *provavelmente para que os pacientes confundissem o lugar com um resort de inverno.*

Poole estava mexendo no lacinho de Sweetie.

— Ouvi coisas boas sobre a Dra. Annika Angley — falei.

Ela se levantou, segurando o cachorro nos braços.

Annika Angley era a psicóloga que preencheria a avaliação de entrada de Ashley, que tinha sido incluída no arquivo da polícia.

— Um amigo meu a recomendou — continuei. — Aparentemente ela é muito boa com jovens que têm distúrbios de depressão. Será que eu teria como falar com ela?

— O escritório dela fica no terceiro andar. A área não é aberta a visitantes. E conversas com a Dra. Angley ou com *qualquer* médico neste estágio são prematuras. Se Lisa vier, será designada a ela uma equipe de profissionais de saúde que atenda às suas necessidades. Aliás, vou ver como ela está.

Ela colocou Sweetie no chão, sorrindo para mim, cuja implicação era *Não ouse se mover*, e desceu o corredor marchando, seus sapatos ortopédicos pretos rangendo no linóleo.

Quando voltou, um minuto depois, seu rosto estava roxo.

— Ela não estava lá — anunciou.

Devolvi um olhar vazio.

— *Lisa sumiu.* O senhor a viu?

— Não.

Poole deu meia-volta e desceu o corredor pisando firme.

— Ela deve ter saído pelo *outro lado*.

Sweetie e eu — ambos chocados com esse desdobramento — fomos atrás dela, embora ao passar pelo banheiro feminino eu não tenha conseguido evitar abrir a porta e chamar por ela.

— *Lisa? Querida?*

Poole me olhou por sobre o ombro.

— Ela não está aí. *Mesmo.*

Passou por entre pacientes, empurrando a porta no final e chegando às escadas. Fui logo atrás. Ela parou, semicerrando os olhos para o lance

seguinte — bloqueado por um portão de metal e uma placa dizendo SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO —, depois se virou, descendo as escadas com passos firmes. Passamos para o térreo, esbarrando em um homem carregando uma pilha de folhetos, as patas de Sweetie escorregando no piso de madeira liso enquanto fazia uma curva fechada. Seguimos Poole para um escritório indicando PROGRAMA DE EXTENSÃO EM DROGAS E ÁLCOOL.

— Beth, viu uma cinco quarenta e seis circulando? Loura magra? Micro-mini? Cabelo em tranças a moda sueca? — perguntou, lançando-me um olhar frio antes de acrescentar: — *Esquisitona?*

— Não, Liz.

Poole, murmurando sozinha, marchou de volta para o saguão.

— O que é um cinco quarenta e seis? — perguntei.

— Uma *potencial* candidata. Tenho que ver os monitores de segurança. Ela gosta de fugir, não é? Alguma ideia de para onde poderia ir?

— Se chegar à estrada pode tentar conseguir carona.

— A não ser que tenha *asas* e possa *voar* por sobre uma *cerca eletrificada* de nove metros, aquela garota não vai a lugar algum.

— Lamento profundamente tudo isto.

Sáímos do prédio. Lá fora, do outro lado do gramado, pacientes — alguns escoltados por enfermeiras — desciam pelas calçadas, iam almoçar. Não havia sinal de Nora em parte alguma. Eu não tinha ideia de onde ela estava; aquilo não fazia parte das ordens que lhe dera. Ela estava agindo por conta própria.

Um minuto depois, Poole me deixou no sofá de estampa floral de seu escritório.

— Espere aqui — disse ela. — Voltarei logo com sua filha.

— Obrigado.

Ela apenas me olhou com raiva e bateu a porta ao sair.

EU ESTAVA SOZINHO com Sweetie. O cachorro fora até a almofada da sua cama que estava junto aos vasos de plantas e voltara com um cachorro-quente que guinchava.

O sino *badalou* pelos alto-falantes pela segunda vez.

Estudei o teto. *Nenhuma câmara visível.*

Eu me levantei e fui até a escrivaninha de Poole.

Havia um protetor de tela no monitor. Previsivelmente, apresentava fotos flutuantes de Sweetie, embora de tempos em tempos aparecesse ao fundo um homem magro e careca que parecia perplexo. O sr. *Poole*.

Toquei no teclado e uma senha foi pedida.

Tentei *Sweetie*. Não funcionou.

No canto da escrivaninha havia pilhas de papéis em bandejas de ENTRADA e SAÍDA. Folheei: bilhetes de agradecimento, pedidos de admissão, uma declaração de confidencialidade assinada, um e-mail do Dr. Robert Paul anunciando sua aposentadoria. Certamente devia haver algum tipo de memorando interno sobre Ashley Cordova. Teria sido escrito por algum diretor do hospital, cheio de frases como *Esta é uma questão muito delicada e É fundamental para a reputação deste hospital* — e assim por diante.

Abri as gavetas da escrivaninha.

Estavam cheias de material de escritório, um catálogo da loja de móveis Pottery Barn e repleto de balas de hortelã. Segui até a fila de arquivos ao longo da parede dos fundos. Estavam todos trancados, e não havia sinal das chaves em parte alguma.

Fui até a porta, a abri e olhei para fora.

O corredor estava vazio, exceto por duas enfermeiras de pé mais ou menos no meio do caminho, em frente à entrada principal do Dycon.

Nora já fará com que eu seja expulso de qualquer forma. Posso muito bem dar uma de kamikaze. De repente, Sweetie estava mordendo o cachorro-quente aos meus pés. Uma enfermeira parou de conversar para olhar na nossa direção, curiosa.

Eu me abaixei, joguei o brinquedo do outro lado da sala — ele ficou preso nas folhas de um milho gigantesco plantado em um vaso junto à janela; Sweetie teria que escalar o caule de um metro e oitenta para alcançá-lo — e olhei novamente para o lado de fora.

As enfermeiras tinham voltado a conversar baixinho. Saí, me dirigindo à porta lateral.

Do lado de fora, segui no sentido de Straffen.

A área estava quieta novamente, alguns retardatários seguindo para a sala de jantar. Cruzei depressa o gramado, subindo os degraus da frente, onde pacientes batiam papo e fumavam cigarros. Só olharam para mim preguiçosamente enquanto eu entrava no prédio e seguia direto para os elevadores.

Entrando em um deles, apertei 3. Mas o número não acendeu.

Eu precisava de algum tipo de senha. Estava prestes a sair quando uma mulher de cabelo grisalho entrou, os olhos fixos no BlackBerry. Sem me cumprimentar, digitou um código de quatro números no painel. Não funcionou, claramente porque eu apertara um botão. Franzindo o cenho ela apertou o botão reset, digitou o código outra vez e as portas se fecharam. Começamos a subir. Ela havia apertado 6. Dei um passo para a frente e tentei o 3 novamente. Dessa vez acendeu.

Ela se virou para mim, me olhando com curiosidade.

As portas se abriram no 3. Saí, sentindo que a mulher estava agora pensando quem diabo eu era, mas, antes que ela pudesse reagir, as portas se fecharam.

Estava sozinho.

O terceiro andar do Straffen parecia idêntico ao segundo, exceto que as lâmpadas néon acima eram mais rosadas, o linóleo, mais brilhante, as paredes, pintadas de verde-hortelã. Havia portas pretas dos dois lados do saguão. Eram consultórios médicos. Passei por elas, que tinham do lado de

fora placas com nomes impressos. Podia ouvir vozes baixas e música de flautas de bambu, do tipo que você escuta em um spa enquanto recebe uma massagem. No meio do saguão, havia uma pequena recepção com janelas onde dois jovens se esticavam em sofás, escrevendo em cadernos.

Não perceberam quando passei por eles.

Vi a placa, ANNIKA ANGLE Y PH.D. Bati de leve e, não ouvindo resposta, tentei a maçaneta. *Trancada*. Voltei até os jovens.

— Com licença? — pedi.

Eles ergueram os olhos, assustados. Um era louro, com um rosto macio e inseguro. O outro tinha cabelo castanho crespo, pele avermelhada e marcas de catapora.

— Talvez possam me ajudar — falei. — Algum de vocês conheceu uma antiga residente que esteve aqui há pouco tempo chamada Ashley Cordova?

O garoto louro olhou hesitante para o outro.

— Não. Mas acabei de chegar.

Eu me virei para o outro.

— E você?

Ele confirmou com um lento gesto de cabeça.

— É. Ouvi falar dela.

— O que você ouviu?

— Só que a filha de Cordova estava aqui.

— Você a encontrou ou a viu?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Ela era Código Prata.

— O que é Código Prata?

— A unidade de cuidados intensivos. Todos moram em Maudsley.

— *Com licença* — chamou uma voz masculina atrás de mim. — *Posso ajudá-lo?*

Eu me virei. Um homem baixo e corpulento com barba castanha densa estava no corredor me encarando.

— Espero que sim — falei. — Estou procurando minha filha, Lisa.

— Me acompanhe.

Ele estendeu o braço, me afastando dos garotos com um sorriso irritado e rígido. Em agradecimento, fiz um gesto de cabeça para eles e segui o homem, virando a esquina.

— Este andar é proibido a todos, menos residentes e médicos. Como chegou aqui?

Expliquei da forma mais confusa possível que estava conhecendo o campus com Poole e perdera minha filha.

Olhando para mim com grande desgosto — embora aparentemente acreditando na minha estupidez —, ele seguiu na direção de um escritório, manuseando desajeitadamente suas chaves. Escancarou a porta e acendeu as luzes.

— Por favor, espere aqui comigo enquanto falo com Elizabeth.

— Na verdade, sei o caminho. Vou voltar.

— Senhor, entre aí *agora* ou chamarei a segurança.

Ele era Jason Elroy-Martin, médico, segundo sua identificação. Entrei e me sentei no sofá de couro enquanto ele, com uma frustração crescente, discava números de telefone de uma lista de contatos presa à parede ao lado do seu diploma de Medicina da Universidade de Miami. Após deixar duas mensagens para Poole, ele finalmente a encontrou, e logo seu rosto — o que *restava* dele, pois a barba tomara suas bochechas — ficou vermelho de ultraje.

— Ele está na minha frente — disse, me encarando. — Abordou dois garotos um dezessete. Estavam fazendo escrita livre em seus diários. Sim. *Sim*. — Fez uma pausa, escutando. — Sem problemas.

Ele desligou o telefone e se sentou em sua cadeira giratória, entrelaçando os dedos.

— Estou dispensado? — perguntei.

— Você não vai a lugar algum.

Ele continuou a franzir o cenho para mim até alguém bater na porta.

Ela se abriu, revelando dois grandes seguranças uniformizados.

— Scott B. McGrath, terá de vir conosco — disse um deles.

O fato de ele ter dito “*B*” — que era a abreviação do meu nome do meio, Bartley — não era promissor.

ELES ME ESCOLTARAM pelo terreno até o Centro de Segurança, um bunker quadrado de blocos de cimento distante dos outros prédios no limite do bosque. Entramos em um saguão inóspito, onde um guarda com cara de sapo estava sentado atrás de um vidro. Fui conduzido por um corredor, passando por salas com monitores que zumbiam, todos mostrando imagens saltadas em preto e branco de corredores e salas de aula.

— Este é o local em que sou torturado com baldes de água? — perguntei.

Eles me ignoraram, parando diante da porta aberta no final.

Nora estava lá, encolhida em uma cadeira dobrável de metal no centro de uma sala com carpete amarelo e paredes de compensado. Felizmente, parecia estar *fora* do personagem, roendo as unhas, fitando, de olhos arregalados, Elizabeth Poole — naquele momento tão vermelha que parecia irradiar calor termonuclear. Ao lado dela, apoiado na beirada de uma escrivaninha, estava um homem alto de cabelo grisalho. Vestia calças cáqui vincadas e um brilhante suéter azul no tom de uma embalagem de ovo de Páscoa.

— Scott — cumprimentou ele, se levantando e estendendo a mão. — Sou Allan Cunningham. Presidente de Briarwood Hall. Muito prazer em conhecê-lo.

— O prazer é todo meu.

Ele sorriu. Era um daqueles homens radiantes, não apenas elegante, mas *imaculado*, com a aparência impoluta que normalmente encontramos em bebês e freiras.

— Então, *Nora* — disse ele, baixando os olhos e sorrindo, e ela até sorriu de volta —, cujo pseudônimo hoje eu acredito ter sido *Lisa*. Ela estava explicando que vocês dois não são hóspedes potenciais, como você alegou,

mas estão aqui para conseguir ilegalmente informações sobre uma antiga paciente.

— Isso mesmo — confirmei. — Ashley Cordova. Ela escapou de seus cuidados e morreu dez dias depois. Estamos tentando determinar se houve alguma negligência por parte do hospital que tenha resultado diretamente em sua morte.

— Não houve negligência alguma.

— Então o senhor admite que Ashley Cordova foi paciente daqui.

— De modo algum. — Cunningham estava precisando de considerável esforço para sustentar no rosto aquele largo sorriso. — Mas direi que não tivemos falhas na segurança dos pacientes.

— Se Ashley foi *autorizada* a sair com um homem não identificado no meio da noite, por que o hospital deu queixa de desaparecimento no dia seguinte?

Ele pareceu ficar furioso, mas não respondeu.

— Ela era Código Prata. Unidade de *cuidados intensivos*. Eles não são autorizados a sair sem um guardião. Então alguém do hospital deve ter dormido ao volante.

Ele respirou fundo.

— Sr. McGrath, este não é um hospital público. O senhor está sujeito às leis de invasão. Eu poderia mandar os dois direto para a cadeia.

— Na verdade, você *não pode*. — Abri o zíper do meu bolso e entreguei a ele uma brochura dobrada. — Você vai descobrir que, além de nossas preocupações com Ashley, Nora e eu estamos aqui para distribuir material sobre nossa religião, como somos legalmente autorizados a fazer segundo *Marsh versus Alabama*, a decisão da Suprema Corte que sustenta, sob as Primeira e Décima quarta emendas constitucionais, que as leis estaduais de invasão *não* se aplicam aos envolvidos na distribuição de literatura religiosa, mesmo que isso se dê em propriedade particular.

Cunningham estudou minha velha brochura das Testemunhas de Jeová.

— Esperto. *Muito esperto* — disse ele. — Você será escoltado para fora das instalações. Prestarei queixa à polícia. Se souber que você ou seus

amigos, *incluindo* a pessoa que está dormindo no seu carro, tentaram entrar em nosso terreno novamente, serão presos.

Ele amassou a brochura, arremessando-a na lata de lixo próxima à porta. Estava prestes a agradecer a ele por seu tempo, quando um movimento súbito na janela atrás dele chamou minha atenção.

Uma mulher corria no bosque pela trilha de terra que cercava um canteiro de obras deserto, o cabelo ruivo brilhando ao sol. Vestia roupas rosa de enfermeira com um cardigã branco e parecia estar com muita pressa, seguindo diretamente para o nosso prédio.

Cunningham olhou para a janela por sobre o ombro, mas depois se virou de volta, despreocupado.

— Fui claro, sr. McGrath?

— Cristalino.

Cunningham fez um gesto de cabeça para os guardas, e eles nos escoltaram para fora.

Seguimos pela calçada ao redor do canteiro de obras. *Lisa*, a despeito de toda a sua expressão raivosa de menina má, certamente parecia dócil agora. À medida que caminhávamos entre os dois guardas ela me lançou inúmeros olhares assustados de *o que iremos fazer agora?* — todos sugerindo que estava gostando daquele conflito com a autoridade. Se é que era possível *chamar* aqueles seguranças de *autoridade*. Eles pareciam armários.

Mais à frente na trilha notei aquela *enfermeira* de novo — a mesma ruiva que vira pela janela. Ela tinha aparecido do nada e se apressava em nossa direção, olhando enfaticamente para o chão. Quando poucos metros nos separavam, ela ergueu a cabeça, olhando, agitada, *diretamente* para mim.

Parei, surpreso.

Ela acelerou o ritmo, pegando outro caminho que levava aos fundos de um dormitório.

— *Sr. McGrath*. Vamos.

Já no estacionamento, a notícia de uma falha de segurança parecia ter se espalhado por todo o hospital, pois tínhamos um punhado de espectadores — enfermeiras, administradores, psicólogos — de pé nos degraus da frente do Dycon, observando nosso desfile.

— Uma festa de despedida — falei. — Não precisava.

— Faça a gentileza de seguir para seu veículo — ordenou o segurança.

Destranquei o carro, e nós dois entramos. Hopper *ainda* estava desmaiado no banco de trás. Parecia não ter se movido.

— Por que não confere se ele tem pulso? — murmurei, ligando o motor.

Deixei o estacionamento, conduzindo o carro para a saída. Ainda havia pessoas circulando perto de Dycon, nos observando, mas nenhum sinal da enfermeira ruiva. *Será que ela queria que eu a seguisse?* Com certeza vira que com os seguranças isso seria impossível.

— Ele tem pulso — cantarolou Nora alegremente, se virando. — Essa foi por pouco, hein?

— *Pouco?* Não, eu diria que foi na mosca.

Virei à direita, acelerando para a estrada principal que nos afastaria dali, dois minutos atordoantes dirigindo pelo bosque.

— Você está puto ou algo assim? — perguntou Nora.

— Sim. Estou *puto*.

— Por quê?

— Sua ceninha lá dentro? Você não só chamou atenção para nós, como traçou um círculo vermelho ao nosso redor e acrescentou uma seta com *Eles estão aqui*. Da próxima vez, leve uma banda de mariachis.

Ela bufou, mexendo no rádio.

— Neste exato instante, Cunningham está ao telefone com a família de Ashley, provavelmente com o *próprio* Cordova, contando que um repórter chamado Scott McGrath, acompanhado por uma branca pobretona da Flórida, está xeretando o histórico médico da filha dele. Qualquer esperança que eu tinha de manter essa investigação em sigilo desapareceu agora graças a você, *Bernstein*. O que me leva à sua *encenação*. Não sei se alguém já lhe disse isso, mas você precisa repensar seu objetivo de vida.

Conferi o retrovisor. Um Lincoln azul acabara de surgir atrás de nós — nos bancos da frente as formas quadradas inconfundíveis dos seguranças.

— Agora temos Tico e Teco nos seguindo — murmurei.

Nora se virou no banco, animada, para ver. A garota era tão discreta quanto uma carreta levando uma carga pesada.

Aceleramos colina abaixo, contornando um arvoredor. Contei uns quinze segundos entre o momento em que nosso carro fez a curva e o sedã azul apareceu atrás. Pisei mais fundo no acelerador, disparando por outra curva.

— Aposto que consegui mais sobre Ashley do que você — anunciou Nora.

— É mesmo? O que você conseguiu?

Ela apenas deu de ombros, sorrindo.

— *Xongas*. Exatamente.

Aceleramos em outra curva, o caminho ficando reto e cruzando com uma estrada de terra. Parei no sinal e ia pisar no acelerador quando de repente Nora gritou.

Aquela *mulher* — a enfermeira ruiva — estava saindo da encosta íngreme arborizada à direita, correndo para a frente do nosso carro.

Pisei nos freios.

Ela caiu em cima do capô, cabelos vermelhos se espalhando por toda parte. Por um momento terrível, achei que estava ferida, mas então ela ergueu a cabeça, correndo para contornar o carro até o meu lado, se enfiando na janela.

Ela me encarou — os olhos castanhos injetados, o rosto sardento desesperado.

— Morgan Devold — gritou ela. — Encontre-o. Ele lhes dirá o que querem saber.

— *O quê?*

— Morgan. *Devold*.

Ela cambaleou na frente do carro e correu para o acostamento, subindo aos tropeções a encosta íngreme no instante em que o sedã azul aparecia atrás de nós.

Ela subia a colina freneticamente, escorregando nas folhas e na terra. Chegou ao cume e enrolou o cardigã ao redor do corpo, parando para olhar para nosso carro abaixo.

Os seguranças haviam parado atrás de nós e buzonavam.

Eles não a tinham visto.

Tirei o pé do freio e — ainda embriagado de choque — continuamos descendo a rua, enquanto eu via pelo retrovisor, pouco antes de fazermos a curva seguinte, a mulher ainda de pé na colina, uma rajada de vento jogando seu cabelo ruivo no rosto, borrando-a.

UM GUARDA DE expressão endurecida abriu o portão eletrônico e aceleramos, o Lincoln atrás de nós fazendo meia-volta, retornando ao hospital.

— Ai meu Deus — disse Nora, soltando o ar, a mão sobre o peito.

— Qual foi o nome que ela disse? — perguntei.

— Morgan Devold?

— Escreva isso. D-E-V-O-L-D.

Nora procurou apressadamente uma caneta na bolsa e arrancou a tampa com os dentes, escrevendo o nome nas costas da mão.

— Eu a vi antes, quando estávamos no Centro de Segurança — disse ela.

— E depois ela passou por nós na saída. Queria falar conosco.

— Pelo visto sim.

— O que está acontecendo? — gemeu uma voz rouca vinda do banco de trás.

Hopper estava acordado, bocejando. Esfregou os olhos, observando a paisagem rural passar pela janela, sem surpresa.

Dei meu telefone a Nora.

— Pesquise *Morgan Devold* e *Nova York* no Google. Me diga o que encontrar.

Levou alguns minutos, por causa do sinal ruim de celular.

— Não há muita coisa — disse ela. — Apenas um daqueles sites de genealogia. Um homem chamado Morgan Devold viveu na Suécia em 1836. Teve um filho chamado Henrik.

— Mais nada?

— O nome aparece em um site chamado Lawless Legwear.

Passamos por outra placa de estrada. BIG INDIAN 5.

— Onde estamos, cacete? — perguntou Hopper, baixando a janela.

Nora se virou, ansiosamente contando a ele o que acontecera nas quatro horas anteriores.

— Estávamos prestes a ser presos — continuou ela. — Mas Scott foi tipo uma estrela do rock. Sacou uma brochura que dizia na capa: “O maior homem que já existiu. Perguntas sobre Jesus Cristo para jovens.” — Ela riu. — Foi *clássico*.

Enquanto ela explicava o que acabara de acontecer com a enfermeira, identifiquei uma loja de conveniência se aproximando à nossa direita. Freei e dei a volta.

— Entre — falei a Nora, parando ao lado de uma bomba de gasolina e desligando o motor. — Pergunte se podemos pegar uma lista telefônica emprestada. E traga algo para comer.

Dei a ela vinte pratas e comecei a encher o tanque.

Hopper saiu do carro, se espreguiçando.

— O que descobriu sobre Ashley? — perguntou, rouco.

— Não muito. Aparentemente ela era uma paciente Código Prata, que é o nível que exige mais cuidados.

— Mas não descobriu o que havia de errado com ela.

— Não.

Pareceu prestes a me perguntar mais alguma coisa, mas em vez disso se virou, atravessando o estacionamento, pegando seus cigarros.

Passava das quatro horas da tarde. O sol relaxara seu controle sobre o mundo, deixando as sombras descuidadas, a luz derretida e suave.

Exatamente do outro lado da rua, uma casa de fazenda branca se erguia no meio de um gramado descuidado, a grama cheia de lixo. Em um cabo telefônico frouxo havia dois pássaros pretos, pequenos e gordos demais para que fossem corvos. A porta da loja de conveniência tilintou atrás de mim e me virei para ver um homem de camisa de flanela verde e botas de operário seguir para uma picape, com um vira-latas marrom na caçamba. O homem sentou-se no banco do motorista e eles saíram, fazendo um desvio à direita extremamente perto de Hopper, o escapamento estourando.

Hopper não reagiu. Estava olhando, em uma espécie de transe melancólico, para o meio da estrada, ignorando os carros que passavam

acelerados.

Talvez a questão fosse essa — ele estava imaginando se lançar na frente de um deles. Parecia estar na beira de um rio, prestes a se jogar. Era um pensamento melodramático — provavelmente uma paranoia residual da aparição da enfermeira. Ainda podia ver seu rosto ansioso e sardento me encarando, os lábios rachados, a janela ficando enevoadada pelo seu hálito, apagando sua boca.

Hopper deu um trago no cigarro, afastando o cabelo dos olhos, e ergueu a vista para o céu, apertando os olhos na direção daqueles pássaros nos cabos telefônicos. Surgiram outros do nada. Agora eram sete — sete pequenas notas pretas em um pedaço de pauta musical, as linhas afundando, desistindo ao se esticarem entre postes e balançarem sobre a estrada.

Outra sineta e Nora saiu, os braços carregados de copos de café, jujubas, salgadinhos e uma lista telefônica.

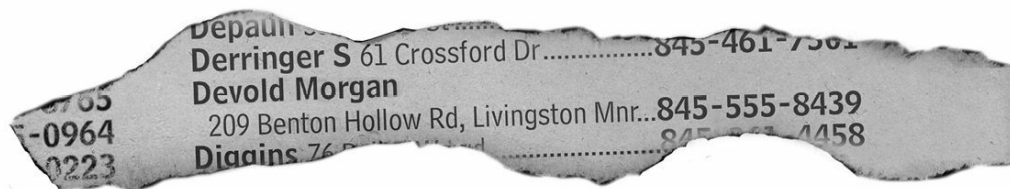
— Trouxe café para Hopper — sussurrou ela, erguendo o copo gigantesco e olhando preocupada para ele do outro lado do estacionamento.
— Parece precisar de cafeína.

— Parece precisar de um abraço.

Ela pousou o copo, folheando a lista.

— Aqui — murmurou, espantada.

Fui até lá e olhei a página.



— É NA próxima entrada — disse Nora, semicerrando os olhos para o telefone.

A viagem até Livingston Manor levou uma hora e meia por estradas secundárias sinuosas. Já estava ficando escuro, o céu se tornando um azul-hematoma. Não havia placas ao longo da estrada Benton Hollow, nada de números de casas, iluminação, nem sequer faixas — só os faróis fracos do meu carro, que não expulsavam a escuridão que avançava, apenas vasculhavam nervosamente no meio dela. À nossa esquerda havia uma vegetação sólida, espinhosa e impenetrável; à direita, um vasto território obscurecido se estendia, com pastos irregulares e casas de fazenda desbotadas, uma luz solitária na varanda perfurando a noite.

— É aqui — sussurrou Nora animada, apontando para uma abertura nos arbustos.

Havia uma caixa de correio metálica, mas sem número ou nome.

Eu me virei.

Era uma entrada de cascalho estreita, que seguia reto em meio à folhagem densa, uma abertura quase insuficiente para um *homem*, quanto mais um *carro*. O caminho ficou mais íngreme, então tive que pisar no acelerador, o carro todo vibrando incontrolável como um ônibus espacial tentando romper a barreira do som. Galhos finos batiam no para-brisa.

Após um minuto, chegamos ao topo da encosta.

Pisei no freio instantaneamente.

Distante de nós, do outro lado de um gramado descuidado, cravada entre árvores altas, havia uma casinha de madeira tão decrepita que nos deixou mudos.

A pintura branca estava descascando. A falta de telhas deixou um buraco no telhado, as janelas no sótão estavam quebradas e calcinadas. Espalhados pelo quintal, em meio a folhas mortas e uma grande árvore caída, havia brinquedos de criança — um carrinho, um triciclo e, mais distante, no limite do quintal escuro, uma velha piscina plástica de criança parecendo uma bolha estourada.

Havia algo tão inerentemente ameaçador a respeito da casa que surgia ali, tomada pelas sombras, que apaguei de forma automática os faróis e desliguei o motor. Uma única lâmpada acesa junto à porta da frente iluminava o balanço parcialmente caído no chão da varanda e um velho ar-condicionado. Havia outra luz em um dos quartos dos fundos — uma pequena janela retangular iluminada com cortinas verde-hortelã bem fechadas.

Então me ocorreu que não tínhamos qualquer referência daquele homem — *Morgan Devold*. Estávamos seguindo a pista dada por uma completa estranha, uma enfermeira de Briarwood — que, pelo modo como se jogara na frente do carro, não parecera exatamente racional.

Estacionados ao lado da casa, diante de um barracão de madeira, estavam uma picape e um velho Buick cinza, uma lona plástica pendendo do portamalas.

— E agora? — perguntou Nora nervosa, roendo a unha do polegar.

— Vamos seguir o plano — respondi.

— *Plano?* — reagiu Hopper com uma risada, se inclinando para a frente entre nós. — É simples. Conversamos com Morgan Devold e descobrimos o que ele sabe. Vamos lá.

Antes que eu pudesse dizer algo, ele tinha saído, batido a porta e cruzava o quintal. Seu casaco de lã cinza balançava ao vento, agitando-se atrás dele, e com a cabeça baixa e o caminhar deliberado em direção à casa Hopper parecia uma espécie de personagem temperamental de história em quadrinhos prestes a desferir uma vingança brutal.

— Ele certamente voltou dos mortos — murmurei. — O que você colocou no café dele?

Nora não respondeu — já estava procurando a maçaneta da porta como uma irmã mais nova ansiosa que não queria ser deixada para trás. Em

segundos ela se lançou para fora, disparando atrás dele.

Eu me detive e esperei. Que *eles* sejam os batedores — *os soldados rasos que procuram minas terrestres antes que o general chegue*.

Os passos deles eram os únicos sons — esmagando suavemente as folhas e a grama cheia de gravetos. Talvez fosse a tinta descascada conferindo uma pele escamosa à casa, mas o lugar parecia reptiliano e vivo, alojado entre as árvores, esperando — e a única janela iluminada era como um olho nos observando.

Em algum lugar distante, um cachorro latiu.

Hopper já estava na varanda da frente, então saltei do carro. Ele contornou o ar-condicionado, puxou a porta de tela e bateu na porta de madeira.

Ninguém respondeu.

Bateu novamente, esperando, uma rajada de vento espalhando folhas pelo gramado.

Ainda nenhuma resposta. Ele deixou a porta de tela bater e pulou para o canteiro de flores, onde havia galhos mortos e uma mangueira de jardim embolada. Espiou por uma das janelas.

— *Tem alguém em casa* — sussurrou. — Há uma televisão ligada na cozinha.

— O que estão vendo? — perguntei em voz baixa, passando por cima do gigantesco tronco de árvore caído e, ao passar por Nora, indo inspecionar algo caído na grama. Um velho urso de pelúcia.

— Por quê? — murmurou Hopper, olhando para mim.

— Podemos saber com que tipo de gente estamos lidando. Se for *anime* japonês *hardcore* teremos problemas. Mas se for um especial de Barbara Walters...

— Está mais para uma reprise de um game show.

— Isso é ainda pior.

Hopper voltou cautelosamente à varanda, dessa vez percebendo a campainha suja de terra. Apertou duas vezes.

Houve então uma agitação de trincos girando, uma corrente deslizando e a porta da frente se abriu com um engasgo, revelando uma loura de meia-

idade atrás da tela. Vestia um largo moletom cinza, uma camiseta azul manchada, e tinha cabelo oxigenado preso em um rabo de cavalo.

— Boa noite, senhora — disse Hopper. — Desculpe incomodá-la na hora do jantar. Mas estamos procurando Morgan Devold.

Ela o examinou desconfiada, depois esticou o pescoço para me encarar.

— O que vocês querem com Morgan?

— Apenas conversar — respondeu Hopper, dando de ombros, relaxado.

— Só deve levar alguns minutos. Somos de Briarwood.

— Ele não está em casa — disse a mulher rudemente.

— Alguma ideia de quando volta?

Semicerrou os olhos para ele.

— Saíam da nossa propriedade ou chamarei a polícia.

Estava prestes a bater a porta quando um homem se materializou ao lado dela.

— Qual o problema?

Tinha uma voz suave e gentil, em impressionante contraste com a mulher, que parecia ser a esposa. Era consideravelmente mais baixo do que ela, e parecia mais jovem — trinta e poucos anos —, corpulento, vestindo uma camisa social desbotada de flanela enfiada para dentro da calça jeans, as mangas enroladas. Tinha um cabelo castanho curto e traços amplos e ruivos que não eram feios nem bonitos, apenas comuns. O rosto de um milhão de outros homens.

— Você é Morgan Devold? — perguntou Hopper.

— Do que se trata?

— Briarwood.

— Vocês têm *muita coragem* de aparecer aqui — disse a mulher.

— Stace. Está tudo bem.

— *Sem mais declarações*. Você ouviu o advogado...

— Está tudo bem.

— Não está *bem*...

— Deixe-me *cuidar* disto — falou com uma voz aguda penetrante, e de repente em algum lugar nos fundos um bebê começou a chorar.

A mulher saiu em disparada, mas não antes de olhar com raiva para ele.

— Livre-se deles — afirmou ela.

Morgan — aquele parecia *ser* Morgan — se adiantou com um sorriso de desculpas. Enquanto o bebê se lamuriava, ele não disse nada, e o modo como permaneceu ali, preso atrás da porta de tela, me lembrou de minha última visita ao zoológico do Bronx com Sam: ela apontara com grande preocupação para um chimpanzé que olhava tristemente para nós por trás do vidro — que sofrimento, que resignação.

— Vocês são de Briarwood? — perguntou, inseguro.

— Não exatamente — respondeu Hopper.

— Então sobre o que é isto mesmo?

Hopper o encarou por um segundo antes de responder:

— *Ashley*.

Foi surpreendente o modo deliberado como ele disse aquele nome. Na verdade, foi *engenhoso* — insinuando que Ashley fora uma experiência incrível que ambos tiveram, tão memorável que qualquer menção a um sobrenome era desnecessária. Ela era uma magnífica ilha escondida, uma casa secreta em um penhasco rochoso, visitado apenas por alguns poucos privilegiados. Se era uma armadilha intencional da parte de Hopper, funcionou, pois no mesmo instante surgiu uma expressão de reconhecimento no homem.

Olhando furtivamente por sobre o ombro — na direção de onde a esposa acabara de desaparecer para cuidar do bebê —, ele se voltou para nós. Com um sorriso culpado, esticou o indicador e, tomando o cuidado de não fazer barulho, o usou para empurrar a tela, abrindo a porta em silêncio.

— Lá fora — sussurrou.

SEGUIMOS MORGAN DEVOLD até o limite do quintal, onde havia árvores frondosas, perto da piscina de criança cheia de água suja e folhas. O bebê ainda chorava, embora longe da casa o vento agisse como um bálsamo sobre o som, acalmando-o, envolvendo-o nos tremores frios da noite.

— Como me encontraram? — perguntou Morgan, parecendo bastante resignado, os polegares dentro dos bolsos da calça jeans.

— Por intermédio de uma enfermeira de Briarwood — respondeu Hopper.

— Qual?

— Ela não nos disse seu nome — falei. — Mas era jovem, ruiva sardenta. Ele fez um gesto com a cabeça de que sabia quem era.

— Genevieve Wilson.

— É sua amiga?

— Não exatamente. Mas ouvi dizer que ela criou caso com a administração quando fui mandado embora.

— Você trabalhava em Briarwood?

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

— Fazendo o quê?

— Segurança.

— Por quanto tempo?

— Uns sete anos... Antes disso fui segurança de Woodbourne. Estava pronto para uma promoção em Briarwood. Achei que seria chefe-assistente.

Com um sorriso triste, ele ergueu os olhos, mirando além de mim, na direção da própria casa. Parecia perturbado, como se não a reconhecesse ou não conseguisse lembrar como fora morar lá.

— Quem são vocês? — perguntou.

— Investigadores particulares — respondeu Nora com evidente animação.

Em algum lugar, Sam Spade revirou-se no túmulo. Eu estava certo de que Morgan reconheceria a mentira, mas ele anuiu.

— Quem os contratou? — perguntou ele, solene. — A família dela? Estava se referindo a Ashley.

— Trabalhamos por conta própria — falei.

— Tudo o que nos disser poderá ser em *off* — acrescentou Nora.

Ele também pareceu aceitar isso, olhando para a água escura da piscina. Então me dei conta de que ele não se importava com *quem* éramos. Algumas pessoas sentiam de tal forma o peso de um segredo que o dariam de graça a qualquer estranho disposto a aceitá-lo.

— Stace não sabe nada sobre isso — disse ele. — Pensa que fui demitido por Briarwood ter descoberto que somos adventistas.

— Isso continuará assim — disse Hopper. — Como conheceu Ashley?

Mas Morgan não estava mais ouvindo. Algo na piscina infantil chamara sua atenção. Franzindo o cenho, ele se afastou alguns metros, pegou um galho de árvore caído e, mergulhando-o na água, vasculhou as folhas podres e a lama.

De fato havia um grande objeto flutuando ali, balançando na borda. Ele o alcançou com o galho, puxando-o para si.

Achei que era um animal afogado — um esquilo ou um gambá. Nora também; ela me olhava com um rosto dolorido e horrorizado enquanto Morgan esticava a mão e tirava a coisa, pingando.

Era um bebê de plástico.

Não tinha um olho, era meio careca, pingava água negra, mas ainda sorria maniacamente com bochechas gordinhas, e o que restava de seu cabelo amarelo estava entremeado em folhas. Usava um vestido branco pregueado, agora manchado de preto, algum tipo de fungo crescendo na forma de uma couve-flor rançosa no pescoço. Seus bracinhos roliços se estendiam para o vazio.

— Nas últimas semanas revirei a casa procurando esta coisa — murmurou Morgan, balançando a cabeça. — Minha filha chorou por três dias

seguidos quando sumiu. Não consegui encontrar. Era como se a boneca estivesse de saco cheio e tivesse saído de casa. Tive que me sentar com ela, dizer que desaparecera, fora ficar com Deus no céu. E o tempo todo estava *aqui*.

Ele deu um risinho com a ironia daquilo, um som firme, frustrado.

— Como Ashley fugiu de Briarwood? — perguntou Hopper, olhando para mim, indicando que havia algo errado com o homem.

— Comigo — respondeu Morgan simplesmente, ainda olhando para a boneca.

— *Como?* — estimulou Hopper em voz baixa.

Morgan olhou novamente para nós, como se lembrando de que estávamos ali, e deu um sorriso triste.

— É engraçado como a noite que muda sua vida para sempre começa como todas as outras.

Ele deixou o braço cair ao lado do corpo, segurando a boneca pela perna, o vestido pendurado sobre a cabeça, expondo a roupa de baixo com babados e pingando água preta sobre a grama.

— Eu estava cobrindo o plantão de um parceiro — disse ele. — Turno da noite. De nove às nove. Stace odiava quando eu trabalhava de madrugada, mas eu gostava de ver os monitores à noite. É um trabalho fácil. Sou o único nas salas do centro. Os pacientes estão dormindo, os corredores tão imóveis e quietos que você parece ser o último homem vivo. — Ele pigarreou. — Acho que eram três da manhã. Não estava prestando muita atenção. Havia umas revistas. Não deveria, mas tinha feito isso um milhão de vezes antes. Nada acontece. Não há nada acontecendo, a não ser as enfermeiras verificando os Códigos Vermelhos.

— O que são os Códigos Vermelhos? — perguntei.

— Pacientes com risco de suicídio.

— E quanto a Código Prata? — perguntou Hopper.

— Esses são os pacientes mantidos isolados porque podem ferir a si mesmos e a outros. Eu observara a noite toda. Era como qualquer outra. Quieta. Estou folheando uma revista quando ergo os olhos e algo chama minha atenção no monitor. Uma das salas de música em Straffen. Tem

alguém lá *dentro*. Assim que vi, a imagem mudou. Elas mudam a cada dez segundos. Você pode interromper a sequência para dar uma olhada mais demorada em qualquer uma delas. Eu interrompo, retorno à sala de música. Vejo que tem uma *garota* lá. É uma paciente, pois está usando os pijamas brancos do uniforme. Está ao piano. A câmera fica bem alto no canto do teto, então estou olhando para ela de cima, um pouco por sobre o ombro. Só vejo os braços magros se movendo rápido, o cabelo escuro em uma trança. Nunca a tinha visto antes. Trabalho principalmente no turno do dia, e você reconhece os pacientes. Liguei o áudio, as caixas de som...

Ele ficou em silêncio, passando a mão no alto da cabeça, como se não pudesse acreditar no que estava prestes a falar.

— O quê? — perguntei.

— Aquilo me assustou.

— Por quê?

— Era como uma gravação. Na maioria das vezes temos os pacientes esmurrando “Heart and Soul” ao piano. A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi de que era um daqueles *polter*... Ah...

— Poltergeist — disse Nora, ansiosa.

— É. Algo irreal. Ela estava tocando *violentamente*, cabeça baixa, as mãos percorrendo muito rápido. Meu segundo pensamento foi que eu estava *surtando*. Vendo algo estranho. Estou pronto para dar o alarme, mas algo me faz hesitar. Ela termina aquela música, e antes que eu perceba, embora esteja com o dedo no botão do alarme de violação de segurança, meia hora se passa, depois outra. Quando ela para de tocar, fica quieta por um longo tempo. Então, *bem devagar*, levanta a cabeça. Eu só podia ver a lateral da cabeça, mas era como...

Ele fica em silêncio e estremece, desconfortável.

— Como *o quê*? — perguntou Hopper.

— Se ela soubesse que eu estava lá. Vendo.

— O que quer dizer? — pergunto.

Ele me olhou. Sério.

— Ela me viu.

— Ela viu a câmera no teto?

— Foi mais do que isso. Ela se levantou e, quando chegou à porta, se virou e sorriu *diretamente para mim*. — Ele fez uma pausa, incrédulo, como se recordando. — Ela era diferente de qualquer coisa que eu já tinha visto. Um anjo de cabelo preto. Saiu imediatamente. E eu a rastreei. Eu a vi se mover pelo saguão e para fora. Ela andava depressa. Tenho dificuldade de acompanhá-la por todos os monitores diferentes. Eu a sigo pelos caminhos até sua volta a Maudsley. Tinha certeza de que seria pega, mas ela entra, e por alguma razão louca não há nenhum *agente* na mesa da frente.

Ele balança a cabeça, incrédulo, e continua:

— Entra apressada e sobe as escadas dos fundos tão rápido como se seus pés não tocassem o chão. Vai até o terceiro andar, entra correndo no quarto. Também não consigo acreditar *naquilo*. Ela é Código Prata, o que significa que tem enfermeiras vinte e quatro horas por dia. Continuo observando. Vinte minutos depois vejo o segurança e a enfermeira encarregada do terceiro andar. Eles sobem sorrindo do porão e algo me diz que não estavam lavando roupa. Tinha alguma *coisa* rolando. De alguma forma a garota sabia disso. — Ele faz uma pausa e esfrega o nariz antes de continuar. — A primeira coisa que faço foi apagar as fitas. Eles nunca verificam mesmo. Não até algum problema ser relatado. Mas apago, só por garantia. Na manhã seguinte solicito mais turnos da noite.

— Por que faria isso? — perguntou Hopper com uma leve acusação.

— Precisava vê-la novamente. — Ele deu de ombros timidamente. — Ela ia lá tocar piano toda noite. E eu observava. A música... — Interrompeu-se, parecendo procurar as palavras certas. — É o que você ouvirá no céu caso tenha sorte suficiente de chegar lá. O tempo todo ela me ignorava, a não ser no final, quando *olhava* para mim.

Morgan sorriu para si mesmo, inspecionando a área.

— Eu tinha que descobrir quem era ela. Não estava autorizado a olhar as fichas dos pacientes. Mas não me importava. Precisava saber.

— O que descobriu? — perguntei.

— Ela tinha medo de escuro. Uma coisa chamada *nicto* algo...

— *Nictofobia*? — sugeriu Nora.

— Isso. Eu vi. Pessoas que enlouquecem na escuridão. Começam a tremer. Ter convulsões. Achrom que estão se afogando e morrendo. Algumas vezes desmaiam. Ou se matam...

— Espere um minuto — interrompi. — Ashley não estava no escuro quando você a via pela câmara?

Morgan negou com um gesto de cabeça.

— Briarwood brilha à noite. As calçadas e as áreas centrais são mantidas iluminadas por questão de segurança. Luzes no interior dos prédios são ligadas a detectores de movimento para poupar energia, então acendiam à medida que ela ia e vinha. Algumas demoram. Comecei a notar que ela esperava uma luz se acender antes de continuar. Do lado de fora, mantinha-se no canto iluminado de todos os caminhos. Como se não pudesse pisar em uma sombra pois iria derreter ou coisa assim. Realmente tomava cuidado com aquilo.

Franzi o cenho, tentando imaginar tal forma de se mover, pulando de uma poça de luz para outra. Eu me lembrei da subida pelo Jardins Suspensos até o teto do armazém em Chinatown — será que houvera luz suficiente para ela subir até o telhado? Embora no Reservoir do Central Park, onde ela tremeluzira nos postes de luz sob aquele casaco vermelho, estivesse praticamente um breu.

— Outra coisa que descobri — prosseguiu Morgan — foi que o médico que cuidava dela enviou um memorando a todo o hospital proibindo Ashley de tocar piano. Disse que produzia episódios maníacos. A data da ordem era a do primeiro dia em que a vi. Então, era como se ela *precisasse* tocar. Como se nada pudesse impedi-la.

Ficou em silêncio por um momento.

— Na oitava noite em que a observei, percebi que ao sair da sala de música ela tirara algo do bolso e parara por um segundo junto à tampa do piano. Aconteceu rápido. Eu não tinha certeza do que vira. Rebobinei a fita e vi que ela enfiara algo ali. Esperei até o final do meu turno e fui à sala de música do Straffen, no segundo andar. Quando entrei, o cheiro dela, a sensação dela ainda estava ali. Um perfume e algo como um calor, acho. Fui até o piano, conferi sob a tampa. Enfiado entre as cordas, havia um pedaço de

papel dobrado. Eu o peguei, mas esperei até estar na segurança do meu carro para ler.

Ele parou, claramente desconfortável.

— O que dizia? — perguntei.

— *Morgan!*

Uma porta de tela bateu.

— O que está fazendo aí fora?

Stace estava na varanda da frente, embalando o bebê junto ao peito, protegendo os olhos do brilho da luz. Atrás dela havia *outra* criança, uma garotinha de uns quatro anos, vestindo uma camisola branca com estampa do que pareciam ser cerejas.

— Vocês ainda não *foram* embora?

— Está tudo bem! — gritou Morgan. Ele se virou para nós, sussurrando:

— Desçam o acesso e esperem por mim lá, certo?

Ele voltou apressado pelo gramado.

— Ah, meu Deus, eu disse para se *livrar* deles!

— Eles são dos Recursos Humanos. Estão fazendo uma pesquisa. Ei. Veja o que encontrei.

— Mas não deveríamos... O que *é* isso?

— *Bebê*. Acabei de resgatar da piscina.

— Você é *maluco*?

A garotinha gritou, sem dúvida após dar uma olhada naquela *boneca*. Nora e Hopper já estavam cruzando o gramado. Fui atrás deles, e quando entramos no meu carro, os Devold tinham voltado para dentro, embora os gritos ainda pudessem ser ouvidos mesmo com a ventania.

— É ÓBVIO que Morgan se apaixonou por Ashley — comentou Nora.

— Pode culpá-lo? — perguntei. — Ele é casado com *A coisa*. Estou me referindo ao livro de Stephen King.

— Ele é um pervertido, isso sim — disse Hopper.

Eu me virei para ele no banco de trás.

— Você se lembra de Ashley ter nictofobia no acampamento?

Olhando fixamente para mim, ele soprou a fumaça do cigarro pela janela.

— *De jeito nenhum.*

Estávamos no meu carro, sentados no final da entrada da garagem da casa de Devold. Estávamos esperando havia quarenta e cinco minutos. Afora meus faróis iluminando a estrada não identificada, que serpenteava pelos arbustos densos à nossa frente, era um breu ali, totalmente deserto. O vento ficara mais forte. Assoviava insistentemente contra o carro, fazendo os galhos baterem nervosamente no para-brisa.

— Provavelmente ele não vai voltar — murmurei. — *Stace* recolocou a focinheira no sujeito e o devolveu à sua gaiola no porão.

— Ela não era *tão má* assim — disse Nora, me lançando um olhar.

— Acredite no testemunho da única pessoa neste carro que *esteve* no lado negro do casamento e sobreviveu. Ela é *má*. Faz minha ex-esposa parecer Madre Teresa.

— Ele vai voltar — afirmou Hopper. — Tem que voltar.

— Por quê?

— Porque está louco para falar sobre ela.

Apagou o cigarro na janela, jogando a guimba do lado de fora.

De repente, Nora engasgou quando o homem surgiu na frente dos faróis.

Eu não sabia como tínhamos conseguido *não* ouvir os passos dele. Havia algo estranho no modo como ficava de pé ali com sua camisa de flanela azul desbotada, piscando desconfortável para nós, a cabeça em um estranho ângulo tímido. Nenhum de nós disse nada. *Algo estava errado*. Mas então Hopper e Nora estavam destrancando as portas e saindo. Eu me detive para observar o sujeito por mais alguns segundos. A despeito de sua aparição repentina, sua palidez fantasmagórica, ele parecia desconfortável — até mesmo *ferido*.

Saí, deixando os faróis acesos.

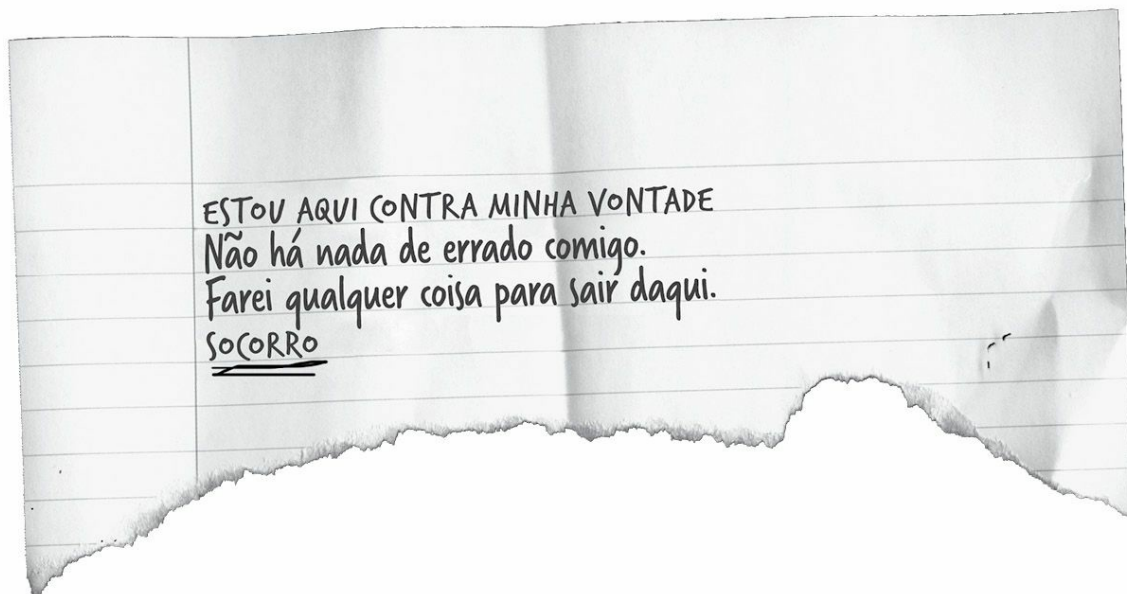
— Só tenho cinco minutos — disse Morgan, nervoso. — Senão, Stace vai pegar a espingarda.

Devia ser brincadeira, mas ele disse isso com uma seriedade enervante.

Piscando, estendeu um pedaço de papel dobrado.

Hopper imediatamente o puxou, olhando desconfiado para Morgan enquanto o abria sob o fecho de luz. Quando acabou de ler, sem que o rosto revelasse qualquer coisa, o entregou a Nora, que leu de olhos arregalados e me passou.

Fora arrancado de um bloco de notas.



— Demorou três semanas para planejar — disse Morgan. — Eu iria usar fitas pré-gravadas. Elas estariam passando no lugar da transmissão ao vivo. A hora estaria errada, mas ninguém nunca conferiu. Desci para o estoque, onde

guardavam todos os objetos pessoais dos pacientes até que saíssem, peguei os dela em um armário e guardei em uma caixa na minha casa. Ela só tinha um casaco vermelho e preto. Muito elegante.

— Só isso? — perguntei, notando o modo estranho, cuidadoso com que revelara aquilo.

Não conseguia deixar de imaginá-lo saindo da cama silenciosamente no meio da noite enquanto Stace dormia, se esgueirando até o porão escuro para abrir a caixa de papelão e olhar o casaco vermelho dela; *aquele casaco*.

— É. Ela não tinha mais nada.

— Nada de celular? Nada de bolsa?

Ele negou com a cabeça.

— Não.

— E quanto às roupas dela?

— Nada. Olhe, o pai dela é famoso. Faz filmes de Hollywood. Imaginei que ela iria querer umas roupas legais, então deixei um bilhete perguntando o tamanho dela. Tirei uma folga, fui a Liberty, comprei calça jeans, botas pretas e uma bela camiseta preta com um anjo na frente.

Ashley vestia essas mesmas roupas quando morreu.

— Assim que tinha definido os detalhes — continuou ele —, fui à sala de música e deixei um bilhete para Ashley entre as cordas do piano exatamente onde ela deixara o outro antes. Dizia que quando estivesse pronta deveria tocar uma música de ninar, “Brilha Brilha Estrelinha”. Seria o sinal verde. Significaria que na noite seguinte iria buscá-la às duas da manhã, quando a enfermeira e o segurança estivessem se divertindo na sala das caldeiras.

— Por que essa música específica? — perguntei.

— Ela já tinha tocado uma vez. — Ele sorriu. — Me fazia lembrar dela. Naquela noite, Stace acabou no hospital e foi internada. Tive que voltar a trabalhar de dia. Passei uma semana sem ver Ashley. Fiquei com medo de ela ter tocado a música e eu ter perdido. Mas na noite em que voltei ao turno noturno ela entrou em disparada naquela sala de música, e eu estava surtando, sem saber se iria tocar. Mas então ela *tocou*. Bem no final. E assim soube que estava de pé.

Ele nos encarou, pontos de luz fazendo brilhar seus olhos pequenos. Ficou novamente animado de lembrar.

— Na noite seguinte, por volta de uma hora, coloco as fitas pré-gravadas. Depois digo ao segurança de plantão que fica na frente que Stace está tendo outro ataque de pânico por causa da gravidez e precisava ir para casa. Vou direto para Maudsley, pensando que teria que subir ao quarto de Ashley para buscá-la, mas ela já está esperando por mim na frente, de pijamas. Meu coração bate *loucamente*. Estou nervoso como um maldito adolescente, porque, sabe, era a primeira vez que a via ao vivo. Ela apenas segurou minha mão e corremos pelo gramado, simples assim. — Ele abriu um sorriso tímido. — Era como se *ela* estivesse *me* guiando. Como se *ela* tivesse planejado aquilo. Abri o porta-malas do meu carro, ela entrou e saímos de lá.

— Mas não estava escuro no porta-malas? — perguntou Nora. — Se Ashley tivesse nictofobia não teria entrado lá.

Morgan sorriu, orgulhoso.

— Eu cuidei disso. Deixei duas lanternas lá para que não sentisse medo.

— Eles o pararam no portão de saída? — perguntei.

— Claro. Mas disse que minha esposa estava tendo outra emergência médica, e eles me deixaram passar. Assim que saímos, encostei para que Ashley deixasse o porta-malas. Eu a trouxe para cá, para que pudesse tomar um banho e trocar de roupa. Também tinha que colocar minha filha na cama. Stace ainda estava no hospital, então nossa vizinha ficou cuidando do bebê. Perguntei a Ashley para onde queria ir e ela respondeu que à estação de trem, pois precisava chegar em Nova York.

— Ela disse por quê? — perguntei.

— Acho que ia se encontrar com alguém.

— Quem? — perguntou Hopper.

— Não sei. Ela era tímida. Não falou muito. Só olhou para mim. Mas gostou da minha garotinha, Mellie. Leu para ela uma história de dormir enquanto eu falava no telefone com Stace no hospital.

— Para onde Ashley iria na cidade? — perguntei.

— Walford Towers? Algo assim.

— Ela lhe disse isso?

Ele pareceu culpado.

— Não. Ela pediu para usar a internet enquanto esteve aqui. Quando ela estava no banheiro, verifiquei o *browser* para saber o que tinha procurado. Era o site de um hotel na Avenida Park.

— O *Waldorf Towers*? — sugeri.

Morgan assentiu.

— Acho que é isso. Quando estava vestida, colocou aquele casaco vermelho e ficou a coisa mais bonita que eu já tinha visto. Eu a levei de carro à estação. Chegamos lá por volta das quatro da manhã. Dei algum dinheiro a ela e a deixei no carro enquanto comprava duas passagens até a Grand Central Station.

— *Dois* passagens? — perguntei.

Ele concordou, constrangido.

— Você esperava ir com ela.

Ele olhou para o chão.

— Agora parece maluquice. Mas sou romântico. Achei que iríamos juntos. Ela não parava de *sorrir* para mim. Mas quando voltei para o carro com as passagens, ela tinha sumido. Vi que um trem havia chegado. Corri para a plataforma, mas as portas já tinham se fechado. Procurei por ela em cada vagão, me sentindo mal até encontrá-la. Estava sentada junto à janela. Bati. E lentamente ela se virou, me encarou. Nunca me esquecerei do olhar que me lançou, pelo resto da minha vida.

Ele não disse nada por um momento, os ombros curvados.

— Ela não me reconheceu.

Ele suspirou, com a respiração irregular.

— Você foi demitido logo depois? — perguntei em voz baixa.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Assim que o desaparecimento de Ashley foi descoberto, tudo foi rastreado até mim.

— Quando descobriu que ela tinha morrido?

Ele piscou.

— O diretor do hospital me chamou.

— Allan Cunningham?

— É. Disse que nada iria acontecer legalmente se eu assinasse um documento de confidencialidade dizendo que agira sozinho e se nunca, jamais, falasse sobre isso...

— *Morgan!*

Era Stace novamente. A voz dela assustou todos nós, não apenas por ser aguda, mas por estar perto. Não conseguíamos vê-la, mas passos pesados se aproximavam, descendo a trilha de cascalho.

— *Morgan!* Aquelas pessoas ainda estão aqui?

— Melhor vocês irem — disse Morgan, sibilando.

Antes que pudesse detê-lo, ele arrancou o papel da minha mão e subiu correndo a entrada da garagem.

Fui atrás dele.

— Aquele papel... Queríamos *ficar* com ele — gritei.

Mas ele subia com uma velocidade impressionante. Eu mal conseguia acompanhar.

De repente, Stace apareceu no alto da encosta. Fiquei paralisado. Não brandia uma espingarda, mas, ainda *mais* aterrorizante, brandia *crianças*. O bebê seminu ainda estava em seus braços, e a garota de camisola segurava a mão da mãe, chupando o dedão.

— Estão indo agora — disse Morgan. — Precisavam de informações para chegar à rodovia.

Passou o braço ao redor dela, dizendo algo inaudível enquanto as levava de volta à casa, enfiando o papel no bolso de trás.

Droga. Eu queria ficar com o bilhete, comparar a caligrafia com aquela no envelope enviado a Hopper.

Sumiram de vista, embora eu pudesse ouvi-los andando por entre as folhas, Stace dizendo algo com raiva, o bebê choramingando.

Eu me virei, voltando para o acesso, Hopper e Nora no facho dos faróis, me esperando. Eu não tinha dado nem dez passos quando uma pedra rolou atrás de mim.

Ao me virar vi que não estava só.

Aquela garotinha de camisola me seguia.

Na escuridão, o rosto dela parecia severo, os olhos fundos e negros.

Estava descalça. O branco da camisola tinha um brilho roxo; as cerejas pareciam elos de corrente e arame farpado. Eu me dei conta de que também estava segurando aquela boneca podre que Morgan exumara da piscina — *Bebê* —, apertada na dobra do braço.

Minha primeira reação foi de repugnância, acompanhada pela necessidade de *correr para cacete*.

De repente, ela estendeu o braço. Um arrepio percorreu minha espinha.

Tinha o punho cerrado, o olhar fixo. Segurava algo preto e brilhante entre os dedos. Não podia ver exatamente o que era, mas parecia uma bonequinha.

Antes que eu pudesse reagir, ela se virou e subiu a rampa de volta, desaparecendo no alto em uma mancha branca.

Fiquei ali de pé, olhando para o espaço vazio na colina, sentindo, por alguma razão, que ela iria reaparecer.

Não reapareceu. Ainda assim estava bizarramente silencioso.

Não havia sinal da voz rígida de Stace — nenhum bebê choramingando, nada de passos, nada de porta de tela se abrindo, seguida por uma batida, nada além do vento soprando entre os arbustos.

Mesmo aquele cachorro solitário à distância se calara.

Eu me virei, correndo o resto do caminho até o carro.

— O que foi aquilo? — perguntou Hopper.

— A filhinha dele me seguiu.

Destranquei o carro, entrei, e em poucos minutos estávamos descendo depressa a Benton Hollow. Eles não disseram isso, mas eu desconfiava que nós três estávamos aliviados de rapidamente colocar uma *boa distância* entre nós e os Devold.

— Isso é o que acontece quando você se casa com a mulher errada — falei.

— A esposa estabelece o ambiente da vida do homem. Ele pode muito facilmente se ver preso escutando música de elevador zumbindo sem parar em alto-falantes pelo resto da vida se não tomar *cuidado*. Não se pode culpar o cara por querer fugir.

— Ele é um completo otário — disse Hopper do banco de trás.

— É outra forma de colocar isso.

Estávamos repassando Morgan Devold e tudo o que tínhamos descoberto sobre Ashley em Briarwood, agora seguindo pela New Jersey Turnpike, a minutos da cidade.

Isso era maravilhoso sobre Nova York: você podia passar algumas horas enervantes em paisagens rurais com enfermeiras que se jogavam na frente de seu carro e famílias estranhas, mas quanto mais perto você chegava de Manhattan e dava uma olhada em seu horizonte reluzente — e *depois* espiava o cara que acabara de fechar você com um Nissan modificado tocando Tejano-polka a todo volume — se dava conta de que tudo estava certo no mundo.

— Ash o manipulou — continuou Hopper, sem erguer os olhos do seu celular, zumbindo com mensagens. — Ela sabia que alguém a observava pela câmera. Então decidiu que, quem quer fosse, era sua melhor chance de sumir de lá.

— E quanto a esse medo do escuro? — perguntei, olhando para Nora. — O que me lembra: de onde você conhecia o termo *nictofobia*?

Ela desmanchara suas tranças compridas e olhava distraída pela janela, desembaraçando as pontas.

— Terra Hermosa — disse ela. — Um cavalheiro no segundo andar chamado Ed. Ele costumava repassar sua lista de fobias e se vangloriar de todas que já tivera. Nunca sofreu de nictofobia. Mas teve *automatonofobia*.

— O que é isso?

— Medo de bonecos de ventríloquo. Qualquer coisa que imite ser humano. Ele foi ver *Avatar* e teve que ser hospitalizado.

— Ele definitivamente deveria ficar longe do Upper East Side.

— Isso é besteira — disse Hopper, afastando o cabelo dos olhos. — Ash não tinha medo de *escuro*. Ela provavelmente só encenou isso para que os médicos a deixasse em paz.

— E o modo como olhou para Morgan de dentro do trem? — perguntei a Nora. — Talvez *não* o conhecesse. Talvez tivesse amnésia ou perda de memória recente.

— Não — disse Hopper. — Ele já servira a seu propósito e ela não precisava mais do homem. Foi só isso.

— Uma outra coisa me preocupou — acrescentou Nora.

— Só *uma* outra coisa? — retruquei.

— Morgan disse que Ashley leu uma história para a filha dormir.

— E?

— Você não deixa uma estranha que você acabou de tirar de um hospital psiquiátrico ficar com sua filha. Deixa?

— Ele não vai ganhar nenhum prêmio de Pai do Ano. E quanto àquela Noiva de Chuck que ele pescou na piscina infantil? *Bebê*. Isso sem falar daquela *coisinha* que me seguiu na entrada. Quando ela crescer, vai precisar de uma longa temporada em Briarwood.

Nora inclinou a cabeça.

— Não acha que Morgan machucou Ashley, acha? Quando a levou para casa para trocar de roupa... Teve algo no modo como ele descreveu isso que me deu arrepios.

— Ele não colocou a mão nela — interrompeu Hopper.

— Como você sabe? — perguntou Nora, se virando para ele.

— Porque se *tivesse*, estaria aleijado agora.

Olhei para ele pelo retrovisor, chocado com seu tom de voz. Estava olhando pela janela, o rosto dourado por causa dos faróis dos carros que passavam. Uma coisa que eu aprendera nas horas anteriores era que a compreensão que ele tinha de Ashley, ou *Ash*, como a chamava, era significativamente mais intensa do que o conhecimento casual de anos antes que alegara ter. Ele a conhecia melhor do que revelava, ou então um dia a observara atentamente, talvez mesmo à distância, como Devold. Fiquei tentado a pressioná-lo, tentar fazê-lo admitir que não havia sido honesto, mas decidi que não — por ora. Provavelmente iria apenas ficar com raiva e na defensiva, e isso não me levaria a lugar algum.

Conferi o relógio no painel: 21h42.

— Então, onde deixo vocês? — perguntei.

Nora se virou para mim.

— *Ainda não* terminamos. Temos que ir para aquele hotel, o Waldorf, ver se alguém reparou em Ashley. Ela disse que iria para lá. Então devemos ir.

— Parece um plano — murmurou Hopper, encontrando meu olhar pelo retrovisor.

— É pouco provável — falei. — Mas tudo bem. Vamos conferir.

COMO A MAIORIA dos nova-iorquinos, eu me esforçava para evitar o Waldorf Astoria. Era como uma tia-avó muito rica, muito gorda e misericordiosamente muito *distante* que tinha três camadas de gordura sob o queixo, usava tafetá e possuía uma personalidade tão autoritária que você não precisava *vê-la*, apenas *ouvi-la* uma vez para atingir sua quota pelos quinze anos seguintes.

Mas se você decidisse se aventurar lá dentro, passando pelas portas giratórias *art déco*, pelos homens de negócios de Milwaukee e o grupo da Igreja Unitarista, depois respirasse fundo antes de abrir caminho pela multidão para subir as escadas acarpetadas, deixando para trás a fila da Starbucks e a mulher que passou a mala de rodinhas sobre seus sapatos, seria instantaneamente assolado pelo luxo inflado do lugar. Havia tetos abobadados. Havia palmeiras. Havia relógios dourados. Havia mármore. Caso houvesse a recepção de um casamento — e normalmente havia, a noiva e o noivo, Bobby e Marci de Massapequa, *Long Island* — o saguão pulsava como um ginásio de escola em noite de baile de formatura.

Hopper e Nora me seguiram pelo saguão, contornando uma grande família que vestia suéteres iguais do Red Sox na direção de uma discreta entrada de madeira. Era identificada por uma pequena placa dourada, WALDORF TOWERS — tão discreta que seu objetivo óbvio era passar despercebida.

Segui pelo corredor até os elevadores, entrando, Nora e Hopper logo atrás de mim.

— Você realmente sabe andar por aqui — disse Nora enquanto eu apertava o G.

Eu *sabia*, infelizmente.

O Waldorf Astoria servia apenas como uma distração da parte do hotel onde as pessoas *importantes* ficavam, o mais exclusivo Waldorf Towers, hotel preferido de presidentes, do duque e da duquesa de Windsor, de príncipes sauditas e de vários executivos extravagantes de Wall Street quando se encontravam com suas amantes, o que, tristemente, era um pouco como *eu* conhecia o lugar.

Não me orgulhava disso — e certamente não recomendava —, mas houve um período infernal de seis meses pouco depois do meu divórcio que engatei um caso com uma mulher casada. E a encontrei ali, no Waldorf Towers, um total de *dezesseis* vezes, embora isso tenha acontecido só após ela ter me mandado e-mails de avaliação no tom de um chefe insatisfeito me informando de que o *primeiro* hotel que eu escolhera para nossos encontros, um que eu realmente *podia pagar*, o genérico Fitzpatrick Manhattan, na Lex — conhecido por sua devotada clientela como *The Fitz* — ficava perto demais do escritório dela, os quartos não tinham luz suficiente, os lençóis fediam e o homem da recepção lançava um olhar engraçado para ela após perguntar se precisava de ajuda com a bagagem e ela anunciar que não tinha nenhuma, só ficaria ali por quarenta e cinco minutos.

As portas do elevador se abriram, nos despejando no saguão do Waldorf Towers, pequeno, elegante e totalmente vazio.

Nós três fizemos a curva até a recepção, onde um jovem com antepassados no Oriente Médio estava de pé atrás do balcão. Era alto, com corpo esguio, olhos escuros. Sua identificação dizia HASHIM.

Eu me apresentei rapidamente.

— Será que você pode nos ajudar? — prossegui. — Estamos procurando informações sobre uma mulher desaparecida. Achamos que ela veio aqui em algum momento no mês passado.

Ele pareceu intrigado. Mas felizmente também não deu qualquer sinal de precisar chamar o gerente.

— Você se importaria de dar uma olhada na foto dela? — perguntei.

— De modo algum — respondeu, com uma voz clara e amigável, embelezada com um sotaque britânico.

Tirei a notificação de pessoa desaparecida de Ashley do bolso interno do casaco, dobrei-a para que apenas o retrato pudesse ser visto e a entreguei a ele.

— Quando ela esteve aqui? — perguntou ele.

— Há algumas semanas.

Ele a devolveu.

— Sinto muito. Nunca a vi. Claro que é difícil dizer a partir de uma foto. Se quiserem posso fazer uma fotocópia e colocar nos fundos para o caso de algum outro funcionário tê-la visto ou se lembrar dela.

— Não foi relatado nada fora do comum?

— Não.

— Vocês gravam imagens do saguão?

— Gravamos. Mas isso exigiria um mandado. Imagino que tenham procurado a polícia...

Anuí, Hashim sorriu com uma tristeza cinco estrelas por não poder me ajudar mais — *e era hora de seguirmos nosso caminho*.

— Ela estaria vestindo *isto* — disse Nora, tirando o casaco de Ashley da sacola da Whole Foods e o colocando, dobrado, sobre o balcão.

Ele baixou os olhos e estava prestes a negar com a cabeça quando algo no casaco claramente o deteve.

— Você o reconhece — afirmei.

Ele pareceu intrigado.

— *Não*. É só que uma das arrumadeiras relatou um incidente. Foi há algum tempo. Mas acho que *tinha* algo a ver com uma pessoa de casaco vermelho. Na verdade a questão ressurgiu esta manhã, quando a mesma arrumadeira se recusou a limpar um dos andares. Isso foi um problema, pois estamos lotados.

Erguendo os olhos, Hashim viu que nós três nos debruçávamos com grande ansiedade sobre o balcão.

Ele recuou um passo, alarmado.

— Por que não deixam um número para meu supervisor falar com vocês?

— Não temos tempo para um supervisor — disse Hopper, empurrando Nora ao se aproximar de Hashim. — No caso de uma pessoa desaparecida,

cada minuto conta. Precisamos falar com a arrumadeira. Sei que isso significaria você ter burlar algumas *regras*, mas... — Ele sorriu. — Seria muito bom.

Fora sugestão minha no carro alegar que Ashley estivesse *desaparecida*, não morta; eu descobrira que os desaparecidos produziam maior sensação de urgência e disposição para ajudar. A estratégia parecia ter funcionado. Ou talvez tivesse sido apenas a aparência intensa de Hopper se voltando de repente para o homem, porque Hashim o encarou por alguns longos segundos. E eu vi a breve mas ousada expressão de desejo masculino brotar no rosto dele, inconfundível como um petroleiro piscando uma luz para outro navio. O homem pegou o telefone e, colocando o fone sob o queixo, discou um número rapidamente.

— Sarah. Hashim na recepção. Guadalupe Sanchez. Aquele episódio que ela relatou há algumas semanas. Não foi alguma coisa sobre um casaco vermelho? Não foi o que... *Ah* — Ele ficou em silêncio, escutando. — Ela ainda está aqui hoje? — Ficou escutando. — Vinte e nove. Certo, obrigado.

Ele desligou.

— Venham comigo — disse, com um breve sorriso para Hopper.

SEGUIMOS HASHIM ATÉ um elevador, onde ele enfiou um cartão branco na abertura e apertou 29.

Subimos em silêncio, embora algumas vezes Hashim tenha olhado rapidamente para Hopper, que fitava seus tênis. Eu não tinha certeza *do que* se passava naquela comunicação silenciosa, mas estava funcionando; as portas se abriram e Hashim saiu bruscamente, seguindo pelo corredor cor de creme.

Um carrinho de limpeza estava estacionado no fim dele. Fomos para lá. Nora ficou para trás para inspecionar as fotografias em preto e branco penduradas na parede, retratos de Frank Sinatra e da rainha Elizabeth.

Chegando ao carrinho, Hashim bateu secamente na porta identificada como 29T, entreaberta.

— Srta. Sanchez?

Ele a empurrou para abrir. Entramos atrás dele na sala de estar de uma suíte vazia; sofás azuis, carpete azul e um extravagante mural pintado na parede exibindo colunas gregas e uma deusa de pele azul.

Hashim atravessou uma pequena cozinha, nós três o seguindo.

Levava a um quarto onde uma pequena mulher de cabelo prateado estava arrumando a cama. Era latina e usava um vestido de arrumadeira cinza-escuro. Como estava escutando música, não reagiu — um iPod verde preso no braço.

Ela deu a volta na cama, ajustando o lençol, e então percebeu nossa presença.

Deu um grito agudo, colocando uma das mãos sobre a boca, olhos saltados.

Parecia que tínhamos entrado trajando mantos com capuzes e brandindo foices.

Hashim falou em espanhol, um pedido de desculpas por tê-la assustado, e a mulher — Guadalupe Sanchez, pelo que sabia — tirou os fones dos ouvidos e, com a voz rouca, murmurou alguma coisa de volta.

— Como está seu espanhol? — perguntou Hashim, animado.

— Fraco — respondi.

Nora e Hopper balançaram as cabeças, indicando que não sabiam o idioma.

— Então me esforçarei para traduzir. — Ele se virou para a mulher e disparou um espanhol impecável.

Ela ouviu com bastante interesse. Eventualmente seu olhar se desviava de Hashim para nos observar. Em dado momento — deve ter sido quando explicou por que estávamos ali —, ela anuiu quase como se fizesse uma reverência, e sussurrou: *Sí, sí, sí*. Depois contornou a cama em nossa direção lentamente, nervosa, como se fôssemos três touros que pudessem desafiá-la.

Vendo a mulher a pouca distância, seu rosto era redondo e feminino, com as bochechas gordas como as de uma criança pequena, mas sua pele caramelo tinha tantas rugas finas que parecia um saco de papel pardo que fora amassado com força.

— Mostre a foto a ela — disse Hashim.

Eu a tirei do bolso do casaco.

Ela levou um momento para desdobrar cuidadosamente os óculos, colocando-os na ponta do nariz, antes de pegá-la. Disse algo em espanhol.

— Ela a reconhece — afirmou Hashim.

Nora, que estava mexendo no casaco de Ashley na sacola da Whole Foods, finalmente o pegou, segurando-o pelos ombros.

A mulher deu uma olhada e ficou paralisada, sussurrando.

— Ela acha que já viu isso — disse Hashim.

— Ela *acha*? — falei. — Parece bastante convencida.

Ele sorriu com desconforto, virando-se para a mulher e fazendo uma pergunta. Ela respondeu com voz séria e baixa, espiando o casaco de Ashley como se tivesse medo de que pudesse ganhar vida. Hashim interrompeu para

fazer uma pergunta e ela respondeu de forma acalorada, dando alguns passos para *longe* do casaco. Falou por vários minutos, em certos momentos tão *dramaticamente* que fiquei pensando se teria sido uma atriz popular de telenovelas venezuelanas. Tentei encontrar alguma palavra que reconhecesse no fluxo de espanhol e de repente consegui.

Chaqueta del diablo. Casaco do diabo.

— E então? — perguntei a Hashim quando ela parou de falar e ele não se esforçou para traduzir.

Parecia irritado.

— Aconteceu há semanas — respondeu ele. — Cinco horas da manhã. Ela estava no trigésimo andar, começando o turno da manhã.

Guadalupe o observava atentamente. Ele deu um sorriso fino e prosseguiu:

— Tinha acabado de destrancar um quarto quando notou algo no fim do corredor. Uma forma vermelha. Não conseguia ver o que era. Tinha deixado os óculos em casa. Era apenas uma bola *vermelha*. Pensou que fosse uma mala. — Ele pigarreou. — Quarenta e cinco minutos depois, tendo terminado de limpar o quarto, saiu novamente. Ainda estava lá, aquela *coisa vermelha borrada*. Mas *se movia*. Guadalupe empurrou o carrinho pelo corredor e ao se aproximar percebeu que era uma jovem. A mesma da foto. A garota estava agachada no chão, as costas apoiadas na parede. Vestia *aquele casaco*.

— O que mais? — perguntou Hopper.

— Apenas isso, sinto muito.

— Guadalupe falou com ela? — perguntei.

— Não. Tentou sacudi-la, mas a garota estava em um estupor de drogas. Lupe correu para chamar a segurança. Quando voltaram, a garota tinha sumido. Não foi vista desde então.

— Será que ela consegue se lembrar da *data específica* em que isso aconteceu? — perguntei. — Ajudaria.

— Ela não consegue se lembrar. Foi há algumas semanas.

Guadalupe deu um sorriso triste para mim e então, aparentemente lembrando-se de uma coisa nova, acrescentou algo, esticando o braço direito à frente. Foi um gesto estranho, a mão formando uma espécie de *garra* —

como se agarrando uma maçaneta invisível no ar. Depois apontou para o olho esquerdo, balançando a cabeça, nervosa.

— O que ela está dizendo agora? — perguntei.

— Tudo foi muito perturbador para ela — disse ele. — É incomum se deparar com um vagabundo desmaiado em nossos corredores. Agora, se não se *importam*, devemos deixar Lupe voltar ao trabalho.

Seu serviço cinco estrelas de atendimento ao cliente despencara para uma estrela. Nem mesmo Hopper conseguiu influenciá-lo a não encerrar o interrogatório. Na verdade, Hashim parecia deliberadamente evitar encará-lo.

— Lá embaixo você disse que ela se recusou a limpar o andar designado esta manhã — falei. — O que foi isso?

— A garota a assustou. Precisamos voltar ao saguão. Qualquer outra pergunta vocês podem fazer diretamente à polícia — disse ele, dirigindo algumas palavras a Guadalupe e indo a passos largos para a porta.

Nora enfiou o casaco de volta na sacola — com Guadalupe observando nervosa —, Hopper e eu atrás dela. Enquanto Hashim prosseguia, voltei escondido ao quarto.

Queria alguns minutos sozinho com Guadalupe — talvez fazê-la dizer algo que eu pudesse traduzir depois. Encontrei-a no banheiro, de pé diante do espelho sobre a pia de mármore rosa. Ao me ver pelo reflexo, seu olhar passou do próprio rosto para o meu. Era um olhar tão apavorado que me chocou. Abriu a boca para dizer algo.

— *Senhor* — cortou Hashim atrás de mim. — Precisa sair *agora*, ou chamarei a segurança.

— Estava apenas agradecendo a Guadalupe por seu tempo.

Com uma última olhada para ela — Hashim a assustara, pois já estava agachada junto à banheira, de costas para mim —, eu o segui para fora.

— A POLÍCIA poderá ajudar melhor — disse Hashim ao nos deixar do lado de fora da entrada do hotel na Cinquenta Leste. — Boa sorte.

Ele nos observou ir até a esquina da avenida Park junto à igreja de São Bartolomeu, depois disse algo ao porteiro — sem dúvida ordens de alertar a segurança caso voltássemos — e desapareceu lá dentro.

Já passava das onze horas, uma noite fria e clara. Táxis e limusines desciam a avenida rugindo, embora as amplas calçadas na direção norte estivessem silenciosas e desertas, os prédios grandiosos não passando de catedrais vazias se erguendo no céu. Apesar do tráfego, tudo parecia solitário. A entrada da igreja estava tomada pelas formas escuras imóveis de homens em sobretudos pesados, dormindo em caixas de papelão. Poderiam ser baleias pegas desprevenidas por uma maré que recuara de repente, deixando-as encalhadas nos degraus.

— O que você acha? — perguntou-me Nora.

— Lupe? Ela foi um pouco *dramática*, mas só podia estar dizendo a verdade. A versão dela.

— Por que Ashley estaria no trigésimo andar simplesmente *dormindo* no corredor?

— Talvez estivesse com alguém. Não tinha chave. Ou iria se encontrar com alguém.

— Viu o modo como ela olhou para o casaco? Era como se achasse que ia atacá-la ou algo assim.

— Ela o chamou de casaco do diabo. Hashim se esqueceu de mencionar isso.

— Ele se esqueceu de mencionar muitas coisas — interrompeu Hopper. Ele estivera olhando para a entrada do hotel, mas depois foi até nós, mexendo

nos bolsos do casaco. — Inventou metade daquela merda.

— Então você fala espanhol — afirmei.

— Morei desde os sete anos em Caracas. Depois andei por Argentina e Peru por quase um ano — anunciou despreocupadamente enquanto pegava um cigarro e dava as costas ao vento para acendê-lo.

— Como Che Guevara em *Diários de motocicleta*? — perguntou Nora.

— Na verdade, não. Foi um inferno. Mas fico feliz que tenha servido para alguma coisa. Como saber quando alguém está tentando me enganar.

Eu estava surpreso, para dizer o mínimo. Não esperava que o garoto fosse bilíngue. Mas então me lembrei de um detalhe que ele deixara escapar enquanto me contava sobre o acampamento. *Eu tinha viajado com minha mãe pela América do Sul para a merda do culto missionário no qual ela estava envolvida. Fugi daquela porra de lugar.*

— Eu queria ver se ele seria honesto. E não foi. — Hopper expirou um longo jato de fumaça. — Não gostei daquele cara.

— Ele certamente gostou de você.

Ele não respondeu, parecendo não ligar para o meu comentário.

— Então, o que ela *realmente* disse? — perguntei.

— Foi meio difícil de acompanhar, porque estava falando em um dialeto guatemalteco. *E* era doida varrida.

— Por que ela era doida varrida? — perguntou Nora.

— Acreditava em fantasmas, espíritos, tipo, como se todos estivessem voando por aí feito pólen. Falou uns quinze minutos sobre como vinha de uma longa linhagem de *curanderas*.

— O que é isso? — perguntei.

— Uma besteira popular sobre mulheres que têm o dom da cura. Já tinha ouvido falar delas, na verdade. Curam corpos e almas. Uma parada única para todos os seus problemas.

— Então, sobre o que ele mentiu?

— Disse a verdade sobre a arrumadeira ter visto Ashley no trigésimo andar. Mas assim que ela chegou na parte em que estava empurrando o carrinho pelo corredor, ele tomou todo tipo de liberdade. Ela na verdade a chamou de *espíritu rojo*, um espírito vermelho. Nunca achou que fosse uma

pessoa sentada ali, mas um tipo de alma confusa, algo assim, presa entre a vida e a morte. Quanto mais perto chegava, sentia algo, como uma mudança na atração gravitacional da Terra. Quando se agachou na frente de Ashley, disse que ela estava *inconsciente*. Mas não por *drogas*. Chamou-a de *una mujer de las sombras*. Uma mulher das sombras. — Ele deu de ombros. — Não tenho *ideia* do que isso quer dizer. Ela a tocou, e Ashley estava fria como gelo, então Guadalupe a sacudi pelos ombros, e quando a menina abriu os olhos ela viu *la cara de la muerte* olhando-a de volta. A cara da morte. — Ficou em silêncio, pensando naquilo. — Disse que Ashley estava marcada.

— De que forma?

— Pelo diabo. Eu *falei* que a mulher era maluca. Disse que havia uma segunda pupila em seu olho esquerdo, *alguma* merda, e era... — Ele jogou o cigarro no chão. — Chamou de *huella del mal*.

Ele esmagou a guimba com o calcanhar e, quando ergueu os olhos novamente, pareceu surpreso com nossas expressões ansiosas, esperando que traduzisse.

— Significa a pegada do mal — falou.

— Por isso apontou para o olho esquerdo — comentei.

Nora estava encarando Hopper, sem palavras. Abraçou com ainda mais força a sacola da Whole Foods com o casaco de Ashley, como se para ter certeza de que qualquer *aura negativa* ligada a ele continuasse presa do lado de dentro.

— Depois o que aconteceu? — perguntei. — Apareceram estigmas nas palmas de Guadalupe?

— Ela ficou com medo, correu para o porão, pegou suas coisas e passou o resto do dia na igreja. *Não* chamou a segurança, e foi por isso que Hashim ficou puto. Não seguiu o protocolo. Hashim achou que Ashley era uma sem-teto e disse a Guadalupe que iria conversar com o chefe sobre como ela lidara com a situação. Então, depois disso acho que colocamos a mulher em apuros.

Fazia todo sentido. Quando vi Guadalupe se olhando de forma estranha no espelho do banheiro, só podia ser porque tinha medo de que pudesse perder o emprego.

Hopper, no momento, parecia não se importar com todo aquele episódio. Tirara o telefone do bolso e estava rolando as mensagens.

— Tenho que ir — disse ele. — Encontro com vocês depois.

Com um sorriso desleixado, ele se virou, saindo da calçada.

Embora carros descessem a avenida correndo, indo na nossa direção, ele correu bem na frente deles, ignorando-os, ou não se importando em ser atropelado. Um táxi freou e buzinou, mas ele o desprezou, indo até o meio, esperando que os carros passassem pelo outro lado, e então atravessou a rua em disparada. Nora e eu ficamos olhando em silêncio.

NORA NÃO QUIS que eu a levasse para casa, mas insisti, então ela falou para deixá-la na esquina da Nona Avenida com a rua Cinquenta e dois.

Enquanto eu dirigia, nenhum de nós dois falou.

Havia sido um *longo* dia, para dizer o mínimo. Eu não comera nada além de jujubas e salgadinhos. Hopper fumando um cigarro atrás do outro me deixara com uma leve dor de cabeça. Tudo que tínhamos descoberto sobre Ashley — a fuga de Briarwood, a aparente visão da arrumadeira — era recente demais para fazer sentido. Meu plano imediato era ir para casa, me servir de uma bebida, ir para a cama e ver como tudo pareceria de manhã.

Virei à esquerda na Nona, parando em frente a uma mercearia coreana.

— Obrigada pela carona — disse Nora, agarrando a alça da bolsa e abrindo a porta.

— Você faltou ao trabalho hoje? — perguntei. — O Four Seasons?

— Ah, *não*. Ontem foi meu último dia. A garota fixa voltou da licença-maternidade. Amanhã começo como garçoneiro no Mars 2112.

— Onde fica o seu apartamento?

— Logo ali. — Ela apontou vagamente por sobre o ombro. — Acho que vejo você depois.

Sorrindo, ela colocou a bolsa no ombro, bateu a porta e começou a caminhar pela calçada.

Fiquei onde estava. Após ter andado uns dez metros, ela olhou para trás — claramente verificando se eu ainda estava lá — e continuou.

Vejo você depois.

Eu saí para a Nona Avenida, parando no sinal vermelho. Nora ainda descia o quarteirão, mas desacelerou para olhar outra vez por sobre o ombro.

Deve ter me visto, pois imediatamente subiu os degraus da frente do prédio fedido mais próximo.

Jesus Cristo. Sartre não estava mesmo brincando quando disse que *o inferno são os outros*.

O sinal ficou verde. Pisei fundo para alcançar a pista da direita, mas fui imediatamente fechado por um ônibus articulado. Como de hábito, o motorista achava que dirigia um maldito compacto, não uma centopeia sobre rodas com um quarteirão de comprimento. Freei, esperando ele passar, virei à direita na Cinquenta e um, novamente na Décima e depois na Cinquenta e dois.

Estacionei atrás de um caminhão e vi Nora no mesmo instante.

Estava sentada no alto dos degraus do prédio no qual aparentemente desaparecera, verificando o celular. Após um minuto, se levantou, espiou pela lateral das colunas para o lugar onde eu acabara de deixá-la. Ao ver que eu tinha partido, desceu os degraus, *voltando* para a esquina.

Entrei na rua. Chegando à mercearia, ela passou pelas fileiras de flores frescas — dizendo algo para o velho sentado lá — e entrou.

Estacionei de novo para esperar. Um minuto depois ela saiu carregando aquelas duas enormes sacolas de compras da Duane Reade com as quais estava na lanchonete Pom Pom, além de — o que era muito estranho — uma grande gaiola cilíndrica de arame branco.

Atravessou a rua com sua bagagem, descendo a Nona no sentido sul.

Esperei o sinal ficar verde e virei à direita, vendo-a andar pela calçada à minha frente. Reduzi, para não ultrapassá-la — um taxista atrás de mim enfiou a mão na buzina —, e a vi parar na porta de uma pequena loja estreita. PAY-O-MATIC, dizia a placa. Ela apertou um botão para entrar, ficou esperando e depois desapareceu lá dentro.

Acelerei, entrando rapidamente à esquerda na rua Cinquenta e um, estacionando diante de um hidrante. Tranquei o carro e voltei à Nona.

A fachada de vidro da PAY-O-MATIC estava coberta de adesivos: WESTERN UNION, TROCAMOS CHEQUES, SERVIÇOS FINANCEIROS 24 HORAS. A loja era pequena, com carpete marrom e duas cadeiras dobráveis, caixas empilhadas

no chão. Ao longo da parede dos fundos havia um caixa com vidro à prova de balas.

Toquei a campainha. Após um minuto, a porta dos fundos se abriu e um grande homem careca colocou a cabeça para fora.

Vestia uma camisa de mangas curtas e tinha um rosto que parecia um pedaço de pastrami. Apertou um botão na parede, e o portão se abriu com um estalo.

Enquanto entrava, ele foi para o caixa, limpando as mãos na frente da camisa, que agora eu conseguia ver que tinha bambus vermelhos bordados por todo lado. Por via de regra, eu não confiava em homens que usavam bordados.

— Estou procurando uma jovem com sacolas de compras e uma gaiola de passarinho.

Ele fingiu uma expressão confusa.

— Quem?

— Nora Halliday. Dezenove anos. Loura.

— Só tem eu aqui — disse ele, com um forte sotaque de Nova York.

— Então eu devo ser Timothy Leary viajando em muito *ácido*, porque acabei de vê-la entrar.

— Está falando de Jessica?

— Exatamente.

Ele me encarou, preocupado.

— Você é policial?

— O que você acha?

— Não quero problemas.

— Nem eu. Onde ela está?

— No cômodo dos fundos.

— O que está fazendo lá?

Ele deu de ombros.

— Ela me dá quarenta pratas. Eu a deixo ficar aqui.

— Quarenta pratas? É isso?

— *Ei* — disse ele, na defensiva —, eu tenho família

— Onde é o cômodo dos fundos?

Sem esperar a resposta, fui até a única porta e a abri.

Levava a um corredor bagunçado e escuro.

— Não quero problemas. — Ele estava bem ao meu lado, sua colônia forte quase me derrubando. — Fiz isso como um favor.

— A quem?

— *Ela*. Apareceu aqui há seis semanas, chorando. Eu a ajudei.

Eu me adiantei a ele e entrei no saguão. Música rap abafada vinha do andar de cima, fazendo o prédio pulsar.

— *Bernstein!* — gritei.

Não houve resposta.

— É Woodward. Preciso falar com você.

No final do saguão havia duas portas de madeira fechadas. Fui até elas, contornando um balde de faxina cheio de água suja e passando por uma pequena cozinha e um sanduíche pela metade em cima de uma cadeira dobrável.

— Sei que você está aqui em algum lugar — chamei.

A primeira porta estava entreaberta. Eu a empurrei com o pé. Era um banheiro, com um exemplar amassado de uma revista de mulher pelada e uma tira de papel higiênico grudada no piso.

Eu me afastei, batendo na segunda porta. Como não tive resposta, tentei a maçaneta. Estava trancada.

— Nora.

— Me deixe em paz — disse ela em voz baixa. Parecia estar a centímetros de distância, atrás de um pedaço de papelão.

— Que tal abrir a porta para podermos conversar?

— Gostaria que fosse embora, por favor.

— Mas quero lhe oferecer um emprego.

Ela não respondeu.

— Estou procurando uma assistente de pesquisa. Cama e comida incluídas. Vai ter que dividir o quarto em alguns fins de semana com minha filha e a coleção de bichos de pelúcia dela. Mas fora isso é seu.

Olhei por sobre o ombro. O cara grande da frente estava ouvindo, seu corpo gordo bloqueando o saguão.

— Qual é o salário inicial? — perguntou ela de detrás da porta.

— O quê?

— Do *emprego*. O salário.

— Trezentos por semana. Em dinheiro.

— *Mesmo?*

— Mesmo. Mas você cuida da sua própria lavagem de dinheiro.

— Qual plano de saúde?

— Nenhum. Faça refeições saudáveis.

— Não vou dormir com você nem nada disso.

Ela comentou isso como se falasse de uma alergia alimentar. *Não vou comer moluscos nem amendoim.*

— Sem problemas.

— Tudo certo aí?

O cara da frente estava agora atrás de mim.

A porta se abriu de repente, e Nora estava ali, ainda vestindo aquela saia de patinação no gelo, mas com o cabelo comprido caído sobre os ombros, o rosto solene.

— Sim, Martin — disse ela. — Estou indo.

— Com um *policial*?

— Ele não é policial. É um jornalista investigativo. *Freelancer*.

Aquilo realmente pareceu perturbar o cara — não o culpo. Nora sorriu para mim, ficando tímida de repente, e entrou novamente, deixando a porta aberta.

Era um grande closet, uma única lâmpada nua brilhando acima. Em um canto haviam sido estendidos um lençol e um cobertor do exército. Ao longo da parede havia um saco de pães de cachorro-quente, uma pilha de camisetas dobradas, um saco de comida de passarinho, garfos e facas de plástico e pilhas de pacotinhos de sal e pimenta — provavelmente roubados de um McDonald's. Ao lado da gaiola — parecia não haver nada *dentro* dela — havia um anuário dizendo HARMONY HIGH SCHOOL, CASA DOS LONGHORNS. Ao lado da cama improvisada havia duas pequenas fotos coloridas presas na parede — perto de onde ela colocaria a cabeça. Uma de um homem barbudo, a outra de uma mulher.

Devem ser a mãe morta e o pai preso.

Dei um passo para dentro para ver melhor e me dei conta de que o homem na verdade era *Cristo*, do modo como aparecia nas aulas dominicais: pele leitosa, túnica azul engomada, uma barba aparada com tanto cuidado quanto um bonsai. Fazendo o que ele sempre fazia: segurando nas mãos uma luz ofuscante como se tentasse se aquecer após um longo dia esquiando na montanha. A mulher ao lado dele era Judy Garland em *O mágico de Oz*. Eles formavam um casal e tanto.

Nora enfiou uma pilha de camisetas na sacola plástica.

— Se eu aceitar esse trabalho você não poderá me fazer toneladas de perguntas. *Eu* não sou da sua conta. — Ela agarrou um shortinho de lantejoulas douradas embolado no canto, enfiando-o na sacola. — Isto é só até descobirmos sobre Ashley. Depois disso, farei as minhas próprias coisas.

— Certo.

Eu me curvei para examinar a gaiola. Dentro havia um periquito azul vivo, embora a coisa estivesse tão imóvel e desbotada que mais parecia uma taxidermia. Havia brinquedos decorados espalhados sobre o jornal diante dele — bolas coloridas, penas e sinos, um espelho de corpo inteiro —, mas o pássaro parecia exausto demais para ter qualquer interesse neles.

— Quem é este cara? — perguntei.

— Septimus — respondeu ela. — É uma herança. — Ela deu um passo à frente, sorrindo. — Foi herdado tantas vezes que ninguém se lembra de onde veio. Vovó Eli ganhou-o da sua vizinha de porta, Janine, quando ela morreu. E tinha sido dado a Janine por Glen quando *ele* morreu. E *Glen* o herdara de um homem chamado Caesar que morreu de diabetes. A quem ele pertenceu antes de Caesar, só Deus sabe.

— Isso não é um pássaro, é um mau presságio.

— Algumas pessoas acham que ele tem poderes mágicos e cem anos. Quer segurá-lo?

— Não.

Mas ela já estava abrindo o trinco da portinhola. O pássaro pulou e se *aninhou* na mão dela, que pegou a minha, passando o pássaro.

Ele não ia ficar muito tempo neste mundo. Parecia ter catarata. Também tremia levemente feito uma escova de dentes elétrica. Diria que estava catatônico se de repente não tivesse jogado a cabeça para o lado, me encarando com um olho amarelo embaçado que parecia uma conta de colar velha.

Nora levou o rosto até ele.

— Promete não contar a ninguém? — perguntou ela em voz baixa.

— Sobre o quê?

— Isto. Não quero que ninguém sinta pena de mim.

Seus olhos passaram do pássaro para mim, o olhar firme.

— Prometo.

Ela sorriu, satisfeita, e voltou a arrumar as coisas, pegando todos os pacotinhos de sal e pimenta, jogando-os nas sacolas da Duane Reade.

— Na verdade, tenho temperos em casa — falei.

Ela balançou a cabeça — como se eu a tivesse lembrado de levar pijamas — e começou a recolher meias pretas e sutiãs deixados para secar nas prateleiras de cima, loucas estampas de leopardo e zebra colocadas junto a furadeiras Black & Decker e latas de tinta.

A garota era como um daqueles livros ilustrados com páginas que se abrem e se desdobram, deixando os olhos das crianças arregalados. Desconfiei de que ela nunca acabaria de se desdobrar.

Após ter guardado as roupas, Nora começou a descolar Jesus e Judy Garland da parede. Jesus saiu facilmente. Judy, como era de se esperar, demandou muita insistência. Ela pegou o anuário da Harmony High, abriu, colocou com cuidado as fotos lá dentro e devolveu Septimus à gaiola.

Eu me dei conta, vendo a gosma verde-oliva que ele deixara, que o pássaro acabara de cagar na minha mão.

— É melhor se você deixar secar primeiro, e só depois tirar — disse Nora, olhando para aquilo. — Estou pronta. Ah. Quase que eu esqueço.

Ela revirou a bolsa e me deu uma fotografia colorida. Imaginei que estivesse me mostrando uma pessoa da família, mas então me dei conta, surpreso, de que era uma foto de Ashley.

Seus olhos cinzentos, fundos por causa de círculos escuros, pareciam grudar em mim.

— Sabe quando desapareci do passeio por Briarwood e me meti em apuros? Foi para buscar *isso* que voltei. Vi naqueles quadros de avisos junto ao salão de jantar, embaixo de “Piquenique Semanal”. É ela, não?

La cara de la muerte, dissera a faxineira do Waldorf. A face da morte. Entendi o que quisera dizer.



NA MANHÃ SEGUINTE, fui acordado às 5h42 por rangidos do lado de fora da porta do meu quarto. Os passos se afastaram pelo corredor, e a eles se seguiu o som de canos de água guinchando, mais rangidos de *volta* ao quarto de Sam e depois para o andar de baixo, onde pratos e copos retiniram na cozinha como se alguém começasse a preparar um jantar para vinte e cinco pessoas.

Apesar da suspeita de que encontraria meu apartamento privado de todos os objetos de valor quando *de fato* acordasse caí no sono outra vez, apenas para ser novamente despertado por uma leve batida na porta.

— Sim — murmurei.

— Ah. Acordei você?

A porta se abriu com um rangido, seguido por silêncio. Entreabri um olho. O relógio marcava 7h24. Nora olhava para mim pela abertura.

— Quando vamos *começar*?

— Já desço.

— Legal.

Deus do céu.

Tonto, vesti um roupão e me arrastei escada abaixo, onde encontrei Nora enrolada no sofá da sala, vestindo uma camiseta listrada em branco e preto de Marcel Marceau e calça leggings preta. Estava descascando um ovo cozido e rabiscava em um diário encadernado em couro que eu me dei conta, após um momento confuso de reconhecimento, de que era *meu*. Eu o encontrara em uma loja de encadernação em Nápoles. Um italiano de oitenta anos chamado Liberatore o criara com suas mãos artríticas e trêmulas ao longo de um ano. Era o último daquele tipo, porque ele já havia morrido e sua loja tinha sido substituída por uma concessionária Fiat. Eu o estava guardando para o dia em que tivesse algo substancial e profundo para escrever nele.

— Você gosta de dormir, hein?

Ela parou de escrever para sorrir para mim. Vi que tinha escrito ANOTAÇÕES DO CASO ASHLEY CORDOVA no alto da página, seguido por uma caligrafia indecifrável.

— Não são nem oito da manhã. Isso é cedo.

— Se Vovó Eli estivesse aqui diria que o dia inteiro tinha sido desperdiçado. Preparei café da manhã para você.

Com certo temor, fui à cozinha.

Havia um prato de ovos mexidos e torrada no balcão. Ela também *lavava a louça*. Não havia um único prato ou copo sujos na pia.

Saí da cozinha.

— Não cozinhe para mim. Nem faça faxina. Esta é uma relação de trabalho.

— São só ovos.

— Tenho quarenta e três anos. Não preciso de ajuda para me alimentar.

— *Ainda não*. Em Terra Hermosa tinha um homem, Cody Johnson. Ele apresentou sinais de demência por volta dos trinta e nove.

Havia pouco a acrescentar a *isso*. Sempre que a garota mencionava Terra Hermosa era como jogar pesticida na conversa — *morte* instantânea.

Eu me servi de uma xícara de café e fiz um gesto para que Nora me seguisse.

— Dentro desta caixa está tudo o que sei sobre Cordova — disse a ela enquanto entrávamos em meu escritório. — Organize por data de publicação e assunto. Junte toda a informação sobre os *filmes*. Separe qualquer coisa que ache que possa nos ajudar a compreender a personalidade de Ashley, música, hobbies, seu histórico; qualquer referência a vida familiar ou ao complexo de Adirondack, The Peak.

Notei um conjunto de papéis se projetando, uma foto de The Peak que havia encontrado em uma revista *National Geographic* antiga impressa e presa com clipe na frente. Peguei-a, entregando a Nora.

— Você pode ler isto. Quando comecei a investigar Cordova há cinco anos, fui até Crowthorpe Falls, dei uma volta, perguntei aos moradores o que tinham ouvido. Tudo o que descobri está aqui.

Andei até a porta, deixando Nora sentada com as pernas cruzadas no sofá, concentrada em prender o cabelo atrás das orelhas enquanto se acomodava para ler.

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak
S. McGrath
3-13 de abril de 2006



Crowthorpe Falls, Nova York

Harrison, Taylor & Woods, arquitetos

THE PEAK, A CASA DE EDWARD ROBB ROCKEFELLER, ESQ. - FACHADA FRONTAL.

The Peak, por volta de 1912

The Peak

O imóvel conhecido como The Peak, antes uma propriedade de férias dos Rockefeller e projetado pelos arquitetos Harrison, Taylor & Woods, fica ao norte do lago Lows, na floresta de Adirondack, norte de Nova York.

A cidade mais próxima é Crowthorpe Falls, uma das mais pobres da região. Estacionamentos de trailers, celeiros abandonados e estacionamentos, motéis, bares de beira de estrada e bares de topless compõem a cidade (apelidada de Crow pelos locais). Para ir de Crow a The Peak é preciso conhecer bem a área, pois quase todas as estradas são de terra e sem identificação.

Stanislas Cordova e sua primeira esposa, Genevra, descendente da família italiana Castagnello, compraram a propriedade em execução de hipoteca de aristocratas britânicos, Lorde e Lady Sludely de Sussex. Pouco após se mudar para a propriedade em 1976, Cordova começou a construir enormes estúdios pelo terreno de 120 hectares onde poderia filmar, editar e fazer a mixagem de som de seus filmes sem jamais sair da propriedade.

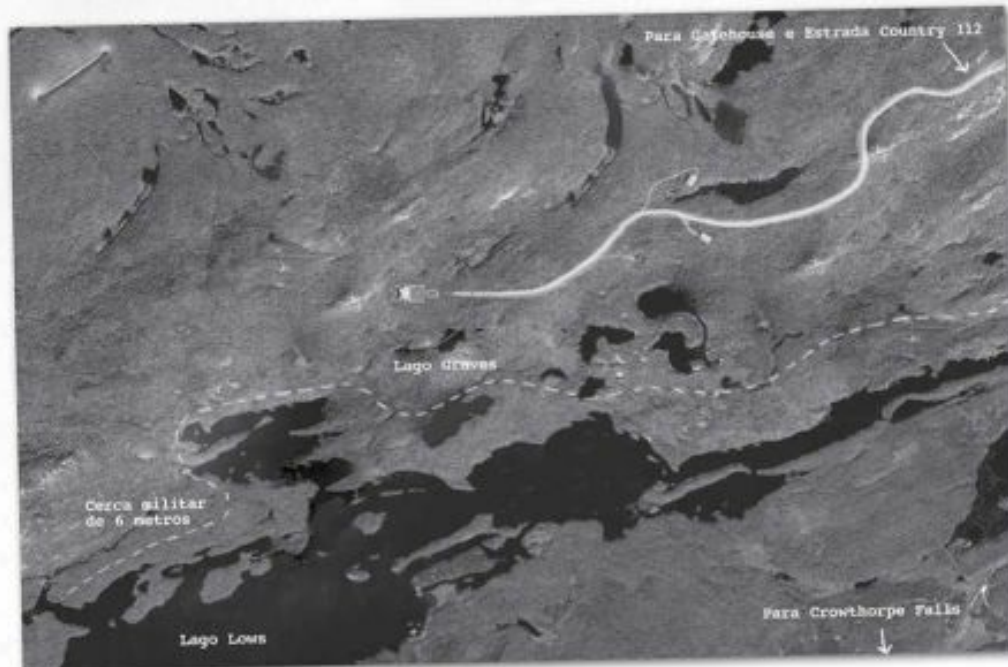
Com o fim de seu acordo de produção com a Warner Bros., Cordova começou a financiar os próprios filmes, transformando The Peak em seu estúdio pessoal oficial e aumentando ainda mais a mística do diretor como um recluso agorafóbico e louco.

Fonte: Wikipedia.org/wiki/Stanislas_Cordova

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

Vista aérea de The Peak



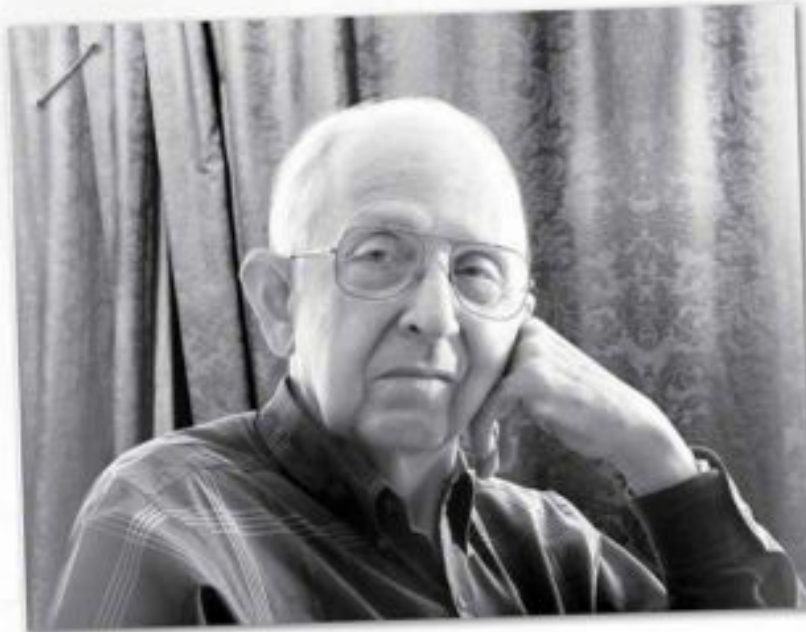
A mansão The Peak fica em uma floresta densa no topo de uma alta cordilheira ao norte do lago Graves, um lago menor ao norte do lago Lows.

Toda a propriedade – que se estende para o norte além do lago Darning Needle, perto do lago Cranberry – é delimitada por uma cerca militar de seis metros de altura.

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

Entrevista com Nelson Garcia – 3 de abril de 2006



Dezembro
de 2004
Equip. médico?

Garcia é o vizinho mais próximo de Stanislas Cordova, um plantador de maçãs aposentado de 78 anos de Lafayette, Nova York. Desde 1981, ele mora em um trailer cor de ferrugem em um lote em frente à estrada coberta de mato que leva a The Peak. Alega nunca ter conhecido ou sequer visto os Cordova – por causa de seu diabetes tipo 2 ele raramente vai à cidade, tendo uma enfermeira que o visita e leva suprimentos três vezes por semana. Mas me contou alguns incidentes interessantes sobre o vizinho infame.

– Costumávamos ter placas de trânsito por aqui, mas o carteiro me contou que eles as retiraram – contou.

– O que quer dizer com “eles”? – perguntei.

– As pessoas que moram lá em cima.

– Está se referindo à família Cordova?

Ele assentiu.

– Por que iriam retirar as placas de trânsito? – perguntei.

– Não querem gente lá em cima. Gostam de ficar sozinhos. Foi o que ouvi dizer na cidade. Eu costumava ver todo tipo de carro chique entrando e saindo de meia-noite até de manhã. Especialmente nos anos 1980 e 1990. Limusines. Uma vez um Rolls-Royce. Algumas vezes ouvi helicópteros pousando lá em cima. Música também. Mas desde o começo dos anos 2000 está quieto. Nunca vejo ninguém entrar ou sair.

No começo de dezembro de 2004 Garcia alega ter recebido uma série de entregas da UPS que deveriam ter ido para The Peak, mas foram entregues a ele por engano. A primeira foi uma caixa enorme com um selo dizendo Century Scientific.

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

Entrevista com Nelson Garcia - 3 de abril de 2006

A Century Scientific Inc., com sede em Scranton, Pensilvânia, é uma empresa especializada em equipamento médico. Vendem leitos, cadeiras de rodas, macas e outros equipamentos terapêuticos para hospitais particulares.

- Minha filha algumas vezes me manda pacotes, então recebi esses - contou Garcia. - Depois que o entregador foi embora, me dei conta de que não era meu.

- A quem estava endereçado? - perguntei.

- À alguém chamado Javlin Cross. E o endereço dizia Estrada Country 112, 1014. Eu sou Country 112, 33. Não abri. Mas era pesado. Mal consegui levantar. Tinha mais ou menos um metro e vinte de altura. Acho que era algum tipo de cadeira - essa era a forma da caixa.

Garcia ligou para a UPS e em uma hora o pacote foi recolhido.

Uma semana depois o motorista entregou outra caixa, mais uma vez para o sr. Javlin Cross.

- O endereço do remetente dizia algo com "Pharmaceuticals" - contou Garcia. - Disse ao garoto que ele cometera um erro. Ele se desculpou, falou que era novo no emprego. E esse realmente foi o último. Mas durante um mês ou dois, uma vez por semana, à tarde, eu via o caminhão passar e virar para lá, levando Deus sabe o quê. Esperava alguns minutos e então ouvia o guincho arrepiante do portão de ferro automático se abrindo para deixar o caminhão subir. Um som agudo tão penetrante que doía ouvir. Você achava que ia estilhaçar a TV. - Ele balançou a cabeça. - Meu palpite é que havia alguém doente lá em cima. Ou ferido.

Garcia me contou que provavelmente teria se esquecido da confusão não fosse por ter notado outra coisa estranha cerca de uma semana depois das entregas por engano. Estava levando o lixo até a caçamba no final da estrada e notou um cheiro esquisito vindo dos outros sacos plásticos.

- Nunca tinha sentido um cheiro como aquele. Era medonho. Como plástico queimado.

Garcia disse que apenas ele e os Cordova usavam a caçamba. Na semana seguinte a essa observação, percebeu que não apareceram outros sacos de lixo, e até hoje ele é o único usuário da caçamba.

- Agora queimam todo o lixo - disse ele. - Você pode sentir o cheiro quando está quente à noite. Queimando. E às vezes, quando o vento está soprando para sudeste consigo até ver a fumaça.

Perguntei se Garcia vira algum dos filmes de Cordova. Ele negou com um aceno de cabeça.

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

Entrevista com Nelson Garcia - 3 de abril de 2006

- Eu teria pesadelos - falou.

- Em seu filme *Solitário 3* há um homem sendo mantido em cativeiro contra sua vontade - disse a ele. - Um ex-presidiário convencido de que o personagem principal tem que rastrear e libertar. Seu nome é Javlin Cross; o nome daqueles pacotes que o senhor recebeu.

Garcia anuiu, pensando naquilo.

- O que dizem na cidade sobre os Cordova? - perguntei.

- Como assim?

- O que as pessoas falam sobre ele? Sobre a propriedade?

- Ninguém gosta de falar disso. Não sei por quê. Mas não gostam. Olhe, aqui as coisas funcionam com cada um cuidando da própria vida.

Ele não tinha mais nada a acrescentar e parecia pronto para assistir ao programa na TV, então agradei por seu tempo e fui embora.



Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

Kate Miller

28 de maio

de 2003

5h30



Em 28 de maio de 2003, às 5h30, Kate Miller, de 62 anos, estava caminhando pela deserta estrada Old Forge, em Bainville, Nova York, uma pequena cidade turística que fica a 160 quilômetros ao norte de Albany e a 45 minutos de Crowthorpe Falls.

Era o fim de uma longa noite. Miller trabalhava a noite toda na recepção do Forest View Motel, um resort de férias ao sul da cidade. Toda manhã, sob chuva ou sol, seis dias por semana, Miller caminhava os poucos mais de três quilômetros do motel à rua principal de Bainville para pegar o ônibus da Trailways que a levava 32 quilômetros ao norte para Danville, onde morava com o marido e o neto de 12 anos.

Old Forge é uma estrada íngreme e estreita de mão dupla que leva à cidade. Suas curvas fechadas são famosos pontos de acidentes automobilísticos – principalmente causados por adolescentes locais ou turistas. Miller se disse que estava a três quilômetros da cidade, andando na direção contrária ao trânsito do lado esquerdo da estrada, quando um sedã esportivo prateado passou por ela na pista da direita.

– Achei que era um motorista bêbado, (porque) ocupava a estrada toda – contou ela. – Ele desapareceu na curva, houve um silêncio e então uma batida, vidro se partindo e barulho de algo quebrando. A buzina também tocava.

Ela se apressou na direção do acidente, embora a artrite nos joelhos a impedisse de correr. Menos de um minuto depois viu o que tinha acontecido: ao calcular errado uma curva, o motorista perdera o controle do carro e colidira com um pinheiro que se erguia de um declive de dois metros e meio na lateral da estrada.

O carro ficou severamente danificado, e uma loura em torno dos 50 anos subia a encosta engatinhando até a estrada. Estava muito abalada, mas não parecia ter outros ferimentos além dos arranhões no rosto e nos braços.

– Estava chorando. E tremendo toda. Perguntei se tinha um telefone, mas ela disse que deixara em casa. Eu nunca tive um celular.

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

Kate Miller

- Então falei que iria à cidade e chamaria uma ambulância. Perguntei se estava com alguém, mas ela negou.

Miller continuou a descer a Old Forge, mas não antes de ir à beira da estrada e dar mais uma olhada dentro do carro.

- Dessa vez notei que havia alguém deitado no banco de trás - relatou ela. - Um homem grande todo de preto, inconsciente, coberto de ataduras nos braços e no rosto. Pareciam ensanguentadas. Mas não parei para discutir; ela estava péssima depois de tudo aquilo e provavelmente não sabia o que estava dizendo. Decidi buscar ajuda o mais rápido possível.

Cinquenta minutos se passaram entre o momento em que Miller andou os três quilômetros, discou 911 de um posto de gasolina, e uma ambulância e a polícia chegaram ao local. Encontraram uma mulher que se identificou como Astrid Goncourt. O carro, um Mercedes prata 1989, estava vazio.

Goncourt admitiu que estava correndo, fez o teste do bafômetro e foi liberada. A polícia não viu qualquer sinal de que alguém mais pudesse ter estado com ela no carro. Ela foi para um hospital local com pequenos cortes e arranhões e recebeu alta horas depois.

No dia seguinte, o *Daily News* de Nova York e o *Times Union* de Albany noticiaram que a sra. Cordova sofrera um acidente de carro voltando para casa após deixar a festa de aniversário de um amigo e tivera ferimentos leves. O fato de que The Peak fica a uma hora de carro de Bainville (uma viagem longa para começar às 5 horas da manhã) não alertou a polícia, embora não ficasse claro se essa era a história de Astrid ou simplesmente uma reportagem preguiçosa.

Três semanas após o acidente, Miller voltou a procurar a polícia. Nesse interim ela lera sobre Astrid e seu marido famoso - "Não gosto de filmes de terror", explicou quando perguntei por que de início os nomes não tinham significado nada para ela -, e identificara a pessoa que ela vira no carro como Stanislas Cordova.

O Departamento de Polícia de Bainville tomou seu depoimento e a dispensou.

A alegação de Miller nunca foi investigada a fundo.

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

A subida – 13 de abril de 2006, 14h14

Obviamente, eu devia visitar The Peak.

Entrei em meu carro e virei à esquerda na estrada que dava no número 1014 da estrada Country 112 – segundo o GPS –, acelerando pelo caminho não identificado.

Começava com sulcos fundos de pneus e lama, mas depois de uns seis metros se transformava em uma estrada de cascalho surpreendentemente bem cuidada. Algum funcionário devia cuidar do caminho com certa regularidade; não havia um galho, arbusto ou erva daninha maculando a trilha. Em alguns troncos mais baixos, galhos claramente haviam sido serrados.

Passei, à minha direita, por uma pequena placa vermelha e branca, mas evidente: “Estrada particular”. Não ultrapasse. Era uma cálida e nada ameaçadora tarde de primavera – a luz do sol penetrava por entre as árvores; o dia tinha um clima preguiçoso e seporífico.

Acelerei em uma curva. Estava no meio da floresta. A folhagem acima era tão densa que me sentia dentro de um suéter de lã: pesado, emaranhado, e só de vez em quando havia um pequeno espaço através do qual dava para ver o céu azul. O ar de repente começou a ter cheiro de gasolina – meu carro talvez estivesse precisando de uma revisão –, mas também a algo mais: queimado.

Passei acelerando por uma árvore bizarra, três galhos voluptuosos se encontrando um no outro de prazer ou dor. Pareciam pornográficos. Meu Deus, perguntei a mim mesmo, *poderia ser assim tão fácil?*

Só avancei mais alguns metros.

Fiz uma curva, e bem na minha frente se erguia uma guarita, aparentemente deserta, coberta de hera. Não havia como passar, de carro ou a pé. Além do portão de ferro forjado, uma enorme cerca militar cortava a floresta nas duas direções. Me aproximei. Duas câmeras de vigilância pendiam como ninhos de vespas em cantos opostos do portão. Baixei a janela, olhando para uma delas. Juro que vi a lente se mover, aquele pequeno olho ciclópico focando em mim.

– Há alguma chance de eu entrar para tomar um café?

Minhas palavras soaram fracas, marchas, na tarde quente.

Como ele vivia ali em cima? Será que aquela propriedade era a versão dele da Terra do Nunca de Michael Jackson, da Graceland de Elvis, do Magic Kingdom de Walt Disney? Seriam os boatos sobre sua loucura apenas parte do mito, e ele não era um príncipe das trevas, apenas um homem velho que esperava passar o resto de sua vida em paz e solidão?

Talvez a verdade fosse algo totalmente diferente. Talvez Kate Miller estivesse certa. Talvez tivesse visto Cordova no banco de trás do carro no começo da manhã de 28 de maio de 2003. Talvez ele estivesse gravemente ferido de um acidente ali em The Peak, talvez até mesmo assassinado. Kate Miller, a testemunha solitária, fora manipulada para deixar o local. Astrid provavelmente tinha um celular e chamou alguém na mesma hora – um amigo ou um dos filhos de Cordova, Theo ou Ashley –, e nos minutos que se passaram tiraram Cordova do carro e o levaram embora. Será que Cordova está vivo em The Peak? Está preso ao leito, inconsciente, confinado a uma cadeira de rodas? Isso explicaria a série de entregas médicas recebidas por Nelson Garcia mais de um ano depois.

Viagem a Crowthorpe Falls, NY, e à propriedade The Peak

S. McGrath

A subida — 13 de abril de 2006 14h14

Saltei do carro, tirei uma foto da guarita, depois fui embora, acelerando na direção da estrada Country 112, passando pelo trailer de Garcia e pela caçamba de lixo. Não tirei o pé do acelerador até estar de volta ao trânsito engarrafado da FDR em Manhattan.

Qualquer que seja a verdade sobre Cordova, em 15 filmes aterrorizantes ele nos ensinou como nossos olhos e nossas mentes sempre nos enganam — que o que sabemos ser certo nunca é.

Agora só podemos esperar que ele um dia retorne — para que possamos ver, novamente, como estivemos cegos.

Telefone de
Nelson Garcia
(518) 555-1493



— O NÚMERO foi cortado — disse Nora, desligando.

Ela tentara telefonar para Nelson Garcia, usando o número de minhas anotações.

— Provavelmente morreu — falei. — Quando conversei com ele, mal conseguia se levantar do sofá.

Nora não disse nada, apenas pegou a transcrição do informante anônimo, John, semicerrando os olhos enquanto lia.

Passava de oito e meia. Eu acabara de voltar de um jantar no Café Sant Ambroeus com um velho amigo — Hal Keegan, um fotojornalista que fora meu colega na *Insider*, embora tivéssemos nos visto pouco nos últimos anos. Optei por não dizer a ele no que estava trabalhando. Confiava em Hal, mas, apesar de ter sido pego pela segurança de Briarwood, esperava manter minha investigação em segredo. A despeito de toda a sua lógica arrogante, os jornalistas são uma raça supersticiosa. Havia um acordo tácito de que, quando um repórter corria atrás de uma matéria, palpites e teorias passavam a circular pelo ar, e outros repórteres poderiam pegá-los como a um resfriado. Normalmente era só uma questão de tempo até que um de seus concorrentes tivesse os mesmos palpites que você sobre um caso. Eu não alimentava a ilusão de ser o único jornalista investigando a morte de Ashley Cordova. Mas não havia glória nenhuma em ser o segundo ou terceiro a resolver um caso. Só havia um *primeiro*.

Quando voltei para casa, Nora estava no mesmo lugar onde eu a deixara, ainda organizando meus papéis. Levara um pouco de linguini ao pesto para ela, mas depois de dizer “Meu Deus, obrigada, parece gostoso”, ela mal tocou nele e continuou a vasculhar, totalmente absorvida no resumo de Beckman sobre seu obsoleto curso sobre Cordova. Fiquei surpreso com o foco dela.

Tinha passado doze horas *seguidas* no meu escritório, parando de ler apenas para dar atenção ao periquito pré-histórico, Septimus, cuja gaiola ela colocara na estante junto à janela — “Ele adora ver pessoas”, explicara ela.

Embora Nora não tivesse dito nada *específico*, eu deduzia que ela tinha sido criada por um bando de idosos de espírito livre naquele lugar do qual sempre falava: *Terra Hermosa*. Parecia sobrenaturalmente *conectada* ao cronograma de vigília e alimentação de idosos. Perguntara o que eu iria fazer para o jantar às quinze para as cinco — a lendária hora de jantar em asilos — e usava algumas expressões reveladoras da era McCarthy: *supimpa, caramba e não perca as estribeiras*.

— Quanto tempo após ter ido a Crowthorpe Falls você recebeu o telefonema anônimo? — perguntou-me Nora, deixando a transcrição de lado.

— Algumas semanas depois.

Eu estava no sofá de couro, digitando anotações no meu laptop, detalhando nossa viagem a Briarwood e ao Waldorf.

— Isso só pode significar que o que você descobriu lá era *real*.

— Está falando de Kate Miller e Nelson Garcia?

Ela assentiu.

— Deve ser por isso que John ligou para você. Cordova provavelmente conseguiu uma imagem clara de você pela câmera de segurança quando foi até a guarita. E John foi uma armadilha.

— Tendo a concordar, mas nunca tive uma confirmação.

— Talvez Cordova *estivesse* ferido no carro naquela noite. E alguém *estivesse* doente em The Peak. E por isso estavam recebendo aquele equipamento médico.

— Não mencionei isso nas minhas anotações — falei, colocando o laptop de lado e me recostando nas almofadas. — Mas sempre achei suspeita a identificação de Cordova por Kate Miller. Seis meses depois de eu ter conversado com ela, tentou vender sua história para a *Enquirer*, mas não quiseram tocar naquilo. Não havia como corroborar nada que ela dissesse, e não queriam ter que enfrentar um processo. Agora, se a *National Enquirer* não quer chegar perto de você por estar sujo, isso significa que você está realmente imundo. — Virei o resto do meu uísque. — De qualquer forma,

Miller nunca poderia explicar como sabia qual era a aparência de Cordova. Por que *ninguém* realmente sabe. As fotos que saíram dele na *Rolling Stone* parecem manipuladas. Acreditam que o infame close dele no cenário de *O legado* não seria dele, mas de um dublê.

— Talvez ele seja desfigurado como o Fantasma da Ópera — sussurrou Nora, animada. — Ou talvez tenha sido o corpo de um defunto que Kate Miller viu no carro.

— Não podemos concluir que estamos lidando com maníacos homicidas sem provas.

Ela não pareceu me ouvir.

— Os Cordova poderiam ter algum tipo de poder místico. Foi o que a arrumadeira do Waldorf nos contou ontem. Até mesmo Morgan Devold mencionou isso, que Ashley de algum modo *sabia* que ele a observava. Por um segundo, achou que estava vendo algo já morto. Em suas anotações, Garcia diz que ninguém falava sobre The Peak. — Ela pegou a caixa do CD de Ashley, olhando para a capa. — Até mesmo a música que ela gravou. Significa “O diabo na noite”.

— Você ficaria chocada com quantas pessoas se voltam para o *paranormal* quando não conseguem explicar algo — falei, indo a passos largos até a estante para encher meu copo. — Usam esse tipo de explicação mais do que ketchup. Eu, por outro lado, e portanto *você*, como minha funcionária, lidaremos com fatos objetivos e claros.

Embora eu firmemente fosse um *não* crente do paranormal, *ainda* havia a persistente lembrança de como Ashley aparecera à noite no Reservoir. Não contara isso a Nora. Não contara a ninguém. A verdade era que eu não tinha mais certeza do que vira. Era como se aquela noite pudesse ser separada de todas as outras como uma noite sem lógica, uma noite de fantasia e estranheza. Nascida de minhas próprias ilusões solitárias, uma noite que não tinha lugar no mundo real.

Nora pegara o envelope de vinte por vinte e cinco centímetros contendo o arquivo policial de Ashley — aquele que Sharon Falcone me dera — e tirara a pilha de papéis, soltando uma página da frente e me entregando.

Era uma das reproduções coloridas de fotos do corpo de Ashley tiradas no necrotério. Havia uma variedade de fotos — com e sem roupa, embora Sharon estivesse certa em mencionar que não houvesse na pasta qualquer foto que fosse especialmente explícita, frente e costas completas. Aquela imagem mostrava a parte de cima do rosto de Ashley, os olhos cinzentos manchados de vermelho e amarelo, olhando para fora, embotados.

— Veja o olho esquerdo dela — disse Nora.

Dentro da íris havia uma sarda preta.

— *Isto?* É uma pigmentação concentrada da íris. Muito comum.

— Não *desse jeito*. É na altura da pupila, perfeitamente horizontal. Só pode ser aquilo de que Guadalupe falou. Sua *marca*. Não me lembro da expressão em espanhol que Hopper disse, mas significava pegada do mal.

— *Huella del mal*.

— E há o que aconteceu à *primeira* esposa de Cordova.

— Genevra.

Nora assentiu.

— Eu já investiguei. — Devolvi a foto para ela e retornei ao sofá. — Assim como a polícia e uns cem outros repórteres e colunistas de fofoca na época. Ela só aprendera a nadar dois meses antes. A família dela, um bando de esnobes de Milão que *odiava* Cordova, o considerava um operário infiel. Até mesmo *eles* admitiram que só podia ter sido um terrível acidente. Genevra tinha um histórico de impulsividade. Disse à babá do filho que iria para o lago nadar. Pediram que ela esperasse. Mas ignorou. Era um dia nublado, e começou uma chuva que logo se transformou em um temporal. Deve ter ficado desorientada. Não conseguiu encontrar a direção da margem. Após uma busca, foi encontrada presa nos juncos no fundo do lago. Cordova estava ocupado com a pós-produção de *Treblinka* e tinha uma dúzia de álibis, toda a sua equipe e Artie Cohen, o produtor da Warner Brothers que falou com a imprensa. Cinco meses depois ele deu sua última entrevista à *Rolling Stone*. Nunca mais apareceu em público.

Nora não parecia estar escutando. Mordia o lábio, vasculhando vigorosamente os papéis mais uma vez. Puxou uma matéria do meio de minhas velhas anotações, impressa de uma microficha, e me passou.

Eu a reconheci como algo que imprimira anos antes de um arquivo de biblioteca. Era datado de 7 de julho de 1977, do *Times Union* de Albany.

AFOGAMENTO DE CASTAGNELLO FOI ACIDENTAL, DIZ POLÍCIA

por JASON MONTERSON

Genevra Castagnello, esposa do diretor de cinema Stanislas Cordova, encontrada morta no começo da manhã de domingo em um lago em sua propriedade em Adirondack, se afogou acidentalmente, segundo as autoridades.

Arthur Bailey, legista-chefe do Departamento de Medicina Legal do condado de St. Lawrence, concluiu após uma autópsia que Genevra Castagnello, 31, morreu em decorrência de um afogamento acidental.

Castagnello desapareceu no final da tarde de sábado após ter ido nadar no lago Graves, um dos vários lagos de sua propriedade. Teria sido vista pela última vez entrando na água às 16 horas em um traje de banho vermelho. Quando não retornou à casa uma hora depois, tendo começado a trovejar e a chover, as autoridades foram chamadas. Após uma busca de 15 horas, seu corpo foi encontrado no lago no começo da manhã de domingo pelo corpo de bombeiros e serviços de emergência do condado de St. Lawrence.

A WNYT-TV informou que Castagnello só aprendera a nadar recentemente, tendo finalmente superado o medo de se afogar.

"Estou chocada", disse Anoushka Ponti, amiga de infância de Genevra vinda da Itália que estava hospedada na casa durante a morte. "Tinha almoçado com ela algumas horas antes. Desceu para o lago para nadar e relaxar após o bebê ter sido colocado para dormir. Estava melancólica. É tão repentino, não consigo entender. Era uma bela pessoa."

O ten. Jason Restig, porta-voz do corpo de bombeiros e serviços de emergência do condado de St. Lawrence, disse que, embora a investigação continue aberta, o que aconteceu parece ser autoexplicativo, acrescentando:

— Não suspeitamos de crime, drogas ou álcool. Foi apenas uma triste tragédia.

Genevra se casou com Stanislas Cordova em 1975 após conhecer o diretor em uma exibição de *Em algum lugar em um quarto vazio* no Festival de Veneza. Ela havia sido modelo em Milão e era herdeira de uma lendária fortuna de origem bancária que remonta à associação no século XIX com o banco CM de Rothschild & Figli.

Ela deixa o marido, Stanislas, trabalhando em seu sexto filme, *Treblinka*, e um filho de quatro meses, Theodore.



BELLA ITÁLIA. Castagnello foi casada com o cineasta Stanislas Cordova por dois anos. Ela se afogou no sábado em um lago de sua propriedade.

Albany Times Union 7 de julho de 1977

DEFENSORES DE LEI IMOBILIÁRIA PLANEJAM MANIFESTAÇÃO NO ESTADO

— Mesmo que tenha *sido* um acidente — disse Nora —, a primeira esposa e a filha morrerem de acidente não é um bom registro em termos de carma. Mas o que se destacou mesmo foi o que a *amiga* dela disse.

— Que ela estava melancólica.

Nora anuiu.

— Genevra pode ter cometido suicídio. Se Ashley também fez isso, o que isso indica sobre Cordova?

— Que ele é tóxico. Por outro lado, uma mãe cometer suicídio, deixando o filho pequeno órfão, vai contra o instinto materno.

— Foi por estar perto *dele*. — Nora se inclinou para a frente, olhando para as pilhas de papel. — Li suas outras anotações, mas você não foi muito longe no que diz respeito a alguém falar sobre ele.

— Obrigado pelo lembrete.

— E quanto a *Matilde*? Já ouviu falar alguma coisa sobre ele?

— O suposto último filme de Cordova?

Fiquei surpreso por ela saber o título. Só Cordovitas convictos sabiam sobre *Matilde*.

Ela assentiu.

— Afora alguns boatos não confirmados de que o roteiro tinha mil páginas e o enlouquecera, não — respondi.

Ela roeu a unha do polegar, suspirando.

— Precisamos de um novo caminho.

— Tenho algo promissor. Mas ainda não consegui abrir.

— O quê?

— Blackboards. A comunidade Cordovita invisível em The Onion Router para seus fãs mais radicais.

— O que é Onion?

— A internet anônima. Você baixa um plug-in no navegador para poder acessar. Eu consegui a URL de um amigo professor, *tentei* entrar. Mas sou expulso toda vez.

Levei meu laptop até a escrivaninha para mostrar a ela, tentando entrar no site, mas novamente fui jogado de volta à página BEM-VINDO AO BLACKBOARDS.

— Bem, esse é o seu problema — disse Nora. — O nome de usuário que você está tentando é Sire de Fogwatt. Deveríamos tentar algo relacionado a Cordova.

Nora soltou da tomada meu roteador sem fio no canto e esperou cinco minutos, explicando que isso me daria um novo endereço de IP, que não seria reconhecido e bloqueado pelo site. Quando religou, chegou à página ENTRE, na qual digitou novos detalhes de cadastro.

— Como usuário, vamos tentar Gaetana Stevens 2991.

Gaetana Stevens era o nome do personagem de Ashley Cordova em *Respirando com reis* (1996), o último filme de Cordova, uma de suas *fitas negras*.

Eu estava impressionado. Poucas pessoas haviam realmente *visto*. Eu só conseguira fazer isso na casa de Beckman, cinco anos antes. Ele tinha uma cópia contrabandeada que se recusara a me emprestar porque o DVD tinha uma proteção contra cópia ou download — e Beckman suspeitava, provavelmente com razão, que eu nunca a devolveria.

Assistir ao filme *uma vez* foi como me perder em tantas cenas explícitas de cair o queixo que, quando acabou, me lembro de me sentir vagamente chocado de ter voltado ao mundo real. Algo na escuridão do filme me fez pensar se eu *iria* de fato... Como se ao testemunhar tais coisas eu estivesse irrevogavelmente me ensinando (*ou apenas me desmontando*), chegando a uma compreensão da humanidade tão soturna, tão profunda em minha alma que nunca conseguiria retornar ao modo como era antes. Essa ansiedade, claro, foi passando à medida que a vida comum assumiu seu lugar. E mesmo agora aquela história aterrorizante em minha memória era pouco mais do que uma coletânea de imagens arrepiantes e mal iluminadas, pontuadas pela presença de Ashley Cordova, de quem me lembrava como sendo uma criança bonita de olhos cinzentos que usava o cabelo preso em um rabo de cavalo com laço de fita vermelha.

Ela passa o filme em silêncio, entrando e saindo correndo de salas de estar, se escondendo sob escadas e em quartos de empregadas, espiando por buracos de fechadura e portões de ferro forjado, disparando pelo gramado em sua bicicleta, deixando marcas horrendas de talhos na grama.

A trama do filme era linear — como a maioria das tramas de Cordova, que traziam a história genérica de uma odisseia ou caçada. Fora adaptada de um romance holandês obscuro, *Ademen Met Koningen*, de August Hauer. A rica e corrupta família Stevens — um clã exuberante de Calígulas dissipados vivendo em um país europeu não identificado — é massacrada de forma planejada, um a um, confundindo a polícia. Embora o inspetor encarregado do caso acabe prendendo um vagabundo que cuida dos jardins para a família, a reviravolta final do filme revela que o assassino na verdade é a filha mais

nova da família, a muda e atenta Gaetana, de oito anos — interpretada, claro, por Ashley. Quando o inspetor junta as peças dessa verdade horripilante, já é tarde demais. A garotinha desapareceu. A última cena a mostra caminhando pelo acostamento da estrada, onde é pega por uma família que viajava de carro. Bem ao estilo de Cordova, não fica claro se essa família está destinada a ter o mesmo fim horrendo da dela, ou se a menina simplesmente se tornara órfã para poder ser criada por uma família mais feliz.

— Como você conseguiu ver *Respirando com reis*? — perguntei a Nora.

Ela tinha acabado de se registrar no Blackboards, apertara *Estou pronto*, e estávamos esperando para ver se a página iria carregar corretamente.

— Moe Gulazar — respondeu.

— Quem é Moe Gulazar?

— Meu melhor amigo. — Ela soprou um cacho de cabelo da frente do rosto. — Ele era um velho treinador de cavalos que morava no final do corredor. Adorava tudo de Cordova. Também tinha contatos no mercado negro, então um dia trocou todos os troféus de cavalo que tinha por uma caixa com as fitas negras. Fazia exposições secretas à meia-noite na Sala de Atividades. — Ela olhou para mim. — Moe era uma tripla ameaça.

— Sabia cantar, dançar e atuar?

Ela fez que não com a cabeça.

— Falava armênio, domava um garanhão e se travestia de mulher.

— Isso é extremamente ameaçador.

— Quando ele estava vestido, até você acharia que era uma mulher.

— Fale por si mesma.

— Ele costumava dizer que quando ele fosse embora, seria o fim de uma espécie rara. “Nunca haverá outro como eu, nem em cativeiro nem na natureza.” Era o bordão dele.

— Onde está o velho Moe agora?

— No céu.

Ela disse isso com um saudosismo tão seguro, que poderia muito bem ser Bora Bora.

— Morreu de câncer de garganta quando eu tinha quinze anos. Fumava uma cigarrilha atrás da outra desde os doze por ter crescido nas pistas de

corrida. Mas deixou todo o seu guarda-roupa para mim, então de certa forma ele está sempre comigo.

Ela se virou, tirando o braço do grande cardigã de lã cinza para me mostrar uma etiqueta vermelha costurada no pescoço com letras pretas elaboradas: PROPRIEDADE DE MOE GULAZAR, dizia.

Então uma drag queen armênia idosa era a explicação para o guarda-roupa exuberante dela. Meu primeiro pensamento foi que ela devia ter inventado tudo aquilo: provavelmente encontrara uma caixa cheia dessas roupas em um bazar beneficente, todas com a mesma etiqueta misteriosa, e inventara uma história fantástica para explicar como as conseguira. Mas quando ela enfiou o braço novamente na manga, notei que seu rosto estava ruborizado.

— Sinto falta dele todos os dias. Odeio que as pessoas que realmente *entendem* você são as que você não consegue manter por muito tempo. E aquelas que não entendem você *de jeito nenhum* continuam por aí. Já percebeu isso?

— Já.

Então talvez *fosse* verdade. De qualquer forma, imagino que quando confrontada com a escolha de acreditar na existência de uma drag queen treinadora de cavalos armênia ou *não*, a pessoa acreditaria.

— Esse é o motivo pelo qual você queria fazer parte desta investigação?
— perguntei. — Por saber tanto sobre os filmes de Cordova?

— Claro. Foi um *signal*. Ashley me deu o casaco dela.

Para meu espanto, a página havia carregado corretamente, exibindo no alto: VOCÊ CONSEGUIU.

Coloquei uma cadeira de madeira ao lado de Nora e me sentei, nesse momento sentindo que ela cheirava a colônia masculina almiscarada, dramática como um toque de chocolate amargo no ar, e não pude deixar de imaginar que aquela era a prova de que eu precisava, um sussurro do velho Moe Gulazar, sempre com ela.

ESTACIOSAMENTO

CORDOVA

FILMES

WIZARRICKS

TARJA VERGILHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

VOCÊ_CONSEGUIU

Se você encontrou este site oculto, é porque alguém achou que você merecia estar aqui.

Parabéns, este é o começo da sua vida. Você também é um Cordovita. Este é o lugar onde pode fazer qualquer coisa, revelar qualquer coisa, mas não pode mentir. Vá mentir em qualquer outro lugar na internet, coloque um sorriso falso em seu rosto e se imbecilize com uma série de escolhas idiotas como CURTI e NÃO CURTI. Aqui, embora haja total anonimato, há a crença apenas na inatadável verdade das coisas. A verdade Cordova: a complexidade da mente humana e a complacência do espírito humano. O desejo do terror. O desejo de amor. O desejo de experiências emocionais que o deixem em pedaços.

Este site é uma realidade aterrorizante. Um espaço de trabalho sagrado. Uma floresta perigosa. Um lugar onde você pode discutir e questionar tudo pelo que sua família e seus amigos, sua religião e sua sociedade são ameaçados e temem. Este é um mundo distante do que é brilhante e comercializado. Um lugar que é sujo, sinistro e aterrorizante, confuso, feio e fascinante. Um lugar que não tem fundo nem paredes. Aqui há apenas a luta por algo de valor. Algo honesto. Cordova, isso é o que ele nos conchama a encontrar dentro de nós mesmos em toda a sua obra. Nosso ser verdadeiro.

Cordova não tem nada a ver com este site. Pode nem sequer saber de sua existência. Foi criado por seus fãs mais sérios como uma extensão do que ele - quem quer que seja - fez por nós: apontar o caminho pelo túnel escuro que nos libertará. O medo é o primeiro passo.

AVISO: Se descobirmos que você está de algum modo enfraquecendo este espaço puro e selvagem, haverá consequências. Acreditamos em liberdade de expressão e complexidade, mas nós, os criadores deste canto escuro, lutaremos para mantê-lo na escuridão.

Os criadores do Blackboards

Soberano, mortal, perfeito...

?



PROVOQUE O SELVAGEM EM VOCÊ

Estacionamento

Deixe para trás aquilo com
que chegou

Cordova

O pouco que sabemos

Sua filosofia:

Provocando o selvagem em você

A última entrevista:

29 de dezembro de 1977,

Rolling Stone

Os filmes

Figuras banhadas em luz (1964)

O legado (1966)

Caçada ao vermelho (1968)

Distorção (1972)

*Em algum lugar em um quarto
vazio* (1975)

Treblinka (1977)

Anjinhos (1979)

Um pequeno mal (1982)

Experiências Tarja
Vermelha

Fórum

Fale com estranhos

Fruto do amor (1985)

*À noite todos os pássaros
são pretos* (1987)

La douleur (1989)

A janela rachada (1992)

Espere por mim aqui (1993)

Solitário 3 (1994)

Respirando com reis (1996)

EMBARQUE

ESCAVE ALGO

?

CASO ESTEJA PERDIDO CLIQUE AQUI

ESTACIONAMENTO | CORDOVA | FILMES | RIZARRICES | TARJA VERMELHA | ESTRANHOS | EMBARQUE

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 1 de 243



POSTADO POR Beckett Reinhart

12/12/1999 23:39

Minha avó era uma conhecida socialite de Nova York nos anos 1950 e 1960. Seu nome era Gwendolyn "Dottie" Howard, e ela era casada com L.P. Howard, um fabricante de roupas milionário. Dottie foi considerada uma das "cisnes" originais de Truman Capote. Em 1966, ela foi ao famoso Baile Preto e Branco de Capote no Grande Salão de Baile do Plaza Hotel, que Capote fez para celebrar o sucesso de *A sangue frio*.

Dottie estava saindo do banheiro feminino após se refrescar quando, de repente, um homem a segurou pelo pulso. Com um sorriso seguro, ele a afastou da multidão até um espaço reservado onde lhe deu uma taça de champanhe e a mandou "beber". Dottie estava chocada com o comportamento descarado dele. Nunca o vira antes. Era alto e se movia depressa, com olhos escuros penetrantes por trás de óculos de intelectual. Ainda assim, se viu fazendo exatamente o que lhe fora dito, virando a taça inteira enquanto ele observava sem dizer nada. Quando terminou, ele limpou o lábio dela com o polegar, se inclinou e a beijou. No instante em que Dottie se esquecia de si mesma, quando sabia que desapareceria com ele na noite caso ordenasse, o homem se afastou, tomou sua mão e a levou de volta ao salão de dança, onde a devolveu ao marido anunciando simplesmente: "Sua esposa estava perdida."

Desnecessário dizer que Dottie ficou tonta e inquieta pelo resto da noite, procurando aquele homem estranho e misterioso na multidão. Por volta das 3 horas da manhã, quando a festa chegava ao fim, ela o viu entrar sorinho dentro de um táxi.

- Mas quem é aquele? - perguntou ela.
- Cordova - respondeu alguém. - Ele é diretor de cinema.

Dottie nunca se esqueceu daquela noite. Posteriormente disse que se sentiu como um hors d'oeuvre que ele mordera e depois devolvera à bandeja.

Examinei todas as fotos tiradas naquele baile e acho que encontrei Cordova.

[ESTACIONAMENTO](#) [CORDOVA](#) [FILMES](#) [BIZARRICES](#) [TARJA VERMELHA](#) [ESTRANHOS](#) [EMBARQUE](#)

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 9 de 243



POSTADO POR Às vezes você tem que ficar de joelhos 12/2/2000 2:03

Encontrei esta foto em uma venda de garagem em Beverly Hills, Califórnia, em 1999. Estava em uma caixa cheia de fotografias de família velhas e mapas. Perguntei à dona da venda de onde viera a foto. Ela não sabia. Estava empacotando as coisas da casa do padrasto. Ele tinha acabado de morrer aos 82 anos. Disse que ele fora um contador de diferentes negócios na área de Hollywood, muitos dos quais ilegais, incluindo uma famosa madame de Beverly Hills no centro de uma rede sofisticada de prostituição que atendia a homens e mulheres.

Li aqui no Blackboards que quando Cordova se preparava para fazer seu primeiro filme, *Figuras banhadas em luz*, foi para Hollywood e trabalhou lá como gigolô para levantar o dinheiro necessário. Meu palpite – e é apenas um chute – é que isto foi roubado dos arquivos da madame de Beverly Hills, uma foto que ela mostrava a clientes em potencial.

[PRÓXIMO >>](#)

ESTACIONAMENTO CORDOVA FILMES BIZARRICES TARJA VERMELHA ESTRANHOS EMBARQUE

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 22 de 243



Bebê de Lola

8 meses e meio

POSTADO POR Axel

12/10/2001 4:18

Minha mãe tinha uma série de prédios com apartamentos de aluguel barato no Bronx, perto da avenida Morris. Lá moravam principalmente imigrantes italianos e espanhóis, muitos ilegais.

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

Uma das inquilinas partiu de repente em 1967, sem aviso. Esta fotografia foi tudo o que restou, presa debaixo do tapete da sala de estar. A unidade - 2E, uma quitinete - era alugada por mais de vinte anos por uma mulher italiana que mal falava inglês. Quando a mulher pegou o quarto em 1944, acabara de emigrar da Espanha e tinha um filho, mas não um marido. Registrou seu nome no aluguel como Lola Cordova. Esta deve ser uma fotografia da mãe de Cordova com Stanislas, tirada pouco depois de sua chegada aos Estados Unidos. Mais tarde, minha mãe me contou que a mulher era quieta, arrumada, pagava o aluguel na data e trabalhava incansavelmente em dois empregos - um como arrumadeira de um hotel em Manhattan, outro como faxineira de ricos. Minha mãe, ocupada com a administração de quatro prédios, não se lembra de ter visto o menininho crescer ou brincar no pátio como alguns dos outros garotos. Até hoje não sabe para onde a mulher foi ou o que aconteceu com ela.

PRÓXIMO >>

[ESTACIONAMENTO](#) [CORDOVA](#) [FILMES](#) [BIZARRICES](#) [TARJA VERMELHA](#) [ESTRANHOS](#) [EMBARQUE](#)

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 59 de 243



Antiquidades de Harvey Koon

POSTADO POR Emily Jackson não é louca

2/8/2002 12:39

No verão de 2001, trabalhei no escritório do antiquário Harvey Koon, em Nova York. Koon é especialista em antiguidades bizarras, abrangendo de aparelhos de tortura da inquisição espanhola até velhos equipamentos de fusileiros. Tem muitos clientes ricos e estranhos, muitos deles anônimos. Certo dia, enquanto reunia faturas de clientes, me deparei com um endereço de envio que reconheci: Estrada Country 112, 1014, Crowthorpe Falls, NY.

É o endereço da propriedade de Cordova, The Peak.

Intrigada, verifiquei o histórico dos itens comprados e enviados para lá. O último fora um par de anjinhos – um instrumento de tortura que remonta aos tempos medievais, usado para quebrar dedos das mãos e dos pés de prisioneiros. Também é o instrumento que Brad Jackson, o professor de estudos medievais, tem no filme de mesmo nome de Cordova, Anjinhos.

Os outros dois itens comprados e enviados para esse endereço foram um capacete de mergulho Siebe Gorman da Marinha Real e um empalador romeno do século XV muito caro, uma lança de aço vertical na qual prisioneiros eram enfiados como porcos – notoriamente utilizada por Vlad, o Empalador, também conhecido como Drácula. Obviamente, Cordova – ou alguém de sua família – é um colecionador dessas antiguidades excêntricas.

No dia seguinte à minha descoberta, fui demitida por "problemas de orçamento". Nunca soube se foi por meu chefe ter descoberto que eu andara xeretando e descobrira que Cordova era um cliente – ou se não passou de coincidência.

[PRÓXIMO >>](#)

ESTACIONAMENTO	CORDOVA	FILMES	BIZARRICES	TARJA VERMELHA	ESTRANHOS	EMBARQUE
----------------	---------	--------	------------	----------------	-----------	----------

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 85 de 243



24.01.79

James,

Cordova está considerando você para
um papel em seu próximo filme:
Um papete mal

Caso esteja interessado, me ligue para
marcarmos um horário em que
possa ir até a casa dele conversar sobre
o personagem.

- Inez Gallo

POSTADO POR A verdade é uma missão formidável

22/11/2003 4:19

Meu pai era agente de talentos nos anos 1970 e 1980 na Discover Management. Representava o astro do cinema James Coburn. Meu pai costumava me contar uma história quando eu era criança. Dizia que havia recebido uma carta da assistente de Cordova, Inez Gallo, que incluía uma foto perturbadora do diretor vestindo uma máscara de gás. Sempre achei que meu pai - que gostava de nos enganar - estava brincando. Quando ele morreu de ataque cardíaco em 1994, examinei sua escrivaninha e encontrei isto entre os papéis. É uma foto de 20 x 25 cm, o texto escrito atrás com caneta hidrográfica.

A outra coisa que me lembro de meu pai dizer sobre Cordova era que as pessoas que o conheciam cochichavam que havia algo errado com os olhos do diretor - ele tinha fotofobia, o que significava que era sensível a ar livre e luz -, e, portanto, com frequência, ele usava óculos com lentes negras ou antiquados óculos britânicos de direção.

PRÓXIMO >>

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 104 de 243



POSTADO POR Se você vir um pássaro morto

9/8/2004 12:39

Em 1991 eu trabalhava como assistente do produtor de cinema Artie Cohen. Certa noite, Artie comunicou que ficaria até tarde. Isso era inédito; ele adorava estar em casa às seis para jantar com os filhos. Estava nervoso, me mandou ir para casa — sugeriu que levasse minha namorada para jantar. Como ele era o antigo produtor de Cordova, eu sabia que algo estava acontecendo. Eu me despedi e corri até minha casa para pegar a câmera. Voltei ao prédio de nosso escritório em TriBeCa, subi pelas escadas dos fundos, encontrei uma posição junto à janela com vista para a rua e fiquei esperando.

PRÓXIMO >>

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

E esperei. Após quatro horas, cochilei. Quando acordei, desci para conferir o escritório de Artie e vi que a luz ainda estava acesa. Artie estava sozinho. Não só isso, estava bêbado – falando sozinho. Voltei à minha posição. Finalmente, às 2h37, um homem solitário apareceu na esquina e atravessou a rua vazia. Estava escuro demais para enxergar direito, mas eu sabia que era Cordova. Tirei fotos da figura às cegas, sem conseguir olhar pelo visor, de tão escuro que estava. Ele desapareceu dentro do nosso prédio. Pensei em segui-lo depois que saísse, em tirar mais fotos. Esperei. Logo o sol nasceu. Confuso, conferi o escritório de Artie. Estava trancado, totalmente escuro. Eles deviam ter saído pelos fundos. Ou será que eu cochilara por alguns minutos sem me dar conta? Fui para casa arrasado e revelei o filme. As fotos que tirei estavam todas borradas e escuras, a não ser esta.

Artie nunca mencionou o incidente. Perguntei por que tinha ficado até tarde, mas suas respostas foram nervosas. “Fiquei sozinho aqui”, garantiu ele. No final, esta foto era tudo de que precisava para provar a existência de Cordova e que, por alguma razão, ele só sai à noite.

PRÓXIMO >>

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 172 de 243



POSTADO POR Em algum lugar logo haverá riso

28/10/2006 1:48

Isto foi deixado em um quarto de hotel onde a lendária atriz Marlowe Hughes passou a noite de 25 de julho de 1996. No Hôtel du Cap-Eden-Roc, em Cap d'Antibes. No dia seguinte, foi encontrado na mesinha de cabeceira, e uma mulher telefonou para perguntar se nós o tínhamos achado. Eu estava trabalhando na recepção e atendi ao telefonema. Menti, dizendo à mulher que nenhum livro havia sido encontrado no quarto.

O nome de Theodore Cordova está rabiscado no alto com lápis claro.



PRÓXIMO >>

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

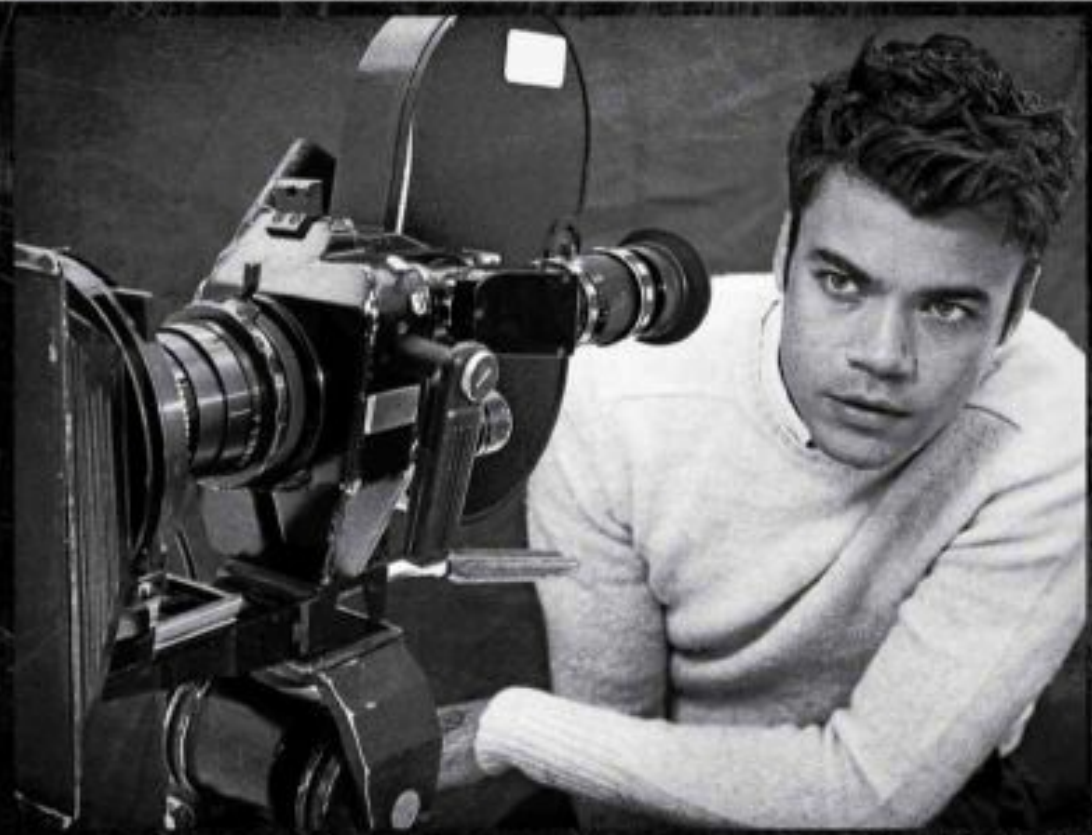
RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 218 de 243



POSTADO POR Espécime 919

11/5/2008 23:28

Acredito que Inez Gallo, antiga assistente de Cordova, e Stanislas Cordova são a mesma pessoa. É possível ver uma tatuagem de um leme nas costas da mão dela quando recebeu por Cordova o Oscar por Anjinhos (1979).



A mesma tatuagem pode ser vista na mão de Cordova no still original de divulgação da Warner Bros. feito para seu primeiro filme, *Figuras banhadas em luz* (1964).



PRÓXIMO >>

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

RESULTADOS DE BUSCA PARA "FOTOS REAIS DE CORDOVA" Resultado 243 de 243



POSTADO POR Diane da aula de redação

21/2/2011 3:06

O que acontece a você quando vê um filme de Cordova.

PRÓXIMO >>



POSTADO POR Cowboy123

23/12/2006 23:27

Moro em Long Lake, cidade a 21 quilômetros de Crowthorpe Falls.

Certa noite de junho de 1992, eu estava comendo em uma lanchonete quando notei um jovem mexicano sentado à mesa, muito perturbado. Não falava inglês. Sou professor de espanhol na escola local, então perguntei se precisava de ajuda. Ele contou que acabara de testemunhar algo chocante.

Disse que fazia parte de um grupo de trabalhadores migrantes que um mês antes fora levado do México para Crowthorpe Falls com o propósito de trabalhar em um filme particular. Presumi que ele era ilegal, mas não o pressionei quanto a isso, já que parecia assustado para falar. Explicou que naquele dia estavam filmando uma sequência de direção com dois atores na floresta. Filmavam havia algumas horas quando um estranho – um adolescente – entrou correndo na cena, berrando. Após muita confusão, descobriu-se que o garoto era filho do diretor, que estava consertando um barco a motor em um lago próximo e acidentalmente cortara três dedos.

O garoto segurava os dedos ensanguentados na mão, berrando de dor, pedindo ao pai para chamar uma ambulância.

O diretor disse que não. Em vez disso, demitiu um dos atores e fez o filho interpretar o papel.

O diretor obrigou o filho a filmar 16 tomadas antes de o garoto cair inconsciente. Uma ambulância finalmente foi chamada. Mas então tempo demais havia se passado para que os dedos fossem reimplantados.

Após me contar isso o mexicano ficou com medo, e depois de enxugar as lágrimas, deixou o restaurante. Liguei para a polícia de Crowthorpe Falls, pedindo que investigasse o incidente, mas ninguém nunca voltou a falar comigo.

Passei anos assombrado por essa história. Consegui localizar na internet uma cópia do filme de terror que Cordova fez naquela época, *Espere por mim aqui*. Fiquei horrorizado ao ver que o papel de John Doe no começo é interpretado pelo filho de Cordova, Theo. Acredito que tudo o que o mexicano me contou é verdade. A dor devastadora no rosto de Theo é real, e se você parar o filme exatamente em 5'48" verá os ossos expostos dos dedos cortados na mão esquerda balançando.

NORA E EU passamos a maior parte da noite acordados navegando no Blackboards. Era como andar por uma casa mal-assombrada toda apagada, com alçapões e túneis, vozes chamando de salas sem portas, tropeçando em escadas instáveis que mergulhavam no chão sem fim.

Sempre que eu estava prestes a sugerir que fôssemos para a cama, que continuássemos a vagar por aquele interminável arquivo de Cordova com olhos descansados pela manhã, havia *mais uma* história na qual clicar, outro incidente misterioso, boato ou foto estranha.

Provocando o selvagem em você... Havia algumas páginas no site dedicadas à suposta filosofia de vida de Cordova, que em síntese significava que ser aterrorizado, *arrancado da própria pele pelo medo*, era o começo da liberdade, de abrir os olhos para o que era selvagem, soturno e grandioso na vida, assim derrotando os monstros da sua mente. Isso era, no jargão Cordovita, *sacrificar o cordeiro*, se livrar de seu eu submisso e temeroso, se libertando das restrições impostas a você por amigos, parentes e a sociedade em geral.

Assim que você sacrifica o cordeiro é capaz de tudo e de qualquer coisa, e o mundo é seu, proclamava o site.

Soberano. Mortal. Perfeito.

Essas três palavras, que Cordova usara em sua famosa entrevista à *Rolling Stone* ao descrever a cena que mais gostava em seus filmes — um close do próprio olho —, era um slogan do Blackboards e da própria vida. *Soberano*: a santidade do individual, ver a si mesmo como uma autoridade nobre, poderosa, autossuficiente e que luta por si, afastado da sociedade. *Mortal*: consciência constante de que sua própria morte é inevitável, o que significa que não há motivo para não ser sedento, agora, por sua vida.

Perfeito: a compreensão de que a vida é onde quer que você esteja no presente são absolutamente ideais. Sem arrependimentos, sem culpa, porque, mesmo se estiver preso, isso seria apenas um casulo a romper — *libertando a sua vida*.

Eu sabia que os fãs de Cordova acreditavam que ele era um encantador amoral, um acólito soturno que os tirava do que era estagnado e tedioso em suas rotinas e os levava para o subterrâneo úmido de túneis onde cada hora era inesperada. Peneirando os sussurros e as suspeitas do Blackboards, a densidade dos comentários anônimos — que iam do reverente ao assustado, passando por supremamente distorcidos e pervertidos — apenas sublinhava o que eu suspeitava fazia tempo, que Cordova não era só um excêntrico atípico do tipo Lewis Carroll ou Howard Hughes, mas um homem que também inspirava devoção e assombro em um vasto número de pessoas, tal qual um líder de culto religioso.

Às três e quarenta e cinco, Nora e eu — de olhos vazios e delirantes — estávamos na sala com minha cópia pirata de *Espere por mim aqui*, que comprei de Beckman por setenta e cinco pratas, assistindo à terrível cena de abertura, que mostrava Jenny Decanter, interpretada por Tamsin Polk, de vinte e dois anos, dirigindo sozinha pela estrada de terra na floresta no meio da noite.

De repente, Theo Cordova — escalado como Zé Ninguém nº 1 — sai desembestado das árvores, fazendo Jenny gritar e pisar no freio, levando o carro a derrapar até uma vala, o motor morrendo.

Eu sempre pensara que Theo Cordova parecia um espírito alucinado: esgotado, seminu, olhos vidrados, sangue e o que pareciam ser marcas de mordidas humanas no seu peito nu. Ele estava ainda mais horrendo *agora*, considerando a história de Crowboy123 no Blackboards. Enquanto ele batia na janela do carro, tentando abrir a porta, dizendo sua única fala — “*Me ajude, por favor*”, palavras quase inaudíveis acima dos berros de Jenny —, sua voz brotava como um líquido estranho.

Nora, de pé ao lado da TV de tela plana, apertou *pause*.

Quadro a quadro, ela avançou até 5’48”, onde era possível ver que Theo não tinha três dedos.

— *Aí.*

— É um filme. Podiam ser efeitos especiais, maquiagem, próteses...

— Mas a expressão dele é de *dor* real. Eu *sei*.

Ela apertou *play*, e a mão de Theo saiu de vista.

Jenny conseguiu ligar o carro e, quase atropelando aquele garoto arrasado e ferido, recuou para a estrada, galhos batendo no para-brisa, pneus cantando. Enquanto partia cegamente, petrificada, piscando para afastar as lágrimas, ela o viu pelo retrovisor.

A figura seminua do garoto brilhando em vermelho sob as luzes traseiras rapidamente se tornou uma silhueta escura e fina, e então — *rápido como um inseto* — ele disparou para fora da estrada, sumindo de vista.

Nora retornou ao sofá, puxando o cobertor de lã sobre as pernas e se esticando para pegar Septimus na mesinha de centro; como se aquele pássaro antigo fosse protegê-la do horror prestes a se desenrolar na tela.

— Quer que eu faça pipoca? — perguntei.

— Com certeza.

Acabamos vendo *Espere por mim aqui* inteiro.

Os filmes de Cordova são viciantes; era impossível ver apenas um minuto. Você queria cada vez mais. Por volta de cinco e meia da manhã, quando minha cabeça estava repleta de imagens horrendas e daquela história infernal — para não falar dos sussurros anônimos que ecoavam do Blackboards —, Nora e eu encerramos o dia.

NA MANHÃ SEGUINTE descobri ao acordar que a *Vanity Fair* anunciava que *eles* tinham um furo sobre Ashley Cordova e que a matéria seria publicada no site deles dali a alguns dias. Isso significava não só que outros repórteres estavam no caminho, mas que provavelmente era apenas questão de tempo até que *eles* chegassem a Briarwood Hall — e à soleira de Morgan Devold. Qualquer vantagem que eu pudesse ter graças a Sharon Falcone e ao arquivo policial de Ashley teria acabado.

E, infelizmente, minha própria investigação estava emperrada.

Ficamos sabendo sobre a fuga de Ashley de Briarwood e seu problema, *nictofobia*, “um severo medo do escuro ou da noite, deflagrado pela percepção distorcida do cérebro sobre o que iria ou poderia acontecer ao corpo quando exposto a um ambiente escuro”, segundo *The New England Journal of Medicine*. Havíamos conquistado uma pequena vitória ao entrar no Blackboards, e agora podíamos vasculhar os boatos de seus fãs mais leais.

Mas não havia pista nova a seguir.

Ashley viera à cidade de trem após deixar Morgan Devold, mas *por quê*, ou para onde fora nos dez dias antes de sua morte — além do trigésimo andar do Waldorf Towers —, ainda era um mistério.

Eu *poderia* subornar um empregado do hotel para conseguir uma lista de cada hóspede que ficou naquele andar durante o período de 30 de setembro a 10 de outubro, mas sabia por experiência própria que precisava de *algo mais*, um filtro para os nomes. A lista seria substancial, muitos dos hóspedes sem dúvida eram turistas ricos que não gostariam de — nem sentiriam qualquer obrigação de *responder* honestamente a — perguntas sobre o que estavam fazendo no hotel. Quando eu tivesse rastreado todos, mostrando a eles a foto

de Ashley, provavelmente teria pouco com o que continuar e, ainda pior, o exercício tomaria um tempo infernal.

— Talvez devêssemos levar a foto de Ashley para empresas perto do Waldorf — sugeriu Nora depois que expliquei a ela parte do que pensava. — Perguntar se alguém a notou. Ela se destacaria com aquele casaco vermelho.

— Eu poderia também levar o retrato para a Times Square e perguntar a pedestres aleatórios se a notaram. Está muito amplo. Precisamos de algo mais específico.

Ela sugeriu assistir aos filmes de Cordova.

— Talvez possamos identificar um detalhe escondido, como os três dedos faltando de Theo.

Sem alternativa imediata, tirei o pó da caixa com os oito filmes lançados pela Warner Bros. — de *O legado* (1966) a *Fruto do amor* (1985) — embalada para parecer a infame mala Samsonite de *Anjinhos* (1979), então fechamos as cortinas da sala, fizemos mais pipoca e nos acomodamos para uma maratona Cordova.

Nora ligou para Hopper para convidá-lo, mas ele não atendeu. Eu na verdade não ficaria surpreso se nunca mais o víssemos. Pela agitação dele, senti — qualquer que fosse sua relação com Ashley — que seu desejo de se envolver na investigação seria tão errático quanto seu humor. Ele parecia oscilar entre intenso interesse e uma vontade de esquecer tudo.

Preparávamo-nos para assistir a *Anjinhos* e eu estava na cozinha fazendo mais pipoca quando a campainha do meu apartamento tocou.

— Eu atendo! — cantarolou Nora.

Após um minuto, quando não ouvi nada além de silêncio, coloquei a cabeça para fora. Para meu choque, Cynthia e minha filha, Sam, estavam no saguão, olhando atônitas para Nora.

Era meu fim de semana com ela. Tinha esquecido.

Ver minha ex-esposa ainda era um choque. *Jeannie* era a intermediária designada para Sam. O fato de Cynthia ter aparecido na minha casa era como um urso surgir perambulando em um acampamento — um cenário fatal que havia *imaginado*, mas só como o pior cenário possível.

Ela parecia deslumbrante como sempre, usando um casaco de lã creme e calça jeans, um cacho de cabelo louro-acinzentado se projetando. Ela era vendedora de uma exclusiva galeria de arte contemporânea na avenida Madison e com frequência examinava pessoas vestidas de forma estranha como se fossem desenhos do rosto de Elvis que valiam 99 centavos.

— Oi, querida — disse a Sam. — Sra. Quincy. A que devemos essa honra?

Ela se virou para mim.

— Não recebeu minhas mensagens? Jeannie está no hospital. Pegou mononucleose e terá que ficar na casa dela na Virgínia até melhorar. Serão pelo menos seis semanas.

Baixei os olhos para Sam, que apertava com força a alça de sua maleta do *Toy Story* e olhava para Nora boquiaberta e com olhos arregalados.

— Querida, você conhece minha nova assistente de pesquisa? — perguntei.

Ela não respondeu. Tendia a ficar muda por *puro espanto* ao encontrar um estranho. Deu um passo tímido para trás da minha ex-esposa.

— Posso falar com você em particular? — perguntou Cynthia com um sorriso fino.

— Claro.

— Sam, fique aqui. Já volto.

Cynthia seguiu pelo saguão. Entramos no meu escritório e ela fechou a porta atrás de mim.

— Quem é *essa*? — perguntou ela.

— Nora. Ela está me ajudando em uma matéria.

— Quantos *anos* ela tem? Dezesseis?

— Dezenove. E é extremamente madura para a idade dela.

Eu teria adorado imaginar que Cynthia estava com ciúme ao me ver com outra mulher, mas aquelas perguntas não tinham nada a ver comigo. Ela estava preocupada com Sam.

Ela olhou ao redor, franzindo o cenho para os papéis e as anotações empilhados por todo o chão, sem dúvida pensando: *algumas coisas nunca mudam*.

Ela continuava bonita. Era terrível. Esperara que Cynthia avançasse mais na casa dos quarenta e acordasse com rugas como um labirinto de tocas de toupeira destruindo um gramado lendário. Mas *não*, seus olhos verdes, as maçãs do rosto, a boquinha expressiva que transmitira todos os seus estados de ânimo com a diligência de um tradutor da ONU ainda eram joviais e brilhantes. Agora Bruce acordava toda manhã diante daquele rosto. Eu ainda não conseguia aceitar que *aquele* homem — cinquenta e oito anos, com uma pança, pulsos peludos e um iate em Lyford Cay chamado *Dominion II* — convivesse com tamanha beleza. Ele tinha *jeito* para identificar negócios no mercado, isso eu podia admitir. Quando Cynthia vendeu a ele um Damien Hirst adequadamente intitulado *Bela ferida sangrando sobre o materialismo de pintar por dinheiro*, Bruce notou que ela também era uma obra de arte para a qual valia olhar durante toda a vida. Que ela se permitira ser comprada com a *pintura* — isso eu não previra.

Quando conheci Cynthia em nosso segundo ano na Universidade de Michigan, ela era pretensiosa e pobre, uma estudante de francês que citava Simone de Beauvoir. Limpava o nariz escorrendo na manga do casaco quando estava nevando, enfiava a cabeça para fora da janela do carro como um cachorro, o vento sacudindo seu cabelo. Aquela mulher tinha desaparecido. Não que fosse culpa dela. Enormes fortunas faziam isso com as pessoas. Levam-nas a lavanderias, e as engomam e passam cruelmente para que todas as dobras grosseiras, toda sujeira, toda fome e todo riso despreocupado sejam alisados. Poucos sobrevivem ao dinheiro de verdade.

— Então você e aquela garota só estão trabalhando juntos — disse Cynthia, se voltando para mim.

— Isso. Ela é minha assistente de pesquisa.

— Bem, para *você* assistente de pesquisa pode significar muitas coisas.

Deixei que aquela frase me acertasse direto no estômago. Era verdade, depois do nosso divórcio eu acabara tendo uma *relação passageira* com minha última assistente de pesquisa, Aurelia Feinstein, de trinta e quatro anos — embora, vamos deixar claro, não tenha sido tão sexy quanto parece. Fazer amor com Aurelia era como vasculhar um arquivo de cartões em uma biblioteca deserta, procurando aquele único verbete obscuro e pouco lido

sobre poesia húngara. Era mortalmente silencioso, ninguém me dava qualquer indicação e nada estava onde deveria estar.

— Está tudo só na inocência por aqui, então qual é realmente o problema?

— Você nem sequer lembrava que Sam vinha hoje.

— Isso não é verdade. Ela vai se divertir. Se tivermos qualquer problema eu ligo, e você pode mandar resgatá-la com um helicóptero Black Hawk.

— E quanto a Nancy?

— *Nora*. Ela estará fora daqui às dez.

Não era hora de mencionar que Sam tinha uma colega de quarto.

Cynthia suspirou, uma conhecida expressão de rendição no rosto.

— Leve-a para casa no domingo às seis. E Bruce e eu remarcamos nossa viagem a Santa Barbara para a *próxima* semana, então você ficará com Sam por um fim de semana prolongado — disse ela, me olhando com ceticismo. — A não ser que não consiga dar conta.

— Eu dou conta.

— Iremos com amigos, então não pode mudar de ideia de repente.

— Tem minha palavra. Quero o tempo extra com ela.

Ela pareceu aceitar isso: jogou o cabelo louro por sobre os ombros, me olhou com expectativa, esperando que eu dissesse mais alguma coisa.

Esse fora um dos grandes enigmas do nosso casamento. Nos dezesseis anos que passamos juntos, Cynthia com frequência esperava que eu dissesse algo mais, como se houvesse palavras muito específicas que iriam destrancá-la, o cofre de primeira categoria que ela era. Nunca cheguei perto de decifrar a combinação. *Eu te amo* não funcionou. Nem *No que está pensando?* Ou *Diga o que você quer ouvir*.

Ela esperava por um minuto, talvez mais, e quando percebia que iria permanecer trancada até um próximo aviso, ia embora, perdida em um silêncio estanque. Foi o que ela fez naquele momento, abrindo a porta e percorrendo o saguão a passos largos.

Estava prestes a ir atrás dela quando senti meu celular tocando no bolso. Era Hopper.

— Venha para Cinquenta e oito com a Broadway — gritou ele enquanto uma sirene da polícia gritava no fone. — *Agora.*

— O quê?

— Encontrei alguém que viu Ashley alguns dias antes de ela morrer.

Espiei o saguão. Cynthia estava tirando o casaco de Sam.

Merda.

— Preciso de vinte minutos — falei, desligando.

Então Hopper afinal não conseguia se manter afastado. O garoto estava provando ser um trunfo.

SAM ME OLHOU melancólica. Embora eu tivesse acabado de explicar, agachado à altura dela e com toda minha habilidade dramática, que pude invocar, que seu pai tinha *negócios muito secretos* a resolver e precisava se apressar, então ela iria ficar com mamãe, ela não disse uma palavra.

— No próximo fim de semana ficaremos quatro *dias* juntos — falei. — Só nós dois, certo?

Ainda o silêncio. Mas então, aparentemente pensando algo muito sério, ela ergueu a mão direita e me deu um *tapinha* na cabeça. Nunca tinha feito isso antes. Cynthia, com o rosto vermelho, me lançou uma expressão — *que grande pai* —, mas, sorrindo com simpatia pelo bem de Sam, estendeu a alça da mala com o desenho do *Toy Story*, dando-a a Sam, que fez o dever de puxá-la até a porta como uma comissária de bordo cansada ao saber que precisaria fazer um voo extra até Cincinnati.

— Até logo, querida — falei. — Eu te amo mais do que... *O que* era mesmo?

— O sol mais a lua — respondeu ela, seguindo pelo saguão.

— Vou compensar isso — disse a Cynthia.

— *Claro*. — Ela jogou o cabelo sobre os ombros, dando um sorriso e indo atrás dela. — Vamos colocar isso na sua conta.

Andei a passos largos até o closet do saguão, tentando ignorar o tsunami de culpa que me inundava.

— Hopper ligou — disse a Nora por sobre o ombro. — Vamos nos encontrar com ele no centro *agora*. Tem uma pista.

Agarrei minhas chaves, mas Nora não se afastou da porta da sala. Ela me encarava, os olhos arregalados.

— Qual o problema? — perguntei.

— Aquilo foi *ruim*.

— O que foi ruim?

— *Aquilo*.

— Minha ex-esposa? É, eu sei. Dá para acreditar que aquela mulher costumava ir a caraoquês no sábado à noite? Na faculdade nós a chamávamos de Bangles. Nem pagando ela parava de cantar “Walk Like an Egyptian” em público.

— Não é *dela* que estou *falando*.

Eu estava ajudando Nora a vestir o casaco.

— Então do que está falando? E me diga logo, pois temos que ir.

— Você acha que é sutil, mas não é.

Eu a estava empurrando para o corredor, trancando a porta.

— Sutil em relação a quê?

— Você é loucamente *apaixonado* por ela.

— *Ei*. Não tem ninguém louco nem apaixonado por ninguém aqui.

Ela colocou uma mão no meu ombro, uma expressão de evidente piedade.

— Você precisa seguir em frente com a sua vida. Ela está *feliz*.

E com isso seguiu alegremente pelo saguão, me largando lá olhando para ela.

HOPPER ESTAVA ESPERANDO por nós na esquina do banco HSBC, fumando um cigarro, sua expressão séria e vazia sugerindo que mal dormira nos dois dias desde que o víamos.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntei a ele.

— Lembra o que Morgan Devold disse? Que ele achava que Ashley tinha que tocar piano todo dia?

— Claro.

— Ontem eu comecei a pensar. Se Ashley veio à cidade para rastrear alguém, caso quisesse tocar, aonde iria?

— Clubes de jazz? Julliard? Um saguão de hotel? Difícil dizer.

— Nenhum desses lugares deixaria um desconhecido simplesmente se sentar e começar a tocar sem ser interrompido. Mas então me lembrei de que tinha um amigo que era importante na área da música. Se você fosse realmente bom, as lojas na Piano Row o deixavam entrar e tocar o quanto quisesse. Esta tarde eu fui a várias, fiz perguntas, e o gerente de uma delas a reconheceu. Ashley apareceu lá duas vezes na semana antes de morrer.

— Bom trabalho.

— Neste momento ele está esperando para conversar conosco. Mas temos que nos apressar, pois já vai fechar.

Ele jogou o cigarro na calçada e saiu andando.

Eu nunca tinha ouvido falar da Piano Row. Era um trecho da rua Cinquenta e oito entre a Broadway e a Sétima Avenida, onde delicadas lojas de piano tinham se enfiado entre pesados prédios dos anos sessenta como se fossem corvos vivendo entre hipopótamos. Passamos rapidamente por uma lojinha chamada Beethoven Pianos, com cartazes na vitrine anunciando concertos de Vivaldi e aulas de educação musical. Lá dentro, idênticos pianos

de cauda brilhantes estavam enfileirados, as tampas abertas, como coristas corpulentas esperando a deixa. Hopper passou pelo supermercado Morton Williams e atravessou a rua, deixando para trás um quartel dos bombeiros, e então parou na frente de uma loja com toldo verde sujo anunciando KLAVIERHAUS.

Segurei a porta para Nora, e entramos. Diferentemente da Beethoven Pianos, ali havia apenas três pianos em exposição. A loja estava vazia, sem um único cliente ou funcionário. Parecia que na era da internet, *pianos*, assim como livros físicos, já estavam se tornando culturalmente extintos. Talvez continuassem assim a não ser que a Apple inventasse o iPiano, que coubesse no seu bolso e cuja maestria pudesse ser alcançada via mensagem de texto. *Com o iPiano, qualquer um pode ser um iMozart. Então você poderia compor seu próprio iRéquiem para seu próprio iFuneral e ser acompanhado por milhões de seus iAmigos que iAmavam você.*

Hopper saiu de uma porta nos fundos com um homenzinho de meia-idade que usava calças de veludo cotelê marrom e blusa de gola rulê preta, tufos de cabelos crespos grisalhos se projetando da cabeça que estava ficando calva. Ele parecia um desses virtuosos da música clássica. Era possível localizar esses homens que adoravam Mahler em um raio de dez quarteirões do Carnegie Hall. Eles tendiam a vestir tons terrosos, ter em DVD toda a série *Great Performances*, morar sozinhos em apartamentos no Upper East Side e ter vasos de plantas com as quais falam diariamente.

— Este é Peter Schmid — disse Hopper.

— Gerente da Klavierhaus — acrescentou Peter com orgulho.

Nora e eu nos apresentamos.

— Soube que Ashley Cordova veio aqui há algumas semanas — comecei.

— Na *época* eu não fazia ideia de quem ela era — disse Peter, ansioso, juntando as mãos. — Mas com base na descrição do sr. Cole, sim, acredito que ela veio à Klavierhaus.

Ele era uma daquelas pessoas que inicialmente você acreditava ter um sotaque estrangeiro, embora no fim das contas fosse americano, só que falava *delicadamente*, como se cada palavra fosse algo a ser espanado com cuidado e erguido à luz.

— A polícia veio aqui perguntar sobre ela?

— Não, não. Nenhum policial apareceu. Eu não tinha ideia de quem era ela até o sr. Cole aparecer aqui esta tarde. Ele me deu a descrição, e a reconheci imediatamente. — Peter olhou para Hopper. — O cabelo escuro. O casaco vermelho com detalhes pretos nas mangas. A beleza.

— Quando exatamente ela veio? — perguntei.

— Você precisa da data exata?

— Ajudaria.

Peter se apressou ao nicho da administração na parede oposta. Após procurar atrás do balcão, ele tirou um grande calendário de couro cheio de papéis.

— Tenho quase certeza de que foi uma *terça-feira*, pois acabara de acontecer nosso concerto semanal — murmurou ele, abrindo a capa. — Em geral termina às dez e meia. *Nessa* noite, por volta das onze, eu estava nos fundos limpando quando ouvi a interpretação mais excitante de “Valse nobles et sentimentales” de Ravel. Tenho certeza de que conhecem, certo?

Negamos com acenos de cabeça, o que pareceu preocupá-lo.

— *Bem*. Eu me esquecera de trancar a porta. — Observou o calendário, depois franziu o cenho e levou um dedo aos lábios, pensativo. — Foi *quatro* de outubro. Sim. Só pode ter sido.

Sorrindo, ele virou o calendário para que víssemos, batendo no dia em questão com o indicador.

— Eu fui depressa ao salão e a vi ao piano.

— Qual deles? — perguntei.

Ele apontou para a frente.

— O Fazioli. Ali junto à vitrine.

Eu fui até lá, Nora atrás de mim.

— É bom? — perguntei.

Peter deu uma risadinha, como se eu tivesse feito uma piada, e nos seguiu.

— Os Fazioli são os melhores do mundo. Muitos profissionais os consideram superiores aos Steinway.

Eu o analisei. Mesmo aos meus olhos de amador, era um instrumento grandioso, intimidador.

— Pianos são como pessoas — observou Peter suavemente. — Cada um tem uma personalidade diferente. Eles demoram a ser conhecidos. E podem ficar solitários.

— Qual a personalidade deste? — perguntou Nora.

— Ela? Ah. *Ela* é meio que uma diva. Se estivesse no ensino médio seria a rainha do baile. Pode ser temperamental, autoritária. Assumir o controle se você não tomar cuidado. Mas se você demonstrar firmeza, ela o deixará deslumbrado. Todas as caixas de piano são feitas de píceas. Bem, a Fazioli usa píceas da floresta de Val di Fiemme, no norte da Itália.

Ele esperou nossa reação de espanto, mas só conseguimos olhar para ele sem entender.

— É a mesma madeira que a família Stradivari usava para fazer seus lendários violinos no século XVII. Produz um som aveludado opulento que não pode ser reproduzido por nenhum outro fabricante hoje em dia. Por isso os violinos Stradivarius são vendidos por milhões atualmente.

— O que o senhor fez quando a ouviu? — perguntei.

— Eu pretendia dizer que teria que voltar no dia seguinte. Já estávamos fechando, afinal de contas. Mas sua execução era — ele fechou os olhos e balançou a cabeça antes de continuar — *eletrizante*. Eu podia dizer que ela aprendera com um europeu devido à articulação violenta perfeitamente equilibrada com uma profunda intimidade, o que me trouxe à mente alguns dos maiores pianistas de todos os tempos. Argerich. Pascal Rogé. Não ousei interromper. Gênios não ligam para horários comerciais, *n'est-ce pas*? Não falei nada até ela terminar.

— Quanto tempo durou isso? — questionei.

— Aproximadamente um minuto e meio. Ela me pareceu muito familiar, de uma forma bem distante. Como uma canção que você de repente lembra ter ouvido na infância, embora não consiga recordar a letra nem realmente nada além de um punhado de notas misteriosas. — Ele suspirou. — *Agora* me dou conta de que era Ash DeRouin. Crescida. Ouvira um de nossos proprietários, Gabor, dizer que ela costumava vir aqui e tocar anos antes,

quando era adolescente. Mas eu não havia ligado as coisas. — Ele fez uma pausa, o rosto pensativo. — Quando terminou, me perguntou educadamente se poderia tocar a suíte inteira, a “Assez Lent” até o “Epilogue”. A execução demora cerca de quinze minutos. Naturalmente, eu disse sim. — Ele sorriu. — Se ela tivesse pedido para tocar todas as sonatas de Beethoven eu teria concordado. Quando acabou, ela ergueu a cabeça, me olhando. Tinha um olhar muito penetrante.

— Disse algo?

— Agradeceu. Tinha uma voz baixa. Rouca. Se movia como um cisne. Superfície imaculada. Não tenho ideia do que se passava abaixo. Ficou um momento sentada lá sem dizer nada. Senti que para ela era difícil falar. Fiquei pensando se o inglês não era seu primeiro idioma. Pegou a bolsa, e então... — Seus olhos se afastaram do piano, como se imaginando Ashley ali, andando até a porta. — *Tentei* fazer com que ela ficasse, mas quando perguntei seu nome ela disse “Ninguém”. E saiu.

— Como era o comportamento dela? — perguntei.

— Comportamento?

— Parecia deprimida? Mentalmente perturbada?

— Afora a hesitação em falar? Não. Não *dessa* vez. Dessa vez ela estava bastante satisfeita quando terminou. Como alguém ficaria depois de nadar vigorosamente no Pacífico. Músicos se sentem assim depois de uma boa prática. — Ele pigarreou, se virando para olhar a rua vazia através da vitrine. — Eu a vi descer a calçada, como se não estivesse certa de para onde ir. Finalmente seguiu para oeste rumo à Broadway, e sumiu. Lembro que quando cheguei em casa naquela noite não consegui dormir, não a noite toda. Mas sentia uma enorme calma. Estava lidando com algumas questões pessoais, de cujos detalhes certamente irei poupá-los. Mas seu surgimento repentino foi um presente para mim. Parte disso apenas por *tê-la* visto. Poderia muito bem ser uma invenção da minha cabeça. Uma das *demoiselles* de Debussy. Duvidava de que fosse vê-la novamente.

— Quando ela voltou? — perguntei.

Ele pareceu se entristecer com a pergunta.

— Três dias depois.

— Isso seria *sete* de outubro — falei, fazendo uma anotação no meu BlackBerry. — Lembra-se da hora do dia?

— Uma hora depois de fechar? Sete horas? Mais uma vez eu era o último aqui. Até mesmo nosso estagiário havia ido embora. — Ele se virou e apontou para o grande caderno de couro de aparência antiga aberto sobre uma mesa junto à parede dos fundos. — Pedimos a todos que vêm à Klavierhaus que assinem o livro de convidados. Acredita-se que se um artista assina o livro de convidados da Klavierhaus isso o ajuda com futuros recitais e no aperfeiçoamento de sua técnica. Uma espécie de batismo, se quiser colocar assim. Fizemos todas as lendas assinarem. Zimerman. Brendel. Lang Lang. Horowitz.

Quando ficou claro que os nomes significavam pouco para nós, ele respirou fundo, desalentado, e apontou por sobre o ombro para a sala da administração.

— Eu estava digitando endereços e nomes quando bateram no vidro. Tecnicamente, estávamos fechados. Mas quando vi quem era, *claro* que a deixei entrar. Mas assim que destranquei a porta, me dei conta de que havia algo terrivelmente errado.

— O quê? — perguntou Hopper.

Peter pareceu desconfortável.

— Acho que ela não tinha tomado um banho, talvez nem sequer tenha tirado aquele *casaco*, desde que a vira pela última vez. O cabelo estava desgrenhado. Ela fedia a sujeira e suor. As barras da calça jeans estavam imundas. Lama do interior, pensei comigo mesmo. Parecia drogada. Imaginei que devia ser uma sem-teto. Tivemos alguns casos de indigentes entrando na loja. Eles vêm para cá depois de dormir nos degraus da igreja Saint Thomas, na Quinta Avenida. A música os atrai. — Ele suspirou. — Perguntou se poderia tocar. Eu disse que sim. E ela se sentou bem ali. — Ele apontou para o reluzente piano Fazioli, olhando para o assento de couro marrom vazio. — Ela correu as mãos sobre as teclas e disse: “Acho que Debussy hoje. Ele não está tão furioso comigo.” Ou algo assim. E aí...

— Espere um minuto — interrompi. — Ela falou do compositor como se fosse um *conhecido*?

— Com certeza — respondeu Peter com uma anuência relaxada.

— Isso não é um pouco estranho?

— De modo algum. Concertistas costumam se tornar muito íntimos de compositores mortos. Não conseguem evitar. A música clássica não é só *música*. É um diário pessoal. Uma confissão sem censura no meio da noite. Uma nudez da alma. Pegue um exemplo moderno. Florence and the Machine. Na música “Cosmic Love” ela cataloga o modo pelo qual o mundo ficou escuro, deixando-a desorientada, quando ela, uma jovem bastante intensa, foi abandonada por um caso de amor. “As estrelas, a lua, todas elas explodiram.” Bem. Não é diferente com Beethoven e Ravel. Na música deles, esses compositores derramaram seus lados mais extremos. Quando um pianista memoriza uma peça, conhece o homem morto *intimamente*, levando a todos os prazeres e dificuldades que uma relação intensa implica. Aprende os artifícios de Mozart, sua dificuldade de concentração. O anseio de reconhecimento de Bach, sua intolerância com atalhos. O temperamento explosivo de Liszt. A insegurança de Chopin. Assim, quando você se instala para dar *vida* à música deles em um concerto, no *palco*, diante de milhares, em grande medida *precisa* ter o homem morto ao seu lado. Porque o está trazendo de volta à vida. É um pouco como Frankenstein ressuscitando seu monstro, entende? Pode ser um milagre impressionante. Ou tudo pode dar terrivelmente errado.

Espiei Hopper. Ele continuava encarando Peter, sua expressão em algum ponto entre absorção e ceticismo. Nora estava enfeitiçada.

— O que aconteceu dessa vez? — perguntei.

— Ela começou a tocar. As quintas paralelas da abertura de “La cathédrale engloutie”...

— As paralelas de abertura do *quê*? — interrompeu Nora, franzindo o cenho.

— “La cathédrale engloutie”. A catedral submersa.

Peter, notando nossa evidente ignorância, *reluziu*, incapaz de conter seu encanto.

— Claude Debussy. O impressionista francês. É um dos meus prelúdios preferidos. Conta a história de uma catedral submersa no mar. Em um dia

claro, ela se ergue de águas agitadas e neblina, sinos badalando em êxtase, para permanecer poucos *segundos* no ar, reluzindo ao sol, antes de ir novamente para as profundezas inescrutáveis, fora de vista. Debussy orienta o músico a tocar os últimos acordes pianíssimo, a meio pedal, de modo que realmente soa como se fossem sinos de igreja no fundo da água, notas colidindo, antes de desaparecer e terminar como todas as coisas terminam, *como todos terminamos*, com alguns poucos acordes reverberando e então o silêncio.

Ele parou, o rosto ficando sombrio, depois prosseguiu:

— Ela não conseguiu. Sua execução, antes tão reveladora, com tanto lirismo suave, tanto romance, ficou perturbadora. Ela se jogou na música, mas as notas fugiam dela. Era errático. *Desesperado*. E quando ergueu os olhos para mim, eu... — Ele engoliu em seco. — Seus olhos estavam vermelhos. Pareciam realmente sangrar. Fiquei tão horrorizado com seu rosto, como havia se transformado tanto desde que a vi pela última vez, que imediatamente chamei a polícia. Eu a deixei tocando na parte da frente da loja. Mas assim que entrei na sala dos fundos, ela parou. Só havia silêncio. Coloquei a cabeça para fora. Estava sentada imóvel, me *observando* com aqueles olhos como se soubesse o que eu estava fazendo. De repente, agarrou a bolsa e saiu. *Assim*. — Ele estalou os dedos. — Foi o que realmente me assustou.

— Por quê? — perguntei.

Ele retorceu as mãos, desconfortável.

— Ela se moveu como um animal.

— Um *animal*? — repetiu Hopper.

Peter assentiu.

— Foi rápido demais. Com certeza não era normal.

— Para qual direção seguiu? — indaguei.

— Não sei. Voltei à frente da loja, mas não havia sinal dela. Até mesmo saí para dar uma olhada. Não estava em lugar *algum*. Tranquei a loja imediatamente. Não queria ficar sozinho.

Ele caiu em um silêncio melancólico, olhando para o chão e continuou:

— Nunca mais voltou. Eu *pensei* nela. Mas não tinha contado a ninguém até você aparecer. — Olhou para Hopper. — Fiquei aliviado quando perguntou sobre ela, contente de saber que eu não a inventei. Eu... eu tenho sofrido alguma pressão ultimamente. — Ele corou. — Para dizer o mínimo, foi agradável saber que não estava enlouquecendo. — Voltou a olhar para o piano. — Ela foi um pouco como aquela catedral. Se elevando, me deixando atônito, afundando e então desaparecendo, deixando apenas seu eco. E eu tão incerto quanto ao que tinha visto.

— Vocês têm câmeras de segurança na loja? — perguntei.

— Temos um sistema de alarme, mas nada de câmeras.

— Ela mencionou mais alguma coisa? Onde estava?

— Ah, *não*. Não conversamos além do que já lhes contei.

— E ela não deixou nada para trás? Nenhum objeto pessoal?

— Temo que não.

Nora se movera até a pequena mesa junto à parede com o livro de convidados aberto e virava as páginas.

— Isso é realmente tudo o que... Ah, por favor, *tome* cuidado com isso.

— Peter foi depressa até ela. — As páginas são muito frágeis, e não temos cópia.

— Só estava pensando se ela teria assinado — disse Nora, com Peter olhando nervoso por sobre seu ombro.

Hopper se adiantara até o Fazioli que Ashley tocara, passando a mão solenemente sobre as teclas brilhantes, tocando algumas notas agudas.

Fui até Nora. Tendo encontrado a página de quatro de outubro, ela corria o dedo de cima a baixo pela lista de nomes e endereços escritos.

— Daniel Hwang. Yuja Li. Jessica Song. Kirill Luminovich. Boris Anthony. — Ela virou a página de forma grosseira, e Peter tocou a testa como se fosse desmaiar. — Kay Glass. Viktor Koslov. Ling Bl...

— O que você disse? — perguntei.

— Viktor Koslov.

— Antes disso.

— Kay Glass.

Aproximei-me, incrédulo, olhando para a página.

Estava escrito em tinta preta, aquela caligrafia familiar, certamente idêntica à do bilhete que Morgan Devold nos mostrara — e talvez até mesmo à do envelope enviado a Hopper.

— É ela — falei.

AS RUAS ERAM estreitas, com mercearias sem movimento e prédios desbotados e espremidos sem elevador. Janelas superiores, cheias de plantas e frascos de xampu, estavam iluminadas como aquários sujos em verdes e azuis elétricos. De tempos em tempos passávamos por alguém andando sozinho, em geral um chinês, carregando sacolas de compras de plástico laranja ou andando apressado em casacos pesados. Quase todos se viravam para nos encarar como se soubessem, provavelmente por estarmos de táxi, que estávamos invadindo.

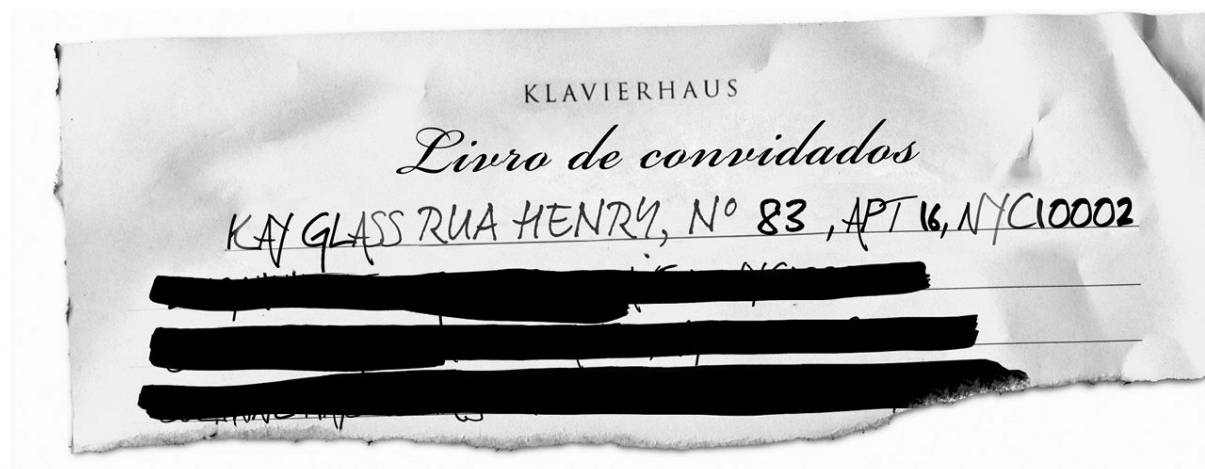
Nosso motorista entrou na rua Pike, um largo bulevar de quatro pistas. À nossa esquerda ficava um prédio baixo de tijolos — EMPRESA DE CONCERTO DE MANHATTAN, dizia a placa —, e à direita o que parecia ser uma escola pública.

— Essa é a rua Henry — disse Hopper de repente, esticando o pescoço para ver a placa da rua outra vez. O taxista virou à esquerda.

SUPERMERCADO HONG KONG, SALÃO DE BELEZA JASMINE. Passava das sete horas, e todas as lojas estavam fechadas, grades de metal baixadas, trancadas com cadeados.

— Aqui é o noventa e um — disse Nora, se inclinando para a frente para examinar a rua deserta. — O oitenta e três é mais a frente à direita.

Ashley tinha assinado no livro de convidados da Klavierhaus — e Peter Schmid não sabia explicar exatamente *quando* ela fizera isso:



Kay Glass era o nome da amiga desaparecida em *Um pequeno mal* — a mulher despercebida que convida a nova colega de trabalho, Alexandra, e o noivo dela, Mitchell, para passar o fim de semana na casa de praia dos seus pais. Nos minutos iniciais do filme, Alex e Mitch, tendo discutido durante a maior parte da viagem, chegam à casa pouco depois da meia-noite. Eles a encontram totalmente às escuras e deserta, e a amiga — Kay Glass — não estava em lugar algum. Uma busca inicial na casa — uma estrutura envidraçada moderna na beira do mar como um monumento ao niilismo — revela que um crime horrível acontecera momentos antes da chegada deles, e que os perpetradores — mascarados, de preto dos pés à cabeça — ainda estão lá.

Eu reconheceria o nome não só porque o Blackboards estava repleto de teorias e homenagens à arisca Kay Glass, como também ouvira Beckman fazer uma palestra detalhada sobre o nome e seu significado. Ele alegava que *Kay Glass* significava caos. Beckman argumentara ainda que a mulher desaparecida — a questão de o que acontecera a ela — era na verdade uma metáfora para a inescapável escuridão da vida. A figura era uma marca registrada de Cordova, e Beckman batizara um dos seus gatos em sua homenagem: *Sombra*.

“Kay Glass é a sombra que nos persegue de forma incansável”, disse Beckman. “É o que caçamos, mas nunca encontramos. É o mistério de nossas vidas. A compreensão de que, mesmo quando temos tudo que queremos, isso algum dia nos deixará. É aquilo que não vemos, a devastação à espreita, a escuridão que dá dimensão às nossas vidas.”

O fato de que de todos os possíveis pseudônimos Ashley escolhera *aquela* — uma mulher desaparecida em um dos filmes do pai — levava a todo tipo de conclusões psicológicas, a mais óbvia delas era que as histórias do pai faziam parte de sua realidade cotidiana, talvez até mesmo ofuscassem sua noção de indivíduo. Qual fora sua resposta quando Peter Schmid perguntara quem ela era?

Ninguém, dissera.

Isso me lembrou do perfil no informativo da Amherst. *É uma maravilha poder se perder em uma música*, dissera ela. *Esquecer o próprio nome por um tempo.*

Nosso táxi seguiu pela rua deserta. À nossa frente, a ponte de Manhattan se estendia em uma diagonal como uma enorme árvore caída que ninguém se dera o trabalho de retirar. Prédios arruinados sem elevadores brotavam ao redor dela.

— Ali — disse Hopper, indicando um prédio à direita.

O toldo na frente dizia RUA HENRY, nº 83 em letras brancas, seguidas por caracteres chineses. Grades de metal haviam sido baixadas dos dois lados da entrada — uma porta verde com uma pequena janela retangular.

Paguei ao motorista, e saltamos.

Estava estranhamente silencioso e calmo, o único som sendo os gemidos leves de carros invisíveis disparando pela ponte. Fui até a porta, olhando pela janela.

Dentro, um corredor abandonado com grafites em spray se estendia além de uma fileira de caixas de correio.

— Olhe — sussurrou Nora, apontando para a placa ao lado da campainha do nº 16.

Estava escrito K. GLASS.

— Não aperte — falei.

Recuei para o meio-fio, olhando para o alto do prédio: cinco andares, tijolos vermelhos se despedaçando, uma escada de incêndio enferrujada. Todas as janelas estavam escuras, exceto duas no segundo andar e outra no quinto com cortinas rosa plissadas.

— Está vindo alguém — murmurou Hopper, se afastando da porta e virando em disparada a esquina, onde havia um estacionamento. Nora recuou, descendo apressada para a calçada. Contornei sacos de lixo empilhados junto ao meio-fio e atravessei a rua.

Segundos depois ouvi a porta se abrir atrás de mim, passos rápidos.

Um asiático vestindo jaqueta azul saía, andando na direção da rua Pike. Parecia não ter nos visto — nem mesmo a Hopper, que passara por ele e conseguira segurar a porta antes que fechasse.

— *Legal* — sussurrou Nora, animada, entrando correndo depois dele. — O número dezesseis deve ser no último andar.

— Esperem um minuto — pedi, indo atrás deles.

Mas Hopper já estava correndo pelo corredor e sumia de vista, com Nora logo atrás dele. Eu me detive, inspecionando as caixas de correio. Afora Glass no nº 16, só havia um Dawkins no nº 1 e um Vine no nº 13.

Segui pelo corredor, uma TV tagarelando em algum lugar perto. Hopper e Nora já podiam ser ouvidos subindo a escada ruidosamente. Por causa de uma luz brilhante em algum lugar além do corredor, suas sombras escuras e longas de repente foram projetadas na parede diante de mim — duas línguas negras compridas deslizando por ela, lambendo os azulejos marrons rachados e desaparecendo em seguida.

Fui atrás deles, os degraus tomados por lixo e anúncios de acompanhantes asiáticas, a maioria em chinês. Um panfleto, enfiado em um encaixe imundo de vidro, dizia MASSAGISTA ASIÁTICA e trazia uma oriental seminua vestindo uma calcinha de vinil e olhando por sobre o ombro. CONHEÇA YUMI, dizia.

Hopper e Nora tinham desaparecido em algum ponto do andar de cima. Quando comecei a subir o lance seguinte, chutando para o lado uma lata de cerveja Tsingtao, houve um *estrondo* repentino em algum lugar abaixo de onde eu estava.

Olhei por sobre a balaustrada de metal.

Não havia ninguém à vista. Mas eu jurava poder ouvir uma *respiração*.

— Olá? — chamei, minha voz ecoando pela escadaria.

Não houve resposta.

Subi os lances remanescentes, abrindo a porta marcada com o número 5 e

vendo Hopper e Nora no final de um comprido corredor mal iluminado diante do nº 16. Quando os alcancei, ambos se viraram, assustados com algo atrás de mim.

Uma mulher acabara de surgir na extremidade oposta.

A ÚNICA LÂMPADA de néon no teto banhava o nariz largo e a testa dela com uma luz amarela doentia. Era bem gorda, vestindo uma saia verde comprida e camiseta preta, o cabelo castanho emaranhado cobrindo os ombros.

— O que você está fazendo? — perguntou em uma voz masculina rouca.

— Visitando uma amiga — respondi.

Ela veio depressa na nossa direção, os ombros curvados, os chinelos estapeando a sola de seus pés.

— *Qual* amiga?

— Ashley.

— Quem?

— Kay — interrompeu Nora. — Ele quis dizer *Kay*.

O nome fez a mulher parar, não querendo se aproximar mais. Só podia estar na casa dos cinquenta anos, com pele manchada e alguns dentes faltando, dando ao rosto dela a expressão de uma estátua desmoronando.

— Onde *está* Kay, porra? — cobrou a mulher. — Digam a ela que me deve três semanas de aluguel. Isso aqui não é um abrigo de caridade.

Hopper enfiou a mão no bolso do casaco, desdobrando um papel.

— É ela? — perguntou.

Era uma fotografia em preto e branco de Ashley. Ele devia ter imprimido da internet, porque eu nunca a vira — a não ser que fosse da coleção dele, um instantâneo tirado no acampamento. A mulher não se mexeu para olhar, apenas projetou o queixo.

— Vocês são policiais?

— Não — respondi. — Somos amigos de Kay.

— Quando a viu pela última vez? — quis saber Nora.

A mulher olhou feio para nós.

— Não gosto de falar com policiais.

— *Não* somos policiais — repetiu Hopper, tirando a carteira do bolso de trás. No instante em que a abriu os olhinhos pretos da mulher se agitaram como moscas sobre bosta. — Responda a nossas perguntas e faremos seu tempo valer.

Ele estendeu três notas de vinte, que ela agarrou instantaneamente, contando, depois enfiando-as na frente da camiseta.

— Esta é Kay? — perguntou Hopper, mostrando a foto outra vez.

— Com certeza parece com ela.

— Quando a viu pela última vez? — perguntei.

— Há *semanas*. Por isso subi aqui. Ouvi todo o barulho e pensei que tivesse voltado para pegar as coisas e estivesse tentando passar a perna em mim. Fazem alguma ideia de quando Sua Alteza pretende aparecer?

— Na verdade, não.

A notícia a deixou enfurecida.

— Eu já podia ter alugado este quarto umas cinco vezes. Agora tenho que trazer um chaveiro. Limpar as merdas dela.

— Por que um chaveiro? — perguntei.

Ela apontou para a porta com a cabeça.

— Não tenho a chave desse quarto. Ela trocou a fechadura.

— Por quê?

— Como vou saber, porra?

— Como ela era? — perguntou Nora.

A mulher fez uma careta e respondeu:

— Tinha pose de duquesa, se querem saber. Ficava exigindo coisas como se fosse a rainha da Inglaterra. Queria que eu consertasse as luzes do banheiro porque eram escuras demais para ela, depois as torneiras quente e fria. Deve ter confundido isso aqui com a porra de um Marriott.

— Sabe o que ela estava fazendo na cidade? — indagou Nora.

A mulher semicerrou os olhos como se tivesse sido levemente ofendida.

— Você me paga na data e o que faz no quarto é dá sua conta. Ela me *fez* um favor uma vez. Tive que sair correndo, e ela cuidou do meu sobrinho por algumas horas. Disso eu gostei. Mas então ela troca a fechadura, foge e me

engana no aluguel. Eu cuido de um negócio. Não de uma instituição de caridade. — Ela olhou novamente para a porta, ressentida. — Agora vou ter que pagar um chaveiro.

— Há quanto tempo ela mora aqui? — perguntei.

— Faz mais ou menos um mês. Mas não a vejo há semanas.

— E como ela ficou sabendo daqui?

— Pelo meu anúncio. Tenho panfletos fixados perto da estação Port Authority.

— Quanto quer para derrubar a porta? — perguntou Hopper, passando a mão nela. — Também cobriremos o que Kay estiver lhe devendo de aluguel.

— Ah, isso seria... Ahn, *cento e cinquenta*. Mais qualquer dano à porta.

— Aqui estão trezentos.

Ele jogou um bolo de notas para a mulher, que as pegou rapidamente, depois foi até o final do corredor onde havia uma porta com um vidro imundo — alguma espécie de banheiro coletivo — e um extintor de incêndio. Soltou o extintor e voltou, erguendo-o acima da cabeça e batendo com força na fechadura.

Fez isso cinco vezes, a madeira lascando, e então — com a facilidade despreocupada de quem já tinha feito isso — jogou o cilindro de lado, recuou alguns passos e deu um chute. A porta escancarou, batendo na parede, e depois fechou, ficando dois centímetros entreaberta.

Por um momento ninguém se mexeu. Hopper empurrou a porta para abri-la.

Estava um breu do lado de dentro, a luz do corredor mal iluminava o piso de concreto arranhado, as paredes com tinta azul descascando.

Também havia um perceptível *fedor* — algo podre.

Eu me virei, planejando perguntar à senhoria quando ela estivera dentro do quarto de Kay pela última vez, mas a mulher já tinha recuado.

— Tenho que descer — murmurou ela, e se virou, os chinelos batendo nos seus pés enquanto seguia apressada pelo corredor. — Tenho que ver como está meu sobrinho.

Desceu em disparada, e em segundos podia ser ouvida no térreo.

— Está com medo de alguma coisa — falei.

— É daquele *cheiro* — sussurrou Nora.

HOPPER DEU UM passo para dentro. Eu o segui, deslizando as mãos pela parede, tentando encontrar um interruptor.

— *Cacete* — disse ele, tossindo. — O cheiro está realmente ruim.

Houve um rangido metálico quando Hopper tropeçou acidentalmente em algo — uma cadeira de metal dobrável — e depois, mexendo em uma luminária, o quarto de repente foi banhado por uma luz pálida.

Era pequeno e deprimente, com um tapete marrom desbotado, uma janela com a veneziana rasgada, uma cama metálica dobrável afundada em um canto. Algo no modo como os lençóis estavam recolhidos, um cobertor verde caído no chão — uma clara *depressão* no travesseiro — parecia sugerir que Ashley tinha acabado de sair dali, momentos antes. De fato, todo o quarto pobre insinuava que estivera ali pouco antes, o ar abafado preenchido com sua respiração.

O odor de podridão, uma combinação de esgoto e *algo queimado*, parecia brotar das paredes. Uma mancha marrom cobria o teto próximo à janela, como se algo tivesse sido morto no telhado e deixado ali para sangrar lentamente nas vigas. O piso, cheio de sacolas plásticas, estava grudento devido a algum tipo de refrigerante derramado.

— Devold não disse que Ashley estava vestindo pijama quando a tirou de Briarwood? — perguntou Hopper.

— Disse — respondi.

— Estão bem ali.

Com certeza — uma calça de algodão branco com cordão e uma camiseta tinham sido jogadas em uma pilha sobre os lençóis.

Hopper parecia relutante em tocar neles. Peguei a calça, que surpreendentemente ainda mantinha os contornos das pernas de quem a usara,

e notei impresso do lado de dentro da cintura a inscrição *A. Cordova* MH-314 — o número do seu quarto em Briarwood. Assim como a camiseta; cortada na forma de roupas de cirurgia, a manga esquerda ainda torcida no cotovelo.

Eu as recoloquei na cama e fui na direção de um pequeno closet. Não havia nada lá — apenas quatro cabides de metal em uma vara de madeira.

— Tem algo aqui embaixo — disse Hopper. Estava olhando debaixo da cama.

Agarramos a cama dobrável, levando-a para o centro do quarto, e então nós três olhamos, perturbados, para o que acabara de ser exposto.

Nenhum de nós disse nada.

MEU PRIMEIRO PENSAMENTO foi que era algum tipo de alvo. E se um dia encontrasse uma coisa daquelas debaixo da *minha* cama, provavelmente pensaria que a própria Morte a teria colocado lá, um lembrete de que seria recolhido em poucos dias — *ou tinha inimigos que queriam me inculcar um medo capaz de obscurecer a luz do dia.*

Quatro círculos concêntricos haviam sido meticulosamente desenhados no piso com cinzas pretas. No centro — quase imediatamente abaixo de onde estariam o tronco ou coração de Ashley se estivesse deitada na cama — havia uma pirâmide de carvão. Tinha uns quinze centímetros de altura, as pedras brancas caindo, o cimento abaixo calcinado.

— O que é isto? — sussurrou Nora.

— São as cinzas que exalam esse cheiro — disse Hopper, se agachando.

Após tirar fotos, Nora encontrou um saco de papel pardo na bolsa e, ao virá-lo do avesso, coletamos uma amostra do pó. Pareciam ser folhas bem picadas, terra e osso. Lacrei o saco e o enfiei no bolso do casaco.

— Que merda — murmurou Hopper atrás de nós. — Olhem isto.

Ele estava junto à porta, observando algo acima dela — um punhado de gravetos. Tinham sido colocados cuidadosamente bem no canto, *como se para deliberadamente passar despercebidos.*

Hopper baixou os gravetos, e segurou-os sob a luz do corredor. Pareciam *raízes* — algumas grossas, outras finas, outras enroladas em espirais apertadas, embora todas vindas da mesma planta. Cada graveto havia sido amarrado com um barbante branco e estavam presos uns aos outros.

— Parece alguma prática de ocultismo — falei, pegando os gravetos da mão de Hopper com cuidado.

Eu deparara com alguns costumes religiosos bizarros ao longo dos anos; arremesso de bebês na Índia; monges jainistas que circulavam nus, vestindo o ar; meninos de tribos indígenas obrigados a usar luvas cheias de formigas, em um ritual de passagem para a idade adulta. Aquilo parecia algo nesse estilo.

— Por que estaria acima da porta? — perguntou Nora.

Olhei para Hopper.

— Você se lembra de Ashley estar envolvida em práticas ou crenças incomuns?

— Não.

— Vamos dar mais uma olhada para verificar se deixamos passar alguma coisa. Depois damos o fora daqui.

Nora e Hopper concordaram, examinando o quarto com cuidado. Estava prestes a ir à mesinha de cabeceira, quando vi com o canto do olho algo *verde* passar pelo umbral, seguido por batidas ritmadas. *Chinelos*.

Coloquei a cabeça para fora. A senhoria descia o corredor. *A megera estava espionando*.

— Espere um minuto! — gritei, indo atrás dela.

— Não sei de nada — grunhiu.

— Você deve ter notado aquele *cheiro* vindo do quarto dela.

Ela parou no final do corredor e se virou para mim, a pele brilhando de suor.

— Não sei o *que* aquela garota fez a si mesma.

— Algum morador disse algo?

Ela não respondeu. Tinha uma maneira perturbadora e reptiliana de se mover, ficando parada — como se soubesse que estaria camuflada pela luz fraca e pelas paredes descascadas ao redor — e escapulindo depois. Ela estava absolutamente imóvel, olhando para mim com a cabeça inclinada.

— Ela assustava as pessoas — disse, sorrindo. — Não sei *como*, pois era uma coisinha frágil. Em geral são alguns dos homens que alugam meus quartos que realmente *assustam*. Mas isso não é problema meu. As pessoas podem fazer o que quiserem, desde que me paguem.

Eu estava no meio do corredor, mas parei porque um garotinho — que não tinha mais de cinco ou seis anos — me espiava perto da porta da escada.

Depois de um tempo ele saiu, permanecendo de pé emburrado atrás da mulher. Usava uma camiseta suja, uma calça de algodão com as pernas curtas demais e meias feitas para pés muito maiores.

— É seu sobrinho? — perguntei.

Ela olhou com frieza para ele e voltou a se virar para mim sem dizer nada.

— Disse que Kay cuidou dele uma vez quando você saiu. Ele pode me dizer algo sobre ela?

A mulher apontou para mim.

— Para um *amigo* você não sabe de muita coisa.

Então notei que um feixe de luz saía de um quarto ao meu lado, a porta se movendo. *Alguém estava escutando*. Antes que pudesse ver quem era, houve uma batida forte. A senhoria e o garoto tinham desaparecido na escada. Fui atrás deles.

— Esperem!

— *Nos deixe em paz*.

Desci os degraus correndo, tropeçando em panfletos, alcançando-os no patamar seguinte. Sem pensar, agarrei o braço do garoto. Ele deu um guincho de *gelar o sangue*, como se eu o tivesse marcado a ferro.

Assustado, eu o soltei, mas ele continuou gritando enquanto via algo — algum bonequinho que ele acabara de derrubar — cair pelo corrimão metálico, quicando nos degraus, deslizando pelos ladrilhos do térreo. Com um gemido, ele foi atrás.

— Olhe o que você fez agora — murmurou a mulher furiosa, indo atrás dele. — Pegue seus *amigos* e suma daqui. Não sabemos de nada.

Quando cheguei ao térreo, encontrei os dois vasculhando freneticamente o corredor. O garoto se levantou, se virando para a mulher, os dedos fazendo gestos rápidos no ar. *Usava linguagem de sinais*. Era surdo. *E eu o traumatizara*.

Culpado, me virei, examinando o piso de ladrilhos, chutando panfletos e embalagens. Logo encontrei algo iluminado por um retângulo de luz sob a escada.

Era uma cobra esculpida em madeira — sete centímetros de comprimento, boca aberta, língua esticada, corpo retorcido. Parecia

estranhamente pesada.

De repente a senhoria estava ao meu lado, arrancando a peça e devolvendo-a ao garoto. Depois pegou-o pelo braço e o arrastou até a porta de um apartamento. Vi de relance uma sala abarrotada e um desenho animado passando na televisão, enquanto ela empurrava o garoto para dentro, entrando depressa atrás dele e batendo a porta.

Nora e Hopper estavam descendo as escadas correndo, o prédio grunhindo com o barulho. Passaram rápido pelo corredor, Nora se virando e mandando silenciosamente que eu me apressasse. Saí atrás dela para a noite fresca, me dando conta de que ofegava, como se tivesse acabado de me livrar de algo — algo que, sem que eu percebesse, me sufocava.

— VOCÊS TIRARAM os gravetos de cima da porta? — perguntei ao alcançar Nora e Hopper do outro lado da rua.

— Tirei — disse ela, abrindo a bolsa para me mostrar.

— Certo, então vamos pegar um táxi...

— *Não podemos*. Uma vizinha de Ashley está descendo para falar conosco.

Eu me lembrei do feixe de luz que vira do lado de fora do quarto número treze.

— Enquanto você perseguia a senhoria, essa outra mulher colocou a cabeça para fora, incomodada com o tumulto. Hopper mostrou a foto de Ashley, e ela a reconheceu. Está descendo para conversar conosco em dois segundos.

— Bom trabalho.

— Aí vem ela — sussurrou Nora enquanto uma figura saía do número oitenta e três da Henry.

A mulher era alta, vestia um suéter branco com zíper e tênis. Levava uma sacola preta no ombro, e o que quer que houvesse ali — *fuzis*, pela forma — parecia ser bem pesado, fazendo com que ela andasse curvada. Atravessou a rua até nós, apressada.

— Desculpe pela demora — disse ela sem fôlego, exalando um forte cheiro de perfume ao subir na calçada. — Não conseguia achar as chaves. Estou indo trabalhar, então não tenho muito tempo. O que vocês gostariam de me perguntar?

O rosto dela era bem bonito, emoldurado por cachos louros tingidos, embora com tanta maquiagem que era difícil saber onde a beleza terminava e a ilusão começava. Parecia ter uns trinta anos, mas notei que ficara

deliberadamente fora da iluminação da rua e mantinha as mãos nos bolsos do agasalho, ombros curvados, como se não estivesse totalmente à vontade com pessoas a olhando de perto.

— Só temos algumas perguntas sobre sua vizinha Kay.

Ela sorriu.

— Ah, sim. Como ela está? Não a tenho visto.

— Bem — respondi, ignorando o olhar de Nora. — Somos amigos dela e queremos saber sobre a estadia dela aqui. O que Kay fazia?

— Cara, eu não saberia dizer. Mal nos falávamos — disse a mulher, pousando a bolsa com misteriosos ruídos metálicos na calçada, retirando um pacote de Kleenex do bolso e assoando o nariz. — Desculpem. Estou me recuperando de uma gripe forte. Só vi Kay, sei lá, uma vez.

— Quando? — perguntei.

— Há um mês? Estava voltando do trabalho. Umas cinco, seis da manhã. Fui ao banheiro tirar a maquiagem. Só há um por andar. Todos usam. Fiquei lá tipo uns quarenta e cinco minutos, escovando os dentes, provavelmente falando sozinha, quando de repente houve um barulho de água caindo atrás de mim. — Ela estremeceu. — Aquilo me deixou em pânico. Berrei. Provavelmente acordei o prédio inteiro.

— Por quê? — perguntei quando ela não continuou, fazendo outra pausa para assoar o nariz.

— Ela estava bem ali — disse, dando um risinho, um som agudo de sinos. — *Kay*.

— Onde?

— Na banheira. Estava atrás de mim, tomando banho, o tempo todo.

Olhei para Hopper e Nora. Eles pareciam estar pensando o mesmo que eu — a mulher não percebera a natureza perturbadora da cena que acabara de descrever. — Eu me apresentei — continuou, fungando. — Ela me disse seu nome, mas inclinou a cabeça para trás na banheira, fechando os olhos como se tivesse tido um dia longo e não quisesse conversar. Acabei de passar meus cremes antirrugas e disse boa-noite. Depois que a ouvi sair do banheiro, voltei, pois tinha deixado a pasta de dentes na pia. Ela não esvaziara a banheira, então enfiei a mão para tirar a tampa. — Ela balançou a cabeça. —

Não sei *como* ela ficou ali sem congelar as pernas e os braços. Estava um *gelo*.

— Nunca mais viu Kay? — perguntei.

— Não. Mas a *ouvi*. As paredes são finas como papel. Parecia ter o mesmo horário que eu.

— E que horário era esse?

— Trabalho à noite — disse ela vagamente, olhando para a rua deserta.
— Quer saber? Houve *outra* vez. Desculpem. Minha cabeça está lenta por causa do remédio para gripe. Era minha folga, então deve ter sido em um sábado. Eu estava voltando do supermercado e cruzei com Kay na escada. Estava a caminho de uma boate. Não lembro o nome. — Ela balançou novamente a cabeça. — Era feminino. Meio francês? *Acho* que disse que seria em um presídio desativado em Long Island. Queria saber se eu já estivera lá, mas não.

— Uma velha cadeia? — repeti.

Ela deu de ombros.

— Foi uma conversa de cinco segundos. Quer saber de uma coisa? Semana passada vi dois caras diante da porta dela. Eles me olharam como se quisessem que eu cuidasse da minha vida, então fiz isso.

— Como eles eram?

— Só uns *caras*. Um mais velho, o outro na casa dos trinta... Depois ouvi Dot subir as escadas e se livrar deles. Ela não gosta de estranhos.

— Dot?

— É. Você estava conversando com ela.

— Um garotinho mora com ela?

— Lucian. Seu sobrinho.

— Há quanto tempo ele mora aqui?

— Desde que estou na Henry. Mais ou menos um ano. — Ela fungou e puxou a manga do agasalho para conferir o relógio. — Merda. Tenho que correr. Podem dizer a Kay que mandei lembranças? — perguntou ela, agarrando a sacola e colocando-a no ombro com tinidos.

— Claro.

— Podemos entrar em contato se tivermos mais perguntas? — perguntou Nora.

Após uma pequena hesitação, a mulher abriu a bolsa, dando a Nora um cartão de visitas preto. Depois sorriu e seguiu pela calçada na direção da Manhattan Bridge. Nora me entregou o cartão sem dizer nada.

Estava escrito:

IONA. DIVERSÃO PARA DESPEDIDAS DE SOLTEIRO.

— UMA BOATE em Long Island — falei. — Com nome francês. Deve funcionar em um presídio desativado ou em um prédio abandonado. Isso lembra algo a você?

Eu estava ao telefone com Sharon Falcone, de pé na frente do Gitane, um pequeno café de qualidade irregular franco-marroquino na rua Mott. Após sair do prédio da Henry tínhamos pegado um táxi para comer algo e conversar. Após uma busca no Google com as palavras *boate*, *Long Island*, *francês* e *presídio desativado* não dar em nada, decidi ligar para Sharon para o caso de ela saber onde poderia ser a boate.

— Não me diga que está me atrapalhando porque precisa de ajuda com sua vida social — disse Falcone do outro lado da linha.

Era possível ouvir telefones tocando, uma TV no canal NY1, o que significava que ela ainda estava à sua mesa na delegacia, sentada na cadeira giratória detonada, revendo os detalhes de um caso que seus colegas haviam abandonado há tempos, os óculos equilibrados na ponta do nariz.

— Não exatamente. É uma pista — falei.

— Conheço Long Island tanto quanto a minha cozinha. Entendo que está lá para meu prazer e usufruto, mas de alguma forma nunca consigo ir. Não tenho como lhe ajudar. Posso voltar ao trabalho agora?

— E quanto a cultos religiosos na cidade? Isso é comum?

— Culto ao dinheiro conta como religião?

— Quero dizer práticas estranhas, rituais, ocultismo. Com que frequência vocês se deparam com esse tipo de coisa em uma cena de crime? Isso a surpreenderia?

— *McGrath*. Eu tenho esfaqueamentos. Tenho ferimentos à bala. Tenho um garoto rico que enfiou a faca no pescoço da mãe, um bebê de seis meses

sacudido até a morte e um homem castrado no InterContinental da Times Square. *Com certeza* temos ocultismo. Nós temos tudo. Pode haver uma Starbucks em cada esquina e um iPhone no ouvido de cada um, mas não se preocupe, as pessoas ainda são malucas para cacete. Algo mais?

Estava prestes a dizer não e me desculpar por incomodá-la, quando pensei em algo.

— Eu poderia ter um caso para o juizado de menores.

Ela não respondeu de imediato, embora eu praticamente pudesse vê-la dando um pulo, tirando um bloco de anotações amarelo das pilhas de depoimentos de testemunhas e fotos de laboratórios, folheando seus rabiscos ilegíveis até achar uma página em branco, agarrando uma caneta.

— Estou escutando — disse ela.

— Acabei de falar com uma mulher que tem a guarda de um garotinho surdo. Não parece certo. O prédio é uma bosta, pode ser um bordel.

— Qual é o endereço?

— Rua Henry, oitenta e três, entre Pike e Forsyth. O nome da mulher é Dot. Ela administra o lugar.

— Vou mandar alguém dar uma olhada.

— Obrigado. Mas então: quando vou levar você para tomar um drinque?

— Quando esta cidade estiver feliz da vida.

— Então nunca?

— Continue esperando. — Um telefone tocou ao lado dela. — Tenho que atender...

Desligou.

Já passava das dez horas, noite de sexta. Grupos de pessoas de vinte e poucos anos lotavam a calçada, cambaleando para bares e encontros. Do outro lado da rua, onde o muro inclinado de tijolos vermelhos que cercava a velha catedral de Saint Patrick fazia uma curva fechada na esquina, notei um homem de jaqueta de couro preta falando ao celular, a mão em concha sobre a boca.

Ele olhava para mim, e eu não conseguia afastar a sensação de que era sobre *mim* que estava *falando*.

Ele desviou o olhar, para além da loja Ralph Lauren na esquina, ainda murmurando ao telefone. Voltei ao Gitane.

Eu só estava paranoico.

— ESTAVA JUSTAMENTE contando a Hopper — disse Nora enquanto eu me sentava ao lado dela junto à janela. — Encontrei um recibo na lata de lixo de Ashley.

Hopper estava inspecionando o pequeno pedaço de papel amarelo e, com uma expressão de dúvida, me entregou.

Era um recibo escrito à mão da Rising Dragon Tattoos, localizada na rua Quatorze Oeste, cinquenta e um. Alguém — eu só podia supor que fora Ashley, embora não houvesse nenhum nome listado — pagara 363,24 dólares em espécie por uma “tatuagem bandeira americana/retrato” em 5 de outubro de 2011, às 20h21. Eu sabia pelas fotos do legista que a tatuagem que Ashley tinha no pé direito era anterior àquele recibo. Então era um mistério ao que *tatuagem bandeira americana/retrato* se referia.

— Vamos lá amanhã — afirmei. — Ver se alguém reconhece a foto dela.

— Também temos que encontrar alguém que possa nos dizer o que são aqueles círculos que ela colocou debaixo da cama — completou Nora, dando uma mordida na torrada com abacate.

— Não sabemos se *ela* os colocou lá — objetou Hopper. — Qualquer maluco poderia ter plantado aquilo.

— Concordo — falei. — A senhoria enxerida poderia facilmente ter mentido sobre a chave. Também há os dois homens que Iona viu do lado de fora do apartamento de Ashley. Talvez ela estivesse se escondendo de alguém, possivelmente da família. Por que mais alugaria o quarto sob um pseudônimo e trocaria a fechadura?

— É quase como se houvesse duas Ashley — disse Nora, pensativa.

— O que quer dizer? — perguntei.

Ela enfiou o garfo na torre de cuscuz no prato.

— Há a pianista. A mulher destemida e selvagem. A garota que Hopper conheceu no acampamento. E há essa outra sobre a qual as pessoas ficam falando. Essa criatura com tendências sobrenaturais.

— Tendências sobrenaturais — repeti.

Ela assentiu, o rosto sério.

— Foi o que Guadalupe disse no Waldorf Towers. Que ela era *marcada*. — Nora olhou para Hopper. — Na foto do legista vimos um ponto preto no olho esquerdo de Ashley, exatamente como ela tinha dito. Pense em como manipulou Morgan Devold sem dizer *nada*. Ela o hipnotizou. E depois Peter na Klavierhaus. Ele disse que ela se movia como um animal.

— Foi internada contra a vontade dela em um *hospital psiquiátrico* — disse Hopper, afundando na cadeira. — Quem sabe quais remédios lhe deram? Eu já vi pessoas viciadas nessa merda, tentando se *livrar* dessa merda. Não sabem o que fazem metade do tempo.

— Tem outra coisa que notei — continuou Nora com uma voz contida. — Ashley tinha algum tipo de interesse bizarro por crianças.

Eu estava impressionado. Eu tinha percebido a mesma coisa.

— Ashley leu uma história de ninar para a filha de Morgan Devold — continuou. — Também ficou de babá do sobrinho da senhoria. Se veio à cidade esperando encontrar alguém no Waldorf, e agora nessa boate, por que perderia tempo fazendo isso?

— Talvez gostasse de crianças — disse Hopper.

— São interações *sérias* com crianças em um período de poucos dias. Vocês se lembram daquela boneca que Morgan Devold pescou na piscina? Ele nos disse que estava sumida havia algumas semanas.

— E? — perguntou Hopper.

— Isso seria na época em que Ashley esteve na casa dele.

— Acha que Ashley escondeu a boneca na piscina?

— Talvez. Por que ela colocaria aquela terra em círculos debaixo da cama? Ou raízes acima da porta?

— Nós já estabelecemos que ela provavelmente não fez isso — disse Hopper com tanta raiva que duas modelos na mesa ao lado pararam de falar para encará-lo. Ele se inclinou para a frente, baixando a voz. — Tenho

certeza de que você *adora* a ideia de que Ashley era uma espécie de Bruxa de Blair, cozinhando rabos de filhotes de cachorro, dedos de criancinhas ou qualquer outra *merda*. Mas isso é uma *piada*. A família dela é a responsável. *Eles* são os malucos que a colocaram em Briarwood. Ela queria fugir deles. Provavelmente morreu tentando.

Ele murmurou essas últimas palavras para si mesmo, afastando o cabelo da frente dos olhos e enfiando o garfo nos ovos fritos, irritado demais para comer.

Nora me lançou um olhar e voltou a comer em silêncio. Eu não disse nada. O modo como ela formulara — *Ashley tinha algum tipo de interesse bizarro por crianças* — me lembrou do meu informante anônimo de cinco anos antes. *John. Ele faz alguma coisa com as crianças*, dissera ele, palavras que tinham me assombrado.

O que isso significava? Que a família inteira, ou pelo menos pai e filha, tinha uma fixação por crianças? Por quê?

Ao fazer essa pergunta a mente automaticamente reagiu com as respostas mais soturnas imagináveis. Essa dicotomia era um grande tema na obra de Cordova: a maldade da maturidade, a pureza da juventude e a colisão dessas duas cargas. *Em algum lugar em um quarto vazio, Anjinhos, O legado e Fruto do amor* lidavam de alguma forma com isso, embora em *Respirando com reis* Cordova tenha virado essa equação de cabeça para baixo, atribuindo depravação ao personagem infantil e santidade aos adultos. Há uma fala de Marlowe Hughes em *Fruto do amor*, uma ligeira variação de uma citação de William Blake:

Melhor assassinar uma criança inocente e acabar por aí do que tratar uma mal e criar um monstro.

De repente pensei na filha de Morgan Devold, Mellie, como ela me seguira na ponta dos pés e me estendera a mão, segurando algo preto.

Será que eu a entendera mal? Será que estava pedindo ajuda em silêncio, implorando que eu não fosse embora? Fiquei contente por ter contado a Sharon Falcone sobre aquele garoto da rua Henry, oitenta e três. Com um pouco mais de pesquisa eu não hesitaria em dar o mesmo telefonema pelos filhos dos Devold. A ideia era tão perturbadora que me vi enviando uma

mensagem de texto a Cynthia, pedindo desculpas pela mudança de planos, dizendo que estava ansioso pelo fim de semana que eu passaria com Sam enquanto ela estaria em Santa Barbara.

— É a terceira vez que aquele cara passa olhando para nós — disse Hopper, olhando pela janela atrás de mim.

Eu me virei, acompanhando o olhar dele. Era o *mesmo homem* que eu notara antes — alto, cabelo escuro, jaqueta de couro preta. Estava novamente do outro lado da rua, a alguns metros de onde eu o vira pela primeira vez.

— Ele estava me observando antes, quando eu estava lá fora — falei.

Hopper de repente deu um pulo da cadeira, empurrando uma garçonete, que quase deixou cair a bandeja de comida quando ele passou depressa por ela na direção da porta. Ao vê-lo se aproximar, o homem virou a esquina correndo. Eu me levantei e fui atrás deles.

HOPPER ESTAVA NA metade do quarteirão, correndo pelo meio da rua. Eu o alcancei na esquina com a Lafayette.

— Ele acabou de escapar — berrou, apontando para um táxi que acelerava rumo a Houston.

Hopper se meteu no meio do trânsito, tentando chamar outro, e eu fui atrás daquele táxi.

No cruzamento à frente o sinal ficou amarelo, e o táxi, passando para a pista do meio, acelerava. *Ele vai passar direto — e será o fim.* Mas de repente o táxi freou, parando abruptamente no sinal vermelho.

Eu tinha segundos. Passei por entre os carros, disparando pelo lado direito. Podia ver o homem — uma silhueta escura no banco de trás, olhando por sobre o ombro, provavelmente para ver se Hopper estava atrás dele. Tentei a maçaneta.

Ele se virou, assustado. Seu choque logo deu lugar a uma *calma fria* quando se deu conta de que as portas estavam trancadas. Parecia distantemente familiar.

— Quem é você? — gritei. — O que quer?

Ele balançou a cabeça, dando de ombros como se não fizesse ideia de quem eu era. *Será que é o táxi errado?* O carro se arrastou à frente, o rosto do homem mergulhando nas sombras, então o sinal ficou verde e o táxi disparou pela Houston, os carros buzinando ao desviarem de mim.

Assim que o táxi se afastou, a mão esquerda do sujeito foi banhada pela luz.

O homem não tinha três dedos.

DE VOLTA AO Gitane expliquei a Hopper e Nora o que acontecera: que eu tinha certeza de que era Theo Cordova que estava nos observando.

— Isso muda tudo — falei. — A família agora está de olho na gente, então temos que supor que cada movimento nosso está sendo acompanhado.

Eles reagiram com uma aceitação melancólica, Hopper quase imediatamente jogando algumas notas amassadas na mesa e partindo para responder a uma mensagem de texto, Nora e eu seguindo para casa. Ela foi para cama, enquanto eu me servi de um uísque Macallan e fui pesquisar sobre *Theo Cordova*.

Encontrei pelo menos mil resultados no Google Imagens, todos um *still* de um filme de Cordova. Ele interpretara pequenos papéis em *À noite todos os pássaros são pretos* e em *A janela rachada*, embora a maioria das fotos fosse da cena de abertura de *Espere por mim aqui*, quando ele corre seminu para a estrada.

Quanto mais eu escrutinava as fotos, mais certeza tinha de que era o mesmo homem, o mesmo nariz comprido e fino, os mesmos olhos castanho-claros. Conferi minhas anotações em busca da data de aniversário dele: nascido no Hospital St. Peter em Albany em 12 de março de 1977, o que dava a ele trinta e quatro anos.

Havia pouco mais sobre Theo Cordova no Blackboards. No mundo de Cordova, o filho do homem parecia ser basicamente uma nota de rodapé. Segundo uma fonte, nos últimos onze anos ele vinha levando uma vida extremamente reservada no interior de Indiana, trabalhando como paisagista, e mudara seu sobrenome para Johnson.

Após passar mais algumas páginas, tive uma ideia. Fiz um post simples na seção FALE COM ESTRANHOS pedindo ajuda para identificar e ter acesso a

uma festa misteriosa em Long Island com nome francês “que acontece em uma velha cadeia ou prisão esquecida”.

Depois coloquei o computador para dormir e fui para a cama.

EU ESTAVA EXAUSTO, mas não conseguia dormir. Tinha a sensação persistente de que ele ainda estava em algum lugar lá fora, me observando.

Theo Cordova. A sensação era tão forte que saltei da cama, levantei a persiana e olhei pela janela. Mas a rua Perry continuava silenciosa e solene, envolta em sombras, nenhum movimento a não ser o das árvores balançando com uma brisa fraca. *Agora eu estava me tornando um maluco paranoico saído das páginas de Dostoiévski.*

Voltei para a cama, puxando o lençol sobre o rosto, furiosamente *querendo dormir*, virando o travesseiro. Em segundos ele ficou quente e grudento. Os lençóis também estavam escaldantes, se desprendendo do colchão e enrolando ao redor da minha cintura como plantas carnívoras tentando me estrangular. Sempre que eu fechava os olhos, o rosto de Theo estava lá, semiafogado na escuridão do táxi, os olhos vagos e a mão deformada pressionando a janela como se tentasse me dizer algo, suplicar, alertar, uma presença tão perturbadora e fugidia quanto Ashley naquela noite no Reservoir.

De algum modo, por volta das três da manhã devo ter caído no sono, pois fui despertado por uma batida suave em minha porta.

Entreabri um olho. O relógio marcava 3h46.

— Posso entrar? — sussurrou Nora.

Sem esperar por uma resposta — graças a Deus eu estava com as calças do pijama — ela esgueirou-se para dentro. Não conseguia ver muito dela no escuro, mas parecia estar vestindo uma camisola branca de mangas compridas, que a fazia parecer um fantasma que acabara de flutuar para dentro do meu quarto e agora pairava ao pé da cama, me analisando, tentando decidir se eu valia a pena ser assombrado.

— Só estava pensando... — começou ela, mas não prosseguiu.

— No que está pensando às quatro da manhã? — perguntei, juntando os travesseiros debaixo do corpo e me apoiando na cabeceira. — É melhor que seja uma coisa boa.

— É Hopper. Eu não estava conseguindo lembrar, mas... — Ela se sentou e apoiou os pés nas grades da cama, puxando a camisola sobre os joelhos. — Como ele sabia que devia ir àquela loja de pianos? De toda a cidade, ele encontrou o *único* lugar aonde ela foi? Isso é inacreditável demais.

Concordei com ela. Tinha sido muita sorte. Hopper se deparando com uma testemunha de Ashley na Klavierhaus. Quando algo parecia ser uma brutal coincidência, nove em dez vezes não era.

— E quando sugeri que Ashley colocara aquela coisa debaixo da cama, ele ficou tão irritado.

— Eu percebi.

Ela roeu a unha do polegar.

— Você acha que de alguma forma ele é responsável pelo que aconteceu a ela?

— Ainda não tenho certeza. Mas ele definitivamente está escondendo algo.

— Também acho que não gosta da gente.

— Um defeito *terrível*. Também fuma um cigarro atrás do outro, tem o cenho franzido com melancolia, o cabelo de menino rebelde. É como se ele se considerasse o rebelde de um filme de John Hughes.

Ela deu um risinho.

— Vamos fazer uma das melhores jogadas do guia McGrath. O Corleone. Nós o mantemos por perto. Ele acabará se revelando. Sempre funciona — sugeri.

Ela colocou o cabelo para trás das orelhas, fazendo a cama se sacudir, mas não disse nada.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — pedi.

Ela se virou para mim, seu rosto um borrão leitoso no escuro.

— Terra Hermosa. Como deixaram você morar lá? Com certeza deveria ter um requisito de idade.

— Ah. Era ilegal. Mas eu não podia abandonar Eli. Ela me criou. O pior dia da minha vida até então foi quando ela caiu no estacionamento do Bonnie Lee's Fried Chicken e os médicos disseram que ela teria que ir para um asilo.

— Quantos anos você tinha quando se mudou?

— Quatorze.

— E os seus pais?

Ela brincou com as mangas pregueadas da camisola.

— Minha mãe morreu quando eu tinha três anos. Teve um problema cardíaco. Na época, meu pai havia sido condenado a vinte anos.

— Pelo que ele foi condenado?

— Fraude postal, fraude telefônica, falsidade ideológica, cartões de crédito. Ele realmente se esforçava para burlar a lei. Eli costumava dizer que se meu pai gastasse metade da energia que dedicava a pegar atalho em simplesmente *fazer* a curva, seria bilionário.

Assenti. Eu conhecia esse tipo de sujeito, investigara vários.

— Durante um tempo eu passava o dia lá, saía, depois voltava sorrateiramente à noite. Mas depois que fui pega, deviam ter me mandado para um lar adotivo. Só que Eli se juntou aos outros velhos do andar e eles criaram um grande caso. A diretora acabou surpreendendo todo mundo, porque não queria uma rebelião de idosos. Disse que se eu ficasse fora de vista quando os fiscais do estado aparecessem, poderia morar ali até terminar o ensino médio. Sempre havia um quarto disponível, porque sempre tinha alguém morrendo. Quando Eli morreu de câncer, fui embora sem me despedir de ninguém. Pensei que, se não fizesse naquela hora, então nunca faria. — Fez uma pausa, pigarreando. — Ela morreu no hospital em um domingo, e voltei ao quarto dela para pegar suas coisas. Havia uma lista de espera, então eu sabia que alguém iria se mudar para lá. Se a família não buscasse os objetos pessoais, eles simplesmente os jogavam fora, e em segundos parecia que nunca houvera ninguém no quarto. Apenas uma cama e cadeira velhas, uma janela esperando que a pessoa seguinte olhasse através dela. Eu estava juntando as coisas de Eli quando de repente o Velho Bill Imundo, que morava do outro lado do corredor, assoviou para mim por entre os dentes.

— *Velho Bill Imundo?* Você nunca falou dele.

— Todo mundo o chamava de Bill Imundo porque ele sempre tinha uma sujeira preta debaixo das unhas. Lutara na Segunda Guerra Mundial e se vangloriava de ter estado ao lado do bunker de Hitler quando o lugar explodiu. Então as pessoas costumavam cochichar que parte do entulho daquele bunker *ainda* estava sob as unhas dele, por isso eram tão imundas. — Ela parou, fungando. — Ele assoviou para que eu fosse ao seu quarto. Sempre estava assoviando para as pessoas. Eu tinha medo de entrar lá. Ninguém nunca entrava porque fedia. Ele tirou de debaixo da cama uma caixa de sapatos Rockport. Disse que estivera poupando dinheiro para os meus sonhos. Tinha seiscentos dólares nela. Ele me deu e disse: “*Agora é a sua chance de se tornar alguém na vida. Suma daqui, garota.*” Então eu sumi. Fui até a estação de Kissimmee e peguei um ônibus para Nova York. As pessoas não se tocam de como é fácil mudar de vida. Você só precisa pegar o ônibus.

Ela ficou em silêncio. Durante algum tempo, nenhum de nós falou, deixando a história navegar como uma balsa entre nós.

— Eu tive *sorte* — continuou ela. — A maioria das pessoas só tem um pai e uma mãe. Eu tive uma multidão.

— Você teve muita sorte.

Ela pareceu contente, recolhendo as mãos para dentro das mangas compridas.

— É fácil ser você mesma no escuro. Já notou isso? Acho que deveríamos dormir um pouco — disse ela, e a cama balançou enquanto ela descia e saía correndo do quarto. — Noite, Woodward.

— Noite, Bernstein.

VF DAILY

Cultura, Sociedade, Política

DESTAQUES

Yoko fala sobre
o rompimento
dos BeatlesTerrorista suicida
mira na OtanOccupy Londres
faz barulho

CULTURA EXCLUSIVO NA WEB

A filha do feiticeiro

29 DE OUTUBRO DE 2011

Curtir

16

Tweet

2

COMENTÁRIOS (0)

E-MAIL

MAIS POPULARES

1. O lado negro dos romancistas americanos
2. Ensaios fotográficos de Stanislas Cordova: Macabro e Insano
3. A filha do feiticeiro
4. Vigilantes da noite: A próxima geração de Lee Harvey Oswald? Oswald?
5. Questionário Proust: Cher

Fãs do recluso deus do cinema cult, Stanislas Cordova, sofreram um abalo há duas semanas quando correu a notícia de que sua filha de 24 anos, Ashley, fora encontrada morta em um armazém de Nova York, em um aparente suicídio. LIZ KRUGER, da *Vanity Fair*, rastreia a colega de quarto da caloura Ashley na Amherst College e descobre que a filha glamourosa e inquieta do diretor deixa em sua partida trágica tantas questões alarmantes quanto o notório pai.



Fotografia: cortesia de K&M Recording

— **M**oramos juntas durante quase todo o ano, mas não posso dizer que a conheço — conta Emma Banks, colega de quarto de Ashley em seu primeiro ano em Amherst College, de 2005 a 2006. — Ela era selvagem. Sou de Moline, Kansas, de 371 habitantes. Não havia garotas como Ashley na minha cidade. Quero dizer, ela tinha uma tatuagem japonesa maluca no pé e bebia uísque enquanto fazia os trabalhos de final de ano.

O fato de estar sentada no Pastis em uma manhã de quarta-feira, comendo croissants com uma mulher que de fato conheceu Ashley Brett Cordova parece um pouco surreal. Desde a notícia de seu suposto suicídio em um armazém decadente em Chinatown — o primeiro relato de algo referente a Cordova em anos, sem contar o escândalo de calúnia em torno do jornalista investigativo Scott McGrath há cerca de cinco anos —, estou tentando localizar amigos e vizinhos de Ashley, pessoas com as quais ela tenha trabalhado, para ouvir o que têm a dizer sobre ela, se podiam explicar tamanha tragédia, mas não tive sucesso.

CULTURA EXCLUSIVO NA WEB

A filha do feiticeiro

29 DE OUTUBRO DE 2011

Ashley não usava redes sociais — o que nos dias de hoje e nessa idade significa que você não existe. O Google revela apenas sua carreira musical quando criança e seu papel no último filme do pai, *Respirando com reis*, um lançamento não oficial que só pode ser encontrado na Craigslist por 1.950 dólares. Entrar em contato com a Spence School (onde soube que cursou meio semestre) e a Amherst College (onde se formou) para conseguir seu histórico escolar se mostrou impossível — seus registros foram lacrados.

Então minha busca inútil me leva apenas até Emma Banks, 25, vinda de Moline, Kansas, e que mora em Chelsea, Nova York. Economista formada pela Amherst, ela hoje trabalha como analista no JPMorgan Chase.

— Ashley lia coisas como *Interview* e Lord Byron — continua Banks, pensativa, partindo um croissant. — Algumas vezes ficava acordada a noite toda compondo. Eu acordava às quatro da manhã e via que estava desperta na cama, com uma lanterna, rabiscando com o lápis. O resto dos calouros andava em grandes grupos desajeitados, sabe, preocupados com notas, com quem seriam nossos amigos, como nos encaixarmos. Ela já sabia quem era. E *nada* a assustava.

Quando pergunto o que ela quer dizer com isso, Banks me conta de um incidente no meio do primeiro semestre quando ela e uma amiga foram a uma festa fora do campus. Ao chegarem lá, havia uma comição em um quarto dos fundos. Abrindo caminho em meio à multidão, Banks viu que todos estavam assistindo a uma partida de *strip poker* com bebidas, jogada por Ashley Cordova e oito homens, todos do último ano.



Quando Banks deixou o quarto no dormitório no final do período letivo de 2005-2006, encontrou esta foto — uma das três que haviam caído atrás da cômoda de Ashley.

{ ANTERIOR

1 2 3 4 5

PRÓXIMA }

CULTURA

EXCLUSIVO NA WEB

A filha do feiticeiro

29 DE OUTUBRO DE 2011

— Eu teria ficado tão intimidada — diz Banks. — Eles eram do time de lacrosse, formandos em Economia, *superarrogantes*. Todos eles achavam que seriam o próximo George Soros. Ashley acabou com eles. Quatro tiveram que pedir licença para vomitar no gramado. Em pouco tempo ficaram apenas ela e um garoto rico chamado Carson. Ele era um babaca completo. Sabe aqueles caras que usam palavras como *atenuar* nas conversas e contam sobre os verões passados em Vineyard? Bem, em uma hora ele não tinha nada além de cuecas, estava tão bêbado que ao se levantar cambaleando da cadeira caiu no chão inconsciente. Ashley estava totalmente sóbria. Ficou com todo o dinheiro deles e só tinha tirado o *sweéter*. Foi nesse momento que todos os caras do campus se apaixonaram por ela.



A segunda das três polaroides que Ashley deixou para trás.

— Não, ela era reservada. Mas em uma festa pouco antes do recesso de Natal me lembro de tê-la visto com um jogador de futebol americano do terceiro ano, Matt, pelo qual todas as garotas do campus eram obcecadas. Acho que deve ter ficado com ele, porque não voltou para o quarto por quatro dias. Quando retornou estava encolhida na cama, soluçando. Isso me assustou, porque nunca a vira daquele jeito, então perguntei o que havia de errado e ela disse: “Um coração destruído.” Muito Ashley. O coração dela não estava apenas partido, estava destruído, entende? Ela disse que estava

Banks descreve outro incidente, quando chegou tarde vindo da biblioteca e encontrou Ashley dando uma festa de “Verdade ou consequência?” no quarto delas.

— Ashley se recusava a escolher verdade, só consequência

— conta Banks. — As consequências iam ficando cada vez mais insanas, e ela não hesitava. Num determinado momento, alguém a desafiou a apagar um cigarro com os dedos. Ela fez isso com a *língua*. Quando a desafiaram a subir no telhado, ela o escalou imediatamente, caminhando pela beirada, sendo que estávamos no último andar de Appleton; fiquei enjoada e tive que sair dali. Quando voltei uma hora depois, a festa tinha acabado e ela estava lendo na cama. Como se nada tivesse acontecido.

Pergunto a Banks se Ashley alguma vez falou sobre a vida em casa, especialmente sobre o pai.

{ ANTERIORES

1 2 3 4 5

PRÓXIMA }

CULTURA EXCLUSIVO NA WEB

A filha do feiticeiro

29 DE OUTUBRO DE 2011

apaixonada por alguém e não havia esperança. Imaginei que Matt tinha dado um fora nela. Mas ele começou a ligar o tempo todo, tentando vê-la, então acho que não tinha nada a ver com ele. Foi outra coisa. Outra pessoa. Nunca descobri quem.

Banks era aluna de economia e passava a maioria das noites na biblioteca. Em pouco tempo arrumou um namorado e raramente ficava no quarto — embora quando ela *estava* lá, Ashley nunca estivesse.

— Acho que toda noite ela pegava o trem para Manhattan, fazendo as coisas dela, além dos deveres de casa. Apesar de toda sua agitação, tirava notas melhores que as minhas. Eu me lembro de ver a média do semestre impressa na escrivaninha dela, e era só A. Fazia tudo no máximo, *arrasava em tudo*, uma expressão que ela usava. Odiava coisas insípidas, fracas e cautelosas, que provavelmente era como ela me via.

Banks não sabia nada sobre a família de Ashley, a não ser que ligavam regularmente, assim como seus próprios pais. — Na maioria das vezes era a mãe dela. Tinha um forte sotaque francês. Muito glamouroso. Mas uma vez atendi quando Ashley não estava lá, e um homem com uma voz grave perguntou por ela. Quis saber quem estava falando, e ele respondeu: “O pai dela.” E foi só.

Esse quadro se manteve até a metade do semestre de primavera, quando Ashley desapareceu abruptamente de Amherst sem qualquer explicação.

— Houve uma série de telefonemas para ela — conta Banks. — Não reconheci a voz, mas era um homem. E de repente Ashley *tinha sumido*. Uma semana depois apareceu uma mulher hispânica para buscar as coisas dela. Eu não estava lá, mas as pessoas a viram. Voltei para o quarto e ele estava vazio. Encontrei três fotos meses depois, ao sair



A última das três polaroides que Ashley deixou para trás.

{ ANTERIORES

1 2 3 4 5

PRÓXIMA }

CULTURA EXCLUSIVO NA WEB

A filha do feiticeiro

29 DE OUTUBRO DE 2011

para as férias de verão. Tinham caído atrás da cômoda dela. Ashley tinha uma antiga câmera polaroide dos anos 1970 com a qual estava sempre tirando fotos. Havia três lá.

Pergunto a Banks para onde achava que Ashley tinha ido.

— As pessoas cochichavam que ela tinha ficado grávida — conta. — Feito algo ilegal, ou pegado pesado com as drogas e teve que ir para a reabilitação. Ninguém sabia. Mas no primeiro semestre do meu segundo ano ela estava de volta. Conseguiu permissão para morar fora do campus. Perdi contato com ela, mas me lembro de uma vez tê-la visto lendo sozinha na biblioteca no final do último ano. Quis ir até lá e dizer oi, mas não fui. Acho que ainda me sentia intimidada.

Banks diz que ficou triste ao saber da morte de Ashley. (Quando da publicação desta matéria, a polícia de Nova York ainda não havia liberado o laudo do legista, embora exames iniciais apontassem para suicídio.) Banks admite que sua impressionante colega de quarto de espírito livre a assombrava. Agora sente apenas arrependimento, desejando ter reservado um tempo para conhecê-la, descobrir o que havia por trás da postura ousada de Ashley e de sua sede de viver.

— Se aprendi alguma coisa sobre ela foi que vivia com uma intensidade para a qual a maioria de nós não tem coragem — diz Banks. — Mas havia algo nela que tornava impossível uma existência comum. De certa forma não fico surpresa que tenha morrido. Emprego, marido, filhos, casa de praia? Isso não era ela. Não sei explicar por quê, a não ser que era mais uma força que passou pela vida, desafiando a lógica, amedrontando você, até mesmo lhe ferindo por ser tudo o que você queria ser, mas sabia que nunca teria coragem; e então ela sumiu. Essa foi minha experiência com Ashley Cordova.

Banks fica em silêncio, seu croissant não comido virou migalhas no prato.

— “Isso foi há muitos e muitos anos já / Em um reino de ao pé do mar / Como sabeis todos, vivia lá / Com o nome de Ashley C.”

Ela sorri, constrangida.

— No primeiro semestre, depois que ela tinha sumido tão repentinamente, alguém do nosso andar, nunca descobri quem, escreveu isso no quadro pendurado do lado de fora da nossa porta; deixei lá porque era excelente. Ninguém nunca reescreveria um poema de Edgar Allan Poe para mim, sabe?

Banks confere o relógio. Veste o paletó cinza e pendura no ombro a bolsa da JPMorgan Chase.

— É tudo o que sei — diz ela, virando o resto do cappuccino e pousando a xícara no pires suavemente. Ela suspira. — Acho que agora tenho que voltar para a minha vida.

FECHEI A MATÉRIA da *Vanity Fair* no meu BlackBerry. Passava das dez da manhã, e estávamos em um táxi descendo rapidamente a Avenida A.

Na verdade, a matéria — publicada no site de manhã cedo — me tranquilizou. A repórter não avançara muito na investigação, *graças a Deus*, e uma busca no Google por notícias sobre Ashley Cordova revelou que nenhum outro repórter descobrira a pista fundamental, que Ashley fora internada em Briarwood — o que significava que ainda estávamos na frente. *Pelo menos por enquanto.*

Fiz uma rápida anotação de um detalhe estranho: a saída inesperada de Ashley de Amherst no primeiro ano.

— É aqui — disse Nora de repente, e o motorista parou.

Tínhamos descido a rua Nove Leste, e Nora indicava uma fachada de loja estreita enfiada a um metro e meio da calçada, um portão da frente preto e um toldo metálico vermelho maltratado, uma única palavra pintada nele em letras roxas:

ENCANTAMENTOS

Em seu site, Encantamentos se autodenominava a *Mais antiga e maior loja de artigos religiosos para feitiçaria de Nova York*.

Sáímos do táxi, nos encaminhando para os degraus da frente cobertos de folhas mortas e guimbas de cigarro, e entramos.

Imediatamente, um garoto alto de rosto sardento e cabelo laranja saiu de detrás da caixa registradora gritando:

— Zero, volte aqui!

Zero era um gato persa que corra na direção da porta aberta, embora eu a tivesse fechado antes que ele conseguisse fugir.

— Obrigado, cara — disse o garoto.

Havia um cheiro sufocante de incenso, teto baixo, paredes de tijolos estreitas inclinadas para dentro como um corredor em uma gravura de M.C. Escher. Eram tomadas de prateleiras de madeira abarrotadas de bugigangas místicas. Na Encantamentos, parecia que todos os objetos sagrados tinham igual importância. A loja era arrumada como se Cristo, Buda, Maomé, Vishnu e algumas divindades pagãs aleatórias tivessem se reunido para fazer uma venda de garagem.

Miniaturas de caldeirões de bruxa (pequenas, médias e grandes) eram corajosamente empilhadas ao lado de São Francisco, Maria e alguns santos católicos. Junto deles estava exposta uma brochura muito folheada, *Magia da Cabala judaica*, ao lado de uma Bíblia, que ficava próxima à cartas de tarô, sachês de plantas secas chamados Sacos Ouanga de Sorte & Felicidade, uma cesta de crucifixos esculpidos em cera, sapos de cerâmica e frascos plásticos de água benta (à venda por 5,95 dólares).

Aparentemente, muitos nova-iorquinos desistiam de analistas e da ioga e pensavam *Que se dane, vamos tentar a magia*, porque a loja estava lotada. Nos fundos, um grupo de mulheres de trinta e tantos anos se agitava ao redor de uma estante alta com centenas de velas coloridas, escolhendo-as com uma intensidade frenética. Um homem cansado de meia-idade vestindo camisa social azul — que preocupantemente se parecia com o meu corretor de ações — lia com cuidado as instruções no verso de um tabuleiro *ouija*.

Passei por Nora e um garoto sério de cabelo castanho grosso folheando um panfleto — olhei por sobre o ombro o título: *Guia para significados planetários e mágica* — e fui até a vitrine. Dentro havia colares de prata, pingentes e amuletos gravados com hieróglifos e outros símbolos que não reconheci. Pendia do teto acima da caixa registradora uma estrela de cinco pontas envolta por um círculo, um pentagrama — símbolo dos satanistas, se me lembrava corretamente dos meus tempos de faculdade. Além disso, na parede dos fundos, havia closes de vinte por vinte e cinco centímetros em preto e branco, emoldurados, de homens e mulheres com as expressões

severas e os olhos mortais de assassinos em série — sem dúvida, feiticeiras e bruxos lendários.

Um pequeno cartaz desbotado escrito à mão fora preso ao lado deles.

Não vendemos material de
magia negra, portanto nem peça.

O garoto de cabelo laranja que perseguira Zero até os fundos da loja se arrastou na nossa direção.

— Precisam de ajuda?

— Sim — disse Nora, colocando de volta no estande um livro que estivera folheando, *Sinais, símbolos e augúrios*. — Gostaríamos que alguém pudesse nos ajudar a identificar algumas ervas e raízes que encontramos em padrões estranhos no quarto de nossa amiga.

Ele assentiu, nada surpreso, e apontou o polegar para os fundos.

— Pergunte aos feiticeiros disponíveis. Eles sabem tudo.

Eu não tinha percebido quando entramos, mas nos fundos da loja havia um balcão de madeira, um jovem hispânico sentado atrás dele.

Nora e eu fomos até lá, nos esgueirando por entre as mulheres mexendo nas velas coloridas. A de cabelo ruivo crespo segurava uma roxa, uma amarela, uma laranja e uma verde.

— Também devo levar Santo Elias e São Miguel? — perguntou à amiga.

— Não estrague tudo — sussurrou Nora. — Sei que você não acredita nisso, mas não tem o direito de ser grosseiro.

— Eu? Do que está falando?

Ela me lançou um olhar de alerta antes de parar atrás de uma jovem que discutia algo em voz baixa com o garoto hispânico. Estava encarapitado em um banco alto, diligentemente esculpindo uma vela verde com uma grande faca de caça.

Ele não *parecia* um *bruxo* — mas essa provavelmente era a mesma observação obtusa de um vizinho dizendo ao *Evening News* que o velho Jimmy que morava no porão da mãe e raramente era visto à luz do dia *não*

parecia um maníaco homicida. O bruxo tinha um cabelo preto emaranhado e vestia uma camisa verde-oliva do tipo popularizada por Fidel Castro e Che Guevara, dando a ele uma espécie de autoridade tropical socialista.

O balcão de madeira diante dele estava entulhado com velas coloridas, sachês de ervas, garrafas de óleos e líquidos escuros, estiletes, corda, canivetes. Em uma prancheta pendurada por uma corda na lateral do balcão havia um punhado de folhas gastas. Eu a peguei — *CARDÁPIO PERSONALIZADO DA ENCANTAMENTOS*, dizia — e folheei.

“Vitória no tribunal. Essa vela lhe permite vencer em todas as questões legais, sejam grandes ou pequenas.”

“Sabedoria roxa. Usada para superar obstáculos, conhecidos ou desconhecidos — e para decisões proféticas. Serve para obter sabedoria em ciências antigas como astrologia, magia hermética, cabalismo e outros sistemas mágicos.”

“Venha para mim. Essa vela funciona em pessoas cheias de desejo sexual e as une. É uma vela sexual muito poderosa e deve ser usada com cautela.”

Eu deveria ter ido ali anos antes.

A mulher à nossa frente deu um passo para o lado, e nós avançamos para o balcão.

— Como posso ajudá-los? — perguntou o garoto sem erguer os olhos.

Nora, em voz baixa, explicou com tato por que estávamos lá, tirando dois sacos Ziploc da bolsa, um contendo a amostra de terra, o outro com o punhado de raízes amarradas com barbante branco.

— Encontramos isto debaixo da cama de nossa amiga em uma série de círculos estranhos — disse ela, erguendo a amostra de terra. — Precisamos de ajuda para identificar o que é e por que foi colocado lá.

O garoto pousou a faca, limpando cuidadosamente as mãos em um trapo antes de pegar os sacos. Sem abri-los, esfregou a terra entre os dedos, inspecionando-a sob a pequena luminária de mesa à sua frente. Depois abriu o saco, farejando e piscando por causa do fedor. Voltou a lacrá-lo, largou-o e desceu do banco. Pegou uma pequena escada de mão enfiada em um canto e a colocou diante das prateleiras à nossa direita. Subiam até o teto e estavam

abarrota­das com fileiras e mais fileiras de enormes potes de vidro cheios de ervas, cada um com um rótulo desbotado.

Dei um passo para a frente para ler alguns.

ARARUTA. BÁLSAMO DE GILEADE. BODELHA. DENTE-DE-CÃO. SANGUE-DE-DRAGÃO. CINCO-EM-RAMA. BATATA-DE-PURGA. RAINHA-DOS-PRADOS. LÁGRIMA-DE-NOSSA-SENHORA.

O garoto subiu a escada, ficando na ponta dos pés para pegar um pote na prateleira do alto.

RAIZ DE VALERIANA, dizia o rótulo.

Voltou com ele ao balcão, abriu a tampa e usou uma colher para colocar na palma da mão um pouco daquela substância parecida com terra.

Comparou-a com o conteúdo do saco Ziploc.

— Mesma textura, mesmo cheiro — sussurrou para si mesmo.

— O que é? — perguntou Nora.

— Valeriana.

— O que é isso? — perguntei.

— Uma erva. Sua reputação mágica é bem sombria.

— Sua *reputação mágica*?

Ele assentiu, em nada perturbado por meu ceticismo.

— Com certeza. Valeriana é muito usada em magia negra. Lançar azar. Forçar amor. Desfazer maldições. É *meio que* se deparar com uma roupa sadomasoquista no armário do seu melhor amigo. Não há explicação para uma merda dessas, entende o que quero dizer?

Eu não estava certo de que *sim*, mas mesmo assim assenti.

— Você disse que isso foi colocado em um padrão específico? — perguntou.

— Foi — respondi, e mostrei a ele as fotos no meu BlackBerry.

— Também encontramos essas raízes amarradas umas às outras — acrescentou Nora, indicando o outro saco no balcão. — Estavam escondidos no batente da porta.

O garoto, franzindo o cenho, esticou a mão para uma caixa à sua esquerda, colocou um par de luvas de látex e tirou o maço de raízes.

— Onde encontraram tudo isso? — perguntou, inseguro.

— No quarto que uma amiga estava alugando — respondi.

Ele olhou para as raízes sob a luz, semicerrando os olhos, girando-as nos dedos.

— Parece merda de alto nível mesmo, então vocês deveriam falar com Cleopatra. Vou ver se ela está disponível.

Ele puxou de lado uma pesada cortina de veludo preto na parede dos fundos, e enquanto desaparecia pude vislumbrar outro aposento com luz vermelha fraca e algumas velas.

— Cuidado com a *carteira* — disse a Nora. — Fomos marcados como patos. Estamos prestes a ter acesso à sala das grandes apostas. Vão nos oferecer vislumbres do nosso futuro, contato com os mortos e outras parafernálias de limpeza de alma que irão nos salvar de vibrações ruins e nos deixar com duas mil pratas a menos.

— Shh — censurou ela, quando o garoto hispânico colocou a cabeça para fora.

— Ela vai receber vocês — disse ele, segurando a cortina aberta para nós.

Nora agarrou os sacos plásticos, avançando ansiosa atrás dele como se fosse ter um encontro com o papa nos aposentos internos do Vaticano.

Eu a segui com uma silenciosa ave-maria.

ERA UMA PEQUENA sala nos fundos iluminada por uma luz vermelha deprimente, paredes de tijolos que se desfaziam estavam cobertas de tecido preto, uma mesa redonda de madeira com algumas cadeiras dobráveis, uma luminária de vidro vermelho suspensa acima dela.

Uma mulher — *Cleopatra*, pelo que eu podia supor — estava de pé nos fundos ao lado de um balcão bagunçado, falando em um telefone sem fio, de costas para nós. Era alta e roliça, vestindo uma bata preta, calça jeans, velhas botas Doc Martens vermelhas. O cabelo preto retinto até a altura dos ombros, com partes roxas, pousavam como uma cúpula de abajur.

— Sentem-se — disse o garoto hispânico, puxando cadeiras para nós ao redor da mesa. — Sou Dexter, aliás.

— É, vamos tentar isso nele — disse Cleopatra ao telefone, a voz objetiva e clínica. — Bagas de zimbo. Veja como ele reage. Se ele não ligar para marcar o terceiro encontro tentaremos algo mais potente.

Ela desligou e se virou.

Era asiática — *coreana*, imaginei —, com um rosto severo e roliço, quarenta e tantos anos. Usava um comprido adorno de penas azuis no cabelo e inúmeros braceletes de prata, pulseiras, brincos com caveiras balançando, colares — um dente de tigre de uns dez centímetros — que chacoalhavam e tilintavam enquanto vinha em nossa direção.

— Sou Cleo — anunciou objetivamente. — Ouvi dizer que encontraram evidências de magia negra.

— Não sabemos o que é isso — disse Nora.

Cleo, claramente tendo ouvido isso muitas vezes, arrastou até a mesa uma cadeira estofada que estava junto à parede, espuma saindo do assento. Sentou-se, dobrando uma das pernas sob o corpo, deixando a outra com o

joelho erguido, o braço passando ao redor, de modo que quando finalmente ficou imóvel acabou numa pose torcida — algo entre uma posição de ioga de altíssimo nível e um inseto morto retorcido encontrado no parapeito da janela.

— Poderia me dar todas as informações? — pediu a Dex com um toque de impaciência.

Ele pegou os sacos Ziploc e meu BlackBerry e a conduziu pelas evidências como um residente mostrando a um especialista uma ressonância magnética perturbadora.

— Mas está vendo isto? — murmurou ele, apontando para algo. — E *aqui*? Eu... Eu não entendo a simetria. Primeiramente pensei em pó de bigorna ou talvez fezes de coelho. Mas e *isso*? Nunca vi... — A voz dele foi morrendo em um silêncio hesitante. Ela agarrou o telefone, semicerrando os olhos enquanto aproximava uma das imagens.

— Entendi — disse ela, lançando um olhar para Dex. — Pode ir agora.

Ele assentiu e, com uma última olhada para nós — o que pareceu ser uma preocupação genuína —, passou rapidamente pela cortina de volta à loja.

Cleo examinou as imagens por mais um minuto, nos ignorando.

Pegou as ervas, cheirando-as — sem ser afetada pelo fedor —, e depois estudou as raízes, o fio de penas em seu cabelo rolando pela bochecha enquanto ela se inclinava sobre a mesa.

— Digam-me onde encontraram tudo isto — pediu em voz baixa.

— No quarto que uma amiga nossa estava alugando — disse Nora. — Os círculos e o carvão estavam debaixo da cama dela.

— Quem é essa amiga?

— Gostaríamos que permanecesse anônima — falei.

— Homem ou mulher?

— Mulher — respondeu Nora.

— E onde está agora?

— Também é algo que não queremos discutir — falei.

— Como está?

— Bem — respondi. — Por quê?

Cleo estivera examinando cuidadosamente o buquê de raízes, mas então ergueu o olhar para mim. Tinha olhos pretos, tão fundos em seu rosto roliço que eu não conseguia ver o branco, só as íris negras cintilando com luz a despeito da escuridão da sala.

— Sua amiga tem uma maldição muito grave.

Ela não se estendeu, apenas pousou os ramos e se recostou na cadeira, esperando pacientemente que disséssemos algo.

Eu a encarei em silêncio. Nora fez o mesmo.

Normalmente eu teria ignorado tal declaração, considerando-a pura superstição. Mas havia algo em Cleopatra — sua absoluta certeza — que não era tão fácil de descartar. Para começar, a mulher parecia a irmã punk de Confúcio. Também falava com o tom anódino de um neurocirurgião experiente.

— Que tipo de maldição? — perguntei.

— Não tenho certeza — respondeu Cleo. — Não foi um simples feitiço.

Ela agarrou meu BlackBerry, mostrando uma das imagens.

— Ela fez um ritual para desfazer magia de alto nível. Raiz de valeriana em um círculo misturada com enxofre, sal, casca de insetos, ossos humanos secos e provavelmente outras coisas que fariam seus estômagos revirarem. Tudo isso cercado assa-fétida queimada em uma perfeita pirâmide de carvão. Provavelmente tinha um cheiro muito repulsivo.

— *Tinha* — respondeu Nora depressa.

— Isso é Bosta do Diabo. Assa-fétida. Afasta o mal e causa dor aos inimigos. Outra forma de desfazer um feitiço é misturá-lo com raiz de valeriana, penas de galinha preta, pó de artes negras e um cacho de cabelo da pessoa que o amaldiçoou. Você urina nele, coloca a mistura em um pote de vidro e o enterra em um lugar pelo qual sabe que ele irá andar repetidamente, como a varanda ou a garagem. Depois disso o deixarão em paz praticamente pelo resto da vida.

— Funciona com ex-esposas? — perguntei. — Se ela mora em um prédio na Quinta Avenida eu posso simplesmente deixar com o porteiro?

Nora me lançou um olhar de censura, mas Cleopatra apenas pigarreou.

— Se você não tem acesso ao lugar onde ele estará — continuou ela pacientemente —, você faz o que sua amiga fez. Cria um círculo de valeriana.

— Funcionou? — perguntou Nora. — Isso afastou a maldição dela?

— Não tenho ideia. Feitiços são como antibióticos simples. Você precisa tentar alguns diferentes para descobrir qual é eficaz. Superfeitiços podem ser tão resistentes quanto uma linhagem de bactérias, que se metamorfoseia constantemente para permanecer ligada ao hospedeiro e vivendo dele. Andaram conversando com sua amiga? Como ela está se sentindo?

Nora me olhou, desconfortável.

— E quanto às raízes que achamos acima da porta? — perguntei.

Cleo reclinou-se na cadeira enquanto considerava o conjunto na mesa.

— É cadarço-do-diabo. Uma raiz natural da família da madressilva. Cresce em campos selvagens e florestas. É usado para proteção. No sul dos Estados Unidos as pessoas fazem tornozeleiras com isso. Ou as mergulham em uísque e as enterram no chão. Também é possível fazer o que a sua amiga fez. Pegue nove pedaços, um pouco de barbante branco, dê um único nó em cada pedaço, nove raízes, nove nós, e depois coloque em algum lugar junto à porta da frente ou debaixo da varanda. Algumas pessoas enterram no jardim da frente.

— O que isso faz? — perguntei.

Ela me encarou por um momento antes de responder, o rosto indecifrável.

— Derruba o diabo.

— *Derruba?*

— Detém o diabo. Faz com que pare.

— Entendo — falei, pegando as raízes. — Não sei por que os Estados Unidos gastam seis bilhões de dólares com a defesa nacional. Deveríamos apenas garantir que cada família americana tivesse um desses.

Cleo claramente estava acostumada a — e não se incomodava com — cétricos e descrentes. Não reagiu, apenas entrelaçou os dedos cheios de anéis — crânios, cruzes egípcias, a cabeça de um gato — sobre o joelho erguido.

— Sua amiga toma banhos antes do nascer do sol? — perguntou ela.

— Toma — disse Nora. — Com água muito gelada.

Eu estava prestes a perguntar a Nora sobre o que ela estava falando quando me lembrei do estranho incidente que Iona descrevera — a manhã em que se deparara com Ashley tomando banho de banheira.

— Então fez rituais de limpeza — disse Cleo, assentindo.

— Para que servem? — perguntei.

— Eles purificam contra o mal. Por *algum tempo*. Não são permanentes. Servem como um band-aid temporário. Ela lavava o chão?

Nora me olhou.

— Não sabemos.

— Era fria ao toque?

— Não fazemos ideia — respondi.

— Notaram se ela tinha dificuldade de se comunicar? Quase como se tivesse a boca cheia de manteiga de amendoim ou areia?

— Não saberíamos dizer.

— E quanto a um peso alarmante?

— Que quer dizer...?

Cleo deu de ombros.

— Ouvi falar de algumas pessoas que sob uma maldição particularmente severa por um longo período, quando sobem em uma balança comum podem pesar até cento e quarenta, algumas vezes até cento e oitenta quilos, embora visualmente estejam muito magras.

— Também não poderíamos dizer — respondi, embora tenha tido uma repentina visão perturbadora da primeira e única vez em que vi Ashley pessoalmente, quando vagava pelo Reservoir; aquela estranha postura de transe, o som pesado de seus passos ressoando em meio à chuva.

Cleo, de repente tendo uma nova ideia, agarrou meu BlackBerry outra vez, franzindo o cenho enquanto passava as fotos.

— Uma coisa que não vejo aqui é uma reversão. Quando você lida com magia negra, tem que desfazer, mas também *reverter*, para que a maldição volte como um bumerangue para o perpetrador. — Ela ergueu o olhar para a gente. — Feitiços não são nada além de energia. Pense neles como partículas carregadas que você atraiu para um ponto concentrado. Você tem que colocá-

las em algum lugar. Energia não é criada nem destruída, mas transferida. Não vejo evidência da transferência, e isso é perturbador.

Ela inclinou a cabeça, pensando, torcendo nos dedos o pingente de dente.

— Notou alguma vela de reversão no quarto?

— O que são velas de reversão? — perguntou Nora.

— Cera branca na base, preta no alto.

Nora fez que não com a cabeça.

— E quanto a uma caixa de papelão cheia de objetos?

— Não.

— Nada de caixa de espelhos — sussurrou Cleo para si mesma.

— O que é uma caixa de espelhos? — perguntei.

Ela me olhou.

— Para reversões diretas. Você pega uma vela preta, grava o nome do inimigo nela, a enterra em um cemitério com pedaços de um espelho quebrado. Qualquer negatividade ou mal dirigido a você refletirá diretamente nele. — Ela pigarreou e ergueu uma sobrancelha. — Vamos retornar ao quarto. Havia marcas de pó ou giz no piso?

— Estava escuro lá dentro — disse Nora. — Mas não. Teríamos percebido.

— Mas o piso estava grudento — acrescentei.

Cleo me encarou.

— *Grudento?*

— Como se um refrigerante tivesse sido derramado. Além de duas embalagens plásticas.

Cleo se soltou da posição retorcida em que estava sentada, se inclinando sobre a mesa, projetando o queixo.

— Vocês *pegaram* uma dessas embalagens?

Ela cobrou com tal intensidade que senti o sopro do seu hálito, quente, pungente e com cheiro de alho, como se tivesse tomado algum estranho chá de ervas. Tinha dentes pequenos manchados de fumo bem grudados uns nos outros, alguns do fundo eram cobertos de ouro.

— Não — respondi.

— *Então como sabe que eram embalagens plásticas?*

— Foi o que pareceu.

Ela respirou fundo, agitada.

— Vocês *entraram* no quarto? — perguntou ela, recostando-se na cadeira.

— Claro. Como acha que encontramos aquela coisa debaixo da cama?

— Há quanto tempo foi isso?

— Noite passada.

Ela olhou embaixo da mesa.

— Esses são os sapatos que estavam usando?

— São.

Ela se levantou e foi até o balcão dos fundos, voltando com um par de luvas de látex e uma pilha de jornais desbotados. Colocou as luvas e abriu o jornal sobre a superfície da mesa.

— Tire um sapato e me dê, por favor.

Olhando para Nora — que parecia perturbada —, tirei uma de minhas botas de couro pretas e a entreguei a Cleo.

Com cuidado, como se estivesse lidando com um animal raivoso, colocou a bota de lado em cima do jornal, a sola voltada para ela. Mexeu no bolso da calça jeans e tirou um canivete de dez centímetros, o punho intrincadamente esculpido em um osso de animal. Puxou a lâmina com os dentes e, segurando a bota com a outra mão, raspou de leve a sola. Fez isso durante minutos, nos ignorando, e, quando parou, examinando a lâmina a centímetros do nariz, havia uma grossa pasta preta-amarronzada na beirada. Parecia melaço seco.

— Esta é a reversão — sussurrou ela. — É um feitiço de rastreamento sofisticado. Nunca tinha visto nada assim.

— O que é um feitiço de rastreamento? — perguntou Nora.

— Algo por onde seu inimigo vai andar. Uma armadilha.

— Mas *nós* andamos nisso — falei.

Os olhos de Cleo passaram da faca para mim.

— Ela tem alguma razão para acreditar que vocês são inimigos? — indagou.

— Não — respondi, embora no mesmo instante tenha sentido um arrepio desconfortável.

Tive a lembrança repentina de Ashley me espreitando no Reservoir, seu rosto sério me encarando quando apareceu abruptamente próximo à guarita. Será que me considerava uma ameaça? *Mas o que eu havia feito a ela, a seu pai, a não ser buscar a verdade?* Talvez só isso já fizesse de mim um adversário. Mas como a família podia ser tão hipócrita quando praticamente todo herói nos filmes de Cordova estava buscando desesperadamente a mesma coisa? Isso não importava? A arte de algum modo não refletia os valores de vida do criador? *Não necessariamente.* As pessoas tinham um raciocínio ilógico egoísta no que dizia respeito a interpretar o comportamento dos outros.

— Qualquer que fosse o raciocínio dela — sussurrou Cleo, como se estivesse lendo a minha mente, seu olhar retornando à cola escura que cobria a lâmina —, uma coisa é certa.

— O quê? — perguntei, minha boca de repente seca.

— Você foi *enfeitiçado*.

— VOCÊ SE incomodaria de *detalhar* isso?

Cleo pousou a faca cuidadosamente e se levantou, indo à estante nos fundos da sala.

— Olhe — sussurrou Nora, inspecionando as solas rachadas das próprias botas.

Tinham as mesmas manchas escuras, como círculos de chiclete preto. Arrancou uma, estudando a sola sob a luz que vinha de cima. Eu conseguia ver areia e fios, talvez até unhas misturadas à pasta, cacos cintilantes do que parecia ser vidro.

Cleo retornou com uma enorme pilha de enciclopédias. *Feitiçaria, Conjuração, Bruxaria, Curas*, de Harry Middleton Hyatt, diziam as lombadas. Pareciam antigas, com capas laranja presas umas às outras por uma fita adesiva preta desgastada. Ela se sentou, pegando o primeiro volume e folheando até o sumário, correndo o dedo indicador pelos verbetes. Quando chegou ao fim — aparentemente não tendo encontrado o que procurava —, fechou o livro com força, passando para o segundo volume.

Agarrei o livro que ela acabara de fechar. Fedia a mofo, as páginas amareladas. Fora publicado em 1970, e uma mancha de líquido vermelho — molho de tomate ou *sangue* — secara na costura da folha de rosto. *Feitiçaria, Conjuração, Bruxaria, Curas. Crenças aceitas por muitos negros e brancos, um registro oral recolhido entre pretos e brancos.*

Descrição geral de Crenças p.1. Crença em espíritos, fantasmas, no Diabo e similares p. 19. Momento de feitiços e recorrência dos efeitos de feitiços ao longo do tempo p. 349.

O livro parecia ser uma enciclopédia de feitiços, alguns dos verbetes eram curtos, outros longos. Eram entrevistas com sulistas conservadores de

sotaques fortes, os relatos transcritos foneticamente. Por exemplo, na página 523, sob o cabeçalho *Feitiços reunidos de forma parcialmente alfabética segundo seu ingrediente principal* (ex. *castanha-da-índia, agulhas, osso de gato preto*) havia o seguinte verbete:

669. Dá um jeito de achá uma cobra — pode pegá uma cascavel e secá a pele, esmagá, então vai trabalhá e usá como pó *goofer*. Mata qualquer um.

[Waycross, Geórgia]

— Encontrei algo similar — murmurou Cleo, inspecionando a sola da minha bota antes de voltar a atenção para a página à sua frente.

Estiquei o pescoço para ler o que ela estava vendo.

Quarto volume, *Mais feitiços usando partes do corpo humano e dejetos*.

— O feitiço do Osso Negro — sussurrou ela, enfiando um cacho de cabelo roxo atrás da orelha. — “Corda de cânhamo desfiada, goma arábica e pó *goofer*.” Sua amiga usou uma ligeira variação. Vejo um pouco de terra marrom-escura aqui, e também alga marinha. Ela deve ter pegado isso em algum lugar exótico. Você coloca no chão em um *quincunce*, que é uma encruzilhada improvisada. Seu inimigo anda por ela sem saber. Imediatamente gruda nos sapatos dele, e em poucas horas está consumindo sua vida.

— *Consumindo?* — perguntei. — O que significa isso?

Ela deu de ombros.

— Ouvi falar em coma. Ataques cardíacos. Perder tudo que você ama de repente, como emprego ou família. Paralisia repentina do pescoço para baixo.

— Ela ergueu uma sobrancelha. — Notou alguma sensação estranha nas pernas?

— Acordei com o pé dormente esta manhã — disse Nora, preocupada.

Cleo assentiu, como se já esperasse más notícias. Então inclinou a cabeça, agarrando o dente de tigre pendurado no pescoço, rolando-o entre os dedos.

— O que está me perturbando é algo que disse antes. As embalagens plásticas espalhadas pelo chão. Não acho que eram embalagens plásticas.

— E o que seriam?

— Provavelmente peles de cobra. Se estivessem cheias de terra de túmulo, significaria que ela combinou tudo isso com uma maldição de morte.

— E isso é...

— O que parece ser. Vai matar você.

— O ministério da saúde diz o mesmo sobre cigarros.

Ela apenas me encarou.

— No caso dos cigarros, a morte demora décadas. Neste caso, você pode estar morto em semanas.

Nora pareceu abalada.

— Alguém já lhe disse que, como *bruxa*, seus modos são meio grosseiros? — perguntei.

— Não faz sentido suavizar magia negra.

Tentei sorrir para Nora de modo a tranquilizá-la, mas ela me ignorou, encarando a sola amaldiçoada de seu sapato como se fosse tumores malignos.

— Terra de túmulo — falei. — Isso significa que nossa amiga pegou terra em uma sepultura?

— É. E isso não é fácil. Tem que ser feito em um dado momento da noite. Sob uma determinada lua. Você precisa saber de quem é o túmulo de onde está tirando a terra. Como a pessoa morreu. Algumas bruxas acreditam que a melhor terra para usar vem de um assassino, de um bebê com menos de seis meses ou de alguém que amou você loucamente. Também precisa saber a posição do corpo para escolher o ponto onde cavar, se é acima da cabeça, do coração ou dos pés. E também precisa deixar alguma coisa para trás, como presente de agradecimento. Dinheiro ou uísque costumam funcionar. Você mistura a terra com a pele de cobra e o pó *goofer*.

— O que é pó *goofer*? — perguntou Nora.

— A bomba atômica dos materiais de feitiçaria. Quando você usa esse pó contra alguém, está envenenando espiritualmente essa pessoa. Vem do Congo, da palavra *kufwa*, que significa morrer. O pó normalmente é amarelado, mas se você mistura com a terra de um túmulo, fica escuro e não pode ser identificado. É realmente poderoso porque consome sua mente sem que você se dê conta, envenena seu raciocínio e seu amor. Afasta os amigos

mais íntimos, o isola, o lança contra o mundo, deixando-o nas margens, na periferia da vida. Ele faz você ficar louco, o que de alguma maneira é pior do que a morte.

— Então nossa amiga tinha algo como um doutorado em feitiçaria — falei.

— Ela tinha uma especialização em magia negra. Com toda certeza.

— E o que é magia negra? Vodou? Feitiçaria?

— Pode significar muitas coisas. É um termo genérico para toda magia usada com propósitos maléficos. Não sou especialista. Minha formação é em deusa da Terra, feitiços de fertilidade, limpeza espiritual, esse tipo de coisa. Grande parte das coisas negras fica oculta. É passada de geração em geração. Encontros secretos no meio da noite. Velhos diários encadernados em couro com feitiços escritos de trás para a frente. Sótãos abarrotados com ingredientes realmente obscuros, como fetos de cervo, fezes de lagarto, sangue de bebê. Isso não é para gente com estômago fraco. Mas *funciona*. A amiga de vocês vem de uma família de ocultistas?

— É possível — falei.

— Bem, ela *achava* que era amaldiçoada. E se esforçou bastante para deter isso, reverter ao responsável. Ela queria matá-lo. Isso é o que me parece. Então talvez não estivesse esperando que vocês andassem por cima disso. Era para outra pessoa, talvez aquele que lançara a maldição nela. Sugiro encontrar sua amiga e perguntar a ela.

Nora me lançou um olhar desconfiado.

— É isso que eu *posso* lhes dizer — prosseguiu Cleo, pigarreando. — Raspem o feitiço com uma faca ou navalha. Tomem cuidado para que não encoste na pele de vocês. Enrole em um jornal e jogue os materiais fora em uma encruzilhada ou em um rio de água fresca.

— Imagino que isso elimine o Hudson.

— Também lhes darei velas de inversão. — Ela foi novamente ao fundo, se agachando ao lado de um armário e procurando algo nas prateleiras. — Mais uma vez, eu não tenho experiência nisso. Vocês deveriam consultar um feiticeiro especializado em magia negra.

— Onde encontramos um desses? Disney World?

— Procure no Google. Alguns nomes aparecerão. Mas todos os legítimos mesmo estão no *bayou* de Louisiana. — Cleo voltou à mesa e deu a Nora duas velas, pretas no pavio, brancas na base.

— Quanto isso irá nos custar? Duzentas pratas?

— Nada. É antiético cobrar de pessoas que chegam sofrendo com magia negra. É o mesmo que cobrar de alguém que entra no pronto-socorro com um ferimento à bala. Você faz o que puder para salvar a vida dela. Dinheiro é irrelevante.

Pensativa e rolando o dente de tigre entre os dedos, Cleo nos observou calçar os sapatos. Nora, pegando as velas, explicou que, na verdade, *três* de nós tinham entrado no quarto, então Cleo pegou uma terceira vela de reversão e nos escoltou de volta à loja.

Estava ainda mais lotada. Um casal de idosos estilosos examinava velas em forma de caveira. Quatro meninas adolescentes escolhiam incenso. Um rapaz com a expressão desesperadamente chique de analista de Wall Street desempregado lia um folheto: Programa do Curso de Outono da Encantamentos.

Magia era apenas diversão e brincadeiras até você ter uma bomba atômica de ingredientes de feitiçaria nas solas dos seus sapatos.

Dexter devia ter contado tudo ao garoto de cabelo laranja na registradora, porque ambos nos olharam fascinados quando passamos por eles.

Cleo abriu a porta para nós, espantando o gato persa.

— Boa sorte — disse ela.

— Obrigada — respondeu Nora sombria, saindo. Eu parei.

— E se eu não *acreditar* em nada daquilo? Fui criado como católico.

Cleo me encarou com olhos vazios, embora por um momento eu pudesse jurar ter visto um brilho divertido em seus olhos negros.

— Então acho que você não tem nada com que se preocupar.

Ela bateu a porta com uma expressão preocupada e passou rapidamente pela multidão que circulava, sem dúvida correndo para sua toca de luz vermelha nos fundos da loja.

— ACHA QUE vamos *morrer*? — perguntou Nora, nervosa, enquanto subíamos os degraus da Encantamentos.

— Todos vamos.

— Nos *próximos dias*. Aquela coisa *goofer* de que ela estava falando. Disse que pode nos matar sem sequer nos darmos conta.

— Ex-mulheres fazem exatamente a mesma coisa. O mais interessante que ela disse foi que o conhecimento de magia negra é passado de geração em geração.

— Acha que é isso que os Cordova escondem? Que são todos *bruxos* ou algo assim?

Eu não disse nada, a ideia soava absurda. *Mas então* — Cordova era um excêntrico criativo enfiado em uma propriedade isolada, basicamente uma placa de Petri para cultivar o bizarro e o sobrenatural. Cleo afirmara que Ashley era bastante conhecedora de *feitiços*. Aprendera como reunir aqueles materiais com *alguém*.

Mas para quem ela preparara aquela maldição mortal do Osso Negro — *para mim*? Será que teria colocado aquilo sabendo que eu iria investigar sua morte e acabaria aparecendo na rua Henry? E quanto a Hopper? Ele recebera aquele macaco de pelúcia e de algum modo sabia que Ashley frequentara a Klavierhaus. *Ou dirigira aquilo a alguém totalmente diferente*? Iona, se é que dava para acreditar nela, dissera ter visto dois homens diante da porta de Ashley. Um poderia ter sido Theo Cordova. Talvez fosse sua família que Ashley considerasse inimiga, tendo preparado a maldição da morte para *elas*. A tendência de Hopper era responsabilizá-la. Talvez a estivessem perseguindo, tentando encontrá-la, com medo de que estivesse prestes a

denunciá-los. Afinal, ela *me* seguira — o que sem dúvida teria deixado a família bem nervosa.

Nora pensava naquilo, roendo a unha do polegar.

— Talvez por isso Ashley tenha acabado com a própria vida. Não podia suportar a culpa pelo que a família fizera ao praticar durante anos magia negra. — Ela torceu o nariz. — Deve ter sido o que a arrumadeira do Waldorf percebeu quando viu a marca no olho dela. Talvez soubesse que Ashley praticava magia negra.

— A esta altura são apenas suposições.

Fechando o portão de metal atrás de nós, eu me dei conta de que meu celular estava vibrando. Imaginei que fosse Hopper, mas era um aviso por e-mail do Blackboards, indicando que alguém respondera ao meu post, embora para ler a resposta eu precisasse do meu laptop com o navegador com acesso a Tor.

— Você pode achar que essa coisa de magia é baboseira, mas *eu* não acho — disse Nora, raspando as solas das botas no meio-fio. — Esta maldição é como cimento.

— Precisamos voltar para o apartamento.

Chamei um táxi que se aproximava.

— Que tal irmos ao Rising Dragon Tattoos e perguntar sobre aquele recibo?

— Vamos fazer isso depois. Alguém no Blackboards respondeu ao meu post.

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

FALE COM ESTRANHOS — AJUDA

POSTADO POR Gaetana Stevens 2991 29/10/11 2:11 9332 VISUALIZAÇÕES

Preciso de ajuda para identificar e chegar a uma boate exclusiva misteriosa em Long Island. Disseram que tem um nome francês e acontece em uma velha cadeia ou prisão desativada.

Qualquer dica será muito apreciada. Obrigado.

RESPOSTA A: AJUDA: OUBLIETTE

Postado por Agente Especial Fox 29/10/11 10:24 189 VISUALIZAÇÕES



É chamada Oubliette
A festa que quer encontrar.
As borboletas que lá voam
Fazem homens decentes chorar.

Mulheres são proibidas
Neste porão de perversão.
As sentenças que se fazem executar
As boas meninas não deverão testemunhar.

Se você fosse um membro, tal pergunta
Não precisaria fazer.
Eu acho que é uma fraude
Mas o caminho agora vai aprender!

Dirija hoje à meia-noite para Montauk
Ande leste pelo litoral.
Quando vir a escada de Duchamp
Siga até o umbral.

Oubliette é um hospício
Um inferno assolado.
Desfrutando ou assistindo
Deve tomar cuidado.

Se for desmascarado ou se for fraco
Irá para a prisão.
E a todos aqueles que o amam
Só restará a oração.



RESPONDER >>

OUBLIETTE.

Não havia qualquer referência na internet a esse nome como uma boate exclusiva, nada para conferir as alegações da Agente Especial Fox. Segundo a Wikipédia, a palavra derivava do verbo francês *oublier*, significando *lugar esquecido*. Historicamente um *oubliette* era o lugar mais claustrofóbico e escondido da masmorra de um castelo, onde só havia um alçapão de ferro no teto e nenhuma luz — não era incomum que a cela fosse minúscula, a ponto de impedir o prisioneiro de se virar ou até mesmo de se *mover*, um caixão para os vivos, mas condenados. Era reservado aos prisioneiros mais desprezados, aqueles que os captores queriam esquecer.

Pelo meu palpite, era uma espécie de sex club. Não parecia ser feito para uma noite de sábado particularmente *divertida*, mas Iona alegara que Ashley estava indo à boate, então certamente valia a pena tentar descobrir alguém que a tivesse encontrado.

Às oito horas daquela noite, o clima de outubro frio e nublado, Nora e eu deixamos a rua Perry para buscar Hopper. Ele finalmente respondera às nossas mensagens e quisera ir, o que parecia bom para mim; com aquele lance da Klavierhaus ele provou ser uma inesperada vantagem para a investigação.

Ele nos disse para buscá-lo na esquina da Bowery com Stanton. Esperamos mais de vinte minutos, e quando comecei a pensar que teríamos que ir sem ele — era uma viagem de três horas até Montauk, a cidade dos Hamptons mais a leste em Long Island — Hopper saiu do Hotel Sunshine.

Era um lugar infame, uma das últimas pensões da cidade, onde os quartos — mais pareciam *cocheiras* adequadas a mulas de curral — custavam 4,50 dólares por noite. Só podia imaginar que estava fazendo negócios lá,

deixando *doces* para alguns clientes fissurados, porque os homens na entrada sorriram com um apreço trêmulo quando Hopper passou devagar por eles.

— Como vai, raio de Sol? — perguntei enquanto ele afundava no banco de trás.

Sem se dar o trabalho de nos cumprimentar, tirou um bolo de notas amassadas, as contou e depois as enfiou no bolso do casaco.

— Legal — murmurou ele.

Em minutos estávamos acelerando pela via expressa Brooklyn-Queens. Nora, sem fôlego, atualizava Hopper sobre tudo o que tínhamos aprendido na Encantamentos, incluindo a maldição mortal do Osso Negro na qual pisáramos. Ela apontou para as manchas nos tênis Converse de Hopper — havia uma massa preta considerável no seu calcanhar esquerdo. A reação dele foi pouco mais do que descrença cínica.

— E quanto ao estúdio de tatuagem? — perguntou a ela. — O Rising Dragon?

— *Ainda* não fomos lá. Quando vimos que tínhamos uma resposta sobre a *Oubliette* no Blackboards, voltamos direto para a rua Perry.

Hopper não disse nada, olhando pensativo pela janela com os olhos semicerrados.

Três horas depois, Hopper estava apagado no banco de trás e Nora procurava uma estação de rádio via satélite. Eu seguia a 130 pela Rota 27, a rodovia vazia, um corte cinza rasgando os pântanos salgados e as campinas salobras. Eu estivera ali algumas poucas vezes nos meus tempos de casado, mas nunca à meia-noite e cinco em uma missão como aquela.

— Eu quero ir — disse Nora.

— Já discutimos isso — respondi.

— Mas Ashley foi. *Eu* posso passar facilmente por um garoto. Trouxe uma calça e um boné.

— Isto não é *Meninos não choram*. E depois da sua atuação em Briarwood, já percebemos que você não é Hilary Swank.

Minutos depois estávamos cruzando Montauk, tudo muito escuro, e ainda assim parecia uma feira esvaziada, as calçadas bem iluminadas cobertas de areia e de garrafas plásticas vazias, desertas. Casas de praia, tão alegres no

verão, se encolhiam melancólicas na colina, escuras e ranzinzas, se preparando para o inverno. Nem mesmo os habitantes locais estavam à vista.

Entrei à direita na rua South Emery e à esquerda na Emerson, acelerando por lojas e hotéis escuros — Ocean Resort, Born Free Motel, placas dizendo ATÉ O ANO QUE VEM, e depois Sea Haven Diner, seu letreiro azul-néon brilhando vinte e quatro horas na janela, alguns carros estacionados no pátio em frente. Passei depressa por ele e entrei na Whaler's Way, atravessando alguns condomínios de veraneio e estacionando atrás de uma picape amassada.

Quando desliguei o motor, pude ouvir o barulho do oceano, em algum lugar no escuro à nossa frente.

— Certo, tropa — falei. — Vamos nessa.

Saltamos, Hopper bocejando e se espreguiçando. Tranquei o carro e dei as chaves a Nora enquanto retornávamos à rua Emerson.

— Quer que Hopper entre com você? — perguntei a ela.

— Eu me viro — respondeu Nora, com raiva. Jogando a bolsa cinza sobre o ombro, deu meia-volta e partiu.

Nós a vimos ir, os passos esmagando a calçada, a barra do vestido brilhando em verde quando passou sob o poste de luz da rua. Estava vestida como uma mistura de Lily Monstro e Cinderela, em um estilo *punk*, com um vestido de veludo verde-ervilha, meia-calça de crochê preta, botas de motoqueiro e luvas pretas sem dedos.

— Talvez você devesse falar com ela — sugeri. — Para se assegurar de que ela ficará bem esperando.

Hopper deu de ombros.

— Ela vai ficar bem.

— Bom saber que o cavalheirismo não morreu.

Ele acompanhou o movimento de Nora com olhos semicerrados. Ela abriu a porta da lanchonete, sumindo lá dentro. Como não voltou a aparecer, fechei o zíper da minha jaqueta.

— Vamos — falei.

DESCEMOS WHALER'S WAY junto à cerca de madeira da praia, além do alcance da iluminação pública. Peguei minha lanterna de bolso. Avançamos pela areia e subimos a colina, vento gelado do litoral nos atingindo com força, penetrando minhas roupas. Sem conhecer a regra de vestimenta da Oubliette, eu estava todo de preto — jaqueta de couro, calça, camisa social — esperando que o visual de chefe da máfia russa bastasse para as pessoas sentirem que eu devia ser deixado em paz.

O vento ficava mais forte, o rugido do Atlântico ensurdecedor à medida que chegávamos ao topo. A praia parecia deserta. O mar estava agitado, revolto e com ondas quebrando violentamente na praia, as explosões brancas sendo a única interrupção na cúpula de escuridão que nos cercava.

Olhando a leste, bem à frente de nós no litoral, havia condomínios e casas — todos pareciam escuros, protegidos contra o inverno —, e, além das luzes da cidade, os penhascos íngremes de Montauk se erguiam ao longo da costa.

A escada de Duchamp.

Era uma pista ambígua, para dizer o mínimo. Eu conhecia a pintura modernista cubista de 1912 à qual parecia se referir: *Nu descendo uma escada nº 2*, de Marcel Duchamp. Nora e eu havíamos procurado no Google antes de sair da rua Perry, embora não tivesse ideia de como relacionar *aquilo* com algo *naquela praia*.

Eu me virei para Hopper, mas ele fora até a água e estava de pé lá, imóvel, o casaco tremulando, água do mar espumando a centímetros de seus pés. Parecia tão soturno e melancólico, contemplando as ondas violentas, como se considerasse ir diretamente até elas — deixar que o engolissem.

— Por aqui! — gritei, minha voz quase inaudível acima do vento.

Ele deve ter me ouvido, pois se virou e veio na minha direção.

A caminhada era lenta.

A praia estava tomada por lixo depois de uma tempestade recente — algas emaranhadas, conchas esmagadas, garrafas e pedras, longas tábuas de madeira se projetando da areia. O vento aumentou enquanto avançávamos com dificuldade, tentando nos empurrar para trás, o ar salgado abrasivo e cortante. Passamos por quarteirões de condomínios com varandas vazias e estacionamentos, motéis com placas de boas-vindas apagadas. Estudei cada lance de escada maltratado que levava à praia, procurando *algum sinal* de vida — mas não havia nada.

Estávamos sozinhos ali.

Após vinte minutos, tínhamos saído da cidade de Montauk e chegado a Ditch Plains, a praia do surfe. Estava vazia, não havia nada além de uma tornozeleira de surfista perdida semienterrada na areia. Enquanto escalava umas pedras, não consegui escapar de uma onda quebrando na praia e fiquei encharcado de água gelada até as canelas. Eu podia esquecer o chefe da máfia russa; ia parecer Tom Hanks no maldito *O naufrago* quando chegasse.

Se chegasse.

Ali a faixa de areia da praia ficava consideravelmente mais estreita, os penhascos imensos como ombros musculosos se projetando sobre a costa. Adiante havia apenas propriedades multimilionárias de frente para o mar, e com certeza não era difícil imaginar que uma festa secreta acontecesse em uma delas. Porém, olhando mais além, meus olhos lacrimejando com o vento forte, pude ver silhuetas pretas de casas de praia no alto da encosta, mas nenhuma luz.

Oubliette. O lugar esquecido.

Talvez significasse que a festa era no escuro.

Hopper passara a minha frente. Estivera andando silenciosamente com teimosa determinação, olhando para a areia — sem notar, aparentemente, o frio ou a maré encharcando seus tênis, a barra do seu casaco encharcada. Acelerei para alcançá-lo, minha lanterna açoitando as pedras, cascas de caranguejo vazias, amontoados de algas. Podia ver que parara e estava me esperando ao lado de um lance de degraus de madeira.

Eles começavam na areia e continuavam encosta acima até uma casa, escondida no alto, debruçada sobre o precipício.

— Acha que é esta? — gritou ele.

Não havia nada naquelas escadas que me fizesse lembrar da pintura.

Fiz que sim com a cabeça.

— Vamos continuar!

Avançamos e em dez minutos chegamos ao lance seguinte, esse meio desmantelado. Embora inicialmente não visse nada ali que me lembrasse de Duchamp, inspecionei o local com a lanterna e notei com surpresa que os degraus acima de fato *pareciam* cubistas. Pedacos de madeira jogados na praia haviam sido pregados grosseiramente, ziguezagueando de forma aleatória pela encosta de rocha nua e desaparecendo no alto. Não era exatamente uma *escadaria*, mas uma escada de carpinteiro instável mal fixada à pedra.

Contudo, era a segunda escada pela qual passávamos. E o título da pintura incluía o N° 2.

— Pode ser esta — gritei.

Hopper assentiu e saltou para o primeiro degrau. Ficava a um metro e meio do chão, com os degraus inferiores, incluindo parte do corrimão, espalhados pela areia em pedaços. A estrutura estremeceu de forma perigosa sob o peso dele, que subiu escalando e finalmente chegou a uma parte onde o corrimão estava intacto e pode usá-lo para se equilibrar.

Subi para a primeira plataforma e, fazendo uma anotação mental para não olhar para baixo, segui atrás dele. Todas as tábuas de madeira pareciam úmidas e podres, cedendo sob meus pés. Em dado momento, uma tábua na qual Hopper pisara se partira ao meio, a perna dele atravessando mais duas tábuas podres abaixo daquela, então ele se pendurou no corrimão e tive que me encolher para a madeira não acertar meu rosto na queda.

Ele conseguiu se erguer até o degrau seguinte, que sustentou seu peso, e voltou a escalar. Em minutos, Hopper desaparecera acima do topo. Quando consegui, precisei me alçar, fazendo uma barra fixa de deixar os nós dos dedos brancos, pois os últimos degraus não existiam. Fiquei de pé sobre a grama alta, desligando a lanterna.

Estávamos no quintal de alguém.

Além da grama aparada, uma piscina coberta e várias cerejeiras pretas, havia uma enorme mansão de telhado de cedro — completamente escura e imóvel.

Conferi meu relógio. Passava de uma hora da manhã.

— Talvez tenhamos chegado tarde demais — sussurrei.

Hopper me olhou.

— Acho que você está precisando sair mais.

Ele se esgueirou resolutamente por entre os arbustos para o caminho que levava à casa. Eu fui atrás dele, mas, quando estávamos a uns vinte metros do pátio dos fundos, uma porta se abriu sem qualquer aviso. Uma música densa e pulsante encheu o ar. Uma luz branca fraca banhou as pedras do caminho.

Hopper e eu ficamos paralisados, apertando as costas sobre a sebe ao longo do caminho.

Um garoto magricela com avental preto saiu, arrastando vários sacos de lixo.

Ele os carregou pelo pátio, jogando cada um em cima de um muro baixo que se estendia pela lateral da casa, o som de garrafas de vidro quebrando explodindo na noite. Após ter arremessado o último saco, ele voltou à mansão, batendo a porta com força.

O silêncio voltou a envolver a casa.

Hopper e eu esperamos por um minuto, o vento sendo o único ruído, o rugido leve do oceano bem abaixo.

Com um aceno de cabeça de um para o outro, corremos a distância final até o pátio e subimos os degraus. Hopper tentou a porta, que abriu com facilidade, e nos esgueiramos para dentro.

ERA ALGUM TIPO de depósito nos fundos.

As luzes do teto haviam sido apagadas, e estava congelante lá dentro. Parecíamos estar sozinhos. À nossa volta havia grandes caixas e engradados de madeira empilhados e um carrinho de duas rodas apoiado na parede. Fui até as caixas para ler os rótulos. RÉMY MARTIN. DIVA VODKA. CHÂTEAU LAFITE. WRAY & NEPHEW LTD. JAMAICAN RUM.

Nada mal. Uma fileira de enormes geladeiras inox tomava a parede, e além dela, em um nicho, pendendo de ganchos alinhados, havia calças e camisas pretas — alguma espécie de uniforme de garçom. No centro da sala havia uma longa mesa de madeira coberta de produtos, e fui até lá. Do outro lado havia blocos de um pó branco embrulhados com celofane, pacotes de mais ou menos um quilo do que parecia ser cocaína. Havia pelo menos cem, além de quatro caixas para dinheiro com cadeados, acorrentadas às pernas da mesa por um cabo de metal.

— Isso é um *free shop* de um aeroporto em Cartagena — murmurei.

Hopper parou ao meu lado, erguendo as sobrancelhas.

— Ou algum bilionário estocou belamente seu bunker para o fim do mundo.

Ele agarrou um dos blocos de cocaína, lançou-o no ar como se fosse uma bola de futebol americano, e ele, um quarterback experiente. Pegou-o de volta e o enfiou no bolso do casaco.

— Você está *maluco*?

— O quê?

— Devolva isso.

Ele deu de ombros, indo até as geladeiras.

— É pesquisa de mercado — disse ele, abrindo uma das portas de inox, as prateleiras cheias de embalagens de isopor e bandejas. — Já fui a festas como esta antes. — Ele examinou as embalagens. — São bancadas por um príncipe saudita, talvez russo. Para eles esta merda toda é como cerveja Bud Light e pretzels para nós. Você ligaria se uns sacos de salgadinhos sumissem?

Peguei uma caixa de charutos cubanos. *Cohiba Behikes*.

Hopper analisou uma jarra de vidro preta e a devolveu à prateleira.

— Há mais caviar aqui do que no Mar Negro.

— Sirva-se. Vou sair daqui antes que o príncipe saudita precise de um estimulante.

Fui até a porta no lado oposto da sala. Podia ouvir house music latejando — feito as engrenagens da terra girando —, reluzente, incansável.

Entreabri a porta e espiei. Precisei de um momento de ajuste para entender o que estava vendo.

Era uma festa. Mas o piso — ladrilhos pretos e brancos em um padrão geométrico — balançava como o mar. Ocupava um imenso átrio circular delimitado por pilares coríntios, mas não havia teto, apenas um céu azul brilhante cheio de nuvens. *Como pode haver um dia de verão perfeito aqui dentro, cacete?* Um pouco distante, além de arcos de pedra cobertos de hera e passagens escuras levando a trilhas de terra, havia um jardim luxuriante cheio de flores onde estátuas de pedra gregas reclinavam ao sol. Uma garça caminhava por um córrego reluzente. Papagaios vermelhos e verdes disparavam pela selva, a luz do sol era filtrada de forma divina pela copa das árvores.

Enquanto meus olhos procuravam loucamente por algo que lembrasse a realidade, minha mente entrou em curto-circuito, ao mesmo tempo hipnotizada e tentando chegar a alguma conclusão racional sobre que porra era aquilo: *uma biosfera, uma encenação, uma Disney World para adultos, um portal para outro planeta*. Então vi uma falha no paraíso tropical: ao longo do piso, cerca de trinta centímetros de onde eu estava, havia uma *tomada*.

Tudo aquilo era pintado, um *trompe l'oeil* de tantos detalhes e beleza; à luz âmbar fraca tudo aquilo parecia de algum modo vivo, *pulsante*. No centro

afundado da sala, havia uma densa multidão sentada em sofás de couro, de pé ao redor de mesas de mármore. *Eles* eram reais, eu tinha certeza. Eram homens de meia-idade, a maioria com expressões carrancudas daqueles que se tornaram magnatas por mérito próprio (alguns com a postura flácida daqueles que herdaram a riqueza), a maioria era caucasiana, alguns japoneses. Mulheres vagavam entre eles, pingando mantos e joias, embora parecessem caminhar sobre água por causa da ilusão de piso líquido, atracando em um grupo de homens como caravelas, antes de saírem flutuando pela sala levadas por outra misteriosa corrente de ar.

Havia um *traje obrigatório* — que a pessoa que respondera ao meu post no Blackboards não mencionara. Os homens estavam de terno e gravata. Hopper e eu certamente iríamos nos *destacar* — sem mencionar o fato de que eu tinha marcas brancas de água do mar na minha calça.

Hopper fora para trás de mim, e dei um passo para o lado para que ele pudesse dar uma olhada.

— Jesus Cristo — sussurrou ele.

— Só pode ser alguma espécie de culto. Se alguém lhe oferecer um refresco ou um banho quente, diga *não*. E não se esqueça da razão pela qual estamos aqui. Encontrar alguém que tenha visto Ashley.

Ele se virou para mim e estendeu a mão.

— Vejo você no além.

Apertamos as mãos e saímos do depósito.

UM BAR DE mármore preto ocupava a parede distante, havia alguns homens sentados lá e um banco vermelho vazio na extremidade direita. Seria um ponto de observação perfeito onde eu podia esperar até compreender com *que* estava lidando; fui relaxadamente até lá, contornando o átrio, passando pelas colunas — *que eram reais* —, sentindo uma leve vertigem com o chão que mudava e as paisagens luxuriantes ao meu redor.

O teto era alto como o de uma catedral, e o mural de céu tinha sido pintado de forma tão realista que parecia infinito, um azul ofuscante. Olhar para cima me deixava tonto, e quase me choquei com um homem baixo e gordo com ralos cabelos pretos que passara de repente na minha frente. Ele evitou expressamente o contato visual, seguindo em linha reta na direção da parede do jardim de pedras. Empurrou uma urna coberta de musgo no alto de um pilar e uma porta se abriu suavemente. Tive o vislumbre de um banheiro de azulejos pretos e brancos, um funcionário de uniforme preto de pé ao lado das pias, punhos cerrados, olhos discretamente voltados para o chão, antes de tudo desaparecer outra vez no jardim vazio.

Deslizei para o banco que ficava na extremidade do bar, aliviado de sentir que era resistente e *real*, e me virei para observar o ambiente.

Garçons de calças pretas e túnicas asiáticas se deslocavam entre as mesas de mármore, equilibrando drinks em bandejas de prata. Havia um DJ no alto de um campanário. Estava usando uma camisa roxa, fones ao redor do pescoço, dreadlocks que batiam na cintura. Parecia relativamente normal, tendo saído direto do Brooklyn ou de Bay Area, embora eu percebesse que ele mantinha os olhos longe da multidão abaixo enquanto operava habilmente os controles de um sintetizador e dois MacBooks.

Deve ter sido orientado a não encarar os convidados.

Voltei minha atenção para a multidão. As mulheres eram deslumbrantes. De todas as etnias, muitas delas de pele negra e exóticas, sendo que suas características em comum eram ter em torno de um metro e oitenta de altura e uma magreza que as fazia parecer um enxame de insetos, se alimentando insaciavelmente dos homens de ternos escuros e das cabeças que ficavam calvas. Pareciam jovens. Quando uma se virou, o cabelo tão claro que parecia flutuar como uma auréola branca reluzente ao redor do rosto, inclinou a cabeça para trás sorrindo, e então vislumbrei um pomo de adão proeminente.

Meu Deus. Ela era um homem.

Ignorando uma sensação irracional de alerta, examinei detalhadamente outra circulando em meio à multidão com um vestido azul de lantejoulas. Após conversar com um grupo de homens, ela — ou *ele* — tocou o ombro de um deles. Tinha unhas compridas pintadas de preto, os braços cobertos de joias. Muito lentamente, como se movimentos repentinos fossem proibidos naquele lugar — perfurariam o sonho —, os dois se afastaram do grupo. Ela tomou-o pelo pulso, subindo alguns degraus por uma parede de pedra que se desintegrava, o Egeu se estendendo além. Atravessaram uma passagem em forma de arco e desceram o caminho de terra, desaparecendo. Havia pelo menos doze entradas idênticas ao redor da sala. Elas levavam a — *o quê?* Um *Traídos pelo desejo*.

Só podia ser um clube de *bondage* de alto nível. *Nunca subestime o desejo que homens de imenso sucesso sentem de se torturar por diversão.*

— Posso lhe trazer algo, senhor...?

Eu me virei e vi o barman à minha frente. Embora estivesse vestindo um terno cinza-brilhante como todas as outras pessoas, com uma gravata de seda azul com nó Windsor, era musculoso, com corte de cabelo à escovinha, traços irregulares e uma postura rígida que me fazia pensar que ele era um ex-militar.

— *Uísque*, sem gelo — pedi.

Ele não se moveu, a simpatia sumindo de seu rosto. *Eu estava fazendo algo errado, me revelando um impostor.* Não reagi. Nem ele. Era tão inchado de anabolizantes que parecia um boneco de plástico, como se os braços não

se dobrassem nos cotovelos e sua cabeça pudesse pular para fora em uma brincadeira mais bruta.

— Alguma preferência de *uísque*? — perguntou.

— A escolha é sua.

Pegou uma garrafa de Glenfiddich das prateleiras.

Enquanto ele servia minha bebida, uma porta escondida se abriu ao lado do bar — uma cena pastoral de paisagem toscana —, e o garoto que eu vira do lado de fora arrastando sacos de lixo entrou carregando uma caixa de copos. De cabeça baixa — também parecia ter sido orientado a não fazer contato visual —, começou a empilhá-los em prateleiras espelhadas.

O barman retornou com minha bebida e ficou esperando.

— Seu *cartão*? — pediu.

— Qual? — perguntei, fazendo uma cena de procurar a carteira.

— *De sócio*.

— Ah. Não tenho um desses. Sou convidado.

— Convidado de quem?

— Harry, consigo um copo d'água depressa? Estou tonta.

Não poderia ter sido num momento melhor. Uma das mulheres — ou *garotos* — se esgueirou ao meu lado. Tinha um perfil de boneca emburrada, seu cabelo era louro e comprido e usava um vestido de seda roxo tão apertado que parecia ter sido derramado sobre ela.

O barman, Harry — ele *estava* mais para Biff — lançou-lhe um olhar furioso, indicando que violava um protocolo sério ao pedir tal coisa.

— Tente lá embaixo — disse ele com um sorriso firme.

— Não consigo. Eu... Eu só preciso de um pouco de água e ficarei bem.

Olhou para ela furioso e, lançando um olhar severo para mim — *ainda não terminamos* —, se afastou.

— Ele é engraçado — falei, me virando para ela.

Ela me olhou, insegura, as mãos — também tinham aquelas compridas unhas pintadas de preto — segurando com força a beirada do bar como se para permanecer atracada ali; do contrário, sendo tão magra, ela flutuaria até o teto como um balão de gás hélio. Seus olhos azuis, com maquiagem pesada, pareciam úmidos, as pupilas dilatadas. Fizera algo na boca para deixá-la

carnuda, injetara alguma coisa que a deixara exagerada e triste como a de um palhaço.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

Isso produziu um imediato *fim de jogo*. Ela me lançou um olhar gélido. Tive certeza de que iria se afastar, mas, em vez disso, inclinou a cabeça.

— Você é amigo de Fadil — disse ela.

— Onde *está* Fadil? Não o vi.

— De volta à França, não?

Harry bateu o copo d'água no bar. Ela o agarrou, virando-o, uma gota escorrendo pelo canto da sua boca vermelha, deslizando pelo queixo. Pousou o copo, cambaleando insegura sobre os saltos, e o barman se afastou sem dizer nada e foi enchê-lo novamente. *Ele já passara por isso com ela antes.*

A mulher limpou a boca com as costas dos dedos.

— Tem certeza de que está bem? — perguntei baixinho.

Ela não me respondeu, em vez disso inspecionava o enorme decote em V do vestido, sua boca inchada fazendo um bico de palhaço enquanto alisava o tecido.

— Você devia comer algo. Ou ir embora. Ter uma boa noite de sono.

Ela me encarou em uma confusão letárgica, como se eu tivesse dito algo sem sentido outra vez. Harry empurrou o segundo copo à sua frente e, sem dizer palavra, ela o virou.

Pigarreei, sorrindo para ele.

— Como estava dizendo, sou amigo de Fadil.

O nome — árabe — significava algo. Assentiu de má vontade e foi até a outra extremidade do bar, onde um homem baixo e gordo fizera um sinal para ele.

Eu me inclinei na direção da mulher.

— Talvez você possa me ajudar.

Mas a atenção dela estava voltada para o jovem ajudante empilhando os copos debaixo do bar à nossa frente. Com cabelo castanho emaranhado, sardas, parecia não ter mais de dezesseis anos, como se tivesse acabado de sair de uma pintura de Norman Rockwell.

— Ei — sussurrou ela. — Faz um favor para mim? Pega uma vodca cranberry?

Ele a ignorou.

— Ah, *cacete*. Não se preocupe com Harry. Ele é bonzinho. Estou morrendo.

O apelo, que ameaçava ficar estridente, fez o garoto erguer os olhos para ela, relutante, depois para a outra extremidade do bar, onde Harry estava ocupado preparando mais um drinque. Deve ter sentido pena dela, pois se virou, agarrando uma garrafa de Smirnoff.

— Você é um anjo — murmurou ela.

Ele acrescentou o suco, colocou o drinque na frente dela e voltou a empilhar os copos.

— Será que consigo gelo? — perguntei, empurrando minha bebida para a frente.

Ele assentiu. Quando a trouxe de volta, eu deslizei uma nota de cem dólares dobrada para sua mão. Ele me olhou, assustado.

— Não reaja — falei, olhando para Harry no bar. — Preciso de algumas informações. — Tirei a foto de Ashley do bolso, deslizando-a pelo balcão.

— Você a reconhece?

Ele manteve a cabeça baixa, empilhando os copos.

— Tire isso do balcão. Eles têm câmeras — murmurou.

Enfiei a foto de volta na carteira. Se alguém estivesse olhando, esperava que pensassem que eu tinha acabado de mostrar ao garoto uma foto da minha filha — ou, considerando a clientela dali, minha namorada menor de idade do leste europeu que não falava inglês.

— Pode me ajudar? — perguntei.

O garoto deu uma olhada à direita e coçou a bochecha.

— Hum, *é*, ela foi a falha.

— A o *quê*?

Ele voltou a arrumar os copos.

— Ela foi a falha de segurança de algumas semanas atrás. Colocaram a foto dela lá embaixo.

— O que aconteceu?

— Desculpe. Não posso fazer isso. Vou me meter em encrenca até o pescoço se...

— É uma questão de vida ou morte.

O garoto me encarou, nervoso. Ele parecia mais adequado ao trabalho de entregador de jornais ou líder da banda do grupo de escoteiros do que com o trabalho daquele lugar. Enfiei a mão no bolso para pegar outra nota de cem, me inclinei sobre o balcão para alcançar um mexedor de gelo preto e a joguei aos pés dele.

Ele se curvou e a pegou, depois começou a organizar as pilhas de guardanapos vermelhos de coquetéis gravados com um único *O* preto, embora quanto mais eu olhasse para a letra, mais me desse conta de que era uma boca aberta, uma boca *gritando*.

— Ela atacou um convidado — disse o garoto em voz baixa.

— Atacou?

— Ela, tipo, *foi em cima dele*. Foi o que ouvi.

— Como?

Ele não parecia querer se estender — ou não sabia.

— Qual convidado?

Ele olhou, apreensivo, para Harry, e pegou uma toalha, limpando o bar.

— É chamado de Aranha.

— *O quê?*

Ele deu de ombros.

— É o apelido dele.

As palavras produziram um efeito estranho na garota. Estava sugando seu drinque, nos ignorando, mas então se virou no banco, tentando focalizar os olhos embaçados em mim.

Eu me virei para o garoto, que usava um par de pegadores de prata para repor o pote de cerejas ao marrasquino no bar. As cerejas, notei com surpresa, eram *totalmente pretas*, incluindo os cabos, e todas tinham uma gêmea, uma ligada à outra.

— Qual o nome verdadeiro dele? — perguntei, dando um gole descontraído na minha bebida.

O garoto negou com um gesto de cabeça. *Ele não sabia*.

— Está aqui esta noite? Pode apontá-lo para mim?

Nervoso, ele lambeu os lábios, prestes a responder, mas então viu algo por cima do meu ombro. Virou-se, agarrando a caixa vazia no balcão, e passou com ela pela porta, desviando o olhar, desaparecendo naquele interior da Itália.

Eu me virei para ver o que o fizera fugir.

Um homem de meia-idade de cabelo grisalho espetado passava pela multidão a passos largos, os olhos grudados na mulher ao meu lado. Parou logo atrás dela e sussurrou em seu ouvido.

Ela se empertigou, chocada. Ele então agarrou seu braço nu e a arrancou do banco com tanta força que ela derramou o drinque, deixando uma mancha escura feia na frente do seu vestido. A garota murmurou algo com ressentimento em uma língua estrangeira, a música alta demais para que eu identificasse qual era. Depois foi embora, cambaleou para o salão principal, abriu caminho pela multidão e subiu as escadas, fugindo por uma das trilhas escuras.

Eu me virei de volta para o bar, tomando meu uísque, ignorando o homem que continuava atrás de mim, sua atenção agora voltada inteiramente para *mim*.

— Acho que nunca nos vimos — disse ele.

— TEM RAZÃO — RESPONDI.

— Vamos consertar isso.

— Sou convidado de Fadil.

Ele hesitou, chocado. Só podia ser o gerente do lugar. Vestia um terno caro, tinha um ponto no ouvido e a postura inchada de todos os homens baixos inseguros em posição de poder. Senti que estava prestes a me deixar sozinho, mas então, me examinando, franziu o cenho para o anel de água salgada em minha calça.

— Como conhece o sr. Bourdage? — perguntou.

— Pergunte a ele.

— Venha comigo, por favor.

— Gostaria de terminar minha bebida.

— Venha comigo ou teremos um problema sério.

Eu o estudei com uma indignação entediada.

— Tem certeza?

— Pareço ter?

Dei de ombros, tomando o resto do meu uísque sem pressa, então me levantei.

— É o seu funeral — falei.

Se isso o enervou *um pouco*, o homem não deu qualquer indicação. Subiu rigidamente os degraus que desciam para o salão principal, esperando que o seguisse.

Isso não vai terminar bem. Fui atrás dele e, enquanto nos enfiávamos na multidão, tive uma desconfortável onda de vertigem. Era como afundar em outra dimensão, encontrando problemas na realidade. Os murais em *trompe l'oeil* deviam ter sido pintados para serem observados daquele ponto central,

porque todos ficavam mais em foco. Cidades litorâneas se agitavam. Campos de girassóis tremulavam ao vento, uma nuvem de corvos explodia acima deles — ainda eram incapazes de sair voando. Bromélias selvagens balançavam, um animal escuro se esgueirava entre elas. Uma cobra coleava sobre um muro. Até mesmo a música pulsante parecia convergir para mim. Podia inclusive sentir o sol batendo em meu pescoço. Enquanto abríamos caminho por entre a multidão, os ternos e gravatas, as garotas, *garotos* naqueles trajes, que dali de onde eu estava não pareciam feitos de tecido, mas de escamas de peixe, captei fragmentos de conversas acima da música: *fique aqui, algumas vezes, eu concordo, esqui aquático.*

Tenho que permanecer calmo e conseguir escapar — logo. Parecíamos estar indo na direção de uma daquelas passagens escuras, e nem a pau eu iria segui-lo lá para baixo e ter minhas pernas quebradas, talvez coisa pior.

Meus olhos varreram a periferia do átrio em busca da porta que levava de volta para o depósito, mas estava perdida nas cenas cintilantes ao meu redor.

O gerente estava alguns metros à frente, olhando irritado enquanto esperava que eu o alcançasse. Mas de repente um homem alto e louro deu um tapinha no ombro dele, o cumprimentando, apertando sua mão.

Eu me contive por alguns segundos. *Aquela provavelmente era minha chance.*

O homem apresentou o amigo que estava ao seu lado. O gerente se virou e, depressa, dei meia-volta e me afastei dele passando pelo meio de um grande grupo, acidentalmente batendo nas costas de um garçom. Um coquetel escorregou das mãos dele, explodindo no chão.

Acelerei o passo, desviando o olhar. As mulheres usavam saltos agulha, as unhas dos pés eram pintadas de *preto*, cortadas em *ponta*, feito espinhos bizarros. De repente vi algo deslocado: *tênis brancos All Star* sujos. Um garçom os estava usando.

Hopper.

Ele de fato vestira um dos uniformes do depósito. Segurava uma bandeja de prata, circulando entre os convidados como se fosse o dono do lugar. Deslizei para trás dele.

— Preciso dar o fora daqui, porra. Fui pego.

Ele assentiu.

— Siga-me.

Fizemos uma curva fechada à esquerda, abrindo caminho com os cotovelos, subindo depressa os degraus de mármore, Hopper indo deliberadamente na direção do muro de pedra em ruínas que contornava toda a praça.

Não havia porta visível. Mas ele esticou a mão, pressionando o rosto de uma estátua de pedra de uma mulher reclinada coberta de musgo.

Nada aconteceu. Franzindo o cenho, passou as mãos sobre ela, apertando os braços, pernas e os pés nus desgastados da estátua, tentando encontrar o que quer que fosse que abria a porta.

Olhei por sobre o ombro.

Dois convidados sentados no salão nos observavam, alarmados. Um deles se virou, chamando um garçom.

E então vi o gerente. Estava passando agressivamente pela multidão, cochichando em seu fone de ouvido, examinando o perímetro do átrio.

Estava a segundos de me localizar.

— Alguma chance de irmos mais rápido com isto? — murmurei.

— Juro que acabei de sair por aqui.

Eu me coloquei ao lado dele, deslizando as mãos sobre a parede, e Hopper avançou para outra estátua reclinada à esquerda. Apertou mãos, rosto, seios, olhos e, *graças a Deus*, ela inesperadamente abriu passagem por uma porta retangular comum, que levava a um comprido corredor com paredes brancas e linóleo laranja.

Apressamo-nos pelo corredor, onde havia duas portas de aço inoxidável visíveis no final.

— E você achou que *eu* faria com que fôssemos chutados para fora — disse Hopper por sobre o ombro.

— Efeito colateral de conseguir informações vitais.

— Ah é, e quais foram?

— Ashley entrou de penetra nesta festa há algumas semanas. Veio atrás de um sócio conhecido como Aranha. Pode chamar isso de *habilidades*.

— Aranha? Qual o nome verdadeiro dele?

— Não consegui.

Avançamos pelas portas vaivéns para uma cozinha industrial. Estava movimentada, com cozinheiros uniformizados, panelas borbulhantes, cheiro de carne grelhada e alho. Alguns ergueram os olhos curiosos enquanto Hopper e eu contornávamos correndo os balcões, os fogões com frigideiras chiando, carrinhos com rodas, bandejas de sobremesas.

Passamos por mais uma porta vaivém que dava em outro corredor vazio.

Hopper parou, ofegante, apontando.

— Siga por ali até o fim, vire à direita, a porta leva para fora.

Eu saí, me virando quando ele não me seguiu.

— Vai ficar?

Ele estava voltando à cozinha.

— Só comecei.

— Tome cuidado. E obrigado por salvar minha pele.

Ele sorriu.

— Ainda não está salva.

CHEGUEI AO FIM do saguão, virei à direita, correndo na direção da saída de emergência no final. Um alarme começou a soar de um interfone.

O gerente deve ter alertado para uma falha de segurança.

Empurrei para abrir e saí correndo.

Era uma área de carga muito iluminada, o pátio cheio de caminhões de suprimentos, utilitários pretos. Um garçom estava sentado sozinho em uma caixa, fumando um cigarro. Sorriu quando passei descontraído por ele e desci correndo os degraus, depois segui por um caminho de pedra que contornava a lateral da casa.

Tinha que ser o lado leste.

Virando a esquina, fiquei imóvel.

À minha frente estava a fachada da mansão, uma refinada entrada de carros com colunas lotada de seguranças vestidos de preto. Um Range Rover prata estava estacionado na frente, a janela de trás baixada — *quem quer* que estivesse lá claramente estava em uma lista de convidados. A rampa em curva terminava entre árvores densas, provavelmente seguindo para o norte na direção da Old Montauk Highway — *o caminho para sair daqui*. Mais à esquerda, além da folhagem, havia um gramado, onde apenas alguns carros estavam estacionados.

Eu não teria como sair por ali. Era óbvio que os seguranças haviam sido alertados, porque estavam se espalhando, entrando. Um se virou para mim, fez um gesto para outro — *vindo na minha direção*.

Recuei e saí em disparada, passando novamente pela área de carga e o garçom solitário. Ele se levantou, gritando algo enquanto eu passava correndo, contornando a outra comprida ala da mansão, as janelas escuras,

embora por um instante, talvez fosse o vento nos arbustos, jurasse ter ouvido o *prolongado gemido abafado* de um homem.

Meu Deus. Continuei, correndo para o pátio dos fundos por entre canteiros de flores e arbustos, virando a esquina.

Fiquei paralisado.

O gramado de trás estava banhado em luz. Seguranças circulavam pelo pátio e pela piscina, dois deles bem adiante no campo, inspecionando as escadas pelas quais Hopper e eu tínhamos subido.

Eu me virei, olhando para trás. Podia ouvir os passos dos seguranças se aproximando.

Passei apressado pelas pilhas de sacos de lixo até o muro de pedra, disparando pela faixa de grama até uma sebe alta por onde forcei passagem; os galhos eram tão densos que era como tentar passar por uma rede. Eu me agachei, quebrando os galhos com as mãos, e comecei a engatinhar com a cabeça à frente.

Havia gritos atrás de mim mais altos que o rugido do oceano.

Saí do outro lado e fiquei de pé.

Não era outro quintal como eu esperara, mas uma área vasta e vazia de mata — sem casa ou gramado, apenas escuridão e arbustos densos à altura do ombro, tornando impossível passar por ali. Segui ao longo da sebe da qual acabara de sair, onde era menos denso, lutando contra o que pareciam ser roseiras ou azevinhos, indo na direção do oceano.

Precisava achar outra escada para a praia. Cheguei à encosta, rajadas de vento vindo do Atlântico. Segui por ela um pouco sem equilíbrio, mas logo vi que não havia escada alguma.

Aquilo parecia uma reserva florestal. Eu estava preso. Não haveria outro lance de escadas ou outra casa em quilômetros.

Olhei para trás. A sebe sacudia, formas escuras emergindo por entre os galhos, fachos de lanternas varrendo a vegetação retorcida, vindo na minha direção.

Ainda estão vindo. O gerente provavelmente proclamou uma *fatwa* para mim.

Fui até a beirada do penhasco. Não era uma queda reta até a água, tinha uma leve inclinação, pontuada por arbustos. Agarrando uma planta para me segurar, comecei a descer escorregando, os pés à frente, criando uma avalanche de pedras soltas e areia. Lanternas já inspecionavam a vegetação logo acima de mim, os gritos dos homens quase inaudíveis por causa das ondas. Pressionei as costas nas pedras, esperando que avançassem, depois prossegui com pressa, muitos dos arbustos sendo arrancados pelos meus punhos, de modo que segui em queda livre até conseguir agarrar uma raiz que sustentou meu peso.

Cheguei a uma saliência rochosa que se projetava sobre a praia.

A maré subira. Não havia praia — apenas ondas de um metro e meio, que recuavam por alguns segundos de fúria, expondo o rochedo pontiagudo ao longo da base do penhasco, antes de se lançar à frente agressivamente, irrompendo em explosões violentas nas rochas.

Esperei, procurando alguma movimentação acima de mim.

Estava em segurança. Ninguém seria idiota o bastante para me seguir até ali.

Mas no instante em que pensei isso, pude ver duas figuras escuras se curvando, gritando comigo.

Desci mais alguns metros, alcançando uns pedregulhos. Comecei a engatinhar entre eles, seguindo para oeste, me movendo mais depressa quando as ondas recuavam. Após alguns minutos, consegui ver o esqueleto esguio do que só podia ser a escada de Duchamp, bem à frente, se erguendo das ondas.

Fui na direção dela. Luzes de lanternas apareceram de repente no alto do penhasco, varrendo a praia, os fachos deslizando sobre as pedras a apenas alguns metros de onde eu estava agachado.

Eles estavam esperando. A luz passou sobre mim.

Gritos abafaram as ondas. Saí outra vez, mais rápido, meio que esperando balas ricochetearem nas pedras ao meu redor.

Quando cheguei à base da escada, enfiei as botas entre duas pedras, me firmando, e olhei para cima. Um segurança tentava descer, a estrutura inteira tremendo devido a seu peso. Agarrei a viga mais podre e, após algumas

tentativas, consegui arrancá-la, uma grande parte da balaustrada se soltando com ela. Joguei-a na água atrás de mim e corri sobre as rochas, encharcado por causa de outro ataque das ondas.

Após mais alguns metros, olhei para trás rapidamente.

O segurança caíra em um trecho de escada acima do que eu havia desmontado e se agarrava à face do penhasco, aparentemente esperando ajuda. Avancei, escalando um trecho precário onde não havia muitos pontos em que se segurar, e assim que comecei a *me sentir fora de perigo*, uma onda enorme se lançou de repente contra as pedras.

Perdi o controle. Caí de costas, meus ouvidos se enchendo com o barulho ensurdecedor enquanto era jogado de cabeça para baixo, engasgando com a água salgada. Consegui subir à superfície, ofegando, mas em segundos outra onda avançou, me puxando para trás antes de me jogar contra o penhasco. Batendo as pernas com toda a força que tinha, fui arremessado sobre outro pedregulho e consegui subir nele, tossindo água salgada.

Ergui a cabeça, os olhos ardendo. Estava sozinho em uma pequena enseada. Eu me sentei encolhido na pedra, esperando um dos seguranças aparecer.

Nenhum surgiu.

Quando o céu começou a ficar cinza-prateado, vi, semicerrando os olhos na direção da praia, uma faixa de areia. Eu me joguei nela, começando a correr, passando por condomínios silenciosos, e, ao longo da cerca de madeira que delimitava Whaler's Way, o beco deserto entrou em foco na manhã pálida.

Parei, olhando para o estacionamento vazio.

Meu carro tinha sumido.

Perturbado, fui para a rua Emerson e o Sea Haven Diner, examinando o estacionamento. Não havia sinal do meu carro, apenas uma picape prata e um Subaru. Ao entrar, vi que o lugar estava vazio, a não ser por um velho em um nicho no fundo e uma garçonne ruiva apoiada no balcão lendo uma revista.

— Você parece um naufrago — disse ela quando me aproximei.

— Estou procurando uma jovem. Loura. Vestido verde. Ela esteve aqui?

A mulher sorriu em reconhecimento.

— Está falando de Nora?

— Exatamente.

— Claro, ela estava aqui.

— Bem, onde diabo está agora?

— Não tenho ideia. Levantou-se e foi embora há cerca de uma hora.

Deslizei para um dos bancos do balcão e tirei minha jaqueta de couro, que ainda pingava água salgada.

— Vou querer um café, três ovos fritos, bacon, torrada, suco de laranja.

A garçonete desapareceu atrás da porta vaivém. Quando voltou com meu café, suspirou fundo e cruzou os braços.

— Ela recebeu um telefonema de um cara. Saiu correndo daqui muito agitada.

Olhei para ela, tomando um gole.

— Um telefonema no celular dela?

— *Não*. O sinal de celular aqui é uma bosta. Só há uma barra de sinal. Ele ligou para a lanchonete e a chamou pelo nome. Imagino que você seja o pai dela vindo buscá-la?

Ela não esperou minha resposta, simplesmente assentiu, entendendo.

— Não sei como vocês pais suportam isso. As garotas sempre indo atrás dos caras rebeldes. E tem a internet, que torna tudo dez vezes pior com os *stalkers* e os perversos.

Meu café da manhã chegou logo, *graças a Deus*.

Alguns moradores entraram, mas não havia sinal de Hopper ou Nora.

Depois de comer, tentei ligar para eles — fiquei surpreso ao ver que meu celular ainda funcionava —, mas a garçonete estava certa: sem serviço. Usei o telefone que ficava próximo à caixa registradora, mas o telefone dos dois tocou e caiu na caixa postal.

Quando subi no trem de 9h45 da Long Island Rail Road que me levou de volta à civilização — se é que Manhattan pode ser chamada *assim* —, caí no sono antes mesmo de sairmos da estação.

O ROSTO DO MOMENTO

PEG MARTIN

Sneak entrevista a estrela de 18 anos da primeira série dramática original da HBO, **New Found Glory**, para conversar sobre seu personagem e os boatos de que seu primeiro papel foi em um filme de Cordova.

**“Por que os segredos?
Não sei.”**

Ouvimos um boato de que você teve sua primeira grande oportunidade no último filme de Cordova, *Solitário 3*, que só pode ser visto clandestinamente e é considerado assustador, que assistir é como passar pelo inferno. Estamos mortos de curiosidade: tem alguma verdade nisso?

PM: Não quero falar muito sobre isso. Mas é verdade, eu fui Vivian Jean em *Solitário 3*.

Como você foi parar em um filme de Cordova?

PM: Estava trabalhando depois da escola em uma sorveteria Baskin-Robbins em Vienna, Nova Jersey, quando uma mulher se aproximou e disse que tinha gostado da minha aparência. Falei com Cordova uma vez pelo telefone. Um dia depois ele me ligou e disse que eu conseguira o papel.

“Ela tem uma empatia natural, e você não consegue tirar os olhos dela”, diz Brendan Fraser, ator do drama da HBO New Found Glory.





Imagem de divulgação de *New Found Glory*, da HBO.

Essa é uma versão moderna de Lana Turner sendo descoberta em uma farmácia Schwab em Hollywood. Como foi trabalhar com ele?

PM: Era um papel pequeno. Minhas três cenas foram filmadas em dois dias em um armazém no norte de Nova York. Interpretei uma faxineira e uma esposa vítima de agressões. Meu braço esquerdo deveria estar quebrado e engessado. As figurinistas colocaram gesso de verdade no meu braço para que eu me acostumassem a ter dificuldades. Mas meu namorado, William Bassfender, teve um papel muito maior. Ele é o criminoso que tenta escapar da solitária. Passou três meses filmando, mas não fala sobre isso.

“Ele nunca falou comigo diretamente.”

Por que ninguém fala sobre Cordova?

PM: Quando você trabalha com ele, assina um termo de confidencialidade. O que me lembra de que não tenho mais nada a dizer sobre isso, ou provavelmente levarei uma surra de um assassino de aluguel ou algo assim.

Por que os segredos?

PM: Não sei.

Há muitos boatos sobre Cordova no sentido de que ele não é um, mas vários homens. Outros dizem que na verdade é uma mulher. O que você diz?

PM: Ele é um homem. Mas nunca falou comigo diretamente. Ele me dirigia nas cenas por intermédio da sua assistente, Inez Gallo.

Você nunca o viu de perto?

PM: Não.

Onde podemos conseguir uma cópia de *Solitário 3*?

PM: É impossível. As cópias são muito bem guardadas. Eu mesma não vi.

Você não viu seu próprio filme?

PM: Não. Não gosto de sentir medo.

Onde Cordova mora? Na propriedade The Peak?

PM: Podemos conversar sobre minha série dramática da HBO? Era o que eu deveria estar divulgando.

Claro, mas uma última pergunta sobre Cordova. No que ele está trabalhando?

PM: Minha última fala em *Solitário 3* é: “Os cientistas procuram alienígenas no universo, mas eles estão aqui. Alienígenas que se passam por homens. Eles já invadiram. Para nossa própria segurança, devemos deixá-los em paz.” Isso meio que diz tudo.

QUANDO CHEGUEI À cidade, já passava do meio-dia. Ainda nenhuma notícia de Hopper ou Nora. Peguei um táxi de volta à rua Perry. Nora tinha as chaves, então fiquei pensando se de algum modo ela não conseguira entrar em contato e fora para casa. Mas o apartamento estava vazio, sem recados na secretária eletrônica.

Tomei uma ducha, considerando voltar para a cama, mas estava tenso demais, desconfortável demais — *aborrecido demais*.

Eles deixaram o general caído no campo de batalha. Ou será que alguma coisa tinha acontecido? Não tive tempo para me preocupar com isso, porque meu celular tocou, me lembrando de que Peg Martin, uma das atrizes de *Solitário 3*, estaria na área reservada aos cães no Washington Square Park às 6 horas da tarde. Era a pista que Beckman me dera quase uma semana antes.

Fui para o meu escritório, dei algumas sementes a Septimus e tirei da caixa de anotações a entrevista de Peg Martin à *Sneak* em 1995. Depois da matéria da *Rolling Stone* com Cordova em 1977, fora a única vez em que alguém que trabalhara com ele falara francamente sobre a experiência.

Ela tinha dezessete anos quando apareceu no filme de Cordova, portanto estava com trinta e cinco atualmente.

Coloquei seu nome no Google e apareceram alguns *stills* de *Solitário 3*. Ela só participou de três cenas no filme, uma das quais possuía uma versão granulada no YouTube. Peg interpretara Vivian Jean, uma das empregadas que trabalhava a noite toda limpando as salas do escritório de advocacia Milton, Bowers & Reid, no centro da cidade, e acaba desaparecendo em uma escada dos fundos, nunca mais sendo vista. Pouco antes de sumir, ela diz *Os cientistas procuram alienígenas no universo, mas eles estão aqui. Alienígenas que se passam por homens. Eles já invadiram*. Estava falando do

marido agressivo, como as pessoas que você amava podiam ser monstruosas. Sempre achei interessante que na entrevista Martin tivesse usado *essa* frase para descrever Cordova.

De acordo com o IMDB, após participar de *New Found Glory*, da HBO — um *remake* moderno de *Aconteceu naquela noite*, cancelado após apenas uma temporada —, Peg Martin participou do *faroeste* da ABC *Dust Up*, ao lado de Jeff Goldblum. Após 1996, ela não tinha mais nenhum crédito. Não havia mais informações atualizadas sobre ela nem indicação do que fizera da vida, embora eu me lembrasse de Beckman ter mencionado que se viciara em heroína — provavelmente o motivo para ter tido uma carreira tão breve no cinema.

Conferi o relógio. Eram quase cinco horas. Precisava ir. Mas um homem solitário vagando por um parque público sendo amistoso, fazendo perguntas demais, iria disparar todos os alarmes.

Eu precisava de uma isca.

— A SRA. Quincy telefonou para me alertar de que o *senhor* estaria aqui — anunciou Dorothy, me examinando ceticamente por sobre a armação dos óculos. — Mas *não* meia hora mais cedo. Samantha está no meio de sua audição para *Quebra-nozes*.

Dorothy era a czarina grisalha que comandava a Manhattan Ballet School com mãos de ferro. Eu já a encontrara antes, e toda vez ela me tratava como se eu fosse um fugitivo de um gulag siberiano.

— Certo, mas temos uma reserva no Plaza para um chá entre pai e filha.

— Se o senhor a tirar *agora*, ela não estará mais na disputa para receber um papel de boneca de Herr Drosselmeyer. Poderá até nem chegar à cena da festa.

— Vamos lá, Dorothy. Sam tem que fazer a cena da festa. Ela *é* a cena da festa.

Dorothy suspirou, cedendo.

— Vá em frente.

Piscando para ela, me virei e segui em passos rápidos pelo saguão até o salão de baile onde eles tinham aulas, o piso de madeira rangendo sob meus pés. Ligara para Cynthia para perguntar se poderia passar algumas horas com Sam naquela tarde — compensando o fato de ter adiado a sua visita —, e milagrosamente ela concordara. Não entrei exatamente em detalhes do *que* estaríamos fazendo durante essas horas, mas não importa o que acontecesse a Peg Martin, Sam gostaria da área reservada aos cães, e depois eu a levaria para jantar e comer um sundae com calda quente no Serendipity 3.

Encontrei Sam no fim do salão, em um estúdio de dança iluminado pelo sol e com Tchaikovski tocando nas alturas. Dançava em um grupo de garotas de cinco anos. Todas mantinham os braços acima das cabeças, enquanto

pulavam. Sam parecia pronta para o Bolshoi: collant vermelho berrante, meia-calça branca, sapatilhas e tutu branco. Estava bem na frente, observando a professora mostrar os passos.

Bati na porta de vidro.

As crianças ficaram imóveis. A professora esticou o pescoço comprido, me examinando, atenta.

— *Sim*, senhor? Posso ajudá-lo?

Dei um passo para dentro.

— Vim buscar a Samantha.

EMBORA ESTIVESSE ESCURECENDO, o Washington Square Park estava cheio de estudantes e skatistas, casais enamorados, um dançarino de *break* com um aparelho de som dos anos oitenta que atraía uma pequena multidão. A maioria das mulheres parou no meio da conversa para observar, atordoadas e encantadas, enquanto Sam avançava diante delas segurando minha mão com força. Embora tivesse concordado em colocar o casaco preto e a mochila rosa da Rapunzel, recusara-se a tirar o tutu, a meia-calça e as sapatilhas de balé.

— Ela é uma mulher muito legal — falei. — Vamos conversar com ela e conhecer seu cachorro por alguns minutos. Certo?

Sam assentiu, afastando os cachos dourados do rosto.

— O que há de errado com sua mão? — perguntou ela.

Depois de minha fuga da Oubliette pelo despenhadeiro, minhas mãos estavam terrivelmente cortadas.

— Não precisa se preocupar. Seu pai é *durão*. Agora me conte as novidades sobre mamãe. Ela ainda está trabalhando na galeria?

Sam pensou.

— Mamãe tem um problema com Sue — respondeu.

— A gerente. Elas sempre bateram de frente. E quanto a seu padrasto?

— Bruce? — esclareceu ela.

Bom. Ele ainda era um nome, como eu. Graças a Deus não era papai.

— É, Bruce. As autoridades já o investigaram? Alguma prisão por transações ilegais que eu deva saber?

Ela semicerrou os olhos para mim.

— Bruce tem um pneuzinho.

— Mamãe disse isso?

Sam assentiu, se pendurando pesadamente em meu braço.

— Mamãe o obriga a beber suco verde e Bruce vai para a cama com fome.

Então o Velho Quincy ganhara uns quilos e estava sendo submetido a uma das famosas limpezas por sucos de Cynthia. De repente, me senti ótimo.

— Mamãe fala de *mim* de vez em quando?

Sam pensou nisso por um minuto, depois anuiu.

— É mesmo? O que ela diz?

— Que você precisa *muito de ajuda*. — Ela chegou até a imitar a inflexão moralista de Cynthia. — Diz que está transtornado e agindo como um *adolescente galinha*.

Transtornado. Transando com uma adolescente galinha. Eu deveria ter parado de fazer perguntas depois do *pneuzinho*.

Eu me curvei, pegando Sam nos braços porque tínhamos chegado à área reservada aos cães, um local cercado no limite sul do parque. Estava lotado de cachorros agitados e seus donos mudos, que circulavam pela periferia como pais superprotetores, observando nervosos, armados e prontos com guias, bolas, sacos plásticos e petiscos.

— Certo, querida. Estamos procurando um cachorro preto e grande e uma mulher de cabelo vermelho, com trinta e poucos anos. Quando os vir, seja discreta. Nada de apontar. Nada de gritar. *Fique calma*. Entendeu?

Sam assentiu, olhando. Então, de repente, guinchou e me chutou. Fez uma careta, apontando, mas só com o *mindinho*.

— Está vendo eles?

Ela balançou a cabeça novamente.

Com certeza — na área mais distante do parque havia uma mulher macilenta de cabelo vermelho e um velho labrador preto curvado no banco ao lado dela.

— Fantástico trabalho de vigilância, querida. Eles podiam aproveitar você na Segurança Nacional.

Parei um momento para olhar atrás de nós, para ter certeza de que ninguém observava. Eu estava atento desde que voltara para a cidade, para o caso de ter mais sinais de Theo Cordova, mas não notara nada fora do comum.

Destranquei o portão, e entramos.

OBSERVEI SAM EXECUTAR as ordens que lhe foram dadas com precisão e pose. *A garota daria um baita Boina Verde.* Ela realmente fizera a coisa toda parecer por acaso. Para começar, a caminho de Peg Martin, ela parou e se agachou ao lado de um chihuahua branco minúsculo que vestia um tecido mais brilhoso do que uma prostituta de Newark. Fez festinha *naquele* cachorro por um minuto antes de ir até o labrador preto. Cynthia claramente enfiara na cabeça dela que era preciso pedir permissão antes de tocar qualquer animal estranho, porque a ouvi perguntar educadamente a Peg Martin e depois ao próprio cachorro se ambos se incomodavam que ela fizesse carinho nele.

Ambos devem ter ficado contrariados, pois Sam, de forma muito gentil e respeitosa, começou a tocar o alto da cabeça grisalha do velho cão, seus olhos cansados e sem piscar. Começou apenas com o mindinho, acariciando o pequeno ponto bem entre as sobrancelhas do cão.

Passei pelos donos de pé ao redor da cerca e fui até eles.

— Tudo bem se ela fizer carinho nele? — perguntei, me dirigindo a Peg Martin.

— Claro — respondeu ela, me olhando.

— Ele não morde?

A atenção dela estava voltada para os cachorros à frente.

— Não.

Era Peg Martin, certo.

Seu cabelo estava mais ralo, pintado em um tom de vermelho artificial, algo entre folhas de outono morrendo e beterraba. Ela fora uma presença tão vibrante e excêntrica em *Solitário 3*. Tantos anos depois, parecia apagada e lavada, com uma exaustão que brotava dos ossos.

— Qual seu nome? — perguntou Sam ao cachorro, mas ele não respondeu.

— Qual o nome dele? — perguntei a Peg.

Pareceu irritada por me dirigir a ela novamente.

— Leopold.

— *Leopold* — repetiu Sam.

Ela acariciava o alto da cabeça dele com a mão bem reta, feito uma espátula. *Como se estivesse cuidadosamente colocando cobertura em um bolo.*

— Você me parece familiar — falei, olhando para Peg. — Você não dá aulas na escola dominical em Saint Thomas, dá?

Ela pareceu agitada.

— Ahn, *não*. Essa, ahn, certamente não seria eu.

— Devo ter me enganado.

Ela abriu um sorriso fino, voltando a atenção para os cães.

Também fiquei um minuto olhando para eles, sem parecer ansioso. Um dalmata muito agitado era o líder da matilha. Aquela chihuahua branca vestida de forma extravagante circulava — ganindo, desesperada por um cliente —, mas todos os cachorros estavam fascinados por uma bola de tênis encharcada.

— Certo — falei. — É um chute, e você provavelmente vai achar que sou maluco.

Ela me olhou, desconfiada.

— *Solitário 3*. A empregada com braço quebrado. Era você, não?

Ela piscou, surpresa. Nunca tinha sido reconhecida. Eu estava certo de que exagerara, parecendo um pouco impressionado demais, mas ela assentiu.

— Isso mesmo.

— Você estava brilhante. A única coisa que me impediu de surtar.

Ela sorriu, corando.

É uma verdade universalmente conhecida que nenhum ator nunca se cansa de ouvir que estava brilhante em um papel.

— Tenho que perguntar. Como ele era? Cordova.

O sorriso dela desapareceu como a chama de um fósforo soprado. Conferindo o relógio, pegou a alça da mochila, posicionando-a na dobra do braço, prestes a partir. Mas então, para meu alívio, Sam conseguira cativar Leopold. Ele abanava o rabo, que se movia como um limpador de para-brisa. Ao ver isso — e Sam discutindo em voz baixa com o cachorro algo de grande importância —, ela hesitou.

— Uma tragédia o que aconteceu à filha dele — observei.

Peg coçou o nariz.

— Mas não me surpreende — continuei. — Para criar uma obra de arte tão distorcida e visceral o homem só podia ser terrível na vida pessoal. Tem que ser. Veja Picasso. O'Neill. Tennessee Williams. Capote. Será que eles eram felizes e reluzentes? Não. Só os maiores demônios pessoais podem forçar a pessoa a produzir uma obra poderosa.

Imaginei que se bombardeasse a mulher com palavras ela poderia não se levantar e ir embora. Estava recostada no banco, me observando com uma expressão atenta.

— Talvez — disse ela. — De fora você nunca é capaz de dizer como é uma família. Mas eu só...

Ela ficou em silêncio porque aquela maldita bola de tênis acabara de rolar exatamente para trás dos pés dela. Ela se curvou e a agarrou, os cachorros paralisados, incrédulos, bocas fechadas, orelhas em pé. Ela a jogou, recostando-se novamente enquanto os animais disparavam pelo cascalho.

— Você só...? — instiguei em voz baixa.

Céus, deixe a mulher falar. E fique calmo, pelo amor de Deus.

— Quando começaram a filmar *Solitário* — começou ela, me olhando —, ele convidou meu namorado para passar a tarde com a família dele na casa. The Peak. Nunca fazia coisas assim. Ele era recluso. Pelo menos era o que eu ouvira dizer. Mas a esposa dele estava organizando um piquenique. Faziam isso sempre no verão. Billy foi convidado. Então fui junto.

Ele era recluso. Estava se referindo a Cordova.

E Billy — só podia ser William Bassfender, o namorado que ela mencionara na entrevista à *Sneak*. Ele era o escocês musculoso e tatuado que interpretara o prisioneiro na solitária, o Espécime 12. Se bem me lembro,

depois de *Solitário 3*, Bassfender atuara em uma peça no West End de Londres e estava prestes a participar do *Nixon* de Oliver Stone quando morreu em um acidente de carro na Alemanha.

Voltei meu olhar para os cães para que ela não percebesse que eu estava atento a cada palavra.

— Foi surreal. Verdade que qualquer família que ficasse junta sem gritar ou cair de bêbada pareceria surreal para mim. Mas, mesmo agora, acho que havia mais amor e alegria naquela família do que vira antes ou depois daquilo. — Ela balançou a cabeça, incrédula. — Eles tinham um idioma próprio.

Eu a encarei.

— O quê?

— O filho de Cordova, Theo, *inventou* uma língua para a família. Usavam-na para conversar, contando piadas e rindo, o que os tornava ainda *mais* intimidantes. Lembro-me de Astrid me explicar como se fosse ontem. “Os russos têm dezesseis palavras para o amor. Nosso idioma tem vinte.” Ela pegou todos os cadernos que Theo havia feito. Escrevera o próprio dicionário, grosso como uma bíblia, cheio de regras gramaticais e conjugações dos verbos irregulares que inventara. Astrid me ensinou algumas palavras. Nunca esqueci. Uma era *terulya*. Significava amor profundo, um amor que escava a pessoa. É algo que você precisa experimentar antes de morrer, para ter vivido. Lembro-me de ter ficado chocada com o fato de um adolescente ter inventado tudo aquilo. Mas todos eles eram assim. Absorviam a vida com os próprios corpos. Nenhum deles era restringido por nada. Não havia limites.

Ficou em silêncio, talvez até com uma leve inveja da família que estava descrevendo. Cruzou os braços, novamente franzindo o cenho para os cães.

— Um *piquenique* — repeti, estimulando-a a continuar falando.

— Fazia um dia bonito. Assim que você entrava na propriedade, seguia por um longo caminho em meio às árvores. E no final se erguia a casa, uma mansão enorme dominando a colina como um castelo de conto de fadas. Estava deserta. Billy e eu esmurramos a porta e contornamos a casa, indo até os jardins. Não havia sinal de ninguém. Finalmente, após vinte minutos, a

enorme porta da frente se abriu e um japonês surgiu ali de pé. Tinha acabado de acordar e não falava inglês. Vestia um pijama de seda verde, tinha uma espada na cintura e saiu, esfregando os olhos, bocejando, dizendo algo em japonês enquanto fazia um gesto para que o seguissemos. Ele nos levou ao lago. Era onde todos estavam. Um grupo sentado sobre colchas brancas sob guarda-chuvas brancos. Estavam todos lá, exceto Cordova. Trabalhava naquele dia. Pelo menos foi o que disseram. — Respirou fundo. — Era como entrar em uma pintura. Na sequência de um sonho. Havia astros do cinema, como Jack Nicholson e Dennis Hopper, mas eles não eram a atração principal. Havia astronautas falando sobre o espaço sideral. Um antigo membro da CIA que vivia fora do radar e guardava na carteira a matéria do *New York Times* anunciando sua morte. Um dramaturgo famoso. Um padre local que vagara pelo mundo por quinze anos e voltara para casa. O filho de Cordova, Theo, estava lá. Tinha dezesseis anos e era deslumbrante, fotografava tudo com uma velha câmera Leica, se enfiando até o peito nos charcos para tirar fotos de libélulas lutando. Estava tendo um caso muito intenso com uma mulher chamada Rachel, dez anos mais velha. Que também estava lá. Lembro-me de alguém dizer que ela participara de algum dos filmes de Cordova.

— Qual deles?

— Não lembro. — Ela abriu um sorriso melancólico. — O cenógrafo de Cordova construíra para a família uma frota de barcos a vela de cores brilhantes para navegar no lago. *Navios piratas* era como todos os chamavam. Havia uma matilha de cães, parte lobos. Um dos convidados contou a história de como os Cordova os tinham resgatado no meio da noite de um fazendeiro que os criava para rinhas. *Essas* eram as histórias reais que contavam. A mãe de Cordova estava lá. Não falava inglês, estava morrendo de câncer. Eram muito gentis com ela, colocando-a em uma cadeira no deque para que ficasse debaixo de um guarda-sol, tomando Limoncello. Jurei para mim mesma que se um dia tivesse a sorte de ter uma família, queria que fosse como *aquela*. Era a experiência viva de uma fantasia. Passei a maior parte da tarde com um filósofo francês e Astrid, que ensinava pintura a óleo para todos. Todos tínhamos cavaletes ao longo da margem do lago, e ficamos de

pé ao vento, pintando. Quando Billy e eu fomos embora, o sol se punha e tive uma terrível sensação de luto, como se tivesse passado a tarde em uma ilha paradisíaca e então o oceano estivesse me puxando de volta e eu nunca conseguiria retornar.

— Parece Shangri-lá — falei, quando ela não prosseguiu.

Ela olhou para mim distraída, sem dizer nada, e lamentei ter falado, com medo de ter quebrado o feitiço no qual estivera absorvida, relembrando aquele dia. As palavras tinham sido cuspidas; para minha surpresa saíram dela como uma fonte, que passara anos seca. Agora ela parecia lamentar ter dito algo.

— Em que ano foi isso? — perguntei, indiferente.

— O ano da produção de *Solitário*. Primeiro semestre de 1993, acho.

O aniversário de Ashley era 30 de dezembro de 1986. Se foi no primeiro semestre, ela tinha seis anos na época.

— Você conheceu Ashley? — perguntei.

Peg assentiu, relutando em prosseguir, mas então pareceu ser incapaz de deixar uma pergunta tão vibrante pairando no ar.

— Ela era bonita. Tinha um cabelo escuro e curto, quase preto. Como um espírito. Olhos cinza-claros. — Ela sorriu, animando-se de repente. — Eu tinha dezessete anos. Não estava nem aí para crianças. Mas do nada Ashley pegou minha mão e me levou até uma área deserta do lago onde havia um salgueiro, a grama era alta e a água, verde-esmeralda. Ela me perguntou se eu conseguia ver os *trolls*. Ainda me lembro dos nomes. Elfriede e Vanderlye. Ela soltou minha mão e saiu correndo pelo campo atrás de uma borboleta, que era enorme, aliás, de um tom vermelho brilhante e laranja, como se aquela propriedade tivesse insetos únicos. Naquela época eu acreditava em *trolls*. Ainda acredito.

Ela se calou, parecendo constrangida com seu entusiasmo. Sam, percebi, encarava Peg, escutando com bastante atenção.

Estava escuro no parque, os estranhos de pé ao longo da cerca, anônimos. Os olmos gigantescos com galhos esticados mergulhavam cada vez mais na escuridão, sumindo. A matilha de cães continuava agitada, uma massa borrada branca e marrom de arfados e cascalho voando.

— Eu me agarrei àquele dia como a um cartão-postal desbotado — continuou Peg com voz fina. — Algo que você coloca em um álbum de recortes para se lembrar da felicidade perfeita; que aquilo *de fato* existe, por um momento, como um raio repentino cortando o céu. Quando li o que aconteceu a Ashley, não consegui acreditar. Eu não a conhecia muito bem, mas... Pareceu repentino demais. E *errado*. Se você tem uma família como aquela e ainda assim não é capaz de suportar este mundo, que esperança há para o resto de nós aqui?

Deu um sorriso triste, desviando o olhar.

— Como foi trabalhar com ele?

Eu me encolhi em silêncio com a pergunta invasiva. Felizmente ela apenas deu de ombros.

— Eu tinha um papel muito pequeno. Só fiquei dois dias no estúdio. Na verdade não entendia nada do que estava acontecendo, porque a equipe era mexicana e a assistente de Cordova dava todas as instruções em espanhol.

— A assistente dele... Está falando de Inez Gallo?

— É. Mas a equipe toda a chamava de *coiote*.

— *Coiote*? Por quê?

— Não faço ideia — respondeu ela.

— Ainda mantém contato com Cordova? Ou com alguém daquela época?

Peg negou com um aceno de cabeça.

— Depois de conseguir sua interpretação, extrair o que queria, como um cirurgião retirando órgãos, ele não precisava mais de você. Após meus dois dias de filmagem, tudo acabou.

Ela se virou para abrir a mochila, tirando uma guia de cachorro e prendendo-a à coleira de Leopold.

— Na verdade tenho que ir.

Ela estava a segundos de ir embora. Eu queria mais tempo, fiquei tentado a jogar a cautela ao vento e persistir, enchendo a mulher de perguntas, qualquer coisa para que continuasse a falar, a me contar mais. Mas senti que sua sinceridade murchava, o momento já tinha passado.

Ela se levantou, se curvando para ajudar o cachorro a descer do banco. Ele se moveu como um velho artrítico. Peg chegou a pegar as pernas de trás

do cachorro, colocando-as no chão, e se virou para mim com um sorriso desinteressado.

— Cuide-se.

— Você também.

E então ela e Leopold se foram, duas figuras se movendo lentamente, ignorando a matilha de cães que passava correndo por eles.

— Ela é uma moça legal? — perguntou-me Sam, afastando os cachos dos olhos.

— Muito legal.

Sam subiu no banco ao meu lado, sentando-se perto, olhando diretamente para mim.

— Ela é triste? — perguntou.

— Não, querida. Ela é vivida.

Sam pareceu aceitar isso. Era uma das coisas que adorava nela. Eu podia fazer uma observação ambígua sobre os seres humanos, suas falhas ou hipocrisias, sua dor profunda, e ela aceitava o comentário como um velho negociante de diamantes que recebe uma pedra bruta, vira-a na palma da mão e coloca-a no bolso para ser examinada e lapidada depois, e continua seu caminho.

Sam coçou a bochecha e cruzou os dedos no colo — copiando o modo como os *meus* dedos estavam trançados —, e os observamos partir em silêncio.

Leopold esperou no portão enquanto Peg o destrancava, e o atravessou mancando. O cachorro então parou, virando a cabeça para ver Peg trancar o portão atrás deles e enfiar as mãos nos bolsos — tudo isso parecendo um lento movimento coreografado que somente os casais mais velhos podiam executar, e só após alguns anos.

Seguiram para o parque, e quanto mais se afastavam, mais deixavam de ter qualquer aspecto discernível, a não ser o fato de que estavam juntos. E mesmo no ponto mais distante, quando eram apenas duas silhuetas escuras se movendo lado a lado, ainda era possível ver que formavam uma dupla notável.

— A SRA. Quincy está *descendo* — disse o porteiro, desligando o interfone.

Eu me curvei até Sam. Suas sapatilhas de balé estavam sujas, e o tutu, um pouco amassado, mas fora isso parecia bem.

— Estou orgulhoso de você, docinho — falei.

As portas do elevador se abriram. Cynthia surgiu vestindo uma blusa branca engomada, calça jeans, uma impressionante cabeleira dourada, mocassins de camurça. Podia ver pelo seu rosto sorridente que estava furiosa.

— Oi, meu amor — disse a Sam. — Espere pela mamãe perto dos elevadores.

Sam piscou para ela e obedientemente cruzou o saguão de mármore.

Cynthia se virou para mim.

— Eu disse *seis*.

— Eu sei...

— Ela estava fazendo um teste para *O quebra-nozes*.

— Eu resolvi isso com Dorothy. Ela vai fazer a cena da festa.

Ela suspirou, atravessando de volta o saguão.

— Só não se esqueça de quinta-feira — acrescentou ela por cima do ombro.

— Quinta?

Ela se virou.

— Bruce e eu estamos indo para *Santa Barbara*.

— Certo. Sam vai passar o fim de semana comigo.

Lançando um olhar de aviso — *Não estrague tudo* —, ela pegou Sam pela mão, e as duas entraram no elevador. Ergui a mão, acenando, e Sam sorriu enquanto as portas se fechavam.

A TARDE QUE Peg Martin descrevera em *The Peak* soara quase idílica demais para ser real. Mas na época ela tinha apenas dezessete anos, era sem dúvida insegura e impressionável, de modo que era possível que tivesse tomado liberdades criativas com as lembranças sem sequer notar. Considerando o tema aterrorizante de Cordova, parecia improvável que sua casa e seu local de trabalho fossem tal paraíso abençoado. *Quão perto de sua obra é a vida real de um artista?* Estudantes de doutorado escreveram dissertações sobre o tema. Mas, quando Peg descrevera Ashley conduzindo-a ao lago onde viviam os *trolls*, houve algo inegavelmente honesto no episódio, e também quando ela descrevera Cordova como um cirurgião retirando órgãos, deixando seus atores para a morte.

Dentro de cada mentira elaborada, uma semente de verdade.

Entrei em meu apartamento, notando que vinha uma música da sala de estar. Joguei meu casaco na cadeira, indo para a sala a passos largos para encontrar Nora enrolada na poltrona de couro, com o periquito Septimus pousado em seu joelho. Hopper estava jogado no sofá, examinando alguns papéis. As três velas de reversão que Cleo nos dera na Encantamentos queimavam na mesinha de centro diante dele, ao lado de uma caixa de pizza.

— Você chegou! — anunciou Nora animada.

— Não me diga — ironizei. — Os *dois* perderam os celulares e um vendaval arrancou todas as linhas fixas da Costa Leste.

— Nós *lamentamos*. Mas tivemos uma boa razão para desaparecer.

Ela olhou significativamente para Hopper, e ele sorriu. Havia alguma excitação partilhada entre ambos.

Ele estendeu os papéis, e eu os peguei. Eram quinze páginas, uns dois mil nomes. Muitos eram de empresas ou apelidos bizarros como Marquês de

Roche.

— É a lista de sócios da Oubliette — disse Nora, animada.

— Posso ver. Como conseguiram isso?

— Não foi fácil — disse Hopper orgulhoso, colocando as mãos atrás da cabeça. — O lugar se tornou uma Faixa de Gaza depois que você foi embora. Mas, como eu estava com uniforme de garçom, ninguém olhou mais de uma vez para mim. Conversei com uma das meninas, ou pelo menos *acho* que era uma menina. Ela me disse como chegar ao porão onde ficam os escritórios. Encontrei um vazio, entrei no computador, procurei *sócios* no disco rígido. Apareceram uns arquivos de Excel. Acessei meu e-mail, mandei os arquivos para mim mesmo, limpei a memória e saí. Só que eles aparentemente repassaram os vídeos de monitoramento e me viram salvando sua pele, então dois seguranças me perseguiram lá fora até a propriedade vizinha. Tive que invadir a casa, telefonei para Nora ir me buscar. Consegui descrever para ela o maldito lugar em que estava.

— Foi uma fuga de verdade — acrescentou Nora. — Pneus cantando. Eu me senti em *Thelma e Louise*.

— Achei que você era Bernstein — falei.

— Nora estacionou, faróis apagados — continuou Hopper. — Saí por uma janela, cruzei o jardim e sumimos de lá.

— Que hora foi isso?

Nora olhou para Hopper, incerta.

— Quatro?

— Esperei na lanchonete até às nove. O que vocês ficaram fazendo por cinco horas?

— Voltamos à Oubliette porque eu queria dar uma olhada — contou Nora. — Nós nos escondemos na porta ao lado, esperando falar com alguns dos convidados quando saíssem e perguntar se reconheciam Ashley, mas não conseguimos abordar nenhum. Todos pareciam exaustos, levados embora por funcionários em carros caros e limusines. Um cara em cadeira de rodas parecia *morto*. E havia seguranças demais.

— Vocês não pensaram em telefonar? Abandonaram o chefe, *el jefe*, no campo sem um aviso sequer?

Hopper se levantou, bocejando e se espreguiçando.

— Vejo vocês amanhã cedo.

— Amanhã cedo? — reagi.

Nora assentiu.

— Vamos colocar cartazes anunciando Ashley como pessoa desaparecida amanhã perto do 83 da rua Henry — disse ela, me entregando um folheto com a foto escaneada de Ashley que Nora achara em Briarwood.

VIU ESTA GAROTA? OFERECEMOS UMA BOA RECOMPENSA POR INFORMAÇÃO RELEVANTE. POR FAVOR, LIGUE LOGO.

— Vamos descartar os trotes perguntando a cor do casaco que Ashley vestia.

Hopper foi embora, e segui para meu escritório, deixando Nora rabiscando em seu caderno. Hopper ter conseguido a lista de convidados foi um trabalho investigativo de *primeira*, muito melhor do que qualquer coisa que eu tenha arranjado recentemente — embora *não* fosse admitir isso. Passei as horas seguintes comparando a lista de convidados da Oubliette com uma lista de atores de Cordova, qualquer um relacionado ao mundo dele, para o caso fortuito de *um* nome aparecer em *ambas* — inutilmente. Mas isso eliminou uma possibilidade: a pessoa que Ashley tinha ido encontrar na Oubliette — *aquele Aranha* — provavelmente *não* estava relacionada ao trabalho do pai. *Seria um amigo dela? Um estranho? Alguém ligado à sua morte?*

Desliguei a luminária e esfreguei os olhos, voltando ao corredor.

O apartamento estava em silêncio. Nora apagara as velas de reversão antes de subir as escadas, mas notei que os pavios ainda tinham um brilho laranja, como se recusando a se extinguir, *três pontos laranja no escuro*. Eu as agarrei e as joguei na pia da cozinha, abrindo torneira até ter certeza de que os pavios estavam apagados, depois fui para a cama.

— HOPPER PROMETEU estar aqui — disse Nora, dirigindo os olhos para o quarteirão vazio. — Colocar os cartazes foi ideia dele.

Eram nove horas da manhã, e estávamos de volta ao 83 da rua Henry com cem folhetos com o rosto de Ashley estampado. Decidimos nos dividir: eu cobriria os quarteirões a oeste da Manhattan Bridge até East Broadway e Bowery, enquanto Nora cuidava de tudo a leste da ponte.

O bairro era predominantemente chinês, então duvidava de que nosso folheto em inglês nos levasse muito longe. Colar cartazes, como se Ashley fosse um gato fugido, não era exatamente meu estilo, mas não faria mal. Com Theo Cordova nos seguindo eu já não podia esperar manter a investigação em segredo. Então por que não ir na direção oposta, ousadamente cobrindo o bairro com o retrato de Ashley e ver aonde isso nos levava?

Colei o folheto em postes, cabines telefônicas, caixas de correio. Uma chinesa de bicicleta, com sacolas de compras laranja balançando no guidom, freou para ver o que eu estava fazendo, torceu o nariz e seguiu. Alguns homens em mercearias se recusaram a me deixar colocar o cartaz de desaparecida após verem do que se tratava, balançando as cabeças e me expulsando de suas lojas.

Após isso acontecer pela *sexta* vez, fiquei pensando se temiam que uma caucasiana desaparecida lhes desse azar ou se tinham visto algo na foto de Ashley de que não gostaram. Ou talvez tivessem um motivo ainda mais perturbador: *eu parecia trabalhar para a Imigração*.

A reação foi oposta no Salão de Beleza Hao, na rua Madison. A recepcionista adolescente, a gerente, duas cabeleireiras e uma cliente (roupão rosa, cabelo envolto em papel-alumínio) me cercaram sorrindo e falando um cantonês entusiasmado. Tiveram muito cuidado ao colocar o folheto de

Ashley na vitrine ao lado de um cartaz desbotado de depilação de sobrancelhas, e quando fui embora elas acenaram como se eu fosse um parente amado que não viam havia quarenta anos.

E quanto mais eu andava pelas ruas, passando por restaurantes chineses, lojas de presentes, salões de cabeleireiro unissex, carpas brancas e laranja nadando em vitrines de pet shops, mais tinha a sensação de estar sendo observado. Mas sempre que conferia os arredores — uma vez até entrando em uma lavanderia e olhando para fora — não notava nada suspeito.

Fiquei pensando se a sensação era fruto da força do olhar de Ashley, tão vivo e insistente. Todos os cartazes de “desaparecido” eram perturbadores, a pessoa perdida sorrindo em uma fotografia tirada em festa de aniversário ou *happy hour*, ignorando totalmente seu destino. Contudo, Ashley, sozinha naquela mesa de piquenique em Briarwood, tinha uma seriedade, até mesmo uma compreensão, como se soubesse o que esperava por ela semanas à frente.

Contudo, enquanto caminhava, percebi que estava totalmente certo. Eu *vinha* sendo observado — *pelo bairro inteiro*. A ideia de Hopper de colocar aqueles cartazes não era tão simplista, pois se *eu* me destacava tanto, atraía tantos olhares hostis e curiosos — em dado momento ergui os olhos para um prédio antigo e vi que uma idosa puxara as cortinas rendadas para me observar —, então Ashley também fora notada.

Todos deveriam tê-la visto, a observado, imaginado algo enquanto ela circulava de casaco vermelho por aquelas calçadas.

Agora só precisávamos que um deles tivesse a coragem de telefonar.

— TOM-MAY! — BERROU O cara da recepção com um forte sotaque novaiorquino, se virando para os doze tatuadores que trabalhavam atrás dele. — Estes caras têm uma pergunta para você!

O Rising Dragon era um estúdio de tatuagem espaçoso e iluminado no segundo andar de um prédio sem elevador na rua Quatorze Oeste. Era animado do lado de dentro, sem o clima agressivo que havia em alguns outros estúdios de tatuagem da cidade, onde sujeitos de queixos quadrados brandindo as máquinas de tatuar faziam parecer que a tinta era apenas um bico, pois sua principal função deveria ser matador de aluguel.

A luz era limpa e clínica, paredes decoradas com decalques e estênceis emoldurados de tatuagens de corpo inteiro, crânios, Budas e guerreiros, padrões tribais maori, prateleiras abarrotadas de garrafas de tinta colorida e iodo. “Heart-Shaped Box”, do Nirvana, berrava de alto-falantes.

— Pergunte se são policiais! — soou em resposta a voz masculina entrecortada pelo zumbido das máquinas.

Mas todos os artistas permaneceram curvados sobre seus clientes.

Não tive ideia de quem falara.

— Vocês são policiais? — perguntou o cara, estremecendo com a ideia medonha.

Ele tinha um cabelo louro oxigenado e o rosto permanentemente perplexo de um surfista de Malibu diante de uma onda inesperadamente grande. Tatuagens de lobos rosnavam em seus bíceps.

— Não — respondi.

O garoto assimilou isso por um momento antes de se virar novamente.

— Eles *não* são policiais!

— Mande entrar!

O garoto, balançando a cabeça ao som da música, apontou para uma sala no canto mais distante.

— Podem ir falar com Tommy, o gerente.

Tommy era um homem grande de meia-idade usando luvas de látex pretas. Estava curvado, trabalhando com atenção, embora a distância parecesse estar realizando uma autópsia em um cachalote. Seu cliente estava deitado de barriga para baixo em uma mesa de massagem preta e pesava pelo menos cento e quarenta quilos, careca, nu, mais branco que uma fatia de pão de forma. Atravessando o estúdio na direção deles, com Nora bem atrás de mim, vi que a tatuagem em progresso era uma enorme árvore de lótus, um tronco retorcido crescendo do rego do cara, subindo por sua coluna e florescendo pelas costas, galhos curvos chegando ao peito, dois pássaros — ainda não coloridos — pousados em seus antebraços.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou Tommy, sem erguer os olhos.

— Você a reconhece? — perguntei, estendendo a foto de Ashley. — Veio ao seu estúdio há algumas semanas.

Ele me ignorou até terminar de colorir um botão de lótus cor-de-rosa.

Devia haver alguma regra implícita pela qual homens crescidos com nomes de bebês — Bobby, Johnny, Freddy — pareciam ser mais malvados que o restante de nós. Ele tinha um semblante violento, cabelos grisalhos. Tatuagens irreconhecíveis saíam do pescoço e das mangas de sua camiseta justa de poliéster. Tinha uma confiança relaxada, como se já estivesse acostumado com pessoas atravessando o estúdio até seu posto — o equivalente no estúdio de tatuagem a um grande escritório de presidente de empresa — pedindo sua opinião sobre diversas coisas como estávamos fazendo naquele momento.

Ele nos examinou, depois a foto, e voltou a se curvar sobre o cliente.

— Claro. Ela veio aqui há algumas semanas.

— Qual a cor do casaco que ela usava? — perguntou Nora.

— Vermelho. Preto nas mangas.

Nora me lançou um olhar espantado.

— Veio fazer uma tatuagem? — perguntei.

— Não. Queria sua foto de depois.

— *Foto de depois?* O que é isso?

Tommy parou de trabalhar para me encarar.

— *Depois* que terminamos uma tatuagem, *tiramos* a porra da foto. — Ele apontou para uma parede distante, coberta de fotografias de pessoas sorridentes mostrando suas tatuagens finalizadas. — Ela fez um díptico de Qilin no tornozelo — continuou, voltando ao trabalho. — Queria saber se ainda a tínhamos.

— Um *díptico*?

— Uma tatuagem em duas pessoas. Quando estão separadas, ela não parece grande coisa. Mas juntas, com os braços juntos, de mãos dadas, apaixonadas e essa merda toda, se transforma em algo. Uma coisa do tipo “você me completa”, muito Jerry Maguire.

Claro — a tatuagem no tornozelo de Ashley mostrava apenas metade de um animal, cabeça e pernas dianteiras.

— Você disse que a tatuagem era de um Qilin? — perguntei.

— É popular com fanáticos por tatuagens japonesas. Uma fera mística.

— Ela disse quem tinha a outra metade? — questionou Nora.

— Não. Mas esse tipo de tatuagem faz sucesso com amantes, recém-casados, namoros de colégio, casais prestes a se separar, quando um vai para a cadeia, por exemplo. Fiz uma na semana passada. Casal na casa dos setenta anos. Vieram de carro de Fort Myers para o aniversário de cinquenta anos de casamento. Tenho a foto de depois em algum lugar.

Desligando a máquina, ele se virou na cadeira giratória para procurá-la na escrivaninha bagunçada logo atrás, as luvas de látex pretas tornaram cada gesto levemente dramático, como um ladrão ou mímico. Ele encontrou a foto e entregou a Nora, ligando a máquina novamente, mas se curvou para examinar o rosto do cliente na mesa de massagem.

— Como está indo aí, Mel?

— Tranquilo.

Mel não *parecia* tranquilo. Babava no chão.

Nora me deu a foto. Mostrava dois aposentados sorridentes, abraçados, vestindo camisas polo amarelas e bermudas cáqui combinando. No peito do

pé direito *dela* e do esquerdo *dele* havia a tatuagem de um coração vermelho com asas. Com os pés lado a lado a tatuagem ficava completa.

Era um pouco meloso para o *meu* gosto, mas Nora ficou fascinada.

— Digo a todos os meus clientes que aparecem querendo um díptico para ter cem por cento de certeza — continuou Tommy alegremente. — Nem sei quantas garotas apareceram chorando um mês depois, querendo refazer o trabalho porque o verdadeiro amor fugiu com a melhor amiga. De início achei que era o que sua amiga queria. Mas ela só estava interessada na foto — disse, anuindo para a foto de Ashley.

— Explicou por quê? — perguntei.

— Não.

— E conseguiu? — perguntou Nora.

— Não. Ela fez a arte há algum tempo, em 2004, quando eu estava no antigo endereço no Chelsea Hotel. Com a mudança, algumas coisas se perderam. Eu a deixei revirar nossos arquivos lá no fundo do estúdio. Ficou cerca de duas horas procurando. Mas não conseguiu achar.

— Temos um recibo dizendo que ela comprou algo — falei, tirando-o do casaco.

Ele não se preocupou em erguer os olhos.

— Havia um jovem soldado aqui de licença. Queria um retrato da esposa no peito, na altura do coração. Ela também era soldado e foi morta no Afeganistão. Ele estava péssimo, mas o que teria era um *emprego de verdade*. Não tinha dinheiro. Decidimos fazer apenas o nome dela. Mas sua amiga pagou pela tatuagem. Não se incomodou.

Nora me olhou, espantada.

— Ela se comportou de modo estranho? — perguntei.

— Tirando o fato de não falar muito? Na verdade, não.

— Não parecia bem?

— Um pouco pálida.

— Sabe quem fez a tatuagem dela em 2004?

— Um dos meus antigos empregados. Larry. Dava para ver pelo trabalho.

— Onde podemos encontrar Larry?

Tommy deu um risinho.

— Em algum lugar entre o céu e o inferno.

Ele limpou o botão de lótus com um lenço de papel, examinando atentamente, e passou para o seguinte.

— Em um momento, Larry estava trabalhando. No outro, desmaiado no meu chão, sangue jorrando do nariz como aquelas fontes do Bellagio em Vegas. Morreu na ambulância. Aneurisma. — Ele franziu o cenho e se curvou para examinar o cliente. — Tem certeza de que está bem, Mel? Você parece um cadáver.

— Estou escutando — disse Mel.

Tommy franziu o cenho, virando a cabeça para nós e suspirando.

— Então a *situação* é a seguinte. Eu vou para casa depois de sua amiga ter aparecido. E penso no que aconteceu com Larry duas semanas antes de morrer. Isso foi tipo verão de 2004. Para que vocês entendam o que vou contar, precisam entender *Larry*. Ele era o *maior* escroto. Maior do que uma geladeira, maior do que uma poltrona reclinável, juro sobre uma pilha de bíblias.

— Maior do que eu? — perguntou Mel em uma voz abafada sob a mesa.

— *Não* maior do que você. Mas quase — falou Tommy, voltando a trabalhar. — Era um grande artista. Estudou em Yokohama com um *horiyoshi*. O cara sabia trabalhar a pele, no nível dos melhores. Fazia excelentes *tebori*, *horimono*, *irezumi*, tudo, motivo pelo qual o chamei para o estúdio. Porque era um *escroto*. Não estou dizendo nada que não diria na cara dele. Ele *abraçava* a escrotidão. Odiava crianças. Chamava-as de larvas. Tinha quatro namoradas. Nenhuma delas sabia sobre as outras. A vida toda dele era assim. Um monte de mentiras e evasões, telefonemas não retornados e furos. Então um dia cheguei e a loja estava em silêncio. Todas as luzes apagadas, e Larry apenas sentado sozinho no escuro como se estivesse doente ou algo assim. Perguntei qual era o problema, e ele deprimido e tudo o mais, disse que a vida era uma bosta. Disse que era um covarde. Um traidor. Que cometeu muitos erros. Que ia mudar suas *prioridades*. Pela primeira vez o ouvi usar uma palavra de cinco sílabas. Então entro no jogo. Pergunto que diabo o levou a refletir. Ele disse que acabara de fazer um díptico japonês para dois adolescentes. Mal haviam saído do estúdio. Disse que estavam

apaixonados e que fora como uma faísca. Como um raio que vem do nada quando não há sequer uma tempestade, só um estalo maluco no céu. Com algo assim na sua frente você não pode deixar de sentir que há novas possibilidades. Ele começara a pensar na vida, no amor e em promessas. — Tommy ergueu os olhos para nós, fazendo uma careta. — De repente ele era Shakespeare. Eu não estava prestando atenção. Estava puto por ele ter feito uma tatuagem ilegal em *adolescentes*, o que significava que eu poderia perder minha licença. Mas é de *Larry* que estávamos falando. Ele voltaria a ser um escroto em alguns dias, *garantido*. Uma semana depois entro na loja. — Ele balança a cabeça, esfregando o queixo. — E tem uma *criança* aqui. Não permito crianças aqui, mas há uma *criança* aqui. Muito esquisita. *Grande*. Braços e pernas tão compridos que se enrolavam quando andava. Aparelho nos dentes. Cabelo crespo até aqui. — Ele fez um gesto trinta centímetros abaixo da cabeça. — Sardas por toda parte como se algo tivesse explodido em cima dela. Eu pergunto de quem é. É de *Larry*. A filha que ele abandonara dois anos antes quando estava tatuando em Kentucky. Larry me diz que a partir daquele momento será um pai de verdade. — Sorrindo, Tommy balança a cabeça, voltando a tatuar. — *Pai de verdade*. Isso foi dois dias antes de ele empacotar. Quem sabe se aqueles adolescentes não o mudaram de verdade? Gosto de pensar que sim. Gosto de pensar que era para sempre. Por que *não*? Às vezes as pessoas *podem* surpreender você. Algumas vezes podem arrancar seu coração e o transformar em pasta de cimento, não?

Ele perguntou isso com tanta firmeza que sua voz falhou. Ficou um momento em silêncio, hesitando, pigarreando e depois, voltando a se curvar sobre o trabalho, começou a colorir o último botão cor-de-rosa.

— Naquela noite após sua amiga ter vindo, eu fui para casa e pensei nisso. Se ela era um dos adolescentes dos quais Larry tinha falado. Um dos fugitivos. Era assim que os chamara. Estavam indo para algum lugar juntos. Não sei para *onde*. Provavelmente Timbuktu.

Tommy parou de trabalhar e nos encarou, uma expressão surpreendentemente terna.

— E então, quem era ela? — perguntou.

Acredita-se que o Qilin japonês foi a criatura mais poderosa que já viveu, mais do que dragões, o minotauro, a fênix — e até mesmo o homem. Embora fisicamente poderoso, o Qilin tinha como verdadeira supremacia a gentileza, pois usava sua força apenas para defender os inocentes. O Qilin é guardião e protetor, defensor de tudo o que é bom. É tão gentil que não caça, vivendo do vento e da chuva, e quando

caminha o faz de modo a não perturbar a relva sob seus pés.

Contudo, diante de maldade e farsa, o Qilin deflagra uma devastação que não tem limites. Ele incendeia o céu, criando o pôr do sol mais rubro de todos, e, saltando no ar, lança um rugido ensurdecedor que deixa os pássaros roucos, oceanos congelados. Diz-se que o solo treme por um ano.



Eles têm cabeça de dragão, corpo de cervo, escamas de peixe, patas de cavalo e rabo de touro. Normalmente apresentam galhadas ou um único chifre. O Qilin costuma ser representado com fogo pelo corpo.

Em repouso, o Qilin é sereno, se permitindo ser visto apenas pelos de coração puro. Aqueles que viram um Qilin alegam que é uma criatura veloz como um raio, com cabeça de dragão e corpo de cavalo, com frequência coberto pelas escamas luminescentes de um peixe. Segundo todos os relatos, é uma criatura incrível de ver, pois de onde quer que tenha saído na Terra, observadores juram que as nuvens estão sempre se abrindo, revelando céu dourado e sol.

DEVOLVI A NORA a página impressa.

— Por que Ashley voltaria ao Rising Dragon para pegar a foto? — perguntou Nora. Estava sentada no sofá, Septimus batendo asas no apoio de braço.

— Talvez a foto tivesse uma *pista* — respondi. — Algo que a ajudasse a rastrear esse tal de Aranha.

— O Aranha deve ter a outra metade da tatuagem.

Eu me inclinei para a frente, estudando a sequência da movimentação de Ashley que eu digitara em meu laptop.

— Devold tirou Ashley de Briarwood em treze de setembro. Ela apareceu na Klavierhaus e tocou um piano Fazioli em quatro de outubro. Foi na Rising Dragon Tattoos no dia cinco. Dois dias depois, dia sete, reapareceu na Klavierhaus. Segundo o gerente, Peter Schmid, parecia desmazelada e se comportava de forma estranha. No dia dez, enviou o pacote a Hopper, visitou o bar do Four Seasons e horas depois caiu, se jogou ou foi empurrada para a morte naquela noite. Em algum momento durante esses onze dias ela se hospedou no 83 da rua Henry e apareceu na Oubliette e no Waldorf Towers.

E, por último mas não menos importante, *ela foi ao Reservoir*.

— Era quase como se ela estivesse visitando lugares importantes uma última vez, amarrando pontas soltas, dando uma última olhada por aí, pouco antes de... — disse Nora, sem conseguir concluir o pensamento.

— Antes de se matar — completei.

Ela assentiu, relutante.

— Ou antes de alguém de quem ela se escondia, ou que a caçava, pegá-la.

— Alguém como o Aranha — disse Nora.

Tinha que haver alguma razão oculta que explicasse logicamente os deslocamentos de Ashley, uma razão que *não* fosse uma decisão de cometer suicídio. O que Peg Martin tinha falado sobre a família? *Absorviam a vida com os próprios corpos. Nenhum deles era restringido por nada. Não havia limites.* O desejo de morrer aos vinte e quatro anos não combinava com isso nem com qualquer outra coisa que sabíamos sobre Ashley. *E se os Cordova não tivessem medo do que eu pudesse descobrir, Theo Cordova não estaria me seguindo.*

Peguei meu telefone, que zumbia com um e-mail recebido.

Para: Scott B. McGrath

De: Stu

FW: Seu cliente

31 out 2011 13:59

McGrath:

Esta manhã recebi um pedido interessante.
Veja abaixo.

Atenciosamente,
Stu

P.S. Você está vivo?

Para: Stuart Laughton

De: Assistente

Assunto: Seu cliente

Caro sr. Laughton:

A sra. Olivia Endicott du Pont gostaria de conversar com seu cliente, o repórter investigativo Scott McGrath. Poderia repassar este e-mail a ele para que entre em contato?

A sra. Du Pont tem uma questão de grande importância que gostaria de debater com ele.

Sinceramente,
Louise Burne

*Assistente pessoal da sra. Olivia E. du Pont
(212) 555-9290*

Eu não tinha notícias do meu advogado, Stu Laughton, desde que ficara isolado naquele coquetel de caridade semanas antes. Ele me mandara uma mensagem me alertando sobre a notícia da morte de Ashley, pedindo que ligasse para ele.

Eu não ligara. Stu era um aristocrata britânico e um fofoqueiro inveterado. Se eu lhe desse o menor indício de que poderia estar retomando minha investigação sobre Cordova, todos, dali até a Estação McMurdo, na Antártica, ficariam sabendo.

Liguei para o escritório dele.

Sua assistente atendeu. Após me deixar em espera, me informou que “o sr. Laughton está em uma reunião”, o que queria dizer que Stu estava sentado à sua mesa comendo um sanduíche de salada de ovo e jogando paciência no computador, e me ligaria de volta quando estivesse a fim.

Para minha surpresa isso aconteceu apenas dois minutos depois.

— VOCÊ CONTOU — ACUSEI.

— Não disse uma palavra — insistiu Stu do outro lado.

— Deve ter mencionado meu nome em relação a Cordova em um de seus almoços de negócios, pois nada mais explica.

— Você vai achar difícil de entender, McGrath, mas tenho outros clientes e nem *sempre* falo de você todas as horas de todos os dias, embora deva admitir que isso é terrivelmente difícil, pois você é *muito* cativante.

Era sempre um ajuste mental conversar com Stu. Sendo um inglês elegante, era muito educado, tinha um vocabulário muito amplo, suas conversas mais breves eram salpicadas de ironia, perspicácia e profundo conhecimento dos acontecimentos atuais — era como se comunicar com Jeeves, o assistente pessoal de Wooster, se um dia ele fosse âncora da BBC.

— Então como explica isso? — perguntei.

— Não tenho ideia. *Se*, por algum milagre de Deus, Olivia Endicott quiser que você seja o *ghost-writer* da autobiografia dela, aceite. Citando o capitão Smith: “Agarre o que puder e fuja em um bote salva-vidas.” Todo mundo que é ligado ao moroso mundo da palavra impressa está rapidamente se tornando o animal em extinção da cultura. Primeiro foram os poetas, os dramaturgos, então os romancistas. Jornalistas veteranos são os próximos.

— Isso deveria me deixar nervoso?

— Agarre um trabalho quando aparecer, cara. Seu concorrente agora é um garoto de quatorze anos de pijama, com o nome de usuário Verdade-ninja-12 que acredita que apurar uma matéria é ler o perfil do Twitter do sujeito em questão. Tenha medo.

Garantindo a Stu que iria ligar para Endicott, desliguei.

— Uma maneira de rastrear Marlowe Hughes acabou de cair no nosso colo — falei para Nora, me reclinando na cadeira da escrivaninha. — O momento não pode ser coincidência. Alguém com quem falamos ou que subornamos.

Nora pareceu confusa.

— Olivia Endicott du Pont quer se encontrar comigo.

Ela franziu o cenho.

— Quem é Olivia Endicott du Pont?

“ELAS ERAM IRMÃS. Eram atrizes. E se *odiavam*.”

Era assim que Beckman sempre começava sua história real favorita de Hollywood — o caso das irmãs Endicott em guerra —, entoando aquela última frase com uma gravidade do Velho Testamento, de forma que praticamente dava para sentir o céu ficando cinza, nuvens se contorcendo e um enxame negro de gafanhotos surgindo no horizonte.

Eu ouvira Beckman contar a história pelo menos umas cinco vezes, sempre depois das três da manhã após um jantar no apartamento dele com seus estudantes, quando estava atizado com a vodca, o cabelo preto caindo sobre o rosto que brilhava de suor.

Eu estava sempre disposto a ouvir a história das Endicott por duas razões: primeiro, irmãs rivais sempre alimentavam a imaginação. Como Beckman gostava de dizer: “Marlowe e Olivia Endicott fazem Caim e Abel parecer os irmãos Farrelly.”

Diferentemente das famosas rixas entre Bette Davis e Joan Crawford, Liz Taylor e Debbie Reynolds, Olivia de Havilland e Joan Fontaine, Angelina e Jennifer, a inimizade das irmãs Endicott sempre ficou longe da imprensa — a não ser por algumas referências veladas na *Hollywood “Confidential” Star Magazine* de Bill Dakota —, um silêncio que apenas reforçou sua ferocidade evidente.

Em segundo lugar, a despeito de todo apreço de Beckman pelo drama, sua propensão a interpretar todos os papéis como se estivesse no palco do teatro Nederlander, em todas as oportunidades os detalhes permaneceram *exatamente iguais*, sem qualquer faceta nova ou acréscimo. A história era como um colar de pedras preciosas; sempre que Beckman o exibia, cada

detalhe reluzente era lapidado e meticulosamente incrustado no mesmo padrão.

Eu mesmo conferira isso cinco anos antes ao começar a pesquisar sobre Cordova e, por associação, Marlowe Hughes. Ela fora sua atriz principal e sua esposa por três meses, estrela do perturbador *Fruto do amor* de Cordova. Cada nome, data e local que Beckman mencionara correspondia impecavelmente aos registros públicos, de modo que eu passara a acreditar que aquela história de irmãs rivais, por mais absurda que parecesse, devia ser verdadeira.

Nascida em abril de 1948, Olivia Endicott era dez meses mais velha que Marlowe Hughes.

Naturalmente, Marlowe Hughes não *nascera* Marlowe Hughes. E sim Jean-Louise “J.L.” Endicott em 1º de fevereiro de 1949, em Tóquio.

A maioria das pessoas vem ao mundo como gnomos vermelhos e enrugados. J.L. parecia um anjo. Quando as enfermeiras deram uma palmada para que ela respirasse pela primeira vez, ao contrário de guinchar como um macaco, J.L. suspirou, sorriu e adormeceu. Desde o momento em que a irmã caçula foi levada do hospital para casa, Olivia meio que se tornou parte da mobília.

“Olivia não era feia”, dissera Beckman. “Longe disso. Com cabelo escuro, rosto doce, ela era bonita. Mas desde dez meses de idade, poderia muito bem ser uma cortina de chintz quando a irmã estava no mesmo quarto.”

Eram filhas da guerra. A mãe era enfermeira, o pai, médico da Base Aérea de Iruma. Em 1950, a família trocou o Japão por Pasadena, Califórnia, embora após alguns meses o pai, John, tenha abandonado a família, deixando uma grande dívida e forçando a mãe a trabalhar limpando quartos em um motel e lavando pratos. Anos depois, Marlowe contrataria um detetive particular para encontrar o pai e descobriria que ele se mudara para a Argentina com um coronel da reserva do exército com quem ainda vivia.

Nenhuma das irmãs voltaria a falar do pai.

A rivalidade estava lá, já no primário. Olivia cortava as roupas de J.L. e fazia xixi na escova de dentes dela. Em retaliação, J.L. só tinha que *aparecer* em qualquer lugar onde Olivia *estivesse* — no balé, no coral —, de modo a transformá-la em “um pequeno rasgo no papel de parede”, como Beckman colocava. Porque J.L. também dançava e cantava. E enquanto Olivia era tímida, tensa e de temperamento nervoso, J.L. contava piadas pesadas de marinheiro e ria jogando a cabeça para trás. Era uma Ava Gardner loura: olhos verdes, covinha no queixo (como se Deus, querendo marcar *aquele* trabalho específico, tivesse orgulhosamente apertado o polegar ali), um rosto em forma de coração. A reação era sempre a mesma, da professora de balé ao diretor do coral, passando pelos amigos da própria Olivia: *encantamento*.

Olivia se referia em segredo à irmã como Jaula Endicott, uma vilipendiação verbal de suas iniciais.

Elas frequentaram escolas diferentes no ensino fundamental e médio — uma tentativa da mãe de reduzir a tensão —, mas qualquer garoto que Olivia levasse para casa acabava infalivelmente apaixonado por J.L. Será que ela fazia de propósito? Sua aparência era culpa dela?

Segundo Beckman, era inevitável.

“Se você recebesse um carro Aston Martin de graça, daria uma volta delirante com ele para descobrir que velocidade alcançava. Naturalmente, quando adolescente, Marlowe ia além disso. Se Olivia tinha feito algo a *ela*, como roubar seu dever de casa de matemática ou colocar maionese em seu creme hidratante, J.L. se acomodava no sofá e assistia a *The Ford Television Theatre* de short e camiseta bem na frente do namorado de Olivia. Quando Olivia sugeria que fossem para outro cômodo, o pobre garoto alucinado nem sequer conseguia escutá-la.”

Olivia decidiu manter os amigos longe de casa, mas deixar a irmã fora de vista era como tentar impedir o sol de nascer.

“Então o que Olivia podia *fazer*, uma simples mortal, acorrentada pela genética a uma deusa?”

Ela fugiu de casa.

Em 1964, aos dezesseis anos, Olivia se mudou para West Hollywood com duas amigas da escola de balé de Miss Dina. Após três meses, Olivia tinha uma agente e um pequeno papel sem fala no filme *Folias na praia*, de 1965. Era esforçada, diligente, ensaiava mais do que qualquer um. Olivia finalmente encontrara sua voz e sua vocação, conseguindo papéis em séries de televisão, incluindo um em *Run for Your Life* e em *Death Valley Days*.

“Pela primeira vez na vida ela sentia que existia”, contava Beckman.

Naquele momento, atuar não passava pela cabeça de J.L.

Ela descobrira o sexo, perdendo a virgindade com um professor de ciências. Mas quando Olivia foi tema de uma pequena matéria da *Variety* intitulada “Estrelas ascendentes”, J.L. caprichosamente largou a escola e foi fazer um teste para a série de televisão *Combat!*. O diretor de elenco se apaixonou por ela, mas sabia que precisava de um nome melhor que o desagradavelmente choroso J.L. *Endicott*.

Por acaso ele estava lendo *À beira do abismo*, de Raymond Chandler, com o famoso detetive Philip Marlowe. Também havia um tabloide de escândalos baratos de Los Angeles diante dele, a revista *Confidential: Uncensored and Off the Record*, aberta em uma matéria sobre o boato do vício de Howard Hughes em narcóticos.

Ele criou um nome adequado a uma rainha do cinema: *Marlowe Hughes*.

Marlowe teve sua grande chance em 1966 como Mulher em *Sangue em Sonora*, estrelado por Marlon Brando (tendo um breve caso com o próprio Brando), enquanto Olivia se afundava em programas ruins de TV, fazendo participações em *The Andy Griffith Show* e *Hawk*. Em 1969, Marlowe era uma estrela, aparecendo em quatro filmes, seu nome estampado em outdoors no Sunset Boulevard. Olivia se mudou para Nova York, de modo a tentar o teatro. Em 1978, em uma festa de Warren Beatty no Beverly Hills Hotel, Marlowe foi apresentada ao esplêndido Michael Knight Winthrop du Pont, um jogador de futebol americano formado em Princeton, herói de guerra, um dos herdeiros da fortuna Du Pont e em quem Beatty se baseou para construir o personagem do ousado milionário Leo Farnsworth em *O céu pode esperar*.

Todos o chamavam de Knightly, por sua aparência perfeita e seu charme tradicional. Em três meses, Marlowe e Knightly estavam noivos.

Enquanto a vida de Marlowe brilhava tanto que as pessoas precisavam de óculos escuros, a de Olivia murchou em inexistência. Seu único contrato de trabalho era de substituta na produção da Broadway de 1972 de *Ring Around the Bathtub*, que terminou na noite da estreia.

As irmãs supostamente não se falavam havia mais de treze anos. Mas, pelo visto, com uma na Costa Oeste e a outra na Leste, pelo menos existia espaço suficiente entre elas.

E então, em 25 de outubro de 1979: um acidente de consequências decisivas.

Enquanto Marlowe cavalgava com amigos em Montecito, um cortador de grama assustou seu cavalo. Ele empinou e saiu correndo, saltando uma cerca e indo para a Rodovia 101, derrubando Marlowe da sela. Milagrosamente, ela teve apenas fraturas múltiplas na perna esquerda, embora tão graves que os médicos determinaram dois meses em tração no hospital Cedars-Sinai.

Toda tarde, Knightly lia para ela na beira da sua cama. Quando os dois meses chegaram ao fim, os médicos decidiram que ela precisava de mais algumas semanas. Knightly continuou fazendo visitas — até que um dia se atrasou, e mais ainda no dia seguinte, e no terceiro não apareceu. Após uma ausência de dez dias, durante os quais Marlowe não teve *nenhuma* notícia, ele finalmente apareceu no hospital.

Anunciou que o noivado dos dois terminara. Pedindo desculpas, soluçando de tristeza e culpa, presenteou Marlowe Hughes com um anel de pérola negra, a peça de platina tinha três palavras gravadas: *Voe, linda criança*.

Marlowe ficou arrasada. Enfermeiras disseram que ela tentou se jogar da janela do quarto. Quatro semanas depois, dois dias após ter recebido alta do hospital, *The New York Times* fez o anúncio chocante: “O herdeiro da Du Pont, ‘Knightly’, desposa Olivia Endicott, atriz”.

Foi uma cerimônia íntima na propriedade da família no vale do rio Hudson.

Ninguém, nem mesmo Beckman, tinha ideia de como Olivia conseguira isso — onde conhecera Knightly ou como transferira seu afeto de Marlowe, uma das mulheres mais bonitas do mundo, para *ela*, uma mulher comum. Alguns sugeriram que fora através da hipnose, ou até mesmo um trato com o diabo, que teve início no trágico acidente durante a cavalgada.

Ou será que foi apenas uma coincidência infeliz?

Marlowe nunca falou publicamente sobre o incidente, embora anos depois, quando questionada sobre a irmã em uma entrevista, disse: “Eu não ajudaria Olivia nem se ela estivesse morrendo.”

Ela continuou *voando* — ou pelo menos *tentou*. Marlowe casou-se três vezes: com um cenógrafo em 1981, com Cordova em 1985 — união de apenas três meses, embora ele tivesse conseguido extrair dela um desempenho impressionante em *Fruto do amor*. Desposou um veterinário em 1994; divorciaram-se quatro anos depois. Não teve filhos. Na casa dos quarenta anos, a srta. Hughes se viu descendo a mesma ladeira que tantas deusas do cinema antes dela desceram: tornou-se mortal. Envelheceu. Os convites pararam de chegar. Fez uma cirurgia plástica, boatos davam conta de vício em analgésicos, e depois de uma participação constrangedora em *Superman IV: Em busca da paz* em que sua maquiagem parecia ter sido feita com lápis de cera, logo desapareceu da cena pública.

Olivia permaneceu casada com Knightly. Tiveram três filhos. Nos últimos vinte e sete anos, ela integrou a diretoria do Metropolitan Museum of Art, a posição social mais elevada da cidade, posto que ainda ocupa.

“Marlowe ficou com a fama, Olivia com o príncipe”, Beckman entoava em voz baixa, os olhos brilhando à luz da lareira. “Mas quem *venceu* na vida?”

O consenso era Olivia.

“Talvez”, diria Beckman. “Mas quem sabe quais ciúmes a teriam corroído por dentro como ácido em canos velhos?”

Havia um último detalhe. Dizia respeito a Cordova.

Mesmo após se casar com Knightly, Olivia Endicott continuou trabalhando aqui e ali na Broadway durante os anos oitenta, embora tivesse abandonado o palco para cumprir seu papel de mãe, esposa e filantropa.

Mas ainda assim permaneceu uma fã entusiasmada de Cordova.

Segundo Beckman, Olivia escreveu uma carta atrás da outra para o diretor, perseguindo-o com uma persistência louca. Implorou para trabalhar com ele, para fazer um teste, por pelo menos um papel sem fala. No final esperava *conhecê-lo*. Cordova parecia ser a última coisa de que precisava — a última fatia da torta — para derrotar completamente a irmã.

“E toda carta de Olivia Cordova respondia com a mesma frase datilografada”, dizia Beckman.

Nesse ponto da história, Beckman se levantava, buscando apoio no divã. Depois se arrastava até o canto escuro e úmido da sala, onde abria violentamente uma gaveta da escrivaninha cheia de papéis, recibos, cartazes de peças da Broadway, revirando o conteúdo. Um minuto depois, quando cambaleava de volta para o grupo, trazia nas mãos um velho envelope creme.

Lentamente, ele o entregava ao aluno mais próximo, que o abria, nervoso, tirando uma carta e lendo-a em silêncio antes de piscar de assombro e a passar ao garoto ao lado.

Beckman alegava ter encontrado a cópia por acaso em um leilão.

11 de novembro de 1988

Minha cara Du Pont:

Se todas as pessoas na Terra estivessem mortas, menos você, ainda assim não apareceria em meu filme.

Cordova.

AO CONTAR A história a Nora eu não fui nem de longe tão teatral quanto Beckman.

— Voe, linda criança? — repetiu ela. — Esse é o adeus mais triste do mundo. Você acha que é tudo verdade?

— Acho.

— Ligue para Olivia. *Imediatamente.*

Disquei o número.

— Claro, sr. McGrath — disse a secretária do outro lado. — O senhor está disponível amanhã? A sra. Du Pont irá para St. Moritz no dia seguinte. Ela pede desculpas pelo prazo apertado, mas gostaria que você abrisse um precedente para encaixá-la em sua agenda movimentada, já que ficará quatro meses fora.

Concordei em me encontrar com Olivia ao meio-dia do dia seguinte em seu apartamento. O endereço ficava o mais perto possível de um Palácio de Buckingham americano: Avenida Park, 740. Fora a moradia de infância de Jackie Kennedy e inúmeros outros herdeiros e herdeiras, e era a pura riqueza tradicional de Nova York: sólida, ficando grisalha nas têmporas, sigilosa e terrivelmente superior.

Quando desliguei, me dei conta de que meu celular tocava.

Não reconheci a identificação: *Golden Way Market, Inc.*

— Quem é? — perguntou Nora.

— Suspeito de que seja a primeira pessoa ligando sobre o cartaz de desaparecimento de Ashley.

O GOLDEN WAY era um mercadinho chinês que ignorava o idioma inglês com tanta veemência que, de pé em um dos corredores estreitos, com o cheiro forte de peixe e gergelim, eu podia me convencer de que estava na província chinesa de Chongqing.

Havia galinhas inteiras penduradas pelas patas, trilhões de talharins, chás pretos e vegetais de aparência letal — pimentas vermelhas que deixavam sua língua anestesiada por um ano; legumes tão pontiagudos que pareciam capazes de cortar sua garganta caso tentasse engoli-los. Do lado de fora, a loja parecia um submundo pesado espreitando a calçada — um toldo vermelho sujo puxado sobre as vitrines imundas e bancas de frutas amassadas.

Fui atrás de Nora, que desaparecera no fundo, e a encontrei sozinha diante de uma mesa com pilhas do que pareciam sacos de batatas fritas, até eu ler o rótulo que dizia: RASPAS SECAS DE LULA TOSTADA.

Ela deu de ombros, confusa.

— Acabei de falar com um homem, mas ele desapareceu por ali — disse ela, apontando para portas de aço ao lado de alguns aquários, onde havia peixes cinzentos nadando.

Quando atendi ao telefonema, um homem que mal falava inglês revelou ter *informações*, embora não conseguisse explicar exatamente o que era. Por fim, uma mulher pegou o telefone para rosnar um endereço: *rua Market, nº 11*. O local ficava perto da East Broadway, a apenas um quarteirão e meio do número 83 da rua Henry, de modo que certamente era factível que Ashley tivesse ido lá.

Naquele momento, um chinês magro de meia-idade surgiu, seguido pelo que só podia ser toda sua família: esposa, filha de uns oito anos e uma avó

que parecia remontar aos tempos de Mao Tsé-Tung.

Que *inferno* — talvez *fosse* Mao. Tinha a testa alta, o rosto cansado e vestia uma calça cinza de operário, chinelos que lembravam dois tijolos lascados caídos da Grande Muralha.

A família inteira sorriu ansiosa para nós e conseguiu um tamborete para a velha, ajudando-a a se sentar. A esposa então deu a ela um pedaço de papel amassado, que reconheci como sendo o folheto de pessoa desaparecida.

— Temos informação — anunciou a garotinha em um inglês perfeito.

— Sobre a garota no cartaz? — esclareci.

— Você se encontrou com ela? — perguntou Nora.

— Sim — respondeu a garotinha. — Ela veio aqui.

— O que estava vestindo? — perguntei.

A família conversou acalorada em cantonês.

— Um casaco laranja-vivo.

Isso chegava bem perto.

— E o que fez enquanto esteve aqui? — perguntei.

— Conversou com minha avó. — A garotinha apontou para Mao, que inspecionava o folheto cuidadosamente, como se fosse um discurso que estivesse prestes a apresentar para a turma.

— Em inglês?

A garotinha riu como se eu tivesse contado uma piada.

— Minha avó não fala inglês.

— Elas conversaram em *chinês*?

A garota assentiu. *Ashley falava chinês*. Isso era inesperado.

— Sobre o que conversaram?

Pelos minutos seguintes, conversaram tanto em um cantonês furioso que Nora e eu não pudemos fazer nada além de observar. Finalmente, a família inteira se calou, porque Mao acabou falando, sua voz seca quase inaudível.

— Ela perguntou à minha avó onde tinha nascido — explicou a garota. — Se sentia falta de casa. Comprou chiclete. E depois conversou com um taxista que vem jantar aqui. Ele disse que a levaria aonde queria ir. Minha avó gostou muito dela. Mas sua amiga estava muito cansada.

— Cansada em que sentido? — perguntei.

A garota conferiu com vovó Mao.

— Estava sonolenta — respondeu.

— Esse taxista, sabe quem é?

Ela anuiu.

— Ele vem jantar aqui.

— A que horas?

Isso resultou em mais um debate, durante o qual a mãe da garota foi quem mais falou.

— Nove horas.

— Ele virá hoje? — perguntou Nora.

— Algumas vezes vem. Outras, não.

Conferi o relógio. Eram oito horas.

— Podemos esperar — falei a Nora. — Para ver se ele aparece.

Expliquei isso à garota, que transmitiu à família. Agradei a eles, e, sorrindo, a família toda se aproximou para apertar nossas mãos, dando um passo para o lado para que também pudéssemos apertar a mão de Mao.

Sacando minha carteira, agradei ao pai e tentei lhe dar cem dólares, mas ele recusou. Isso durou uns bons dez minutos, embora eu tenha notado que os olhos da *esposa* estavam *grudados* no dinheiro. Eu *tinha* que convencer o cara a aceitar; caso *contrário*, a julgar pela expressão da mulher, ele não sobreviveria àquela noite.

Ele finalmente cedeu e me virei para vovó Mao com a intenção de lhe fazer mais algumas perguntas. Mas a velha já tinha descido silenciosamente do banco, desaparecendo pelas portas para o fundo da loja.

— CACETE, CARA, você me assustou — disse o taxista. — Achei que estava aqui para me deportar.

Ele caiu na risada, revelando um conjunto de dentes brancos ofuscantes, alguns cobertos de ouro. Coçou o gorro rastafári vermelho e amarelo enquanto analisava a foto de Ashley.

— É, claro. Eu a busquei aqui.

— Quando? — perguntei.

— Umas duas semanas atrás.

— Qual a cor do casaco que ela estava usando? — perguntou Nora.

Ele pensou naquilo, coçando a barba grisalha por fazer.

— Marrom-esverdeado? Mas eu sou daltônico, cara.

Ele se identificou como Zeb. Era negro — da Jamaica, supus pelo seu leve sotaque —, um metro e noventa e cinco, magro, mas desmazelado e curvado, como uma palmeira após um leve furacão.

Durante a hora anterior, enquanto esperávamos, Nora e eu conseguimos juntar algumas informações básicas. Ele ia jantar no Golden Way cinco noites por semana. Comia do lado de fora, apoiado no capô do táxi, que tocava música alta com as janelas abertas, e depois partia, sem dúvida retomando seu turno da noite, que terminava às sete da manhã.

— Quando cheguei aqui ela estava no fundo, conversando com a velha — continuou Zeb, coçando a cabeça. — Peguei meu jantar. Ela me seguiu para fora.

— E você a levou a algum lugar?

— É.

— Lembra onde?

Ele refletiu sobre aquilo.

— Uma casa de figurão no Upper East.

— Poderia nos levar lá agora?

— Ah, não. — Ele ergueu a mão. — As corridas se misturam todas quando você dirige.

— Nós vamos lhe pagar — disse Nora impulsivamente.

Ele se empertigou.

— Pagar no taxímetro?

Nora assentiu.

— Certo. Claro. Podemos fazer isso.

Sorrindo, como se não pudesse acreditar na sua sorte, Zeb pegou alegremente uma caixa de isopor e começou a enchê-la de macarrão, rolinhos primavera, frango com gergelim — se é que aquilo *era* frango; a carne cinzenta parecia *siopao*, ou *gato no pãozinho ao vapor* que eu uma vez comera por acidente em Hong Kong. *Impressionante a rapidez com que o dinheiro desperta a memória de um homem.*

Nora e eu fomos esperar do lado de fora.

— Isso vai ser *caro* — murmurei, semicerrando os olhos para a rua Market, onde um homem sozinho vinha na nossa direção.

Reconheci imediatamente o casaco de lã cinza e o cigarro.

— Veja só quem resolveu aparecer.

Nora, evidentemente preocupada, pressionou-o para saber por que nos dera um bolo de manhã.

— Ficamos esperando você. Quase chamei a polícia.

— Tinha coisas para fazer — disse Hopper, de forma nada convincente.

Parecia ter passado a noite toda acordado. Eu estava começando a me dar conta de que o segredo do comportamento dele estava em sua própria descrição de Morgan Devold: *Ele vai voltar. Tem que voltar. Porque está louco para falar sobre ela.*

Nora ansiosamente o atualizou sobre as novidades. Em pouco tempo, nós três subíamos a avenida Park apertados no banco de trás de um táxi com o volante revestido por um tecido azul e com o retrovisor carregando mais correntes de ouro do que o Mr. T. Eu me inclinei para a frente para analisar a identificação com foto de Zeb — o nome completo era Zebulaniah Akpunku

— e notei um livro de capa gasta, *Steppin' Into the Good Life*, no banco do carona.

— Você notou alguma coisa estranha na garota? — perguntei a Zeb através do vidro à prova de balas.

Ele deu de ombros.

— Ela era uma garota branca. São todas iguais — disse, rindo alegremente, parando apenas para dar uma mordida na sua comida.

— Conversou com você? Há algo que possa nos contar sobre ela?

— De jeito nenhum, cara. Eu tenho uma regra como motorista.

— E qual é?

— Nunca olhar pelo retrovisor.

— *Nunca?*

Desviamos para a pista da esquerda, fechando um táxi.

— Não é saudável ficar olhando para o que você deixa para trás.

Dez minutos depois estávamos subindo e descendo cada rua no East Sixties, entre Madison e Lexington. O taxímetro passou de vinte dólares para trinta, *quarenta*.

— Ah, é, *esta* é a certa — dizia Zeb, se inclinando para examinar as fileiras silenciosas de casas até chegar ao fim do quarteirão. — *Merda*. Errei.

— Ele suspirava, aparentando frustração, depois se servia alegremente de mais frango com gergelim. — Não se preocupe, cara. É no próximo quarteirão.

Mas a mesma coisa acontecera no quarteirão seguinte. *E no outro*.

Após mais quinze minutos, o taxímetro marcava 60,25 dólares. Nora roía as unhas, e Hopper não tinha dito uma palavra a viagem toda, caído no banco, olhando pela janela.

Eu estava prestes a acabar com aquilo quando, descendo a Setenta e um Leste, Zeb pisou no freio de repente.

— É esta! — Ele indicou uma construção à esquerda.

Totalmente às escuras, uma casa enorme que parecia mais uma embaixada do que uma residência — calcário cinza-claro, quase oito metros de fachada. Gasta e dilapidada, com folhas mortas espalhadas pelos degraus

da frente, cardápios de comida para viagem em frente às portas duplas — um sinal claro de que ninguém aparecia ali havia semanas.

— Já passamos por aqui — falei.

— Estou dizendo. Essa é a *casa*.

— Certo.

Abri a porta e nós saímos. Dei oitenta pratas a Zeb.

— Fique em paz, irmão.

Zeb enfiou alegremente o dinheiro no bolso da camisa, junto ao que parecia ser um enorme baseado cuja metade já tinha sido fumada. Aumentou o Rolling Stones, e embora o sinal no cruzamento estivesse amarelo — para Zeb luzes amarelas indicavam *pise fundo e reze* —, ele saiu para a Park em uma barulheira de peças soltas e transmissão defeituosa, o porta-malas fazendo um baque quando passou sobre um buraco e virou rumo ao sul, nos deixando na rua silenciosa.

ATRAVESSAMOS A RUA para ter uma visão melhor. Estava escuro daquele lado, com apenas uma luminária e um prédio residencial alto. A entrada ficava na esquina da Park, de modo que nos dava alguma privacidade para observar a casa.

Passava de onze horas, o bairro estava deserto. Nova York pode ser a cidade que nunca dorme, mas os moradores bem de vida do Upper East Side se enfiavam em seus lençóis feitos sob medida por volta das dez.

— Parece que ninguém mora aqui há anos — observei.

Notei Hopper olhando fixamente para o lugar, com uma expressão indecifrável, embora eu sentisse certa hostilidade profunda, como se dentro de sua pesada grandiosidade tivesse visto algo que detestava.

Ela *era* explícita em sua opulência, cinco andares, um jardim no teto — galhos de árvores podiam ser vistos se esticando acima da cornija superior. Todas as janelas estavam escuras, algumas adornadas com cortinas pesadas, os vidros sujos. Uma varanda estreita e coberta se estendia das janelas no segundo andar, com um teto de cobre oxidado, treliças de ferro preto nas laterais e na balaustrada. E, a despeito de sua exuberância, ou talvez por causa dela, a casa tinha uma aparência fria, solitária.

— Vamos bater na porta? — sussurrou Nora.

— Vocês dois ficam aqui — falei.

Atravessei a rua e subi depressa os degraus de mármore cobertos de folhas e lixo, um guardanapo de delicatessen, uma guimba de cigarro. Toquei a campainha, notando a bolha preta da câmera de segurança acima do interfone. Ouvi tocar do lado de dentro — uma badalada estridente saída diretamente da Inglaterra do século dezenove —, mas ninguém atendeu.

Puxei os papéis enfiados no buraco da caixa de correio, um cardápio do Burger Heaven e dois anúncios de um chaveiro vinte e quatro horas. Estavam desbotados, enrugados devido à chuva. *Estão aqui há meses.*

— Algum europeu cheio da grana provavelmente é o dono — falei, voltando até Hopper e Nora. — Deve usá-la dois dias por ano.

— Só tem uma forma de descobrir — disse Hopper.

Deu um último trago no cigarro, jogou-o no chão e, erguendo o colarinho do casaco, atravessou a rua.

— O que ele está *fazendo*? — sussurrou Nora.

Hopper foi direto para a casa, agarrou a grade de ferro preta acima da janela em arco do primeiro andar e começou a *escalar*. Em segundos estava a três metros e meio do chão. Parou por um minuto, olhando para baixo, depois pisou em uma das velhas lanternas que ladeavam as portas da frente e, superando um vão de um metro e meio, segurou a projeção de concreto da varanda do segundo andar.

Ele se ergueu, *balançando* ali por alguns segundos, o casaco cinza fluando ao seu redor como uma capa. Enganchou a perna direita na balaustrada e caiu de lado na varanda. Levantou-se imediatamente e, lançando outro olhar furtivo para a calçada, avançou pela varanda estreita até a janela mais à direita. Agachado, cobriu os olhos para ver pelo vidro, depois procurou no interior do casaco o que parecia ser sua carteira. Soltou o caixilho, provavelmente usando um cartão de crédito, *deslizou a janela para abri-la* e, sem qualquer hesitação, *arrastou-se para dentro*.

Houve um momento de imobilidade. Ele reapareceu como silhueta, fechou a janela e sumiu.

Fiquei chocado, esperando a qualquer momento o grito horripilante de uma empregada ou sirenes. Mas a rua continuou em silêncio.

— Que *porra* é essa? — sussurrou Nora, colocando a mão no peito. — O que *fazemos*?

— Nada. Esperamos.

No final, não tivemos que esperar muito.

Hopper estava lá dentro havia menos de dez minutos quando um táxi solitário desceu a rua na nossa direção, desacelerando e parando bem na

frente da casa.

— Ah, não — murmurou Nora.

A porta de trás foi aberta, e uma mulher corpulenta surgiu.

— Mande uma mensagem para Hopper — falei. — Diga para ele sumir de lá.

Enquanto Nora procurava o telefone, me esgueirei por entre os carros estacionados, na direção da mulher que se encaminhava para os degraus da frente da casa, remexendo na bolsa, tentando encontrar as chaves.

— POR FAVOR?

Ela não se virou. Enfiou a chave na fechadura, empurrando uma das portas para abri-la.

— Senhora, estou procurando a estação de metrô mais próxima.

Ela disparou para dentro, acendendo uma luz. Pude vislumbrar uma entrada branca, um piso quadriculado preto e branco e, enquanto ela se virava, *a própria mulher*, antes que batesse a porta com força.

Um trinco estalou, seguido pelo som de sete dígitos de um alarme.

Fiquei paralisado de choque. *Eu a conhecia.*

De repente as luminárias da entrada se acenderam, me banhando em uma luz brilhante. *Ela queria dar uma boa olhada em mim pela câmera de segurança.*

Subi os degraus e toquei a campainha.

Não houve resposta.

Toquei uma segunda vez, depois uma terceira. *Não* que eu esperasse que ela fosse abrir a porta — era para alertar Hopper. Seria um sinal para ele sumir dali. Desci correndo os degraus, seguindo na direção da Park. Na esquina virei para o norte, encontrando Nora onde a deixara.

— Ele *ainda* está lá *dentro* — sussurrou. — Mandeí a mensagem, mas não recebi resposta...

— Você não vai acreditar. Aquela era *Inez Gallo*. A assistente de Cordova há anos. Os Cordova devem ser os donos do lugar.

Era *chocante* — não apenas Hopper ter *invadido*, mas estar *preso* em uma residência particular de Cordova.

Nora, espantada, se virou na direção da casa, onde uma luz brilhante acabara de iluminar o segundo andar, revelando uma biblioteca escura

revestida de madeira, as prateleiras cheias de livros.

— Agora ele não tem como sair — falou Nora. — Devemos ligar para a polícia?

— Ainda não.

— Mas temos que fazer alguma coisa. Ela pode *atirar* nele...

— Ele precisa de tempo para olhar o local.

— Quanto tempo?

Sirenes distantes responderam à pergunta dela. Ficaram mais altas, e de repente três carros de polícia vieram descendo a rua em alta velocidade, cantando pneus ao parar diante da casa. Quatro policiais saltaram, subindo os degraus apressados. Gallo abriu a porta e eles desapareceram lá dentro. Dois guardas permaneceram nos degraus da frente, olhando desconfiados para a rua.

— Hora de dar o fora daqui — falei.

— Mas precisamos ter certeza de que ele está bem...

— Seremos mais úteis para ele *fora* da cadeia.

Mas de repente houve vozes altas, e os policiais saíram, conduzindo Hopper escada abaixo.

Estava algemado, e seu casaco cinza fora confiscado, mas, afora isso, parecia, de camiseta azul desbotada e calça jeans, nada assustado com os acontecimentos. Seus olhos intencionalmente *evitaram* nossa direção, embora eu possa jurar ter visto um leve sorriso no rosto dele enquanto baixavam sua cabeça e o empurravam para o banco de trás da viatura.

EM CASA, LIGUEI para um velho amigo, um advogado de defesa criminal chamado Leonard Blumenstein. Nunca tinha precisado dele — *ainda não, de qualquer forma* —, mas tirara muitos conhecidos de lugares ruins. Aparentemente, você podia chamar Blumenstein duas horas após ter matado sua esposa e, com uma voz mais sedosa que uma echarpe Hermès, ele lhe asseguraria de que tudo ficaria bem. Depois lhe daria uma orientação, como se a questão fosse simplesmente você ter perdido o passaporte.

Deixei um recado. Alguém que me ajudava em uma pesquisa *se empolgara demais*, invadira uma residência privada — embora estivesse desarmado e não tenha roubado nada — e estava sob custódia policial.

A mulher me garantiu que faria Blumenstein retornar a ligação.

Nora e eu fomos ao meu escritório pesquisar sobre Inez Gallo.

— O que sabemos sobre ela? — perguntou Nora, se aninhando no sofá ao lado da caixa de pesquisa.

— Não muito. Supostamente é uma antiga assistente de Cordova.

Após revirar os papéis, peguei a foto do casamento de Inez Gallo. Aquela foto ressurgia sempre que o nome dela era citado na imprensa. Na imagem, Inez se parecia com todas as outras recém-casadas reluzentes, o que só tornava aquilo trágico. Anos depois abandonara aquele marido e os dois filhos para ir trabalhar com Cordova.

— Também encontramos aquela página no Blackboards — observou Nora. — A página que alegava que ela e Cordova são a mesma pessoa. Ambos têm uma pequena tatuagem de um leme na mão esquerda. Tem *certeza* de que era uma mulher?

— Positivo.

Vasculhamos o YouTube e achamos o vídeo granulado do infame discurso de Gallo ao receber o prêmio em nome de Cordova no Oscar de 1980.

Começava com os apresentadores Goldie Hawn e Steven Spielberg anunciando: “E o Oscar vai para... Stanislas Cordova, por *Anjinhos*.”

A plateia arfou, pois aquilo era um acontecimento chocante. Acreditava-se que o prêmio de melhor diretor seria uma barbada para Robert Benton, diretor de *Kramer vs. Kramer*. Na verdade, Benton estava tão convencido de que iria vencer que chegara até a se levantar de seu assento, se encaminhando para o palco antes da esposa dar um pulo e detê-lo fisicamente. Houve uma longa pausa confusa durante a qual a plateia, desconcertada, sussurrava e olhava ao redor, imaginando se não seria um equívoco, se Cordova *de fato* *aparecera*.

Então as câmeras se voltaram para Inez Gallo, que seguia depressa pelo estreito corredor lateral do Dorothy Chandler Pavilion. Eles a tinham colocado sentada nos fundos, longe dos verdadeiros astros: Jack Lemmon, Bo Derek, Sally Field e Dudley Moore.

Gallo tinha cabelo preto e era corpulenta, com traços duros — inegavelmente similar aos de Cordova em suas primeiras fotografias —, vestia uma camiseta preta e coturnos. Mais tarde, pessoas da plateia declarariam ter pensado que ela estava invadindo o evento, como o penetra de 1974, Robert Opel, que correria nu pelo palco quando David Niven estava prestes a apresentar Elizabeth Taylor —, ou quando Marlon Brando, na cerimônia de 1973, enviara Sacheen Littlefeather para recusar seu prêmio de melhor ator por *O poderoso chefão* em benefício dos nativos americanos explorados. Desajeitada, Inez Gallo recebera o Oscar das mãos de Spielberg e dissera no microfone, sessenta centímetros mais alto que ela: “Esta é uma intimação aos que assistem para que saiam de seu quarto trancado, real ou imaginário.”

Depois deixou o palco correndo e a emissora cortou para os comerciais.

Assistimos ao discurso algumas vezes, depois entramos no Blackboards. A maioria dos debates sobre Inez Gallo era relativa a boatos sobre a verdadeira natureza de sua relação com Cordova, se era sua irmã, sua titereira

e Svengali, sua *doppelgänger* feminina, uma cuidadora obsessiva que atendia a todas as necessidades e a todos os desejos de Cordova, uma zeladora que arrumava toda a sua bagunça.

Repassando um boato após o outro, os olhos de Nora estavam se fechando, então ela foi para cama. Continuei acordado, lendo por mais algumas horas.

Talvez tenha sido apenas meu choque ao encontrá-la, mas havia algo estranhamente bizarro no amplo rosto cinzelado de Gallo, os traços duros, a voz amarga.

Talvez o segredo de tudo aquilo fosse exatamente o que Cleo dissera na Encantamentos: *Magia negra passada de geração em geração*.

Procurei no Blackboards qualquer menção a isso, *bruxaria* e *Inez Gallo*, ou alguma outra referência à tatuagem de leme que ela e Cordova supostamente tinham na mão esquerda, mas, além de uma rápida menção a ela ser de Puebla, México, e sua devoção desprendida ao diretor ser lendária (“Não há nada que Gallo não faria para protegê-lo”, alegava um membro), não havia mais nada ali.

— WOODWARD?

Abri um olho. O relógio marcava 4h21.

— Está dormindo?

— *Estou.*

— Pode falar?

— Claro.

Nora abriu a porta, deslizando pela escuridão. Estava vestindo novamente aquela camisola fantasmagórica, um borrão pálido instalado ao pé da minha cama.

— Qual o problema? — perguntei, me acomodando nos travesseiros.

Ela não disse nada. Parecia nervosa. Geralmente era expansiva, mas de repente ficava silenciosa e imóvel, então você estudava seu rosto como a um céu azul-intenso do deserto, esperando algum sinal de vida, por mais distante que fosse, um falcão, um inseto.

— Preciso de mais dicas para podermos avançar — falei após um momento. — Sou homem. Sou analfabeto no que diz respeito a ler nas entrelinhas.

— Bem... — Ela suspirou, como se aquilo fosse o *fim* da conversa, não o começo.

Como era *mulher*, provavelmente já tivera essa discussão mentalmente inúmeras vezes.

— É sobre Hopper? — perguntei. — Está preocupada com a noite que vai passar na cadeia? Ele vai ficar bem.

A cama balançou.

— Você concordou? Está escuro demais para ver.

— Não tem *nada* a ver com ele. É algo que eu disse que está me deixando mal.

— O quê?

— Que eu não ia dormir com você.

— Não precisa esclarecer isso. Não precisa ser dito. E não é algo que eu não tenha ouvido antes.

Eu *não sabia* onde Bernstein estava querendo chegar, mas estava com um mau pressentimento. Era crucial conseguir *tirar* a garota do meu quarto, levá-la de volta à própria cama, *imediatamente*. Adicionar sexo a uma *investigação jornalística* era uma ideia bastante equivocada.

— Você é *bonito* — disse Nora. — Se estivesse em Terra Hermosa, as senhoras *morreriam*.

— Não é o que elas fazem de qualquer forma?

— Eu não queria ultrapassar nenhum limite profissional.

— Você estava *certa*. Não posso lhe dizer com quantas mulheres eu ultrapassei *todos os tipos de limites* e depois me senti péssimo.

— *Mesmo?*

— Como se eu tivesse acabado de receber o prognóstico de poucas semanas de vida.

Ela riu.

— Começando pela minha primeira vez, quando eu tinha quinze anos. Lorna Doonberry. Falando sobre *limites*, ela jogava *bridge* com a minha mãe. Eu me empolguei. Ela caiu na cortina do banheiro. Sabe aquela saboneteira que fica nas banheiras?

— Claro.

— Bateu o rosto nela. Perdeu dois dentes. Sangue por toda parte. Lorna passou de uma divorciada de quarenta e poucos anos bastante atraente para o personagem principal de *A noite dos mortos-vivos*.

— *Minha* primeira vez foi com Tim Bailey.

Esperei mais informação. Não recebi nenhuma.

— Não me diga que ele era um dos moradores de Terra Hermosa.

— Ah, *não*. Trabalhava na Premier Pool Services. Limpava a piscina toda sexta-feira.

— Quantos anos ele tinha?

— Vinte e nove.

— Quantos anos *você* tinha?

— Dezesseis. Mas quase dezessete. Ele tinha esposa e dois filhos. Eu me senti péssima com isso. Mentir é uma coisa horrível. É um campo que você continua a semear, regar e arar, mas nada jamais cresce ali. — Ela abraçou os joelhos, movendo os ombros com impaciência. — Tentei terminar algumas vezes, mas Tim e eu íamos para trás da cozinha quando todos estavam no queijos e vinhos, e ele dançava comigo ao som da música *country* que entrava pela janela da cozinha. Era um *bom dançarino*. Mas era triste. Sonhava em simplesmente ir embora e recomeçar, fingir, antes de mais nada, que sua vida nunca tinha acontecido.

— Fez isso?

— Não sei. Posso lhe dizer uma coisa?

— Claro.

— Não vai fazer um escarcéu?

— Prometo que não.

— Quando cheguei à Port Authority em Nova York eram três da manhã. Septimus fora roubado. — Ela fez uma pausa, prendendo as mãos entre os joelhos. — Foi uma das pessoas no ônibus. Eu sabia quem era. Embarcara em Daytona Beach e passara a viagem toda sentado atrás de mim e Septimus. Cheirava a álcool e se esforçou muito para puxar conversa durante a viagem, mas coloquei os fones de ouvido e fingi que estava dormindo. Havia alguma coisa errada com ele. Mentalmente, sabe? Mas quando chegamos à Port Authority, baixei a guarda enquanto saíamos. Uma senhora precisava de ajuda para colocar um dos filhos no carrinho de bebê. Eu a ajudei, depois fui ao bagageiro pegar minha mala, mas quando voltei ao meio-fio Septimus não estava lá. A gaiola dele tinha sumido. Fiquei louca. Contei ao motorista, que me disse para dar queixa no escritório central, mas eu só conseguia pensar que iria morrer. Iria morrer sem Septimus. Não conseguia *raciocinar*. A essa altura todos os outros passageiros já tinham ido embora. Saí do estacionamento e fui para a área das lojas, onde tudo estava silencioso. Então notei que aquele mesmo homem estava andando atrás de mim. Sussurrou que

estava com o meu pássaro. Disse que queria me devolvê-lo. Eu só tinha que pagar um boquete no banheiro.

Eu a encarei. Senti como se tivesse perdido o fôlego, tão repentina tinha sido a confissão dela. Tomei cuidado para não fazer absolutamente nada, nem sequer me mover.

— Falei que não acreditava nele, então, passando atrás de uma pizzeria, me levou até o banheiro feminino. A gaiola de Septimus estava lá no chão, mas vazia. Então vi que o homem o enfiara em uma daquelas latas de lixo prateadas dos reservados. Ele estava batendo asas ali, enlouquecendo. Porque *odeia* escuro. Sempre odiou. Normalmente é preciso colocar um lençol sobre a gaiola para acalmar um pássaro, mas Septimus não gosta disso. Ele *precisa ver*. O homem disse que eu só tinha que fazer *aquilo*, e o soltaria. Entrei no reservado com ele. Na verdade, havia uma senhora se vestindo nos fundos, mas não disse nada quando a chamei. Ele abriu o zíper e se recostou, com o punho apertando a tampa da coisa prateada. Então fiz aquilo. Pensei em tentar soltar Septimus mordendo o homem, mas não tive chance. Quando parei, o homem socou meu rosto. Ficava me chamando o tempo todo de Nancy. Nancy. Nancy. Quando terminou, ele sorriu e pegou Septimus, segurando-o com muita força, como se apertasse uma pasta de dentes. Fiquei gritando sem parar, e quando não consegui mais aguentar, ele riu e o jogou para o lado de fora do reservado. No começo não sabia onde estava. Mas então o encontrei no chão embaixo do aquecedor. Peguei a gaiola dele e minha bolsa e corri o mais rápido que pude. O lugar estava deserto, com lojas fechadas, só algumas pessoas olhando para o nada como um bando de fantasmas. Peguei a escada rolante para a rua. Fui até o ponto de táxi, entrei e pedi que o motorista me levasse para o centro de tudo. Madonna fez isso quando veio a Nova York pela primeira vez. Pediu ao taxista que a levasse para o centro de tudo. — Ela me olhou como se fizesse uma pergunta. — Ele não sabia onde ficava isso. Eu disse Times Square. Ele me levou até lá. Havia gente por toda parte, luzes como se fosse o meio da tarde. E então eu soube que iria ficar bem. Porque eu estava bem onde deveria estar. Passara a vida toda com a sensação de que deveria estar em algum outro lugar. Pela primeira vez isso *não* aconteceu. —

Nora se virou para mim, as mãos trançadas sobre os joelhos. — Nunca contei isso a ninguém.

— Fico contente por ter me contado.

Demorou um pouco até que eu entendesse tudo; a história parecia uma nuvem tóxica pelo quarto e precisava de um tempo para se dissolver. Eu me senti ao mesmo tempo enjoado e com uma necessidade esmagadora de ter certeza de que ela estava bem, extrair a lembrança de tal coisa da sua cabeça. Nunca era o ato em si, mas a nossa própria compreensão dele que nos derrotava, repetidamente.

— Você não procurou a polícia?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não queria desperdiçar nem mais um minuto com isso. Minha vida deveria *começar*. As coisas ruins que acontecem a você não precisam significar nada. E, de qualquer jeito, ele vai responder a Deus pelo que fez.

Ela anunciou isso com bastante certeza. Para uma garota que não tinha nada além de um periquito, ter uma crença tão inabalável na punição ao mal no mundo — uma crença que nunca consegui ter, vendo repetidamente a depravação não ser punida — me assustou, e demorou algum tempo até que eu conseguisse falar.

Do lado de fora um carro desceu a rua Perry, e a imobilidade da noite o fez soar sonolento e relaxado, podendo ser um barco a remo deslizando.

— Você é uma pessoa magnífica e poderosa — falei.

Eu não pretendia dizer aquilo, não *exatamente* — nunca fora minha principal característica, dizer as palavras certas para curar aquela ferida sempre presente no coração de uma mulher —, mas fez Nora sorrir. Ela deslizou na minha direção, o colchão estalando, me deu um beijo na bochecha e saiu da cama, uma figura borrada azulada flutuando no escuro.

— Sou *fã* — acrescentei. — E isso é uma garantia perpétua incondicional.

Ela riu sonolenta, saindo do quarto.

— Noite, Woodward — sussurrou por sobre o ombro. — Obrigada por escutar.

Não sei por quanto tempo fiquei sentado ali, olhando para a escuridão, as sombras rígidas se dissolvendo enquanto os minutos passavam, os únicos sons sendo os tremores noturnos da cidade do lado de fora. Depois de um tempo, quando estava quase dormindo, a presença dela permanecia como se alguma criatura selvagem tivesse estado em meu quarto, um cervo ou pássaro iridescente, ou talvez um Qilin.

— ELE PASSOU a noite no centro de detenção The Tombs — me informou Blumenstein pelo telefone. — Mandeí um sócio júnior ao centro para tirá-lo de lá. Desistiram de invasão de domicílio com intenção de roubo, mas ele vai responder por violação criminosa de privacidade. A fiança será em torno de cinco mil dólares.

— Por que tão alta? — perguntei, pressionando o telefone na orelha enquanto tirava o casaco do closet e o vestia.

— Ele tem três antecedentes. Agressão a um policial em Buford, Geórgia. Roubo em Fritz Creek, Alasca.

— *Alasca?*

— E há dois anos: posse de substância controlada com intenção de venda. Isso foi em Los Angeles.

— Qual substância?

— Maconha e metanfetamina. Ele cumpriu dois meses de prisão e cem horas de trabalho comunitário.

Disse a Blumenstein que cobriria a fiança e depois, desligando, contei rapidamente a conversa a Nora enquanto nos preparávamos para ir ao encontro de Olivia Endicott. Eu fizera uma omelete para Nora naquela manhã, mas assim que o viu ela anunciou que não estava com fome, seu rosto, vermelho. Arquivei isso na bizarra caixa preta de comportamento feminino que desafiava qualquer explicação, até me dar conta — amaldiçoando minha *estupidez* — de que era por causa do que tinha me contado na noite anterior. Não queria que eu a tratasse com luvas de pelica, não queria que lidassem com ela como se fosse um objeto frágil danificado. Então joguei fora a omelete e anunciei que uma calça legging preta de lantejoulas de Moe Gulazar e uma blusa do capitão Sparrow não combinavam

com um encontro com uma das figuronas mais elegantes de Nova York. Ordenei que mudasse de roupa, o que a fez sorrir de alívio enquanto subia as escadas correndo para tal. Em minutos estávamos do lado de fora, descendo depressa a rua Perry.

Era um dia cinzento, o céu ameaçando chuva. Seguimos para a estação de metrô porque já estávamos atrasados. E se tinha uma coisa que eu sabia sobre os ricos de Nova York era que eles adoravam deixar *você* esperando, não o contrário.

— SENHOR McGRATH. Seja *bem-vindo*.

A mulher que nos recebeu à porta do apartamento 17D estava na casa dos cinquenta anos e vestia um terninho cinza-poeira. Tinha o rosto embotado de alguém que passara a vida servindo aos outros. Seus olhos se deslocaram de forma inquisidora para Nora.

— Esta é minha assistente. Espero que não tenha problema ela se juntar a nós.

— Claro que não.

Sorrindo, a mulher nos levou para o saguão, onde um senhor vestindo um paletó borgonha amassado surgiu — aparentemente das paredes — para pegar nossos casacos. Sem dizer uma palavra, retornou com eles a outro saguão mal iluminado.

— Por aqui.

Ela nos conduziu na outra direção por uma galeria escura. As paredes cor de vinho eram cobertas de pinturas, do modo como andaimes no centro eram cobertos com anúncios de concertos: só que aqueles eram Matisse e Schiele, Clemente, um eventual Magritte, cada pintura com sua própria luminária de bronze como o capacete de um mineiro. Entre as obras-primas havia passagens escuras, e desacelerei para olhar o interior delas. Cada cômodo parecia uma gruta, úmida e com estalactites de cortinas de brocados e cadeiras Luís XIV, vasos e luminárias Tiffany, bustos de mármore, esculturas de ébano, livros. Passamos por uma sala de jantar formal, as paredes verdes, um lustre de cristal parecendo uma água-viva congelada flutuando no ar.

A mulher nos guiou secamente até uma grande sala de estar. As janelas mostravam a vista a noroeste, transformando a cidade em uma serena

natureza-morta de concreto com céu cinzento. Um helicóptero pairava sobre o Hudson como uma mosca errante.

A mulher fez um gesto para que nos sentássemos no sofá de chintz amarelo diante de uma mesinha de centro coberta de miniaturas: schnauzers de porcelana, pastores de ovelhas, pequenos vasos. Tulipas frescas vermelhas e amarelas explodiam de um vaso chinês. Combinavam com as paredes amarelas e os casacos vermelhos dos cavaleiros na gigantesca pintura a óleo de uma caça à raposa que se erguia atrás de nós.

Nora se sentou rigidamente ao meu lado, cruzando as mãos no colo. Parecia nervosa.

— Posso lhes oferecer um chá enquanto esperam? A sra. Du Pont está terminando um telefonema.

— Chá seria ótimo — respondi. — Obrigado.

A mulher saiu da sala.

— Isto é o que você chama de *super-rico* — murmurei para Nora. — Essas pessoas pertencem a uma raça estranha. Não tente entendê-las.

— Você viu a armadura reluzente que tinha no caminho? Uma armadura reluzente de verdade simplesmente *parada* ali, esperando um cavaleiro.

— Os dois por cento das pessoas mais ricas do mundo detêm mais de metade da riqueza do mundo. *Eu* acho que está tudo neste apartamento.

Nora, mordendo o lábio, apontou para a mesinha lateral à minha direita, onde havia uma fotografia em preto e branco em uma antiga moldura de prata. Era Olivia de pé com o marido, Knightly, provavelmente vinte anos atrás. Estavam com os braços um ao redor do outro, posando ao lado de um Bentley antigo diante de uma mansão de campo colossal. Pareciam felizes, mas isso, claro, não dizia muito. *Todos sorriem para fotos.*

De repente Nora se empertigou.

Uma mulher estava entrando na sala. Eu me levantei imediatamente, e Nora me acompanhou, tentando esticar a saia.

Era Olivia.

Ela não andava, parecia mais *flutuar*, três cães pequineses seguindo-a junto a seus pés. A sala obviamente havia sido projetada com ela em mente, ou vice-versa. Seu cabelo castanho até o queixo, com toques prateados —

arrumados em um elegante penteado ornando o rosto —, combinava com o tapete persa, as pernas de pata de leão esculpidas da mesa, até mesmo a cigarreira de prata com as elegantes iniciais gravadas na tampa — OPE —, a tipologia fina como fios de cabelo emaranhados entupindo o ralo do banheiro.

Eu não tinha certeza do que esperar — alguma grande dama coberta de joias —, mas ela era surpreendentemente leve e graciosa, despida de adornos. Usava um vestido simples cinza e preto, pérolas roliças davam duas voltas em seu pescoço. Seu rosto oval era atraente e macio, maquiado com bom gosto, sobrancelhas longas emoldurando seus olhos castanho-claros, um pescoço elegante como o caule de uma flor *apenas* começando a murchar. *Quantas vezes Marlowe Hughes sonhou em torcer aquela coisa?*

Enquanto Olivia se movia em nossa direção, sorrindo, me dei conta de que seu braço direito estava em uma tipoia feita com uma echarpe floral preta e vermelha. A mão pendia como uma asa partida, mas ela parecia decidida a lidar com aquela deficiência com galhardia. As unhas naquela mão murcha estavam pintadas com perfeição de vermelho.

No dedo anelar da mão que *funcionava*, que estendia para a gente, havia um diamante azul-claro, de pelo menos doze quilates. Ele se destacava, sem piscar, como um olho hipnótico.

— Olivia du Pont. Fico muito contente que tenha podido vir, sr. McGrath.

— O prazer é todo meu.

Após apertar sua mão todos nós nos sentamos, incluindo os três pequineses, que pareciam garotas gordas enfiadas em casacos de pele. Olivia se acomodou no sofá branco em frente, esticando um braço sobre o pano branco drapeado que fora colocado no encosto, e os cães se empilharam ao redor dela como se para criar uma espécie de fortaleza fofa, depois nos encararam com ansiedade, como se devêssemos entretê-los.

— Desculpe tê-lo deixado esperando. Está tudo uma *loucura* aqui com a mudança.

— Está deixando a cidade? — perguntei.

— Só por uma temporada. Passamos o inverno na Suíça. A família inteira vai. Meus netos adoram esqui e caminhar, embora Mike e eu tendamos

apenas ao ócio. Ficamos de fato sentados diante da lareira sem nos mexermos por quatro meses.

Ela riu, um som seco e elegante, me trazendo à mente uma colher batendo em uma taça de cristal antes de algum dignitário fazer um brinde.

Cara, essa maçã havia caído *longe* da árvore. Mas era impressionante como uma mulher, quando encontrava ouro matrimonial, encomendava não apenas um novo guarda-roupa e novos amigos, mas uma nova voz saída diretamente de um gramofone dos anos trinta (seco, monoestéreo) e um vocabulário que incluía, com confiança, palavra como *ócio*, *temporada* e *lamento terrivelmente*. Tive que me forçar a lembrar que Olivia era uma filha da guerra que fora tão pobre na infância que a mãe precisou de um terceiro emprego limpando os banheiros da escola secundária onde a filha estudava. Agora Olivia provavelmente tinha seis propriedades e um iate do tamanho de um quarteirão.

— Meu neto, Charlie, é um grande fã seu, sr. McGrath.

— Scott. Por favor.

— Charlie está na oitava série na Trinity. Leu seu primeiro livro, *Nação MasterCard*, no verão. Ficou *bastante* impressionado. Agora está lendo *Carnavais de Cocaína* e quer ser repórter investigativo.

Imaginei que ela estava prestes a perguntar se eu poderia ler uma matéria maravilhosa que ele tinha postado em seu blog ou que queria que eu lhe oferecesse um emprego, chegando, dessa forma, ao motivo por trás do convite.

— Nunca duvidei de você, sabe — disse Olivia, erguendo uma sobrancelha. — Aquele falatório alguns anos atrás sobre você e Cordova, o motorista ficcional dele, a afirmação ultrajante que você fez na televisão. Eu sabia exatamente o que estava acontecendo.

— *Sabia?* Porque para mim foi um *mistério*.

— Você fez algo para provocá-lo. — Ela sorriu ao meu olhar de surpresa. — Certamente notou que o espaço ao redor de Cordova é *distorcido*. Quanto mais perto você chega dele, a velocidade da luz diminui, a informação fica confusa, mentes racionais se tornam ilógicas, *histéricas*. É um espaço-tempo torto, como a massa de um sol gigantesco curvando a região que o cerca.

Você se estica para pegar algo perto e descobre que nunca esteve realmente ali. Eu mesma testemunhei isso em primeira mão.

Ficou em silêncio, pensativa, no instante em que suas três empregadas uniformizadas entraram com o chá. Começaram a arrumá-lo diante de nós na mesinha de centro, porcelana fina, uma torre de prata de cinco andares repleta de bolos, *petit fours*, minicupcakes e sanduíches triangulares. Olivia tirou seus sapatos de salto alto de veludo — Stubbs & Wootton, notei, a *Nike dos bilionários* —, colocando os pés com meias pretas sob o corpo. Enquanto as empregadas serviam o chá, notei que Nora piscava chocada com o arranjo elaborado.

— Obrigada, Charlotte.

Charlotte e as outras garotas anuíram discretamente e foram embora, os sapatos silenciosos no tapete.

— Deve estar se perguntando por que afinal está aqui — disse Olivia, tomando um gole do seu chá. — Retomou sua investigação sobre Cordova, não é mesmo?

Seus olhos encontraram os meus quando pousou a xícara. Brilhavam como os de uma colegial.

— Como ficou sabendo disso?

— Allan Cunningham.

O nome me soou familiar.

— O diretor do Briarwood Hall? Fiz alguns trabalhos de caridade para eles. Ele me contou que o flagrou vasculhando despudoradamente o terreno da instituição semana passada. Se fazendo passar por um hóspede em potencial.

Claro — Cunningham me levou para o Centro de Segurança e ameaçou mandar me prender.

— Como *está* indo a investigação? — perguntou ela.

— Não tem sido fácil fazer as pessoas falarem.

Devolvendo a xícara ao pires, ela se recostou, me encarando.

— *Eu* vou falar — anunciou.

Não pude deixar de sorrir, divertindo-me com sua objetividade.

— Sobre?

— O que sei. É bastante coisa, pode acreditar em mim.

— Por causa de sua irmã?

O sorriso dela falhou. Isso foi inesperado; eu supusera que ela tinha superado Marlowe muito tempo atrás, a colocara em uma espécie de cofre da infância e o trancara, jogando a chave fora. Mas a menção à irmã a irritou visivelmente.

— Não falo com Marlowe há quarenta e sete anos. Não sei o que pensa de Stanislas ou quais foram suas experiências. Tive meus próprios encontros. E nunca quis falar sobre eles. Até agora.

— Por que a mudança de opinião?

— Ashley.

Ela disse isso na lata. Nora estava inclinada para a frente, olhando nervosa para os *petit fours*, como se tivesse medo de que fugissem caso pegasse um.

— A polícia acha que foi suicídio — falei.

Olivia assentiu.

— Talvez. Só que há mais coisas.

— Como sabe?

— Eu a encontrei uma vez. — Ela fez uma pausa para bebericar o chá e olhou para mim ao pousar a xícara, os olhos penetrantes. — Acredita no mundo sobrenatural, sr. McGrath? Fantasma e paranormalidade, forças sem explicação que não podemos ver, mas ainda assim nos afetam?

— Não, na verdade não. Mas acredito na capacidade da mente humana de fazer algo assim parecer muito real.

— Stanislas e sua terceira esposa, Astrid, têm uma propriedade em Adirondack, perto do lago Lows.

— Sim, eu sei. *The Peak*.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Esteve lá?

— *Tentei* fazer uma visita de cortesia há alguns anos. Nunca passei da guarita. — Olivia sorriu intencionalmente, recostando-se no sofá. — Fui lá na primeira semana de junho de 1977. Era uma atriz dando duro. Vinte e nove anos. Cordova estava preparando seu próximo filme, *Anjinhos*. Sua

assistente, Inez Gallo, escreveu para meu agente dizendo que Cordova tinha me visto em *Massacre do dia de São Valentim* e ficara muito impressionado com meu trabalho. — Ela sorriu com evidente constrangimento. — Eu tinha um lamentável papel sem fala, *de costas* para a câmera o tempo todo. Então aquilo pareceu uma brincadeira cruel. Mas a assistente insistiu em que ele adorara minha aparência e estava me considerando para um papel muito incomum, que criara especificamente para mim. Ele me convidou para passar o fim de semana em The Peak a fim de que discutíssemos o papel. Na época eu morava em East Village. Peguei dinheiro emprestado com uma amiga para alugar um sedã e fui até lá, sozinha. Não conseguia trabalho havia mais de um ano. Estava desesperada. Enquanto dirigia prometi a mim mesma que faria qualquer coisa, *absolutamente qualquer coisa*, pelo papel. — Ela fez uma pausa por um momento, a mão acariciando preguiçosamente um dos cães. — A entrada é bem bonita. Assim que você passa a floresta e o portão de segurança, o caminho é bem relaxante, por entre carvalhos e colinas ondulantes. Não havia uma só alma por ali. Estava claro, *quente*. O sol brilhava, mas me lembro de estar tão nervosa que logo fiquei *aterrorizada*, como se estivesse entrando em um cemitério no meio da noite. De tempos em tempos podia ouvir uma revoada de pássaros, *corvos*, grasnando acima de mim. Mas quando desacelerava o carro e olhava para cima, não havia nada no céu ou nas árvores. *Nada*. — Ela deu um gole no chá. — Quando cheguei à casa, uma escura mansão colossai saída de, sei lá, um conto de Poe, estacionei próximo aos outros carros. Havia alguns, como se outras atrizes também tivessem sido convocadas. Mas me senti incapaz de sair do carro. Era uma sensação terrível. Mas eu queria aquele papel. *Precisava* dele. Estar em um filme de Cordova era realmente o *máximo*, sabe? Ouvira dizer que podia mudar não apenas sua carreira, mas *sua vida*. — Fez uma pausa para dar um sorriso irônico a esse último comentário. — Saltei e bati na porta da frente, e logo fui cumprimentada por uma italiana deslumbrante que parecia estranhamente distante. Sem me dizer nada, me convidou para o almoço, que já acontecia do lado de fora em uma varanda coberta de glicínias. Havia um grande grupo comendo ali; ninguém que eu reconhecesse. Tietes de Cordova, imaginei. Mas não havia qualquer sinal do homem. *Não* que eu tivesse uma

imagem clara da sua aparência. Perguntei a alguém onde ele estava e fui devidamente informada de que estava trabalhando. Puxaram uma cadeira para que eu me sentasse à mesa. Estavam todos conversando sobre um objeto que alguém acabara de comprar em um leilão particular. Circulavam o objeto. Acabou chegando até mim. E por alguma razão, quando eu estava com ele todos ficaram muito silenciosos e me perguntaram o que eu achava que era. Era estranho. Parecia uma espécie de adaga. O punho de bronze tinha uma gravação intrincada, a lâmina era estreita, tinha uns quinze centímetros de comprimento, com uma curva estranha no meio. Um jovem louro em trajes clericais sentado no final da mesa, bonito como um Adônis, sugeriu que o enfiasse no punho para ver o que acontecia, e todos caíram na gargalhada. A única pessoa que não riu foi a italiana exuberante que abrira a porta para mim. Percebi que ela era a esposa de Cordova, Genevra. Apenas me olhou com uma expressão assombrada, como uma prisioneira aterrorizada demais para falar. Eu estava tão emocionada e chateada que por um momento achei que iria romper em lágrimas, mas então alguém a tomou de mim, e o almoço estava encerrado. Depois procurei e descobri o que era.

— O que era? — perguntei quando não continuou imediatamente.

Ela olhou para mim, o rosto sombrio.

— Uma *agulha para perfurar*. Eram usadas na Europa para caçar bruxas nos séculos XVI e XVII. Feitas de metais preciosos, com gravações detalhadas. O “ferroeiro” a usava para furar a mulher acusada, que em geral estava nua, em todo o corpo. Quando finalmente achava um ponto que não sangrava ou doía, tinha descoberto a marca da feiticeira. Se encontrasse tal lugar era, claro, porque ela não conseguia mais gritar. Havia sido furada com a agulha umas trezentas vezes e estava inconsciente, sangrando devagar até a morte. Esses objetos, instrumentos de tortura arcaicos, têm hoje um mercado vibrante para certos colecionadores empolgados.

Nora estava tão fascinada que se esquecera de mastigar o enorme pedaço de bolo em sua boca. Uma migalha caiu dos seus lábios, e ela rapidamente a pegou da barra do suéter. Engoliu-a fazendo um ruído alto.

— Mas logo tirei da cabeça aquele almoço bizarro, pois uma *hausfrau* de aparência masculina com um rosto suado e olhos negros brilhantes anunciou

que Cordova estava pronto para se encontrar comigo. Fui escoltada por vários corredores até uma grande sala cheia de arquivos e uma comprida mesa de jantar. Havia um homem sentado na extremidade dela. Era como um rei em um trono, pilhas de papéis e fotografias de locações, figurinos, anotações de cenas, tudo empilhado ao seu redor. Era gordo, mas não grotesco do modo como Orson Welles se tornou, ou Hitchcock, ou até mesmo Brando. Seu volume era de alguma forma *distinto*. Tinha um rosto oval, um cabelo preto grosso e usava óculos, lentes redondas e negras como nanquim. Era bonito. Pelo menos eu *achava*. Tinha um daqueles rostos que cativam. E ainda assim você não consegue se lembrar dele um minuto depois, como se seu cérebro simplesmente não conseguisse memorizar os traços, da mesma maneira como não consegue memorizar um número infinito. Possivelmente isso se devia aos óculos, à falta de *olhos*. Por um momento achei que fosse cego, mas não era, pois ficou me encarando sem dizer nada, depois me informou de que tinha salsinha no meu lábio. E *tinha*, para meu constrangimento. Depois perguntou se eu queria estar no filme dele. Obviamente disse, ansiosa: sim, ah, *sim*. Era uma grande fã desde *Figuras*. Ele sorriu. Então começou a me fazer uma série de perguntas diretas, que foram se tornando cada vez mais pessoais e perturbadoras. Perguntou se eu tinha família, namorado, se era sexualmente ativa, com que frequência eu ia ao médico, quem era meu parente vivo mais próximo. Se eu era saudável. Se ficava assustada com facilidade. Essa era uma *grande* preocupação. Queria saber do que eu tinha medo: altura, aranhas, me afogar, mar. Quanta dor física já tinha suportado? Qual era meu pior pesadelo? Comecei a achar que o objetivo subjacente das perguntas não era tanto me conhecer ou ver se eu servia para o papel, mas descobrir quão isolada eu era, quem iria notar caso eu desaparecesse ou *mudasse* de alguma forma. Eu ficava perguntando qual era o papel. Queria muito ver o roteiro. Ele recebeu essas perguntas apenas com silêncio e um sorriso sábio. Por fim, chegou outra pessoa, uma mulher, e me acompanhou para fora. Senti como se tivesse sido torturada por mais de uma hora. Foram apenas quinze minutos.

Olivia respirou fundo e nos serviu mais chá com a mão funcional. Quando apanhou os pegadores para colocar um cubo de açúcar e o jogou na xícara, notei com surpresa que seus dedos tremiam. *Ela estava nervosa*.

— Ficou claro que haveria outra discussão sobre *Anjinhos* depois do jantar. Concordei. Uma empregada me levou ao meu quarto. Era uma casa enorme, e foi designada a mim uma suíte, uma parede de janelas com cortinas de gaze como compridos véus de noiva e uma vista para um lago abaixo da colina. Nunca tinha visto um quarto tão bonito. Eu me deitei na cama, pretendendo fechar os olhos só por um momento, mas caí em um sono profundo. Devia estar mais cansada da viagem do que percebera. Três horas depois acordei muito abruptamente no escuro, arfando, minha garganta doendo como se alguém tivesse me estrangulado. Meus pulsos e braços pareciam ter sido presos de algum modo. Eles *doíam*. Mas não havia ninguém, nenhum sinal de algo os prendendo. E então vi, horrorizada, que minha mala estava vazia. Todas as minhas roupas haviam sido penduradas com precisão no closet. Até minha roupa de baixo tinha sido dobrada em pilhas meticulosas na cômoda. Um vestido meu, que aparentemente eu deveria usar no jantar, havia sido separado, incluindo brincos e um prendedor de cabelo de prata. As janelas também estavam abertas, as cortinas sendo sopradas para todos os lados. Estavam fechadas quando fui dormir. Todos os pelos em meus braços estavam arrepiados, como se eu estivesse prestes a ser atingida por um raio. Só tinha um pensamento. *Precisava fugir*. O jantar começaria às oito horas, e havia mais convidados chegando. Mas eu não me importava. Joguei minhas roupas na mala e saí apressada, conseguindo encontrar uma escada nos fundos e correndo para fora na noite. Meu carro estava exatamente onde o deixara, e saí sem acender os faróis. No início, tive certeza de que alguém me seguia. Havia faróis em algumas curvas da estrada atrás de mim. Mas sumiram assim que cheguei ao portão. Estava fechado. Desci do carro, eu mesma o destranquei e saí dirigindo freneticamente. Não parei por seis horas. Mas aquela *sensação*; um peso, um sufocamento, como se meu corpo inteiro tivesse sido colocado em uma prensa, isso só passou depois de quatro dias. Cheguei muito perto de procurar um hospital.

Olivia parou para pegar dois *petit fours* laranja da bandeja, um para ela e outro para um pequinês. Quando nos olhou novamente, abriu um sorriso triste.

— Claro que quanto mais tempo passava, ao pensar naquele incidente, me sentia humilhada. O tempo drena a maior parte do horror e da dor de nossas lembranças. Todo o horror que disse ter sentido, concluí que tinha sido minha juventude, uma imaginação exagerada. *Distorção*, o filme dele sobre a insanidade contagiosa dos adolescentes, me impressionou muito. Misturei tudo. Confundi arte com a vida. Escrevi três bilhetes de desculpas para Cordova pouco depois do episódio e não recebi de volta dele nada além de uma resposta muito grosseira.

— Qual foi?

— Nem se eu fosse a última pessoa na Terra, ele me escalaria para um de seus filmes. Imagino que aquele convite para *The Peak* fora meu teste e eu estragara tudo.

Não pude deixar de sorrir. O que ela estava dizendo corroborava de forma impecável com a carta de Cordova a Endicott que estava de posse de Beckman, aquela que ele mostrava aos alunos.

Ela deu de ombros, desdenhando.

— Por mim tudo bem. Dois anos depois eu era uma mulher casada. Tinha uma família, um amor de verdade, uma vida de verdade. Tinha desistido havia muito tempo dos meus sonhos de ser atriz, dos sonhos de ter fama, que, entendi, não era nada além de se entregar a um circo barato em que a pessoa vive para sempre em uma jaula, sendo aplaudida e ridicularizada em igual medida. Então, em 1999, do nada, recebi um convite. Era de Cordova. Estava me convidando para um jantar particular em sua casa, dessa vez na cidade. Isso foi alguns anos depois do último filme dele, *Respirando com reis*, muito depois de ter se escondido, quando se tornou uma pessoa ainda mais secreta e assustadora. Hesitei em aceitar, mas, afinal, *era* Cordova. Eu ainda era fã dele. Tivera grande dificuldade para conseguir cópias de seus trabalhos por meio de contrabando. Para mim ele era mais um mágico, um hipnotizador do calibre de Rasputin. Não um cineasta. Tantos anos depois, ainda me sentia não correspondida por ele. Ficava levemente incomodada com essa questão sobre ele que eu precisava que fosse respondida. O local do jantar era bem perto, do outro lado da avenida Park, na rua Setenta e um. Caso me sentisse

desconfortável, poderia sair a qualquer momento e simplesmente ir a pé para casa.

Lancei um olhar para Nora, que anuiu imperceptivelmente, fazendo a mesma conexão que eu. A casa que Hopper invadira na noite anterior ficava na Setenta e um Leste; Olivia só podia estar se referindo a ela. Também reconheci o sentimento que descrevera, a sensação de não ser correspondido por Cordova, a necessidade de uma solução, de um *fim*, como isso lhe perturbava durante anos; eu sentia aquilo.

— Na época, eu tinha cinquenta anos, não era mais a ingênua nervosa. Estava casada havia vinte anos, tinha criado três meninos. Seria preciso muito mais para me aterrorizar. — Ela se inclinou para a frente, pegando outro bolo. Os olhos dos três pequineses grudaram nele. Para o evidente sofrimento deles, ela o colocou na própria boca e o mastigou. — Foi um belo jantar, mas estranhamente Cordova não estava lá. Apenas sua esposa, Astrid, que explicou que o marido fora retido no trabalho no interior e não poderia vir. Fiquei confusa com aquilo. Desconfiei de que havia algo errado, como se fosse uma armadilha. Mas ainda assim era uma reunião maravilhosa, e havia duas pessoas que eu conhecia de meus velhos tempos de teatro. Quaisquer reservas que tivesse sobre estar ali logo se dissiparam. Um astro russo da ópera, um cientista dinamarquês, uma atriz francesa conhecida por sua enorme beleza; e ainda assim o inconfundível centro das atenções era a filha de Cordova, Ashley. Na época ela estava trilhando uma carreira estelar de pianista. Tinha doze anos e era a criança mais bonita que eu já tinha visto, olhos quase claros. Tocou para nós. Schubert, um concerto de Bach, um movimento da *Petrushka* de Stravinski, e então se juntou a nós para o jantar. Estranhamente, escolheu se sentar *bem* ao meu lado. Fiquei desconcertada de imediato. Os olhos dela eram tão bonitos, e ainda assim tão...

Olivia juntou as mãos, franzindo o cenho.

— O quê? — estimulei.

Os olhos dela encontraram os meus.

— *Velhos*. Tinham visto coisa demais. — Ela parou para respirar fundo, abrindo um sorriso triste. — O jantar foi fantástico. A conversa, fascinante. Ashley era encantadora. E, ainda assim, quando ficava em silêncio parecia

distante, como se tivesse deslizado para algum outro lugar, algum outro mundo. Quando o jantar terminou, Astrid sugeriu que participássemos de um jogo japonês que a família costumava jogar após o jantar, tendo aprendido com um samurai japonês de verdade que aparentemente morava com eles. Chamava-se O Jogo das Cem Velas. Depois procurei o termo japonês. *Hyakumonogatari Kaidankai* é como se chama. Já ouviu falar?

— Não — respondi, balançando a cabeça.

— É um velho jogo de salão japonês. Remonta ao período Edo. Séculos dezessete, dezoito. Cem velas são acesas, e cada vela é soprada após alguém contar uma breve *kaidan*. *Kaidan* é a palavra japonesa para história de fantasmas. Isso continua, a sala vai ficando cada vez mais escura, até a última vela ser apagada. É nesse momento que uma entidade sobrenatural finalmente paira na sala. Costuma ser um *onryō*, um fantasma japonês que quer se vingar. — Olivia respirou fundo, suspirando. — Começamos a jogar, todos bastante bêbados de vinho do porto e vinho de sobremesa, cada um de nós tentando dar conta da própria história, mas quando Ashley contava, as dela eram absolutamente sucintas. Imaginei que as tivesse decorado; a não ser que aos doze anos fosse capaz de falar com tanta eloquência, inventando tudo na hora. A voz dela era lenta e baixa, e em certos momentos soava como se viesse de algum outro ponto da sala. Cada história que contava era instigante, algumas perturbadoramente violentas. Lembro-me de que uma descrevia um senhor estuprando uma pobre garota serva e deixando-a para morrer à beira da estrada. Estava impressionada com a facilidade com que seus lábios formavam as palavras, como se estivesse falando de algo totalmente natural. Em certos momentos, tinha a sensação de estar fora do meu corpo enquanto ela falava, em algum *outro* lugar. E então, não sei exatamente como chegou a esse momento, restava apenas uma vela e cabia a Ashley contar a última história. Era a de um amor não correspondido, um Romeu e Julieta de doença e esperança, uma garota morrendo jovem e assim libertando seu amado. Todos ficaram hipnotizados. Ela soprou a vela, e ficou um breu na sala. Escuro *demais*. As pessoas davam risinhos nervosos. Alguém contou uma piada pesada. De repente, houve um ruído de algo sendo sugado, e senti um dedo frio tocar minha testa. Tinha certeza de que Ashley esticara a mão e

encostara em mim. Dei um berro, tentei me levantar, mas minhas pernas estavam dormentes. Para minha total humilhação, caí da cadeira direto no chão. Astrid, se desculpando, me ajudou a levantar e acendeu as luzes. Todos estavam rindo. Ashley continuava sentada ali, sem olhar para mim, mas *sorrindo*. Aquela sensação que eu tivera tantos anos antes, quando estive em The Peak, aquela pressão, como se minhas entranhas estivessem sendo agarradas, estava lá novamente. Esperei alguns momentos, me sentindo mal, depois me desculpei e parti. Fui para casa, preparei um chá para mim e fui para a cama. Mas, horas depois, quando Mike acordou ao meu lado, eu estava em coma. Tive um derrame. Recuperei a consciência no hospital e me dei conta de que perdera os movimentos do braço direito. — Olivia olhou para o braço flácido na echarpe, quase como se fosse separado dela, o albatroz retorcido que era obrigada a carregar. — Eu tinha um aneurisma cerebral. Os médicos disseram que meu estresse com o incidente foi o que deve ter provocado isso. Sou uma mulher prática, sr. McGrath. Não tendo a tirar conclusões histéricas. O que *sei* é que eles fizeram algo a ela, a Ashley, para que se comportasse daquela forma.

— Quem?

— A família dela. Cordova.

— E o que exatamente acha que fizeram?

Pareceu pensativa.

— Você tem filhos?

— Uma filha.

— Então sabe que ela nasceu inocente, mas absorve tudo ao seu redor como uma esponja. O estilo de vida deles em The Peak, minha própria visita à casa tantos anos antes, as perguntas que ele me fez. Era como se eu fosse um experimento. Devem ter feito isso a Ashley. Só que, diferentemente de mim, ela não podia fugir. Pelo menos não quando criança.

Olhei para Nora. Parecia enfeitiçada. O que Olivia dissera se encaixava com o que eu supunha, de que no momento da morte Ashley estava brigada com a família, se escondendo sob um nome falso, procurando alguém conhecido como Aranha. O que não conseguia entender era por que voltaria à

casa da cidade, a não ser que fosse para se encontrar com Inez Gallo. Talvez Gallo morasse lá.

— Já ouviu falar de alguém ligado a Cordova com o apelido de Aranha? — perguntei, me inclinando para a frente.

— Aranha. — Olivia franziu o cenho. — Não.

— E quanto a Inez Gallo? Esse não seria seu apelido, seria?

— A assistente de Cordova? Não que eu saiba. Mas não sei nada sobre ela, exceto que acredito ter sido a mulher que me levou para ver Cordova. E enquanto ele me entrevistava, ficou sentada à direita dele, como se fosse um capanga ou guarda-costas, ou talvez seu inconsciente.

Assenti. A posição subserviente, ameaçadora, com certeza corroborava o que havia sido escrito sobre Inez Gallo no Blackboards.

— Por que ninguém fala sobre Cordova? — perguntei.

— Morrem de medo. Atribuem a ele um poder, real ou imaginário, sei lá. O que eu *sei* é que na história daquela família há atos atrozes. Tenho *certeza*.

— Por que não investigou isso? É óbvio que é apaixonada pelo tema. Certamente teria uma enorme gama de recursos à sua disposição.

— Fiz uma promessa a meu marido. Ele queria que eu deixasse isso para lá, considerando o que havia acontecido. Se irritasse alguém tentando chegar ao fundo disso, perderia o uso do meu *outro braço*? E depois das pernas? Porque parte de mim *de fato* acredita, entende, que sim, havia algo naquela sala invocado por aquela garota, e aquilo para o que eu fora levada lá, em um ato de vingança, acontecera *exatamente* como eles tinham planejado. Eu fora obrigada a pagar por alguma suposta agressão que teria cometido contra minha irmã.

Não pude deixar de pensar na maldição da morte. Tecnicamente minha vida *tinha* se tornado mais perigosa desde que eu andara por aquilo; quase me afogara. *Consome sua mente sem que você se dê conta*, dissera Cleo. Isso (...) *o isola, o lança contra o mundo, deixando-o nas margens, na periferia da vida*. Na verdade, eu podia mesmo entender tal fenômeno acontecendo a alguém que fora atrás de Cordova.

Olivia suspirou. Parecia cansada, a intensidade desaparecera do seu rosto, deixando-o sem cor.

— Temo não ter muito mais tempo — comentou ela, olhando para a entrada do outro lado da sala.

Acompanhei seu olhar e me dei conta de que estivera escutando com tanta atenção que não notara que a mulher de terninho cinza que nos recebera — secretária de Olivia, imagino — enfiara a cabeça na entrada, silenciosamente alertando a senhora do próximo compromisso premente.

— Você mencionou Allan Cunningham — falei. — Ashley foi paciente de Briarwood antes de morrer. Eu queria saber em quais circunstâncias ela fora internada lá, mas Cunningham não facilitou as coisas para mim. Alguma chance de que possa me ajudar a ter acesso a ele?

Olivia sorriu, confusa.

— Allan me garantiu que Ashley nunca foi paciente de lá. Mas certamente perguntarei de novo. Estaremos em Saint Moritz até março. — Ela se sentou mais para a frente e enfiou os pés nos sapatos. — O número que você tem vai direto para minha secretária. Entre em contato com ela caso precise de mim para qualquer coisa. Ela poderá me passar o recado.

— Agradeço por isso.

Ela se levantou do sofá — os três pequineses saltando para o tapete ao redor dos seus pés — e ajeitou a echarpe de seda no braço imóvel. Enquanto Nora e eu nos levantávamos, Olivia estendeu a mão e tomou a minha com um sorriso caloroso e desconcertante, os olhos castanhos reluzindo.

— Foi certamente um prazer, sr. McGrath.

— O prazer foi todo meu.

Começamos a ir em direção à porta.

— Uma última coisa — falei.

Ela parou, se virando.

— Claro.

— Se eu quisesse conversar com sua irmã, onde poderia encontrá-la?

Pareceu irritada.

— Ela não pode ajudá-lo — disse. — Não pode sequer ajudar a si mesma.

— Foi casada com Cordova.

— E o tempo todo esteve viciada em barbitúricos. Duvido de que se lembre de alguma *coisa* sobre a época do casamento; exceto, talvez, de trepar

com Cordova algumas vezes.

Ali estava — sob a elegância impecável — *a irmã brigona*.

— Ainda assim seria inestimável conversar com ela sobre o que viu lá, como era o homem, como vivia. Ela tem informações de bastidores.

Olivia me encarou com arrogância; não estava acostumada a que discordassem dela. Ou talvez fosse exasperação por novamente, mesmo após tantos anos, o nome da irmã ainda ser mencionado em sua presença.

— Mesmo se eu lhe desse o endereço, ela nunca receberia você. Ela não vê ninguém a não ser a empregada e seu traficante de drogas.

— Como sabe disso?

Respirou fundo.

— A empregada dela vem aqui toda semana para me entregar suas contas e me atualizar sobre sua saúde. Minha irmã não sabe que está falida, que *eu* tenho pagado por seus cuidados e por suas drogas nos últimos vinte anos. E se você está imaginando por que não a mandei para uma clínica como Betty Ford, Premises ou Briarwood, lhe garanto que já fiz isso. Onze vezes. Não adianta. Algumas pessoas não querem ficar sóbrias. Não querem a realidade. Depois que a vida lhes dá uma rasteira, escolhem ficar com a cara na lama.

— Tudo bem — falei. — Mas se o que nos contou é *verdade*...

— E é — rosnou ela.

— Marlowe poderia ser capaz de me dar ainda mais. A testemunha menos confiável ainda tem a verdade dentro de si.

Olivia me observou desafiadoramente, depois suspirou.

— Campanile. Beekman Place. Apartamento 1102. — Ela se virou e deslizou depressa para a porta, seu séquito peludo arfando para acompanhar. — Fale com o porteiro, Harold — acrescentou por sobre o ombro. — Ligarei para ele esta tarde. Tomará as providências.

— Agradeço por isso.

— Quando a *vir*, não faça menção a mim. Para o seu próprio bem.

Juro ter flagrado um leve sorriso satisfeito em seu rosto quando ela disse isso.

— Tem minha palavra.

Ela nos acompanhou pela galeria até o saguão de entrada, o velho já esperando com nossos casacos. Parecia tão rígido que não pude deixar de imaginar que ficara de pé ali por mais de uma hora.

— Obrigado por tudo — disse a Olivia. — Foi inestimável.

— Com sorte você vai poder *fazer* algo a respeito. Vingue aquela garota. Ela era especial.

Nora entrou no elevador, e embora eu tenha ido logo atrás, coloquei a mão para impedir que as portas se fechassem.

— Mais uma pergunta, se não se importa, sra. Du Pont.

Ela se virou, a cabeça inclinada naquele habilidoso ângulo entre interesse e superioridade.

— Como conheceu o sr. Du Pont? Sempre tive essa curiosidade.

Ela me encarou. Pensei que iria dizer friamente que não era da minha conta. Mas, para minha surpresa, depois de um momento, ela sorriu.

— Hospital Cedars-Sinai em Los Angeles. Entramos no mesmo elevador. Estávamos indo visitar Marlowe no oitavo andar. O elevador enguiçou. Algo relacionado a um fusível queimado. Quando ele voltou a funcionar, uma hora depois, Mike não queria mais subir ao oitavo andar para visitar Marlowe. — Ela me olhou nos olhos com uma expressão de triunfo. — Ele queria *descer* ao saguão *comigo*.

Com um sorriso suave, Olivia deu meia-volta com frieza e desapareceu pelo saguão escuro, os cães a seus pés.

QUANDO NORA E eu saímos para o toldo cinza-claro que dava para a avenida Park, fiquei surpreso ao descobrir que estava chovendo muito. Não tinha notado isso lá em cima com Olivia, provavelmente por ter ficado absorto demais pelo que ela dizia. A não ser que seu apartamento fosse tão elegante que simplesmente *editasse* o tempo ruim como sendo um terrível *faux pas*.

O porteiro me deu um grande guarda-chuva e, abrindo um para si mesmo, correu para a rua com o objetivo de chamar um táxi.

— Não foi como eu esperava — disse a Nora. — Foi franca e bastante convincente.

Nora balançou a cabeça sem fôlego.

— *Eu* só conseguia pensar em Larry.

— O tatuador?

Ela assentiu vigorosamente.

— Lembra-se do que aconteceu a ele?

— Morreu.

— *De aneurisma cerebral*. Não está vendo? É uma *tendência*. Olivia teve um, e Larry também. *Ambos* após terem se encontrado com Ashley.

— Então está dizendo que ela é o Anjo da Morte?

Falei brincando, embora tenha me lembrado de repente do incidente que Hopper descrevera no acampamento — a cascavel encontrada no saco de dormir do monitor, a crença disseminada de que Ashley a colocara ali. *E, claro, o aparecimento dela no Reservoir*.

— Olivia descreveu a mesma coisa que Peg Martin — falei. — Uma visita a The Peak. Mas as experiências delas foram muito diferentes. Uma foi aterrorizante. A outra, uma espécie de continuação de um sonho fantástico de infância.

— Fico pensando em qual é verdadeira.

— Talvez ambas. Os incidentes aconteceram com quase vinte anos de diferença. Olivia disse ter ido lá em junho de 1977. Isso foi um ano após Cordova ter comprado The Peak com Genevra e um mês antes de ela se afogar. O piquenique de Peg Martin na propriedade foi em 1993.

— Assustadora a descrição que Olivia fez de Genevra, a primeira esposa dele, não acha?

— A prisioneira aterrorizada demais para falar.

Ela anuiu.

— E quanto àquela agulha para perfurar bruxas?

— Isso na verdade corrobora o que Cleo da Encantamentos sugeriu, que Ashley vem de uma dinastia de praticantes de magia negra.

Nora roeu as unhas, apreensiva.

— Aposto que se um dia *entrarmos* em The Peak, é o que iremos encontrar.

Eu sabia no que ela estava pensando; de alguma forma as palavras de Cleo haviam ficado gravadas em minha cabeça quando ela descrevera as realidades horrendas daqueles que lidam com magia negra. *Velhos diários encadernados em couro com feitiços escritos de trás para a frente. Sótãos abarrotados com ingredientes realmente obscuros, como fetos de cervo, fezes de lagarto, sangue de bebê. Isso não é para gente com estômago fraco. Mas funciona.*

O porteiro tinha conseguido um táxi, então saímos correndo de sob o toldo e nos jogamos no banco de trás. Vi que tinha uma ligação perdida de Blumenstein e duas de Hopper. Ele também havia enviado uma mensagem.

Solto sob fiança. Um milhão de obrigados. Indo para seu apto

Bom. Mal podia esperar para perguntar o que ele vira dentro da casa — para não falar em *De que forma, afinal, sabia como invadir.*

ENQUANTO NORA E eu entrávamos no meu prédio, ela parou, alarmada, e agarrou meu braço, apontando para a fechadura da porta da frente. Estava quebrada, a madeira lascada.

Empurrei a porta lentamente. Estava escuro do lado de dentro, nenhum barulho além da chuva batendo.

Entrei no saguão.

— *Não* — sussurrou Nora. — Ainda pode ter alguém aí...

Levei um dedo aos lábios e me esgueirei mais para dentro do saguão, cada passo que eu dava fazendo as tábuas do piso rangerem. De repente ouvi um baque abafado vindo da sala.

Corri para o vão da porta bem a tempo de ver um homem saindo pela janela, chuva forte batendo em seu casaco preto e gorro de tricô enquanto passava por sobre a floreira e sumia de vista.

Passei correndo por Nora no saguão, vendo o invasor disparar em frente ao prédio, descendo a rua Perry rumo oeste.

Corri para fora e fui atrás dele. Já estava na metade do quartoirão, passando por um pedestre — que percebi ser *Hopper*.

— Pegue esse cara! — gritei.

Ao me ver correndo na direção dele, Hopper se virou e saiu atrás do homem, que acabara de desaparecer na Quatro Oeste.

O invasor era baixo demais para ser Theo. Tinha que ser outra pessoa.

Hopper sumiu na esquina. Quando cheguei ao cruzamento segundos depois, ele já perseguia o homem pelo quartoirão na rua Charles. Fui correndo atrás deles, desviando de carros, bicicletas acorrentadas, pessoas com sacolas de compras. O invasor chegou ao sinal da rua Hudson, Hopper correndo atrás, gritando, embora os trovões afogassem as palavras. Em

minutos ele chegara à West Side Highway, onde havia uma fila de carros. Hopper cruzou o canteiro central, chegando ao outro lado, enquanto fui obrigado a esperar o sinal ficar verde.

O homem seguia rumo norte pela ciclovia ao longo do parque Hudson River, passando por barricadas da polícia. De repente virou à esquerda, indo para o Píer 46, e então desapareceu.

O sinal ficou amarelo, e com uma pausa do tráfego a atravessassei correndo, alcançando Hopper na ciclovia.

— Eu o perdi — disse ele, arfando.

Olhei para a trilha, protegendo os olhos da chuva. Afora um casal passeando com um pastor-alemão, estava deserta, mas o píer, uma área de lazer popular, estava movimentado, umas trinta ou quarenta pessoas caminhando pela calçada, armados com casacos impermeáveis e guarda-chuvas.

— Ele está no píer — falei. — Vou conferir esta ponta. Você procura do outro lado.

Quando fui, passei por uma família de turistas em capas de plástico; um jovem passeando com um Jack Russel; uma dupla de adolescentes rindo, encolhidos sob um casaco marrom.

Nenhum sinal dele.

Passei por um grupo de corredores com trajes de chuva se alongando na balaustrada e vi um homem solitário bem no final do píer.

Estava sentado em um banco, olhando para o rio Hudson, de costas para mim. Vestia um casaco cáqui, com um guarda-chuva vermelho-vivo acima da cabeça. Mas havia algo estranho nele, e quando me aproximei vi o que era: não apenas seu cabelo grisalho ralo estava despenteado, como se tivesse acabado de tirar o gorro de tricô, mas os ombros subiam e desciam, *como se estivesse sem fôlego*.

Passei descontraidamente pelo banco até uma lata de lixo, a menos de dois metros, e me virei para ver o rosto dele.

Era apenas um velho, a mão apoiada no alto de uma bengala ortopédica de quatro pés, a calça jeans encharcada. Havia uma grande mochila azul JanSport ao lado dele e os restos de um sanduíche do Subway.

Devo ter parecido descarado, analisando-o tão diretamente, mas ele apenas olhou para mim e sorriu, murmurando algo.

— Como é? — gritei.

— Acha que vamos precisar da arca de Noé?

Abri um leve sorriso e passei na frente dele, andando até o fim do píer. A tempestade estava agora tão forte que mal havia diferença entre o rio cinzento cheio e a chuva.

Eu me virei para conferir o velho novamente, *só por garantia*.

Mas ele continuava curvado ali, inofensivo, a chuva formando no guarda-chuva vermelho uma cachoeira ruidosa ao redor dele.

Ele sorriu novamente, gesticulando para que eu me aproximasse, e me dei conta, por sua expressão animada, de que ele confundira meus olhares com algum tipo de proposta sexual.

Ele era apenas um velho gay querendo pegação ali.

Jesus Cristo.

— Quer dividir? — gritou para mim, erguendo os olhos para o guarda-chuva vermelho, que deixava sua pele rosada. — Na verdade, acho que tenho um extra.

Lambendo os lábios, ele abriu a mochila e procurou algo dentro dela.

Ergui a mão, dispensando-o, e desci rapidamente o passeio quando houve o estalo de um raio, seguido por outro trovão. Ao chegar ao lado norte do píer, vi que havia um tumulto, uma pequena multidão se formando ao longo da ciclovía. Corri para lá, abrindo caminho entre os espectadores até encontrar Hopper, assim como outro homem, ajudando uma negra idosa a se levantar.

A pobre mulher soluçava e estava completamente encharcada, usando apenas um vestido rosa, agarrando um braço dolorido.

— O que aconteceu? — perguntei a uma mulher ao meu lado.

— Ela acabou de ser assaltada. O cretino roubou até a bengala dela.

A mulher mal dissera essas palavras e eu estava abrindo caminho pela multidão, voltando o mais rápido que podia pelo passeio.

O velho já tinha partido.

Estavam abandonados ali o guarda-chuva vermelho, a mochila, a bengala ortopédica, o casaco impermeável e o papel do sanduíche do Subway. *O filho da puta esperto provavelmente o tirou da lata de lixo para parecer que estava almoçando tranquilamente.*

Exatamente onde ele havia sentado tinha uma coisinha branca, virada de cabeça para baixo no banco.

Eu peguei. Era meu cartão de visitas.

DEVOLVI À MULHER seus pertences.

Era tudo dela: a mochila azul JanSport, o guarda-chuva vermelho, a bengala e o casaco. Nenhum dinheiro sumira. O agressor viera por trás, arrancara suas coisas brutalmente e a jogara no passeio.

— *Sem chance* de ser um velho — gritou Hopper acima do temporal enquanto atravessávamos correndo a rua Greenwich, voltando para a Perry.

— Estou dizendo. *Era*.

— Então ele tem comido algum maldito cereal energético, porque tinha o torque de uma Suzuki. O que roubou?

— Estamos prestes a descobrir.

Aceleramos o passo. Eu mal conseguia me acalmar para *pensar*, de tão depressa que tudo havia acontecido. Mas tinha a sensação de que não deveria ter sido tão descuidado ao deixar Nora sozinha. Não parei para pensar se o invasor tinha um cúmplice.

Entramos correndo no meu prédio. Ela não estava no corredor.

— *Nora!*

Escancarei a porta, passando correndo pelo saguão. Nada na sala fora mexido. Apressei-me pelo corredor até o escritório e fiquei imóvel.

Parecia ter havido um terremoto. Papéis e caixas, pastas, prateleiras inteiras tinham sido reviradas e jogadas no chão. Uma janela estava aberta, a chuva forte entrando. Nora se movia freneticamente entre os escombros.

— Qual o problema? Está machucada?

— *Ele sumiu*.

— O quê?

Ela estava em pânico.

— Septimus. Não consigo encontrá-lo.

Vi a gaiola vazia no chão.

— *Cadê a porra do meu laptop?* — gritei.

— Tudo foi roubado. Havia mais alguém aqui. Eu ouvi ele saindo pela janela, mas não o vi — falou, indo até o closet, a porta de madeira pendendo da dobradiça.

Avancei em meio à bagunça até a janela, batendo-a com raiva. Meus arquivos estavam abertos, os papéis haviam sido saqueados. Minhas velhas matérias da *Time* emolduradas tinham sido arrancadas da parede. O pôster de *Le Samourai* estava torto, de modo que Alain Delon — *normalmente* olhando com frieza com seu chapéu fedora para algo além do quarto — agora contemplava o chão. *Seria aquilo alguma mensagem criptografada? Uma dica de que eu era míope, não estava vendo direito?*

Ajeitei o quadro, catei as almofadas de couro e as joguei no sofá. Agarrei uma das prateleiras caídas e a levantei, pisando em um porta-retratos virado para baixo. Peguei-o, vendo com uma pontada de horror que era minha foto preferida de Sam, tirada com poucas horas de vida. O vidro tinha sido quebrado. Afastei os cacos, coloquei-a na escrivaninha e então fui até a caixa virada com a pesquisa sobre Cordova.

Quase ri.

Estava vazia — a não ser pelo panfleto de acompanhante *Conheça Yumi* que colocara no bolso no 83 da rua Henry. A garota seminua me olhava com malícia, como se sussurrasse: *Está mesmo tão surpreso?*

Não acreditava na minha estupidez. *Sabia* que estávamos sendo seguidos, mas, como um idiota descuidado, eu não tomara precauções, o que no momento parecia *especialmente idiota*, considerando que da última vez que fora atrás de Cordova minha vida desmoronara ao meu redor como o cenário de um vaudeville barato. Agora minhas anotações estavam nas mãos exatamente do alvo da minha investigação. Cordova estaria lendo todos os meus registros, cada pensamento e rabisco sobre os quais refleti. *Estaria examinando minha cabeça como alguém que passeia por uma loja de departamentos.* Meu laptop tinha senha, mas qualquer *hacker* razoável passaria por cima disso. Agora Cordova descobriria tudo o que sabemos sobre os últimos dias de Ashley.

Qualquer vantagem que pudéssemos ter após ter entrado na Oubliette, no Waldorf, em Briarwood, saber que Ashley estava procurando por aquela pessoa chamada *Aranha* — tudo estava perdido.

Peguei meu aparelho de som, colocando-o de volta na prateleira, e vi, incrédulo, que o CD de Ashley também sumira. Isso deu lugar a outro pensamento alarmante.

— Onde está o arquivo policial de Ashley?

Nora ainda revirava o closet.

— O arquivo de Ashley que consegui *ilegalmente* com Sharon Falcone; você o estava lendo há dois dias. Onde está?

Ela se virou, o rosto perturbado.

— Não sei.

Ela começou a chorar, então passei a revirar eu mesmo o entulho. Não conseguia imaginar o efeito cascata daquele arquivo se tornando público: Sharon perdendo o emprego; sua carreira terminando em desgraça por causa da minha tolice; meu nome sendo impresso *novamente* como algo nocivo. Isso me deixou tão furioso que levei um momento para perceber que Hopper gritava para a gente.

Nós o encontramos na cozinha, de pé próximo à porta aberta do forno.

O periquito estava lá dentro, batendo as asas freneticamente ao redor do ventilador.

Nora correu, pegando o pássaro com gentileza. Estava vivo, mas tremia violentamente.

— O forno estava *ligado*? — perguntou a Hopper.

— Não.

Enquanto ela cuidava do pássaro, Hopper olhou significativamente para mim.

Estava pensando a mesma coisa que eu. Isso não fora um ato de clemência. Fora uma ameaça. Poupar o pássaro foi uma mensagem clara: eles estavam no controle. Quiseram brincar com o pássaro, fazer graça com ele, paralisar aquela coisa frágil um pouco mais. Mas, se quisessem, poderiam tê-lo matado.

E o mesmo valia para nós.

PASSAMOS AS HORAS seguintes arrumando meu escritório, enquanto um chaveiro trocava a fechadura da porta da frente. Tudo sobre Ashley e Cordova tinha sido levado, com algumas poucas exceções — minhas velhas anotações de Crowthorpe Falls, o cartão de visitas de *Diversão para despedidas de solteiro* de Iona. Encontramos esses itens debaixo do sofá, sugerindo que meu escritório havia sido destruído primeiro e *depois* vasculhado em busca de informações sobre os Cordova.

Em outro golpe de sorte, eles deixaram para trás o casaco de Ashley — o encontramos guardado na sacola da Whole Foods atrás da porta, provavelmente considerado lixo. Também achamos o arquivo policial de Sharon Falcone. Dois dias antes, Nora o levava para o andar de cima para revisá-lo antes de dormir. Ainda estava na mesinha de cabeceira dela — sinal de que os invasores não chegaram a subir.

Eu continuava pensando em Olivia Endicott. Com certeza era *conveniente* que enquanto estávamos lá escutando a mulher, os invasores tivessem acesso total ao meu apartamento. Não conseguia deixar de pensar se a avaliara equivocadamente. Será que fazia parte da coisa toda desde o começo e os informara sobre a reunião? *Por quê? Que motivo Olivia tinha para proteger Cordova?*

Também havia uma perturbadora simetria no que acontecera. Estávamos seguindo os passos de Ashley; Theo Cordova seguira os nossos. Hopper invadira a casa *deles* na noite anterior; então hoje eles invadiram a minha. Procurando o homem no píer, eu só encontrara a mim mesmo, *meu* cartão de visitas. Estávamos realmente sendo ameaçados pelo que fazíamos? Ou eles estavam considerando isso um jogo, espelhando nossas ações, revidando-as,

uma violação da privacidade dos Cordova resultando em uma violação da minha, uma invasão por outra?

Eu não sabia o significado de nada daquilo, mas algo que Olivia dissera parecia correto: *O espaço ao redor de Cordova é distorcido... a velocidade da luz diminui, a informação fica confusa, mentes racionais se tornam ilógicas, histéricas.*

Subi e tomei uma chuveirada, dei toalhas a Hopper para que ele também pudesse fazer o mesmo. Estava planejando pedir comida chinesa e depois questioná-lo sobre a casa — ele mencionara rapidamente que não vira muita coisa antes de ser pego. Deixei Nora cuidando de Septimus e me recolhi no meu quarto para limpar o velho cofre do closet. Não o usara em anos, mas todas as anotações e provas teriam que ficar trancadas ali agora.

Estava tirando alguns velhos arquivos redigidos quando ouvi uma batida atrás de mim.

Nora estava à porta, o rosto pálido.

— Qual o problema? É Septimus?

Ela negou com um gesto de cabeça, fazendo um aceno para que a seguisse.

Colocara uma música ensurdecadora na sala, o volume tão alto que abafava nossos passos. Ela se esgueirou até o final do corredor, apontando para a porta do banheiro, apenas uma fresta aberta.

Hopper estava lá dentro, a torneira aberta. Eu não tinha o hábito de espionar homens em banheiros, mas ela fez um gesto animado para que eu desse uma olhada.

Eu me inclinei para a frente. Hopper estava à pia, escovando os dentes, com uma toalha na cintura.

E então vi.

— O QUE está acontecendo? — perguntou Hopper, ao chegar à sala.

— Sente-se. Vamos ter uma conversinha.

— Certo. A casa.

— A casa não — disse Nora, de mau humor. — A tatuagem no seu pé. Ele ficou paralisado, em choque.

— O quê?

— O Qilin de Ashley — disse ela. — *Você* tem a outra metade.

Ele olhou para a porta.

— Hopper, nós vimos. Você mentiu para a gente.

Ele olhou para Nora com raiva, depois foi de repente em direção à porta, mas eu estava pronto. Agarrei-o pelas costas da camiseta e joguei-o com força em uma poltrona.

— A tatuagem na porra do seu tornozelo. Pode falar.

Ele parecia chocado demais para falar, ou estava tentando formular uma desculpa. Depois de um minuto, Nora se levantou e serviu a ele um copo de uísque.

— Obrigado — murmurou taciturno. Tomou um gole, olhando para o copo. — Conhecê-la e depois *não* — começou a dizer em voz baixa — é como cumprir prisão perpétua. Você vê tudo a distância, através de um vidro grosso, telefones e horários de visita. Nada tem gosto. Há grades para todo lugar que olha. — Ele deu um leve sorriso. — Você nunca pode sair.

Ergueu a cabeça, olhando direto para nós, como se lembrando de que estávamos lá. Parecia realmente aliviado.

E assim começou a nos contar tudo sobre ela enquanto a chuva batia nas janelas feito um exército tentando entrar.

— NÃO MENTI para vocês — disse Hopper. — Conheci Ashley no acampamento. E foi verdade aquela aposta que fizemos. Ela me deu o fora. E aquele incidente com o garoto de quem todo mundo debochava. Orlando. Quando ele tomou ecstasy e Ash assumiu a culpa por todos nós. Isso *aconteceu*, ok? O que eu *não* contei foi que estava planejando sumir dali.

— Do acampamento? — perguntei.

Ele assentiu.

— Estava cansado. Mesmo depois do incidente com a cascavel, ainda tínhamos mais seis semanas. Não estava disposto a continuar engolindo aquela babaquice. Certamente graças a Ash, Pena de Falcão estava morrendo de medo, mas e daí? Todo dia fazia quase quarenta graus. Os garotos eram um bando de maníacos, os monitores, uns *cretinos* pervertidos. À noite você podia ouvir um deles, Caminhante de Muros, tocando punheta na barraca. Era só uma questão de tempo até que tentasse convencer alguém a participar. A única garota com quem valia a pena falar, Ash, não me dava nenhuma bola. Então pensei: *foda-se*. Uma das monitoras, uma analista chamada Crina de Cavalo, estava sempre verificando o mapa que mantinha escondido na mochila, achando que era discreta. Certa noite, quando estava tendo uma conversa particular com uma das garotas, eu o roubei. Vi no mapa que se você saísse do Parque Nacional Zion, havia uma rodovia interestadual bem perto que o levaria rumo oeste para Nevada. Se chegasse à estrada poderia facilmente conseguir uma carona com um caminhoneiro. Eu já tinha viajado com caminhoneiros. A maioria odeia a polícia, então são muito confiáveis. Os outros estão tão doidões de anfetamina que não fazem a menor ideia de quem está com eles. Meu plano era chegar a Vegas.

“Crina de Cavalo fez um escândalo enorme sobre o mapa roubado e houve um grande interrogatório ao redor da fogueira. As mochilas das pessoas foram revistadas, mas não encontraram nada. Os monitores concluíram que Crina de Cavalo o tinha perdido. Mas estava escondido sob a palmilha da minha bota. Bolei um plano de fuga. Ia racionar minha comida, guardar o extra no fundo do meu saco de dormir e esperar chegarmos ao local de acampamento mais próximo daquela rodovia. Pelos meus cálculos, estaríamos lá em três dias. Dali, a rodovia ficava a um dia de caminhada. Eu sairia quando todos estivessem dormindo. Havia um monitor, Quatro Corvos, que deveria ficar de sentinela a noite toda, mas ele se retirava em segredo por volta de uma da manhã, então não teria problemas. Mas *havia* algo que eu não tinha considerado. Orlando.

Hopper passou as mãos pelo cabelo e prosseguiu.

— Nós dividíamos uma barraca. Logo no início designaram para cada participante um companheiro de barraca. Orlando era o meu. Certa noite, eu estava estudando o mapa, e de repente ouvi no escuro: “Hopper, o que você está olhando?” Ele tinha acordado e estava me espionando. Não sabia há quanto tempo. Disse a ele que achava ter visto um lagarto e que era para ele dormir de novo, porra. Mas era um garoto esperto. Estava *acostumado* a pessoas mentindo para ele. Na manhã seguinte, quando acordei, ele tinha revirado minhas coisas e achado o mapa. Disse que sabia que eu planejava fugir, e que se eu não o levasse junto, ele contaria aos monitores. — Fez uma pausa para tomar um longo gole do uísque. — Acho que nunca ninguém tinha sido legal com ele sem que precisasse chantagear. Queria que eu promettesse em nome de Jesus Cristo; ele era da Carolina do Norte, os pais eram batistas. Estava sempre mencionando Jesus como se fosse seu vizinho, alguém cujo quintal ele limpava. Então falei: *Legal*. Sem problemas. Jurei em nome de Jesus Cristo que o levaria comigo. Jurei que éramos um time. Como Frodo e Sam. — Olhou para mim. — Eu não tinha *nenhuma intenção* de levá-lo. Fugir com ele era como tentar fugir com um *sofá* em L nas costas. O maior atraso. — Ele parecia ansioso ao dizer isso, afastando o cabelo da frente dos olhos, voltando a concentrar o olhar na mesinha de centro. — Em poucos dias, chegou a noite. Montamos nosso acampamento exatamente onde

eu precisava. E lembro que quando todos foram para a cama o céu noturno estava claro e havia um *silêncio* que nunca irei esquecer. Normalmente havia insetos e outras merdas berrando no seu ouvido a noite toda. Mas naquela noite tudo estava parado, como se todas as coisas vivas tivessem fugido. Coloquei o relógio para despertar à meia-noite. Mas fui acordado por um monitor. O *grupo todo* estava acordado. Chovia torrencialmente. O acampamento inteiro estava inundado, todos nós dormindo em cerca de um palmo de chuva. Estava um caos. Os monitores gritavam para que todos desmontassem as barracas. Precisávamos nos mudar para um local mais alto, pois tinham medo de uma inundação. Não que eles dessem a mínima para o *nosso* bem-estar, só não queriam que eles mesmos acabassem mortos. As pessoas estavam gritando, surtando. Ninguém conseguia achar nada. Eu me dei conta de que era uma bênção, porque no meio do caos seria muito fácil escapar. Sabia para onde tinha que ir, qual era o caminho. Ajudei Orlando a desmontar a barraca, mas, quando fiz isso, notei Ashley. Ela já desmontara a dela e esperava o resto de nós. O facho da lanterna de alguém passou pelo rosto dela e vi que estava do outro lado do acampamento, apenas olhando para mim. Sua *expressão*... era como se *soubesse* o que eu estava prestes a fazer. Mas não tinha tempo para pensar nisso. Alguns dos garotos estavam começando a subir a trilha para o acampamento seguinte. Fui atrás deles. Eu me demorei, e quando estavam bem à frente, desliguei minha lanterna e saí da trilha, descendo uma encosta nas pedras, esperando. Podia ver alguns dos garotos caminhando ao longo do cume, outros ainda se atrapalhando com as barracas. A chuva caía com tanta força naquele breu que não dava para ver mais de trinta centímetros à frente. Só notariam minha ausência pela manhã. Liguei minha lanterna novamente e fui embora. — Parou para tomar outro gole. — Não tinha andado dez minutos quando me virei e vi outra lanterna logo atrás de mim. Era Orlando. Fiquei *puto*. Gritei para ele voltar, mas se recusou. Ficava repetindo: “Você prometeu. Prometeu me levar.” Não parava. Eu surtei. Disse que não o suportava. Disse que era gordo, que todo mundo debochava dele. Disse que era patético e fraco, e que até mesmo a mãe dele secretamente não o amava. Disse que ninguém no mundo o amava e ninguém nunca amaria.

Nesse momento Hopper começou a soluçar, um som torturado de engasgo que parecia rasgá-lo.

— Eu queria que ele me odiasse. Então iria embora. Não queria que gostasse de mim. Não queria que me admirasse.

Respirou fundo e ficou em silêncio, a cabeça nas mãos. Após um minuto, limpou o rosto na dobra do braço, se inclinando para a frente na poltrona, visivelmente determinado a continuar falando, prosseguindo com a história ou iria se perder nela, se afogar nela.

— Fui embora. Um minuto depois, quando olhei para trás pude ver a lanterna dele, um pontinho de luz branca no escuro atrás de mim, bem distante. Parecia estar ficando menor, como se voltasse à trilha. Mas não sabia dizer se estava se movendo na minha direção ou para longe. Talvez ainda estivesse indo atrás de mim. Continuei. Mas uma hora depois me dei conta de que não tinha saída. A trilha que eu deveria tomar seguia por um cânion chamado The Narrows, e quando cheguei a ele, escorregando na lama, vi que havia um rio furioso onde deveria estar a trilha. Não havia como atravessar. Eu tinha que voltar. Demorou uma eternidade, porque o caminho estava um lamaçal. Eu nem tinha certeza de que iria conseguir, e provavelmente não teria sido possível se eu não tivesse o mapa. Eu me sentia cambaleando para sempre na escuridão. Três horas depois, cheguei ao cume e ao novo acampamento. Eram quase cinco da manhã e ainda chovia. Todos dormiam. Ninguém notara que eu tinha saído. Desenrolei meu saco de dormir, entrei em uma das barracas e desmaiei. Quando acordei, os monitores tinham feito uma contagem. Não havia sinal de Orlando. À tarde eles chamaram a Guarda Nacional. Lembro-me de que era um belo dia. Um céu azul muito brilhante e bonito. — Ele se inclinou para a frente, respirando fundo, de forma irregular, olhando para o chão. — Eles o encontraram a quilômetros, afogado em um rio. Todos acharam que tinha sido um acidente, que se perdera no tumulto. Mas eu sabia a verdade. Foi por causa do que eu tinha dito. Estava andando, viu o rio e se jogou nele. Eu fiz isso. Matei aquele garoto doce que não tinha feito nada exceto ser ele mesmo. Não havia nada errado com ele. Era eu. Eu era o idiota. Eu era o desperdício de espaço. Eu

era aquele que ninguém amava. E que ninguém nunca iria amar. Olhe, Ashley tinha salvado Orlando — sussurrou. — E eu o destruí.

Fechou os olhos. Parecia tão angustiado murmurando isso que era como se as palavras o cortassem. Após um momento, se forçou a erguer os olhos, úmidos e injetados, e continuou:

— Eles nos levaram de helicóptero de volta para o acampamento base — continuou. — Os pais indignados apareceram. Os monitores foram acusados de negligência. Dois cumpriram pena de prisão. Alguns dos métodos de disciplina foram revelados, e o acampamento mudou de nome para algo como Twelve Gold Forests um ano depois. Ninguém soube da minha participação no acidente. Exceto Ash. Ela não disse nada. Eu só sabia pelo modo como olhava para mim. Fomos os últimos a ir embora. Um utilitário preto foi buscá-la, nada de pais, apenas uma motorista de terninho. Antes de subir no banco de trás ela se virou e olhou para mim, para dentro da cabana de onde eu a observava. Seria impossível realmente me ver, mas de alguma forma ela conseguiu. Ela sabia de tudo.

Ele parecia prestes a chorar, mas não se permitia, limpando os olhos raivosamente na dobra do braço.

— Os pais é que deveriam ir buscar — disse, a voz rouca. — Meu tio não servia. Mas as coisas estavam uma loucura com a polícia, a imprensa local, a família de Orlando; por fim, os policiais simplesmente se viraram para mim e disseram: “Vá embora.” Eu podia sumir, porra. E foi o que fiz.

Eu estava tão absorto escutando que mal percebera que Nora cruzara a sala correndo. Pegara a caixa de lenços Kleenex na estante, sorrindo ao entregá-la a Hopper e voltando para o sofá.

— Os cinco meses seguintes foram uma escuridão — disse ele, fazendo uma pausa para assoar o nariz. — Ou um *buraco* negro. Peguei carona. Fui para Oregon e cheguei ao Canadá. A maior parte do tempo não sabia *onde* estava. Simplesmente andava. Passei noites em motéis, estacionamentos, shoppings. Roubei dinheiro e comida. Uma vez comprei heroína e me tranquei em um quarto de hotel por semanas, flutuando em uma névoa, esperando encontrar o fim da Terra e simplesmente sair voando. Quando cheguei ao Alasca, fui a uma cidade, Fritz Creek, e roubei uma caixa com

seis latas de cerveja de uma loja de conveniência. Não sabia que em toda loja familiar no Alasca tem uma espingarda atrás do caixa. O dono disparou a cinco centímetros da minha orelha, acertou um mostruário de batata frita, depois apontou o cano bem para a minha cabeça. Pedi a ele para, por favor, puxar o gatilho. Iria me fazer um favor. Só que o estimulando assim, como um louco, acho que o assustei, porque baixou a arma e, visivelmente perturbado, chamou a polícia. Um mês depois eu estava em Peterson Long, um internato militar no Texas. Estava lá havia uma semana, e me lembro de ficar na biblioteca, que tinha grades nas janelas, pensando em como iria fugir, quando recebi um e-mail do nada. — Ele deu um sorriso relutante, olhando para lugar algum, como se ainda se surpreendesse com isso. — Tudo o que dizia no campo de assunto era “Ousarei?”. Eu não sabia o que aquilo significava ou quem havia enviado, cacete. Até que li o endereço de e-mail. Ashley Brett Cordova. Pensei que fosse uma piada.

— Ousarei? — repeti.

Hopper ergueu os olhos para mim, o rosto escurecendo.

— É de Prufrock.

Claro. “A canção de amor de J. Alfred Prufrock.” Era um poema de T.S. Eliot, uma descrição esmagadora de paralisia e anseio romântico não correspondido no mundo moderno. Eu não lia o poema desde a faculdade, mas ainda me lembrava de alguns versos que ficaram gravados na minha cabeça no momento em que os lia: *No sagão as mulheres vêm e vão / A falar de Michelangelo.*

— Foi meio assim que nossa amizade começou — disse Hopper simplesmente. — Trocando mensagens. Ela não falava sobre a família. Às vezes mencionava o irmão. Ou o que estava estudando. Ou seus cães, um casal de vira-latas resgatados. As mensagens foram o motivo pelo qual não fugi dali. Fiquei com medo de perder o contato de algum modo se fizesse isso. Uma vez ela escreveu dizendo que talvez eu devesse parar de fugir de mim mesmo e tentar ficar onde estava. Então foi o que fiz. — Balançou a cabeça. — Quando chegaram as férias de primavera, estava *morrendo* de vontade de vê-la. Acho que uma parte de mim não acreditava que era realmente Ashley escrevendo, mas um fruto da minha imaginação. Sabia que

ela estava na cidade, então entrei na internet e achei um lugar no Central Park, o passeio público perto de Bandshell. Falei para me encontrar ali em dois de abril, às sete horas em ponto. Meloso para *cacete*. Não liguei. Ela não respondeu ao meu e-mail por dois dias. E quando a resposta chegou, tinha uma palavra. A melhor palavra da língua.

— E qual é? — perguntei quando ele não continuou imediatamente.

— Sim. — Ele deu um sorriso tímido. — Peguei três ônibus para chegar a Nova York. Cheguei um dia antes, dormi em um banco de parque. Estava nervoso para *cacete*. Como se fosse a primeira vez com uma garota. Mas ela não era uma garota. Era uma maravilha. Finalmente, eram sete horas, sete e meia, *oito*. Não apareceu. Me deu bolo. Eu estava *constrangido* à beça por mim mesmo e prestes a ir embora quando de repente ouvi atrás de mim a voz baixa dela. “Oi, Pé de Tigre.” — Ele ergueu os olhos e balançou a cabeça timidamente. — Era meu maldito *nome tribal* no acampamento. Quando me viro claro que ela estava lá. — Ficou em silêncio, pensando naquilo, assombrado. — E foi assim — observou em voz baixa. — Passamos a noite toda só *conversando*, andando pela cidade. Você pode andar por aqueles quarteirões para sempre, dar uma descansada na beira de uma fonte, comer pizza e raspadinha, espantado com o circo humano ao seu redor. Ela era uma pessoa incrível. Estar com ela era ter tudo. Quando amanheceu, estávamos sentados na escada de uma casa, vendo a rua se iluminar. Ela mencionou que a luz levava oito minutos para sair do sol e chegar a nós. Não tinha como não amar aquela luz, viajando tanto pelos espaços mais solitários para chegar ali, vindo de tão longe. Era como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo. — Fez uma pausa, me fitando com um olhar penetrante. — Disse que o pai a ensinara a viver a vida além do limite, nos pontos mais distantes aonde a maioria das pessoas nunca tem colhões de ir, onde você se machuca. Onde havia beleza e dor inimagináveis. Estava sempre exigindo de si mesma: *Ousarei? Ousarei perturbar o universo? De Prufrock*. O pai dela reverenciava o poema, acho, e toda a família vivia em resposta a isso. Estavam sempre se lembrando de parar de medir a vida em colheres de café, manhãs e tardes, e continuar a nadar *bem* até o fundo do oceano para

descobrir onde as sereias cantam uma para outra. Onde havia perigo, beleza e luz. Apenas *o agora*. Ashley dizia que era a única forma de viver.

Depois dessa torrente febril de palavras, Hopper parou para se controlar, respirando fundo. Depois prosseguiu:

— *Era* assim que ela era. Ash não só pegava ondas e mergulhava todo dia até onde as sereias cantavam, ela mesma era uma sereia. Quando a levei até sua casa, já a amava. Corpo e alma.

Admitiu isso com serenidade, o rosto sincero e destemido. Senti que era a primeira vez em que realmente falava sobre ela. Havia uma sensação em sua voz vacilante, nas palavras que usava para descrevê-la, que estiveram submersas nele por anos; estavam mofadas, arroxeadas e frágeis, praticamente se dissolvendo assim que entravam em contato com o ar.

— Você andou com ela até a rua Setenta e um Leste? — perguntei.

Ele me encarou.

— Onde estivemos ontem.

— Por *isso* sabia como entrar — sussurrou Nora, espantada. — Já tinha escalado antes.

— Depois da primeira noite em que estivemos juntos, quando não voltou para casa, os pais dela ficaram furiosos. Mantinham a filha em rédea curta. Insistiam em que estivesse em casa até uma da manhã, ou a levariam embora ou algo assim, para a casa no norte do estado. Então, em todas as noites daquela semana eu deixava Ash em casa à uma hora, esperava por ela do outro lado da rua, onde estivemos na noite anterior. Por volta de uma e meia, Ash conseguia escapar e partíamos, seguindo para o cais, o Carlyle ou o Central Park. Às seis horas ela escalava de volta. Tinha cortado os fios, então os sensores naquela janela não disparavam o alarme. Os pais nunca souberam disso. Obviamente, *ainda* não sabem. Quando vi o lugar na noite passada, parecia exatamente igual. Eu meio que esperara ver Ash saindo. — Baixou o olhar para o chão e esvaziou o copo de uísque. — Quando aquela semana terminou — continuou em voz baixa — voltei para a escola e a primeira coisa que fiz foi escrever uma carta aos pais de Orlando contando o que havia acontecido. Ela tinha me dado coragem para isso, mesmo que não tivesse dito uma palavra. Quando a coloquei no correio, senti como se uma corda tivesse

sido tirada do meu pescoço. Demoraram algumas semanas para me responder, mas quando a carta finalmente chegou, me deixou assombrado, acho. Eles me abençoaram por ter me apresentado e contado a verdade. Pediram que eu me perdoasse, disseram que iriam rezar por mim e que eu sempre teria um lugar na casa deles.

Hopper, ainda assombrado com aquilo, balançou a cabeça.

— Durante as duas semanas seguintes, Ashley e eu nos escrevemos todos os dias. No final de maio, fiquei sem saber dela por uma semana. Enlouqueci, com medo de que algo tivesse acontecido. Então recebi um telefonema. Era Ash. Nunca me esqueci de como soava. Estava desesperada, soluçando. Disse que não conseguia mais morar com os pais e queria ir para onde não pudessem encontrá-la. Perguntou se eu fugiria com ela. E respondi; *bem*, a melhor palavra da língua.

— Sim — sussurrei.

Ele assentiu.

— Peguei dinheiro emprestado com um de meus professores para comprar a passagem. Dez de junho de 2004. Vinte e uma horas e trinta e cinco minutos. United, Voo 7057. JFK para Rio de Janeiro, Brasil. No sul da ilha de Santa Catarina havia uma cidade onde eu tinha estado uma vez. *Florianópolis*. A coisa mais bonita que eu já vira, depois *dela*. Um parceiro meu administrava um bar na praia de lá. Disse que nos ajudaria com trabalho até sabermos qual era nosso plano. Chegaram as férias de verão, e viajei naqueles três ônibus de volta à cidade para vê-la. Quando a *vi*, soube que era para *valer*. Íamos deixar tudo para trás. A melhor noite da minha vida foi quando fizemos as tatuagens. Eu tinha ouvido falar do Rising Dragon. Mas o Qilin foi ideia dela.

— Foi Larry quem fez? — perguntou Nora.

— É. Era um cara grande. Estávamos só nós três no estúdio. O desenho era complexo. O certo seria fazer aquilo ao longo de um mês para ter tempo de lidar com a dor. Mas nosso voo era no dia seguinte, então era naquela noite ou nunca mais. Quando terminou, ela colocou os braços ao meu redor, rindo como se não tivesse doído nada, e disse que me veria no dia seguinte. Quando tudo começaria então.

Hopper respirou fundo, entrelaçou os dedos, olhando além de nós, pela janela, onde a chuva continuava a açoitar o vidro. De repente parecia muito distante, perdido em uma fenda sem fundo. Ou talvez recordando de um detalhe que decidira não nos revelar, palavras que ela dissera, ou talvez algo que tenha feito, que permaneceria para sempre apenas entre os dois.

Quando voltou a nos olhar, pareceu relutante em continuar.

— Importam-se se eu fumar? — perguntou em voz baixa.

Fiz que não com a cabeça. Ele se levantou para pegar os cigarros no bolso do casaco, e olhei para Nora. Estava tão hipnotizada que não mexera um músculo sequer em quinze minutos, o cotovelo no braço do sofá, queixo apoiado na mão.

Ele se sentou e pegou um cigarro, acendendo-o rapidamente. Houve um longo silêncio, seu rosto soturno e pensativo, fumaça de cigarro tomando o espaço vazio ao redor dele.

— Foi a última vez em que a vi — falou.

— DEVERÍAMOS PARTIR no dia seguinte — continuou ele. — Dez de junho. Ash iria me encontrar às seis da tarde na Neil's Coffee Shop. É uma lanchonete na avenida Lexington, a um quarteirão da casa dela. Então iríamos juntos para o aeroporto JFK. Passou das seis horas. Nenhum sinal dela. Logo já eram sete. *Oito*. Liguei para o celular dela. *Sem resposta*. Fui até sua casa e toquei a campainha. Costumava haver luzes acesas. Mas estava às escuras. Bati na porta. Ninguém atendeu. Subi lá, exatamente como Ash fazia, pelas barras de ferro até a varanda do segundo andar e pela janela mais à direita. O lugar era luxuoso, um palácio, mas havia sido arrumado. E com *pressa*. Como se um bando de criminosos tivesse resolvido salvar suas vidas. A mobília coberta aleatoriamente com lençóis, então metade deles caíra ao chão. Camas despidas. Leite, frutas e pão jogados na calçada em pilhas de sacos de lixo. Encontrei o quarto de Ashley no terceiro andar. Havia algumas fotografias, livros, mas muitas das coisas dela obviamente tinham sido levadas, jogadas em bolsas com muita rapidez. A luminária estava tombada na mesinha de cabeceira. Mas dentro do closet, escondida atrás de cobertores em uma prateleira alta, encontrei uma pequena maleta de couro. Eu a peguei, abri o zíper. Estava cheia de roupas, vestidos leves, camisetas, *dinheiro*, partituras, um guia da *Lonely Planet* do *Brasil*. Ela *planejara* ir. Então soube que seus pais tinham descoberto e a levado embora, provavelmente para aquela propriedade onde vivera e estudara a vida toda. — Fez uma pausa, girando ansiosamente a ponta do cigarro com o polegar. — Estava me preparando para procurar a polícia quando tive notícias. Ela me enviou um e-mail. Pedia *desculpas*, mas havia cometido um equívoco. Éramos apenas um casal de adolescentes iludidos, na empolgação do momento. Ela não queria se prender a ninguém. Disse ter adorado o tempo que passamos juntos, mas tudo

tinha terminado, simples assim. Disse para eu continuar pegando as ondas na direção do mar, continuar procurando as malditas câmaras da *porra* do mar, onde as *sereias* cantavam... — Ele se interrompeu, irritado, dando um longo trago no cigarro. — Tinha certeza de que os pais a tinham obrigado — continuou, soltando a fumaça em um sopro rápido. — Escrevi de volta, disse que não acreditava nela. Eu ia encontrá-la, e então poderia me dizer na cara. Mas ela pediu para que eu não entrasse em contato. Escrevi *de novo*. Se aquela era a *minha Ashley*, qual o endereço dos degraus onde tínhamos nos sentado na primeira noite, até o sol nascer? Ela me respondeu corretamente, em *segundos*. *Rua Dezenove Leste, 131. E não sou a Ashley de ninguém*, escreveu. Foi uma punhalada no meu coração. Um ano depois soube que estava matriculada em Amherst. Então tudo bem. Tinha sido uma decisão dela.

Ele afastou os cabelos dos olhos, recostando-se na poltrona, o rosto calmo, talvez levemente chocado.

— Voltou a ter notícias dela? — perguntou Nora com suavidade.

Anuiu imperceptivelmente, os olhos se dirigindo para ela, mas não falou nada.

— O que ela disse? — sussurrou Nora.

— *Nada* — respondeu secamente. — Me mandou um macaco de pelúcia.

Claro, o macaco — aquele brinquedo desbotado com pontos frouxos, coberto de lama seca. Quase me esquecera dele.

— Por quê? — perguntei.

Ele me encarou.

— Era de *Orlando*. Dormia com ele. Não sei como Ash tinha isso ou onde o encontrara. Mas quando o tirei daquele envelope, fiquei doente. *Ela* era *doente* de mandar aquilo, sabendo que eu pensava naquele garoto todo dia, vivia todos os dias com o horror do que tinha feito. Procurei o endereço do remetente que ela escrevera no envelope, pensando que encontraria uma justificativa para ter feito tal coisa. — Ele ergueu o olhar para mim. — Foi quando dei de cara com você.

— Não me surpreende que não confiasse em mim — falei.

Ele deu de ombros.

— Achei que poderia estar trabalhando para a família.

— Como sabia que devia ir à Klavierhaus? — perguntou Nora.

— Fui lá uma vez com Ash. Ela costumava praticar lá.

Nora roeu as unhas, franzindo o cenho.

— E você não foi conosco ao Rising Dragon *porque...*

— Pela paranoia de ser reconhecido. Foi há muito tempo, mas... Não queria correr o risco. Ou ter recordações. — Ele olhou ressentido para a tatuagem. — Costumava sonhar em cortar o pé para não ter que olhar para aquilo.

— Por que não nos contou? — perguntei. — Em algum momento você deve ter notado que ignorávamos o que estava acontecendo tanto quanto você.

Ele balançou a cabeça.

— Não sabia o *que* pensar. Não identifiquei a Ashley que eu conhecia em nada disso, essa *feitiçaria* que andamos rastreando. Maldições no chão? Nictofobia? Ashley não tinha medo de *escuro*. Não tinha medo de nada.

— Talvez não tenha sido ela que enviou — sugeriu Nora.

— É a caligrafia dela no envelope.

— Talvez alguém da família a copiou. Talvez tivessem medo de algo que ela tenha lhe contado, e mandaram isso para assustar você.

— Tenho revirado minha memória há semanas. Tentando pensar em *algo* que ela tenha me contado. Mas nunca conheci ninguém da família, e ela raramente falava sobre isso, embora eu sentisse com certeza, particularmente por aquele único telefonema, que ela e o pai *não* se davam bem.

— Nada sobre bruxaria? — sugeri.

Ele pareceu perplexo.

— A ideia de Ash envolvida em algo assim é *maluquice*.

— E quanto ao motivo para ter sido mandada para o acampamento Six Silver Lakes?

— Ela me contou que perdera o controle e se queimara com uma vela. Tinha uma cicatriz feia na mão esquerda. Foi isso.

— E sobre a casa dela na noite passada?

Ele me olhou com evidente desconforto antes de responder.

— *Estava igual*. Como se ninguém tivesse colocado os pés lá desde que eu a invadira sete anos atrás. Exatamente os mesmos lençóis jogados de forma aleatória sobre os móveis. A mesma música de Chopin no piano de Ashley, a tampa aberta. Os mesmos tapetes enrolados, os mesmos livros empilhados nas mesas, o mesmo copo na cornija da lareira, só que havia uns *dez centímetros de poeira* em cima de tudo. E esse *mofo* tinha cheiro de tumba. Subi até o quarto de Ashley para ver se algum dia ela voltara. Eu honestamente esperava encontrar a maleta dela ainda arrumada e escondida no closet onde eu a deixara. Foi quando a campainha tocou e tive que dar meia-volta. Estava quase na janela quando as luzes foram acesas e ouvi uma mulher ordenando que eu erguesse as mãos. Estava com a porra de uma espingarda.

— Inez Gallo — falei. — Você já a tinha visto antes?

Ele franziu o cenho.

— Por um segundo *achei* tê-la reconhecido como a motorista que buscou Ashley no acampamento. Mas não tenho certeza.

— Ashley voltou ao Rising Dragon para buscar a foto de vocês juntos — disse Nora. — Ela queria ter a foto, embora a tivessem perdido.

Ele olhou para ela.

— Não perderam — afirmou ele, lentamente enfiando a mão no bolso de trás, sacando a carteira e tirando algo lá de dentro.

Ele entregou para mim.

Era uma fotografia, amassada e gasta, que já tinha sido manuseada e observada mil vezes.

Mesmo naquele instante, depois de tudo o que nos contara, era chocante vê-los juntos, como se duas pessoas de dois mundos diferentes tivessem colidido. Estavam sentados em uma cadeira dobrável, de mãos dadas. Era um momento captado da juventude, de alegria — um momento tão livre que a câmera nem sequer conseguiu focalizar nele. Ela o registrou em riscos e borrões, insinuando que eles eram tão jovens e leves que não havia palavras para descrevê-los, seus tornozelos formando aquela criatura lutadora em chamas, saltando para a morte ou para a vida.



DEI A HOPPER travesseiro e cobertas para que pudesse dormir no sofá. Ainda estava chovendo, e ele não parecia querer ir para a casa.

Nora deu um boa-noite embriagado e seguiu para o quarto de Sam.

Também fui para a cama. Estava mental e fisicamente esgotado, mas, antes de apagar a luz, procurei sobre o acampamento Six Silver Lakes em meu BlackBerry, apenas para conferir os detalhes da história de Hopper. Havia alguns artigos sobre o afogamento, que ocorrera em julho de 2003, muitos dos recortes de jornais escaneados e postados em um site chamado Thelostangels.com.



Li as outras matérias, todas confirmando o que Hopper nos contara.

Então ele a amou. Claro, eu já sabia disso.

Ashley.

Quão esquivada era, como mudava de forma, parecendo ser composta de tantas criaturas antagônicas quanto sua tatuagem. Cabeça de dragão, corpo de cervo. *Tendências de feiticeira.* Ela era a lanterna de Orlando no escuro atrás de nós, um ponto de luz na tempestade violenta, evitando Hopper, *me* evitando. Era um farol de origem e intenção misteriosas, impossível de determinar se vinha em minha direção ou se ia para longe. Qual era realmente a diferença entre algo que o atrai e algo que o guia a algum lugar?

Apaguei a luz, fechando os olhos.

Ousarei?

Dei um pulo, meu coração acelerado. O quarto estava escuro, vazio, mas eu tinha a clara sensação de que alguém acabara de sussurrar essa palavra em meu ouvido.

Peguei meu celular na mesa, digitando *Prufrock* no Google, meus olhos remelentos lendo o poema.

Era pungente e triste como o considerara na época da faculdade — talvez mais ainda, pois eu não era mais um garoto arrogante de dezenove anos e as frases sobre o tempo e *Envelheci... envelheci...* significavam algo. O narrador do poema, Prufrock, era como um espécime de inseto, arrumado e fincado, ainda se remexendo, em sua vidinha tediosa, um mundo de intermináveis encontros sociais, festas e observações vazias; o equivalente moderno provavelmente seria o homem sozinho com seus telefones e telas, tuitando, fazendo amigos e atualizando status, o falatório interminável da cultura da internet. Os pensamentos do homem variavam entre resignação, a crença ilusória e vacilante de que tinha tempo e um profundo anseio por *mais*, por assassinato e criação.

A família inteira vivia em resposta a esse poema, dissera Hopper.

Se isso era verdade, sem dúvida era uma forma feroz e embriagadora de viver. Isso até mesmo corroborava a tarde mística que Peg Martin descrevera na área reservada aos cães do parque e algumas daquelas primeiras histórias sobre Ashley. Mas também podia ser uma escravidão, *um inferno*, continuar

procurando *a magia*, continuar mergulhando, até as profundezas solitárias do mar. *Para procurar sereias.*

Era uma coisa trágica a fazer, como procurar o Éden.

Fechei os olhos, meus membros tão pesados que pareciam se dissolver na cama, minha mente desatando todos os pensamentos, para que voassem pelo ar, soltos e desordenados.

Ela atacou um convidado. Ele se chama Aranha. Conhecedor da escuridão em sua forma mais extrema. Você não tem respeito algum pela escuridão, McGrath. Pelo negrume inexplicável. Na história daquela família há atos atrozes. Tenho certeza. Soberano. Mortal. Perfeito.

O único som era o da chuva, tocando feito uma orquestra exausta nas janelas. Só quando eu estava caindo no sono a tempestade deixou escapar algumas notas delicadas — tramas de uma nova canção — e dispersou abruptamente.

— É ELE — FALEI.

Deixei Nora e Hopper sentados na grade de proteção do final sem saída da rua Cinquenta e dois Leste — bem na frente do Campanile, um elegante prédio residencial de calcário debruçado sobre o East River — e andei rapidamente pela calçada até o homem que se aproximava vestindo o uniforme cinza de porteiro.

Ele era muito baixo e muito careca, carregando um pequeno copo de café de uma delicatessen, um ritmo malicioso no seu passo. Poderia ser um primo de Danny DeVito.

Alcancei-o sob um toldo cinza.

— Você deve ser Harold.

Ele sorriu, alegre.

— O próprio.

Eu me apresentei. Ele anuiu, me reconhecendo imediatamente.

— Ah, *certo*. O repórter de sucesso. A sra. Du Pont disse que iria dar uma passada aqui. Então, o senhor, ahn... — Ele ergueu o queixo para olhar por sobre meu ombro, baixando a voz. — Quer entrar para ver Marlowe.

— Olivia disse que você poderia conseguir uma hora para eu conversar com ela.

Deu um sorriso malicioso.

— Você não conversa com Marlowe.

— O que você faz, então?

— O que se faz com qualquer fera devoradora de homens? Dá a volta na ponta dos pés e reza para que ela não esteja com fome. — Ele riu, depois ficou sério ao ver minha confusão. — Volte esta noite. Às onze em ponto. Eu o levarei lá em cima. Mas, ahn, depois estará por conta própria.

— O que isso quer dizer?

— Tenho como regra nunca passar da lavanderia.

— Gostaria de *falar* com Marlowe. Não invadir o apartamento.

— É, é assim que você fala com Marlowe. É como a sra. Du Pont a visita.

A sra. Du Pont paga as contas, então tecnicamente está entrando furtivamente no próprio apartamento.

— Olivia *entra furtivamente* no apartamento da irmã no meio da noite?

Achei difícil imaginar Olivia du Pont *entrando furtivamente* em algum lugar.

— Ah, é. Marlowe Hughes e a luz do dia são uma *combinação ruim*. À noite ela é, ahn, mais *calma*.

— E por que é mais *calma* à noite?

— O fornecedor dela vem às oito. Duas horas depois? Está pilotando um tapete mágico por Shangri-La. — Ele sorriu, mas então, vendo minha reação, balançou a cabeça na defensiva. — Juro que é a *única* forma segura de entrar. É quando fazemos consertos, tiramos o lixo, garantimos que não deixou o forno ligado ou entupiu o vaso com cartas dos fãs. Uma vez por semana a sra. Du Pont leva comida fresca e flores. Se fizesse isso de *dia* seria uma carnificina. Desta forma, quando Marlowe acorda pensa que recebeu uma visita dos duendes do Papai Noel.

Tomou um gole de café, semicerrando os olhos para algo por sobre meu ombro. Notei que um dos outros porteiros do Campanile saía.

— Artie precisa de uma folga. Apenas, ahn, volte às onze horas que eu o levarei lá em cima. Mas... — Ele apertou os olhos. — Sabe aquelas varas elétricas para tigres que usam nos circos? Talvez queira trazer uma. — Deu uma gargalhada da própria piada e seguiu pela calçada, acrescentando por sobre o ombro: — Claro que isso se mostrou ineficaz para Siegfried e Roy, então não prometo nada.

QUINZE MINUTOS DEPOIS, estávamos sentados à janela da Starbucks da Segunda Avenida com rua Quinze Leste.

— É a situação ideal — disse Hopper. — Se Hughes estiver apagada, teremos muito tempo para vasculhar a casa dela.

Ficara aliviado de manhã ao ver que Hopper parecia estar bem depois de tudo o que nos contara. Após revelações como aquelas, era difícil avaliar como a pessoa iria reagir. Só que ele parecia mais concentrado.

— É como ter acesso secreto à casa de Marilyn Monroe — disse Nora. — Ou de Elizabeth Taylor. Pense nas fotos, cartas e casos amorosos com presidentes sobre os quais ninguém *sabe*. Ela pode até saber onde Cordova está.

— Por mais que possa parecer tentador vasculhar a casa de Marlowe enquanto ela estiver em um coma induzido por drogas, esta operação só é possível por causa de Olivia — lembrei. — Não quero que ela descubra que revirei o apartamento da irmã como se fosse uma venda de garagem.

— Iremos trabalhar rápido, deixar o lugar exatamente como o encontrarmos — disse Hopper.

Eu não falei nada, olhando para o outro lado da rua com os olhos semicerrados. A alguns metros de um restaurante, o Lasagna Ristorante, um homem de cabelo branco e aparência suspeita vestindo um casaco preto fazia hora perto de um muro de tijolos. Estava parado lá havia cinco minutos, tendo uma discussão intensa ao telefone, mas de tempos em tempos olhava diretamente *para nós*.

— Está na hora de arranjar a lista de hóspedes do Waldorf — falei, de olho nele. — Vamos conseguir os nomes de todos que ficaram no trigésimo andar entre trinta de setembro e dez de outubro, os dias em que Ashley esteve

na cidade. Depois os comparamos com a lista de sócios da Oubliette. Caso um nome apareça em ambas as listas, será o da pessoa que Ashley estava procurando. Será o Aranha.

O homem de cabelo branco do lado de fora desligou o telefone e partiu, seguindo rumo norte pela Segunda Avenida. Esperei para ver se daria a volta ou atravessaria a rua, mas pareceu ir embora.

— Mas como vamos conseguir os nomes? — perguntou Nora.

— Da única forma — respondi, virando o resto do café. — Por meio de corrupção e intimidação.

ENTREI NO SAGUÃO do Waldorf Towers para fazer um reconhecimento.

Naquele dia, atrás do balcão da recepção havia uma mulher atraente, na casa dos trinta anos, de cabelo comprido e brilhante — a identificação dizendo DEBRA —, e um japonês jovem, MASATO. Após atender ao telefone algumas vezes, Debra vasculhou embaixo do balcão e puxou uma grande bolsa Louis Vuitton. Um bom sinal: isso significava que gostava de produtos luxuosos, consideraria bom algum dinheiro extra para comprar mais. Isso enquanto Masato estava estoicamente do outro lado do balcão, fazendo e dizendo nada, como um lutador de Kendo que dominava o Caminho da Espada.

A garota solteira e o último samurai — não precisava ser um gênio para decidir quem seria passível a suborno.

Alcansei Nora e Hopper nos degraus da igreja de São Bartolomeu, em frente ao hotel. Dei a eles a descrição de Debra e ficamos em plantões de vigia, para podermos pegá-la sozinha assim que saísse do hotel. Um de nós monitoraria a entrada de empregados da São Bartolomeu, enquanto os outros dois esperariam em uma Starbucks mais adiante no quarteirão.

Quatro horas se passaram. E embora alguns empregados tivessem saído — atravessando a rua para fumar um cigarro discretamente —, Debra nunca apareceu.

Às quatro eu passei lá de novo e me dei conta de que Debra devia ter saído por outro lugar, pois só Masato ainda estava ali.

— Todos têm seu preço — disse Hopper quando expliquei o acontecimento infeliz.

— Bem, pela aparência do cara, o preço dele é de trezentas decapitações e uma espada katana.

Às seis horas, Nora nos avisou que Masato estava saindo do hotel. Consegui detê-lo.

— Claro, farei isso — anunciou em um sotaque americano impecável depois que eu expliquei a situação. — Por três mil dólares. Em espécie.

Eu ri.

— Quinhentos.

Ele se levantou e saiu da Starbucks. Eu tinha certeza de que ele estava blefando, mas o homem seguiu pela escada rolante do metrô e começou a descer na direção da multidão apertada.

— Oitocentos — falei, abrindo caminho entre sacolas de compras, mulheres me olhando feio, para alcançá-lo. Masato não se virou. — *Mil.* — Empurrei uma garota parecida com uma coruja usando óculos de armação de tartaruga para ficar ao lado dele. — Com direito a endereços domiciliares.

Masato simplesmente colocou grandes fones de DJ nas orelhas.

— Mil e duzentos. Minha oferta final. E por esse preço queremos saber o que comeram do frigobar — disse.

Acordo fechado.

Minutos depois, Masato, exibindo uma expressão impenetrável bastante impressionante, *retornou* ao Waldorf; virei a esquina até um caixa eletrônico e depois voltei para a Starbucks. Uma hora se passou, e a multidão de pessoas voltando para casa, antes um fluxo, se reduzira a um pinga-pinga de mulheres com rostos cansados e homens de ternos amassados. Mais meia hora, e nenhum sinal de Masato. Estava começando a achar que algo acontecera quando ele entrou de repente, tirando um envelope grosso da bolsa.

Havia mais de duzentos nomes, ordenados pela data de entrada, com direito a chamadas feitas pelo telefone do hotel. Dei o dinheiro a ele, que contou à vista de todos. Aparentemente aquela Starbucks era usada para transações ilícitas, porque os funcionários no balcão que nos observaram o dia todo continuaram a receber os pedidos.

— Latte de soja!

Masato enfiou o envelope na bolsa pendurada no ombro e saiu sem uma palavra, colocando os fones de ouvido e desaparecendo no metrô.

Nós três pedimos café, nos sentamos a uma mesa no canto dos fundos e começamos a repassar os nomes, comparando-os com os sócios da Oubliette.

Estávamos fazendo isso havia mais de uma hora, nos revezando para ler em voz alta, quando Nora deu um pulo animado para a frente na cadeira, olhos arregalados.

— Como se soletra isso? O nome que você acabou de dizer...

— Villarde — repetiu Hopper. — V-I-L-L-A-R-D-E.

— Está *aqui* — sussurrou ela, espantada, segurando o papel.

Olhei para o nome na lista da Oubliette.

Hugo Gregor Villarde III.

Na lista do Waldorf ele era *Hugo Villarde*.

Villarde se hospedou no quarto 3010 por uma noite em primeiro de outubro. Não fez telefonemas. Seu endereço residencial ficava no Harlem espanhol.

Rua 104 Leste, 175.

Procurei o nome no Google em meu BlackBerry.

Nenhum *resultado*.

— *Esse é o resultado mais assustador de todos* — disse Nora.

— Tente procurar pelo endereço dele — sugeriu Hopper.

Uma relação comercial surgiu, uma loja chamada Porta Quebrada. Não tinha site, apenas uma indicação no Yelp.com, que a descrevia como uma loja para “bons conhecedores de antiguidades bizarras”.

— Aberta às quintas e sextas, das quatro às seis — leu Nora sobre meu ombro. — Que horário bizarro.

— Iremos lá amanhã quando abrir — falei.

Olhando para o único nome nas duas páginas, senti uma onda de animação e alívio. Finalmente uma *pista decente* — uma *abertura* mínima na qual enfiar meus dedos para escancarar a coisa toda: *o homem que Ashley estava procurando dias antes de morrer*.

— VOCÊ NÃO tem com que se preocupar — explicou Harold, parando no patamar do décimo andar para limpar a testa careca encharcada de suor, antes de subir o lance de escada atrás de nós. — O fornecedor dela veio às oito, então ela está na Terra dos Sonhos.

— Ela fica apagada a noite toda? — perguntou Nora.

— Se vocês ficarem *quietos*. Há uns dois meses mandamos um técnico lá para fazer alguns consertos. Ela se sentou na cama e começou a conversar com ele como se fosse seu ex-marido. Acusou o pobre sujeito de traição. Ele só queria trocar a válvula do aquecedor. Mas ela está fraca e precisa de uma cadeira de rodas até para pequenos deslocamentos, então não tenha medo de nada físico.

Parei para ter certeza de que estava brincando, mas ele arfava ao vencer o último degrau e chegar ao patamar do décimo primeiro andar, nos alcançando. Procurou as chaves nos bolsos da calça e foi na direção de uma das duas portas indicando 1102.

— Se precisar de mim em uma emergência, há um interfone na cozinha.

— Que tipo de emergência? — perguntei.

— Apenas tomem cuidado. Tentem não tocar em nada. Ela odeia que mexam nas coisas.

Ele girou a maçaneta, abrindo gentilmente a porta, que estava trancada por dentro com uma corrente.

— Ela deve estar especialmente paranoica esta noite — murmurou ele, enfiando a mão e soltando depressa a corrente. — Tranquem a porta por dentro ao sair. Boa sorte — falou, descendo as escadas.

Nós três trocamos olhares perturbados

— Sinto pena dela — disse Nora. — Trancada aí dentro.

Os únicos sons eram o zumbido da lâmpada na escada e os passos ritmados de Harold voltando para o andar de baixo.

Entramos, chegando a uma área de serviço escura cheirando a suor e talco de bebê. Acendi a lâmpada do teto. Montanhas de robes e pijamas de seda estavam empilhados por toda parte, em cima da máquina de lavar, transbordando de cestos de roupas, em montes no chão. Um parecia algo usado pelo rei de Sião, com mangas bufantes, faixa vermelha. Entreabri a porta em frente, que dava para um corredor comprido e escuro.

Estava silencioso. A única luz vinha de uma passagem aberta bem no final. *O quarto de Marlowe*, segundo as instruções de Harold.

— Deve dormir com as luzes acesas — sussurrou Nora ao meu lado.

— Vamos dar uma verificada nela — falei. — Depois damos uma olhada por aí.

Passamos para o saguão, as paredes cobertas por fotos emolduradas, no estilo de uma galeria. Havia luz suficiente apenas para identificá-las: Marlowe reclinada ao lado da piscina cercada de palmeiras, um chapéu preto de abas largas; Marlowe na estreia de *O poderoso chefão II* de braços dados com Pacino; usando um vestido de casamento dos anos oitenta (mangas bufantes como boias de criança), sorrindo para um noivo de aparência comum que parecia chocado de desposar tal lindeza. Só podia ser o veterinário com quem se casara depois da separação de Cordova. Beckman só tinha uma coisa a dizer sobre ele: “Um homem tão acima do seu patamar habitual que sofreu de medo de altura.” Procurei, mas não havia nenhuma foto evidente de Cordova ou do tempo que ela passou em The Peak. Bem no meio do saguão, depois de uma foto de Marlowe no cenário de *As mil faces do amor*, sentada no colo de Gig Young, havia a peça central: uma enorme reprodução em preto e branco de seu glorioso perfil, a cabeça jogada para trás, mergulhada em sombras e luz. Sua beleza era impressionante, tão aguda que explodia lentes e lâmpadas, causava um curto-circuito na mente e nos fazia gaguejar: *impossível*. No canto, uma assinatura: *Cecil Beaton, 1979*.

Passamos por quatro vãos escuros, mas não consegui ver nada. As cortinas deviam estar fechadas.

Paramos diante do quarto de Marlowe, chocados com a visão diante de nós. Nunca antes vira tal esplendor tropical decadente.

Parecia uma lagoa seca, um cercado de flamingos em um zoológico que havia falido anos antes. Duas enormes palmeiras artificiais tocavam o teto tristemente. Mofo preto marcava o papel de parede floral rosa desbotado, sombreando a parede como uma barba que começa a crescer. Havia um forte fedor de aromatizante encobrindo mofo e cloro de piscina de motel. Uma pequena luminária de bronze lançava uma luz rosa sobre antigas cômodas de madeira e mesinhas laterais entalhadas e douradas. Havia peças de porcelana espalhadas por toda parte — tamborileiros, pugs e cisnes com bicos lascados. Vasos repletos de flores artificiais que não se esforçavam nem um pouco para parecerem reais, as folhas brilhantes e plásticas, os botões gigantes coloridos como doces artificiais. Uma cama barroca King-Size dominava o lado mais distante do quarto, flutuando como uma velha balsa atracada.

Bem no centro dela, submersa sob ondas de lençóis de cetim rosa, havia uma pequena forma encolhida.

Marlowe Hughes. *O último flamingo*.

De tão pequena e ossuda era quase inconcebível haver de fato uma *mulher* ali — certamente não aquela que a revista *Life* proclamara “um oásis no deserto de Gobi”. Tufos espetados de cabelos louros platinados se projetavam dos lençóis como capim.

Entrei na ponta dos pés, Hopper atrás de mim, nossos passos silenciados pelo tapete, que parecia ter sido um dia bege-claro, agora amarronzado em trilhas bem sulcadas ao redor do quarto. Fui até a mesinha de cabeceira à esquerda, coberta de frascos laranja de remédios de venda controlada; uma garrafa de água com um estranho líquido amarelo-néon; um cinzeiro repleto de guimbas, muitas sujas de batom marrom-avermelhado. Um extintor de incêndio se erguia ao lado da cama. *Para o caso de ela se incinerar acidentalmente*.

Seu rosto estava totalmente oculto pelo lençol. Havia algo tão vulnerável naquele *monte* imóvel e murcho que não pude deixar de sentir uma pontada de culpa pelo que estávamos fazendo.

— Sra. Hughes? — sussurrei.

Ela não se mexeu.

— Qual a aparência dela? — cochichou Nora, ansiosa, da entrada. — Está bem?

— Tão bem quanto um pneu estourado no acostamento da rodovia.

— Falando sério. Ela está dormindo?

— Acho que sim.

Hopper, que fora até a outra mesinha, inspecionava o rótulo de um frasco de remédio.

— Nembutal — sussurrou, sacudindo-o, os comprimidos chacoalhando, depois o pousando. — Muito retrô.

Foi até a cômoda encostada na parede entre as janelas — escondidas sob cortinas rosa fofas que pareciam vestidos desbotados de madrinhas de casamento do começo dos anos oitenta. Abriu a gaveta de cima, olhou dentro dela e tirou um pedaço de papel.

— “Minha querida srta. Hughes — leu em voz baixa. — Vou começar dizendo que sou seu fã número um”.

Fui para o lado dele. Dentro da gaveta havia pilhas e mais pilhas de envelopes, alguns soltos e amassados, outros presos com elásticos. Eram cartas de fãs. Peguei um envelope. O endereço do remetente dizia: INSTITUTO CORRECCIONAL DE BOONVILLE C-3, carimbo de 21 de maio de 1980. A carta fora datilografada sem qualquer cuidado em um papel fino. *Cara sra. Hughes, Em 4 de julho de 1973, 1h32, eu atirei e matei um homem no estacionamento do Joe's Barbecue.* Li o resto, um apelo para que escrevesse a ele, assinado com uma jura de amor. Dobrei-a novamente e peguei outra. *Cara Marlowe, caso um dia passe por D'Lo, Mississippi, por favor visite meu restaurante, Villa Italia. Batizei uma entréee com seu nome, a Bellissima Marlowe. É um capelini com molho branco de marisco.* Guardei a carta.

No canto havia uma estante lotada de revistas, com uma cadeira de rodas dobrável em frente. Indo nessa direção me dei conta de que aquelas cartas de fãs haviam se infiltrado no quarto como parasitas, estavam em todo canto, enchendo cada espaço vazio, empilhadas sobre pilhas de revistas *Hello!*, números da *Star* remontando aos anos setenta, uma com uma foto feia de Marlowe na capa (BÊBADA! REABILITAÇÃO PARA MARLOWE era a manchete.

EXCLUSIVA SOBRE SEU COLAPSO SECRETO), uma pilha de papéis amarrados que, ao pegar, vi que era um roteiro manchado de café, *The Intoxicator*, de Paddy Chayefsky. O roteirista ganhador do Oscar escrevera a Marlowe um bilhete na folha de rosto. *Srta. M — Escrevi isto pensando em você. P.* Peguei outra pilha e vi que era uma impressão de uma busca no Google.

Marlowe Hughes. Aproximadamente 32.000.000 resultados.

Hopper analisava outra carta, Nora estava curvada sobre a penteadeira cheia de velhos frascos de perfume e caixas de joias, inspecionando o que pareciam ser retratos sépia de bebês enfiados na moldura do espelho manchado.

— Vamos continuar — sussurrei. — Vocês dois conferem aqueles cômodos saindo do corredor. Vou dar uma olhada aqui e vigiá-la.

Pareceram relutar em sair. O próprio quarto tinha uma espécie de efeito barbitúrico, seria fácil vasculhar para sempre aquela Pompeia de promessas perdidas. Mas Nora assentiu, recolocando uma foto no espelho, e, ao me olharem uma última vez, saíram fechando a porta.

Olhei novamente para o monte na cama. Não se movera.

Do outro lado do quarto, além da penteadeira, havia outra porta. Eu me esgueirei até ela, empurrei-a suavemente e acendi a luz.

Era um grande closet com roupas, escarpins deformados e sapatos de salto agulha enfileirados, uma porta em frente levando a um banheiro.

Havia um cheiro forte de naftalina. As roupas pareciam ser em sua maioria dos anos setenta e oitenta. Bem no fim de um cabideiro, notei um conjunto de sacos de roupas lilás se destacando em meio a um punhado de longos de lantejoulas, *como se esperando não ser vistos*. Havia nove deles. Sem nenhum motivo, empurrei os vestidos, peguei o primeiro saco e o abri.

Para minha surpresa, era o elegante terno branco que Hughes usara em todo *Fruto do amor*, coberto de manchas de grama, a etiqueta lilás da figurinista de Cordova, Larkin, costurada no bolso interno.

Peguei o saco seguinte, abrindo-o. Era o mesmo terno. Abri o saco atrás daquele. Idêntico, embora *este* estivesse sujo de sangue. Raspei as manchas marrom-ferrugem. Pareciam convincentemente reais.

Abri o saco de trás. Mais uma vez, o mesmo terno, coberto de ainda *mais sangue* e lama, a barra rasgada. No saco seguinte, o mesmo terno, mas absolutamente limpo, de um branco impecável.

Hughes só usou o terno branco no filme, que se passava ao longo de um único dia. Larkin obviamente fizera nove versões do terno, cada uma manchada com diferentes quantidades de sangue, lama, suor, cerveja e grama, dependendo de em que ponto da narrativa Hughes estivesse. No final do filme, depois de tudo o que sofrera em sua caçada ao chantagista e antigo cafetão — ela é estuprada, espancada, perseguida por conjuntos habitacionais, rodovias e becos, injetada com sedativos —, o terno está rasgado e marrom. Ela o tira e o queima na churrasqueira de seu sereno quintal suburbano antes de ir para a cama ao lado do marido adormecido — um pediatra que ignora e continuará ignorando completamente para sempre o passado da esposa e suas últimas vinte e quatro horas de perdição.

Na última cena arrepiante do filme, ele, sonolento, a envolve com o braço, enquanto ela, totalmente acordada, encara a escuridão de seu quarto imaculado — uma imagem que parecia transmitir a visão que Cordova tinha dos frágeis laços entre as pessoas, os segredos mais profundos sobre nós mesmos, de que nós, no último ato de humanidade, pouparemos aqueles que realmente amamos.

Peguei meu celular e tirei algumas fotos dos figurinos, depois fechei os sacos, devolvendo-os ao seu lugar no fundo do armário, e apaguei as luzes.

Contudo, enquanto voltava para o quarto, olhei, incrédulo.

A cama estava vazia.

Aquele *fardo* encolhido não estava mais ali. Os lençóis de cetim rosa tinham sido jogados de lado.

— Srta. Hughes?

Nenhuma resposta. *Merda.*

ELA DEVIA ESTAR se escondendo em algum lugar ali.

A cadeira de rodas continuava dobrada ao lado da estante, a porta do quarto ainda fechada. Ergui a saia de tafetá da cama. *Nada além de algumas bolas de lenço de papel.*

Fui até as cortinas, puxando-as, depois verifiquei o banheiro. Vazio. Apenas duas lâmpadas acesas acima de um espelho sujo, um balcão cheio de maquiagem velha — blushes e pós de arroz, cílios postiços em embalagens plásticas —, atrás da porta, um roupão vermelho pendurado. Abri a cortina do chuveiro. Uma esponja imunda pendia de uma ducha enferrujada, uma cesta cheia de potes repulsivos. Xampu e condicionador de marcas já não comercializadas. *Espero que não remontem à última vez em que lavou os cabelos.*

Saí para o corredor, encontrando Nora no quarto ao lado, que estava cheio de malas e caixas velhas. Ela acendera uma luminária e examinava o closet.

— Perdi Marlowe.

— O quê?

— Ela saiu da cama enquanto eu não estava olhando.

— Mas Harold disse que ela precisava da cadeira de rodas para se deslocar.

— Harold está enganado. A mulher se move como um vietcongue.

Saí rápido, Nora logo atrás de mim. Vasculhamos o aposento seguinte, uma sala de estar que parecia um terrário podre, depois seguimos para uma cozinha datada, onde encontramos Hopper tirando fotos de recortes presos por ímãs à geladeira — todos eram fotos desbotadas de Marlowe.

— Ela não tem como estar aqui — disse ele depois que expliquei. — Fiquei aqui o tempo todo.

Enquanto ele dizia isso vi, *logo* atrás de Hooper, a porta da cozinha se *mover*.

— Srta. Hughes? — chamei. — Não se assuste. Só queremos conversar.

Enquanto avançava para a porta, ela se abriu, e uma figura diminuta envolta em cetim preto, com um grande capuz escondendo o rosto, saltou e foi na minha direção, brandindo um cutelo.

Eu a detive facilmente — tinha a força de um dente-de-leão —, a faca caindo no chão. O ombro dela era chocantemente frágil — como agarrar uma vara de pesca. Soltei-a instintivamente enquanto ela girava, me chutando com força na virilha antes de sair em disparada, a porta da cozinha balançando com violência. Fomos atrás dela, Hopper agarrando o capuz do seu robe.

A mulher guinchou enquanto ele passava os braços ao redor dela, a arrastava para a sala de estar e a colocava em uma cadeira de veludo roxo debaixo de palmeiras artificiais.

— Acalme-se — disse ele. — Não vamos machucá-la.

Nora acendeu as luzes do teto, e Marlowe imediatamente se colocou em posição fetal, enfiando o rosto nos joelhos como se fosse uma flor noturna sensível à luz. Seu robe de seda a cobria, o interior vermelho, de modo que ela era pouco mais que uma pilha de tecido jogada na cadeira.

— Apague a luz — sussurrou em voz rouca. — *Apague*.

Senti um arrepio na nuca. Era a voz *dela*.

Marlowe tinha uma voz muito marcante — “uma voz que repousa em um roupão o dia todo”, como Pauline Kael escrevera em sua empolgada resenha de *Fruto do amor* para a *New Yorker*. E era verdade. Mesmo quando Marlowe estava correndo de bandidos, pendurada do lado de fora de um prédio, jogando gasolina em seu chantagista e o incendiando com um fósforo, sua voz ainda era aveludada, suspirante, sentimental.

Após todos esses anos, soava igual, mesmo que ligeiramente mais lenta e pastosa.

Fiz um gesto para Nora, e ela apagou a luz. Abri as cortinas, e a luz laranja-néon ao longo da FDR Drive iluminou a sala, suavizando a decoração, transformando a exuberância em um jardim à meia-noite. Rosas

falsas, cadeiras douradas e um sofá floral se tornaram troncos de árvores misteriosos emaranhados em arbustos e flores selvagens.

Hughes ergueu a cabeça lentamente, e a luz fraca bateu na lateral de seu rosto.

Nós três olhamos assombrados, chocados. A famosa covinha no queixo, o rosto adorável e os olhos fundos ainda estavam lá, mas tão erodidos a ponto de serem quase irreconhecíveis. Ela era um templo em ruínas. Fizera péssimas cirurgias plásticas, do tipo que não era uma recauchutagem, mas um *vandalismo*: maçãs do rosto projetadas, olhos e pele esticados como se a vida a tivesse literalmente rasgado nas costuras. Sua pele era plástica e cinzenta, as sobrancelhas traçadas em linhas escuras e trêmulas com o que parecia ter sido uma caneta hidrográfica.

Se algum dia houve qualquer evidência de que nada durava, de que o tempo acabava com todas as rosas, ali estava. Meu primeiro pensamento foi de um filme de ficção científica, que sua enorme beleza fora uma coisa alienígena que se alimentara dela, a comera viva, e ao partir, deixara para trás aquele esqueleto destroçado.

— Vocês vieram aqui para me *matar*? — sussurrou Marlowe alegremente, talvez até mesmo com esperança, inclinando a cabeça como se posasse para uma câmera, o perfil dourado à luz.

Tinha as mesmas projeções e os mesmos ângulos da juventude (“um perfil pelo qual você adoraria esquiar”, mencionara Vincent Canby em sua resenha na *Time*), mas agora era um esboço descuidado do que fora.

— Não — disse com calma, me sentando em uma cadeira diante dela. — Viemos aqui porque queremos saber sobre Cordova.

— *Cordova*.

Falou isso com assombro, como se não entoasse a palavra havia anos, quase como se sugasse seu nome sequiosamente feito uma bala dura.

— A filha dele está mortinha da Silva — soltou.

— O que sabe sobre isso? — perguntei, surpreso.

Obviamente nós não tínhamos o quadro completo do estado mental de Marlowe; ela sabia que Ashley estava morta.

— A garota nunca teve chance alguma — murmurou em voz baixa.

— O que você disse? — cobrou Hopper, avançando na direção dela.

Quis matá-lo por interrompê-la. Ela o olhava com um sorriso astuto enquanto ele se sentava em uma cadeira de veludo ao lado.

— Esse deve ser Tarzan, Greystoke, Senhor dos *Macacos*. Falta um grunhido e um bastão. Mal posso esperar para vê-lo de tanga. Agora, quem mais temos aqui? — continuou, causticamente, se inclinando para a frente de modo a examinar Nora. — Uma corista. Você não seria capaz de trepar o suficiente para chegar ao estrelato, Debbie. E você. — Ela se virou para mim. — Um pretenso Warren saído de *Reds*. Cada um de vocês, o comportamento complacente dos habilmente ignorantes. Vocês exigem: saber sobre *Cordova*?

Ela debochou dramaticamente, embora soasse como um punhado de cascalho raspando em sua garganta. Continuou:

— Então pulgas olham para o céu e ficam pensando *por que estrelas*.

— Chega desse teatrinho de atriz maluca — disse Hopper.

— Não é teatrinho — sussurrou Nora, se sentando rígida no sofá.

— Não vamos sair até você começar a falar...

— Hopper — alertei.

— Então suponho que vamos *viver* juntos. Você dorme no quarto de hóspedes. Meus dias de montar em touros *acabaram*. Mas vou logo avisando: os lençóis não são trocados desde que me deitei com Hans, então estarão grudentos.

Hopper se levantou de forma abrupta, foi até uma luminária no canto e, acendendo-a, inundou de repente a sala em luz azul. Era como se tivesse jogado ácido nela. Marlowe se curvou para a frente, engasgando, enfiando o rosto nos joelhos.

— Desligue — ordenei, mas ele parecia não me ouvir.

Vi que a situação estava saindo de controle rapidamente, embora quanto mais censurasse Hopper, mais isso parecia revigorar Marlowe.

— Ashley Cordova. O que você sabe? — cobrou ele, se elevando acima dela.

— Quase nada! Você é *surdo*, Romeu?

— *Hopper* — repreendi, me levantando.

— Nada — falou Marlowe. — Zero. Chongas. Desde o dia em que nasceu ela estava ferrada.

— Ela não sabe o que está dizendo — falou Nora.

— Você vai arrancar isso de mim? Vai me matar? *Bom*. Finalmente vou conseguir meu selo de postagem. Ao contrário de Ashley. Ninguém vai se lembrar dela. Ela morreu para nada.

Antes que eu pudesse reagir, Hopper se curvou, sacudindo-a violentamente pelos ombros.

— Você não se compara a ela...

Dei um pulo para a frente e arranquei Hopper de cima dela, empurrando-o para o sofá.

— Mas que porra deu em você? — gritei.

Hopper pareceu tão chocado com o que acabara de fazer quanto eu. Virei-me para Marlowe. Estava jogada na cadeira, imóvel.

Jesus Cristo.

Parecia que ele tinha acabado de sacudir o resto de vida que havia nela.

Agora íamos *todos* para a Old Sparky.

Nora correu até a luminária, apagando-a, e a sala novamente derreteu em escuras trepadeiras trôpegas e pedras afiadas; Marlowe como um animal negro escorregadio ferido na cadeira. Após um momento, me dei conta, com uma onda de horror, de que Marlowe choramingava, gemidos frágeis que soavam como se pingassem de algum canto escuro dela.

— Pedimos desculpas — sussurrou Nora, se agachando perto dela, colocando a mão em seu joelho. — Ele não queria magoá-la. Podemos trazer algo para você beber? Uma água ou...

De repente, Marlowe parou de chorar — como se alguém tivesse apertado um botão.

Ergueu a cabeça.

— Ah, *sim*, menina. Há um pouco de, ahn, Club Soda logo — ela se virou na poltrona, esticando o pescoço para o outro lado da sala — ali, na estante, segunda prateleira; atrás da *Ilha do tesouro* você encontrará um pouco de, ahn, *água*. Se puder pegar para mim, queridinha.

Estava apontando enfaticamente para as prateleiras que cobriam o lado mais distante da sala, ao redor delas havia um afresco de rosas em treliças subindo para o teto. Nora correu até lá, procurando atrás das fileiras de livros.

— Só tem álcool aqui — disse ela, tirando uma grande garrafa, lendo o rótulo. — Heaven Hill Old Style Bourbon.

— *Jura?* Que vergonha. Lucille deve ter confiscado minha água. Ela está sempre me censurando por beber água. Quer que vá a reuniões por causa disso. Hidratados Anônimos ou qualquer merda dessas. Terei que me virar com ahn, *bourbon*, menina. *Traga o Heaven Hill*. E não arraste os pés.

Nora relutava.

— Dê a ela — falei.

— E se tiver alguma reação com os comprimidos que ela toma?

Meu instinto dizia que Marlowe não tomava comprimidos — *nem qualquer outra coisa*. Quando saltara daquele balcão feito um macaco voador saído de *O mágico de Oz*, tinha reflexos soberbos. Quaisquer frases irracionais que dissesse pareciam somente insanidade, efeito colateral de ficar sozinha e trancada naquele apartamento por alguns anos. A despeito de todo o seu terror fingido de nossa invasão, também podia ver que ela ansiava por uma plateia real.

— *Dê a ela*.

Marlowe praticamente saltou da poltrona para arrancar a garrafa de Nora. Com as mãos mais rápidas que as de um crupiê de blackjack em Vegas, ela a destampou e a virou. Nunca antes tinha visto tanta sede, a não ser em um comercial de refrigerante. Houve um estalo suave de metal contra o vidro, e notei que seus dedos brancos de aranha tinham escapulado da manga comprida. Usava uma única joia, um anel com uma grande pérola negra.

Era o que seu antigo noivo Knightly supostamente lhe dera no dia em que terminara o noivado. Embora eu tivesse conferido a história de Beckman antes, era perturbador ver a prova daquele símbolo de rompimento, naquele momento, bem na minha frente.

Marlowe afastou a garrafa dos lábios, arfando e limpando a boca. Sentou-se, se instalando confortavelmente na poltrona. Agora parecia calma e

estranhamente lúcida, segurando a garrafa nos braços como se fosse um bebê enrolado.

— Então vocês gostariam de saber sobre Cordova, queridos — sussurrou Marlowe.

— Sim — disse Nora.

— Têm *certeza*? Alguns conhecimentos o devoram vivo.

— Vamos correr o risco — falei, me sentando na cadeira diante dela.

Ela pareceu muito satisfeita com a resposta, se aquecendo para algo, se *preparando*.

Demorou pelo menos dois ou três minutos até que voltasse a falar, a voz baixa cheia de pedras e buracos apenas instantes antes ficando suavemente pavimentada de repente, seguindo sem esforço seu caminho pela escuridão.

— O que vocês sabem sobre The Peak? — sussurrou ela.

— É A lendária propriedade de Cordova — falei. — Fica ao norte do lago na floresta.

— Sabia que foi construída no local de um massacre de índios Mohawk?

— Não. Não sabia.

Ela lambeu os lábios, animada.

— Sessenta e oito mulheres e crianças foram mortas lá, seus corpos jogados em um poço na colina e incendiados. Foi nesse local que eles construíram as fundações da casa. Stanny naturalmente não sabia disso quando comprou o lugar. Disse que só sabia que o casal que morava lá, algum lorde britânico e sua esposa idiota, tinha falido. Mas eles não revelaram que a esposa ficara completamente maluca vivendo lá. Quando venderam a propriedade e voltaram para a Inglaterra, ele não teve escolha a não ser internar a esposa louca em uma instituição. Em poucos dias ela apunhalou um médico no ouvido com uma tesoura. Foi transferida para Broadmoor, um sanatório para criminosos. Pouco depois o lorde caiu morto devido a um ataque cardíaco. E isso, como eles dizem, é um *resumo*.

Stanny — obviamente era o apelido que ela dava a Cordova. Fez uma pausa para dar outro longo gole na garrafa. Era como se a cada gole ela ressuscitasse, voltando lentamente à vida. Até mesmo parecia ficar menos esquelética, *inchando*.

— Meu Stanny, sem saber de nada disso — continuou ela, pigarreando —, logo se mudou para essa adorável mansão com a sua adorável esposa e o filho pequeno. Agora, sou uma *puta* velha cética, caso não tenha percebido. Eu não *acredito* em nada. Religião? Humanos desesperados para conseguir um seguro infinito. Morte? O grande *nada*. Amor? Dopamina liberada no cérebro, que se esgota com o tempo, deixando só o desprezo. Mesmo assim,

saber desses dois simples fatos; massacre e maluquice... Isso teria até *me* mantido afastada. — Tomou outro gole, limpando a boca com a manga. — Stanny me contou que no primeiro dia que passaram lá, depois que o pessoal da mudança tinha ido embora, a esposa dele sumiu para tirar um cochilo no andar de cima, e ele foi dar uma de suas longas caminhadas. Ele sempre andava sozinho pela floresta quando precisava de uma ideia para um filme. E estava precisando de uma. *Em algum lugar em um quarto vazio* acabara de ser lançado. Era tão bom que partiu corações. Todos estavam loucos para ver o que ele faria em seguida. — Ela parou, as mãos ossudas saindo das mangas para brincar com o rótulo branco da garrafa de Heaven Hill. — Estava andando havia uma hora, seguindo uma trilha e depois outra mais para dentro da floresta, quando notou um barbante vermelho com um nó pendurado no galho de uma árvore. *Um único barbante vermelho*. Sabe o que isso significa?

Nora negou com um gesto de cabeça. Marlowe consentiu com um aceno de mão.

— Ele o desamarrou, sem pensar, e continuou andando até a trilha se abrir em uma clareira circular ao lado de um rio agitado. Na clareira *nada* crescia. Nem uma folha solta, um pinhão ou um ramo. Apenas terra em um círculo perfeito e *não humano*. Fora dele, encontrou no chão uma folha de plástico, letras escritas de trás para a frente, palavras indecifráveis. Havia uma boneca nua sem cabeça com os pés pregados a uma tábua de madeira, os pulsos amarrados com mais barbante vermelho. Stanny supôs que tinha sido deixada por engraçadinhos locais que frequentavam sua propriedade. Recolheu aquelas porcarias e as jogou fora. Mas quando verificou a *mesma* área três semanas depois, viu círculos pretos calcinados no terreno, onde algo evidentemente fora queimado. Cheirava a algo *recente*. Deu queixa à polícia. Eles fizeram um relatório e garantiram que iriam patrulhar a área e avisar ao pessoal da região que a casa não estava mais vazia. Stanny colocou placas de proibido passar ao longo do perímetro da propriedade. Um mês depois, ele e a esposa acordaram no meio da noite com o som de gritos penetrantes. Não sabiam se eram de um animal ou de um ser humano. Pela manhã ele foi àquele local. Lá, no centro de um círculo perfeito, havia um altar com um

cervo recém-nascido, olhos arrancados, boca costurada. Em seu corpo malhado havia uma faca com símbolos estranhos cravada. Stanny ficou lívido. Reportou isso à polícia local. Novamente fizeram um relatório. Mas mesmo assim... havia algo na *expressão* deles, no modo como olhavam uns para os outros. Stanny se deu conta de que eles não apenas *sabiam* quem estava fazendo tais coisas, como *eles mesmos* participavam. Eles, juntamente com inúmeras pessoas da cidade, estavam usando a propriedade para rituais sádicos. Não que Stanny ficasse surpreso com isso. Afinal, estava vivendo em meio a caipiras *excêntricos*, brancos malucos, bizarros consanguíneos de *Amargo pesadelo*. — Ela deu um sorriso malicioso, os olhos brilhando. — Você captou a ideia. E pode imaginar o que a querida esposa de Stanny, Genevra, de uma família chique de Milão, pensava daqueles pagãos atrasados. Suplicou que fosse erguida uma cerca de proteção ao redor da propriedade, para deixá-los do lado de *fora*. E ele *fez* isso. Instalou uma cerca elétrica de seis metros, gastou uma fortuna. O problema é que ele acabou, em vez de deixá-los *fora*, criando uma barricada para ficar com a família lá *dentro*. — Permaneceu um momento em silêncio. — Não sei como ele resolveu fazer experiências com isso — continuou. — Nunca me contou. Stanny não tinha medo do desconhecido. Que havia no universo. Em nós mesmos. Esse era o tema que explorava interminavelmente. Ele levava submarinos lá embaixo. Descia, descia para as fendas escuras e a lama dos desejos e dos anseios humanos até o feio inconsciente. Ninguém sabia quando voltaria, se um dia voltaria. Quando estava trabalhando em um projeto, ele desaparecia. Respirava isso. Escrevia a noite toda por dias seguidos até estar tão cansado que dormia duas semanas como uma fera hibernando. Podia ser agonizante viver com ele. Eu, claro, experimentei isso, de perto, pessoalmente.

Era visível que estava orgulhosa de sua declaração, então virou o Heaven Hill, uma gota escorrendo pelo queixo.

— O problema com Stanny — prosseguiu ela, limpando a boca —, assim como com muitos *gênios*, eram suas *necessidades* insaciáveis. De vida. De conhecimento. De devorar. De foder. De entender por que as pessoas faziam o que faziam. Ele nunca julgava, sabe. *Nada* era categoricamente *errado*. A

seus olhos tudo era humano e, portanto, merecedor de investigação, de um exame de todas as facetas. — Apertou os olhos para nós. — Vocês são fãs dele, não?

Não consegui responder imediatamente. Estava muito chocado, não só com o que ela dizia, mas com sua repentina energia e sanidade, ambas parecendo aumentar em proporção direta à quantidade de Heaven Hill que virava — a garrafa agora quase na metade.

— O que sabem sobre o começo da vida dele? — cobrou.

— Ele foi filho único de mãe solteira — falei. — Cresceu no Bronx.

— E era ótimo no xadrez — acrescentou Nora. — Costumava jogar por dinheiro nas mesas do Washington Square Park.

— Esse é Kubrick. Não Cordova. *Acerte seus gênios*, cacete. — Marlowe nos avaliou. — Só isso?

Quando não respondemos, ela zombou:

— É o que sempre achei mais patético nos fãs. Eles choram quando têm um vislumbre de você, emolduram o garfo que você tocou. Mas ainda assim são incapazes de *fazer* algo com essa inspiração, como, por exemplo, enriquecer a própria vida. Isso deixava Stanny maluco. Ele costumava me dizer: *Huey*, que era o apelido que ele me chamava, *Huey*, eles veem os filmes cinco vezes, escrevem cartas, mas perdem o sentido subjacente. Não levam nada. Nada de heroísmo. Nada de coragem. É tudo apenas *entretenimento*. — *Huey* suspirou, tomando outro gole. — Stanny foi criado para ser um bom católico. Sua mãe, Lola, tinha dois empregos de faxineira em um dos grandes hotéis de Nova York. Viera de uma cidadezinha na periferia de Nápoles. Mas sabia muito sobre *stregheria*. Imagino que tenham ouvido falar disso, não?

— Não — respondeu Nora, balançando a cabeça.

— É uma antiga palavra italiana para *feitiçaria*. Uma tradição de setecentos anos, passada principalmente em lendas urbanas, lorotas para assustar crianças, obrigá-las a comer legumes e ir cedo para a cama. O pai de Cordova era da região catalã da Espanha, um ferreiro. A família morava junta em uma pequena cidade na periferia de Barcelona antes de emigrar para os Estados Unidos quando Stanny tinha três anos. No dia em que deveriam

partir, o pai decidiu que não podia ir. Não queria deixar a terra natal. Então Lola pegou o filho e seguiu para a América. Um ano depois, o pai tinha uma nova família. Stanny não voltou a falar com o pai. Mas lembrava-se da avó espanhola contando a ele sobre *bruixeria*, a tradição catalã de feitiçaria. Disse que ela lhe contou que na véspera do ano-novo as bruxas têm poder máximo, e é quando sequestram crianças. Disse-lhe para colocar os atizadores de brasas em forma de cruz nas brasas da lareira, salpicá-los com sal, e assim o garoto impediria que uma bruxa entrasse pela chaminé. Então, como veem, meus queridos, Stanny cresceu cercado de superstições. Com certeza não as levou a sério, mas ainda assim isso estava tanto do lado materno quanto paterno da família. E no *pior* dos dias a imaginação de Stanny é mais forte do que nossas realidades. Acho que com um histórico desses, ele estava tristemente predisposto a isso... *Suscetível*, pode-se dizer.

Ela nos olhou, os dedos brincando com o anel de pérola, girando-o sem parar ao redor do dedo. Prosseguiu:

— Ele nunca me contou como aconteceu. Mas pouco depois de erguer a cerca ao redor da propriedade, percebeu que as pessoas da cidade continuavam invadindo.

— Como? — perguntei.

— Elas iam de barco. A propriedade fica ao norte do lago Lows. Se você sair da margem pública e seguir para o lado norte e por um rio estreito, vai acabar chegando a um lago da propriedade The Peak. Quando Stanislas descobriu essa brecha, mandou seus homens construírem uma grade até o fundo do rio, para que apenas um *dedal* fosse capaz de passar. Uma semana depois ele e a esposa acordaram com o barulho de tambores. Vozes. *Gritos*. Na manhã seguinte, ele voltou à cerca e viu que o ponto que impedia a entrada pelo rio havia sido *serrado*. E podia ver pelo modo como os cabos tinham sido cortados, que isso fora feito por alguém de *dentro* da propriedade, não de *fora*.

— Alguém que morava lá — falei.

Assentiu, sem prosseguir.

— Quem? Um empregado?

— Todo paraíso tem sua serpente. — Ela sorriu. — Se Stanny tinha uma fraqueza, era sua crença de que a personalidade é fluida. Não acreditava que as pessoas podiam ser más, não em forma pura. Sempre gostou de ter várias pessoas ao seu redor. Parasitas, *groupies*, chame como quiser, embora *ele* as chamasse de seus *aliados*. Não fazia nem um mês que estava morando em The Peak quando conheceu na cidade, por acaso, um padre jovem e bonito que também tinha acabado de se mudar para Crowthorpe com o objetivo de estabelecer sua paróquia. Stanny precisava de um assessor religioso para um roteiro no qual estava trabalhando, *Anjinhos*, e os dois ficaram amigos. Em poucas semanas, o padre estava morando em The Peak. Genevra ficou furiosa. Odiava o homem. Ele era gostoso *para cacete*, um tipo musculoso como Tyrone Power com cabelos dourados, olhos azuis. Provavelmente também tinha um baita *Schwanz*, se entendem o que quero dizer. Alegava ter sido criado nos campos de milho de Iowa. Mas havia algo detestável naquele homem. Genevra tentou convencer Stanny de que ele era perigoso. Um impostor. Uma sanguessuga. Ela era italiana, católica fervorosa, e notara muitas *lacunas* no conhecimento que o homem tinha da Igreja. Também acreditava que ele era obcecado pelo seu marido de um modo não natural. Stanny lhe disse para relaxar, que o homem era fascinante, uma inspiração. — Marlowe tomou outro grande gole. — Não sei como aconteceu. Suspeito que uma noite Stanny tenha ido à encruzilhada para confrontar as pessoas da cidade e acabou se escondendo, observando. Quando retornou à mansão ao amanhecer, tinha uma perspectiva totalmente diferente daquilo tudo. Não sei o que fez ou o que eles *fizeram*. Nada foi provado, mas Genevra sempre acreditou que o padre tinha tudo a ver com aquilo. Que fizera algum tipo de *acordo* com aquelas pessoas, talvez até mesmo fosse uma delas. — Ela suspirou. — Então Stanny começou sua vida lá. Criativamente, se tornou independente. Com certeza seus filmes anteriores eram eletrizantes, mas aquela nova obra que estava produzindo em The Peak era de uma dimensão diferente. Começou a produzir seus filmes noturnos. Explicou isso uma vez: “Huey”, me disse, “adoro colocar meus personagens no escuro. Só assim consigo ver exatamente quem são”.

Ela brincou com as compridas mangas de cetim, alisando o tecido sobre os joelhos. Eu não disse nada, hipnotizado com o que nos contava sobre Cordova, e também com a própria Marlowe. Ficara tão lúcida e animada que parecia totalmente diferente da mulher que tínhamos encontrado.

— No final das contas não havia nenhuma necessidade de deixar a propriedade. Tudo, todos iam a *ele*. Tinha cento e vinte hectares. Construía seus cenários lá, editava seus filmes lá. Quando precisava sair, era por ter encontrado uma locação de filmagem perto de Crowthorpe. Era como se tivesse passado a acreditar que seu poder só podia ser usado naquele espaço. E era verdade. A qualidade das interpretações que conseguia extrair eram impressionantes. Sua energia não tinha limites. Ele era Poseidon, seus atores, o cardume. Quando você estava trabalhando com Stanny em um filme, ficava em The Peak. Fazia suas refeições lá, não saía nunca, não era autorizado a ter qualquer contato com o mundo exterior. Você entregava sua vida a ele, dava a ele as chaves do seu reino. Isso significava tanto sua *mente* quanto seu *corpo*. Tudo era combinado antecipadamente. Você aparecia no primeiro dia de produção, ignorante e cego. Nunca sabia nada sobre o filme, qual era seu personagem, realmente nada, a não ser que sua vida como a conhecia havia sido encerrada. Estava seguindo para uma nova jornada por um buraco de minhoca rumo ao desconhecido. Quando finalmente saía, três ou quatro meses depois, e voltava para casa, estava *mudado*. Você se dava conta de que era como se estivesse dormindo antes.

— Por que alguém concordaria com uma coisa dessas? — perguntou Hopper, enquanto ela tomava outro gole. — Entregar sua vida, seu corpo e sua mente a *um homem*? Ele está parecendo Charles Manson.

Ela passou a impressão de se divertir com a veemência dele, olhando-o com olhos semicerrados.

— Há o desejo humano de exercer o livre-arbítrio, sim. Mas há um desejo *igualmente* forte de ser amarrado, amordaçado e preso. Naturalmente havia a glória que acompanhava o aparecimento em um filme de Cordova. Você estava feito. Conseguiria os melhores papéis depois de ter trabalhado com ele. Mesmo quando se tornou clandestino. Era um selo de qualidade. Você era um guerreiro. Mas o verdadeiro valor de trabalhar com Cordova não era

dinheiro ou aplauso, era o *depois*. Todos nós atores falávamos disso. Quando você finalmente voltava à vida real após trabalhar com Cordova, era como se todas as cores tivessem sido reforçadas nos seus olhos. Os vermelhos eram mais vermelhos. Os pretos, mais pretos. Você sentia as coisas profundamente, como se seu próprio coração tivesse agigantado, inchado e se tornado mais terno. Você sonhava. E *que sonhos*. O período em que trabalhei com aquele homem irascível foi o mais medonho da minha vida. Toquei as partes mais profundas e atormentadas de mim mesma, partes que eu tinha pavor de libertar por duvidar ser capaz de fechá-las novamente. Talvez nunca tenha conseguido. Mas faria tudo novamente sem pestanejar. Você estava fazendo um filme. Algo que iria durar mais que você. Algo selvagem. Uma obra de arte poderosa que não era uma invenção comercial, mas algo para *cortar* as pessoas, fazê-las sangrar. Vivendo em The Peak você era tão subversivo quanto qualquer resistência, trabalhando para o último verdadeiro rebelde. Também estava aprendendo quão longe era capaz de ir; com relação a amor e medo, resistência e sexo, euforia. Jogar fora tudo o que havia sido ensinado pela sociedade e inventar tudo para si. Viver a partir do *esboço*. Consegue imaginar a embriaguez de tal coisa? Você volta disso e se dá conta de que o resto do mundo está dormindo, em coma, e nem sequer sabe.

— Por isso se apaixonou por ele? — perguntou Nora, hesitante.

Marlowe se empertigou, eletrificada pela pergunta, projetando o queixo.

— Todos se apaixonavam por ele, menina. *Você* não passaria de massa de modelar nas mãos dele. Isso vale para cada um de vocês. Quem pode resistir ao homem que compreende e aprecia cada célula sua? Nós nos casamos durante a produção de *Fruto do amor* — disse isso gesticulando a mão, olhando para a garrafa de Heaven Hill, agora quase vazia. — Vamos apenas dizer que, quando terminou, vi que nosso amor era uma flor de estufa. Pujante e viva internamente, em condições muito específicas; fora do enclave, no mundo real, morta. Eu não conseguiria viver em The Peak, não para sempre. Porque na época Stanny se recusava a sair de lá. Era sua dimensão particular, seu submundo pessoal. Queria permanecer para sempre em seu planeta mágico. Eu precisava voltar à Terra.

— Ele *realmente* se recusava a sair? — sussurrou Nora, incrédula.

Marlowe a encarou.

— *Zeus* relutava em deixar o *Olimpo*, não? A não ser que tivesse mortais para atormentar, certo? Ocasionalmente, durante as filmagens, Stanny acabava desaparecendo por semanas seguidas e não podia ser encontrado. Em lugar nenhum. Então com frequência especulávamos se haveria algum outro lugar aonde ia. O lugar secreto dentro do lugar secreto. Quando *finalmente* voltava, tinha uma estranha areia grossa nas botas e cheirava a mar aberto. Também era especialmente voraz na *cama*, se é que me entendem, como se tivesse navegado por um tempo em seu navio pirata, invadido aldeias, queimado tudo, estuprado, roubado e assassinado, e então voltado a The Peak com o sal ainda grudado em seu cabelo e todo aquele suor, névoa e sangue impregnados em sua pele. — Ela abriu um sorriso sonhador. — Essas eram as noites em que ele me partia ao meio.

— Espere — interrompeu Hopper, se inclinando para a frente, os cotovelos nos joelhos. — Esses invasores da cidade. Está dizendo que Cordova *se tornou* um deles?

Marlowe pareceu exasperada.

— Eu disse que não sabia a *natureza exata* do seu envolvimento, Tarzan. Mas em algum momento ele passou a fazer mais do que apenas *observar*. Foi o motivo para o suicídio da sua esposa. Genevra. Ele nunca me contou exatamente o que aconteceu. Mas imagino que a pobre mulher frágil descobriu suas *atividades* noturnas. Veja bem, aquele padre, ele ainda estava lá, circulando, esperando em silêncio ali por perto. Uma sombra viscosa, sempre ali. Era demais para ela mentalmente. Certa tarde cinzenta, ela se afogou em um lago na propriedade. A polícia considerou acidente, mas Stanny sabia a verdade. Genevra não tinha ido nadar. Pegara um pequeno bote, remara até o meio do lago e mergulhara, os bolsos do vestido cheios de pedras. Depois encontraram o bote, destruído. Stanny a adorava, é claro. Mas não o suficiente para ser comum. Não podia ser contido por uma mulher. Ou por um homem. Vocês irão descobrir que grandes artistas não amam, vivem, fodem e nem mesmo morrem como pessoas comuns. Porque sempre há sua arte. Isso os alimenta mais do que qualquer ligação que tenham com pessoas. Qualquer que seja a tragédia humana que se abata sobre eles, nunca ficam

arrasados *demais*, pois só precisam derramar essa tragédia em seu tonel, misturar os outros ingredientes horrendos, aquecer. O resultado será ainda mais magnífico do que se a tragédia nunca tivesse ocorrido. — Marlowe ficou em silêncio, cansada de repente. Por um minuto, não fez nada além de brincar com o robe, puxando o tecido. — Circularam boatos sobre o que Cordova fazia em The Peak, claro. Especialmente entre nós atores. Uma história que ouvi foi de Max Hiedelbrau. Max interpretou o pai do padre Jinley em *A janela rachada* e aquele patriarca chato em *Respirando com reis*.

Eu me lembrava de Max nos dois filmes: australiano, um ator alto, imponente, com um rosto flácido e enrugado.

— Max é um conhecido insone. Às quatro da manhã, durante as filmagens de *A janela rachada*, ele estava do lado de fora, caminhando pelos jardins, ensaiando suas falas. Viu uma figura indo apressada para a entrada da frente, subindo as escadas, desaparecendo na mansão. Era Stanny. Parecia estar voltando da floresta, e carregava nos braços um fardo preto. Quando Max o seguiu, viu que havia faixas castanho-avermelhadas nas maçanetas das portas da frente. Era sangue. Gotinhas formaram uma trilha pelo saguão de mármore e escada acima. Max foi para a cama. Pela manhã as gotas tinham sumido. — Marlowe sugou a última gota de Heaven Hill. — As pessoas comentaram — continuou, me encarando. — Mas os executivos da Warner Brothers que visitavam a locação periodicamente não disseram nada. Ainda assim, e isso é bastante revelador, embora The Peak fosse uma das residências particulares mais luxuosas onde já tinham colocado os pés, com empregados em tempo integral e um chef francês, nenhum daqueles chefões espertos de Hollywood nunca passou uma *única noite* na mansão. Não importava até que horas fossem as filmagens, eles sempre se recolhiam a um hotel em Tupper Lake, a mais de uma hora dali.

— Tinham medo? — perguntou Nora.

Ela deu um sorriso malicioso.

— Não tinham *Sacke*, se é que me entendem! Desde que Stanny ganhasse dinheiro para eles, produzisse filmes que o público estivesse louco para ver, se lixavam para a vida pessoal dele. Se bebesse sangue? Cantasse? Decapitasse animais? Já haviam lidado com problemas antes. Tiveram que

abafar um incidente envolvendo uma das atrizes. Aparentemente ela enlouqueceu trabalhando com Stanny. A pobre garota ficou tão assustada que saiu pela janela do seu aposento no quarto andar no meio da noite, desceu para o térreo e nunca mais foi vista.

— Quem era ela? — perguntou Nora.

Marlowe deu de ombros.

— O nome me foge. Olhe, o que quer ele estivesse fazendo para liberar essa criatividade, levar seus atores a fatiar as próprias almas e *sangrar* para a câmera de forma que o mundo pudesse beber, desde que todos mantivessem as bocas fechadas, era um negócio como qualquer outro. Eles fingiam que não viam. Todos nós fingíamos.

— Mas não Ashley.

Hopper tinha sussurrado isso, sua voz tão baixa e decidida que atravessou a sala, atravessou a própria Marlowe, deixando-a em silêncio e até mesmo um pouco enervada.

— Ela nunca fingiria não ver — complementou ele.

— Não — respondeu Marlowe.

— ACONTECEU EM uma ponte do diabo — continuou Marlowe, encarando Hopper, ansiosamente tocando seus ombros e seu peito para ter certeza de que estava totalmente coberta pelo robe. — Vocês já ouviram falar delas?

— Não — respondeu Nora.

— São pontes medievais. Envoltas em folclore. A maioria fica na Europa, da Inglaterra à Eslovênia, construídas entre mil e mil e seiscentos depois de Cristo. Embora a história de cada ponte varie, a premissa básica é que o diabo concorda em ajudar a construir a ponte em troca da primeira alma humana que cruzá-la. Não sei dos detalhes. Mas de alguma forma havia uma dessas pontes na propriedade The Peak. Eles a construíram, imagino.

— Está se referindo aos moradores de Crowthorpe Falls — falei.

Ela assentiu.

— Desde o momento em que veio ao mundo, Ashley foi uma criança extraordinária. Uma imagem gloriosa do pai. Destemida, com cabelo escuro, olhos azul-acinzentados claros como um córrego. A inteligência, a curiosidade insaciável, o modo como agarrava a vida. Os dois eram inseparáveis. Stanny amava o filho, Theo. Mas havia algo em Ashley que... Bem, ele não conseguia evitar idolatrá-la. Todos a idolatravam. — Ela sugou a garrafa de Heaven Hill com a cabeça jogada para trás, sem perceber que estava totalmente vazia. Limpou a boca. — Stanislas nunca soube como a filha o seguiu para a floresta naquela noite. Ashley nunca contou a ninguém. Mas tenho um bom palpite de quem lhe deu a ideia. Sabem, aquele padre ainda estava à espreita. Estivera afastado de Cordova e The Peak por algum tempo. Partira depois da morte de Genevra, supostamente viajou pela África fazendo trabalho missionário, mas então, de repente, a figura estava de volta na cidade, sem lugar para ficar e com pouco dinheiro. Cordova não fez

objeção a seu velho camarada se instalar em The Peak novamente. Não tenho certeza, mas imagino que o padre ficou com muito ciúme de Ashley. Ele adorava Cordova. Deve ter esperado que um dia Stanny e ele... Não sei. Vivessem *felizes para sempre*? Como um casal de adolescentes apaixonados?

Marlowe recostou-se na poltrona e prosseguiu:

— Sabe-se lá como, no meio de uma noite de junho, isso foi em 1992, e Ashley tinha cinco anos, Stanislas estava na ponte do diabo que tinha construído com o pessoal da cidade. Enquanto participava daquilo, o que quer que estivessem fazendo, um ritual de absoluta depravação, imagino, Ashley surgiu do nada. Pisou na ponte. Você pode imaginar como uma cena daquelas seria perturbadora para qualquer criança. Mas Ashley não tinha medo. Quando Stanislas a viu, gritou para que parasse, voltasse. Mas em meio ao caos, quando viu o pai, ela fez o que qualquer garotinha que amava seu pai faria: correu até ele. Ashley correu a ponte toda, só parando ao chegar ao outro lado. Ela foi a primeira alma humana a atravessá-la.

Marlowe ficou em silêncio, sentada desequilibradamente para a frente. Uma mão branca esquelética emergira da volumosa manga de cetim preta, apoiada no pescoço.

— Stanislas ficou chocado. O grupo se dispersou imediatamente. Fogueiras foram apagadas. O *que* ou *quem* fossem aquelas pessoas, receberam a ordem de deixar a propriedade. Stanislas levou Ashley de volta para casa. Para seu alívio, parecia bem. Era ela mesma. Nem sequer tinha medo do que acabara de ver. Afinal, a casa da família era um verdadeiro *cenário de cinema*. Tinha visto fogueiras, carros explodindo, homens e mulheres declarando amor eterno, ódio eterno, cenas de luta, de amor, de perseguição, mulheres penduradas nas laterais de prédios para salvar suas vidas, homens caindo do céu, tudo em seu quintal. Ele a colocou na cama e leu um capítulo de um de seus contos de fadas preferidos, *O mundo misterioso de Bartho Lore*. Naquela noite, ela adormeceu com um sorriso, como sempre. Stanny decidiu não contar à esposa. Não sei o grau de conhecimento que Astrid, a terceira esposa de Stanny, tinha do que o marido fazia no meio da noite, mas parecia haver um acordo de que ele era livre para fazer o que quisesse, desde que não envolvesse crianças. Quando Stanny foi

para a cama naquela noite, rezou a Deus. Uma *escolha* interessante, considerando como passava seu tempo livre. Mas foi a Deus. Mesmo naquele momento parecia não acreditar direito nas coisas que estava fazendo. E então esperou que nada daquilo fosse real. Não podia ser. A ideia é realmente absurda. Não é?

Ela perguntou isso com um prazer cínico, dando outro longo gole na garrafa vazia de Heaven Hill. *Talvez estivesse engolindo os vapores.*

— Em uma semana, Stanislas começou a notar a diferença. Ashley sempre fora uma criança atenta, *dotada*, mas seus dons começaram a ter tendências *extremas*. Ele convidara alguns soldados chineses e um antigo embaixador para morar na casa enquanto trabalhava no seu próximo filme. Duas semanas após a chegada deles, Ashley estava totalmente fluente no idioma. Também começou a encarar, olhar *dentro* das pessoas, como se pudesse ler seus pensamentos, ver seus destinos se desenrolando diante dela como um rolo de trinta e cinco milímetros. Ainda ria, é claro, continuava muito bonita, mas havia então uma gravidade que não existia antes. E tinha o piano. — Marlowe estremeceu com o pensamento. — Astrid era pianista formada. Desde que Ashley tinha quatro anos, um professor da Julliard ia à propriedade duas vezes por semana lhe dar aulas particulares. Aos cinco anos, ela era boa para sua idade, mas nunca tivera verdadeira paixão pelo instrumento. Preferia ficar do lado de fora, andando a cavalo ou de bicicleta, subindo em árvores. Mas desde o fatídico dia se sentava, trancada dentro de casa por horas, e tocava até os dedos ficarem com bolhas. Em semanas, a garota conseguia dominar qualquer peça colocada à sua frente: Beethoven, Bartók, em *poucas horas* tudo já tinha sido memorizado. A mudança em Ashley era cada vez mais palpável. Stanny estava arrasado demais para acreditar. Mas começou a pesquisar. Ao longo da história, *pactos* com o *diabo* com frequência se manifestaram como domínio virtuoso de um instrumento. Na Itália do século dezoito houve Paganini, até hoje tido como o melhor violinista que já viveu. O mesmo vale para Robert Johnson, músico de jazz. Foi a uma encruzilhada em Tunica, Mississippi, e deu sua alma ao diabo em troca de total maestria musical.

Fez uma pausa, a respiração superficial, nervosa.

— Astrid ainda ignorava o que tinha acontecido. Achava que a filha estava apenas crescendo com uma inteligência desmedida. Mas então começou a notar que Ashley era estranhamente *fria* ao toque, e quando tirava sua temperatura, em vez dos habituais trinta e seis graus e meio, ela sempre estava com trinta e seis, trinta e *cinco e meio*. Astrid a levou a vários hospitais em Nova York. Os médicos não encontraram nada errado. Ela ficou preocupada, principalmente quando a filha começou a apresentar problemas de comportamento. Parara de rir. E quando ficava com raiva, dava um ataque *assustador*. Stanislas finalmente teve que contar à pobre esposa. Mostrou a Astrid o que acreditava ser a marca do diabo em Ashley. Algo que ele chamava de pegada do sapo. Uma mancha considerável na íris perto da pupila. Ashley a tinha no olho esquerdo.

Olhei para ela. Marlowe acabara de descrever o que Lupe, a faxineira do Waldorf, dissera. *Huella del mal. A pegada do mal*. Nora se virou para mim, claramente se lembrando de como a mulher apontara para a pinta na foto do legista.

— Naturalmente, Astrid não quis acreditar. Mas então houve um terrível incidente que a fez mudar de opinião. No meio da noite a casa inteira acordou com um homem berrando na cama. Era o padre. O pijama que ele vestia, assim como as roupas clericais pretas no closet, estavam *em chamas*. *Ele* estava em chamas. A família conseguiu apagar o fogo, e Astrid colocou o homem, quase inconsciente, no banco de trás do carro para levá-lo ao hospital, pois Cordova, claro, não podia mais dirigir. Ele se recusava a deixar a propriedade. Não queriam chamar uma ambulância, pois tinham medo de manchar a reputação. Então, com Astrid frenética, dirigindo loucamente, fez uma curva fechada, perdeu o controle do carro e bateu em uma árvore, destruindo o carro. Theo resgatou o padre em uma van, enquanto ele, perdendo e recobrando a consciência, gemendo de dor, se aproximava da morte. Deixou-o em um hospital na periferia rural de Albany e foi embora. O padre foi internado como homem não identificado, com queimaduras de terceiro grau em todo o corpo. Ashley aparentemente dormira durante todo o incidente. Mas na manhã seguinte, Astrid notou que a filha tinha uma terrível marca de queimadura na mão esquerda. A mãe soube que ela era a

responsável. Foi nesse momento que começou a acreditar em Stanny, que aquela maldição do diabo era real. — Marlowe balançou a cabeça. — O padre sobreviveu, embora tenha ouvido falar que ele sumiu do hospital um mês após a internação e nunca voltou a ser visto, em The Peak ou em qualquer outro lugar.

Eu mal podia acreditar naquilo. Marlowe descreveu nos mínimos detalhes o incidente que eu desencavara cinco anos antes quando pesquisava sobre Cordova. A funcionária do motel, Kate Miller, testemunhara um acidente de carro nas primeiras horas de uma manhã no final de maio. Astrid Cordova estava ao volante. Ela alegara estar sozinha no carro, mas Kate jurara que havia mais alguém, um homem no banco de trás vestindo roupas pretas, o rosto coberto de ataduras — um homem que alegara ser Cordova.

Tinha sido o padre, queimado vivo.

— Que idade Ashley tinha na época desse incidente? — perguntei.

Marlowe deu de ombros.

— Quinze? Dezesseis? Depois a mandaram embora.

— Para onde?

— Um acampamento de adolescentes rebeldes. Foi uma última tentativa, bastante *inútil*, de fingir que o problema de Ashley era algo comum.

Eu me virei para Hopper. Estava afundado na cadeira, pernas cruzadas sobre o joelho, observando Marlowe atentamente.

— Astrid ficou furiosa, exigindo que o marido *consertasse aquilo*. Ele tinha uma ideia. Acreditava que poderia ser possível reverter a maldição se trocassem a alma de Ashley pela de alguém. Uma troca. Por outra criança. Isso levou ao rompimento de Ashley com a família. Porque quando finalmente lhe explicaram isso, Ashley quis aceitar seu destino. Mas Cordova estava sempre procurando uma saída. Fez isso até o fim. Foi consumido por isso. Fazer outro filme estava fora de questão. Só existia para *isso*. O que o devorou vivo, canibalizou a família. Havia momentos em que Ashley era perfeitamente normal, então tinham esperança de que as trevas à qual sucumbia existiam só em suas cabeças. Mas depois algo acontecia e sabiam que era aquilo. Ele estava vindo pegá-la.

— *Ele?* — cobrou Hopper de repente. — Quem?

Marlowe se virou para ele.

— O diabo, é claro.

Ele riu.

— Ah, tá.

Ela o encarou, seu rosto parecia uma máscara, imóvel.

— *Iblis* no islamismo — sussurrou. — *Mara* no budismo. *Set* no antigo Egito. *Satanás* nas civilizações ocidentais. Quando você dedica tempo a estudar história, se surpreende com quão universalmente aceito ele *é de fato*.

Marlowe inclinou a cabeça sabiamente, se virando para mim.

— Stanislas acreditava que iria acontecer quando ela tivesse vinte e quatro anos, *vinte e cinco*, algum cálculo de luas cheias ou algo assim. Não conheço a natureza do que aconteceu, mas em algum momento a família toda se tornou cúmplice nessa tentativa de transferir a promessa para alguma outra criança. Infelizmente, não era um conceito tão absurdo. Esses cultos se valem de andarilhos, crianças cuja falta não seria sentida caso desaparecessem. Muitas dessas pessoas engravidam com o objetivo de sacrificar a criança em um altar. Crimes de ocultismo são uma realidade neste país, só que são varridos para debaixo do tapete pela polícia porque é quase impossível conseguir uma condenação no tribunal. *Não* por não haver provas. Ah, não. É impossível esconder as evidências de seus rituais terríveis. É difícil se limpar se você *derrama sangue toda semana*. Não. É porque os júris não *conseguem acreditar*. Não conseguem apostar no sobrenatural. Soa como algo saído de um filme noturno. Não da vida real.

Ela ficou em silêncio. Em um ato mecânico, desenroscou a tampa da garrafa, a levou aos lábios, mas finalmente notou, chocada, que não restava mais nada, nenhuma gota.

— Como *você* sabe tanto sobre essa história? — perguntou Nora em voz baixa.

Marlowe se virou, aparentemente prestes a repreendê-la, mas perdeu a força, apenas baixou os olhos para as mãos enrugadas sobre os joelhos. Estranhou-as, como se não fizessem parte dela, como se fossem insetos que haviam caminhado pela sua perna e os quais estava cansada demais para espantar.

— Stanny confiava em mim. Ele me contou tudo. Sabia que eu entenderia a dor. Quando experimentei uma perda assim, isso me esvaziou. Só sobrou minha pele. Quando você ama assim e perde, nunca se recupera. Stanny sabia que eu entenderia como era. Eu tinha convivido com Ashley. Claro que não acreditei em nada disso logo que ele me contou. Mas então a levei comigo para umas férias quando ela tinha uns oito anos. Estávamos sentadas na praia perto de Côte Plongée, Antibes, e a flagrei me *encarando*. Era como se tivesse visto meu passado e meu futuro, até mesmo para onde minha alma iria quando eu morresse, se retorcendo para sempre no limbo. Era como se tivesse visto tudo e sentisse pena de mim.

Aquela *dor terrível* só podia ser uma referência ao lindo noivo de Marlowe, Knightly, que a trocou pela irmã, Olivia.

— Esse padre — falei após um momento. — Lembra o nome dele?

— As pessoas o chamavam apenas de *padre*, de um modo brincalhão, sarcástico. Lembro-me dele durante as filmagens de *Fruto do amor*. Gostava de passar o dia pescando. Eu o vi uma vez de pé a distância na margem do lago todo de preto, feito uma mancha de tinta acidental penetrando na paisagem brilhante de céu, lago azul e árvores. Não soube o que estava fazendo até chegar perto dele e notar a comprida vara de pesca e a caixa com o equipamento, ver que estava ali tão imóvel esperando pacientemente um peixe. Ele parecia ter o autocontrole de esperar para sempre. Genevra deu a ele o apelido de *Ragno*. Aranha.

— *O quê?* — reagi.

— Aranha — repetiu com a voz arrastada. — Pelo modo como ele se movia. Tão *silencioso*.

— O nome real dele era Hugo Villarde?

— Eu... Eu realmente não sei.

Marlowe estava escapando outra vez, ficando fraca, encolhida na cadeira para nenhuma luz alcançá-la, e era pouco mais que um rosto branco fantasmagórico flutuando no escuro. Quando começara a falar, eu tinha pouca confiança de que nos contasse algo *inteligível*, quanto mais a verdade honesta. E repetidamente me surpreendera, revelando detalhes que corroboravam tudo o que eu tinha descoberto.

E agora essa revelação sobre o Aranha.

— Você conheceu a assistente de Cordova, Inez Gallo? — perguntei.

Marlowe estremeceu de desgosto.

— O *Coiote*? Mas é claro. Aonde Cordova ia, seu pequeno coiole ia atrás. Ela o amava, claro. Realizava todos os seus desejos, fazia os trabalhos braçais, sem se importar com quão cruéis eram. Tudo o que pedia em troca era respirar seu ar. Foi Stanny quem teve a ideia do título *Respirando com reis* por causa da pura *patetice dela*, do coiole. Acho que realmente desejava que ele a devorasse viva, para que enfim *ela* estivesse mais perto dele do que qualquer um, vivendo o resto de seus dias aninhada nos cantos mais escuros de sua barriga.

— Onde ele está agora? — perguntou Nora após um momento. — Cordova, quero dizer.

— A pergunta de um milhão de dólares. Ninguém nunca sabe a resposta correta.

Ela murmurou isso distraída e não voltou a falar por um tempo tão longo, o queixo colado no peito, que pensei que tinha cochilado.

— Imagino que ainda esteja lá — grunhiu finalmente. — Ou zarpou em seu navio pirata para o mar, para nunca mais voltar. Imagino que, com Ashley morta, o resto de humanidade que havia nele, meu Stanny, tenha ido embora. Tenha abandonado ele. Agora não há nada que o detenha. Não mais.

Marlowe fez um estranho barulho de engasgo e, se curvando, começou a tossir, um som lacerante e violento.

— Minha cama — sussurrou. — Me leve para a minha cama. Estou muito... muito cansada.

Nora olhou para mim. Era minha deixa para ajudar Marlowe, embora eu tenha hesitado. Era o medo de ver seu rosto arrasado de perto, a preocupação de que fosse frágil demais para ser tocada. Ela se retirara novamente, fora para longe, se dobrara feito uma velha espreguiçadeira, tão gasta que parecia possível se desfazer em pedaços em minhas mãos. Nora gentilmente pegou a garrafa de Heaven Hill de suas mãos — Marlowe relutando em soltá-la, como uma criança não querendo se separar de uma boneca —, e então, se curvando sobre ela, a abraçou.

— Tudo vai ficar bem — sussurrou Nora.

Eu me coloquei ao lado dela e, com todo o cuidado, peguei Marlowe em meus braços. Ela abraçou com força meu pescoço enquanto a tirava da sala e a carregava pelo corredor, o rosto escondido no fundo do capuz. Quando a coloquei na cama, Nora e Hopper atrás de mim, ela se enterrou instantaneamente debaixo das cobertas, como um besouro se escondendo na areia.

— Não me deixem ainda — sussurrou Marlowe rouca sob o lençol. — Você tem que ler para mim para que eu possa dormir. Ah. *Swallow*. Era isso.

— *Ler* para você? — perguntou Nora.

— Há um garoto que vem aqui. Toda noite às oito ele vem e lê para eu dormir. Tem *O conde*. Leia para mim só um pouquinho...

— Qual livro? — sussurrou Nora.

— Na gaveta. Ali, ali. *O conde de Cristo*. Ele está esperando.

Olhando para mim hesitante, Nora levou a mão ao puxador da mesinha de cabeceira. Esperava que Marlowe estivesse dizendo a verdade. Parecia estar se referindo ao *traficante* que Harold e Olivia tinham mencionado. Era uma fantástica interpretação equivocada da realidade que alguém, confundido com um traficante de drogas, estivesse simplesmente indo ali ler livros em voz alta para uma senhora, clareza sendo confundida com escuridão, céu sendo confundido com inferno.

Mas quando Nora abriu a gaveta não havia nada além de bolos de lenços de papel e cartas de fãs.

Hopper e eu procuramos em algumas das outras gavetas, mas não conseguimos encontrar nenhum exemplar de *O conde de Monte Cristo* — nenhum livro no quarto, apenas revistas de celebridades e pilhas, presas com elásticos, de centenas de cartas de fãs endereçadas a *Srta. Marlowe Hughes*. Hopper perguntou se ela queria que ele lesse alguma delas em voz alta, mas a mulher não respondeu.

Estava finalmente dormindo.

— NA VERDADE eu consigo *entender* — falei, virando o resto do meu uísque, passando pelo sofá da sala. — Cordova se confinou em um complexo claustrofóbico na floresta. Nunca saiu. Era rei de um reino de cento e vinte hectares. Ele se cercou de pessoas que o idolatravam, aqueles parasitas, *aliados*, pessoas que sem dúvida o lembravam todos os dias de que era um deus. Acaba aceitando isso, esse suposto poder. Ele se reúne na floresta no meio da noite com outros moradores da cidade que veneram o diabo. É lógico que no final a família toda, incluindo Ashley, passa a acreditar nisso. E essa crença os destrói.

— E se for real? — perguntou Nora em voz baixa no sofá. Hopper estava na outra ponta, fumando um cigarro, pensativo.

— Está falando dos poderes que Cordova adquiriu na propriedade?

— É.

— Nos quarenta e três anos que vivi, nunca vi um fantasma. Nunca senti um frio na espinha. Nunca vi um milagre. Toda vez que minha mente quis chegar a alguma conclusão mística, descobri que essa inclinação era apenas fruto do medo e que havia uma explicação racional por trás.

— Para alguém que *investiga*, você é cego — disse Nora.

Eu não sabia o que dera nela. Desde o momento em que saímos do apartamento de Marlowe e voltamos para casa, pedimos comida chinesa e conversamos, ela estivera totalmente convencida de que tudo que Marlowe nos dissera, incluindo aquela maldição do diabo, era verdade absoluta, e qualquer sugestão contrária, incluindo um simples ceticismo, a deixava furiosa.

— Tudo faz sentido, você não vê? — O rosto dela foi ficando vermelho.

— Ashley veio à cidade para rastrear esse tal de Aranha. Não sabemos por

quê. Mas ela sabia que finalmente estava acontecendo. Essa transformação. Sabia que o diabo estava vindo buscá-la.

— Ashley *acreditava* que estava acontecendo, mas era apenas na cabeça dela.

— Então como você explica aquela faxineira do Waldorf vendo a pegada do diabo no olho dela? Como Ashley magicamente fez Morgan Devold tirá-la de Briarwood? Peter, da Klavierhaus, disse que o modo como ela se movia era sobrenatural. Até mesmo a história de Hopper sobre a cascavel se encaixa nisso. E quanto ao casal que viveu em The Peak antes de Cordova chegar?

— Inúmeros aristocratas britânicos são excêntricos. Eles se casam com os primos. São consanguíneos.

— Como explica o que aconteceu a Olivia?

— Ela teve um derrame. Todo dia alguém sofre um derrame.

Ela suspirou.

— De quantas provas você precisa antes de cogitar que *poderia* ser real?

— Nunca haverá provas inquestionáveis de que pessoas são *vendidas* ao diabo.

— Você não sabe disso.

— Aqui é Nova York. Se as pessoas descobrissem que adorar o diabo *realmente* funciona, os mais ambiciosos fariam isso em suas casas.

Ela me olhou com raiva.

— Você é um *idiota*.

— De repente eu sou um idiota?

— De repente não. Você tem sido há *algum* tempo.

— Porque não caio no papo do poder de uma cerimônia realizada por um bando de caipiras? Porque eu faço perguntas? Preciso de provas?

— Você acha que sabe tudo. Mas não sabe. A vida e as pessoas estão bem na sua frente e você posa de superior e faz piadas, mas é simplesmente um disfarce para o fato de que tem medo. Se fosse uma criança da primeira série e a professora lhe desse um lápis de cor e pedisse para desenhar a si mesmo, você se desenharia *deste tamanho*! — Ela indicou um milímetro com o polegar e o indicador.

— E *you*, aos *dezenove* anos, sabe tudo. Em Saint Cloud, perto de Kissimmee, você descobriu tudo. Talvez eu devesse passar um tempo com Moe, o Velho Bill Imundo e aquele periquito; que, por falar nisso, não tem poderes mágicos a não ser que você chame cagar o dia inteiro de *magia*!

— Você não reconheceria magia nem que ela fosse esfregada na sua cara.

— A resposta é simples — disse Hopper.

Eu me virei para ele.

— O quê?

— Temos que invadir The Peak.

Ele anunciou isso calmamente, tragando o cigarro.

— O que vocês estão discutindo. É irrelevante. Não sabemos onde terminam as crenças das pessoas e onde a realidade começa. Será que há uma diferença? Mas sabemos três coisas.

— Quais? — perguntou Nora.

— Uma: Ash estava atrás desse Aranha, e isso faz com que pelo menos parte do que Hughes nos contou pareça correto. Ash não deixaria aquele cara escapar, não se ele fosse responsável pela maldição do diabo. Então, se *uma* coisa que Hughes disse está certa, pela lógica as outras devem pelo menos ser levadas em *consideração*. Duas: se Cordova estava envolvido em magia negra, seja isso verdade ou não, Ash foi arrastada para esse mundo por causa dele. O que me faz querer matá-lo. Três: se existe alguma verdade nisso, as pessoas vão querer saber. Isso não faz nenhuma diferença para mim. Eu me importo com Ash e nada mais. Acho que ela me mandou aquele macaco porque queria que eu descobrisse a verdade sobre sua família. Foi seu jeito de confiar a tarefa a mim, me indicando que não foi o acaso que a fez descobrir sobre Orlando.

Claro que ele estava certo. De certa forma eu sabia desde o início que era aonde tudo levava: de volta a The Peak.

— Vamos descobrir um jeito de entrar — continuou Hopper. — E qualquer prova que encontrarmos, qualquer verdade que descobrirmos sobre os Cordova, fodidos ou inocentes, depois nós três vamos decidir juntos o que fazer com a informação. Faremos uma votação, e assim será.

Ele me olhou com evidente desconfiança ao dizer isso, soprando fumaça de cigarro que logo formou uma nuvem.

— Mas primeiro vamos encontrar o Aranha — falei.

NO DIA SEGUINTE, planejávamos ir à loja de antiguidades de Hugo Villarde, Porta Quebrada, quando abrisse, às quatro horas da tarde. Mas no tumulto da semana anterior eu me esquecera de um detalhe crucial: *Santa Barbara*. Eu ia ficar com Sam no fim de semana. Cynthia me telefonou cedo para me dizer que a nova babá de Sam — uma mulher chamada Staci Dillon — buscaria minha filha na escola às três e quinze e a levaria direto para o meu apartamento. Cynthia dera à mulher uma cópia das minhas chaves, então não seria um problema; ela poderia entrar e ficar esperando com Sam até nós voltarmos da loja de antiguidades.

Mas a manhã inteira passou, depois o começo da tarde, e nenhum sinal dessa nova babá. Liguei para ela de meia em meia hora, pensando como diabo minha ex-mulher decidira confiar em alguém com um nome que terminava em *i*. *Ela poderia muito bem ter contratado alguém chamado Ibiza ou Tequila*. Finalmente, às duas e meia, Staci telefonou. Ela tivera uma emergência; seu filho de dezessete anos sofrera um acidente de carro na Bruckner Expressway. Ele ficaria bem, mas ela sairia de um hospital no Bronx quase uma hora atrasada. O mais cedo que poderia chegar ao meu apartamento seria às cinco. Garanti a ela que eu não teria problema algum em buscar Sam na escola. O que significava, porém, que eu teria que levar Sam comigo a Porta Quebrada — uma perspectiva desagradável.

— Ligue para Cynthia — disse Nora. — Ela pode ter uma babá reserva.

— Não posso fazer isso. Ela está quase entrando no avião.

— Que tal um serviço de babás de emergência? — perguntou Hopper, sentado no braço do sofá.

— Não posso mandar um estranho buscar Sam.

— Hopper e eu podemos ir à loja — disse Nora.

— E eu fico de fora?

Ela assentiu. Não era um mistério de onde *aquela* sugestão viera; ela ainda estava me dando um gelo depois da discussão acalorada da noite anterior sobre o que era real e o que não era.

— Ela pode ir conosco — sugeriu Hopper. — Se ficar estranho, você vai embora.

Eu não disse nada, pensando naquilo. Estávamos perto de algo importante. Eu podia sentir. Se deixasse um momento tão crucial nas mãos de Hopper e Nora, a pista poderia ser totalmente desperdiçada. Villarde poderia perceber e escapar de nós. Mas colocar Sam em algum tipo de perigo era inconcebível.

— Melhor decidir logo — disse Hopper. — Temos que ir.

NÃO HAVIA UMA vitrine nem uma placa, apenas uma porta de garagem fechada com tinta vermelha descascando.

Trepadeiras mortas se agarravam à fachada de tijolos em tiras compridas, como fios grossos de cabelo que ficam colados nos azulejos depois de uma chuva. Os andares de cima estavam abandonados, janelas quebradas ou tapadas. O prédio provavelmente havia sido elegante um dia — colunas coríntias detalhadas ladeavam a garagem; havia uma fileira de janelas com vitrais amarelos e azuis ao longo do primeiro andar —, mas agora estava coberto de terra e desbotado, como se tivesse passado anos enterrado e sido desencavado dias antes.

Fui até uma das portas, conferindo para ver se havia interfone, e fiquei impressionado ao ver o nome *bem ali* — VILLARDE —, escrito à mão em uma caligrafia limpa de caneta preta ao lado de um botão de interfone do segundo andar.

— Ele deve morar em cima da loja — disse Hopper em voz baixa, observando o prédio.

O segundo andar era o único com janelas em boas condições. Eram altas e estreitas, o vidro estava sujo, embora em uma delas eu pudesse ver cortinas amarelas penduradas e um vaso de barro com uma pequena planta verde.

— Scott. — Sam puxava a minha mão. — *Scott*.

— Sim, querida.

— Quem é aquele homem?

Estava apontando para Hopper.

— Já disse, querida. É Hopper.

Ela semicerrou os olhos para mim.

— Ele é seu amigo?

— É.

Ela pensou seriamente sobre isso, mordendo o canto do lábio. Depois franziu o cenho para Nora, que fora para a outra porta, testando a maçaneta.

— Está trancada — sussurrou ela, protegendo os olhos para olhar pela janela.

Sam estava vestindo seu uniforme da escola Spence — blusa branca, macacão xadrez verde e azul —, embora Cynthia, naturalmente, tivesse acrescentado seus toques requintados: casaco preto com mangas bufantes, prendedor de cabelo de veludo nos cachos, sapatos pretos de couro envernizado. Desde o momento em que buscamos Sam ela estava tímida e alerta — especialmente em relação a Hopper. Também estava muito agitada, mexendo os pés, balançando meu braço, jogando a cabeça *bem para trás* para me perguntar algo — e tudo isso significava que estava ficando sem *açúcar* e precisava fazer um lanche.

— Está escuro do lado de dentro — disse Nora, ainda espiando pela janela.

— Que horas são? — perguntei.

Hopper conferiu o telefone.

— Quatro e dez.

— Vamos dar quinze minutos.

Saímos, descendo o quarteirão para oeste até a avenida Lexington, rumo ao East Harlem Café. Comprei uma barra de cereal para Sam, novamente explicando que estávamos ali em um trabalho de campo e depois iríamos ao Serendipity 3 para tomar sundaes com calda quente. Ela mal prestou atenção e só fingiu beliscar a barra de cereal, pois estava mesmo fixada em *Hopper*. Eu não sabia o que aquele intenso fascínio significava até ele ficar de pé na fila para pedir outro café.

— Quer me ver pular daqui até ali? — perguntou Sam a ele, apontando para o chão.

Hopper olhou para mim, incerto.

— Ahn, claro.

Sam se preparou, os pés juntos no limite de um dos ladrilhos laranja do piso, e então, confirmando que Hopper estava assistindo com atenção, saltou

o comprimento da cafeteria, parando no mostruário de canecas de café.

— Isso foi impressionante — disse Hopper.

— Quer me ver pular daqui para ali e para *ali*?

— Com certeza.

Ela respirou fundo, prendeu a respiração — como se estivesse prestes a mergulhar — e então pulou como um sapo, de quadrado em quadrado, na outra direção. Parou e se virou para olhar para ele.

— Incrível — disse Hopper.

Sam afastou os cachos da frente dos olhos e começou a pular novamente.

Se piorasse eu poderia esperar com ela do lado de fora. Era uma rua movimentada com árvores e sol, um fluxo constante de carros. Mesmo se o Aranha fosse um lunático, no momento ele não poderia fazer nada — não à luz do dia.

Dez minutos depois voltamos para Porta Quebrada. Nada parecia ter mudado. A porta da garagem continuava fechada, as janelas, escuras.

Hopper testou a porta de madeira estreita, girando a maçaneta — e dessa vez ela *abriu*. Entrei atrás dele.

Era um depósito escuro cheio de antiguidades tão densamente empilhadas, cadeiras em cima de mesas sobre rodas de carroça, que o caminho para dentro da loja não era evidente. A porta nem sequer abria até o fim, e a entrada estava bloqueada por uma banheira de pássaros com bosta de animal incrustada, um relógio de sol enferrujado, arcas de viagem deterioradas e, acima *disso*, um rádio dos tempos do presidente Eisenhower, luminárias de bronze desbotadas com cúpulas amareladas, pilhas de jornais velhos.

Hopper e Nora se esgueiraram pela abertura estreita, desaparecendo lá dentro. Eu me curvei, pegando Sam nos braços.

— Não — protestou a menina. — Sou grande.

— É rapidinho, querida.

Levei o dedo aos lábios e arregalei os olhos, tentando vender a ideia de que era uma brincadeira incrível, e então entramos.

Acima de nós, luzes fluorescentes zumbiam com um brilho azulado gorduroso. Hopper e Nora estavam bem à frente, rapidamente abrindo

caminho em fila indiana pelo que parecia ser o único caminho identificável — um desfiladeiro apertado entre pilhas de lixo. O lugar era cavernoso, um quarteirão inteiro de profundidade, embora a luz desistisse de chegar aos cantos mais distantes da loja, deixando-os repousar em sombras sujas. Havia mesas e guarda-roupas, uma maleta rachada com a etiqueta *TRAJE DE FOGO DE AMIANTO*, cachimbos de Sherlock Holmes, uma jarra com uma cobra enrolada e preservada dentro, uma garrafa vermelha indicando *FLUIDO DE EMBALSAMAR CHAMPION*. Revistas em quadrinhos se erguiam ao redor de nós feitas de formações rochosas no Arizona. Prendi a respiração por causa do fedor esmagador — algo entre naftalina e mau hálito de velho.

Precisava avançar devagar, porque a loja parecia uma *armadilha*, como se esperasse que você desse uma cotovelada em algo acidentalmente para o lugar inteiro desmoronar e você ter que pagar umas duzentas mil pratas pelos danos.

À medida que Sam e eu íamos mais para o fundo, nos esgueirando por uma máquina de costura, um trem de brinquedo antigo, uma cadeira de madeira com o que parecia ser um cachorro mumificado apoiado rigidamente no assento, chegamos a uma área tomada por equipamento médico antigo de aspecto bárbaro.

Passei Sam para o meu outro lado de modo que ela não visse: leitos de hospital para bebês com colchões acinzentados, bacias manchadas que provavelmente contiveram sanguessugas, torniquetes de borracha e frascos amarelos com crostas, bombas e seringas, uma caixa de madeira com pegadores de prata, grandes e pequenos. Armários de estanho amassados se erguiam com rigidez ao longo da parede dos fundos. Centenas de garrafas âmbar de remédio — cada uma com um rótulo branco, mas distantes demais para que fosse possível ler — estavam agrupadas em uma mesa de aço inoxidável que tinha correias de couro gastas balançando nas laterais. *Para conter alguém durante a lobotomia*. Olhei apreensivo para Sam. Felizmente ela olhava na direção oposta, para Hopper.

Ele seguia para os fundos, onde parecia haver uma comprida mesa de madeira com papéis e uma caixa registradora antiga.

— Olá? — chamou em voz alta. — Tem alguém aqui?

Nora, vagando lá pelo outro lado da loja, parecia cativada. Não me surpreendia. O lugar era a cara *dela* — especialmente as roupas vintage penduradas ao longo das paredes como espantalhos: velhos vestidos dos anos quarenta marrom-terra, vestidos tomara que caia cor-de-rosa bufantes usados em algum baile de colégio nos anos cinquenta. Ela parou ao lado de um chapeleiro, pegou com cuidado um chapéu de feltro roxo — uma pena preta dura colada na lateral —, ergueu o queixo e o colocou, depois começou a escalar o entulho para chegar ao espelho manchado apoiado sobre uma roda de carroça preta.

— *Olá?* — gritou Hopper.

Franzindo o cenho, ele pegou o que parecia ser uma baioneta, a ponta enferrujada e afiada.

— Não quero mais ser carregada — disse Sam, chutando como um cavalo selvagem.

— É *necessário*. Este lugar é enfeitiçado.

Ela me encarou.

— O que é enfeitiçado?

— *Este lugar*.

Contornei um tambor africano que parecia feito de pele humana, curada e seca, seguindo atrás de Hopper.

De repente, chutei por acidente a perna de uma mesa de madeira e ela desabou no centro. Estava repleta de chaves mestras manchadas, ornamentos cromados de capô de carro, um candelabro de cristal sujo, e tudo começou a escorregar, uma alta cascata de gotas de cristal, correntes, centenas de chaves de metal estalando estridentemente no chão. Agarrando Sam — que enfiara o rosto no meu ombro —, consegui segurar o candelabro com uma das mãos e ajeitar as pernas da mesa com o joelho.

Hopper estalou os dedos.

Apontou para a parede do fundo, onde havia uma claraboia imunda e uma porta estreita com vidro fosco.

Uma *sombra humana* acabara de se mover *logo* atrás dela, embora, pressentindo que tinha sido vista, resolvesse ficar *imóvel*.

Parecia um homem, cabeça comprida, ombros largos.

— Há alguém aqui? — chamou Hopper novamente.

Após uma leve hesitação, a porta se abriu e um homem colocou a cabeça para fora. Estava escuro demais para ver seu rosto, mas ele tinha uma cabeleira louro-alaranjada.

— *Desculpe*. Não escutei ninguém entrando.

Sua voz era rouca, mas delicada — de um jeito estranho. Respirando rápido, o homem saiu, fechando a porta atrás de si. E ainda assim, nos encarando, ele permaneceu *exatamente* onde estava, o braço às costas, a mão provavelmente na maçaneta, como se considerando a possibilidade de fugir por ela em questão de segundos.

Tinha que ser ele. O Aranha.

Era uma grande presença — pelo menos um metro e noventa de altura — com um corpo largo e musculoso. Estava totalmente vestido de preto, interrompido apenas pelo colarinho clerical branco.

— Como posso ajudá-los? — Sua voz saiu apressada, seguida por um silêncio, quase como se as palavras se acumulassem em sua boca como pedrinhas em um dreno, depois se projetassem de repente, dando a ele essa estranha cadência rascante. — Estão procurando algo em particular?

— Sim — disse Hopper, indo devagar na direção dele. — Hugo Villarde. O homem ficou totalmente imóvel.

— *Entendo*.

Não disse mais nada, não moveu um músculo sequer por pelo menos meio minuto. Mas eu podia ver, mesmo de onde estava, a uma boa distância atrás de Hopper e Nora, seus ombros subindo e descendo.

Ele estava com medo.

— Nem pense nisso — disse Hopper, indo na direção dele. — Sabemos quem você é. Só queremos conversar.

O homem baixou a cabeça, submisso, seu cabelo — uma cor de bronze antinatural — sendo iluminado.

— Vocês são da polícia, imagino? — perguntou.

Nenhum de nós respondeu. Fiquei surpreso com a suposição. Afinal, *eu* estava segurando uma *criança* nos braços.

Mas talvez ele ainda não tivesse me notado. Estava olhando para o chão.

— Eu... Eu na verdade sabia que viriam — sussurrou. — Em *algum* momento. Então descobriram tudo lá, é isso? Finalmente está tudo sendo *revelado*.

Ele sussurrou isso com um *medo* evidente — e mais uma vez com aquela voz feminina baixa e bizarra.

— Quantos havia lá? — perguntou.

— Quantos o *quê*? — cobreí, indo na direção dele.

Ele ergueu a cabeça, me notando pela primeira vez.

Então se virou para encarar diretamente Nora e depois Hopper, compreendendo aos poucos que tinha avaliado errado a situação: *não* éramos da polícia. E embora ele não *tivesse* feito nada específico, de algum modo compreendi que, enquanto se dava conta disso, seus ombros relaxaram, ergueu levemente a cabeça, como se não estivesse mais murchando ou encolhendo.

Quando finalmente olhou de novo para mim, senti um arrepio de desconforto. Tinha certeza de que ele era uma forma ainda *mais negra* pairando lá junto à porta, como se estivesse recuperando devagar uma enorme confiança, que o fazia *inchar* de leve, tornando-o sinistramente maior.

O que Marlowe Hughes tinha dito?

Veja bem, aquele padre, ele ainda estava lá, circulando, esperando em silêncio ali perto. Uma sombra viscosa, sempre ali.

Embora o rosto do homem tivesse permanecido imóvel, seus olhos — o que eu conseguia ver deles — pousaram curiosamente em Sam.

Eu precisava tirar Samantha de perto dele. *Agora*.

RECUAMOS PELA PASSAGEM estreita em direção à frente da loja. Eu precisava de uma distância suficiente, mas que ainda fosse perto o bastante para ficar de olho nela. A uns dez metros encontrei uma grande poltrona de veludo cor de ameixa, o assento esbranquiçado de tão gasto. Ao lado havia uma mesa com uma pilha de revistas e um cavalo plástico amarelo, nada perigoso.

— Nãããã — gemeu Sam enquanto eu a colocava na poltrona. — Não quero.

— Querida, preciso que você espere bem aqui.

— É *enfeitiçado* — disse ela, olhando para mim, o rosto perturbado e contorcido.

Estava à beira das lágrimas.

— Não mais, querida. É *divertido*.

Ela balançou a cabeça e abraçou minha perna, enfiando o rosto em meu joelho. Peguei o cavalo.

— Grande *Scott*. Sabe quem é este?

Mantendo a testa grudada em minha coxa, ela virou o rosto dois centímetros para olhar de lado o brinquedo.

— É Aiô Silver. *Incrível*. Tem mil anos, e se você for legal com ele, lhe contará seus segredos. Vou estar *logo* ali. Não toque em nada. Já volto. E então você e eu vamos tomar aqueles sundaes enormes, combinado?

Devia haver algo intrigante sobre o cavalo — parecia ser dos anos quarenta, tinha a sela e as rédeas pintadas —, porque ela o pegou, emburrada, virando-o em suas mãozinhas.

Infelizmente, todos estavam escutando essa conversa, Nora e Hopper apreensivos, Hugo Villarde pareceu sorrir levemente. Mas à medida que fui

em sua direção, ele imediatamente baixou a cabeça, como se não gostasse de alguém o encarando.

Eu me coloquei entre ele e Sam, para que não a visse. *Só mais alguns minutos e então vou tirá-la daqui.*

— Vamos começar por Ashley Cordova — disse Hopper. — Como vocês se conheceram?

Ele não respondeu.

— Por que ela estava procurando você? — pressionou Hopper.

— Procurando por mim? — repetiu o homem. — Você quer dizer me *caçando*.

— *Por quê?*

Ele deu alguns passos cautelosos para longe da porta e se abaixou para pegar um banco de metal escondido sob uma mesa. Ele o arrastou lentamente na sua direção pelo piso de concreto — fez um som alto de guincho e raspagem, que ele pareceu gostar —, depois deu a volta e se instalou na *beirada*, de frente para nós. Enfiou as esporas do calçado — uma bota de caubói preta com costuras elaboradas em branco — na trave de cima.

Ficou sentado assim, nos olhando como um velho cisne musculoso, que já fora majestoso, mas agora estava vivo por pouco, muito irritantemente gracioso para uma presença tão grande. Estava um pouco mais iluminado, e pude ver que seu rosto era muito enrugado, embora do lado direito, do olho até o pescoço, a pele tivesse bolhas e cicatrizes. *Marlowe Hughes deve ter contado a verdade*. Porque aquelas cicatrizes tinham de ser da noite sobre a qual nos contou, quando Ashley supostamente queimou o Aranha vivo.

— O que estava fazendo no trigésimo andar do Waldorf Towers? — perguntei.

Ele pareceu surpreso.

— Eu... Eu fui me encontrar com alguém — respondeu.

— Quem? — perguntou Hopper.

— *Meu Irreal Deformado*. — Ele sorriu. — Era como ele se chamava. Nós nos conhecemos pela internet.

— Quem estava pagando quem? — questionou Hopper de forma grosseira.

Villarde inclinou a cabeça, aceitando.

— *Eu* estava pagando.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Segui as orientações muito específicas dele. Consegui o quarto. Registrei em meu nome *verdadeiro*. Tirei as roupas, ficando apenas de roupão. E quando ouvi três batidas, abri a porta. Esperava um *rapaz* bonito ali de pé. — Fez uma pausa, engolindo em seco. — Certamente não aquela *coisa*.

— Quer dizer Ashley? — indaguei.

Os olhos dele encontraram os meus. Parecia achar a simples menção ao nome dela repulsiva.

— Ela armou para você.

Ele assentiu.

— Nunca fiquei tão horrorizado. Eu a empurrei para o lado. Saí correndo gritando pelo corredor até o elevador, tremendo, entrei em estado de choque. Passei correndo pelo saguão e para a rua vestindo apenas um roupão. Sem chaves. Sem carteira. Deixei milhares de dólares no quarto. Mas tinha que sair de lá. Minha vida dependia disso.

Pela voz ofegante e edulcorada era provável que alguém pensasse que era uma *garota* de quinze anos sentada ali — não um homem corpulento de sessenta e tantos anos. Não conseguia me acostumar à dissonância entre sua voz musical e seu físico. Na verdade, quanto mais ele falava, mais irritante se tornava.

Havia algo de *errado* com o homem.

Para começar, eu não estava esperando que ele fosse puxar uma cadeira e se sentar para conversar sem qualquer desconforto ou resistência evidentes. Marlowe Hughes — eu entendia o desejo *dela* de falar, uma estrela no ostracismo, isolada e negligenciada, muito ansiosa para desfrutar da atenção de uma plateia cativa. Mas aquele passarinho humano retorcido? Por que nos contar a verdade tão facilmente? *Ele queria algo de nós*.

Desconfortável, olhei de volta para Sam. Ela colocara o cavalo na mesa e o examinava de perto.

— Onde você viu Ashley de novo? — perguntei, me virando para ele. — No Oubliette?

Villarde ficou evidentemente chocado com a menção ao clube. Ajeitou-se no banco, encolhendo ombros e costas antes de ficar imóvel.

— Ora, ora. Vocês *fizeram* o dever de casa. Muito bem.

— Como ela soube que você estaria lá? — perguntou Hopper.

— Suponho que tenha encontrado meu cartão de sócio na carteira que eu deixei no quarto do hotel Waldorf quando fugi. No verso há um número particular para o qual deve-se ligar para acertar seu cativo. Descobri depois que Ashley telefonara e conseguira ir como minha convidada.

Ele parou, respirando pesado, um som sensual e nauseante.

— Eu... Eu estava com meu dominador em minha cela quando ela saiu do escuro. Como se das próprias paredes de pedra. Eu berrei. Saí correndo. Alertei os seguranças. Eles foram imediatamente atrás dela, a perseguiram pela praia junto ao penhasco, todo um pelotão de seguranças. Mas voltaram de mãos vazias. Disseram que as pegadas dela *simplesmente sumiram*, como se ela tivesse voado feito um pássaro. Ou ido direto para as ondas e se afogado. — Ele baixou a cabeça, olhando para o colo. — No dia seguinte não havia qualquer sinal dela. Mas eu sabia que era só uma questão de tempo. Ela viria.

— E veio? — perguntei.

— Ah, *sim*. Sem dúvida.

— Onde?

— *Bem aqui*. — Ele ergueu o braço, mostrando a loja. — Eu estava fazendo o inventário nos fundos quando de repente notei que toda a luz se afastara da loja, como se o sol tivesse fugido, se escondendo de medo atrás de uma nuvem. Alarmado, olhei de relance. *E ela estava bem ali*.

Apontou para a frente da loja, onde a luz da rua penetrava pelos vitrais e pela porta entreaberta.

— Ainda não tinha me visto, então me agachei, engatinhei, tentando ser o mais silencioso possível. Cheguei aos fundos da loja e me escondi.

Ele se virou para a direita, apontando para um enorme guarda-roupa de duas portas no canto distante.

— Ouvi cada passo que ela deu, chegando cada vez mais perto do meu esconderijo. Como se fosse o diabo vindo em minha direção. Houve um longo momento de silêncio. Eu a ouvi tocando a maçaneta da porta. Ela se abriu muito lentamente. E eu sabia que era o meu fim. Que ficaria cara a cara com minha própria morte.

Ele ficou em silêncio e tremeu, encolhendo os ombros.

Tentando ignorar a repulsa que me inundava, me virei, verificando Sam outra vez. Felizmente, ela e o cavalo eram melhores amigos. Estava explicando a ele algo de grande importância, sussurrando em seu ouvido.

— Por que ela viria atrás de você? — perguntou Hopper de repente.

Villarde não disse nada, apenas baixou a cabeça, culpado.

— Você trabalhava com os moradores de Crowthorpe Falls? — perguntou Nora delicadamente, dando um passo na direção de Villarde. — Você os ajudou a ter acesso à propriedade The Peak?

— Ajudei — disse Villarde, dando um sorriso cansado, grato pela delicadeza dela.

— Como funcionava exatamente? — perguntei. — Você fez um acordo com eles?

— Sim — sussurrou com certa humildade.

— Com *quem*?

Ele balançou a cabeça.

— Nunca soube. Havia muitos deles. Eu... Eu tinha acabado de me mudar para Crowthorpe. Encontrei Stanislas pela primeira vez, por acaso, no mercado. A esposa o mandara à cidade para comprar luvas de jardinagem. Ele me perguntou o que eu achava da escolha. “Qual dessas luvas serve para uma rainha de contos de fadas?” Foi a primeira coisa que me disse. Sentimos uma atração imediata. Quando homens se desejam, se chocam como bolas de demolição, satisfazendo seu desejo na mesma hora, como se o mundo estivesse prestes a acabar. Começamos a nos encontrar na cidade, e em um mês ele me convidou para ir à sua propriedade. Ele me deu uma suíte na torre, de mogno com cortinas vermelhas adameadas, o quarto mais bonito que eu já tinha visto. Várias semanas depois eu estava de volta à cidade, almoçando em uma lanchonete, quando um homem barbado de macacão

sentou-se no banco bem à minha frente, com um palito de dentes na boca. Perguntou se eu estava interessado em um acordo mutuamente benéfico. Na época, eu não tinha dinheiro algum. Achei que se tivesse boa vontade com os moradores isso me ajudaria a instalar meu ministério.

— Mas *tecnicamente* você não é padre — murmurei.

— Fiz dois anos de seminário. Só que, sim, abandonei.

— Mas usa as vestes. Isso não é sacrilégio?

Ele só deu um sorriso fraco, esfregando as mãos lentamente.

— Por que abandonou? — perguntou Nora.

— Não tenho o que é necessário para integrar a Igreja Católica.

— Engraçado, notei que a *escória* floresce com surpreendente facilidade até nas principais dioceses — falei.

Villarde não respondeu, e me virei para olhar Sam. Ela estava fazendo o cavalo de plástico dançar sobre a superfície da mesa.

— Então, qual foi esse *acordo mutuamente benéfico*? — perguntou Hopper.

— Eu os ajudaria a entrar na propriedade — disse Villarde. — Era simples. Só tinha que cortar um pouco da cerca de arame militar no perímetro sul da casa, que daria acesso a The Peak por canoa via um riacho estreito que desembocava em um dos lagos da propriedade. Também me pediram que abrisse os túneis.

— Os túneis? — perguntei.

— Um labirinto de passagens subterrâneas que existe sob toda a propriedade The Peak. Estão lá desde que a mansão foi construída, de modo que empregados pudessem se deslocar facilmente por toda a área evitando as intempéries. Stanislas não sabia da existência deles quando comprou a propriedade. O casal britânico que morou em The Peak antes de Stanislas os fechara, e o corretor também não sabia disso. Aquele estranho barbado pediu que eu os *destravasse*. Foi bastante fácil, não me tomou mais do que algumas noites de trabalho. Eram barricadas grosseiras de pedaços de madeira e pregos, fragmentos de poemas e versos estranhos escritos de trás para a frente nos tijolos, como se a pessoa que fizera o trabalho fosse completamente louca. Outra coisa que me pediram foi abrir o portão da frente. Toda quarta-

feira à meia-noite eu seguia pelo túnel que levava à guarita da propriedade, o que dava pouco mais de três quilômetros, e destrancava o portão. Depois simplesmente voltava para a cama. Os túneis são enormes, conectados como uma teia de aranha. Há um ponto central de onde se pode ver os vários túneis seguindo para outros pontos da propriedade. Eu não sabia o que eles eram. Sempre me limitei ao túnel que levava à guarita. Era o único de que eu ousava fazer uso. E *foi isso*. Com certeza o que fiz foi uma traição a Cordova. Mas, honestamente, não via nenhum mal. A propriedade era imensa. Por que não deixar aqueles pobres moradores usarem o terreno para seus rituais pagãos se isso os deixava felizes?

— Você participava dos rituais? — perguntou Hopper.

Villarde pareceu ter sido insultado.

— Claro que não.

— Mas Cordova sim — sugeri indelicadamente.

Villarde fechou os olhos por um momento, como se estivesse sofrendo.

— Na noite em que ele descobriu os túneis, flagrou uma mulher sozinha correndo por eles a caminho do local que usavam. Stanislas a seguiu, pensando em confrontar todos. Em vez disso, de algum modo acabou se envolvendo. — Ele deu um sorriso fraco. — Para todo homem existe uma isca à qual não consegue resistir.

— O que esses rituais envolviam? — perguntei.

— Não sei. Stanislas se recusou a me contar.

— Qual era exatamente a natureza de sua ligação com Stanislas?

A questão o deixou tímido.

— Nós tínhamos um... laço.

— Segundo *você* — murmurou Hopper. — Engraçado como isso pode ser parcial.

Villarde ficou irritado.

— *Eu* não fiz nada a Cordova. *Ele* era o vampiro. Fazia você sentir que ele o amava, como se você fosse a pessoa mais querida do mundo; enquanto isso o deixava seco, sugava a sua vida. Você passava uma hora com ele. Depois disso só restava sua carcaça. Perdia toda a noção de si mesmo, toda dimensão, como se não houvesse qualquer diferença entre você e a cadeira

em que estava sentado. *Ele* estava mais vivo, claro, revigorado por uma semana, escrevendo, filmando, *insaciável, tão desenfreadamente vivo*. Arte, linguagem, comida, homens, mulheres: tudo tinha que ser dado a ele com frequência como se fosse uma fera faminta que mal podia ser contida dentro de suas paredes humanas. Seus desejos não tinham fim.

Ele deixou tudo isso escapar de forma acalorada, e estava prestes a continuar, mas se conteve, ficando em silêncio de repente.

— Por quanto tempo morou com Cordova em The Peak? — perguntei.

— Não muito. Nossa amizade ficou abalada depois da morte da primeira esposa dele, Genevra. Ela sentia muito ciúme de nossa ligação. Achei que era melhor ir embora. Viajei para o exterior. Mas quando você foge de alguém, não importa *quão longe* você vá, essa pessoa o segue fielmente assim como as estrelas. De fato, o controle dele sobre você fica ainda *mais forte*. Passei quinze anos fora. Quando voltei a Crowthorpe, fui a The Peak e perguntei a Stanislas se poderia ficar com ele de novo. Esperava que pudéssemos virar a página, reconstruir a relação como era antes da morte da sua primeira esposa. Mas ele tinha uma *nova* mulher, Astrid, e uma bela filha, Ashley. Além de um novo *filme* que ele havia tirado do nada e transformado em um tremendo sucesso. Havia muita gente morando lá, escritores, artistas, cientistas. Mas após um mês ele *me* puxou de lado e disse que eu deveria pensar no meu futuro, onde iria finalmente fundar a igreja com a qual sempre sonhara. Com certeza seria bem longe *dele*. “*Hora de deixar as trepadeiras assumirem*”, ele gostava de dizer, dando a entender que não fazia sentido manter partes da casa impecáveis e bem iluminadas quando não havia qualquer intenção de entrar novamente naqueles aposentos. Viviam a vida assim. *Ele* era a grande mansão de cômodos tomados, árvores passando sinuosas pelo telhado quebrado, plantas se retorcendo pelos pisos. Entendi o que queria dizer. Tinha feito isso muitas vezes antes. Estava me dispensando. Ordenando que eu dispersasse. Sumisse. Stanislas estava sempre avançando, sempre guerreando, sempre amando, galopando na direção do próximo estranho misterioso, da próxima ilha, do próximo mar. E sempre deixava para trás ruínas. Mas nunca se virava para *ver*. Nunca olhava para *trás*. Fiquei muito magoado. Ele era ao mesmo tempo o mais gentil e o mais bárbaro dos

homens. Alternava entre essas duas características arbitrariamente, quando lhe interessava. Com Cordova você sentia como se estivesse seguindo uma bela luz tremeluzente, que o atraía para a floresta. Assim que perdia todo senso de direção, era incapaz de encontrar o caminho de volta, ela se virava contra você violentamente, expondo sua nudez, o cegando, o queimando. Eu não consegui ir em frente. Não conseguira esquecer Stanislas em quinze anos. *Não sabia por que ele pensava que eu seria capaz de fazer isso então, porra.*

Ele rosnou isso, cuspiando, incapaz de se controlar, mas então, com a mesma rapidez, ficou em silêncio. Respirou fundo para recuperar a compostura.

Eu só consegui observar. Marlowe Hughes o chamara de *viscoso* — uma descrição bem estranha. Mas ele *era* um fio traiçoeiro de *óleo* escorrendo de um cano solto, pingando constantemente sem fazer barulho, no chão. No início, a mancha mal podia ser vista, mas com o tempo era imensa, repugnante.

Ainda assim, a despeito da patética autocomiseração, senti um sentimento de dor muito real e profundo dentro dele, que nunca cicatrizará.

— Pouco depois de ele ter me dispensado — continuou —, entrei no quarto da sua filhinha no meio da noite. Foi *absurdamente fácil*. *Irônico*, realmente, que não tenha feito nada para proteger sua criação mais querida; *Cordova*, de todas as pessoas, *Cordova* que sempre nos alertou que devíamos ter medo de nossa própria sombra, que não havia nada mais assustador no mundo. — Ele sorriu. — Ela não teve medo quando a sacudi para que acordasse. Sentou-se, esfregou os olhos e perguntou se eu tivera um pesadelo. *Isso* para dizer o *mínimo*. Falei que algo terrível tinha acontecido. Precisava da ajuda dela. Disse que seu pai havia sido sequestrado por *trolls* e teríamos que viajar para bem dentro da floresta mais escura para resgatá-lo. Eu a arranquei da cama, dizendo que tinha que fazer silêncio ou viriam buscar sua mãe e seu irmão para matá-los. Ela não disse uma palavra. Eu a levei direto para o porão e, descendo os degraus, para os túneis. Não me preocupei em calçar os sapatinhos dela ou lhe entregar um casaco. Mas Ashley não sentia medo. Ah, *não*. Afinal, era filha de *Cordova*. Tinha cinco anos e era tão *segura*, tão livre de qualquer medo. Ainda consigo me lembrar do som dos

seus pezinhos nus, como eram macios e *limpos*, seguindo pelo terreno imundo junto aos meus, como minha lanterna tocava a barra de sua camisola branca, a *queimando* enquanto seguíamos por aquela passagem. Era como um veio negro que se retorcia diante de nós. Quando chegamos à área central ela me disse que tinha machucado o pé. Estava sangrando. Acho que tinha pisado em um prego. Mas a fiz avançar pelo túnel estreito que nos levaria à clareira. E à *encruzilhada*. Nunca estivera lá antes. Nunca me *atrevera* a ir.

Ele balançou a cabeça, juntando as mãos, entrelaçando os dedos como se fizesse uma oração. Eu me virei para verificar Sam. Ela colocara o cavalo sobre a pilha de revistas e conversava com ele em voz baixa, acariciando sua crina. *Só mais alguns minutos.*

— *Finalmente* — sussurrou Villarde, quase inaudível —, quando eu comecei a pensar que não tínhamos ido para a floresta, mas para o próprio centro da Terra, chegamos ao fim. Havia apenas uma parede de terra com uma escada de metal. Subi primeiro e destravei o alçapão. Dava para um trecho denso da floresta, e longe, à minha direita, além do que parecia ser uma ponte sobre um rio de água corrente, eu podia *vê-los*. Uma multidão. E uma fogueira. Luz laranja como um estroboscópio, mantos negros feito breu. E o *som* que faziam era diferente de tudo o que eu já tinha ouvido. Pareciam animais, mas nenhum animal que eu pudesse identificar. Como um bode, um porco e um homem, todos em uma só *fera*. Fiquei petrificado. Não podia ir mais longe. Estiquei a mão e agarrei aquela garotinha de forma grosseira pelo braço, fazendo-a subir a escada. Ela gritou de dor. Eu a empurrei para fora do buraco. E falei que aquela era a única chance que ela tinha de salvar o pai de queimar no inferno. Apontei para a fogueira e disse que seu papai estava bem *ali*, no final daquela ponte. Ela só precisava correr até ele, correr o mais rápido que seus pezinhos conseguissem, e assim o salvaria. Ela escutou com grande sabedoria no olhar, olhos cinza que na verdade eram os *olhos dele*. Era como se soubesse o que eu estava fazendo, como se compreendesse plenamente.

Parou para recuperar o fôlego e continuou:

— Não consegui *vê-la* fazendo aquilo. Não ousei. Desci a escada, puxei o alçapão de volta e o tranquei para que ela não conseguisse voltar. Depois

retornei pelo túnel. Não haviam se passado dois minutos quando ouvi o *grito* mais visceral. Reconheci a voz. Era a dele. Do meu amor. *Cordova*. Parecia que estava sendo aleijado, como se seus amados cães o estivessem fazendo em pedaços, arrancando braços e pernas. Era seu *amor* o destruindo. Não parei. Corri de volta pelo túnel até a casa, até meu quarto no andar de cima. Eu me escondi debaixo das cobertas a noite toda, meu coração acelerado de horror pelo que tinha feito. Esperava que ele fosse atrás de mim. Sabia que não hesitaria em me matar como punição. Mas... estava errado. Amanheceu. Estava *ensolarado*. O céu, azul, as nuvens como algodão doce, como se absolutamente nada tivesse acontecido. Como se tudo tivesse sido um sonho.

Ele voltou a respirar atormentado, colocou o outro pé sobre a barra do banco, enfiando os braços entre as pernas, se curvando para a frente, como se tentasse se jogar.

— A transformação que começou a acontecer... — A voz dele morreu como se aparentemente ficasse incrédulo. — Antes eu nunca tinha *acreditado*, sabem? *Claro* que não. Mas agora não podia evitar. Não podia haver outra explicação. Stanislas ficou arrasado. Mas não tinha ideia do meu papel na coisa toda. Por alguma razão, Ashley não lhe contara. Ainda assim, se eu estivesse no mesmo cômodo que ela, flagrava aquela garotinha me observando. Sabia que pensava naquela noite e no que fizera a ela. Mas Stanislas, ignorando totalmente, estava desesperado para que eu ficasse. Precisava de mim porque queria se aferrar a Deus. *Deus*, o parente chato que todos ignoram, para quem ninguém telefona, ninguém escreve, até que precisem de um grande *favor*. — Ele sorriu. — Eu me tornei indispensável. Pelos dez anos seguintes, morei com a família. Entreguei minha vida a ele. Ensinei teologia católica a Stanislas. Ajudei-o a estudar e a rezar, rezar por sua alma, mas especialmente pela de Ashley, que estava lenta e irreversivelmente se tornando *soturna*. Sugeri um exorcista. Mas aquilo não era *possessão*, era? Não. Era uma *promessa*. Um trato. Após pesquisar pactos lendários com o diabo ao longo da história, me deparei com uma possível solução. Se Stanislas encontrasse outra criança para assumir o lado de Ashley no acordo. Uma *troca justa*. Uma alma pura por outra. Ashley poderia ser libertada. E eu lera que se a pessoa tentasse tal coisa, uma *simples*

transferência de dívida, não era preciso ferir a outra criança no processo. Só precisava de uma peça de roupa ou de um objeto que *pertencesse exclusivamente* à nova criança. Apresentei a ideia à Cordova de forma arbitrária, sem achar que ele realmente fosse tentar uma coisa dessas. Cordova, a despeito de todas as suas falhas, *amava* crianças. Mas começou a deixar The Peak no meio da noite. Fazia seu chofer levá-lo a diferentes escolas da região, onde percorria os parquinhos, as pistas de atletismo e os corredores procurando algum pequeno pertence que uma criança tivesse perdido. Quando voltava para casa com sua pilha de pequenas camisas e sapatinhos, soldadinhos de plástico e ursinhos de pelúcia, colocava-os em um saco e levava para a encruzilhada. E lá tentava trocar por ela, noite após noite, semana após semana. Eu era o único que sabia. Mas não iria funcionar. *Nada funcionou.*

Eu estava chocado demais para falar. Era, claro, exatamente o que o informante anônimo, John, me descrevera anos antes.

No fim das contas tinha sido real. Não armaram para mim. O homem estava me contando a verdade.

Senti um entusiasmo ébrio com a compreensão de que eu *não* tinha sido enganado. *Ele faz alguma coisa com as crianças*, John alegara. E era verdade. A razão pela qual Cordova visitara aquelas escolas no meio da noite era porque esperava ser capaz de usá-las, trocá-las, salvar a alma de Ashley condenando a delas.

— Foi porque não conseguiu encontrar nenhuma igual a Ashley — continuou Villarde. — O diabo recebera a promessa de uma criança tão perfeita, tão inteligente, profunda e bonita que estava se provando impossível encontrar uma substituta. Como encontrar um substituto para um arcanjo. Mas Stanislas não ia desistir. Tentava, fracassava e tentava novamente. Faria qualquer coisa para salvá-la. Não importava qual dose de culpa e horror restasse em suas mãos. Ele sabia que já não podia ser salvo. Mas *ela* podia. — Villarde engoliu em seco, baixando a cabeça, a respiração superficial. — Alguns meses após eu ter dado a sugestão da *troca*, acordei no meio da noite com uma dor insuportável. Minha cama estava em chamas. *Eu* estava em chamas. Assim como as vestes clericais em meu armário, as cortinas do meu

quarto. Tudo pegava fogo e se retorcia como se estivesse vivo. Gritei, cambaleando, tentei chegar ao banheiro, até a *água*, mas Ashley bloqueava a passagem. Sua mão esquerda estava em *chamas*, mas isso não a machucava, seu olhar era selvagem. *Triunfo*. É a última coisa de que me lembro. Quando recobrei a consciência estava em um hospital e soube que havia sido deixado por um desconhecido em uma emergência em Albany. Não sabia quem me levava ou como, mas tinha queimaduras de terceiro grau em oitenta por cento do corpo. Recebi transfusões de sangue, enxertos de pele, e, meses depois, quando finalmente tive alta, sabia que nunca iria voltar. Aquela *coisa* na qual ela estava se transformando me queria morto. Afinal, ela era minha *dona*. Eu não podia mais salvá-los, mas podia me salvar. Desapareci. E assim fiquei por oito anos, até algumas semanas atrás, quando ela me encontrou.

Então tudo que Marlowe nos contou era verdade. Villarde era a vítima de queimaduras no carro de Astrid e Ashley fora mandada ao acampamento Six Silver Lakes por causa do que fizera.

— Quando chegamos, por que você achou que éramos da polícia? — perguntou Nora.

Villarde olhou para ela.

— Achei que... Achei que vocês tinham encontrado provas na mansão.

— Prova do *quê*? — perguntei.

— Do que Cordova fez. Tentando salvá-la. Quando as roupas e os brinquedos não funcionaram, achei... Não, senti *pânico* de que tivesse ficado tão desesperado que passara a usar as próprias crianças. Acho que poderiam estar em algum lugar por lá. Enterradas. A não ser que todas tenham sido queimadas, incineradas nos fornos, para nada. — Ele fechou os olhos de angústia. — Eu lhes mostrarei o medo em um punhado de pó — sussurrou.

A implicação do que ele estava dizendo me deixou mudo.

A loja e tudo o que havia nela pareceu congelar pela aversão a tudo isso, escurecendo, mergulhando mais fundo nas sombras, prendendo a respiração. Fiquei chocado com a menção dele a uma única palavra: *queimadas*. Despertou a lembrança de algo que eu tinha em minhas velhas anotações, algo que Nelson Garcia, vizinho mais próximo de Cordova, me dissera anos antes.

Agora queimam todo o lixo, contara. Você pode sentir o cheiro quando está quente à noite. Queimando. E, às vezes, quando o vento está soprando para sudeste consigo até ver a fumaça.

— O que ela lhe fez? — perguntou Hopper de repente.

Villarde ergueu os olhos, desconfortável.

— Quando ela abriu aquele armário e o encontrou encolhido no canto, o que ela fez? Você ainda está vivo, não? Continua vestindo esse traje sacrílego. O que Ashley fez de que você tinha tanto medo? — cobrou Hopper.

Villarde só conseguiu baixar a cabeça.

— Você nem sequer consegue *dizer*, não é?

Villarde abriu a boca, mas nenhum som saiu. Depois arfou, um som de engasgo bizarro que fez o nojo me percorrer. Ele era sem dúvida um dos seres mais deploráveis nos quais já tinha colocado os olhos.

— Ela me colocou de pé — sussurrou. — E ela...

— *Ela o quê?* — gritou Hopper.

— Ela... — Villarde estava chorando. — Realmente não há nada mais aterrorizante...

— *O quê?*

— Ela me disse que... me perdoava.

As palavras eram tão frágeis e inesperadas que ninguém falou nada.

Villarde permaneceu imóvel no banco, os ombros curvados como se esperando uma punição divina, que Deus ou mesmo o diabo o arrancassem do mundo. Eu estava prestes a quebrar o silêncio, mas de repente o homem ergueu a cabeça e *olhou diretamente para mim*.

Era um olhar tão penetrante que me *chocou*.

Os olhos dele estavam totalmente secos.

Por segundos só consegui pensar que avaliara errado seu desespero e sua autocomiseração porque seu rosto envelhecido e marcado estava agora inconfundivelmente excitado, os olhos tomados de luz.

Estava tudo quieto demais.

Não havia qualquer sussurro, nada atrás de mim. Eu me virei depressa.

A poltrona onde Sam tinha se sentado estava *vazia*.

— *Samantha!*

Avancei erraticamente pela passagem estreita, derrubando pilhas de revistas, uma bengala de madeira batendo no chão. Girei, o coração acelerado, olhando para o chapeleiro e as luminárias, cadeiras de balanço, rádios antigos, e *nada de Sam*.

— *Samantha!* — gritei.

De repente houve um som rascante.

Para meu alívio, Sam colocou a cabeça para fora do entulho. Estava se escondendo sob uma mesa de jantar repleta de animais empalhados, cabeças de alce com galhadas, lincos, lagartos, crânios de macacos. Apertava o cavalo de plástico no peito com força.

— *Samantha! Venha aqui agora!*

Ela piscou alarmada e foi obedientemente até mim. Mas então houve um *ruído áspero* alto.

Uma luminária de piso *art déco* de madeira com uma grande cúpula de cristal estremecia ao lado dela, tombava para a frente, *ébria e viva*.

— *Sam! Não se mexa!*

Passei apressado por uma arca de viagem, revistas em quadrinhos, um esqueleto de pássaro sob um domo de vidro se partindo no chão, mas sabia que era tarde demais.

Sam se lançou para a frente, caindo, e a luminária se quebrou bem ao lado dela, a cúpula explodindo em cima dela, depois caindo no chão, segundos antes de seus gritos penetrantes. Passei por cima de uma maca com rodas, empurrei para o lado globos e bonecas para chegar até ela, *minha Sam, minha querida Sam*, quase inconsciente do caos atrás de mim, gritos e passos ecoando de alguém saindo correndo da loja.

AS LUZES DO hospital banhavam o rosto de Cynthia, deixando-o pálido e macio enquanto ela me encarava de volta, como se estivesse debaixo d'água.

— O médico disse que ficará com hematomas e olhos roxos por seis semanas — disse ela. — E um certo inchaço debaixo do queixo.

— E quanto aos pontos?

— Quatro na mão, de onde retiraram cacos de vidro. Mas vai cicatrizar.

Fiquei olhando entorpecido para o cubículo isolado por cortinas de Sam, lutando contra um nó na garganta.

Bruce estava lá dentro com ela. Embora tivesse fechado as cortinas, eu ainda podia ver Sam por uma abertura entre os panos. Estava enfiada na cama sob uma pilha de cobertores azuis, o rosto inchado e vermelho, um pedaço quadrado de gaze colado no queixo. A médica da emergência estava de pé ao lado dela, conversando com Bruce.

A médica estava mais confortável falando com *ele*. Eu não a culpava. Quando eu entrara ali correndo, pedindo *ajuda* aos berros, Sam chorando nos meus braços, as enfermeiras sem dúvida pensaram o pior, que eu a tinha machucado.

E tinha. Mesmo quando me tranquilizaram de que tudo ficaria bem, ainda estava arrasado com a terrível compreensão de que era responsável, tendo levado Sam para aquela loja hedionda. Mais arrasadora ainda era minha certeza crescente de que Villarde de algum modo tinha armado aquilo. Não sabia *como*, e não *entendia*, mas sentia que ele se sentara e conversara conosco espontaneamente só para nos amortecer com o encanto obscuro de sua história, o tempo todo trabalhando uma forma de ferir Samantha. Fiquei pensando se fizera isso para nos distrair, conseguir fugir, porque no caos,

depois da queda, Villarde saía correndo da loja. Hopper o seguira, mas ao chegar à Terceira Avenida o homem havia sumido.

A equipe de emergência sentira, por minha agitação, que eu não contara a história toda e, portanto, ficara compreensivelmente aliviada quando Cynthia e Bruce chegaram. Eu ligara para Cynthia do táxi, e o jato particular deles voltara ao terminal minutos após ter decolado do Aeroporto Teterboro em Nova Jersey. Ela chegara em uma hora e meia, e eu fora gentilmente conduzido ao corredor por uma enfermeira.

Ou será que eu estava errado? Teria sido um simples acidente? Era possível que tivesse sigo sugado tão fundo para a história de Villarde, o horror do que ele fizera a Ashley, que não estivesse mais pensando com clareza.

— Ela estava brincando — disse a Cynthia. — Tropeçou no fio elétrico.

— Isso não importa.

Disse isso com uma voz embotada. Olhei para ela, perturbado, mas não havia nada para ver. Seu rosto estava tão despido de sentimentos que era chocante de ver, como se um quarto em que tivesse vivido minha vida toda de repente ficasse sem móveis, árido; desmontado peça a peça, levado embora, uma progressão tão natural para o vazio que eu não percebera.

Ela balançou a cabeça, os olhos injetados com um brilho verde-elétrico.

— Os médicos disseram que você entrou correndo, gritando que alguém a havia machucado? Um *padre*? Você enlouqueceu?

Eu não tinha uma resposta.

— Chega de visita.

— Entendo.

— Não. Eu vou ao juiz para tornar oficial. Você não a verá mais. *Nunca*.

— Cynthia...

— *Fique. Longe.*

Ela gritou isso com raiva, fazendo uma enfermeira que acabara de passar se virar e franzir o cenho para mim.

Cynthia alisou a frente da blusa e olhou para as cortinas, mas depois se virou novamente para mim.

— Quase esqueci — falou ela, mexendo no bolso do blazer. — A enfermeira achou *isto* no bolso do casaco de Sam.

Ela me estendeu um brinquedinho. Eu o peguei.

Era uma escultura em madeira de uma serpente. Eu me dei conta, após um momento de perplexidade, que já tinha visto aquilo antes; era o mesmo brinquedo que pertencera ao menino surdo no número 83 da rua Henry.

Ele a jogara no poço da escada. Eu a encontrara e devolvera.

E agora estava com Sam.

— *Isto* é um brinquedo que você considera adequado para sua filha de cinco anos? Mal posso *esperar* para mostrar isto ao juiz.

Os sons do hospital, os interfones, os cliques e telefones tocando, os guinchos da roda de uma maca, passos no chão — tudo se tornou ensurdecedor em meus ouvidos, e então, quase com a mesma velocidade, *silencioso*.

Pude novamente sentir aquela onda negra se erguendo sobre mim. *Ainda* estava crescendo, ficando mais forte.

Bruce tinha puxado a cortina e pude ver Sam olhando para a médica, sua mãozinha com a atadura pousada sobre os cobertores como uma luva perdida.

Eu me virei e de repente saí em disparada pelo corredor.

— *Volte aqui!* — gritou Cynthia atrás de mim. — Quero ficar com isso!

Passei correndo por um velho deitado em uma maca, piscando para o teto, um médico de jaleco branco. Empurrei as portas para a sala de espera. Hopper e Nora, sentados nas cadeiras sob a TV, ergueram os olhos para mim.

— *Scott?* — gritou Nora.

Não parei, passando correndo pelas portas giratórias, que me lançaram de volta à noite.

CHEGUEI À ENCANTAMENTOS cinco minutos depois do horário de fechamento. A porta estava trancada, mas um bocado de clientes ainda circulava do lado de dentro.

Esmurrei o vidro. Uma mulher saiu de detrás da caixa registradora.

— Estamos fechados!

— Preciso ver Cleopatra! *É uma emergência!*

Ela balançou a cabeça e foi até a porta, destrancando-a.

— *Cara, lamento*, mas...

Passei direto por ela, seguindo em disparada pelos poucos clientes remanescentes até o balcão no fundo.

— *Ela está aqui?*

Um garoto louro cansado sentado no banco apenas me olhou alarmado e confuso. Passei correndo por ele, puxando a cortina de veludo preto.

— Ei! Você não pode entrar aí!

Entrei, encontrando Cleo sentada à mesa redonda, conversando com um jovem casal.

— É uma emergência. Preciso da sua ajuda.

— Ele invadiu — disse o garoto louro aparecendo apressado atrás de mim.

Cleo pareceu não ser afetada pela intrusão.

— Está tudo bem — falou ela. — Nós basicamente já acabamos.

O casal se levantou, pegando o saco plástico com ervas na mesa, e saiu nervosamente — *mantendo grande distância* —, passando pelas cortinas de veludo atrás do garoto louro, me deixando sozinho com Cleo.

Enfiei a mão no bolso do casaco e tirei o boneco. Parecia estranhamente pesado em minha mão, mais pesado do que antes.

— Minha filha estava com isso no bolso. Que porra é essa?

Cleo se levantou, indo na minha direção. Vestia uma bata branca bordada, calça jeans, suas botas Doc Martens vermelhas, mãos e pulsos cheios dos mesmos braceletes e os anéis de prata de antes. Examinou a serpente sem chegar perto demais dela e depois se virou, indo até as prateleiras desarrumadas nos fundos, voltando com luvas de látex.

Ela as colocou, pegou o boneco com cuidado — como se fosse um explosivo perigoso — e o levou de volta à mesa.

— Você *simplesmente* encontrou isto?

— Sim. — Peguei uma cadeira de metal dobrável e me sentei diante dela.

— Mas já o tinha visto antes. Outra criança que encontrei recentemente estava com isso.

Ela o virou nas mãos, sacudindo-o, escutando o interior.

Agora eu podia ver, à luz vermelha forte que vinha de cima, que a madeira era intrincadamente talhada, cada escama, nadadeira e dente polido e afiado. A expressão maliciosa da fera parecia lasciva, boca aberta, língua projetada.

— Isso poderia ser usado para marcar uma pessoa? — perguntei. — Dar a ela algum tipo de, sei lá, marca do *diabo*? Já ouviu falar de uma coisa chamada *huella del mal*? Pegada do mal?

Cleo não parecia me ouvir, pousando a serpente no centro da mesa. Curvando-se para a frente, com grande concentração, ela a agarrou pela cauda — que se enrolava para cima e sobre o corpo —, deslizando o boneco em um lento círculo anti-horário. Fez isso três vezes, o único som na sala sendo o *raspar* do brinquedo na madeira.

De repente afastou a mão como se tivesse sido escaldada, a cobra tombando de lado.

— O que foi? — perguntei rapidamente.

Ela parecia desconcertada.

— Você não viu aquilo?

— Não. *O quê?*

Respirando fundo, Cleo esticou a mão outra vez, agarrando a cauda.

— Observe a sombra — sussurrou ela.

Eu estava tão carregado de adrenalina que mal conseguia me concentrar no movimento proposital.

E então vi o que ela queria dizer.

A sombra — *resolutamente negra* na mesa — não acompanhava com naturalidade o objeto. Em vez disso, congelava como se estivesse presa a algo invisível, tremendo de tensão, a língua da sombra se esticando, atrasada em relação ao brinquedo antes de pular de volta ao lugar e se mover normalmente. Impressionado, pisquei, me inclinando, certo de que meus olhos me pregavam peças, mas logo aconteceu de novo.

E de novo.

Ela mudou de direção, movendo o brinquedo no sentido horário, e a sombra se comportou com normalidade.

— Como isso é possível? — perguntei.

— Não sei. — Ela pousou o boneco. — Eu lhe disse que não sou especialista em magia negra. Nunca vi nada assim.

— Mas você *leu* algo sobre isso. Em sua longa formação de feiticeira.

Ela me encarou.

— Não posso ajudá-lo. Você precisa consultar um praticante de magia negra de verdade.

— Não *conheço* nenhum praticante de magia negra de verdade. Só conheço *você*, então *você vai* chegar ao fundo disso, mesmo que a gente tenha que ficar aqui duas semanas pensando.

Eu me levantei em um pulo, a cadeira caindo para trás com um *estalo* enquanto corria para os fundos da sala. Os balcões estavam desarrumados, velas queimadas e cinzeiros, pedaços de papel rabiscados com receitas de feitiços, cadernos gastos, sachês plásticos com pós rotulados com SIM e NÃO, potes de cinzas pretas. As prateleiras estavam entupidas até o teto com textos mofados.

Livro da mágica sagrada de Abramelin, o Mago. 777 e outros escritos cabalistas de Aleister Crowley.

Cleo surgiu de repente ao meu lado.

— Calma.

O olho do mal. Livro de Tobit. Nostradamus essencial. Puxei a *Enciclopédia de feitiços populares do século XIX* da prateleira de cima, brochuras pretas caindo no chão, um pentagrama vermelho na capa.

— Você só vai *piorar* — disse Cleo. — Magia negra poderosa em uma mente instável é como urânio enriquecido perto de um detonador.

Eu abri a enciclopédia e estudei o sumário.

— *Pode* ser que haja outra opção — revelou Cleo. — Mas é uma aposta.

Olhei para ela.

— Então o que está esperando, porra?

Ela olhou de má vontade para o relógio, suspirou e foi até o canto dos fundos, onde havia uma pequena pia, pilhas de cadernos e um quadro de avisos cheio de papéis apoiado no balcão. Levantou as páginas, procurando *alguma coisa*, folheando mapas desenhados à mão de Witch County, Pensilvânia, um folheto de The Crystal Science League, a linha do tempo de João, o Conquistador, fotografias de funcionários da Encantamentos, o *Código de Ética do Praticante de Magia*. Examinou um pequeno pedaço de papel preso debaixo de um cartão-postal com a foto de homem de aparência demoníaca e o pegou, buscando o telefone sem fio no balcão.

Fui para o lado dela.

Era um velho anúncio de classificado desbotado e marcado com caneta vermelha, que fora arrancado de um jornal. Dizia simplesmente: APENAS NAS SITUAÇÕES MAIS GRAVES, seguido por um número de telefone, código de área 504.

— *Esse* é o seu especialista? Está brincando?

— Disse que era uma aposta — cortou Cleo, discando.

Peguei o papel. No verso havia uma manchete rasgada dizendo INUNDAÇÃO SUSPENDE e, acima disso, *The Lafourche Gazette*, 8 de novembro de 1983.

— Ninguém atende — disse Cleo.

— Tente de novo.

Suspirando, ela apertou o botão *redial*.

Após outras três tentativas, balançou a cabeça.

— Sinto muito. Nem sei o que é esse número. O papel está aqui desde sempre. Ninguém sabe de onde veio. Volte amanhã e tentaremos...

Agarrei o telefone, apertei *redial*, meu coração acelerando a cada toque não atendido.

Não pode terminar assim, não com minha filha vulnerável a algum inferno escuro em que sem querer a lancei. Enquanto repetia isso em silêncio, me dei conta com uma onda de compreensão nauseante de que Cordova devia ter pensado exatamente a mesma coisa ao saber que Ashley tinha corrido pela ponte do diabo.

A verdade que tenho perseguido estava lentamente se tornando a minha própria.

De repente os toques pararam. Houve um *clique* na linha.

Por um momento pensei que tinha caído, mas então ouvi um leve *chiado*.

— Alô? — A ligação estava cheia de estática. — Tem alguém aí?

— Quem é?

A voz era um engasgo pré-histórico. Se era um homem, uma mulher ou uma *criatura*, eu não tinha ideia.

Cleo, franzindo o cenho, agarrou o telefone.

— Alô?

Ela pigarreou, os olhos arregalando de surpresa.

— Sim. Aqui é Cleopatra, da Encantamentos de Nova York. Espero que não seja tarde demais para ligar. Temos uma das situações mais graves.

Ela ficou em silêncio, sendo aparentemente censurada, mas então sorriu para mim, aliviada, e foi depressa até a mesa.

— Entendo. Sim, senhora. Obrigada. Se quiser dar uma olhada no forno eu espero. — Cleo fez uma pausa, respirando fundo, olhando para o brinquedo preto. Após um minuto, com uma voz neutra e clínica, explicou a situação de forma sucinta. — E a sombra invertida tem comportamento enganoso — acrescentou.

Ficou em silêncio, escutando, o rosto sombrio.

Após uns dez minutos, colocou uma mão sobre o fone.

— Vá até a prateleira — sussurrou ela. — Veja se consegue achar um livro intitulado *Símbolos de alquimia negra animal e mineral*. Deve estar na

prateleira de cima. — Ela ficou escutando por um momento, franzindo o cenho. — Capa verde.

Corri para os fundos. Só levei um minuto para achar, um livro grosso de capa dura escrito por C.T. Jaybird Fellows. Eu o peguei e o levei à mesa.

— Precisamos identificar o animal para que ela possa ajudar — murmurou Cleo.

Abri o livro, examinando as páginas mofadas, os desenhos de animais descoloridos, a tipologia antiquada e desbotada.

Dragão. Coração. Fígado. Cervo.

— Entendo. — Cleo semicerrou os olhos para o boneco. — Nadadeiras, cauda com uma pequena compressão no fim. Algo entre uma cobra e um peixe.

Porco. Bode. Tigre. Verme.

— Procure *leviatã* — sussurrou Cleo, empolgada.

Coruja. Pilar. Pinheiro. Leviatã.

A imagem colorida na página do leviatã era quase idêntica ao brinquedo. Tinha o mesmo rosto malicioso, a língua estendida.

— É isso — anunciou Cleo alegremente ao telefone, puxando o livro para si e olhando o verbete. — Em voz alta? — Ela pigarreou e começou a ler: — “O leviatã é uma serpente marinha primordial e um dos Duques do Inferno. Dante designou a criatura como a encarnação de todo o mal. São Tomás de Aquino o descreveu como um dos Sete Pecados Capitais, a *inveja*, o anseio monstruoso pelo que você não tem. No Oriente Médio representa o caos. Para o satanismo é o demônio do inferno que pode ser controlado por uma feiticeira ou um mago e lançado no mundo natural com objetivos destrutivos.” — Ela parou, escutando. — Vou perguntar a ele — disse, me olhando. — Quantas crianças você viu com isso?

— Duas.

— Existe alguma *ligação* entre elas? Frequentam a mesma escola, têm o mesmo passatempo, algum laço de sangue distante? Alguma coisa assim?

Eu não conseguia responder. Minha cabeça girava. Porque de repente me lembrei da casa de Morgan Devold, quando sua filha, vestindo aquela camisola cheia de cerejas, fora na ponta dos pés atrás de mim até a entrada.

Estava segurando algo na mão fechada, algo pequeno e preto. *Era este brinquedo.*

— Não — falei. — Foram *três*. Três crianças.

— O que tinham em comum?

Esfreguei os olhos, tentando me acalmar, *pensar*.

— Tinham entre quatro e seis anos. Tiveram contato com uma certa mulher. Aquela que colocou a maldição da morte em nossos sapatos. Ashley.

Eu na verdade dissera isso pensando apenas na filha de Devold e no menino surdo da rua Henry. Só que a conclusão de minhas próprias palavras me atingiu: *Isso significava que Sam tinha encontrado Ashley.*

Mas era impossível.

Cynthia nunca deixava Sam conversar com estranhos. Mas ela me encontrara no Reservoir. Portanto, não era uma forçação tão grande que tivesse encontrado minha filha.

— Como elas agiam? — perguntou Cleo. — Algum comportamento estranho? Sussurros? Espasmos ou tiques? Expressões de transe? Alguma conversa sobre morte ou violência?

Não consegui responder. O horror do que eu fizera inadvertidamente me dava a sensação de que a sala se fechava sobre mim.

Eu levava Cordova diretamente a Sam.

É uma tênia que comeu a própria cauda. Não tem fim. Tudo o que vai fazer é se enrolar em seu coração e espremer todo o sangue.

— Alô? — chamou Cleo.

Por que eu não fui embora quando tive chance, porra?

— *Desculpe-me*, mas estamos com uma especialista em magia negra no telefone — sibilou Cleo, apertando a mão sobre o fone. — Nós a interrompemos quando estava estripando uma cobra venenosa para um feitiço de inquietude. E ela parece estar prestes a empacotar. Se eu fosse você, me *concentraria*. *Como as crianças se comportavam?*

— Eu não vi minha filha com isso. Minha ex-esposa encontrou no bolso do casaco dela. Mas parecia normal.

— E quanto às outras?

— Uma criança era surda. Ficou aborrecida quando deixou isso cair. Quase deu um chique, mas se acalmou quando o devolvi.

— Parecia incontrolável — sussurrou Cleo rapidamente ao telefone, depois me olhou. — A terceira?

A filha de Devold.

— Eu não fiquei muito com ela — falei.

— Não viu nada fora do comum?

Voltei a pensar naquela noite, o jardim escuro cheio de brinquedos esquecidos, árvores balançando, o cachorro latindo a distância, o bebê berrando.

— A boneca preferida dela foi encontrada se decompondo em uma piscina de criança — deixei escapar.

Cleo ficou chocada.

— Uma boneca *bebê*?

— Estava sumida havia algumas semanas. Eles a tinham procurado por toda parte.

— *E?*

— O pai a pescou, a devolveu à filha, embora parecesse *demoníaca*, olhos faltando, cachos do cabelo caindo.

Cleo acenou, impaciente.

— O que aconteceu quando ele a devolveu?

— Ela ficou muito aborrecida. Chorou. Mas depois me seguiu pela rampa, embalando a boneca, e tentou *me* dar esse brinquedo.

— Prova definitiva de brinquedo enfeitiçado — afirmou Cleo, agitada, ao telefone, transmitindo o que eu acabara de explicar.

Passou um minuto escutando.

— Certo. Vou tentar.

Ela se levantou, foi apressada até o fundo da sala, rabiscou algo em um pedaço de papel amarelo.

— Direi a ele. Obrigada.

Desligou. Sem uma palavra, o rosto sombrio devido à concentração, se agachou, procurando nos armários, tirando livros, velas e jornais embolados. Voltou carregando um alicate de eletricista, uma tigela vermelha, uma vela de

reversão preta e branca — do mesmo tipo que nos dera em nossa última visita — e algumas pinças.

Dispôs os itens meticulosamente na mesa como se fosse um médico preparando uma cirurgia improvisada.

— Estamos lidando com brinquedo enfeitiçado — anunciou objetivamente, acendendo a vela.

— O que é isso?

— Marionetes. Bonecas vodou com alfinetes. É uma boneca ligada a uma pessoa por magia para controlar seu comportamento. São muito comuns. Esse leviatã foi ligado a cada uma das crianças por magia simpática, o que explica por que o garoto não queria perdê-lo. E estamos prestes a descobrir por quê.

Ela se sentou rígida, fechou os olhos, murmurando alguma coisa. Pegou o brinquedo e colocou a cabeça no alicate. Com uma das mãos cobrindo o corpo da serpente, apertou a ferramenta, com *força*. Não cedeu. O rosto de Cleo começou a ficar vermelho-vivo, os braceletes e pingentes chacoalhando mais alto quanto mais forte ela apertava, o rosto fazendo caretas como se sentisse dor, trincando os dentes.

De repente houve um *estalo alto de algo sendo sugado*. Alguma coisa passou voando pelo meu rosto, atingindo a parede e caindo no chão com um estalo agudo.

Bem ao lado dos meus pés tinha surgido uma pequena pedra preta enrolada em fio de cobre.

— Não toque — gritou Cleo.

Um cheiro forte de enxofre encheu o ar. O brinquedo não era de madeira sólida como eu pensara, mas apenas uma casca fina. Usando as pinças, Cleo esvaziava cuidadosamente o conteúdo — um líquido dourado-amarronzado, pedaços de cabelo escuro e lama — na tigela.

A visão daquilo, sabendo que tinha sido feito para Sam, fez uma onda de náusea subir pela minha garganta. Eu fora tão arrogante acreditando que Ashley era uma forma viável de chegar a Cordova, de me vingar, recuperar minha vida, que não me dei conta de que tinha meu próprio acesso frágil. *Sam. Ele fizera meu próprio plano se voltar contra mim.* Era como se o homem tivesse acesso à minha cabeça. *Agora isso não teria fim.*

— Minha filha está amaldiçoada? — perguntei.

Cleo soprou a vela.

— O que fazemos? — pressionei. — Diga.

— *Nada* — respondeu secamente.

— Nada?

— Este boneco contém um *feitiço de proteção*. Não é maligno. Exatamente o oposto.

Ela sorriu ao fitar meu rosto confuso, se levantando e indo para os fundos, voltando com um dos volumes de *Feitiçaria — Conjuração — Bruxaria — Curas*. Sentou-se, folheando o sumário.

— “Óleo de compulsão” — leu ela após chegar ao verbete. — “Óleo de controle, cálamo, um pedaço de obsidiana”, que é um vidro vulcânico envolto em fio de cobre, foi isso que caiu no chão. — Ela me olhou com seriedade. — É uma muralha de proteção fundida. — Ela agarrou a tigela, girando o conteúdo. — O leviatã foi usado para afastar qualquer mal que tentasse atingir a criança. O feitiço em seu interior protegia seu portador. Qualquer criança que recebesse este brinquedo brincaria exclusivamente com ele durante o auge do feitiço. Cerca de cento e um dias. Qualquer outro brinquedo muito amado teria que ser confiscado e escondido, para não comprometer o poder. Submergi-lo em uma massa de água fora de vista é o ideal. *Essa* foi a primeira pista que tivemos de que isto era domínio por intermédio de boneca enfeitiçada. Essa pessoa, *Ashley*, deve ter roubado a boneca, a escondido na piscina para não comprometer o efeito do leviatã na criança. Mas quando a boneca foi devolvida a criança pegou seu brinquedo amado e não podia mais ficar com o leviatã. A proteção foi quebrada. — Ela franziu o cenho. — Só há um detalhe levemente *bizarro* que a feiticeira mencionou.

— O que é?

— Em magia você combate *algo* com o *mesmo*, então, ao usar a forma do leviatã, símbolo da inveja, *não cobiçarás*, Ashley parecia crer que essas três crianças seriam invejadas e cobiçadas. Alguma ideia do motivo?

Eu só pude olhar para ela, incrédulo.

A troca. Uma simples transferência de dívida. Ashley sabia que o pai, Cordova, e o irmão, Theo, procurariam por ela depois que escapasse de Briarwood. Ao encontrar aquelas crianças pelo caminho enquanto rastreava o Aranha, deve ter temido que Cordova tentasse usá-las, uma alma por outra, em uma última tentativa de salvar a vida da filha. *Isso levou ao rompimento de Ashley com a família,* Marlowe dissera. *Porque quando finalmente lhe explicaram isso, Ashley quis aceitar seu destino. Mas Cordova estava sempre procurando uma saída. Fez isso até o fim.*

— Minha filha... — consegui perguntar, a voz rouca.

— Provavelmente ficará bem.

— *Provavelmente?* Não tem certeza?

Cleo me encarou.

— Um tornado derruba uma casa, matando o dono e é uma tragédia. Depois você descobre que um *serial killer* morava lá, e o mesmo acontecimento se torna um milagre. A verdade sobre o que acontece conosco neste mundo está sempre mudando. Sempre. Nunca para. Algumas vezes nem mesmo depois da morte. — Ela se levantou e pegou o pedaço de papel amarelo no qual rabiscara algo, me entregando. — É para onde você deve enviar o pagamento da feiticeira. Qualquer valor que considere justo. Ela prefere dinheiro.

Era uma caixa postal em Larose, Louisiana.

— Quanto lhe devo?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Apenas vá para casa.

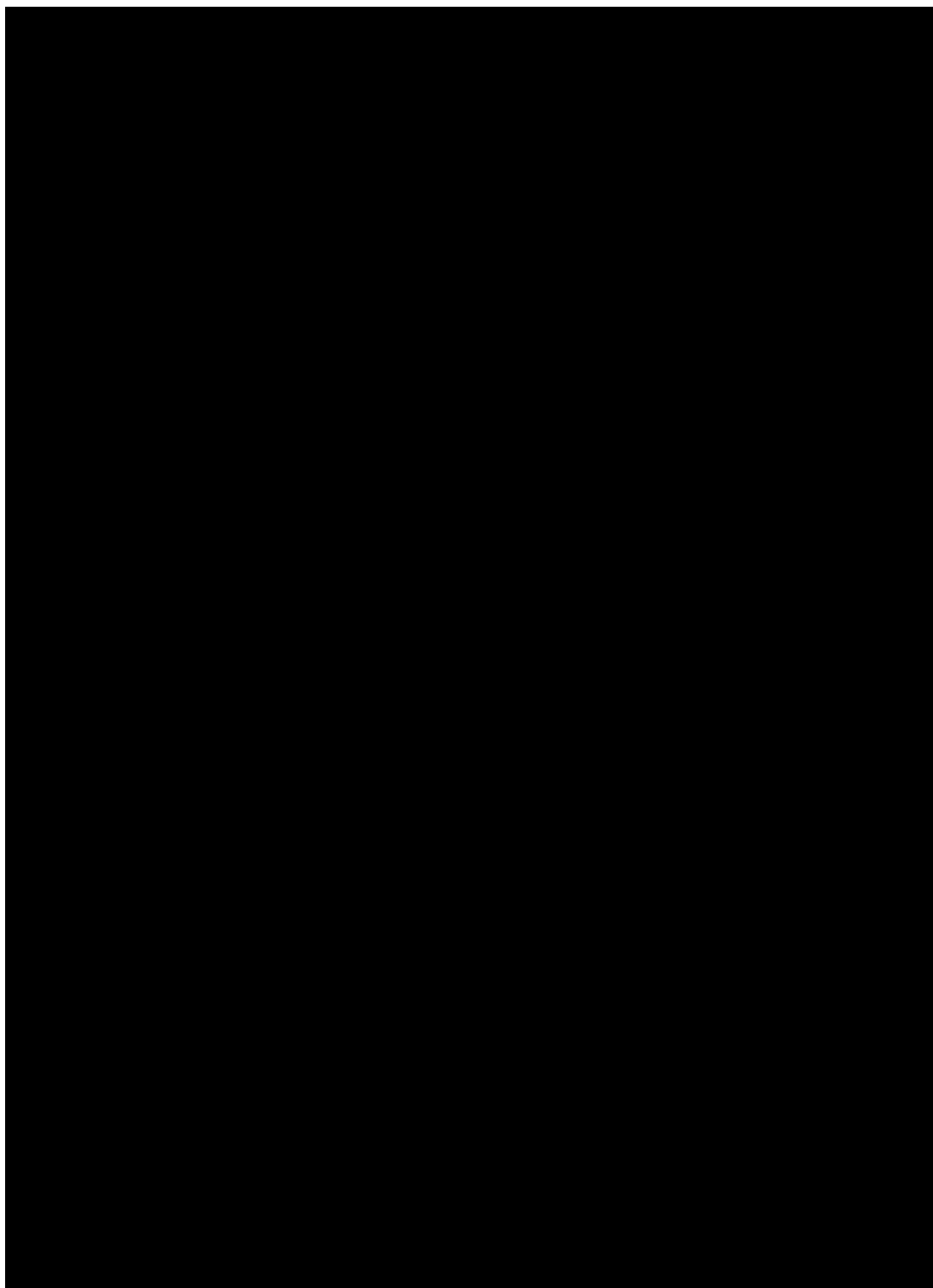
Baixei o olhar para o leviatã decapitado virado na mesa. *De fato* parecia que desbotara para um tom de preto ligeiramente mais claro, como se tivesse começado a murchar feito uma flor cortada do galho que a sustentava — embora talvez fosse apenas minha imaginação. Eu entrara naquela sala acreditando que podia distinguir o factual do que era uma invenção da mente. Agora não tinha certeza se sabia a diferença.

Eu me levantei, a cadeira guinchando no piso.

— Obrigado — disse a Cleo.

Ela assentiu, e passei pela cortina preta, deixando-a olhar para mim.

Todos os clientes já tinham ido embora, as luzes haviam sido apagadas, de modo que o piso de madeira arranhado era banhado pela luz laranja que vinha da rua. Dois funcionários esperavam atrás da caixa registradora, falando em vozes baixas e preocupadas, embora tenham ficado em silêncio enquanto eu passava por eles e destrancava a porta.





— DE ONDE VOCÊS SÃO? — perguntou-me a mulher.

Era roliça, com um rosto redondo amigável. Estava atrás do balcão na noite anterior, quando o marido nos recebeu.

— Saratoga — respondi.

— Então não foi uma viagem *tão* ruim. Vieram aqui para remar?

Ela deve ter notado que meu carro tinha uma canoa amarrada no teto.

— Vai fazer frio nos próximos dias, então coloquem camadas sobressalentes de roupas.

— E quanto à chave extra? — perguntei.

— *Certo.* Vocês estão no quarto...

— Dezenove.

Ela pegou o chaveiro e me deu.

— Precisam de mais mapas ou indicações?

— Não, obrigado — falei, pegando a sacola de compras aos meus pés.

— Nosso restaurante serve jantar até às onze horas. Tudo é caseiro. Temos uma bela torta de maçã. Deveriam experimentar.

— Obrigado pela dica.

Saí pela porta de vidro. Enquanto ela fechava ressoando às minhas costas, me virei e vi que a simpatia da mulher sumira do seu rosto e ela me examinava cuidadosamente acima dos óculos bifocais.

Acenei e segui pela calçada coberta.

Na noite anterior, após avaliar todos os motéis de beira de estrada ao longo da NY Route 3 entre as cidades de Fine e Moody, em Adirondack, escolhi o Evening View Motel & Restaurant por causa do seu anonimato. Ficava em Childwold, a sessenta e cinco quilômetros ao norte de Crowthorpe Falls, e repousava bem ao lado da estrada: vinte quartos desalentadores, cada um com direito a uma janela lamentável e uma porta marrom. O motel tinha um restaurante popular, o estacionamento lotado de carros com placas desde

Michigan a Vermont. Do outro lado da estrada ficava um movimentado estacionamento de trailers — Green Meadows, O COMPLEXO MAIS AMIGÁVEL DAS FLORESTAS DO NORTE era o que dizia a placa de madeira —, então imaginei que o Evening View tinha bastante movimento de modo que os proprietários não iriam prestar atenção em nenhum hóspede em *particular*.

Mas me enganei feio. A mulher me encarara como se soubesse que em questão de dias estaria me reconhecendo durante uma identificação da polícia.

Segui pela calçada, inspecionando o estacionamento. Ele esvaziara depois do almoço, sobrando apenas um punhado de carros, nada suspeito, ninguém vigiando. Um homem careca saiu de um sedã branco, se espreguiçando e bocejando enquanto seguia para a recepção do motel.

Parei diante do quarto dezenove — o penúltimo — e bati na porta uma vez.

Hopper abriu. Deslizei para dentro.

— Como conseguiu? — perguntou, trancando a porta atrás de mim.

— Tranquilo. Tive que ir até Tupper Lake — respondi, lhe entregando a sacola de compras, e ele pegou a nova bateria da câmera. Naquela manhã descobrira que a sua não carregava, então saí atrás de uma nova. — Ela só tem uma chave extra do quarto. Quem quer?

— Dê a Nora.

Fui até a cama de casal mais distante, onde Nora estava sentada, comendo uma barra de proteína, e entreguei a chave a ela. Ela deu um sorriso melancólico, seus olhos permanecendo um momento um pouco longo demais em meu rosto.

Sabia no que ela estava pensando, no que *todos* estávamos pensando: e se esse plano que havíamos preparado metodicamente durante os doze dias anteriores fosse um erro?

Tínhamos pesado as possibilidades. Não havia outra opção. Se eu telefonasse para Sharon Falcone e dissesse que suspeitava de que crimes satânicos tinham acontecido em The Peak, ela me diria o que eu já sabia: a polícia precisaria de provas claras para um mandado, provas que eu não tinha.

A única coisa que eu *tinha* era o conhecimento de uma forma secreta de entrar na propriedade. Aranha alegara ter cortado a cerca para os moradores da cidade ao longo de um córrego estreito. Marlowe mencionara que isso tinha origem no lago Lows.

Examinando mapas detalhados da área, não consegui encontrar tal rio. Foi só depois de descobrir um mapa geológico de Adirondack datando de 1953 que vimos onde poderia ser — um córrego mínimo sem nome que se contorcia a partir da margem norte do lago, penetrando por uma floresta densa até as terras de The Peak.

Se conseguíssemos localizar o riacho e entrar escondidos por aquele caminho após anoitecer, poderíamos de uma vez por todas ver o que havia em The Peak — se havia provas não apenas de prática de ocultismo, mas do que Aranha sugerira: assassinatos reais de crianças. Reuniríamos as provas que conseguíssemos, sairíamos antes do amanhecer do modo como tínhamos entrado e colocaríamos isso nas mãos das autoridades.

O plano era muito arriscado — para não falar ilegal, imoral, ultrapassando o limite até mesmo da *mais flexível ética* do jornalismo investigativo, completamente ultrajante. Poderia muito bem fazer com que um de nós fosse preso — ou ferido. Para mim, poderia significar uma nova desgraça profissional. Já podia imaginar as manchetes. *Em busca de mais: jornalista em baixa é flagrado invadindo propriedade de Cordova. Juiz ordena avaliação psiquiátrica.*

Eu explicara tudo isso a Nora e Hopper, enfatizando que era uma decisão minha, pessoal e não profissional, e que seria melhor se ficassem de fora daquilo. Mas Hopper estava tão decidido quanto eu. Nora também foi inabalável.

— Eu *vou* — anunciou ela.

Então estava resolvido.

Mas ao longo da semana anterior, à medida que decorávamos o plano, reuníamos suprimentos, até mesmo durante as sete horas de viagem até Adirondack, uma paisagem deprimente de céu cinzento, com estradas abafadas por árvores, a real noção do que estávamos fazendo pareceu crescer exponencialmente. Era uma montanha que tínhamos começado a escalar, que

sob nossos pés se tornava uma enorme cordilheira nos empurrando de volta, o cume coberto de neve, perdido nas nuvens.

Cada palavra que Nora dizia com sua voz cantarolada — *Importa-se em parar naquele posto? Vou querer uma torrada com xarope de bordo* — soava *condenada*, fazendo com que eu me arrependesse de ter permitido que ela viesse.

Estava preocupado que, por mais que tivéssemos descoberto sobre Ashley e o pai, eu ainda não tinha o quadro completo. Cleo me alertara para isso: *A verdade sobre o que acontece conosco neste mundo está sempre mudando (...) Nunca para.*

Era possível que The Peak — e o próprio Cordova — fosse aquela caixa chinesa hexagonal trancada de Beckman que eu tentara abrir anos antes: algo que deveria permanecer lacrado para sempre, seu conteúdo protegido da luz do dia por uma boa razão.

Embora Cleo tivesse me garantido que o feitiço dentro do leviatã *não* era maligno, havia pouco consolo nisso. Mesmo se Ashley pretendesse proteger Sam, mesmo se Hopper tivesse amado Ashley, ela ainda era um enigma mutante, e seus movimentos naquela noite no Reservoir do Central Park, impossíveis de entender. O mistério de como Sam acabou colocando o brinquedo no bolso do casaco, a ideia de que Ashley um dia se aproximara dela, tudo isso me despertava no meio da noite, me enchia de uma ansiedade cuja força aumentava por saber que era culpa minha.

Eu a colocara em perigo. Não podia deixar de pensar que isso havia revelado minha verdadeira natureza, uma visão crua tão infinita e irrefutável quanto dois espelhos dispostos um diante do outro, o homem egoísta que eu era e sempre seria. Meus inúmeros telefonemas para Cynthia a fim de saber de Sam foram ignorados.

E ainda havia a questão do Aranha e da Porta Quebrada.

Retornei à loja de antiguidades após sair da Encantamentos, no mesmo dia da queda de Samantha. Encontrei a loja trancada, as janelas escuras. Nora e Hopper voltaram lá comigo no dia seguinte, e dois dias depois, e nos seguintes. Vigiamos o prédio protegido pelas sombras do recuo do outro lado

da rua, esperando uma luz em uma janela acima, uma cortina sendo puxada suavemente.

Mas o prédio permanecera inescrutável e silencioso.

Aranha obviamente voltara, fizera uma mala e desaparecera pela noite — talvez para sempre. Não era difícil imaginar; seu passado afinal o alcançara, primeiro com Ashley, depois com nós três. Mas a fachada vermelha dilapidada da Porta Quebrada, o mistério da ausência dele, e ainda mais assustador, o que acontecera com Sam na loja dele — todas essas eram questões que me consumiam, me exauriam, como uma febre que não passava.

Nem sequer tinha confiança de que estava pensando com lucidez. Sam era um limite que fora ultrapassado. Permanecendo fora de vista com tanta habilidade, permitindo que víssemos apenas as sombras distorcidas que formava na parede, Cordova ainda existia basicamente em minha cabeça — o lugar mais poderoso onde qualquer inimigo podia se esconder. Os filmes dele lhe diziam isso. A ameaça suspeita, mas invisível, alimentada pela imaginação, era vingativa e todo-poderosa. Ela o arrasava antes mesmo que você saísse do quarto, da cama, antes mesmo que pudesse abrir os olhos e respirar fundo.

O boneco do leviatã com sua sombra trêmula, deslizando pela mesa com uma mente própria, era uma prova de um mundo oculto além daquele que eu tomara como certo durante minha vida toda, a realidade que a ciência e a lógica me proporcionavam era sempre constante e mudava apenas em um conjunto fixo de leis. Aquela *sombra de comportamento estranho* era o limite do desconhecido. A certeza e a verdade do mundo tinham apresentado um defeito. Era um rasgo mínimo no papel de parede, que podia ser ignorado, atribuído à minha mente me pregando peças. Ou o rasgo podia aumentar cada vez mais, um pedaço sempre maior e mais grotesco, até se descolar totalmente — expondo *qual* tipo de parede? E se aquela parede fosse derrubada, o que haveria além dela?

A única forma de lidar com essas incertezas era colocá-las de lado e me concentrar em um plano concreto.

Hopper terminara de amarrar as botas. Levantou-se, fechando o zíper da jaqueta. Nora estava diante do espelho, passando, por alguma razão

misteriosa, um batom vermelho adequado para um clube de jazz parisiense. Estalando os lábios, ela se agachou, erguendo o uniforme do exército e as roupas térmicas para ajeitar a faca de caça presa ao tornozelo, faca que eu comprara para ela no dia anterior em um Walmart de Saratoga Springs.

O mínimo que eu podia fazer era garantir que ela fosse capaz de se defender.

— Certo, soldados. Vamos repassar isto uma última vez.

Abri a mochila, tirando o mapa.

Nosso *plano* cuidadosamente concebido era a corda à qual todos nos agarramos.

E ainda assim não conseguia deixar de imaginar se, ao avançar ao longo daquela corda para dentro da escuridão, não acabaríamos descobrindo que a ponta não estava presa a nada.



FOMOS DE CARRO ATÉ O lago Lows pelo caminho mais longo, nos mantendo afastados do centro de Crowthorpe Falls.

Era um emaranhado de estradas secundárias sinuosas, todas desertas.

Alugáramos um carro — um Jeep preto —, mas não havia como saber quem em Crowthorpe estava envolvido no que acontecera na propriedade The Peak, e eu não queria correr o risco de chamar atenção. Tínhamos vigiado a rua Perry, para não falar em todos os carros atrás de nós durante a viagem para o norte do estado, e aparentemente não havíamos sido seguidos.

Nos cinco anos desde que estivera lá eu me esquecera de como a floresta era impenetrável, sufocante. Árvores perenes, bordos e faias tomavam as montanhas, galhos enormes se estendendo sobre a estrada como se para nos sufocar, absorvendo a pouca luz do dia que ainda restava. Cabanas de madeira, mercearias, locadoras de vídeo fechadas se erguiam esquecidas em um lote decadente após o outro.

— É a próxima à esquerda — disse Nora.

Após alguns metros, vi a placa: WELLER'S LANDING.

Reduzi a velocidade, virei à esquerda, entrando no estacionamento. Havia dois outros carros, uma picape azul e uma van — provavelmente outros remadores já no lago. Avancei até um ponto distante no canto mais isolado, parcialmente oculto por um grande pinheiro, e desliguei o motor.

— Tudo limpo — disse Hopper, olhando pelo vidro de trás.

— Alguma preocupação de última hora? — perguntei.

Olhei para Hopper pelo retrovisor. Seu olhar direto para mim me disse tudo. *Nada o deteria agora.*

— Bernstein? — perguntei.

Nora estava enfiando um gorro preto na cabeça, escondendo cachos soltos.

— Ah, bosta. Não acredito que quase esqueci.

Ela enfiou a mão no bolso da camisa, tirando dois saquinhos plásticos. Abriu um, de onde pegou uma corrente de ouro fina. Acenando para que eu me inclinasse para a frente, abriu a corrente e a colocou no meu pescoço.

— É São Bento.

Era uma joia simples, o pingente gravado com uma espécie de Jesus magro e vestindo uma túnica.

— Ele é o napalm dos santos católicos — disse Nora, se virando para colocar um no pescoço de Hopper. — Se você coloca Bento em uma situação, não *precisa* de mais nada. Ele vai nos proteger do que houver lá.

— Obrigado — falou Hopper.

— Você também tem um? — perguntei.

— *Claro.*

— Então vamos.

Descarregamos o carro rapidamente — para reduzir os riscos de uma testemunha nos notar. Mas eu também sabia que *qualquer* hesitação naquele momento só permitiria que sérias dúvidas entrassem em nossa mente, como água em um barco a remo cheio de furos.

Hopper levou os remos até a área de embarque. Eu soltei a canoa do teto. Nora agarrou os coletes salva-vidas e as mochilas. Escondi a chave do carro debaixo de uma pedra junto ao pinheiro para o caso de nos separarmos e um

de nós voltar antes dos outros. Hopper e eu pegamos a canoa e, dando uma última olhada para o Jeep, seguimos pelo estacionamento.

Botamos a canoa na água, e Hopper entrou, indo para a proa, jogando a mochila atrás do banco. Nora foi atrás dele, os binóculos balançando no seu pescoço. Agarrei meu remo, coloquei a mochila e estava prestes a subir quando notei o celular vibrando no meu bolso.

Pensei em ignorar, mas então me dei conta de que poderia ser Cynthia. Tirei a luva, abri o fecho do bolso. Era um número privado.

— Alô?

— *McGrath.*

Reconheci a voz. Era Sharon Falcone.

— Merda, o sinal está uma *bosta*. Você parece estar do outro lado do mundo. Vou ligar de novo...

— Não, *não* — falei depressa, inundado por uma sensação sinistra de que havia algo errado. — O que aconteceu?

— Nada. Só queria informar sobre a dica que nos deu.

— Dica?

— Do juizado.

A senhoria e seu sobrinho surdo no número 83 da rua Henry.

Eu tinha me esquecido de avisar Sharon sobre eles.

— Tem certeza de que me deu o endereço certo? Rua Henry, número oitenta e três?

— Isso mesmo.

— Eles verificaram. Mas não há certificado de ocupação para o prédio.

— O quê?

— Não há ninguém morando lá. Nada de inquilinos em...

De repente a voz foi cortada. Um eco metálico e alto tomou a ligação.

— Alô?

— ... ilegal... duas vezes semana passada...

— *Sharon.*

— ... até o joelho em grandes...

A voz virou estática.

— Alô?

— ... coisa estava bem. Você ainda está *aí*, McGrath?

— *Sim*. Alô?

Um guincho metálico invadiu a ligação, e ela foi cortada.

Tentei ligar de volta, mas não consegui sinal. Esperei mais um minuto, para o caso de ela retornar, mas o telefone estava fora da área de cobertura. Enfiei o aparelho de volta no bolso da jaqueta, explicando a Hopper e Nora o que ela acabara de me contar.

— O que quer dizer com vazio? — perguntou Nora.

— Não havia inquilinos.

— Mas isso é impossível.

— Será?

— *Não* — disse Hopper. — Talvez fossem estrangeiros ilegais. Quando *nós* aparecemos, chamamos muita atenção.

— Mas a vizinha de Ashley — contestou Nora. — Iona. *Ela* não era ilegal. Tinha sotaque americano e nos disse que morava lá havia um ano. Por que ela sairia de lá?

— Para evitar ser presa por prostituição.

Nora não se convenceu.

— Isso não parece certo.

Eles ficaram em silêncio, esperando que eu falasse. Reconheci que naquele momento tínhamos a chance de não seguir em frente, de reconsiderar tudo e retornar.

O céu passara de branco para cinza, a floresta ao redor era silenciosa e imóvel. Embarquei e agarrei o remo.

— Daremos uma olhada nisso na volta — afirmei.



NÃO HAVIA UM CÓRREGO — APENAS UM pântano.

Passamos a hora anterior cruzando o lago Lows, Hopper e eu remando em ritmo silencioso. Atingidos por correntes que mudavam de direção e um

vento frio constante, navegamos por ilhas desertas cobertas de pinheiros e uma árvore fantasma que brotava da água, seu tronco comprido e seus galhos finos erguidos para o céu como um náufrago suplicando por sua vida. Agora, tendo chegado à margem norte, estávamos diligentemente procurando o riacho oculto que nos levaria para The Peak. Estávamos presos na água enlameada tomada por mato e coberta por grossas algas verdes, que se dividiam em montes e depois, após termos passado, se fechavam novamente, apagando qualquer sinal de nossa passagem.

O vento dissipara — *estranho*, já que estivera tão turbulento minutos antes no lago. Árvores densas nos cercavam, agrupadas como hordas de prisioneiros abandonados. Não havia um só passarinho, nenhum movimento entre os galhos, nenhum grito — como se tudo que fosse vivo tivesse fugido.

— Isso não pode estar certo — disse Nora, se virando.

Sentado atrás dela, eu não tinha percebido como ela estava preocupada.

— Deixe-me ver o mapa.

Ela o entregou a mim, juntamente com a bússola.

— Deveríamos voltar — disse ela, sem pensar, olhando para os juncos.

— *O quê?* — reagiu Hopper irritado, se virando.

— Não podemos ficar presos aqui no escuro. Não podemos dormir aqui.

— Quem falou alguma coisa sobre *dormir* aqui?

— Deveríamos estar seguindo um *riacho*. Onde está o riacho?

— Vamos esperar mais um pouco — falei.

Minutos depois ficamos presos em um tronco submerso. Hopper, sem hesitar, saltou e, com lama até as coxas, nos soltou. Ao voltar, sua calça jeans estava coberta de lama e daquela estranha alga néon, embora ele não parecesse notar ou se importar. Olhava decidido para a frente como se estivesse em transe, batendo no mato com o remo. Não pude deixar de imaginar que estava pensando em Ashley, pois ali o puro vazio da floresta parecia invocar naturalmente arrependimentos e medos.

Continuávamos avançando com lentidão. O pântano tinha um cheiro podre, que parecia vir das algas, cada vez mais grossas à medida que adentrávamos. Tínhamos que afundar os remos para empurrar a canoa menos

de três centímetros pelos sedimentos. Juncos amarelos cresciam ao nosso redor, formando um corredor sufocante.

Conferi o relógio. Já passava das cinco horas. Seria noite em menos de uma hora. Nosso plano era já estar na propriedade naquele momento.

De repente Nora engasgou, colocando a mão sobre a boca e apontando para alguma coisa à esquerda.

Um pedaço de barbante vermelho desbotado havia sido amarrado a um dos juncos, a ponta balançando na água. Reconheci o que era imediatamente. Marlowe dissera que Cordova tinha descoberto esses barbantes ao se mudar para The Peak. Eles o tinham conduzido à clareira onde os moradores da cidade faziam os rituais.

— Estamos na direção certa — disse Hopper.

Avançamos, o pântano ficando mais fundo de repente, a lama afinando. Surgiu uma corrente fraca, mas perceptível, aparentemente do nada. Os únicos sons eram a marola, o mato se curvando ao nosso redor, sussurrando ao raspar as laterais do bote.

— Estou vendo a grade — afirmou Hopper.

Sem dúvida: bem à frente eu podia identificar a silhueta escura da cerca militar de Cordova cortando o riacho, marcando o limite sul de sua propriedade.

Quando estávamos a menos de quatro metros, estendemos os remos até a margem. A grade parecia algo que cercava uma prisão abandonada, os elos enferrujados, o topo sustentando arame farpado. No local em que a água passava, o arame havia sido cortado de forma grosseira — *exatamente* como Marlowe descrevera, as pontas retorcidas e viradas para o outro lado, deixando um buraco triangular de uns trinta centímetros de largura.

— Estão vendo câmeras? — perguntei.

Nora, olhando pelos binóculos, negou com um gesto de cabeça.

Abri minha mochila, tirei a lâmpada fluorescente de dentro dela e saltei, seguindo para a cerca. No mesmo instante vi três fios correndo na horizontal pelos elos torcidos. Pendiam frouxamente, e no poste metálico mais próximo tinham se soltado dos encaixes.

Encostei a ponta metálica da lâmpada nos fios. Ficou fraca ao tocar os dois primeiros, mas, no terceiro, o mais próximo do chão, a lâmpada ganhou um brilho laranja e explodiu.

Depois de todos aqueles anos, *ainda havia um fio ligado*. Cheguei mais perto do córrego, seguindo o cabo que pendia frouxo entre os elos cortados, balançando no alto até o outro lado.

— Há corrente elétrica no fio — falei, retornando até eles. — Acabou de explodir a lâmpada.

— Sistema mortal de segurança — disse Hopper. — Sem trocadilho.

— Não tem graça — afirmou Nora, olhando para mim, incerta.

— Há espaço suficiente para passar — falei. — Vamos deitados. Um de cada vez.

A outra opção era nadar por baixo — sem o barco seria mais fácil passar ilesos —, mas se todos ficássemos encharcados do pescoço para baixo com a temperatura prestes a cair para menos de zero teríamos um grande problema, dificultando uma busca sistemática pela propriedade. Passar *dentro* da canoa sob o fio era nossa melhor aposta, desde que todos ficassem abaixo da borda do barco. A canoa era de fibra de vidro, mas havia alumínio ao longo da borda externa. Eu não era eletricista, mas parecia possível que ela pudesse transmitir corrente caso raspasse no fio.

— Hopper, você vai primeiro — falei.

Ele jogou a mochila no centro da canoa e, deitando de costas no casco, cruzou os braços.

Nós avançamos, parando um momento para nos reposicionar, apontando a proa para a abertura contorcida. Provavelmente eram apenas meus olhos se ajustando à luz que diminuía, mas enquanto deslizávamos para a frente, jurei que os arames da cerca pareciam se apertar, *reagir*, como plantas sensíveis a movimento.

Quando estávamos a meio metro de distância, caímos de repente em uma corrente forte e fomos jogados para o lado, batendo na abertura, o fio baixando com o impacto.

— Está quase *encostando* — sussurrou Nora.

— Mantenham os braços longe do metal — ordenei.

Ela ergueu o remo enquanto eu empurrava com o meu, forçando a proa a passar, a cerca raspando no barco. Avançamos mais alguns centímetros, e me dei conta de que o fio estava baixando novamente — como se fosse uma *armadilha*. Antes que eu pudesse reagir ele bateu na beirada da canoa. Esperei o golpe da eletricidade.

Nada.

Enfiei o remo na água, mantendo a canoa firme na correnteza. Eu nos impeli para a frente mais uns trinta centímetros. Hopper estava do outro lado, o fio diante de Nora, a grade raspando.

— Você passou — avisei.

Hopper se sentou. Nora lhe entregou o remo, e chegou um pouco para a frente, se encolhendo em posição fetal no casco.

— Se eu for eletrocutada e chegar minha hora de partir, só quero dizer que amo os dois e que esses últimos dias foram os melhores da minha vida.

— *Ainda* não é sua hora, Bernstein — retruquei.

Nós nos empurramos para a frente. Não havia som algum além da água, o guincho dos arames se curvando, protestando, acima do barco. De repente, batemos em algo submerso, a proa se elevou novamente e o fio tocou as laterais. Jurei ter ouvido um chiado de voltagem ao nosso redor, embora no momento em que isso aconteceu o fio subiu, nós deslizamos, e era minha vez.

Eu me deitei no casco, a água ressoando ao meu redor.

— Últimas palavras? — perguntou Hopper.

— Tente não me matar.

A canoa avançou, aquele fio fino foi raspando nas laterais a centímetros do meu nariz. Passou por cima da minha cabeça e sumiu.

— *Entramos* — sussurrou Hopper.

Eu me sentei, olhando para trás, surpreso ao ver que a cerca já estava recuando depressa. A corrente ficara mais forte, a água subia, como se estivesse animada com a perspectiva de nos levar para — o quê? *Mas aquela cerca não era realmente uma cerca. Era uma armadilha.* Talvez Marlowe não tivesse mencionado aquela entrada secreta de forma tão inocente mas com a intenção de plantar uma *semente* em nossas cabeças, para que tentássemos entrar exatamente por ali. *Por quê?* Para nos aniquilar naquele

fio? Ou para nos colocar em segurança dentro da propriedade de Cordova, nos prendendo lá.



ENQUANTO REMÁVAMOS, A NOITE CAIU ao nosso redor como uma maré negra avançando.

Antes, a floresta estava coberta por uma imobilidade perturbadora. Mas naquele momento barulhos ecoavam de todas as direções. Galhos se partiam. Folhas raspavam. Árvores estremeciam. Como se todos os animais selvagens que se escondiam durante o dia estivessem despertando, se arrastando para fora de seus buracos.

Meus olhos desistiram de tentar discernir algo além da silhueta de Hopper na proa e dos ombros curvados de Nora à minha frente. Eu me lembrei, com uma pontada de ansiedade, da sensação de sufocamento que Olivia Endicott descrevera ao visitar The Peak. Fiquei pensando se *eu* estaria experimentando isso, uma vaga sensação de desorientação, distanciamento, *afogamento*. Supus que fosse apenas adrenalina e nervosismo, mas então senti muito claramente um grande peso, como se após inalar todo aquele ar úmido ele se espalhasse dentro de mim, desacelerando meus membros, eliminando meus pensamentos.

Hopper fez menção de seguir em frente. Uma superfície reluzente era visível no fim daquele túnel preto de árvores.

Lago Graves — onde Genevra, a primeira esposa de Cordova, se afogara.

Chegamos à foz em menos de um minuto, indo para a margem, escutando. Nora afastou os binóculos, anuindo, enquanto avançávamos silenciosamente com a canoa, virando à direita, nos atendo ao perímetro, sob a proteção dos galhos acima de nós.

Bem à nossa esquerda, do outro lado, era possível ver um deque de madeira.

Parecia abandonado, uma escada de madeira bruta pendurada na lateral e tocando a água. Degraus levavam a uma trilha de pedras que subia sinuosa uma encosta íngreme, que antevíamos aos poucos.

De repente Hopper e Nora se empertigaram.

E então *eu* vi o que estava aparecendo, o que se erguia lentamente sobre o pico daquela colina feito um sol sombrio.



THE PEAK.

Iluminada pelo luar, uma mansão enorme de escuridão tão absoluta que tornava cinza a noite circundante. Sua grandiosidade parecia saída diretamente do interior da Europa, um mundo perdido de carruagens e luz de velas. Telhados bastante inclinados de duas águas perfuravam o céu. Eu conseguia discernir um pavilhão de entrada decorado, uma colunata diante da rampa da frente, três andares de janelas, todas apagadas — tudo isso fortificado por sombras, como se as sombras fossem a própria alvenaria que a mantinha de pé. De fato, a casa parecia desafiar as leis do mundo físico, a decadência inevitável das mais grandiosas construções humanas rumo à degradação e à ruína, mas em vez disso se vangloriava de que continuaria em ascensão naquela colina por séculos.

Uma grama alta selvagem avançava até a casa desde o lago Graves. Não havia sinal de vida, nenhum movimento. Minha sensação era de que a mansão estava abandonada havia algum tempo.

Estendemos os remos para a margem, a canoa encalhou na lama, e nós três saltamos, botando as mochilas. Hopper e eu subimos a encosta com a canoa e a escondemos entre as árvores, colocando-a atrás de um tronco caído e cobrindo-a com folhas e galhos. Nora enfiou uma vara na lama para servir de marcação, de forma que mais tarde saberíamos onde achar o barco. A seguir passamos um momento examinando um ao outro. Hopper soava revigorado, o rosto endurecido pela escuridão. Nora parecia

perturbadoramente *vazia*. Apertei seu ombro para tranquilizá-la, mas ela apenas mexeu no zíper da jaqueta, fechando-a até o queixo.

— Lembrem-se do plano de emergência — sussurrei. — Se algo acontecer, nos encontraremos aqui.

Anuindo em concordância, partimos. O plano era verificar primeiro a casa, ver se era possível entrar, e de lá encontrar a clareira na floresta onde os rituais eram realizados. Caminhamos para o norte, permanecendo no perímetro do lago, depois subimos em fila indiana um morro na floresta, indo basicamente na direção da casa. Chegamos ao cume, permanecendo escondidos na linha das árvores, voltadas para a ala leste de The Peak.

De perto a mansão era palaciana, mas dava para ver como a fachada estava desgastada, o calcário manchado e descolorido. Era possível ver detalhes elaborados em frontões e cantos, ferro forjado preto e pedras esculpidas ao longo do telhado. Nas molduras das janelas e acima das portas, o que inicialmente parecera pássaros de verdade empoleirados eram gárgulas na forma de corvos. Havia um solário com domo de vidro no térreo que levava a uma galeria com colunas, tão mergulhada no escuro que era como se um vapor negro vazasse da casa e fermentasse.

Um caminho de pedra começava nos degraus da varanda, serpenteando por entre a grama alta até uma enorme sebe de aspecto abandonado nos fundos da casa, desaparecendo em algum lugar atrás dela. Eu sabia a partir de fotografias aéreas que ele levava aos amplos jardins da propriedade, que apareceram com destaque no filme *Respirando com reis* de Cordova. Uma verificação no Google Earth revelara indícios de um paisagismo elaborado — caminhos de cascalho e esculturas —, embora a maior parte estivesse oculta sob uma vegetação selvagem.

— Vou ver se tem alguém em casa — disse Hopper.

— O quê? *Não*. Vamos esperar aqui.

Mas antes que eu pudesse detê-lo, ele saiu para o gramado, correndo, despreocupado, colina abaixo. Chegando aos degraus da varanda, ele se agachou e subiu rapidamente, desaparecendo de vista.

Meu choque com o que ele acabara de fazer logo se tornou um ultraje. Eu deveria *saber* que ele seria descuidado, iria atrás dos próprios interesses. Eu

tinha intenção de segui-lo e arrastá-lo de volta quando fiquei paralisado.

Um cachorro latia. Parecia estar perto.

Nora se virou para mim, horrorizada. Ergui a mão. Tínhamos considerado a possibilidade de cães e comprado roupas que eliminavam odores, que supostamente mascaravam nosso cheiro diante dos animais.

O cachorro latiu novamente, com raiva e insistência.

E então uma única *luz* fraca apareceu em uma lucarna do telhado. Estava encoberta por uma cortina pesada, mas inconfundível.

Havia alguém em casa.

O cachorro ficou em silêncio enquanto uma rajada de vento passava pelas árvores. Não havia sinal de Hopper. Presumivelmente estava se escondendo em algum lugar na varanda, esperando uma chance para voltar. Mas então ouvi o baque inconfundível de uma *porta pesada* se abrindo, seguido dos passos em *staccato* e o tilintar da *coleira de um cão*.

Abri a mochila de Nora, procurando entre as roupas, achando, por fim, o spray de pimenta. Joguei-o nas mãos dela no instante em que um enorme cão de caça, latindo furiosamente, passou correndo pela entrada da frente da mansão.

Parecia algo entre um borzoi e um coiote, seu pelo irregular manchado de cinza e branco, um rabo comprido curvo.

O cão ficou paralisado e deu outro latido de alerta enquanto olhava para a encosta gramada até o lago Graves, as orelhas empinadas.

Um segundo cachorro apareceu, esse era maior e totalmente preto. Contornou a casa vindo na nossa direção, parando a uns vinte metros do terraço onde Hopper se escondia. Rosnou sinistramente. Depois, com o nariz no chão, o cachorro subiu a colina na nossa direção, ziguezagueando pela grama.

— Volte para a canoa e espere por mim lá — sussurrei.

Nora hesitou.

— Vá.

Petrificada, ela foi, latidos explodindo ao nosso redor, enquanto eu corria na outra direção, para o gramado. Desci a ladeira em linha reta, passando pela varanda e pelo caminho de pedra, rumo à sebe. Quando olhei por sobre o

ombro, vi o que esperava: os dois cães estavam me perseguindo, avançando pela grama alta.

Corri ao longo da sebe e ao encontrar uma abertura passei cegamente por ela, seguindo por uma trilha de pedras brancas tomada de ervas daninhas.

Os latidos soavam mais perto, as patas ricocheteando nas pedras.

Eu parecia estar correndo pelo labirinto de um jardim, com altas paredes de arbusto ao meu redor, além de banheiras de passarinho manchadas de musgo, plantas agarradas a treliças. Podia ver estátuas desmoronando — uma garota sem cabeça, o torso nu de um homem entrelaçado ao de uma cobra. Arbustos colossais — provavelmente anteriormente trabalhados em topiaria — cresciam ao meu redor, suas formas animais desaparecidas há muito tempo.

Desci tropeçando alguns degraus e corri para um espaço estreito com uma fonte seca, um portão de ferro forjado.

Parei, escutando.

Os cachorros pareciam ter se multiplicado, vindos de todas as direções.

Rastejei até o portão de ferro.

De repente um cachorro pulou vindo do lado oposto, rosnando. Eu me encolhi, esperando sentir a qualquer momento suas presas cravando em meu braço, mas apenas ganidos frustrados explodiram atrás de mim. Eu me virei e saí, logo vendo outro cachorro vindo na minha direção.

Eu me curvei, achando um buraco na sebe, e passei por ele, correndo para um jardim aberto, em cujo centro havia uma grande piscina coberta com um plástico.

Disparei para o canto mais distante e me abaixei, arrancando as luvas e puxando as cordas de náilon.

Podia ouvir os cães gemendo, procurando uma entrada. Consegui soltar alguns nós, levantei a lona e quase engasguei quando vi o que havia dentro.

*

ERA UMA ÁGUA ESCURA E pútrida.

Arranquei a mochila, enfiei primeiro as botas e então, trincando os dentes, deslizei para dentro, a água gelada encharcando minhas roupas, me engolindo até o pescoço. Puxei a mochila — fazendo meu melhor para mantê-la seca, embora houvesse apenas uns trinta centímetros entre a lona e a água. Tirei a câmara do bolso da frente, recoloquei a lona no lugar e, piscando na escuridão repentina, boiei para longe da abertura.

No mesmo instante ouvi o *tilintar* insidioso. Os cães tinham me encontrado, latindo, correndo pelo entorno, ganindo, suas patas estalando ritmadamente nas pedras chatas.

Avancei pela piscina da forma mais silenciosa que pude, agarrando os azulejos quebrados cobertos de limo, o frio começando a me deixar esgotado.

Mantive os olhos no fio de luz que penetrava entre a lona e a lateral da piscina, meu pé esquerdo tocando em algo abaixo de mim. *Um cervo afogado?* Eu tinha chegado ao canto oposto, dando pernadas, um pouco de água espirrando alto *demais*. Fiquei paralisado.

Podia ouvir passos, passos pesados. *Alguém estava vindo*, dando passadas largas sobre um caminho pavimentado e entrando no jardim.

— *O que há, meninos?* — perguntou a voz baixa de um homem.

Os cães gemeram enquanto corriam ao redor da piscina, o homem se aproximando. Então parou.

Cordova?

De repente, o facho forte de uma lanterna dançou sobre a lona, lançando um espasmo de pânico pelo meu corpo, o círculo dourado deslizando rumo ao canto para o qual eu rastejara.

Colei as costas nos azulejos, tentando permanecer imóvel.

Ouvi passos mais rápidos, o movimento da lona sendo jogada para trás.

A luz da lanterna cortou a água, iluminando folhas e galhos enegrecidos, corpos sem formas — sapos, talvez esquilos — boiando na piscina.

O facho pairou a pouca distância da minha mochila, deslizando para mais perto. Enfiei a câmara na beirada debaixo da lona, respirei fundo e afundei com cuidado, puxando a mochila. Afundei um pouco e então abri os olhos,

tentando ignorar a ardência, vendo o facho de luz percorrer acima da minha cabeça.

Esperei, meus pulmões parecendo que iriam explodir, tentando permanecer calmo. Estávamos bem, nós três, *só alguns malditos minutos antes*. Como tudo desmoronara tão rápido?

O facho pairou sobre mim por mais alguns segundos, depois finalmente se afastou para examinar outro canto. Flutuei de volta à superfície, arfando.

De repente, um grito agudo perfurou a noite. Parecia uma mulher.

Nora?

Os cães começaram a latir ferozmente, batendo as patas, a luz da lanterna se afastando. Ouvi agitação, depois passos sobre as pedras.

Logo só havia silêncio ao meu redor. *Eles tinham ido embora*.

Agarrei a câmera, depois bati as pernas rumo à abertura, mas quando cheguei ao canto vi que a lona havia sido recolocada no lugar. Ignorando minha preocupação — minha mente me matando naquele exato instante, evocando meu cadáver flutuando ali com o resto do entulho —, estiquei a mão, meus dedos tateando sob o plástico.

As cordas haviam sido amarradas de novo.

Coloquei a câmera na beirada, puxei a mochila, procurei no bolso da frente e encontrei o canivete, o abri com os dentes e, segurando a lâmina desajeitadamente com meus dedos congelados, comecei a serrar os nós.

Consegui cortar alguns. Joguei a mochila na frente, depois me ergui cegamente até a beirada da piscina, o vento gelado me atacando na hora. Ergui a cabeça e vi com alívio que eu estava sozinho.

Fiquei de pé, colocando a mochila no ombro. Agarrei a câmera e saí cambaleando pelo jardim, seguindo para a abertura em forma de arco na sebe, água rançosa esguichando de minhas botas a cada passo.

Esperava que Nora estivesse segura, e Hopper com ela. Eu os encontraria na canoa e bolaríamos um novo plano.

Os cachorros — e o homem com a lanterna — pareciam ter ido para longe, pois a noite estava calma novamente.

Saí do cercado, me vendo em outro caminho de pedra, no que só podia ser o limite oeste do jardim. À minha direita, além de um trecho de grama

alta, se erguia uma floresta densa de pinheiros, vasta e negra, e à minha esquerda, no alto da colina, além de arbustos emaranhados, estava a mansão.

Permanecia no escuro.

Cruzei o gramado e cheguei à parte encoberta da floresta, seguindo a linha das árvores na direção sul e contornando a colina para o lago Graves. Um frio úmido me fazia estremecer, mas o ignorei, tentando correr um pouco. Minhas pernas não reagiam. Tropecei em galhos e troncos de árvores, seguindo para leste quando consegui ver uma clareira à esquerda — água cintilante através dos troncos. Em poucos minutos, cheguei à foz do riacho pelo qual havíamos entrado no lago e o atravessei, água e lama até a cintura, me movendo o mais rápido que podia até a margem.

Cheguei ao lado oeste, cambaleando ao longo da margem, e vi com alívio — e *espanto* — o pequeno galho que Nora fincara na lama.

— *Nora* — sussurrei, indo diretamente para a floresta.

Quando cheguei ao tronco caído, fiquei imóvel.

Os galhos e a terra tinham sido jogados de lado.

E a canoa sumira.



OLHEI AO REDOR DAS ÁRVORES que aparentemente me trancavam em uma cela infinita.

Recuei até a beira do lago, fitando a água iluminada pela lua.

Estava deserta.

Hopper e Nora devem ter sido pegos. Ou foram embora, me deixando preso. Ou acabaram sendo perseguidos, escaparam e planejavam retornar quando a barra estivesse limpa. Ou então mais alguém encontrara a canoa e a confiscara, alguém que esperava por mim, *observando*.

Escutei com atenção à procura de passos, mas não ouvi nada.

Eu não podia ficar ali. E não podia usar uma lanterna com medo de que alguém a distância notasse. Contornei o perímetro do lago seguindo

basicamente na direção que nós três tínhamos tomado antes.

Um cachorro latiu.

Soou a quilômetros. Mas acelerei o passo e fui logo subindo a colina, sentindo o resto de calor em minhas entranhas estremecendo, como se a segundos de apagar.

Parei, olhando para longe à direita. Havia algum tipo de estrutura além das árvores, com um brilho azul fraco no escuro. Segui nessa direção.

Era um galpão gigantesco, teto reto, sem janelas evidentes. Contornei o primeiro canto, encontrando portas de aço, uma corrente enferrujada que passaram pelos puxadores e prenderam com um cadeado. Vasculhei o chão rapidamente, encontrei uma pedra adequada, a levei de volta e esmaguei o cadeado algumas vezes até abri-lo. A essa altura não ligava se o mundo me ouvisse.

Joguei a corrente no chão, abri a porta e cambaleei para dentro.

A luz da lua penetrando atrás de mim iluminou uma parede de vigas nua, um piso de concreto, as costas de um sofá marrom mais à frente, um cobertor dobrado cuidadosamente sobre o encosto — tudo mergulhando na escuridão total à medida que a porta metálica se fechava atrás de mim com um *baque* que ecoou.

Tirei a mochila, desamarrei as botas, fiquei apenas de cuecas e, quase tropeçando em um degrau elevado, desabei no sofá. Procurei o cobertor, puxando-o para cima de mim. E fiquei encolhido ali, tremendo descontroladamente, deixando minha mente degelar. Após um momento atordoado, me dei conta de que tudo o que eu *realmente* queria fazer era *dormir*, o que me fez imaginar que estava com uma leve hipotermia, mas afastei a ideia assim que ela surgiu.

Dormir o matará. É a droga que o corpo lhe dá antes de encerrar os trabalhos.

Minutos se passaram. Não sei quanto tempo, já que não conseguia mexer o braço para conferir o relógio. Os pensamentos continuavam fugindo, pequenas boias murchas que eu tentava agarrar para continuar flutuando. Eu me imaginei sentado em minha cama na rua Perry, olhando para o teto. Pensei se tínhamos nos envolvido em um acidente de carro a caminho de

Weller's Landing e que aquilo era a sensação de estar inconsciente, desligado do mundo, oscilando entre a vida e a morte, a Terra e o desconhecido.

Talvez eu ainda estivesse naquela piscina rançosa.

Talvez nunca tenha saído.

Mas depois de um tempo me dei conta de que meus olhos tinham se acostumado ao escuro. Estava olhando para um jornal aberto na mesinha de centro à minha frente.

The Doverville Sentinel.

POLÍCIA INVESTIGA MORTE DE GAROTOS



PISQUEI. ESTAVA SENTADO EM UMA sala de estar que tinha uma mobília modesta. Havia um carpete branco grosso sobre um piso de madeira e cadeiras modernas, janelas com cortinas, uma lareira de tijolos.

Eu já tinha estado ali.

Tinha estado *naquela* sala.

Na parede em frente estavam pendurados três quadros emoldurados ao lado de uma pequena cozinha. Uma luminária de pé com cúpula creme pendia acima do sofá. Estiquei a mão e testei o interruptor.

Instantaneamente uma luz fraca iluminou o cômodo.

Havia uma cadeira de vime ao lado da porta da frente, um sobretudo masculino espinha de peixe jogado sobre o encosto. À minha direita, em cima de uma mesinha lateral, havia uma estátua *art déco* de bronze de uma mulher equilibrando uma bola de cristal na cabeça. Emily, chorando de terror, agarra aquela estátua para usar como arma antes de sair em disparada pelo corredor, se escondendo no closet de um quarto. O sofá no qual eu estava, Emily se sentou *exatamente nele* na cena inicial. Lendo o jornal sobre o último assassinato de crianças quando Brad entrou, jogando o casaco e a valise naquela cadeira ao lado da porta.

Olhei para cima. Não havia teto, apenas andaimes uns doze metros acima. Luzes tinham sido colocadas ali, algumas apontando para mim.

Era um cenário de filme.

Eu estava na sala de estar de Brad e Emily Jackson em *Anjinhos* — “uma sinistra história de suspeita, paranoia, casamento e a inescrutabilidade da psique humana”, segundo Beckman.

Brad, um belo professor de estudos medievais em uma pequena e liberal faculdade de artes no interior de Vermont, acabou de se casar com Emily, uma jovem com imaginação brutal. Ela fica preocupada com uma sequência de assassinatos locais não resolvidos de meninos, todos com oito anos, e começa a desconfiar de que seu marido é o assassino. *Anjinhos* termina sem uma definição clara se Brad é ou não culpado. *Eu* sentia que ele *era*, embora a internet e quase certamente o Blackboards estivessem repletos de argumentos dos dois lados. Beckman dedicou um capítulo inteiro ao filme em seu livro *Máscara americana*: Capítulo 11: A valise. Ele escreveu que a verdade, que libertará Emily e a plateia, está na valise de couro surrada de Brad, que ele meticulosamente tranca em um cofre junto de seus anjinhos — o instrumento de tortura medieval — toda noite ao voltar para casa depois de dar aula na faculdade.

A valise de Brad domina o filme de tal forma — Emily fica obcecada por ela, desesperada para roubá-la, quebrar os fechos, ver o que seu marido guarda ali dentro — que na verdade é um personagem central, aparecendo em mais cenas que o próprio Brad. Nem Emily nem mesmo a plateia podem ver o que tem lá dentro, um recurso narrativo que Tarantino usou em *Pulp Fiction* quinze anos depois.

No terceiro ato do filme, durante o confronto entre Brad e Emily, quando eles brigam — Emily convencida de que precisa deter um psicopata; Brad convencido de que sua esposa enlouqueceu —, a valise inadvertidamente escorrega para o chão entre a cama e a parede. Permanece ali, sem ser notada, dentro daquele pequeno chalé de Vermont, que, com Emily — uma órfã — levada para um hospital psiquiátrico e Brad *morto*, permanecerá deserta por um período de tempo desconhecido.

A cena final de *Anjinhos* mostra a valise, uma sequência lenta partindo de debaixo da cama, seguindo pelo corredor, saindo pela porta da frente, diante da polícia, indo para a floresta, desaparecendo na escuridão.

Levantei do sofá — alguma sensação tinha retornado às minhas pernas — e fui até a lareira do outro lado da sala.

Caminhei até a estante. Lembrava que *Anjinhos* tinha sido feito em 1978, e as lombadas de livro desgastadas eram dessa época: *À procura de Mr. Goodbar*, *A hora do vampiro*, *Gêmeos não se amam*. Assim como o papel de parede de padrão geométrico marrom, mostarda e amarelo, os móveis laqueados, a luminária pendurada acima da porta, a cozinha com azulejos laranja e uma velha máquina de waffles no balcão.

O lugar parecia congelado no tempo, como se a vida tivesse parado ali no meio de uma conversa. Ninguém parecia colocar os pés naquele local há décadas.

Atravessei a passagem, seguindo para o pequeno corredor. Estava escuro. Avancei, abrindo duas portas falsas — davam de volta para o armazém —, mas aquela no final levava a outro cômodo.

Era o quarto dos Jackson. Fui até o closet e deslizei a porta. As roupas de Emily estavam penduradas: vestidos simples, calça jeans boca de sino, pares de sandálias de salto plataforma e botas de cano alto. Fui para a outra ponta, onde estavam as roupas de Brad: calças de lã, paletós de *tweed*.

Peguei uma das calças de veludo cotelê marrom na prateleira de cima e uma camisa de poliéster amarela. E as vesti *rapidamente*, porque não queria sequer *tentar* permitir que minha mente girasse em torno do fato de que eu estava vestindo as roupas dos anos setenta de Brad Jackson, que eu *literalmente* remexia em *Anjinhos*.

As calças ficaram alguns centímetros curtas nas pernas, mas serviram, então Ray Quinn Jr., que interpretou Brad Jackson, diferentemente da *maioria* dos astros de Hollywood, não era um homúnculo. Vesti um suéter vermelho apertado demais nas mangas, encontrei um par de meias de padronagem geométrica no gaveteiro, onde havia um toca-discos portátil Philips laranja, com *The Playback* de James Brown no prato. Depois de vesti-los, estava prestes a voltar para a sala quando parei no umbral.

Tive de repente uma visão de Wolfgang Beckman — como ele iria gritar comigo, olhos saltados: “Você se viu, por *acaso*, na casa de fazenda de Brad e Emily Jackson em Vermont e não lhe ocorreu procurar a *valise* debaixo da cama? Você está morto para mim.”

Concordando com essa alucinação, eu me agachei, olhando embaixo da cama.

Estava escuro demais para ver algo, então me levantei, fui até a mesinha de cabeceira, acendi a luminária e afastei a cama da parede para ter uma visão melhor.

Imediatamente houve um baque. *Estava lá.*

Olhei, incrédulo.

A infame valise Samsonite castanho-clara.

Estava imprensada entre a parede e a outra mesa de cabeceira no canto. Fiquei chocado, mas — o que Emily dizia no filme? *Onde a mala vai, Brad vai atrás.* Eu me vi olhando por sobre o ombro para a entrada vazia, meio que pensando em se iria ver a sombra distorcida de Brad projetada na parede do corredor.

Agarrei a valise pela alça — era surpreendentemente pesada — e a coloquei na cama.

Testei as travas. *Trancadas.* Então me dei conta de que *sabia* a combinação. Emily tem bastante trabalho para descobrir. Era a data que marcava o saque de Roma, o golpe final no declínio do Império Romano, dando início à Idade das Trevas.

410.

Coloquei os números. A trava abriu com um estalo.

Levantei a tampa.

Estava cheia de papéis. Eu os folheei, pegando um exemplar da *Time* datado de 31 de julho de 1978, “O bebê de profeta” na capa. Debaixo *daquilo* havia uma pilha de trabalhos de alunos, com notas e comentários escritos à mão. *Marcie, você apresentou um argumento muito bom de que a Idade das Trevas foi um movimento natural da história, mas precisa aprofundar mais.*

Quando vi o que havia debaixo daquilo, fiquei paralisado.

Cuidadosamente dobrada no canto havia uma camisa xadrez de menino.

Eu a peguei, sentindo uma onda de náusea enquanto as mangas amassadas rígidas se desdobravam na minha frente, como se tivessem uma frágil vontade própria.

A frente da camisa estava dura, coberta de manchas marrom-escuras.

Parecia tenebrosamente *real*, uma lembrança real de um assassinato real. O próprio tecido parecia surrado, como se resíduos de uma violência inimaginável tivessem secado no tecido.

Era um tremendo esforço para um elemento que nunca aparece no filme. Lembrei-me dos terninhos brancos danificados que encontrara no closet de Marlowe. Toquei as partes mais profundas e atormentadas de mim mesma, partes que eu tinha pavor de abrir por duvidar de ser capaz de fechá-las novamente.

Talvez os filmes de Cordova fossem reais. Os terrores na tela, terrores reais, os assassinatos, assassinatos reais. *Seria possível?*

Isso explicaria a popularidade de Cordova — nada comovia mais as pessoas, as deixava mais boquiabertas, do que a verdade. Também explicava por que ninguém que trabalhou com Cordova falou sobre a experiência. Talvez fossem cúmplices — revelar os horrores que tinham ocorrido durante as gravações apenas os incriminaria. Era factível que ao final da filmagem Cordova tivesse algo sobre cada um de seus atores, algo que garantisse o silêncio deles. Lembrei-me de uma observação de Olivia Endicott, que na hora me soara estranha: o interrogatório que Cordova lhe fez ao visitá-lo para um possível papel em *Anjinhos*: *Comecei a achar que o objetivo subjacente das perguntas não era tanto me conhecer ou ver se eu servia para o papel, mas descobrir quão isolada eu era, quem iria notar caso eu desaparecesse ou mudasse de alguma forma.*

Sem dúvida Cordova procurava pessoas que pudesse manipular. Tinha obsessão por capturar o que era real; obrigara o filho, Theo, a aparecer em *Espere por mim aqui*, em vez de mandá-lo a uma emergência para que pudessem reimplantar seus dedos decepados. Eu também sabia pelo Blackboards — e por Peg Martin — que Cordova usava uma equipe de

filmagem composta por imigrantes ilegais, um esquadrão cúmplice de homens e mulheres que nunca fariam sobre o que tinham visto.

De repente senti uma enorme empolgação com a ideia. Como isso se encaixava facilmente em tudo o que eu descobrira sobre o homem depois de seguir os últimos passos de sua filha.

Cordova obviamente tomava bastante cuidado ao reunir seus intérpretes, todos de origens diferentes, alguns sem qualquer experiência em atuar. Ele os levava para viver ali em seu mundo distante, trancando-os naquele lugar, não permitindo nenhum contato com o exterior. Quem concordaria de boa vontade com tal coisa, com entregar sua vida a um homem?

Hopper perguntara isso a Marlowe. Mas será que precisava? Milhões de pessoas levavam suas vidas de forma anestesiada, loucas para sentirem algo, se sentirem vivas. Ser escolhido por Cordova para um filme era uma oportunidade para exatamente isso, não só para conseguir fama ou fortuna, mas deixar para trás seus antigos eus como se estivesse descartando umas roupas.

O que exatamente Cordova os obrigava a suportar? Tudo que seus personagens faziam? Então seus filmes noturnos eram documentários, horrores vivos, não ficção.

Ele era ainda mais depravado do que eu imaginara. Um louco. *O próprio diabo*. Talvez não tivesse sido assim sempre, mas foi no que se tornara morando ali. Mas se seus filmes eram reais, seria fácil para ele de fato machucar crianças reais para salvar Ashley.

Vasculhei os papéis restantes na valise. Eram apenas palestras e anotações, uma carta datilografada da Simon & Schuster datada de 13 de janeiro de 1978. *Caro sr. Jackson, lamentamos informar que seu romance, Assassinato em Barbican, não se adequa à nossa atual lista de obras de ficção*. Lembrei que Brad tinha um cofre de parede que estava sempre destrancando, mas ficava em seu escritório, que parecia não estar anexado àquele cenário. Havia uma porta no quarto, que no filme dava para um banheiro, mas quando a abri havia apenas a parede preta à prova de som do estúdio.

Tranquei a valise, devolvendo-a ao seu famoso lugar debaixo da cama, depois enrolei a camisa de criança encharcada de sangue, enfiando-a no bolso de trás da minha calça; não queria perdê-la, então era mais seguro mantê-la comigo. Desliguei a luminária e voltei para o corredor.

Vasculhei minhas roupas encharcadas espalhadas ao lado do sofá e encontrei minha câmera no paletó. Felizmente tomara o cuidado de mantê-la seca, porque ainda funcionava, ao contrário do celular e da lanterna. Ambos tinham morrido. Tirei algumas fotos da sala e da cozinha — abastecida com comida dos anos setenta: queijo Velveeta (ainda comível após trinta anos), refrigerante Dr. Pepper, tiras de carne de porco da Sizzlean — depois fui para a beirada da sala, dando uma olhada no lado de fora.

Com a luminária eu podia ver que o estúdio se estendia bem à minha frente. Além do sofá, uma parede de andaimes de aço sustentava algo — *provavelmente mais um cenário* — construído do outro lado.

Eu me dei conta, após um momento de perplexidade, que ainda tremia. Minha jaqueta continuava encharcada, então depois de amarrar as botas, fui até a porta da frente, agarrei o sobretudo espinha de peixe de Brad Jackson na cadeira e o vesti — sem deixar, mais uma vez, minha mente refletir sobre o absurdo daquilo, que eu estava colocando o casaco de um provável psicopata.

Com sorte não era contagioso.

Conferi o relógio, mas ele parara de funcionar após ter submergido na piscina. Dizia 7:58, o que não podia ser verdade. Tinha de ser mais tarde.

E então, colocando a mochila no ombro, saí de *Anjinhos*, seguindo ao longo dos andaimes para ver o que mais havia naquele estúdio enorme, quais outros mundos saídos da cabeça traiçoeira de Cordova eu ainda poderia vasculhar, como um arqueólogo procurando ossos.



QUANDO FICOU ESCURO DEMAIS PARA ver algo, tirei uma foto e olhei para ela na tela da câmera.

Um enorme pássaro vermelho fora pintado grosseiramente com spray na parede de concreto à minha esquerda. Eu o vira em matérias sobre Cordova. *Era o que os fãs de Cordova usavam como forma de invocar a presença do homem, um sinal anônimo pedindo seu retorno.* Avancei, contornando o fim do andaime, entrando no que parecia ser uma sala ampla. Conseguiu identificar vagamente uma montanha enorme de pedregulhos à minha frente. Tirei outra foto e me dei conta de que a montanha era *lixo* e os pedregulhos eram barris de gasolina corroídos, brotando na área como cogumelos.

Eu a cruzei, batendo em uma placa de madeira.

VAZADOURO DE MILFORD GREENS
NÃO ENTRE
PERIGOSO

Eu estava em *La Douleur* — *a dor* em francês.

A heroína tímida e submissa do filme, Leigh — recepcionista de uma concessionária durante o dia, aluna de uma faculdade comunitária à noite —, concorda em espionar o marido da melhor amiga e não apenas se apaixona por ele — um alemão chamado Axel — como se envolve perigosamente em seus negócios no submundo do crime.

Na primeira noite, ela segue o Mercury Grand Marquis marrom dele por toda a cidade para finalmente terminar ali por volta do amanhecer, no Vazadouro de Milford Greens. Leigh observa Axel estacionar o carro e seguir a pé pelo terreno, bandos de gaivotas flutuando acima do lixo como um cano de descarga guinchando.

Ele carrega uma pequena sacola, a inconfundível cor verde-azulada da joalheria Tiffany. Fascinada, Leigh vai atrás dele na ponta dos pés, seu cabelo despenteado, a blusa sem graça saindo de dentro da saia. Ela sobe em um velho carro fúnebre para espionar o homem, que escala a colina até um ônibus escolar virado. Após tirar um saco de papel detrás do volante, Axel enfia a bolsa Tiffany no lugar. Leigh espera que ele saia dirigindo, depois *avança* até o ônibus escolar, escorregando e deslizando no entulho. Ela pega a bolsa da Tiffany e dentro encontra uma *caixinha de anel* azul da loja —

uma caixa normalmente usada para alianças de noivado. Leigh está prestes a abri-la quando, ao notar um carro preto parando no estacionamento do vazadouro, perde o equilíbrio e escorrega, a caixa azul da Tiffany caindo por uma janela aberta para dentro do ônibus. Leigh vai atrás. Em minutos, o capanga conhecido apenas como Y aparece para pegar a sacola da Tiffany. Não demora muito para descobrir a bolsa vazia, Leigh se encolhendo dentro do ônibus. E esse é o momento em que *La Douleur* se transforma de um suspense voyeurista em um pesadelo enfeitiçante do tipo *homem errado*.

O vazadouro não *cheirava* a perigoso. Havia uma umidade embolorada no ar como se aquilo fosse um porão subterrâneo fechado por anos, e dentro havia um cheiro fraco de gasolina. Parei para conferir atrás de mim e, com surpresa, vi que parecia estar ao ar livre. Telas enormes montadas nos andaimes davam a impressão de haver ali um céu amplo. Podia discernir nuvens fantasmagóricas pintadas lá, embora, pelo menos seis metros acima, as telas dessem lugar ao estúdio escuro e vazio. O efeito era nauseante, parecendo sugerir alguma verdade sobre a natureza inerentemente subjetiva da percepção humana. *Se pelo menos olhasse mais longe, McGrath, veria que tudo dava lugar a... nada.*

Eu não tinha notado antes, mas avançando pelo trecho por onde eu entrara, havia um pequeno estacionamento de cascalho circundado por arbustos, um único carro estacionado lá debaixo de um poste apagado. Com um arrepio de desconforto me dei conta de que era o Chevy Citation quadrado azul de Leigh, saído diretamente dos anos oitenta. Parecia estar esperando que voltasse.

Talvez nunca tenha voltado. Talvez Leigh nunca tivesse deixado aquele galpão — ou The Peak. Não conseguia lembrar se soubera da presença da atriz em outro filme.

Eu me virei, semicerrando os olhos para a mancha indistinta na colina à frente, percebendo, enquanto cambaleava naquela direção, que era o ônibus escolar virado, o mesmo no qual Leigh fica presa. Nos minutos finais de *La Douleur*, ela é colocada lá pelos gângsteres, vendada e amarrada. Embora lute corajosamente, determinada a soltar as mãos usando uma ponta de metal que se projeta de um assento danificado, a questão do seu destino termina sem

resposta. Enquanto ela geme e se agita, o filme vai escurecendo — embora seus gritos possam ser ouvidos durante os créditos finais, mal abafados pela música dos Beastie Boys “Posse in Effect”.

A inclinação era surpreendentemente íngreme, e comecei a tropeçar e a escorregar nos sacos plásticos, pneus destruídos, colchões e TVs quebradas. Já havia avançado alguns metros quando me dei conta de que não apenas ficava mais vertical, mas que meu movimento deslocava o lixo abaixo de mim. Eu podia senti-lo se movendo, e em minutos a *montanha inteira* estava se deslocando ao meu redor. Fiquei imóvel, mas me vi caindo para trás, quase submerso em uma avalanche de latas enferrujadas e sacos de lixo. Lutei para ficar de pé, me soltando de um traje de proteção biológica, surfando na direção do perímetro do cenário enquanto a montanha inteira continuava a se soltar, incluindo aquele ônibus. *Era impossível chegar lá em cima*. Abri caminho até a tela de céu, ergui o tecido e passei pelo andaime enquanto o vazadouro continuava desmoronando atrás de mim. Já tivera o suficiente de *La Douleur*. Eu não iria morrer enterrado no lixo de Cordova.

Eu me levantei e desci o corredor escuro. Bem à frente, no fim — que parecia estar a *um quilômetro* de distância — havia uma abertura com uma luz vermelha fraca. Esperava que fosse a saída dali.



DE TEMPOS EM TEMPOS PARAVA para escutar, ouvindo apenas o assovio do vento acima do teto alto do galpão. Quanto mais eu andava, mais a luz vermelha permanecia com determinação e persistência distante. Não conseguia deixar de pensar se não estaria alucinando, ou se o piso de concreto daquele galpão de algum modo era uma esteira e eu estava correndo sem sair do lugar. Em dado momento senti o cheiro, muito bizarro, de *água do mar*. Era forte, misturado a odores de alga e areia. Só podia ser outro cenário, construído atrás do andaime à minha esquerda, mas era alto demais para que eu pudesse enxergar alguma coisa.

Conseguia ver a luz vermelha se aproximando e de repente tive uma enorme curiosidade sobre o que seria. A mansão suburbana de Marlowe Hughes em *Fruto do amor*? O bordel onde Annie vai procurar o pai em *À noite todos os pássaros são pretos*? A boate dentro de um vagão de Archer em *O legado*?

Virei a esquina.

Era a estufa de *Espere por mim aqui*.

O que Beckman tinha dito sobre isso? “Se teve um ambiente que evocou com perfeição a mente traiçoeira de um psicopata, *não foi* o Bates Motel, mas a estufa da família Reinhart, com suas cúpulas de vidro mofado e ferro corroído, plantas tropicais crescendo do lado de dentro como pensamentos insidiosos correndo soltos, o frágil caminho de areia serpenteando em meio à folhagem como o último vestígio de humanidade sumindo de vista.”

A estufa era uma estrutura retangular com uma cúpula, feita de painéis de vidro e ferro verde-claro oxidado, a arquitetura imitando estufas reais de Bruxelas. Elevava-se em serena solidão em uma densa floresta medieval de coníferas — o efeito criado por mais telas dispostas ao redor do cenário. A intensa luz vermelha emanava de dentro da estufa, e então me lembrei — *claro* — do filme.

Eram as luminárias carmim das plantas.

Esperei para ter certeza de que estava sozinho e passei para o gramado, grama prateada que eu esmagava com minhas botas. Baixei os olhos, perturbado, porque parecia muito real, até mesmo banhado em um sereno matutino. Eu me curvei para tocar aquilo. Era *plástico*, o *sereno* na verdade era uma tinta iridescente brilhante pintada com spray em cada folha.

Cheguei ao caminho de pedra, seguindo por ele até a única porta de aço da estufa — a porta dos *fundos*, se bem me lembrava. O vidro ficara opaco por causa da sujeira e das décadas de condensação. Sombras de folhas escuras pressionavam os painéis como as mãos e os rostos de uma multidão presa, desesperada para sair.

Agarrei a maçaneta de ferro — notando que tinha a forma de um elegante e *bastante sinistro* R de Reinhart — e abri a porta.



UM GOLPE QUENTE DE UMIDADE atingiu meu rosto.

Devia estar fazendo pelo menos trinta e cinco graus ali dentro.

Um caminho de areia branca imaculada partia da porta, embora após uma pequena distância as aglomerações de plantas brotando em todas as direções o escondessem. Suspensos no alto, barris verdes de ferro iluminados com fileiras de luzes azuis e vermelho-cereja, dando à estufa a aparência de um gigantesco forno *assando*.

Em *Espere por mim aqui*, o velho jardineiro surdo-mudo de Reinhart, Popcorn — principal suspeito dos assassinatos de Leadville, que depois acaba sendo inocentado — cuidava daquelas plantas com amor. Olhando ao redor me dei conta, com desconforto, de que elas estavam *exatamente* como apareciam no filme. Agarrei uma enorme folha brilhante ao lado do meu ombro, esfregando sua superfície para ter certeza de que era real. Era.

Espere por mim aqui, lembrei, tinha sido filmado em 1992. As lâmpadas daquela iluminação para plantas não teriam durado vinte anos.

Alguém devia ir lá com regularidade cuidar daquelas plantas.

Um frio percorreu minha espinha, mas entrei resolutamente, empurrando a porta, tentando mantê-la aberta para deixar sair um pouco do calor interno.

Eu também não estava *animado* com a ideia de ficar preso ali dentro, sendo assado vivo por aquelas luzes. Mas mesmo depois de enfiar um calço de borracha, que encontrara enterrado na areia do lado de dentro, a pesada porta de ferro continuou se *fechando* decididamente com um *baque* atrás de mim, então desisti, deixando que batesse. Conferi para ter certeza de que ainda abria, depois segui, empurrando a folhagem para o lado.

Era como o Amazonas. Talos sólidos e retorcidos como canos de água, carregados de flores tubulares brancas, árvores com pelo menos dois metros e meio de altura, galhos farpados com flores pretas em forma de estrela e cardos, botões com frutinhas vermelhas — tudo isso se agarrava ao meu rosto e a meus braços como um bando de órfãos desesperados por uma esmola, por

contato humano. O cheiro delas era sufocante e forte, doce como madressilva, embora assim que eu inspirasse, parecesse se tornar terroso e estragado. Considerando que eu estava vestindo três camadas de roupas de lã de Brad Jackson adequadas para um inverno brutal em Vermont, já suava profusamente. Mas me esforcei ao máximo para ignorar o calor, passando por um conjunto de árvores verdejantes carregadas de flores amarelas caídas do tamanho de minhas mãos. Elas se chocavam com meu rosto, entrando no meu nariz e na minha boca, o pólen azedo e ácido.

Cuspi, fiquei com um gosto azedo na boca. Após alguns metros vi com alívio algo que reconheci: *o lago de carpas*.

O lago era um círculo perfeito de pedras, cheio até a borda com uma água preta. Em *Espere por mim aqui*, vitórias-régias amazônicas enormes flutuavam na superfície. *E quando o agente especial Fox quase se afogou lá, mantido debaixo d'água pelo assassino, ele se agarra nelas para salvar sua vida, mas as plantas se desmancharam em suas mãos*.

Naquele momento, o lago estava desprovido de plantas, a água preta, tão viscosa e suave que parecia feita de *plástico*, embora ao passar pela folhagem para chegar ao perímetro de pedras eu tenha visto perfeitamente bem que era real. Enfiei o dedo para ter certeza. Ondas circulares preguiçosas borraram o reflexo das luzes vermelhas e da pesada cúpula de vidro e ferro acima.

Imaginei que não haveria carpas. Não vinte anos após o filme ter sido rodado. *Mas não* — vi na água turva uma faixa branca e laranja através do lodo. Desapareceu com a mesma rapidez que surgiu.

Alguém devia ir lá regularmente para alimentar o peixe.

No filme, Popcorn os alimentava com pipocas doces de uma caixa que guardava no bolso da frente de seu macacão Levi's sujo de terra.

Talvez *ainda* fizesse isso.

Talvez o pobre homem trabalhasse ali, vivesse ali.

A ideia me fez virar, examinando as folhas retorcidas em busca de algum sinal daquele velho jardineiro, seu rosto negro enrugado e brilhante, o dente de ouro reluzindo em seu sorriso. “A gloriosa estufa de Reinhart é o santuário sagrado de Popcorn”, me lembro de Beckman entoando a um de seus alunos

certa noite. “É seu refúgio da ridicularização; o único lugar do mundo onde ele não sente medo.”

Levei um momento para ajustar minha mente, ter certeza de que estava sozinho e que o que encontrava ali era uma narrativa tirada da cabeça de Cordova. Não estava e nunca estivera em *Espere por mim aqui* — embora, enquanto observasse isso, me desse conta de que precisava me tranquilizar de que tal coisa era aterrorizante por si só.

Será que já tinha perdido a cabeça? Ainda não.

Limpei o suor do rosto e contornei o perímetro do lago, olhando para a folhagem banhada em vermelho.

Em minutos descobri o que estava procurando: *o barracão de trabalho de Popcorn*.

A velha porta de madeira azul estava entreaberta, o mesmo aviso torto pregado do lado de fora: PARTICULAR MANTENHA DISTÂNCIA. Eu a abri com gentileza.

Popcorn não estava em casa.

Não era maior do que um closet, cheio de prateleiras meticulosamente arrumadas, escaninhos com envelopes de sementes, bandejas de plástico, vasos de barro, sacos de húmus e fertilizante. Bem na minha frente, virados para as paredes de vidro da estufa — sujas demais para se ver através delas —, havia uma escrivaninha e um banco alto, onde Popcorn sempre podia ser encontrado fumando seus charutos, lendo suas revistas em quadrinhos e escutando Beatles. Uma pequena gaiola de arame — algum tipo de armadilha para pegar guaxinins — estava no alto da escrivaninha, ao lado de uma revista desbotada chamada *Mikey's Friends* e um charuto pela metade em um cinzeiro.

Dei um passo para dentro a fim de pegá-lo. Tinha um cheiro como se tivesse sido recém-apagado.

Na parede junto à escrivaninha havia um velho quadro de avisos, repleto de orientações mal escritas para cuidar do solo e das plantas, um cartão-postal gasto mostrando barracos coloridos sobre palafitas na beira de uma baía escura.

Eu o larguei e olhei o verso. Não havia endereço, apenas cinco palavras rabiscadas.

Algum dia muito em breve você virá.

Eu o devolvi e me virei. Várias ferramentas de jardinagem tinham sido colocadas ao longo das paredes com a ajuda de pregos velhos: foices de mão, foices austríacas, serras de podar, machados de diferentes tamanhos. Fui examiná-los — *do mesmo modo como o agente especial Fox os examinara.*

Em *Espere por mim aqui* os corpos dos onze adolescentes assassinados em Leadville tinham sido mutilados para imitar acidentes que aconteceram em uma velha fábrica de papel — queimaduras químicas, explosões de caldeiras, esmagamento por rolamentos industriais. Mas havia *outra* constante: todas as vítimas eram estudantes do ensino médio mortas por um golpe no ventrículo esquerdo do coração desferido com um par de tesouras de poda, as lâminas pontudas tendo exatamente vinte e cinco centímetros de comprimento.

O agente especial Fox entra ali no meio da noite para examinar as ferramentas de jardinagem de Popcorn — cada serra, cortador e tesoura —, tentando encontrar uma lâmina com a medida exata. Ele sai de mãos vazias, pois a tesoura de poda não estava no barracão, como suspeitara.

Então onde estava, porra?

Meus olhos ardiam, e eu estava encharcado de suor, sendo cozido vivo no vapor ali como uma lagosta. O calor era tão opressivo que eu mal conseguia pensar, me lembrar da cena fundamental no fim, quando Popcorn acidentalmente descobre a tesoura enterrada em algum lugar ali, em um de seus amados canteiros de flores.

Lembro-me de que estava coberta de sangue e da expressão do pobre homem ao encontrá-la enquanto plantava novas sementes, sementes com um nome bizarro. A aparência dele era de puro horror.

Horror real?

Seria minha imaginação ou realmente estava *ficando mais quente* ali?

Tirei a mochila, arranquei o casaco espinha de peixe e o suéter de Brad Jackson, deixando-os na armadilha de arame. Peguei uma enxada na parede e saí do barracão, contornando o lago de carpas.

Popcorn era a única pessoa no filme que conhecia a verdade por trás dos assassinatos. “Algumas vezes só o homem silencioso consegue ver o quadro completo”, dissera Beckman, ou tinha sido alguém no filme?

Eu precisava colocar as mãos naquela tesoura.

Pisei no canteiro, passando por cima de plantas que cresciam tão grossas que eu não conseguia ver o chão.

Eu me abaixei, notando uma plaquinha branca escrita à mão enfiada na terra.

CUSPE-DE-TROPEIRO, dizia.

Avancei um pouco e vi outra.

BELADONA.

Havia inúmeras placas similares sob as folhas.

MATA-LEOPARDO. CONGORSO. TROMBETEIRA.

Aquela soava familiar. Arregaçando as mangas, enfiei a enxada na terra e imediatamente senti algo duro no solo fofo. Eu me curvei, vendo algo brilhar.

Era uma bússola de latão, o vidro rachado.

Pertencera a Popcorn. A bússola fora alvo de deboche durante o filme todo. A cidade inteira debochava de como ele sempre a tirava do macacão, examinando atentamente como se para garantir que ainda estava na rota de sua viagem muito importante ao redor do mundo, sendo que a piada consistia no fato de que o pobre homem nascera em Leadville e nunca colocara os pés fora daquela cidadezinha.

Coloquei a bússola no bolso e enfiei a enxada mais fundo na terra, a lâmina batendo em mais alguma coisa.

Eu me agachei para examinar. Era uma caixa de papelão semiapodrecida, encharcada e mole, embora eu conseguisse ver as letras na frente.

Pipocas Cracker Jack.

Joguei-a de lado, ignorando o desconforto que tomava conta de mim, voltando a diligentemente cravar o solo. E senti mais alguma coisa ali, algo grande. Eu me curvei.

Havia algo enterrado fundo na terra.

Contendo uma onda de náusea — devia ser o calor opressivo, as luzes vermelhas fazendo toda planta e flor, *até minhas próprias mãos*, parecerem

ensopadas de sangue —, cravei a enxada. Atingiu umas raízes. Agachando, arranquei violentamente algumas das plantas, folhas e galhos que tremiam diante de meu rosto como se protestassem.

Podia sentir com minhas mãos algo escondido ali, algo *duro*.

Algo do tamanho de um humano. Popcorn?

Não fazia sentido. No final do filme, Popcorn era inocente, estava *seguro*. Guardava o segredo do assassino, e se havia alguém que podia guardar um segredo era um homem mudo. *Então que diabo estava enterrado aqui?* Por que sua bússola e uma caixa de Cracker Jack — os dois itens que o jardineiro reconhecidamente nunca largava — estavam escondidos aqui? Será que o assassino decidira acabar com ele? Cordova decidira?

Enquanto minha cabeça girava, de repente percebi, vindo de algum lugar distante, um baque abafado. Soava como uma porta batendo. Eu me levantei depressa.

Podia ouvir passos leves de mais de uma pessoa — duas, talvez *três*. Ecoavam pelo galpão, se movendo depressa, provavelmente passando apressados pelos corredores estreitos entre os cenários.

Eu não estava mais sozinho. Tentei ignorar essa realidade por alguns segundos, cavando freneticamente o canteiro de flores com as mãos nuas.

Só precisava de um vislumbre do que estava ali. Arranquei plantas, jogando-as de lado, cavando um túnel na terra, meus dedos sentindo *algo*.

Parecia brim. *O macacão de Popcorn.*

Tentei pegar a câmera no bolso, mas me dei conta de que *estupidamente* a deixara no casaco de Brad. Para escavar o que quer que estivesse enterrado ali eu precisaria retirar todo o canteiro.

Parei, escutando.

Os passos ficavam mais altos. Deviam saber onde eu estava.

Eu teria que voltar.

Saí da folhagem, retornando ao redor do lago até o barracão de ferramentas. Agarrei o casaco de Brad, o vesti, jogando a mochila sobre o ombro. Abri caminho entre as plantas para chegar à porta dos fundos.



EU A ENTREABRI, OLHANDO PARA o gramado deserto. Saí em disparada, engolindo o ar gelado, aliviado por ter saído daquela luz carmim sanguinolenta, daquele *calor* tropical, correndo para a escuridão seca do estúdio.

Fiquei paralisado. O prédio inteiro soluçava com passos, que aparentemente vinham por onde eu tinha passado para chegar a *Espere por mim aqui*.

Fui na direção oposta, seguindo por um caminho de pedra que deixava o cenário rumo a uma enorme praia desolada de dunas de areia branca e erva marinha. A distância, uma casa de praia angulosa se erguia para o céu sobre palafitas.

Era a casa de Kay Glass em *Um pequeno mal*.

Cruzei a areia na direção da casa e além dela estava o oceano iluminado pela lua. Tinha a sensação de que aquele cenário me levaria de volta ao dos Jackson, e com sorte à saída.

De repente, bem à frente, uma figura escura com uma lanterna seguia depressa pelas dunas, vindo na minha direção.

Dei meia-volta, recuando aos tropeços, disparando pela *primeira* passagem que achei, e me vi correndo pelo meio de uma rua deserta.

Era a rua principal de uma cidadezinha, uma cidade fantasma que eu não reconhecia, embora pudesse ver com clareza, por causa das luzes de Natal vermelhas e verdes piscando acima da rua.

Fachadas de lojas escuras passaram por mim.

SALOON DÓLAR DE PRATA.

MERCEARIA SUNSHINE.

CLUBE DE DIVERSÃO PARA CAVALHEIROS. APENAS SÓCIOS.

Passos correndo ricochetearam atrás de mim. Saltei para a calçada do cinema Dream-a-lot, abri a porta e me apressei por balcões de doces e

refrigerantes, seguindo por um corredor escuro, anúncios de *Distorção* às onze e meia e *Caçada ao vermelho* à meia-noite.

Escancarei a primeira porta e ela me levou, graças a Deus, de volta ao galpão, mas dei de cara com algo duro, uma parede de concreto. Corri ao longo dela, olhando para trás, e vi que a lanterna estava ali novamente, e outra vinha na minha direção. Agarrei as traves de um andaime e comecei a escalar. Tinha subido três metros, três e meio, quando cheguei a uma plataforma de madeira. Passei para ela.

— *Está vendo alguma coisa?* — Ouvi um homem perguntar logo abaixo.

— Ele foi para o outro lado.

Fiquei esperando por alguns minutos, e então, quando as luzes estavam mais distantes, me levantei com cautela. A plataforma era resistente, a estrutura sustentando holofotes de tungstênio que apontavam para algum tipo de interior de pedra abaixo. Havia um pilar a mais ou menos um metro de mim com um estandarte dizendo — eu mal conseguia identificar as palavras — AGITAR AS ÁGUAS. Era a igreja do padre Jinley de *A janela rachada*. Logo abaixo de mim, ao longo da parede, havia vitrais, uma laje de dez centímetros. Eu me curvei, deslizando até ela, e com uma ave-maria silenciosa, saltei no vazio — *pretendendo* agarrar o pilar e escorregar para baixo.

Errei. Estendi a mão, agarrando algum tipo de emaranhado de placa de madeira para amenizar minha queda. Ela se soltou, telhas se quebrando ao meu redor enquanto eu caía no chão, a placa deslizando sobre as pedras.

Merda. Fiquei de pé, vendo uma lanterna deslizar pela passagem em arco diante de mim, iluminando o teto em cúpula, nichos com estátuas. Eu me afastei rapidamente do fecho de luz pelos bancos enfileirados, seguindo para o portal dos fundos, vendo o confessionário no canto. A simples visão me deu um nó no estômago, mas destravei a porta ornamentada — que soltou um leve gemido — e entrei.

Ficava apertado com a minha mochila nas costas e era escuro como breu.

Agachei no chão, esperando.

Em segundos, ouvi alguém entrar na igreja e *parar* — sem dúvida inspecionando a placa com o hino que eu arrancara da parede.

Esperei, meu coração acelerado, notando um fedor. *Vômito? Urina?* Os passos recomeçaram, a luz da lanterna se aproximava, iluminando a porta do confessionário, a qual eu podia ver que era uma tela de madeira entalhada com trepadeiras e flores. Reconheci o padrão e mal pude acreditar que naquele instante *eu* estava olhando para fora da porta com pavor, *exatamente* como o padre Jinley fizera — embora por motivos ligeiramente diferentes.

A cena inicial do filme acontecia *exatamente ali*, quando Jinley ouvia sua primeira confissão. Tinha acabado de sair do seminário e acreditava, com o otimismo arrogante dos jovens e inexperientes, que conduziria os depravados para o caminho certo. Após esperar por mais de uma hora sem que um único pecador penitente aparecesse, uma figura misteriosa finalmente entra apressada pelo outro lado, se sentando ali com um *baque sinistro*.

A lembrança me fez inadvertidamente esticar o pescoço para inspecionar a janela do confessionário alguns centímetros acima da minha cabeça, a treliça de proteção garantindo total anonimato.

O estranho enigmático, como o padre logo se dá conta, conhece o segredo soturno de Jinley: que ele colocara a filha bastarda de três anos em um telhado no Brooklyn, permitindo que cambaleasse ao longo da beirada caçando pombos e, então, perdesse o equilíbrio e caísse para a morte na calçada bem abaixo — enquanto isso, Jinley observava por uma abertura na janela e não fazia nada. Ele tinha seus motivos, claro — acreditava que a garotinha era o diabo encarnado. Mas quem o vira naquela tarde, quem era aquela pessoa misteriosa calma atrás da tela, alguém que jura em um sussurro sóbrio *fazê-lo em pedaços e obrigá-lo a renunciar a Deus?* Jinley leva o filme inteiro para descobrir, sendo que a identidade dessa pessoa é ainda mais aterrorizante do que seu segredo.

Então percebo que os passos soavam como se estivessem se afastando por outra passagem, a luz fraca já sumira.

Levanto alguns centímetros, me sentando no banco de madeira logo atrás de mim, escutando. Parecia que eu estava sozinho. Teria sido *deste lado* do confessionário que o padre Jinley se sentara, ou no outro? Eu estava no lado do cara bom ou no lado do mal? *De onde vinha aquele maldito cheiro?* Eu

me inclinei para a frente, olhando pela tela, as aberturas da treliça tinha o formato de minúsculas cruzeiros.

Fiquei paralisado de horror. *Havia alguém ali.*

Tinha uma pessoa sentada do outro lado.

Mal acreditei em meus olhos, mas podia ouvir a respiração, o movimento de um tecido pesado e então — como se consciente de que estava sendo observado —, ele lentamente se virou para me encarar.

Mal consegui distinguir um rosto escondido nas sombras de um capuz escuro.

Os momentos seguintes passaram tão depressa que mal tive consciência do que fiz: saí em disparada da cabine, corri pelo transepto, passei pela entrada do escritório de Jinley e entrei por uma porta que, se me lembrava bem, levava a uma cripta subterrânea. Estava escuro demais para ver. Estiquei a mão, esperando sentir pedras frias, mas então percebi que tinha voltado ao estúdio.

Ouvi batidas, um coro de luzes zumbindo acima. *As luzes estavam sendo acesas.* De repente, fui banhado por uma luz brilhante, meus olhos ofuscados. Avancei aos tropeços, sentindo uma maçaneta, puxei-a e entrei em outra sala gelada.

Mas não era uma sala.

Folhas reais foram esmigalhadas pelos meus pés. Um vento real bateu em meu rosto. E erguendo os olhos, jurei que havia uma lua real acima da minha cabeça.



NÃO ME PERMITI ACREDITAR NISSO, que tinha mesmo escapado do estúdio. Mas após correr alguns metros, olhei para trás e vi o galpão silenciosamente pousado na floresta atrás de mim. Parecia inócuo, tão triste e de aparência vazia — nenhum indício dos níveis de inferno existentes no lado de dentro.

Eu estava de volta à fria e dura realidade, graças a Deus. Desci correndo a colina, seguindo para o lago Graves. Os homens não deviam ter notado que eu escapara, pois não havia mais ninguém correndo atrás de mim. Quem eram eles, cacete? E o que eu tinha visto do outro lado daquele confessionário?

Conferi o relógio, esquecendo que estava quebrado: 7:58.

Revirei os bolsos, fazendo uma rápida avaliação do que eu tinha — *a camisa de criança com sangue seco e a bússola de Popcorn*. Elas estavam lá, assim como meu canivete, mas a câmera sumira. Estava bem no fundo do bolso, mas devia ter caído quando vesti o casaco outra vez. Enquanto me censurava por tamanho descuido, lutando contra o impulso de voltar para buscá-la, corri, o vento assoviando punitivamente em meus ouvidos, a luz iluminando o caminho.

Um cão latiu. Soou como um dos que tinham me perseguido, mas agora estava frustrado, preso, embora provavelmente fosse apenas uma questão de tempo até voltar a ser solto.

Eu chegara ao Pond. Esgueirei-me até a beira da água, olhando através da folhagem para sua superfície reluzente. Ainda não havia sinal de Hopper, Nora *ou* da canoa — de ninguém. Hopper e Nora. Eu me dei conta, espantado, de que aqueles nomes pareciam chegar a mim vindos de longe, do meu passado distante. *Quanto tempo eu passara naquele estúdio? Anos?* Seria alguma espécie de buraco negro, uma dimensão fora do tempo? Não tinha pensado neles, não na sua segurança ou no mistério de para onde tinham ido. Não tivera consciência de nada a não ser de Cordova. Aqueles cenários eram narcóticos, dominavam minha mente por completo de forma que não houvera espaço para outro pensamento.

Eles devem ter ido buscar ajuda. Estavam remando para o lugar de onde tínhamos vindo, seguros. Eu precisava acreditar nisso para não me preocupar, para, em vez disso, bolar um novo plano. Mas no fundo eu sabia que Hopper não desistiria tão facilmente de Ashley. Nem Nora. Os dois deviam estar em algum lugar, andando, correndo em círculos, desesperados.

Apertando os olhos na direção da margem oposta, a colina negra, vi uma das lanternas se movendo sobre o pico. A pessoa parecia descer correndo

pelo caminho que levava até o cais de madeira. Algo corria pela grama. *Só podia ser um dos cães.*

Eu me afastei da margem do lago, começando a correr rumo leste. Podia avaliar minha direção a partir do que sabia sobre a posição do lago. Leste era a distância mais curta para o perímetro da propriedade e para a estrada pública mais próxima, Estrada Country 112. Era minha melhor aposta para conseguir ajuda. Minhas prioridades haviam mudado. Vidas podiam estar em risco caso Nora e Hopper estivessem presos em algum lugar ali dentro, possivelmente feridos — *ou coisa pior.*

Pensando nisso enquanto corria, eu inconscientemente tirara do bolso a bússola de Popcorn, agarrando-a como se fosse um bem de valor, *uma última esperança.* Vi com surpresa que, embora o vidro da superfície estivesse rachado, a agulha tremia na direção norte.

Girei em círculo para checar as posições. *Perfeitas.*

A coisa funcionava de verdade.

Corri, de tempos em tempos conferindo a bússola para garantir que estava no caminho certo — *assim como o velho Popcorn tinha conferido,* para grande diversão da cidade inteira.

Quando eu teria a oportunidade de voltar àquela estufa, cacete? Desistira cedo demais. Se Popcorn estivesse mesmo enterrado lá, isso permaneceria sendo um segredo sepultado. Com os pensamentos girando, me forcei a permanecer em movimento. A floresta parecia desfilar em uma volta cruel, como o fundo sintético de um velho filme no qual os personagens conversam e dirigem, mas nunca olham para a estrada. *Será que aquelas árvores eram reais?* Cada tronco de cada pinheiro era comprido e nu, idêntico aos outros, *todos eles.*

E então, olhando para minha esquerda, vi novamente *o galpão.*

Parei, horrorizado.

Eu tinha corrido em círculo.

A bússola de Popcorn tinha me enganado, deliberadamente fazendo com que me perdesse. Mas não: dando alguns passos na direção da estrutura enorme percebi que o local era cilíndrico, um silo, o exterior pintado de amarelo.

Dei as costas a ele, começando a correr.

Em quinze minutos cheguei a uma estrada pavimentada. *Tinha de ser o trecho inferior da ladeira para The Peak*, o que significava que eu estava no caminho certo. Tranquilizado, me afastei dela, permanecendo sob a proteção da floresta, mas seguindo basicamente na mesma direção. Em alguns minutos pude discernir bem à frente a mancha escura da cerca militar.

Disparei na direção dela, inundado de alívio.

Não havia fios elétricos visíveis. Corri o risco, passando a mão sobre o arame enferrujado, esperando levar um choque.

Não senti nada.

Agarrei a cerca e comecei a subir. Eu estava a quase dois metros do chão quando notei, bem à minha direita, dois tetos se projetando em meio à folhagem, cada um com uma espiga enegrecida.

As guaritas de The Peak.

Pude reconhecê-las por ter ido de carro até ali anos antes. Eu saltara do veículo e tirara uma foto da entrada, muito desesperado para entrar. *Agora estava desesperado para sair*. Lembrei o que o Aranha tinha nos contado, como pegara aquele túnel subterrâneo, que ligava a mansão à guarita, de modo a ajudar os moradores de Crowthorpe a entrar na propriedade.

Isso significava — se o Aranha tinha dito a verdade — que o acesso àquele labirinto de túneis sob a propriedade *estava bem ali, a alguns metros, terrivelmente perto*. Eu podia ver com meus próprios olhos.

Após um instante de hesitação, desci a cerca e *voltei para dentro de The Peak*, minha mente protestando aos berros. Saltei sobre a grama alta e segui ao longo da cerca, indo na direção daquelas duas estruturas que ladeavam o portão de ferro forjado.

O primeiro não tinha entrada. No outro existia uma porta preta estreita, uma janela no alto. Não havia luz discernível do lado de dentro, nenhuma câmera evidente, a tinta estava descascando, o vidro imundo demais para que fosse possível ver através dele.

Eu precisava dar uma olhada rápida na entrada daqueles túneis para confirmar a história de Villarde — *e depois daria o fora dali*.

Estava trancada, então quebrei a janela com uma pedra, destranquei e a empurrei para dentro. Era uma sala minúscula, com uma janela virada para o caminho que levava ao portão, uma escrivaninha com um computador velho, uma cadeira de escritório empoeirada. O chão estava descoberto, a não ser por um pequeno tapete preto no canto.

Fui até lá e puxei o tapete.

Ali estava: uma pequena portinhola de madeira. Afastei as barras de metal, agarrei as argolas e as levantei, olhando em seguida para o buraco negro.

Escadas de concreto, com menos de trinta centímetros de largura, levavam bruscamente para baixo. Desci alguns degraus, me agachando para dar uma olhada.

O túnel que se estendia diante de mim era *negro*. Apenas alguns centímetros de paredes de tijolos eram visíveis antes de tudo mergulhar em uma escuridão tão absoluta que parecia que aquela parte do mundo fora deixada inacabada — um limite cru da Terra, que dava lugar não a simples escuridão, mas ao *espaço sideral*.

Olhando para aquilo, minha mente me conclamava a *sumir dali*, fechar a portinhola, pular a cerca enquanto ainda havia alguma chance.

Mas o que eu *tinha* sobre Cordova? O que eu realmente sabia?

Tentei me agarrar mentalmente a alguns fatos objetivos para permanecer na superfície. Tinha em meu bolso alguns itens que *poderiam* incriminar o homem, mas poderiam muito bem não significar nada no que dizia respeito à lei. Eu tinha histórias, depoimentos de testemunhas, relatos, a verdade de que Ashley estava morta. Mas isso era suficiente para acabar com ele? Eu mal fechara Cordova, a minha grande baleia branca. Ele poderia se safar com sua magia negra, seus horrores vivos. Ashley estava morta, então não havia mais necessidade de fazer uma troca, mas será que ele teria parado? O que eu tinha visto com meus próprios olhos?

Enquanto avaliava isso, as decadentes paredes de tijolos do túnel pareciam se espremer imperceptivelmente ao meu redor.

Para o que eu estaria voltando se escapasse incólume?

Para um apartamento vazio. Ninguém estaria me esperando quando eu voltasse à rua Perry. A vida seguiria como antes. *Eu* seguiria como antes. Esse simples pensamento ficou insuportável de repente.

O que eu estava esperando, cacete? Quando a verdade esteve bem na sua frente? Porque ela estava ali, além daquela escuridão total. Mesmo que eu não conseguisse enxergar naquele momento, estava em algum lugar diante de mim.

Ousarei? Desci mais três degraus. O ar era gelado, um frio que doía nos ossos. Tirei a mochila, procurei no bolso a lanterna, tentei ligar, mas continuava sem funcionar. Peguei um saco Ziploc com uma caixa de fósforos, recoloquei a mochila e acendi um fósforo.

A pequena chama laranja tremia enquanto eu a segurava à minha frente.

Quase ri alto. O escuro foi empurrado apenas alguns centímetros para trás. As paredes de tijolos vermelhos estavam em ruínas, o teto era baixo e tinha uma camada grossa de mofo. Parecia uma artéria apertada para o inferno. Conferi o relógio.

Sete e cinquenta e oito. Estava fazendo tudo em um tempo fantástico.

Subi novamente, agarrando a portinhola. Eu a fechei sobre minha cabeça com um *baque* irrevogável. *Será que tinha acabado de me trancar em meu próprio caixão?*



O FÓSFORO APAGOU DE REPENTE. Acendi outro e comecei a andar.

Quando aquele se extinguiu eu deslizei pela escuridão o mais rápido que pude. Havia cem fósforos na caixa. Precisava racionar. Lembrei-me do Aranha ter mencionado que a distância entre a guarita e a mansão era de pouco mais de três quilômetros. *Se andasse numa velocidade de seis quilômetros por hora, em pouco mais de quinze minutos estaria na metade do caminho.* Esperei que meus olhos se ajustassem, mas após um tempo me dei

conta de que o líquido negro rodopiante para o qual olhava *era* minha visão se adaptando.

Meus passos eram um metrônomo para minha respiração.

Além disso, exceto por minhas botas de caminhada esmagando o piso imundo, não havia outros sons, apenas uma pressão marcada, a de estar *lacrado*, como se aquela passagem seguisse por debaixo d'água.

Quando não consegui mais suportar a escuridão, quando realmente comecei a ficar confuso sobre se estava ou não me mexendo, parei e acendi outro fósforo.

O corredor apertado encolhera ao meu redor, e agora tinha menos de um metro e vinte de largura, se estendendo identicamente em ambas as direções. Eu me dei conta de que ver a luz frágil era infinitamente mais perturbador que simplesmente mergulhar na escuridão total. *Eu poderia muito bem afundar toda a cabeça. Só não pare de nadar.* Quando aquela luz se extinguiu, larguei o fósforo e segui em frente, a mão direita percorrendo a extensão de tijolos quebrados para me guiar. Isso me mantinha conectado ao mundo, à *realidade*, porque aquela escuridão era tão completa que se tornava física, uma cortina preta grossa. Ela me virava de cabeça para baixo, me fazia pensar se eu realmente estava submerso em uma água negra e me esquecera do caminho para o ar e a luz. A gravidade parecia ser frágil ali embaixo.

Tropecei em algo volumoso, e instantaneamente fui tomado por um medo irracional. *Era um corpo, um membro cortado.* Eu o chutei uma segunda vez. Soava como um lençol.

Acendi outro fósforo.

Uma peça de seda vermelha estava caída no chão, coberta de poeira.

Eu a peguei. Um vestido de mulher — vermelho-vivo, antiquado — com mangas compridas e um cinto plástico preto. Quase todos os botões da frente estavam faltando. Estudei a gola e vi o selo lilás da antiga figurinista de Cordova — *Larkin* — segundos antes de o fósforo se apagar.

Abri a mochila, enfiei o vestido nela, voltei a fechá-la e avancei arrastando os pés. Após algum tempo fiquei com medo de ter dado a volta por acidente e estar retornando cegamente à guarita, mas não parei. *Era apenas desorientação, o escuro afetando minha mente.* Como era frágil a

autoridade de uma pessoa, sua confiança quanto ao seu lugar no mundo. Dê a ele quinze minutos disso e até mesmo Einstein começaria a duvidar das leis do mundo físico, quem era, onde estava, se vivo ou morto.

Para meu horror, chutei algo *de novo*. Saiu rolando ruidosamente pelo chão, algo duro. Parecia um pedaço de madeira.

Não. Era um osso. Acendi outro fósforo.

Era um sapato alto feminino de couro preto, salto quadrado cheio de arranhões e coberto de pó.

Conferi o relógio novamente sem pensar: 7:58.

Eu me levantei outra vez, segurando o fósforo à minha frente.

A vista era uma fotocópia da anterior — um corredor de tijolos envelhecidos desaparecendo eternamente para os dois lados.

Parecia que eu não tinha me movido.

Prossegui, tentando permanecer calmo. *Por que o vestido estava ali embaixo? Será que uma mulher tentara escapar?* Assim como a camisa xadrez de menino encharcada de sangue em meu bolso, o vestido parecia ter vestígios de violência. Morrer ali, sozinho e com frio, para nunca ser encontrado, nunca ser amado novamente. Sam acharia que eu a abandonara. Tentei afastar esses pensamentos da mente, voltar minha atenção para algo alegre, mas aquele lugar, tão negro e frio, eliminava a leveza em segundos.

Pisei em algo.

Pedrinhas.

Parei, sentindo muitas delas — duras e redondas — rolando sob minha bota. *Dentes de crianças? Molaes espalhados ali como migalhas?*

Eu me atrapalhei com outro fósforo, acendendo-o.

Não eram dentes, mas os botões redondos e vermelhos de plástico do vestido.

Eu me curvei para examiná-los. A certa distância, caído junto à parede, estava o outro sapato preto. Peguei um punhado dos botões, enfiei-os no bolso do sobretudo de Brad e me ergui outra vez.

Era *exatamente* a mesma visão — um túnel preto se estendendo diante e atrás de mim, eterno. Eu estava em uma esteira, correndo sem sair do lugar.

Estava preso em uma quarta dimensão, no purgatório, onde não havia tempo ou avanço, apenas flutuação inerte.

O fósforo, notei, estava queimando meus dedos.

Soltei, avancei, agora mais rápido. Podia sentir minha mente vacilando, como se em uma corda bamba, ameaçando perder o equilíbrio. Acendi mais um fósforo e vi com alívio, apenas alguns metros à frente, uma abertura no túnel. Em minha pressa para chegar lá, o fósforo apagou. Acelerei. Quando senti a parede se abrir à minha direita, acendi outro.

Eu estava em um pequeno espaço circular, bocas de outros túneis escancaradas, aparentemente em todas as direções. Passei por elas, vendo palavras fracas escritas acima de cada abertura em tinta branca simples.

GUARITA. MANSÃO. LAGO. ESTÁBULOS. OFICINA. MIRANTE. TROFÉU. PINCOYA NEGRA. CEMITÉRIO. SRA. PEABODY. LABORATÓRIO. O Z. ENCRUZILHADA.

Pincoya Negra? Laboratório? O z? Eu lembrava que o Aranha mencionara que existia aquele ponto central com passagens secretas, que levavam a outras partes escondidas da propriedade. Acendi mais um fósforo, erguendo-o até a palavra pintada na madeira bem na minha frente.

Encruzilhada.

Era como o Aranha chamara a clareira para onde levara Ashley.

Tábuas grosseiramente pregadas que antes bloqueavam a passagem tinham sido cortadas com um machado. *Era o que Villarde fizera para as pessoas da cidade.* Só restavam pedaços de madeira lascada e pregos tortos, alguns espalhados pelo chão.

Aquele corredor era mais tosco que os outros, tinha menos de noventa centímetros de largura e parecia ter sido aberto no granito, as paredes molhadas por uma água que penetrava de algum lugar. Dando um passo para dentro pude ver que outras palavras tinham sido rabiscadas nas pedras com a mesma tinta branca. Mais à frente havia desenhos de bonequinhos com narizes pontudos e bocas gritando.

Dei um passo para a frente para ler algumas coisas. *Se avansar mais deixe todo o seu amor bem aqui no chão. alerta: Você não deixará esta trilha nem como animal, vegetal ou mineral. Diga adeus ao cordeiro. Que o Senhor o ajude.*

O fósforo tremeluziu e se apagou.

Acendi outro e me forcei a avançar mais um passo, segurando a chama bem à frente. Ela se extinguiu rapidamente, um vento gelado batendo em meu rosto, inchando e logo se dissipando. Então, ouvi *chiados* nos meus ouvidos, tão ensurdecedores e próximos que cambaleei para trás, tropecei no piso irregular de volta ao espaço, deixando cair a caixa de fósforos.

Merda. Com o coração acelerado, ajoelhei, procurando por ela no chão.

Tinha desaparecido.

Algo estava ali comigo, de pé ao meu lado, brincando comigo.

Tentando não entrar em pânico, me virei, desequilibrado, caindo de quatro, procurando os fósforos na terra.

Calma, McGrath. A caixa tem de estar aqui.

A lateral da minha mão esquerda bateu em algo. *Fósforos.* Eu os agarrei. Mas de alguma forma a caixa tinha sido arremessada bem atrás de mim, indo parar na parede oposta, entre duas passagens. *Era como a sombra do leviatã. Tinha uma mente própria.*

Eu me levantei, ignorando esse pensamento, acendi um fósforo e voltei à abertura.

Encruzilhada. O túnel fazia uma curva fechada à esquerda e sumia de vista.

Dei outro passo para dentro, a chama queimava lentamente. Só por garantia, enfiei a mão no bolso e tirei a bússola, curioso para ver em qual direção eu estaria seguindo.

Só consegui olhar para ela, incrédulo.

A agulha vermelha estava frenética, girando loucamente no sentido anti-horário.

Sacudi, mas ela não parava de girar.

Isso era demais para minha cabeça registrar, então a joguei de volta no bolso do casaco de Brad Jackson e, tentando esquecer que olhara para aquela coisa, avancei pelo corredor.



NÃO SABIA QUANTO HAVIA ANDADO.

Tinha a clara sensação de não estar só.

Era de gelar os ossos compreender que eu estava perto de algo vivo e a segundos de mergulhar de cabeça nisso. E ainda assim, quando estendi a chama bruxuleante à frente, esperando ver um rosto, *olhos animais*, havia apenas escuridão em todas as direções.

A voz insidiosa do Aranha começou a abrir caminho dentro da minha cabeça, ficando mais alta a cada passo, como se naquele dia na Porta Quebrada ele não tivesse narrado seu próprio segredo, mas o futuro, aquela caminhada, *minha caminhada. Ainda consigo me lembrar do som dos seus pezinhos nus, como eram macios e limpos, seguindo pelo terreno imundo junto aos meus.*

Era isso que eu estava ouvindo, o que senti ao meu lado? Ashley?

Continuei andando, escutando, mas havia apenas minhas botas, avançando penosamente.

Depois de um tempo, a voz do Aranha murchou e minha mente ficou vazia, um quadro-negro sujo, manchado por pensamentos parcialmente apagados.

Ashley viera por aqui.

E Cordova. Ele andava por aqui sempre que conseguia uma nova criança para tentar negociar com o diabo. Qualquer coisa para salvar a filha.

Eu podia discernir um cheiro forte de metal misturado à umidade pesada e à lama. Em um dado momento ouvi um *ronco* distante, como se acima de mim animais corressem em disparada pela propriedade, *fugindo aterrorizados*. Toquei as pedras escorregadias, água quente escorrendo por meus dedos. As paredes pareciam vibrar. Pedrinhas se soltavam do teto, estalando no chão. Mas então o barulho passou, o túnel ficou silencioso como antes, e fui deixado pensando se minha ansiedade, precisando de algum tipo de válvula de escape, criara a coisa toda.

Avancei, percebendo que meu cérebro parecia solto dentro do crânio, como se estivesse derretendo. Notei, com uma pontada de horror, que suava como se tivesse voltado à estufa, como se nunca tivesse escapado de lá, nunca tivesse saído de sob as luzes salpicadas de sangue. Mas eu tremia, cheio de arrepios, a chama fraca que eu segurava revelando o que já sabia: o túnel negro se desenrolava diante de mim, sem parar.

No momento em que aceitei isso, que entendi que poderia muito bem morrer vagando por ali, cheguei ao fim.

Logo à frente, uma escada de metal amassada e enferrujada subia para o teto.

Parei, escutando, mas não ouvi nada além dos uivos de um vento poderoso. Agarrei a escada e subi, meus braços e pernas estranhamente enfraquecidos e flácidos como se cheios de areia. Quando cheguei ao topo, pude sentir outra portinhola de madeira acima de mim, aparentemente idêntica àquela pela qual eu entrara na guarita. Deslizei as travas, empurrei-a com o ombro, abrindo o postigo.

Eu estava em uma densa floresta de bétulas, o *mundo* inteiro completamente em foco. Podia ver cada folha e galho, pedra e erva banhados em um luar verde. Só podia ser um efeito colateral de ter ficado tanto tempo submerso na escuridão subterrânea, como se meus olhos, encantados com a chance de ver uma última vez, estivessem dando seu melhor.

Eu saí.



AVANCEI POR UMA TRILHA DE terra bem sulcada, notando, pendurada em um galho alto, um barbante vermelho dançando ao vento.

Alguns metros à frente vi uma ponte. *A ponte do diabo.*

Só o fato de pensar nisso sugou o ar de meus pulmões.

Não havia ninguém ali. Eu estava sozinho. O vento uivava furiosamente, empurrando a barra do meu casaco para tão longe que era como se uma

multidão a puxasse.

A ponte era em formato de arco, feita de pedra cinza-escura. A construção parecia meticulosa, como se cada peça tivesse sido colocada pela mão de um mestre, uma delicada estrutura curva se erguendo e passando sobre uma ravina funda onde, como pude ver ao chegar mais perto, corria um rio gelado e negro. Notei que a água não percorria livremente, pois contornava as pedras e rolava sobre elas em montes como se fosse alcatrão. Mas o som de um rio comum soava em meus ouvidos.

Ou seria o vento?

A ponte era comprida, terminando em outro conjunto de árvores.

Ashley correu toda a extensão daquela ponte.

Foi a primeira alma humana a cruzá-la.

Pisei na primeira pedra assentada. Não tinha nada a temer. A maldição terminara. *O diabo tinha o que desejava. Ashley.* Mas mesmo assim me virei e olhei aquelas árvores esqueléticas atrás para ter certeza de que não havia ninguém ali, que Sam não tinha de algum modo me seguido, acreditando que eu tinha sido sequestrado por *trolls*.

Quando estava na metade do caminho fui acometido por uma onda de vertigem. Era como se a ponte estivesse se erguendo imperceptivelmente sob meus pés, porque eu podia ver a grandes distâncias, bem acima dos galhos de uma floresta imensa, se estendendo por quilômetros, se agitando ao vento como um mar enlouquecido. Um teto com varas pretas se projetava do topo das árvores, *muito longe*.

Uma tontura nauseante tomou conta de mim de repente, e tive que me virar, olhando para o final da ponte.

Havia algo lá.

Eu senti que estava ficando dormente. O que havia adiante apenas meio humano. O que era a *outra* metade eu não sabia. Era alto, tinha dois metros, ou dois e meio, com braços magros e um rosto redondo e amplo tão áspero que parecia uma casca de árvore. Eu podia ver seus olhos, olhos vermelhos redondos, como dois buracos de fogo na terra, uma boca de espinhos.

Eu só podia estar alucinando. Ou dormindo, em coma. *Morto*.

Que porra estava acontecendo comigo? Como a sanidade era frágil.

Esperei que meus olhos me dissessem que era uma ilusão, uma pegadinha pregada pelas bétulas e sombras caindo em pilhas escuras sobre a ponte, como se tivessem sido cortadas dos objetos que as tinham criado. Ao procurar pelo meu canivete me dei conta de que segurava a bússola de Popcorn.

Como isso tinha ido parar novamente na minha mão? A agulha vermelha parara de girar e agora apontava direto para a frente.

O vento começou a assoviar outra vez. Pisquei, olhando de novo para o final da ponte e vendo, incrédulo, que *aquela coisa* não era uma ilusão de ótica. Ainda estava lá, mas começava a escapulir, seus membros ossudos girando como se pegos por uma corrente invisível antes de desaparecer entre as árvores.

Saia dessa ponte, uma voz gritou em minha cabeça. Desci correndo o declive, escorregando nas folhas que cobriam as pedras, tropeçando cegamente e disparando por um caminho de terra que me levou a uma clareira circular.

Estava deserta.

Aquela visão estranha, o que quer que fosse, tinha que estar escondida em algum lugar. *Era aqui que eles realizavam os rituais, onde Cordova se tornou um deles.* Avancei, o movimento me deixando tão desequilibrado que caí no chão, encarando o céu noturno, um céu tão suave que parecia que um líquido negro tinha sido derramado entre as árvores. *O que estava acontecendo comigo?* Meus membros pareciam derreter.

Eu me esforcei para me sentar. Não estava apoiado em terra comum, mas em um pó preto fino cintilando com minerais, tendo a alguma distância um tronco calcinado. Estendi a mão até ele, chocado que, embora parecesse o resto comum de uma fogueira, era pesado como ferro, e não consegui erguê-lo.

Havia um pedaço de tecido branco preso sob ele. *Parecia ter sido rasgado da camisa de uma criança.*

Eu o soltei, mas uma rajada de vento o arrancou da minha mão e o lançou rolando pela clareira como uma folha branca perdida, desaparecendo entre as

árvores. Cambaleei atrás dele. Quando vi para onde tinha ido, o que acabara de sugá-lo, fiquei olhando horrorizado.

Era uma trincheira repleta de pertences de crianças.

Eu podia identificar cada item que jazia ali, a menos de cinco metros: chinelinhos e blusas, bonecas e trens, camisetas e tênis, tudo decomposto e encharcado, alguns enegrecidos como se tivessem sido queimados. Era ali que Cordova tinha jogado tudo, os objetos roubados, suas tentativas de troca. Eu podia ver detalhadamente, uma clareza que feria meus olhos: sua mania, seu desespero, sua disposição de permitir que cada canto de sua alma se enegrecesse para que sua filha pudesse viver.

Eu me dei conta, chocado, de que estava caído de barriga para baixo na terra.

Quanto tempo passei deitado ali? Horas? Dias?

Ergui a cabeça, que latejava, o chão escuro e as árvores compridas balançando ebriamente para longe de mim.

Eu não estava sozinho.

Figuras de túnicas pretas estavam de pé a distância, ao meu redor, silenciosas, escondidas pela escuridão, como se elas mesmas tivessem brotado das sombras. De repente um se adiantou das árvores, vestindo um manto preto com capuz, e depois outro ao lado dele. E mais um.

Estavam vindo na minha direção. Eu fiquei de pé.

— Fiquem onde estão — falei. — Não se aproximem mais.

Era eu que estava gritando? A voz soava a quilômetros de distância. Procurei meu canivete. Tinha sumido.

A velocidade com que se moviam não era normal, rostos desaparecidos dentro daqueles capuzes negros, e então senti mãos me agarrando enquanto era empurrado para trás.

Havia o céu noturno e depois um saco sobre minha cabeça, cheiros de terra e suor, e meu casaco, *não, não, era minha mochila* sendo tirada de mim, meus braços puxados como se quisessem arrancá-los. Ouvi o grito terrível de um homem. Quando os berros não pararam e senti que estava sendo erguido no ar, me dei conta de que eram meus.



AO ABRIR OS OLHOS NÃO tive consciência de nada a não ser de uma *mariposa*.

Era pequena, branca à luz fraca. Parecia estar ferida. Uma das asas não mexia. A poucos centímetros do meu nariz, tentava escalar uma parede escura. Subia pela madeira e continuava caindo, tentando novamente e caindo. Agitando as asas, veio direto na minha direção. Tinha uma cabeça peluda e pernas marrons, antenas se movendo em uma aparente consternação. Sentindo que eu era grande e estava vivo, mudou de direção, novamente se afastando de mim e seguindo rumo à parede.

Estava frio. O ar era congelante. Minhas mãos estavam dormentes.

Onde eu estava, porra? Voava. A corrente de ar em meu rosto era o vento batendo enquanto eu me virava para evitar um grupo de nuvens negras, partículas atmosféricas, gelo, poeira e flocos de neve afiados colidindo contra meu rosto. Uma nota aguda soava em meus ouvidos, um som doloroso feito uma agulha comprida costurando meu cérebro.

Tentei me sentar, mas minha cabeça bateu em algo.

Estiquei a mão. Era uma parede de madeira lisa.

Eu estava *dentro* de alguma coisa, uma cápsula girando de cabeça para baixo, vibrando com a velocidade. *Mas era apenas um sonho*. Esqueci o medo. Estiquei as pernas — ainda calçava as botas — e elas encontraram outras paredes dos dois lados. Aquilo onde eu estava, aquela nave espacial, era apertada, mas cerca de meio metro maior do que eu.

Abri os olhos, piscando, mas não havia nada para ver, como se eu estivesse suspenso bem acima da Terra, entre camadas de atmosfera e o espaço sideral. O som em meus ouvidos cessou.

Não tinha nada com que me preocupar, porque acabaria acordando. Para isso serviam os sonhos, o despertar, a onda de alívio, o choque de que a mente podia ser tão facilmente enganada, lençóis embolados, a luz do sol entrando por uma janela. Mas então, *por que a pressa?* Se o sonho era fruto de meus medos e desejos inconscientes, por que não permanecer aqui dentro

mais um pouquinho, disparando pelo espaço, para explorar o sonho, examiná-lo, descobrir suas leis e seus parâmetros, e do que eu tivera tanto medo?

Meus braços se esticaram tocando as laterais.

Arrá. Assim como abaixo e acima. O caixão. Estou em meu caixão.

Abri os olhos. Aquilo *não* era um sonho, me dei conta com um horror súbito.

Eu não podia acordar. *Estava* acordado.

A mariposa branca... De algum modo ela chegara ao teto e se deslocava em círculos, como se também percebesse que estava presa, que não tinha para onde ir.

Comecei a gritar, esmurrando as paredes com os punhos, batendo e chutando.

Soava como se estivesse apenas gritando para um buraco vazio na terra.

Ah, meu Deus, não. Isso não podia estar certo. Não podia ser real.

De repente, entendi. Eu *deveria* saber onde estava. *Ver.* O ar fresco me manteria vivo por dias, *até mesmo semanas*, enquanto eu lutava e combatia o inevitável, para poder considerar lucidamente tudo o que estava prestes a perder.

Minha mente congelou enquanto eu tentava me lembrar de onde estava momentos antes. Tinha a sensação de ter viajado quilômetros. Meus braços pareciam ter remado por um oceano. Talvez eu *estivesse* sonhando, porque sonhos tinham tantas camadas, tantas partidas traiçoeiras e finais de finais que não conseguia firmar pé ou encontrar a mínima saliência na qual meus dedos pudessem se agarrar.

Estiquei os braços, sentindo o espaço ao meu redor.

Estranho. O caixão parecia ter mais de quatro lados. Eu me movi ao redor de costas, usando os saltos das botas para me empurrar em círculo, contando as paredes. Mas não tinha fim, e quando havia contado *doze*, tive certeza de ter dado mais de uma volta.

Eu me inclinei até meu pé direito, soltei o cadarço do gancho de metal da lateral da bota e a tirei. Virei de barriga para baixo, me aproximei de uma parede, procurando um canto, deixando o sapato ali como referência, e comecei a deslizar pelo chão no sentido anti-horário, contando com as mãos.

Um. Dois.

Fiquei virando assim, um animal cativo inspecionando os limites de sua jaula.

Três. Quatro. Cinco. Seis.

Toquei a bota novamente. *Seis lados.*

Um hexágono.

O horror tomou conta de mim novamente. Na verdade, ele tinha um rosto e pernas, uma fera enorme com pele de borracha preta, uma coluna ossuda e estava encarapitado bem ao meu lado, esperando que eu perdesse a esperança para poder se banquetear de mim. Lutei e chutei, batendo a cabeça muitas vezes, gritando por ajuda — *alguém, qualquer um* —, embora depois de algum tempo, quando não houve resposta, quando aquele barulho agudo tinha retornado, ricocheteando dentro do meu crânio como uma bala preguiçosa sem força para encontrar a saída, só consegui ficar deitado de costas, arfando, em meu caixão de seis lados.

Fechei os olhos, deixando o medo me inundar. Eu precisava me banhar nele, aceitá-lo, bebê-lo, deixar que me cobrisse como lama, para que se tornasse nada tão extraordinário, nada tão apavorante, *e então poderia pensar.*

Imagens passaram pela minha cabeça. Sam estava lá, jogando amarelinha em um chão xadrez. The Peak surgiu, escura e colossal, se erguendo em sua colina que cresceu demais, e então me vi de sobretudo, correndo por uma ponte, figuras como uma neblina negra me pegando, me apagando.

Elas deviam ter me jogado ali, em minha própria *Oubliette*. Por que não conseguia me lembrar? Minhas memórias tinham sido hackeadas, manipuladas, eliminadas, porque não havia nada de meu passado imediato — absolutamente nada.

Mas se havia uma *entrada*, havia uma *saída*.

Abri os olhos, me dando conta de que com minha agitação louca eu devia ter acidentalmente derrubado a mariposa do teto. Ela parecia ter buscado refúgio em um canto, e mais uma vez, agitando as asas, tentava escalar a parede.

Tomando cuidado para não esmagá-la, consegui recolocar a bota, depois girei de costas como um ponteiro de relógio. A cada centímetro que me movia, batia nas paredes com os pés. Avancei, os barulhos de pancadas eram estranhamente abafados, tanto desespero me inundando que eu sentia como se ele salpicasse meus cotovelos e pés.

Quando ouvi o quinto painel estalar, bati uma segunda vez. A madeira cedeu, lascando, caindo. Baixei o olhar para meus pés, o coração acelerado.

Um buraco retangular cinza me encarava de volta.

Eu me virei imediatamente, olhando pela abertura, minha euforia se transformando depressa em horror.

Não havia para onde ir. Apenas *outro* painel de madeira a sessenta centímetros de distância.

Parecia ser outra caixa.

Passei para ela. Havia um pouco mais de luz e mais espaço, embora meu antigo caixão ocupasse a maior parte dele por estar no centro. Também não conseguia me sentar ali, o teto era apenas alguns centímetros mais alto. Eu me arrastei de barriga pelo perímetro e quando passei pelo buraco do qual acabara de sair, sabia que eu tinha razão, pois fui parar em outra caixa hexagonal.

Que diabo era aquilo? Um inferno de caixões construídos como uma matrioshka, um dentro do outro e assim por diante até o infinito? Ou era um jogo mental feito a partir de uma gravura de M.C. Escher? Uma cena de um filme de Cordova — tentei pensar em todas as cenas de todos os filmes, mas sabia que nunca vira nada como aquilo.

Se saí do primeiro, posso sair do segundo. Apoiando as costas no primeiro hexágono, posicionando os pés nas paredes exteriores, bati em cada painel como fizera antes, contornando o perímetro.

Fiz isso uma, duas, *três* vezes. Nenhuma parede cedeu.

Inspecionei o primeiro caixão e consegui ver a madeira lisa pela luz fraca, os painéis laterais pintados de preto. A visão de repente despertou uma lembrança guardada bem fundo nos porões inundados pela tempestade da minha cabeça.

E então me atingiu, exatamente onde eu vira aquilo antes.

A compreensão foi tão chocante que podia me sentir despencar de qualquer que fosse a realidade frágil que estivera tocando, e caí para trás, girando pelo espaço frio e escuro.

“Aqui está”, dissera Beckman. “A caixa representa o limite misterioso entre a realidade e o faz de conta. (...) Porque cada um de nós tem sua caixa, uma câmara escura guardando aquilo que lancetou nosso coração. Contém aquilo pelo que você faria tudo, pelo que *anseia*, o que *distorce* tudo ao seu redor. E se fosse aberta, algo seria libertado? *Não*. Pois a prisão impenetrável com o cadeado impossível é a sua própria cabeça.”

Naquele exato instante, uma caixa como aquela estava sobre a mesinha de centro de Beckman, na sala de estar dele, ao lado de pilhas de jornais desbotados e de uma bandeja de chá. Era a infame caixa trancada que pertencera ao assassino de *Espere por mim aqui*, seu bem valioso contendo aquilo que o destruíra quando criança, uma caixa que nunca fora aberta. Beckman me flagrara tentando arrombar a tranca. E poucas semanas antes, quando fora visitá-lo, a segurara nas mãos, sacudindo-a, me divertindo ao ouvir os mesmos baques misteriosos do lado de dentro, pensando no que poderia ser.

Era eu. Aquelas coisas chacoalhando eram meus próprios ossos. *Aquilo que eu queria ver por dentro era onde eu estava trancado agora.*

Eu me ouvi engasgar alto com a ironia daquilo. Podia sentir lágrimas brotando em meus olhos, escorrendo por meu rosto. Era um fim cruel demais para conceber, uma punição que era puro Cordova. O homem estava me mostrando que era melhor deixar alguns mistérios intocados, que a verdade deles *era* o desconhecido. Tentar abri-los, deixar que seu conteúdo ficasse visível, era apenas destruir a si mesmo.

De repente, tomado por tamanha fúria, comecei a socar todas as paredes ao meu redor, repetidamente, como um réptil tentando eclodir. Empurrei o teto com as costas, ouvindo-o estalar e, pressionei o ombro contra ele até sentir ceder. Subi, saindo em um piso, piscando com o aumento de luz em um terceiro hexágono preto me cercando. *Quanto tempo isso vai durar? Quantas gaiolas são?* Esmurrei cada painel até outro ceder, depois mais um. Continuei escapando, me arrastando por paredes que se partiam, uma caixa dando lugar

a outra, avançando e recuando, subindo e descendo, às vezes ficava tão desorientado que precisava me sentar, deixando pernas e braços repousarem no chão, sentir de qual direção a gravidade vinha, para saber o que era cima e o que era baixo.

Não sabia por quantas caixas tinha engatinhado — sentia como se tivessem sido dezenas, a luz aumentando a cada uma, chegando cada vez mais perto —, quando, pressionando um teto, o chão cedeu de repente.

Luz brilhante, e *eu estava despencando...*

Estiquei a mão, agarrei a beirada da caixa segundos antes de cair, me pendurando desesperadamente enquanto o painel que eu acabara de quebrar atingia o chão.

Olhei para baixo, piscando.

Talvez fosse apenas minha visão falhando, meus olhos não mais capazes de registrar grandes profundidades ou espaço, pois parecia que eu estava pendurado no alto de um arranha-céu, o piso de concreto um quilômetro e meio *abaixo*.

Uma luz brilhante vinha de algum lugar, por uma janela que não dava para ver. Esticando o pescoço pude perceber que eu estava dentro de uma enorme torre de metal, balançando como um pedaço de *fio solto* saindo de um buraco na parte debaixo de uma grande estrutura de madeira que parecia suspensa pelo teto.

Não havia nada mais ali exceto *uma única escada de metal*, que se estendia do chão pela parede metálica, desaparecendo de vista além do alto da estrutura de madeira.

Eu tinha que chegar lá em cima. Não podia dar a volta por fora. *A única forma de sair era retornar para dentro.* Eu me ergui até os cotovelos, a estrutura inteira balançando perigosamente com o movimento. Os cabos ou cordas que mantinham aquela coisa suspensa no ar emitiram *rangidos* perturbadores, como se aquilo tudo estivesse literalmente por um fio — como se *eu* estivesse por um fio.

Consegui me içar para dentro da caixa, e então, tentando manter meus movimentos suaves para não deslocar a estrutura toda, me arrastei para dentro de cada buraco que abria em cada hexágono. Era nauseante fazer aquilo,

estar voltando para *dentro* das caixas das quais acabara de me libertar, minha mente protestando à medida que a luz ao meu redor diminuía, como se conforme ela fosse sumindo, levasse junto toda minha esperança de escapar. Para sempre.

Passei as horas seguintes procurando outra forma de sair, esmurrando os outros painéis nos outros hexágonos, tentando descobrir quais paredes me levariam para o alto — para aquela escada.

Mas não importava com quanta força batesse, nada cedia.

Não conseguia deixar de suspeitar de que, em minha demolição grosseira, em minha fúria, eu tinha inadvertidamente destruído a saída *certa* dali, o *único* caminho, e agora eu só podia esperar pelo inevitável.

O tempo se tornou um líquido leitoso no qual me permiti flutuar para longe daquela caixa em sua corrente preguiçosa, para a frente e para trás.

Então me dei conta de que estava deitado sobre o lado direito, olhando pelo furo que eu fizera no primeiro caixão. Um repentino som de asas chamou minha atenção, me despertando de um transe.

A mariposa.

Eu me esquecera dela. Fiquei sufocado de alívio com a simples visão, a compreensão de que não estava só. Ela caminhava pelo teto, mas caiu, e então se levantou com calma e seguiu outra vez para uma das paredes. Eu me curvei, colocando-a gentilmente na mão. Mexendo as antenas, ela começou a circular, explorando os limites de sua nova gaiola, que era, claro, a palma da minha mão.

Então eu ia morrer ali. *Deixar minha vidinha.*

Eu mal a gastara. A vida tinha sido um terno que eu só vestira para ocasiões especiais. A maior parte do tempo o guardava no fundo do armário, me esquecendo de que estava ali. Deveríamos morrer quando as costuras não agentassem mais, quando cotovelos e joelhos estivessem manchados de grama e lama, ombreiras irregulares de pessoas o abraçando o tempo todo, tempestades e sol causticante, o tecido desbotado, botões perdidos.

Sam me veio à mente.

Veio como sempre vinha, caminhando até mim com seus pés marrons descalços e seu rosto sábio, baixando o olhar para mim, torcendo o nariz. O

que ela pensaria quando Cynthia lhe contasse que eu tinha desaparecido? Eu me tornaria um mistério ao qual ela dedicaria a vida. Eu me tornaria um herói, um explorador do mundo que sumira procurando por um tesouro enterrado em alto-mar, mais corajoso do que fora um dia na vida real. Ou *não* — eu seria uma caverna em seu coração que ela fecharia com tijolos e colocaria papel de parede, vasos de plantas e penduraria quadros na frente, para que ninguém nunca soubesse que aquela passagem úmida e vazia nem sequer estava ali.

Eu podia ouvir Beckman, como se de repente estivesse ali, olhando de forma dúbia para as paredes que me trancavam antes de virar a vodca no copo que tinha nas mãos. *Eu não o avisei, McGrath, que capturar Cordova era tentar prender sombras em um pote? Você queria a verdade. Aqui está. São caixas dentro de caixas. O que lhe deu tanta certeza de que poderia decifrá-lo um dia? Que havia respostas para as perguntas dele?*

Mas o que Beckman tinha gritado quando me flagrara ebriamente tentando arrombar a fechadura daquela caixa hexagonal? “Traidor!” “Filisteu!” Só que antes de bater a porta na minha cara ele dissera *algo mais*.

“Você nem sequer conseguia ver por onde abrir.”

Era uma dica de que eu não estava *vendo* tudo, não o quadro completo, que eu estava cego para algo, que a saída não era a saída.

Eu entendera errado.

Notei que a mariposa conseguia voar mesmo com a asa machucada. Estava novamente caminhando pelo teto daquela primeira caixa. Enfiei a cabeça lá dentro, vendo-a se mover em círculos, e então, mexendo as antenas e as pernas, ela parou, depois deslizou por um buraco na madeira, desaparecendo de vista.

Estiquei o braço, passando as mãos pelo teto, sentindo o local onde a mariposa desaparecera, uma abertura do tamanho de um grão de arroz. Passando os dedos por ela senti algo mais, *um encaixe*. Toquei minhas roupas, que pareciam estranhamente desconhecidas e desligadas de mim, como se eu estivesse revirando os bolsos de *outro homem*, um homem que desmaiara ou morrera. Procurei, esperando encontrar algum tipo de

ferramenta, mas o único objeto que consegui achar foi uma espécie de pingente em meu pescoço.

Era a corrente de São Bento que Nora me dera. Eu a arranquei do pescoço e, enfiando o metal na fissura, o passei pelo sulco. Após ter dado a volta inteira, pude ver que era um tipo de porta circular. Consegui levantar alguns centímetros da madeira, o suficiente para enfiar os dedos por baixo dela. A porta, um painel circular, se soltou em minhas mãos, caindo.

Eu estava olhando para um cano preto totalmente desprovido de luz, nada visível no final. Eu me estiquei, passando as mãos pelas laterais de metal lisas, raspando acidentalmente na mariposa.

Ela caiu em minha bochecha.

Rolei, pegando o inseto com a mão, e então, me assegurando de que estava bem, o enfiei no bolso interno do casaco, onde esperava que permanecesse seguro e vivo. Depois forcei minha entrada no cano. Era terrivelmente apertado, como estar preso em uma antiga passagem de ar. Não havia degraus por onde subir, nada em que se agarrar. Tudo o que eu podia fazer era avançar cegamente por aquilo, pressionando as laterais com toda a força que eu tinha, me firmando com as solas das botas. Após alguns metros encontrei uma parede.

Pressionei. Ela abriu com facilidade e a joguei para trás, piscando à luz brilhante.

A escada de metal estava logo acima da minha cabeça, aparafusada ao teto.

Saí para o teto do hexágono de madeira, olhando ao meu redor. *Esta caixa na qual estava era uma réplica perfeita da que havia na casa de Beckman.* A luz entrava pelas janelas estreitas no teto, embora não houvesse árvores visíveis nem céu, apenas luz branca. Eu não sabia dizer se era luz artificial ou o sol.

Dei outro passo. De repente houve uma sacudida e um *estalo* agudo.

Estendi a mão, segurando o degrau da escada no instante em que toda a caixa hexagonal sacudia sob meus pés, balançando, por um momento, em um pedaço de fio antes de se soltar. E então a caixa inteira despencou, caindo,

girando, do céu. Houve um barulho de sucção e depois uma explosão quando as caixas se espatifaram no chão abaixo.

Eu não esperei e não olhei para baixo. Balancei de um degrau para outro, indo na direção daquela parede à minha frente na qual a escada serpenteava para baixo. Enquanto me movia, notei espantado que a pequena mariposa branca tinha conseguido escapar do bolso do meu casaco. Estava andando pelo meu braço, pelo punho da manga, deslizando sobre o relógio.

Ainda eram apenas 7:58.

Chegando à parede da torre, comecei a descer, as barras de metal escorregando ansiosas em minhas mãos e debaixo das minhas botas. Mas então comecei a me dar conta, horrorizado, de que o chão, com suas pilhas de madeira quebrada, não estava se aproximando, independentemente do quanto eu descesse. Nunca iria alcançar o chão, nunca o sentiria firme sob meus pés, nunca iria acordar.

De repente eu não estava mais em uma escada metálica.

Estava correndo freneticamente por outro corredor preto. Parecia exatamente igual àquele que levava à encruzilhada. *Será que eu tinha passado dias andando por ele e, ao não chegar ao fim, simplesmente me deitara no chão e caíra no sono?*

Ou desmaiara no sofá da sala de estar de *Anjinhos*?

Subitamente, alcancei uma parede com uma escada. No alto havia outra portinhola de madeira. Subi, deslizei as travas e a abri.

Eu estava em uma fábrica abandonada, cercado por máquinas enormes com lâminas enferrujadas, pilhas de troncos nus e entulho. Saí, correndo por um piso cheio de lascas de madeira e serragem, seguindo para uma portinha...

Que porra estava acontecendo? Eu estava do lado de fora, correndo por um campo com grama alta até a cintura, cruzando velhos trilhos de ferrovia. Disparava por um vagão dilapidado no qual alguém pichara outro pássaro vermelho, quando me dei conta de que estava correndo o tempo todo de olhos fechados.

Eu os abri.



UM SOL OFUSCANTE ATINGIU MEUS olhos.

— Acho que ele está *morto*.

— Cara. Você consegue me ouvir?

Algo pontudo tocou meu ombro.

— Ai, meu Deus. Não toque nele. Está coberto de vermes.

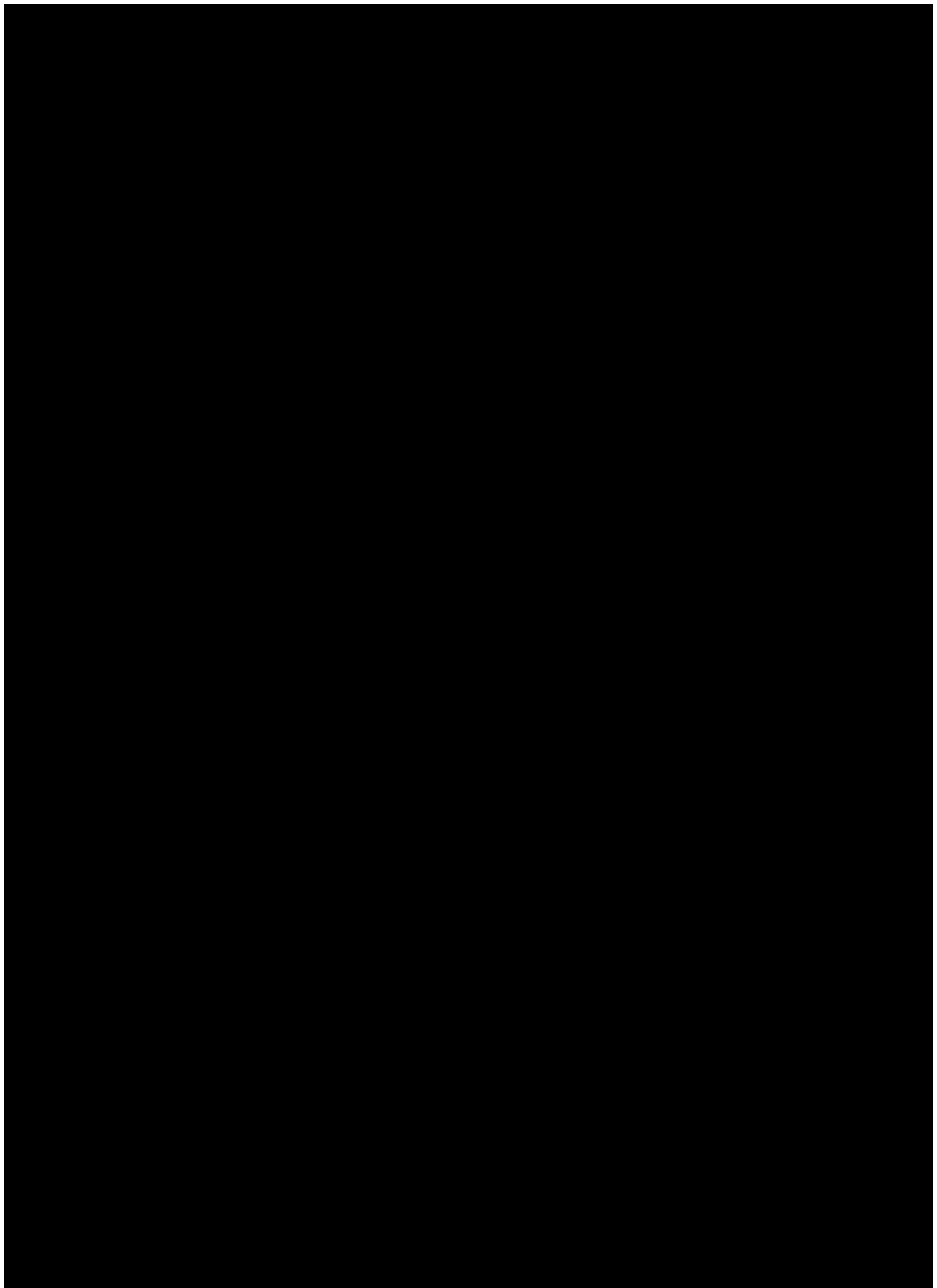
— Isso não é um verme. É uma mariposa.

Abri a boca para falar, mas não consegui. Minha garganta parecia ter sido queimada. A visão voltou lentamente aos meus olhos. Eu estava deitado de lado em uma vala enlameada. Dois adolescentes, um rapaz e uma garota, baixavam o olhar para mim. O rapaz parecia ter me cutucado com um galho comprido. Atrás deles havia uma van azul estacionada no acostamento da estrada.

— Quer que a gente chame uma ambulância? — perguntou a garota.

Rolei e me levantei, a cabeça latejando. Baixei os olhos para o meu corpo, fazendo um registro rápido. Vestia um sobretudo pesado, calças de veludo cotelê, botas de caminhada, meias com padronagem geométrica, sendo que uma delas estava coberta de lama preta. Minha mão direita, toda suja, agarrava algo. Meus dedos pareciam mortos, como se os ossos tivessem sido quebrados, a pele inchada e dura ao redor, porque se recusavam a afrouxar o aperto no que seguravam com tanta determinação, que me dei conta de ser uma bússola de latão com vidro estilhaçado.

E eu estava vivo.



— VOCÊ ESTEVE sumido por *três* dias — disse Nora.

Eu só consegui olhar de volta para ela, incapaz de falar.

Eu passara três dias perdido em The Peak. Como isso era possível?

E o fato de que nós três estávamos *juntos* agora, vivos, ilesos, reunidos em uma baía isolada nos fundos de um restaurante do interior chamado Dixie's Diner também era bizarro. As quatro últimas horas haviam se passado como uma névoa, cheguei a me perguntar se havia um atraso de um minuto entre o que acontecia no mundo e o que meu cérebro estava percebendo.

Ao me levantar daquela vala, eu convencera os dois adolescentes a *não* chamar a polícia e me dar uma carona de volta ao Evening View Motel em Childwold. Pareceram muito *entusiasmados* em concordar, provavelmente por causa de sua suspeita de que eu poderia muito bem ser a matéria de capa dos noticiários locais, tendo eles como principais testemunhas. Enquanto seguíamos no carro, eles me informaram alegremente que me encontraram enquanto executavam um projeto de limpeza da escola, coletando lixo na lateral da estrada.

— Pensamos que você estava morto — disse o garoto.

— Que dia é hoje? — consegui perguntar.

— Sábado — respondeu a garota, lançando um olhar chocado para o menino.

Sábado? Jesus Cristo. Tínhamos invadido The Peak quarta-feira à noite.

Eles me encontraram na Estrada Mount Arab, perto da New York 3 e de Tupper Lake, que, de tanto olhar os mapas da região, eu sabia que ficava a cerca de vinte e três quilômetros do lago Lows, uns trinta e dois quilômetros de The Peak. *Será que eu estava correndo pela floresta e desmaiara? Ou*

alguém me levara de carro para lá e jogara meu corpo ao lado da estrada como se fosse um saco de lixo?

Eu não fazia ideia. Minhas memórias pareciam ter sido espancadas, rasgadas e amassadas, espalhadas aleatoriamente pela minha cabeça.

Quando os adolescentes me perguntaram o que havia acontecido, consegui inventar a desculpa de ter bebido demais na noite anterior durante uma despedida de solteiro, me perdendo dos meus amigos. Mas quanto mais dirigíamos, minha confusão sobre onde eu acordara e o que afinal tinha acontecido comigo rapidamente se transformou em paranoia sobre o meu *presente*, incluindo aqueles dois garotos que tinham me encontrado aleatoriamente. Havia algo neles que era *vívido* demais — o sinal de paz rabiscado em tinta azul no braço dele, os pés descalços dela apoiados no porta-luvas, unhas pintadas de amarelo, o modo como ele aumentava o rádio que tocava “Tangled Up in Blue”, de Dylan. Pareciam personagens brilhantemente construídos de outro filme de Cordova. A desconfiança fez meu coração começar a bater acelerado de preocupação enquanto me sentava no banco de trás, vendo o enfeite de folha de maconha balançar no retrovisor.

Não consegui acreditar completamente que *poderia* estar livre de The Peak até entrarmos no estacionamento do Evening View. Agradei aos garotos e saltei, esperando que voltassem para a estrada principal, acelerando para longe, antes de seguir para o quarto dezenove.

Não fiz nada além de olhar para a porta por um momento, imaginando o que encontraria do outro lado.

Um quarto vazio, intocado desde que saímos dele? Ou será que agora havia um estranho hospedado ali, alguém que alegava estar lá havia três semanas, nenhum sinal de Hopper ou Nora? Ou minha batida seria atendida por uma daquelas figuras de manto preto, o pesadelo apenas recomeçando?

Bati. Houve uma longa pausa.

E então a porta, trancada por dentro, abriu só uma fresta — alguém espiando o lado de fora. Ela foi fechada novamente, a corrente, deslizada, e de repente Nora estava lançando os braços sobre o meu pescoço. Hopper apareceu logo atrás dela, nos chamando para dentro em silêncio, olhando desconfiado para o estacionamento antes de fechar e trancar a porta.

A primeira coisa que decidimos fazer foi sair do motel, entrar no carro e desaparecer dali. Nora estava agitada, e reparei que tinha arranhões terríveis nas bochechas. Não parava de dizer: “O que aconteceu com você? Pensamos que tinham *pegado* você. *Pensamos...*” Mas Hopper interrompeu dizendo apenas que tínhamos que sair dali *naquele momento* e poderíamos conversar quando estivéssemos longe daquele lugar, sua explicação foi sucinta, pois havia notado um Pontiac marrom e amassado circulando pelo estacionamento.

— Só podem ser *eles* — murmurou, fechando seu agasalho cinza com capuz e pegando o cantil na cama. — As janelas são escuras. Parece ser dos anos setenta. *E* está sem um farol.

Enquanto eu os observava circular pelo quarto, enfiando apressadamente roupas, artigos de banho e salgadinhos nas mochilas, lembrei que não tinha mais a minha.

Onde eu havia deixado minha mochila? Aquelas figuras a tinham tirado de mim.

Tonto, fui para a frente do espelho que ficava ao lado de uma das camas e vi que ainda estava usando o casaco espinha de peixe de Brad Jackson. Seu enorme peso se devia não apenas à umidade e à lama, mas aos *bolsos* — estavam cheios de *objetos*, um dos quais, notei, ao tirá-lo com uma onda de náusea, eu nem sequer me lembrava de *ter visto*, quanto mais carregar comigo.

E então vi meu *rosto*. Entendi o choque dos adolescentes, e até mesmo os olhares tortos de Nora e Hopper.

Eu parecia *louco*. Não havia outra palavra para descrever aquilo.

Lavei a lama no banheiro, vendo a gosma espessa escorrer pelo ralo.

Deixamos depressa o motel, Hopper indo para trás do volante.

Voltaram com o Jeep, mas sem a canoa. Quis perguntar a eles sobre isso, mas de repente me senti tão cansado que não tive forças. Hopper dirigia como se estivéssemos sendo seguidos, indo por estradas desertas; pinheiros, bordos e campos vazios passavam depressa pelo retrovisor. Nora, no banco do carona ao lado dele, estava calma, as mãos cruzadas no colo.

— Está vendo o Pontiac? — sussurrou ela.

Ele negou com um aceno de cabeça.

Estávamos dirigindo por cerca de três horas quando Nora apontou para uma casa de fazenda branca ao lado da estrada — *Dixie's Diner, A comida caseira que é terrivelmente boa!* — com o estacionamento lotado. Só então senti que poderia voltar ao normal. Meu braço direito dava sinais de vida, formigando como se estivesse cheio de agulhas. Meus dedos se moviam de novo, embora a palma da minha mão que ficara segurando aquela bússola estivesse inchada. O horror de The Peak parecia estar secando em mim, como se fosse uma água negra na qual estivera nadando e ia então evaporando da minha pele, deixando uma leve camada.

Nós três entramos no restaurante e Hopper pediu para a recepcionista uma mesa discreta nos fundos.

— O que aconteceu com seus *braços*? — perguntou Nora enquanto seguíamos para os fundos.

Eu não entendi o que ela queria dizer. Eu tirara o casaco, arregaçara as mangas e agora via que meus braços estavam cobertos com uma irritação de aparência horrível. Enquanto nos acomodávamos na mesa, Nora falou:

— Ficamos esperando você por três dias.

— *Meu Deus* — disse Hopper. — Deixe ele *comer*.

Pedimos comida, e consegui entender pelos comentários desarticulados e remontados que nos três dias que eu passara sumido, afora algumas buscas ao longo das estradas ao redor de The Peak, eles tinham ficado paranoicos e preocupados demais comigo para sair do motel. Não tinham deixado The Peak juntos. Nora fora a primeira a voltar, chegando ao quarto às cinco da manhã da madrugada em que invadimos. Apenas às seis horas daquela tarde, na quinta-feira, Hopper aparecera, dirigindo o Jeep.

— Achei que teria que procurar a polícia — disse Nora. — Não sabia o que iria *dizer*. “Invadimos ilegalmente essa propriedade e agora meus cúmplices estão sendo mantidos reféns.” Consegui o número de sua amiga policial, Sharon Falcone. Ela não atendeu.

— Aceitam sobremesa? — perguntou a garçonete, surgindo de repente ao lado da mesa.

— Quero uma fatia de torta de maçã — falei, rouco.

— Mais alguém?

Nora e Hopper me olharam, surpresos. *Eu mesmo* fiquei surpreso. Era a primeira vez que conseguia falar com uma voz normal.

Eles pediram torta e café, e então, depois que a garçonete trouxe a comida, Nora, que estivera tão agitada e falante durante a refeição, acabou ficando quieta, tocando os arranhões no rosto como se para conferir se ainda estavam ali. Hopper pareceu perdido em pensamentos. Ficou óbvio naquele momento que os dois não estavam simplesmente chateados com o *meu* sumiço de três dias. Cada um tivera as próprias experiências estranhas lá.

Também notei, desconfortável, olhando ao redor, que o Dixie's Diner, tão animado e movimentado *minutos* antes, tinha esvaziado inesperadamente.

Agora éramos só nós três e, debruçado sobre o balcão, um homem idoso de camisa de flanela xadrez verde e preta, que parecia tão curvado e comprido quanto a bengala apoiada ao lado. Era como se os sussurros do que estávamos contando um ao outro sobre The Peak já tivessem tomado o ar ali, escorrendo de nossas bocas, escurecendo o lugar, e qualquer alma inocente ou pessoa despreocupada não poderia deixar de sentir inconscientemente que estava na hora de ir.

— Vamos começar pela canoa — falei.

— NÃO SABEMOS o que aconteceu com ela — respondeu Nora. — Achamos que eles a levaram.

— *Eles?*

— As pessoas que moram lá.

Ela olhou para Hopper, insegura. Ele não acrescentou nada a isso, apenas passou o indicador pela alça da caneca de café, franzindo o cenho.

— Eu lhe disse para me esperar no lago — falei para Nora.

— Essa era a minha *intenção*. Mas quando desci a colina correndo, me confundi e fui muito para o norte. Estava retornando em direção à canoa quando alguém agarrou meu ombro por trás. Eu gritei, usei o spray de pimenta e então simplesmente *corri*.

— Você viu o rosto do homem? — *O grito que eu ouvi, havia sido Nora.*

Ela fez que não com a cabeça.

— Ele tinha uma lanterna. Acabou me *cegando* com ela. Continuei correndo sem parar, até me dar conta de que não havia ninguém atrás de mim. Depois de uma hora cheguei a uma estrada de terra sinuosa na floresta. Desci por ela, esperando que me levasse para fora da propriedade e assim eu poderia pedir ajuda.

Ficou em silêncio de repente, voltando a olhar para Hopper, apreensiva.

— Ela a levou para fora da propriedade? — perguntei.

Ela negou com um movimento de cabeça.

— Aonde a *levou*? — perguntei quando Nora não prosseguiu.

— A um pátio de concreto. Uma picape velha estava estacionada lá. No centro havia umas *caixas* de metal gigantescas. Cinco enfileiradas. Inicialmente achei que deveria ser uma instalação elétrica usada para abastecer a propriedade. Ou talvez fossem *armadilhas* para animais

selvagens. Pareciam cruéis. Mas então senti cheiro de fumaça. Cheguei mais perto e, apontando a lanterna para elas, vi que cada uma tinha uma porta enferrujada e uma chaminé se projetando no ar. Havia um pó cinza-claro espalhado por todo o chão. Só ao andar por ele me dei conta de que eram *cinzas*. As caixas eram incineradores. E tinham sido usados recentemente, porque ainda dava para sentir calor emanando deles.

Incineradores.

A palavra de repente me fez lembrar daqueles túneis que originavam da alcova subterrânea, as entradas enegrecidas e as palavras rudimentares rabiscadas com tinta branca acima das aberturas. Não podia acreditar, e não sabia como, mas me lembrava de cada uma, como se fossem o refrão de uma canção de ninar que eu havia cantado quando criança, a letra gravada para sempre em minha cabeça.

Guarita. Mansão. Lago. Estábulo. Oficina. Mirante. Troféu. Pincoya Negra. Cemitério. Sra. Peabody. Laboratório. O Z. Encruzilhada.

Nora franziu o cenho.

— Lembrei-me do vizinho próximo no trailer que você entrevistou, Nelson Garcia, que lhe contou que os Cordova queimavam todo o lixo deles. Andei até um e destranquei a porta. Não havia nada além de paredes negras, pilhas e mais pilhas de cinzas. O cheiro era medonho. Sintético, mas *doce*. Abri as outras portas, passei um galho de árvore pelas cinzas para ver se sobrara algo. Não havia nada, nem um fio de cabelo. Comecei a examinar o chão, tentando achar alguma evidência do que eles estavam tendo tanto trabalho para destruir. Só ao inspecionar a picape encontrei algo.

— O quê?

— Um tubo de vidro usado em consultório para coletar sangue. Estava caído no canto da caçamba. Parecia vazio, mas na lateral havia um pequeno selo rosa com um símbolo de *risco biológico*. Devem usar a picape para transportar lixo médico ou tóxico de algum lugar em The Peak para queimar naqueles fornos. O frasco deve ter caído acidentalmente. — Ela respirou fundo. — Isso me fez pensar se toda a área estaria contaminada. Comecei a ficar enjoada, então corri. — Ela encarou a mesa à sua frente. — Tinha a sensação de que alguém estava me seguindo, mas sempre que olhava ao meu

redor não havia ninguém. Quando cheguei à cerca, nem pensei, passei direto por cima. Não ligava se morresse, fosse eletrocutada ou me cortasse. Passei direto pelo arame farpado, não senti *nada*. Só queria *sair*, e nada iria me deter.

— Como voltou para o motel?

— Cheguei a uma estrada asfaltada, devia ser por volta das quatro da manhã, e uma van vermelha parou, uma velhinha atrás do volante. Ela me ofereceu carona. Eu estava petrificada. Tive certeza de que era uma das moradoras da cidade. Até *parecia* uma bruxa, com uma blusa verde e todos aqueles anéis nos dedos. Mas eu estava tão cansada e ela parecia tão frágil que entrei. Ela me levou direto para o motel e disse: “Cuide-se, menina.” E foi isso. Nada aconteceu. Entrei cambaleando no quarto e dormi por treze horas.

Olhei para ela. Podia sentir as ondas de outra dor de cabeça chegando, mas tentei me concentrar, pensar. *Um frasco de vidro usado para coletar sangue? Lixo médico?* Por que Cordova teria essas coisas — para usar em outro filme?

A menção que ela fez a Nelson Garcia me fez lembrar do outro incidente que ele me contou, a entrega pela UPS de equipamento médico destinado a The Peak, mas deixado por acidente no trailer dele. Nada que tínhamos descoberto durante a investigação, ninguém que tínhamos entrevistado mencionara um detalhe que validasse essa história ou a desconfiança de Garcia de que havia alguém ferido ou doente em The Peak — exceto talvez agora, com Nora e os incineradores que acabara de descrever.

Hopper a escutava com uma aborrecida indiferença, de vez em quando olhava feio para ela quando mencionava algum detalhe específico — a palavra *incineradores*, o frasco de vidro com rótulo de *risco biológico*.

— E quanto a você? — perguntei a ele. — O que aconteceu?

— Hopper entrou na mansão — disse Nora, eufórica. — Encontrou o *quarto* de Ashley...

— Não tenho certeza de que era o quarto dela — contestou ele.

— Mas... é claro que tem. — Ela ficou claramente surpresa com a hesitação repentina dele e se virou para mim, inclinando-se mais para perto.

— Encontrou *cartas* que ele tinha escrito para Ashley, às quais ela nunca respondera. Eram guardadas em segurança, organizadas, bem ao lado da cama. Parecia que ela as tinha lido um milhão de vezes. E havia fotografias deles juntos no alto da escrivaninha. Depois, ele encontrou a sala de ensaio dela...

— Eu *não sei* se era a sala de ensaio...

— Mas você encontrou no piano uma peça que ela tinha escrito, chamada *Pata de Tigre*.

— *Pata de Tigre*? — perguntei, confuso.

— O nome tribal de Hopper no acampamento.

Hopper pareceu lívido.

— Não sei *o que* encontrei lá, está bem? Não sei.

— Como entrou na casa? — perguntei a ele.

— Escalei até o telhado. Encontrei uma janela destrancada.

— Como estava por dentro? Abandonada?

— Não. Estava... *legal*. — Ele afastou o cabelo da frente dos olhos, não parecendo disposto a elaborar mais, só que como eu esperava ansioso, ele suspirou. — Era um castelo. Gigantesco. Deprimente para cacete. Paredes de mogno. Tapeçarias com unicórnios. Cabeças de urso rosnando. Pinturas retratando dilúvios, violência e pessoas sofrendo. Cadeiras de madeira grandes como tronos. Espadas de cavaleiros penduradas na parede e um lustre de ferro com velas brancas queimadas cobertas de cera. *Não* que eu tivesse muito tempo para *admirar*. Alguém levou os cachorros para dentro de novo. Encontrei uma escada nos fundos, fui para o porão, me enfiei no primeiro cômodo que encontrei destrancado e fiquei escondido ali por horas.

— Estava repleto com *milhares de arquivos* — acrescentou Nora.

— Arquivos? — perguntei. — Contendo o quê?

— Fotos de atores. *Milhões* de fotografias e currículos com observações bizarras escritas atrás.

Ela esperou que Hopper explicasse para mim, mas ele novamente pareceu furioso com a sinceridade dela.

— Que tipo de observações? — pressionei quando nenhum dos dois falou.

— Detalhes pessoais — disse Hopper.

— Tipo o quê?

— Histórico. Fobias. Segredos.

— Só podiam ser de atores que Cordova cogitara para papéis — disse Nora. — Isso me lembrou do teste que Olivia Endicott descreveu. Lembra-se de como ele lhe fez aquelas bizarras perguntas pessoais? — Ela olhou para Hopper. — Qual foi aquela sobre a qual você me contou? A mulher chamada Shell Baker?

— A fotografia parecia ser dos anos setenta — falou. — Alguém tinha escrito no verso: “Sem família a não ser um irmão na Marinha, odeia gatos, diabética, não gosta de ficar sozinha, sexualmente inexperiente”. Outra era tipo “Criada no Texas, acidente de carro aos cinco anos, usou colete torácico por um ano, dolorosamente tímida”.

— Trouxe alguma com você? — perguntei.

Ele pareceu irritado com a pergunta.

— Por quê?

— Como prova.

— Não. Coloquei de volta e sumi dali.

— Depois Hopper achou uma câmara de *tortura* — soltou Nora.

— Não era uma câmara de tortura — contestou, irritado. Olhou para mim. — Em outra sala do porão havia muitas macas, tábuas de madeira, arreios de metal, antiguidades; eu não sabia o que era metade daquela merda. Saí, subi me esgueirando para o terceiro andar. Encontrei o que acho que era o quarto de Ashley, estava olhando ao redor quando acidentalmente derrubei uma luminária. Alguém deve ter me ouvido, porque pude escutar que subiam as escadas. Disparei para dentro de um armário enquanto essa pessoa, que parecia mulher, circulava por ali. Ela ajeitou a luminária e depois saiu. Só que me trancou lá. Eu não conseguia destrancar a porta por dentro. Estava prestes a desaparafusar a maçaneta, mas então ouvi um dos cachorros do lado de fora da porta. Ele devia saber que eu estava ali. Mas não latiu. Havia enormes janelas no quarto, voltadas para a colina e para o lago Pond, mas quando me esgueirei para fora vi que era uma queda íngreme. Passei a noite toda no quarto, em silêncio, esperando que o cão saísse. Por volta das cinco da manhã

alguém assoviou, e ele desceu as escadas correndo. Desaparafusei a maçaneta, consegui sair da casa sem encontrar ninguém. Fui em linha reta até a canoa, mas claro que ela tinha sumido. Então simplesmente segui o mesmo riacho pelo qual tínhamos entrado. Mas me perdi. Acabei me enfiando em um pântano e fiquei com lama até o peito. Encontrei um grupo acampado que me olhou como se eu fosse o monstro do lago Ness. Disseram que eu estava em um trecho chamado Área Primitiva do Lago Hitchins, que fica a leste do lago Lows. Eram seis da tarde quando consegui voltar para onde deixamos o Jeep.

— Algum sinal que confirme que um dos Cordova mora na casa? — perguntei.

— Não. O andar de cima era onde ficavam os quartos da família. Ninguém dormiu lá a noite toda. Acho que as outras pessoas com os cães eram caseiros. Mas eu não vi nenhum deles de perto.

— Você não entrou em nenhum outro cômodo no porão?

— Não. Estavam todos trancados.

— E em cima? Algo incomum?

Ele assentiu, o rosto sombrio.

— Encontrei uma ala fechada nos fundos da casa. Ao subir uma escada em espiral para a torre havia uma suíte. Metade dela era nova em folha. Ripas de madeira novinhas no piso. Era possível ver onde as velhas encontravam as novas. Fiquei pensando se teria sido reformada depois de um incêndio. E que talvez aquele tenha sido o quarto do Aranha. Mas não havia nada lá. Nenhuma fotografia, nenhum *colarinho clerical*. Nada.

— E quanto à esse Pontiac que você viu no estacionamento do Evening View?

— Acho que é de um dos funcionários. Tive que deixar a maçaneta do quarto de Ashley solta, então sabem que alguém entrou no quarto.

— Algum sinal de que ela esteve lá nos dias anteriores a sua morte?

— Sim — admitiu em voz baixa. — Não sei como, mas... — Um sorriso passou por seu rosto, mas logo se apagou. — Ela ainda estava no ar.

Evitando contato visual de propósito, ele tomou um gole de café.

— Agora é sua vez — sussurrou Nora ansiosa, se inclinando para a frente.

O QUE TINHA acontecido comigo? Será que eu sabia?

Contei a eles tudo de que me lembrava, começando com os cachorros me perseguindo por todo o caminho e terminando com meu retorno ao Motel Evening View. Não escolhi conscientemente contar em tantos detalhes — Nora parecia perturbada, Hopper levemente furioso, o que me levou a pensar se era sábio ser tão aberto —, mas cada palavra que eu pronunciava parecia libertar a seguinte, até toda confusão e todo horror desmoronarem em uma avalanche.

Quando terminei, eles não disseram nada por um momento, ficaram sem palavras. E eu estava aliviado. Acho que em todos os meus anos de reportagem nunca senti tanta necessidade de contar a alguém exatamente o que tinha acontecido, como se ao fazer isso eu fosse finalmente sair dali, escapar daqueles túneis e sombras, de uma vez por todas.

— O que quer dizer com ter encontrado nos bolsos do casaco de Brad algo que não se lembra de ter pegado? — sussurrou Nora.

Antes de responder olhei ao redor para garantir que nossa garçonete ainda estava na cozinha. Éramos os únicos ainda no restaurante. Até mesmo o homem idoso que estivera sentado ao balcão agora saía pela porta, se apoiando pesadamente na bengala, cada passo um esforço.

O casaco coberto de lama de Brad Jackson estava dobrado no assento ao meu lado.

Eu o peguei e, objeto por objeto, esvaziei os bolsos, colocando cada um na mesa diante de nós. *A bússola de Popcorn. A camisa de criança encharcada de sangue.* Eles pareciam bizarros ali sob a luz artificial, fora de lugar, lembranças de um pesadelo.

— *Esses eu me lembro de pegar* — falei. — *Mas não este.*

Enfiei a mão no bolso e tirei o último objeto do fundo. Era um conjunto de ossos com três articulações, gasto e sujo, que tinha uns dez centímetros de comprimento.

— O que é isto? — perguntou Nora.

— Para mim parece ser uma parte do pé de uma criança. Mas não sei.

— De onde veio isto?

— Acho que deparei com isto em algum lugar e peguei, pensando que poderia ser uma prova, mas realmente não lembro.

O olhar assustado de Nora se desviou dos ossos na mesa e se dirigiu para mim.

— Você não lembra se aquelas pessoas *fizeram* alguma coisa com você ou...

— Não.

— Como você entrou naquele hexágono?

Neguei com um aceno de cabeça.

— É óbvio que foi drogado — disse Hopper.

Nora mordeu o lábio, ansiosa.

— E agora o que fazemos?

— Temos que analisar algumas dessas coisas — falei. — Descobrir se o sangue na camisa é de uma pessoa ou se são ossos humanos. Se for, precisamos descobrir a quem pertencem. O Aranha estava certo em sua desconfiança? Será que há uma mãe por aí esperando notícias do filho desaparecido? Não posso provar que o que vi lá era real, mas *posso* provar que Cordova acreditava na maldição. Até que ponto ele chegou em seu esforço e em sua esperança para salvar Ashley? O homem misturava ficção e realidade. Sua arte e sua vida eram a mesma coisa.

— Não foi isso que decidimos — murmurou Hopper. — Antes de invadir The Peak fizemos um acordo de que *todos os três* iríamos decidir o que fazer com a informação. Não apenas *você*.

— Mas ainda não sabemos o que temos.

— O que você quer *ganhar* com tudo isso? — Ele me encarou acusadoramente. — Seu nome na *porra do estrelato*? A glória de despir o grande Cordova e desfilar com ele na correia diante do mundo para que todos

possam ver? Para que possa se vangloriar de que isso é o que ele realmente é? E que ele não era *tão importante*? Acha que é o que Ashley iria querer?

— Não sei o que ela queria.

— Isso não é seu bilhete de loteria. Isso é a *vida* dela. Não vou deixar você transformá-la em uma matéria vagabunda de tabloide...

— Ninguém está sugerindo que...

— *Sabemos* pelo que ela passou — continuou ele, com raiva. — Sabemos o tipo de hospício no qual cresceu, que tipo de família teve. Como levou a vida. Sabemos por que ela subiu sozinha até o alto daquele poço de elevador no meio da noite e *saltou*. Foi para botar um *fim* nisso. Nós *sabemos*. Você até mesmo viu aquela vala cheia de sapatos e luvas. Então, quando é o bastante? Quanto mais *verdade* você precisa *sugar* até estar *cheio*, *cacete*?

Ele empurrou o prato, furioso, o garfo caindo no chão, e saiu a passos largos do restaurante, a porta batendo atrás dele.

— Ele viu alguma coisa lá — sussurrou Nora. — Não sei o quê. Provavelmente nunca contará a ninguém.

Tinha começado a chover, e Hopper, fechando a jaqueta, olhando para o chão, se afastou da janela, saindo de vista.

— O que quer ele estivesse procurando, o que quer quisesse dela, encontrou — disse Nora.

A VIAGEM DE volta à cidade foi tensa e silenciosa a maior parte do tempo. Parei na River Rentals Inc. em Pine Lake para ressarcir integralmente a canoa desaparecida no rio Souris, explicando ao garoto com dreadlocks atrás do balcão que ela tinha sido destruída.

— *Sério?* O que aconteceu, cara?

Eu só lhe entreguei o cartão de crédito. *Ele decididamente não iria querer saber.*

Entramos na rodovia, e Nora adormeceu de imediato no banco ao meu lado. Achei que Hopper também tinha caído no sono, mas toda vez que espiava pelo retrovisor ele estava apenas olhando pela janela, o rosto inescrutável, os pensamentos provavelmente de volta a The Peak.

Nora tinha toda razão. Hopper admitira ter passado a noite no quarto de Ashley, e eu não conseguia deixar de suspeitar de que algo que ele vira ou encontrara lá mudara sua visão do que tinha acontecido entre eles. De algum modo o libertara. E ele o deixara voar, aquele glorioso pássaro negro do amor que estivera mantendo em uma gaiola. Como seria para ele passar todo dia de pé debaixo de vento e chuva olhando para o oceano, ansiando por algum sinal dela, sem nunca perder a esperança? Em The Peak talvez ela tenha finalmente aparecido para ele, um navio que não ia nem na direção dele e nem para longe, apenas seguindo por aquela linha perfeita entre céu e terra, longe o bastante para ele saber que ela o amara, que aquilo que tiveram fora real, antes de desaparecer de vista, provavelmente para sempre.

Eu conseguia entender sua raiva de mim e seu desejo de proteger Ashley. Até mesmo antecipara isso, que quanto mais fundo fôssemos na investigação, quanto mais perturbadora fosse a verdade sobre a família, Hopper e eu

inevitavelmente não concordaríamos sobre o que fazer com a informação. Mas, para mim, deixar aquilo *ali*, não ir até o fim, não era uma opção.

Horas depois, no crepúsculo, estávamos de volta a Manhattan, passando por seus quarteirões dilapidados, com pedestres e buracos. Hopper me pediu para deixá-lo em seu apartamento na Ludlow, e essas foram as únicas palavras que ele disse durante toda a viagem.

Ele saltou do Jeep, colocando a mochila no ombro.

— Vejo vocês depois, pessoal — falou secamente, e bateu a porta.

— *Espere* — disse Nora.

Ela saiu apressada e jogou os braços ao redor do pescoço dele, o abraçando bem ali na calçada. Ele apertou o queixo dela afetuosamente e subiu os degraus do prédio. Quando Nora voltou, fiquei surpreso de ver que estava chorando.

— *Bernstein*. Ei. O que houve?

— Você não entende. — Ela esfregou os olhos. — Nunca vamos vê-lo de novo.

— O quê? Não seja boba.

Ela balançou a cabeça, discordando, observando-o desaparecer dentro do prédio.

Fiquei surpreso com a declaração, para dizer o mínimo, certo de que não podia ser verdade. Não podia terminar assim, não ali, quando ainda havia tanta coisa sem resposta, mas então me lembrei do apartamento dele, das paredes nuas e da sacola de Dakota do Sul, das letras de “Ramble On”. Será que ele tinha encontrado todas as respostas de que precisava e encerrado conosco — simples assim?

Eu não sabia o *que* dizer, pois de repente Nora estava de coração partido. Ela foi chorando em silêncio até o Lower East Side, enquanto descíamos a rua Houston e entrávamos em West Village. Tentei consolá-la, mas no final estava muito esgotado para fazer mais do que me concentrar na simples tarefa de devolver o Jeep alugado à Hertz.

Uma noite quente de sábado explodia ao nosso redor no Village. Enquanto caminhávamos de volta à rua Perry, abrindo caminho entre as multidões e os carros buzinando, Nora não disse uma palavra. Quando

entramos no apartamento, ela ignorou minha pergunta sobre se queria ou não jantar, fugindo para o quarto de Sam no andar de cima.

Segui para o meu escritório. Parecia solene, intocado. Olhando pelas janelas, para a noite, cheguei até a desejar que Septimus estivesse ali no peitoril para me cumprimentar. Gostaria da companhia; podia ser um *periquito*, mas era *razoável*. Mas nós o tínhamos levado a um abrigo para ser cuidado. Não havia nada nem ninguém ali.

Tentei ligar para Cynthia — tinha um desejo esmagador de ouvir a voz baixa de Sam, ouvir que ela estava bem —, mas não atendeu. Deixei um recado. Subi e tomei uma chuveirada, tranquei no cofre tudo o que tinha trazido de The Peak e me deitei na cama. Eu pendurara o casaco de Brad Johnson atrás da porta do armário. Ele parecia estranhamente flácido ali, estranhamente sem vida. *Será que eu tinha ido longe demais lá? Visto o suficiente em The Peak para chegar ao fundo daquilo?*

ACORDEI ARFANDO E ergui o corpo de repente, esperando bater a cabeça no teto de outro hexágono, apenas para me dar conta de que realmente estava em casa. Nora se acomodara na beirada da cama.

— Meu Deus, você me assustou.

— Desculpe — disse ela.

— Está tudo bem? — perguntei, me sentando e ajeitando os travesseiros. Fiquei aliviado de ver que ela não estava mais chorando. — Chateada com o que aconteceu? Tenho certeza de que está errada em relação a Hopper.

— Não. *Sim*. É só...

— O quê?

— Antes, quando estávamos rastreando Ashley, ela estava *viva*. Agora sinto que ela se foi. E quando Hopper disse adeus, isso me fez lembrar de Terra Hermosa. Lá os finais atingem com força porque são *repentinos*. Por exemplo, um dia, Amelia, que adora flores, está na sala de jantar com seu tanque de oxigênio pedindo o prato de frutas, e no seguinte? Não está em *lugar algum*. Tudo o que eles deixam é um memorial, e o que *é* depende de em qual corredor você morava. Se vivia no *primeiro* andar, colocavam um cavalete com uma fotografia plastificada sua sorrindo e tricotando com os óculos no pescoço. Mas se morava no *quarto* andar, deixavam apenas um livro para assinarem, com flores e um poema sobre perda impresso da internet. E *pronto*. Depois de duas semanas tiravam o pôster e o livro de assinaturas, e era como se você nunca tivesse estado lá. Eu *odeio* muito isso.

— *Eu odeio* muito isso.

— Não é justo.

— Não é. Mas esse é o jogo. Isso torna a vida ótima. O fato de que termina quando não queremos. O fim dá significado a ela. Mas já que *tocou*

no assunto, promete me dar um fim quando eu tiver noventa anos e não conseguir sair de casa sem um tanque de oxigênio? Gaste um dia com isso. Apenas me empurre na cadeira de rodas da ponte George Washington e considere isso como parte da vida. Fechado?

O pedido pareceu fazê-la sorrir.

— Fechado.

— Eles realmente deveriam incluir isso na cerimônia de casamento. “Promete me amar, honrar e obedecer, e também me matar quando eu não conseguir mais ficar de pé no chuveiro?”

— Eu amo você de verdade, Scott.

Ela deixou escapar essas palavras. Fui pego tão desprevenido que não tive certeza de ter ouvido direito, mas então ela deslizou para a frente no escuro, me beijou na boca e depois sentou-se novamente, me analisando com atenção, como se tivesse acabado de acrescentar um ingrediente fundamental em uma nova experiência científica.

— Por que fez isso?

— Eu lhe disse. Amo você. E não como amigo ou chefe, mas como amor de verdade. Sei disso há vinte e quatro horas.

— Parece ser um mal-estar que vai passar.

— Estou falando sério.

Ela se sentou em cima das minhas canelas com as pernas cruzadas, e, antes que eu pudesse impedi-la, a garota se inclinou e me deu outro beijo, as mãos agarrando as laterais da minha cabeça. Estava cansado demais para fazer algo a respeito, mas consegui agarrar os ombros dela e empurrá-la.

— Você precisa voltar para a cama.

— Não me acha bonita?

— Você é maravilhosa.

Nora estava a centímetros do meu rosto, estreitando os olhos, como se eu fizesse parte de um globo que ela nunca antes examinara atentamente, um oceano cheio de ilhas sem nome.

— Então qual é o problema?

— Pelo que sei, Woodward e Bernstein nunca chegaram tão longe. Eu preferiria que nós também não.

— Está fazendo uma *piada*?

— Você tem uma vida inteira pela frente. Você é *jovem*, e eu sou... Uma bicicleta velha.

Não tinha ideia de onde saíra *aquela* metáfora infeliz — talvez estivesse semiacordado —, mas de repente tive uma visão muito desagradável de mim mesmo como uma bicicleta enferrujada de dez marchas, sem a roda da frente, estofamento escapando do selim rasgado.

— Não é, não. Você é *surpreendente*.

— *Você é surpreendente.*

— Bem, duas pessoas que acham isso deveriam ficar juntas neste instante e não pensar. — Ela se posicionou ansiosamente ao meu lado, como se estivéssemos em uma barraca de camping apertada. Ela era ossuda e leve, e enquanto rolava por cima de mim, senti que seu cabelo e um cheiro de sabonete caíram sobre minha cabeça, uma cachoeira com a qual me encharquei.

— Nora. Por favor. Vá para a *cama*. — Eu a empurrei para trás, dessa vez com um pouco mais de força. — Eu também amo você. *Sabe* que sim; mas não *desse jeito*.

Eu tinha consciência de como as palavras estavam pobremente ligadas — de repente eu era um garoto no corredor da escola de pé diante do meu armário prestes a ir para a aula de Matemática. Mas às vezes era assim que acontecia, o idioma, quando você realmente precisava dele, se desfaz em sua boca como argila. Era nesse momento que as coisas de verdade eram ditas.

— Por que está me tratando como se eu não conhecesse meus próprios sentimentos?

— Experiência. Tenho quarenta e três anos. Talvez até mesmo quarenta e quatro.

— Nos velhos tempos, as pessoas só viviam até os trinta, então eu seria *uma anciã*.

— E eu estaria morto.

— Por que precisa brincar? Por que não pode só *ser* você?

Não respondi, apenas estiquei a mão, esperando que ela a pegasse.

— Sabe que sempre estarei ao seu lado, aplaudindo você — falei. — É uma mulher poderosa. E *continuará* sendo poderosa, por muito tempo. Por *anos*. Eu só iria atrasar você.

— Talvez eu *queira* ser atrasada. Por que as pessoas têm que continuar se afastando umas das outras o tempo todo? — Ela estava à beira das lágrimas novamente. Largou a minha mão. — Hopper está certo. Você não é ligado a ninguém. Só ama a si mesmo.

Ela esperou que eu discordasse, mas não o fiz. Talvez fosse o efeito dos três dias anteriores. Eu estava esgotado, não tinha mais vontade de exercer autoridade em minha própria vida. Naquele momento eu não podia fazer mais que observá-la, em toda a sua glória ensanguentada, enquanto se distorcia e se opunha diante de mim.

— Você vai arruinar tudo. Como Hopper disse. Você não liga nem para mim *nem* para Ashley. Ela não significa nada para você. Nem mesmo *agora*. Tudo o que lhe interessa é a caçada.

Ela saiu da cama, um cometa branco disparando para fora do quarto.

— Nora — chamei.

Mas ela tinha ido.

MEU DESPERTADOR TOCOU às sete horas. Às sete e meia eu já tinha saído.

Peguei o trem 1 de West Side para Barney Greengrass — a famosa e centenária delicatessen judaica —, cheguei lá quando abriu, e então, com sacolas de bagels e salmão defumado fresco nas mãos, peguei o trem M até sua última parada, avenida Metropolitan em Middle Village, Queens. Já que iria fazer uma visita não anunciada a Sharon Falcone em uma manhã de domingo, só poderia chegar com presentes, e Sharon tinha uma queda por bagels com semente de papoula, salmão da Nova Escócia e uma iguaria iídiche chamada arenque *schmaltz*, um peixe em conserva que para mim tinha gosto de couro coberto de sal. Para Sharon, era o paraíso.

Ela morava em uma casinha: tijolos vermelhos, discreta, gasta, quadrada. Uma vez, mais de uma década atrás, eu a deixara em casa depois de trabalharmos até tarde no mesmo caso — o pai dela acabara de morrer, deixando-lhe a casa — e eu registrara discretamente o endereço, para o caso de um dia precisar encontrá-la.

Não obtive resposta quando toquei a campainha, então me sentei nos degraus cobertos de folhas para esperar, pensando se ela já teria ido para a delegacia na cidade ou se tinha se mudado. Mas então notei a tigela de água do cachorro vazia e a bola de tênis careca embaixo de um arbusto no jardim, e após quinze minutos vi Sharon andando rapidamente pela calçada. Vestia sua jaqueta marrom da North Face e carregava dois grandes copos de café. Bem ao estilo Falcone, não ficou surpresa ao me ver.

— Se está vendendo bíblias, eu já tenho doze — disse ela, passando por mim ao subir as escadas.

— Estou divulgando outra religião poderosa. Barney Greengrass.

Felizmente, o olhar dela não conseguiu evitar baixar curioso para a sacola plástica em minhas mãos. Mas ela não disse nada, e então, equilibrando com habilidade um copo de café em cima do outro, abriu a porta de tela, destrancou a porta da frente e, rápida como uma toupeira se entocando, disparou para dentro. Estava claro que ela tinha ficado furiosa por eu ter aparecido, mas também não bateu a porta na minha cara.

— Uma garota me deixou uma mensagem na caixa postal outro dia dizendo que você corria perigo de vida. — Ela começou tirando a jaqueta e a pendurando em um gancho.

— Deve ter sido minha assistente, Nora. Ela pode ser *dramática*...

— Não sei *por que* ela pensou que isso seria algo além de uma notícia *maravilhosa*.

— Desculpe — falei através da tela, Sharon desaparecendo depressa por um corredor. — Desculpe-me por estar aqui. Mas preciso de um conselho seu, e se não achasse que fosse do seu interesse, não a incomodaria. Apenas me escute. Depois me *jogue* na rua. E no que nos diz respeito, nunca nos encontramos.

Isso deve ter sido uma perspectiva satisfatória, porque menos de um minuto depois ela estava me escoltando até a sala de jantar, ou talvez fosse a sala de estar. *O que quer que fosse*, estava vazia, a não ser por um tapete amarelo, uma mesa dobrável instável, duas cadeiras e uma almofada no canto coberta de pelo de cachorro.

Abri os bolsos e tirei dois sacos plásticos, um contendo a camisa de criança encharcada de sangue, o outro, os ossos. Óbvio que eu não disse onde me deparara com aquilo, embora, com base no rosto silenciosamente furioso de Sharon, ela desconfiasse. Mas no momento em que viu a camisa na mesa, sua expressão mudou. E soube então que não estava delirando ou enlouquecendo, porque se aquela camisa podia pegar *Sharon Falcone* de surpresa, mesmo se *fosse* simplesmente um adereço cenográfico, ela era realista. Sem desviar os olhos, Sharon pousou seus dois cafés — agora estava claro que ambos eram dela — examinando a camisa através do plástico. Concentrou-se como um microscópio, estudando atentamente, imóvel.

— Isso é sangue?

— Difícil dizer. Se *for*, é uma mancha antiga. Tem pelo menos dez anos. Deve ter sido mantida em algum lugar seco, ou as fibras de algodão teriam desgastado. Ou então a camisa é feita de fibra sintética. Mas *parece* sangue, por causa da rigidez. Outra substância não causaria tal rigidez.

— E quanto aos ossos?

Ela os tirou do saco plástico, avaliando seu peso nas mãos.

— Nenhuma ideia. Teria que pedir a um antropólogo para dar uma olhada.

— Poderia ser parte do pé de uma criança?

— O pé humano é comprido e estreito, o peso é suportado em grande parte pelo calcanhar. Um pé não humano é mais largo, com o peso suportado pelos dedos. Mas fica mais confuso se os ossos são jovens, pois não estão totalmente desenvolvidos. Costelas de crianças podem se parecer com as de pequenas criaturas mesmo em um nível macroestrutural. Ossos de crânios de crianças costumam lembrar cascos de tartaruga.

Sem dizer mais nada, ela colocou a bolsa de lado e, pegando um dos cafés, tomou um gole, me encarando atentamente.

— Algumas cabeças estão rolando, por falar nisso, por causa daquele suicídio no qual você está tão interessado.

Ela se referia a Ashley.

— Cabeças de quem?

— Você se lembra de um advogado que estava pressionando para que não houvesse a autópsia, alegando a crença judaica contra a violação do corpo e tudo o mais? O legista pode passar por cima. E estava planejando fazer isso. Só que o corpo dela desapareceu no meio da noite. Também é por isso que aquelas fotos estavam faltando. Alguém está ganhando com isso.

— Fotos? — repeti, sem acompanhar.

— Eu lhe contei. Faltavam algumas fotos do corpo na pasta dela. Nunca apareceram oficialmente. Está rolando uma caça às bruxas no departamento, para tentar chegar até o fundo dessa história toda. Está um caos. E tenho certeza de que sairão de mãos vazias. Esse tipo de trilha tende a sumir antes mesmo de ser criada. A família da garota é poderosa.

Então me lembrei de Sharon ter mencionado as fotos que faltavam na pasta, o tronco de Ashley, frente e costas.

— Nosso telefonema outro dia sobre o caso do juizado — falei após um momento. — A conexão não era das melhores...

— Não havia registro de ocupação do prédio. Nenhum sinal de que alguém morava lá.

— Alguma ideia de quem é o dono do prédio?

— Está registrado em nome de uma empresa, algo chinês. Tenho isso nas minhas anotações. Ligo para você e passo. *E* vou dar uma olhada *discreta* nisto. — Ela pegou os sacos plásticos na mesa e me lançou um olhar penetrante. — Embora *devesse* prender você por ser um porre. Vai demorar um mês para ser feito, *pelo menos*. O laboratório está abarrotado. Nunca mais apareça aqui. A propósito, está com uma aparência péssima.

Ela saiu da sala com os sacos.

— Obrigado — falei.

— Você precisa dar uma olhada nessa mão direita — gritou ela das profundezas da casa. — Tem algo fincado aí, e está prestes a infeccionar.

Não tinha ideia de sobre o que ela estava falando, até olhar para minha mão. Sharon estava absolutamente certa. O inchaço e a vermelhidão haviam piorado. O que eu *achara* ser terra incrustada parecia uma farpa cravada fundo na pele do meu polegar. Ver aquilo me deu uma repentina pontada de paranoia. *Será que aquelas pessoas de mantos pretos tinham me marcado? Colocado outra maldição em mim? Seria um dardo envenenado? Um prego enferrujado que me causaria tétano?*

Tinha que ir para casa.

— Como posso retribuir? — perguntei depois de um minuto, ao me dar conta de que Sharon, agora preocupada com alguma outra coisa, não voltaria à sala de estar. — Posso lhe conseguir outro pastor-alemão, um iate, uma ilha no sul do Pacífico?

— Você pode sumir da minha casa — disse ela de algum lugar.

DE VOLTA A Manhattan, parei em uma clínica de emergência na rua Treze. A sala de espera estava lotada, e demorou quase três horas até que um médico me atendesse. Expliquei que tinha acabado de voltar de um acampamento.

— Dá para ver isso — disse ele, alegre, fechando a cortina. Era um jovem animado e falante com a energia de uma overdose de cafeína e um pedaço de durex acidentalmente preso nas costas de seu jaleco branco. — Você tem *dermatite de contato*. Caminhou muito em meio à mata fechada? Parece que entrou em contato com algo a que é alérgico.

Eu estava prestes a esclarecer que tinha estado em Adirondack, quando me dei conta, estupidamente, de que era muito difícil que esse fosse o caso. E quanto à piscina? Um animal poderia estar se decompondo naquela água havia meses. *E a estufa da família Reinhart?*

— Que tipos de plantas na estufa? — perguntou o médico depois que expliquei genericamente um pouco sobre isso.

— Uma se chamava congorsa. Não consigo me lembrar das outras.

— Congorsa — repetiu o médico, inclinando a cabeça. Ele parecia estar pensando: *E isso não o fez sair de lá correndo e gritando?*

— Também tenho algo cravado na pele, uma farpa grande.

Mostrei a ele. Em minutos, uma enfermeira estava limpando minha mão com água e um antisséptico tópico, e o médico, brandindo um bisturi e pinças compridas, enfiava na minha palma, pus branco escorrendo enquanto ele pegava algo cravado ali dentro e puxava. Quando vi o que era, fiquei perturbado demais para falar, embora o médico o tivesse jogado na mesa de aço inoxidável ao nosso lado.

— Parece que você participou de um baita acampamento — disse ele, sorrindo. — Talvez deva ir à praia da próxima vez.

Era um espinho preto de algum tipo de planta, embora à primeira vista parecesse um prego afiado, retorcido, torto e com cinco centímetros de comprimento.

QUANDO CONSEGUI VOLTAR à rua Perry já passavam das quatro horas. Queria muito ver Nora, atualizá-la sobre Sharon, mostrar o esporão preto que tinha acabado de extrair da minha mão. E poderíamos voltar ao trabalho. Mas no momento em que entrei no meu apartamento ouvi barulhos estranhos vindos do segundo andar.

Entrando correndo no quarto de Sam, parecia que o armário de Moe Gulazar — talvez o próprio Moe — tivesse explodido sobre o carpete. Malhas douradas de lantejoulas, uma estola de visom (sofrendo de sarna), blusas de seda e gravatas listradas estavam por toda parte. Nora, usando uma calça de montaria preta e uma camisa social, mangas arregaçadas, empacotava as roupas. Notei que Jesus e Judy Garland não estavam mais presos à parede.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Ela me olhou por sobre o ombro e depois se virou, dobrando shorts roxos e os enfiando em uma das sacolas da Duane Reade.

— Estou me mudando.

— O quê?

— Estou me *mudando*. Encontrei uma vaga fantástica.

— *Quando*?

— Agora mesmo. O caso acabou para mim.

— Certo. Para *começar*, você não encontra vagas fantásticas *agora mesmo* em Nova York. Isso demora meses. Algumas vezes, anos.

— Não para mim.

— E de onde veio essa vaga fantástica? Do anjo Gabriel?

— Craigslist.

— Certo. Deixe-me explicar uma coisa. Quem costuma usar o Craigslist são prostitutas, maníacos homicidas e massagistas terapêuticos que proporcionam um final feliz.

— Eu já fui ver.

— Quando?

— Esta manhã. É um quarto enorme na lateral de uma casa no East Village com um janelão. Um *monte* de luz. Só tenho que pagar quinhentos por mês e dividir um banheiro com uma velha hippie muito legal.

Respirei fundo.

— Deixe-me dizer uma coisa sobre velhas hippies legais do East Village. Elas são malucas. Estudam cartas de tarô e comem soja. Algumas vezes *comem* cartas de tarô e estudam soja. A maioria não sai desta ilha desde que Nixon foi presidente e têm vida vegetal crescendo sob as unhas dos pés. Acredite em mim.

— Nós almoçamos. Ela é muito legal.

— *Muito legal?*

Ela assentiu.

— Planta tomates orgânicos.

— Fertilizados com as carcaças de seus trinta gatos.

— Foi assistente de fotografia de Avedon por anos.

— É o que todas dizem.

— Teve um caso com Axl Rose. Ele escreveu uma música sobre ela.

— Provavelmente “Welcome to the Jungle”.

— Não sei *por que* você está surtando. Vai ser *legal*.

Vai ser legal. Eu me sentia como se um tapete estivesse sendo arrancado de debaixo de mim quando estava de pé, descalço, sobre um piso de madeira de lei.

— Isso é por causa da noite passada — afirmei.

Ela só ergueu o queixo, agarrando seu anuário da Harmony High School, franzindo o cenho dramaticamente enquanto o folheava.

— Está com raiva porque fui um cavalheiro? *Respeitei* os limites de nossa relação de trabalho?

Ela fechou o livro com força, enfiando-o na sacola.

— Não.

— Não?

— Não. É por causa dos testes para *Hamlette* no Flea Theater.

— Testes para *Hamlette* no Flea Theater?

Ela assentiu, triunfante.

— Estão trocando os gêneros de todos os papéis, então finalmente há bons papéis para mulheres. Vou me candidatar a *Hamlette*, então tenho que praticar meus monólogos noite e dia. Você ficaria louco, porque odeia minha atuação.

— Isso não é verdade. Passei a gostar muito da sua atuação.

Ela estava dobrando um velho cardigã cinza que tinha um broche de lantejola de pássaro no ombro e um enorme buraco no cotovelo esquerdo que parecia uma boca gritando em silêncio.

— *Você mesmo* disse noite passada que tenho que me lançar no espaço e você vai ficar torcendo por mim. Então é o que estou *fazendo*.

— Por que você aceitaria meu conselho?

— Eu *disse* que era temporário. Que era até descobrirmos sobre Ashley. E *fizemos* isso. E agora tenho dinheiro.

Eu pagara a Nora antes de irmos para The Peak, incluindo um bônus considerável do qual meio que me lamentava agora.

— Além do mais, você vai estar ocupado divulgando tudo e ganhando dinheiro em cima de Ashley, exatamente como Hopper disse.

Deixei aquela observação passar por mim como uma granada explodindo a centímetros do meu rosto. Ela não parava de correr pelo quarto como um inseto com dez mil olhos, dobrando, enfiando, guardando tudo.

— A investigação não terminou — falei. — Você está largando tudo perto do gol, aos quarenta e cinco do segundo tempo, prestes a marcar.

Ela olhou para mim com raiva.

— Você ainda não *sacou*.

— Não *saquei* o quê? Ficaria fascinado em descobrir.

— Você não entende que Ashley não permitiria que Cordova fizesse algo que machucasse alguém. Eu confio nela. Assim como Hopper. Você obviamente não confia em ninguém. Aqui está seu casaco de volta.

Ela arrancou brutalmente o casaco preto de Cynthia de um cabide no armário e o jogou em cima da cama. Ele caiu no chão. Eu lhe dera semanas antes, para que tivesse algo sem penas para vestir na visita a Olivia Endicott. Ela o adorara, anunciando com alegria incontida que a peça a fizera se sentir como uma *pessoa francesa*, o que quer que isso significasse.

— Eu lhe dei.

Ela vestiu o casaco, foi até a frente do espelho de Garibaldi de Sam e passou bastante tempo ajeitando uma echarpe verde e brilhante ao redor do pescoço. Depois pegou um chapéu de feltro preto na cabeceira da cama, colocando-o delicadamente na cabeça como uma rainha perdida coroando a si mesma. Eu a segui até o andar de baixo meio chocado. Ela pousou as sacolas e foi para meu escritório. Tinha buscado Septimus no abrigo. Agachou ao lado da gaiola dele.

— Quando vovó Eli me entregou Septimus, me deu também as instruções que vinham com ele — falou. — Você tem que dá-lo a alguém que precise dele. Isso faz parte da mágica. Você deve saber o momento certo de dá-lo, que é quando doer mais. Quero que você fique com ele.

— Eu não quero um pássaro.

— Mas *precisa* de um pássaro.

Ela abriu a portinhola e o periquito azul bateu as asas até a palma da sua mão. Sussurrou algo em seu ouvido invisível, o devolveu ao balanço e então começou a se mover novamente, passando por mim no corredor. Não parou até estar nos degraus da entrada do prédio.

— Vou com você. Entrevistar a hippie. Ter certeza de que essa pessoa não fez parte do Exército Simbionês de Libertação...

— Não. Eu estou cuidando disso.

— Então é *assim*? Nunca a verei novamente?

Ela torceu o nariz como se eu tivesse dito algo idiota.

— *Claro* que vai me ver novamente.

Ficou na ponta dos pés e me abraçou. A garota me deu o mais incrível dos abraços — braços magrelos travados em meu pescoço como algemas plásticas, os joelhos ossudos dela batendo nos meus. Era como se estivesse

tentando conseguir uma impressão indelével minha para levar consigo para sempre.

Agarrou as sacolas e desceu os degraus.

Esperei até que virasse a esquina, depois fui atrás dela. Sabia que me mataria se me visse, mas felizmente as calçadas estavam lotadas de gente fazendo compras, então consegui ficar fora de vista, seguindo-a até o metrô, onde ela embarcou no trem 1, passou para o L e depois para o 6, finalmente saltando em Astor Place.

Ao sair da estação lotada eu a perdi de vista. Olhei para todos os lados, até comecei a entrar em pânico, preocupado que fosse isso, nunca saberia o que acontecera com ela, se estava segura — Bernstein, a preciosa moeda de ouro escapando de minhas mãos desajeitadas, desaparecendo em meio às milhões de pessoas de Nova York.

Mas então a vi. Ela tinha cruzado a Saint Marks Place, caminhava com seu habitual passo em zigue-zague, passando pela pizzaria, pelas bancas de revistas. Eu a segui pela Nona Leste, chegando a um pequeno jardim triangular onde a rua cruzava com a Décima. Subiu os degraus de uma casa malcuidada. Eu me detive, escondido em uma entrada.

Nora pousou as sacolas e tocou a campainha.

Enquanto a seguia, concebera várias situações de resgate — empurrando a porta da frente, chutando os nove gatos, o guaxinim, mostrando que quatro décadas de *Village Voice* valeram a pena, passando pelos doidões apagados no sofá e pelo pôster psicodélico do Human Be-In, subindo até o quarto de Nora: cheio de ratos, fedor de esponja velha. Nora, encolhida na beirada de um futon, daria um pulo, passando os braços ao redor do meu pescoço.

— *Woodward? Cometi um tremendo erro.*

Só que não. Embora o prédio certamente fosse dilapidado — ares-condicionados enferrujados, jardineiras de janela com plantas mortas —, notei que o primeiro e o segundo andares tinham não uma, mas *duas* janelas grandes, e elas *de fato* pareciam receber *um monte* de luz.

Mas ninguém tinha atendido à porta. Nora tocou a campainha uma segunda vez.

Tomara que não tenha ninguém em casa. Que a hippie muito legal tenha tido uma emergência familiar em Woodstock. Ou se alguém atendesse, que fosse um cantor e compositor seminu com uma tatuagem no peito que dizia WELCOME TO THE RAINBOW. Apenas me permita resgatá-la mais uma vez.

A porta se abriu, e uma mulher roliça de cabelo crespo grisalho apareceu, vestindo um avental listrado sujo de terra de um canteiro de flores ou de argila de um torno de ceramista. Ela inquestionavelmente *lidava* com cartas de tarô e soja, embora eu pudesse ter errado sobre todo o resto. Nora disse alguma coisa e a mulher sorriu, pegando uma sacola da Duane Reade enquanto elas desapareciam lá dentro, a porta se fechando.

Esperiei por algo — uma música começando a tocar, uma luz. Mas não houve nada, não para mim, não mais, apenas uma brisa leve correndo pelo quarteirão, empurrando as folhas amarelas perdidas e os restos de lixo no meio-fio.

Voltei para casa a pé.

EU HAVIA DECIDIDO que seria sensato tirar alguns dias para me recuperar de The Peak e esvaziar a cabeça antes de organizar meus pensamentos e concluir a investigação. Estava novamente com aquela sensação persistente de ter nadado léguas em uma água enegrecida, minhas entranhas ainda pesadas, minha mente cheia de lama.

Mas a vida real estava chamando. Tinha contas a pagar, recados na secretária eletrônica, e-mails recebidos há um mês que não me preocupara em abrir, alguns de amigos que tinham escrito no assunto *Estou preocupado, Você está bem?* e *Que porra???*. Escrevi uma resposta para todos — eu tinha comprado um laptop novo uma semana antes de irmos para The Peak —, mas mesmo essa simples tarefa pareceu sem sentido e irritante.

Comecei a me dar conta, com uma espécie de fascínio mórbido, que na verdade eu não tinha *deixado* The Peak — não totalmente. Porque no momento em que estava na cama, com as luzes apagadas, era só fechar os olhos que eu voltava para lá. Aquela propriedade talvez fosse um tempo não quitado ao qual eu sempre retornaria, do modo como outras pessoas retornavam em seus sonhos para os momentos dourados da infância ou campos de batalha, fins de semana em uma casa no lago com uma garota de biquíni vermelho. Meio acordado, meio sonhando, eu mergulhava de volta naquela propriedade, vagando por seus jardins escuros e estátuas despedaçadas, passando pelos cães, as lanternas ofuscantes brandidas por sombras. Eu retornava pelos túneis, não mais procurando provas para incriminar Cordova, mas alguma parte crucial de mim mesmo que eu acidentalmente perdera lá — como um braço, ou minha alma.

E aquele *medo* que eu sentira, a confusão desmembradora, parecia ser uma droga na qual agora estava viciado, porque me deslocar pelo mundo real

— assistindo à CNN, lendo o *Times*, andar até a Sant Ambroeus para tomar um café no bar — me deixava exausto, até mesmo deprimido. Talvez estivesse sofrendo do mesmo problema do homem que navegara ao redor do mundo e agora em terra, encarando sua casa de fazenda, sua esposa e seus filhos, entendia que a constância de *lar* se estendendo diante dele como um campo plano e seco era infinitamente mais aterrorizante do que qualquer tempestade violenta com ondas de nove metros.

Por que eu supusera que ficaria bem, que seria capaz de digerir The Peak como se fosse uma viagem ao Egito ou um tempo passado em Mitú, na Colômbia, onde fora mantido onze dias em uma cela — uma experiência horrenda para digerir e superar? Não *essa* coisa. Não, The Peak e a verdade sobre o que aquele homem tinha feito permaneciam em meu estômago muito vivos, pulsando, babando e intactos, me deixando cada vez mais doente, talvez até me matando.

Aquela inquietação se agravava ainda mais pelo fato de que estava sozinho. Todos tinham ido embora. Nora estava certa. Para Hopper estava tão acabado quanto para ela. Ligara para ele duas vezes, mas não tivera notícias. Não entendia isso — que os dois podiam ter abandonado o caso e a mim, simples assim, que podiam concluir com tal ignorância que tudo terminava ali. Não queriam saber se eram ossos humanos reais o que eu encontrara lá, ou se nenhuma outra criança tinha sido ferida nas alucinadas tentativas de Cordova de salvar a vida de Ashley? Não estavam curiosos sobre a óbvia questão remanescente: onde Cordova estava agora?

Cheguei a todo tipo de conclusão mordaz — que eles finalmente tinham me revelado quem eram; que eram jovens e superficiais; era um sinal maior dos problemas da juventude de hoje; criados pela internet, pulavam de uma fixação para a seguinte com toda a solenidade de um clique de mouse. Mas a verdade era que eu sentia falta deles. E estava furioso por me importar.

Isso me fez lembrar da declaração de Cleo tantas semanas antes, quando descobrira a maldição da morte nas solas dos nossos sapatos.

Afasta os amigos mais íntimos, o isola, o lança contra o mundo, deixando-o nas margens, na periferia da vida. Ele faz você ficar louco, o que de alguma maneira é pior do que a morte.

Eu não levava isso a sério. Agora não podia deixar de notar a precisão da profecia, o isolamento e as amizades rompidas, a sensação de ser empurrado para as margens externas da vida.

A não ser que fosse apenas *Cordova*. Talvez ele fosse um vírus: contagioso, destrutivo, em constante mutação, de modo que você nunca *percebia* com o que estava lidando, silenciosamente aderindo ao seu DNA. Mesmo aqueles que tivessem uma exposição mínima contraíam um fascínio e um medo que se multiplicavam a ponto de tomar toda a sua vida.

Não havia cura. Você só podia aprender a viver com isso.

Após três dias andando de um lado para outro em meu apartamento, evitando a caixa com o resto da minha pesquisa sobre Cordova, tomando antibióticos e esteroides por causa da mão e da irritação, me dei conta de que tentar relaxar estava me deixando tão desconfortável que não tinha escolha a não ser deixar que continuasse obscuro.

Às onze da noite de quarta-feira eu chamei um táxi e disse ao motorista para me levar à rua Henry, 83. Falcone, previsivelmente, estava certa. Quando atravessei a rua, olhando para o prédio dilapidado próximo à Manhattan Bridge, parecia que todos os inquilinos, por alguma razão, haviam partido. Agora todas as janelas estavam escuras, embora eu conseguisse ver as cortinas rosa de tecido fino e transparente enrugadas no quinto andar. Tentei a entrada da frente. Estava trancada, claro; mas, olhando pela pequena janela, percebi que os nomes tinham sido retirados das caixas de correio.

Segui na direção da rua Market e após dois quarteirões passei pelo salão de cabeleireiro Hao, onde colocara o folheto de Ashley na vitrine tantas semanas antes. Fiquei surpreso de ver que ainda estava lá, apenas desbotado pelo sol.

Ashley era pouco mais que um rosto fantasmagórico, as palavras VOCÊ VIU ESTA GAROTA?, quase ilegíveis. Deparar com aquilo me deu uma sensação ansiosa de que o tempo estava se esgotando — ou talvez só estivesse passando.

Hopper e Nora se foram, e agora Ashley também.

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

RESULTADO DA BUSCA POR "LEIGH" "LA DOULEUR"

Resultado 1 de 643

NATURAL HUNTSMAN

AMERICAN HUNTING NEWS

VOL. 102 N° 1223

MAIO DE 2007

CAÇADORA FAMOSA DESAPARECE NO NEPAL

RACHEL DEMPSEY, 41, DESAPARECIDA

DOLPA, Nepal — Uma caçadora americana desapareceu na reserva de caça de Dolpoistan, no oeste do Nepal, está perdido. As autoridades estão procurando informações sobre seu paradeiro.

Rachel Dempsey, 41, de Woonsocket, Rhode Island, voou para o Nepal em 30 de março para uma temporada de 10 dias de caça no caminho azul e ao javali. Foi vista pela última vez por um tempo de seu grupo quando deixou o acampamento abruptamente nas primeiras horas de 2 de abril. O equipamento de camping e o rifle de Dempsey foram recuperados a quilômetros dali, mas não havia sinal dela.

Em 11 de abril, o telefone por satélite de Dempsey foi ligado em Santiago, Chile, e foi feita uma ligação de quinze segundos para a cidade portuária chilena de Puerto Montt. Nenhuma atividade subsequente foi registrada.

Dempsey era uma exploradora habilidosa, conhecida por sua capacidade de enfrentar os alvos mais assustadores e terreno difícil de grande altitude. Em 2005, ela foi uma das finalistas do Prêmio Carlo Calkesi por sua Caça fotográfica obtida no Paquistão, com uma postagem CS2 de 113.

Dempsey começou sua carreira de caçadora profissionalmente, tendo desfrutado de uma vida anterior de atriz



DEMPSEY COM UM CORDEIRO MARCO POLO EM VIAGEM AO TALISMANO EM 2007

de cinema de sucesso. Apareceu no drama policial *Reasonable Doubts* e interpretou Leigh no thriller *La Douleur*.

Dempsey tem 1,73 m de altura, cabelo castanho-claro na altura do queixo e uma marca de nascença do tamanho de uma moeda de dez centavos no ombro esquerdo. Quando foi vista pela última vez vestia uma jaqueta

Gore-Tex branca, uma calça térmica cinza, um gorro de pele e luvas bicolores, luvas de caça e um rifle Winchester Short Magnum .300.

Qualquer um que tenha mais informações deve procurar o departamento de polícia de Woonsocket ou SAFARI BONGO DENMARK EXPEDITIONS em mads@safari-bongoexpeditions.dk.

POSTADO POR KAY GLASS XIV

12/12/2007 1:02

PRÓXIMO >>

ESTACIONAMENTO	CORDOVA	FILMES	BIZARRICES	TARJA VERMELHA	ESTRANHOS	EMBARQUE
----------------	---------	--------	------------	----------------	-----------	----------

RESULTADO DA BUSCA POR "POPCORN"

Resultado 5.233 de 14.392



POSTADO POR Argumento Sustentado

15/5/1996 2:26

Em *Esperar por mim aqui*, Popcorn foi interpretado por um cubano chamado Fernando Ponti. Viajei de minha casa em Colônia, Alemanha, até Crowthorpe Falls no começo de 1996 esperando avistar Cordova. Após seis dias lá sem sorte, me deparei com este homem andando pela cidade. Era Popcorn. Eu o acompanhei a distância. Ao me notar, ele entrou nesta loja de máquinas de lavar chamada Troféu, no final da rua principal. Quando o segui, segundos depois – era uma loja onde você podia comprar máquinas de lavar, mas também alugava roupas de festa –, não havia sinal dele. Imaginei que Popcorn tivesse saído pela porta dos fundos. Mas quando olhei, ela levava a uma travessa comprida. Não havia sinal dele em lugar algum, e nem onde se esconder na loja. Era como se tivesse evaporado no ar.

PRÓXIMO >>

TENTEI FALAR COM Cynthia inúmeras vezes, na esperança de conseguir notícias de Sam, mas continuei sem resposta. Por mais que esse impedimento me deixasse louco, eu sentia que isso significava que Sam estava bem; se houvesse algo muito errado, ela me telefonaria. Pelo menos era o que eu dizia a mim mesmo.

Como Sharon Falcone tinha explicado, demoraria pelo menos um mês para saber se o que eu encontrara em The Peak eram ossos humanos, então nesse meio-tempo havia algumas pistas determinantes a seguir.

Entrei no Blackboards, conferindo boatos sobre os destinos na vida real de Rachel Dempsey e Fernando Ponti, os atores que tinham interpretado Leigh e Popcorn nos filmes de Cordova. Ao conferir o Blackboards, fiquei surpreso em saber que *Natural Huntsman* — uma espécie de periódico de caça para machões entusiastas por armas — era preciso em relação a Rachel Dempsey.

Dempsey, que interpretara Leigh em *La Douleur* quando tinha apenas vinte anos, nunca mais fora vista nem se ouvira falar dela após desaparecer no Nepal em 2 de abril de 2007. Havia duas matérias sobre o desaparecimento dela no jornal de sua cidade natal, embora não tivesse havido qualquer sequência ou registro de marido ou filhos que ela tenha deixado. Descobri na internet a existência de uma Marion Dempsey morando em Woonsocket — mãe ou irmã de Rachel, imaginara. Liguei para o serviço de informações local, consegui o número e após o telefone chamar sem parar, uma mulher exasperada que se identificou secamente como a “enfermeira da sra. Dempsey” atendeu. Quando perguntei se a sra. Dempsey tinha uma filha chamada Rachel, ela me disse: “A sra. Dempsey não quer mais problemas com isso” — o que considerei um *sim* — e depois desligou.

Fernando Ponti, por outro lado — o carismático cubano idoso que interpretara Popcorn —, fora visto por três pessoas diferentes em três momentos em torno de Crowthorpe Falls entre outubro de 1994 (um ano após *Espere por mim aqui* ser lançado) e agosto de 1999. Quando eu entrara na estufa, tivera a clara sensação de que Popcorn de algum modo *ainda estava ali*, cuidando de suas plantas e de seu peixe, e aquelas três aparições pareciam sugerir que eu estava certo.

Será que o homem nunca tinha ido embora? Será que ele gostara tanto de seu período em The Peak — ou tinha sofrido tanta lavagem cerebral — que escolhera permanecer como Popcorn, preferindo o personagem à vida real? Será que estava morto, eternamente enterrado em seu jardim fictício? Eu não consegui encontrar qualquer registro da família Ponti ou de onde ele viera além de *Cuba* — o que era mencionado apenas no Blackboards. Contudo, fiquei ainda mais chocado com o post que detalhava seu desaparecimento dentro da Troféu — Máquinas de Lavar, uma loja na periferia de Crowthorpe Falls.

Eu me deparara com a palavra *Troféu* em The Peak. Estava rabiscada acima de uma das entradas para os túneis subterrâneos.

Será que *aquele* corredor específico levava da *Troféu* — *Máquinas de Lavar* clandestinamente à propriedade? Era uma palavra específica demais para ser coincidência. E isso explicava como Popcorn podia ter sumido. Desaparecera por uma portinhola escondida dentro da loja e seguira para casa pela passagem.

Verifiquei mais alguns atores no Blackboards, aqueles com os papéis maiores que provavelmente moraram em The Peak durante as filmagens. Descobri apenas uma *verdadeira* constante: após trabalhar com Cordova, todos recomeçaram a vida, em geral, em lugares bem distantes do planeta.

Em nenhum caso a pessoa permaneceu como era, continuou de onde tinha parado, retornou ao ponto em que tinha começado.

Rachel Dempsey, que interpretara Leigh, se tornara uma caçadora internacional, o que, estranhamente, fazia todo sentido; após interpretar a ingênua e vulnerável Leigh, amordaçada e amarrada naquele ônibus caído, ao deixar The Peak ela parecia ter se transformado de *presa* em *predadora*. O

boato sobre Lulu Swallow, que interpretara Emily Jackson em *Anjinhos*, era de que tinha ido morar em uma área remota da Nova Escócia e escrevera uma série de livros infantis de temática soturna — a série da órfã Lucy Straye — usando o pseudônimo de E.Q. Nightingale. O homem afável que interpretara Axel em *La Douleur* — o misterioso marido de Diane por quem Leigh se apaixona ao segui-lo — acabou entrando para a faculdade de veterinária e se tornando um grande médico de cavalos puro-sangue; foi o responsável pela eutanásia de Eight Belles no Kentucky Derby de 2008. O ator que interpretara Brad Jackson — original da Inglaterra — supostamente se mudara para a Tailândia, onde foi visto por um Cordovita em 2002 na área de baixo meretrício *Soi Cowboy* com uma adolescente na garupa de uma moto.

Essas pessoas se espalharam como cinzas jogadas no ar, pelo mundo todo — uma viajando até Tristão da Cunha, no Atlântico Sul. Eu não sabia dizer se eles estavam fugindo de algo ao desaparecer em suas novas vidas. Será que tinham descoberto a verdade sobre Cordova, visto o homem de perto, e esse horror era o que os fizera correr? Ou será que era o oposto: haviam sido libertados? Havia *sacrificado o cordeiro*, como chamavam no Blackboards, não mais limitados por nada? Será que depois de trabalhar com Cordova se tornavam capazes de conceber a vida mais selvagem para si mesmos e vivê-la furiosamente?

Do meu ponto de vista era impossível saber se era liberdade ou medo o que os movia — ou talvez não fosse nenhuma dessas coisas e eles tivessem sido soltos no mundo por Cordova, seus devotados discípulos, enviados para cumprir suas ordens, fazer seu trabalho, que só Deus sabia qual era.

Qualquer que fosse sua motivação, fiquei pensando se sentiam algo similar ao que eu estava sentindo — a exaustão, os pesadelos, a sensação de deslocamento, como se de algum modo tivesse inchado além da vida comum e não conseguisse mais caber nela.

Estava estudando isso, procurando seriamente no Blackboards por “efeitos secundários” de Cordova e “sintomas conhecidos” quando fui abruptamente desconectado do site.

Não importava quantas vezes eu desplugasse o laptop, reiniciasse, conseguisse um novo endereço de IP, tentasse um novo nome de usuário,

levava sempre à mesma página de saída. Eu tinha sido banido, expulso — ou *descoberto*?

Bem-vindo a Blackboards

http://escadariadotunel8903-5493r89jdfj9w0129e61???*#(soberanomortifero perfeito.blackboards.onion/intro)

ESTACIONAMENTO

CORDOVA

FILMES

BIZARRICES

TARJA VERMELHA

ESTRANHOS

EMBARQUE

**QUEM QUER QUE VOCÊ SEJA,
NÃO DEVERIA ESTAR AQUI.
VÁ EMBORA.**

**VÁ EMBORA.
VÁ EMBORA.**



ENTRAR >

Voltei minha atenção para pesquisar sobre aquelas plantas em que tinha mexido na estufa dos Reinhart. As últimas palavras do médico da emergência haviam sido que eu tivera contato com um alergênico poderoso e seria útil saber o que era caso a dermatite não melhorasse. *Estava* melhorando, praticamente desaparecera nas 24 horas após eu ter tomado os esteroides. Mas uma busca por *Trombeteira* já serviu de advertência.

Trombeteira era um dos muitos apelidos de *Datura stramonium*, ou figueira-do-inferno, uma planta tão venenosa que apenas uma xícara do chá podia matar um homem adulto. Segundo a Wikipédia, os efeitos colaterais de beber o suco ou comer as sementes eram “incapacidade de diferenciar realidade de fantasia, delírios e alucinações, comportamento bizarro e possivelmente violento, *midríase*” — dilatação das pupilas — “resultando em *fotofobia* dolorosa” — intolerância à luz — “que podia durar vários dias”. Provocava nos homens uma sensação de morte iminente, transformava pessoas comuns em “idiotas naturais”.

Era possível que, sob o calor daquelas luzes opressivas, suando como um porco maldito, eu tivesse sido banhado de pólen e involuntariamente o ingerira.

Busquei cada um dos outros nomes de que me lembrava: *Beladona*, *Mata-leopardos*, *Cuspe-de-tropeiro*. Não consegui achar Cuspe-de-Tropeiro em lugar algum, mas Mata-leopardos era *acônito* — uma das plantas mais mortais da Terra. Sua toxina podia ser “absorvida pela pele, resultando em convulsões, e em uma hora causaria uma morte demorada e excruciante similar ao envenenamento por estricnina”. Beladona também era letal e conhecida por suas fantásticas propriedades alucinógenas, muitas das quais partiam das esperanças e dos desejos mentais da pessoa, transformando-os em uma realidade selvagem.

Eu não me dera conta, mas entrar naquela estufa de Reinhart tinha sido como entrar em uma unidade de resíduos nucleares com um *leve vazamento* em um dos reatores ou nadar às cegas para um recife com grandes tubarões brancos. Era impressionante que eu não estivesse *morto*, não tenha desmaiado em algum lugar da propriedade, nem despencado em uma ravina — até mesmo saltado da ponte do diabo, acreditando que podia voar. Além

do óbvio horror relacionado a minha segurança, isso agora colocava em dúvida tudo o que eu vira e experimentara ali. Não podia mais confiar em uma única lembrança após ter entrado naquela estufa.

Eu *realmente vira* aquele homem ou ficara preso naqueles hexágonos? Será que vira aquela vala funda no chão ou minha própria esperança dominante de achar provas palpáveis lá fizera aquilo surgir bem diante dos meus olhos? Aquelas pessoas de túnicas pretas que me cercaram — uma delas esperando dentro do confessionário daquela igreja — haviam sido reais? Ou uma encarnação do meu medo induzida por drogas?

Agora não podia provar nenhuma dessas coisas. *Poderia muito bem ter fumado um maldito cachimbo de crack*. Era uma novidade enfurecedora, para dizer o mínimo.

Aborrecido, vagamente irritado comigo mesmo por não ser mais cuidadoso, decidi voltar minha atenção para algo concreto, algo *categoricamente real* — pesquisar pessoas desaparecidas em Adirondack.

Em algumas horas, usando a base de dados do Centro Nacional de Crianças Desaparecidas e Exploradas, eu compilara uma lista de indivíduos que haviam desaparecido em um raio de quinhentos quilômetros de The Peak desde 1976 — ano em que Cordova se mudara para a propriedade.

Havia uma incidência claramente mais alta de desaparecimentos *após* 1992, o ano da maldição do diabo e de Ashley atravessando a ponte.

Também houve um garoto que sumira em Roma, Nova York (a cento e oitenta e três quilômetros de The Peak) em 19 de maio de 1978, ano em que *Anjinhos* fora filmado na propriedade. As quatro crianças dadas como mortas em *Anjinhos* tinham entre seis e nove anos. Era uma pista frágil, mas se Falcone me confirmasse que *era* sangue humano, Brian Burton seria um bom ponto de partida. Ele tinha seis anos quando a mãe, uma garçonete do restaurante e motel Yoder, estacionara ilegalmente no meio-fio e entrara no restaurante para pegar um cheque, deixando o filho sozinho no banco de trás. Ela trancara o carro, mas deixara as janelas de trás entreabertas. Quando voltou, menos de dez minutos depois, o carro estava destrancado e o filho sumira. Ele nunca mais foi visto.

S. McGrath

*Pessoas desaparecidas
em um raio de 500 quilômetros de The Peak e Crowther Falls, NY*

1976 - Hoje

<u>NOME</u>	<u>IDADE</u>	<u>SITUAÇÃO</u>	<u>VISTO EM</u>
Kate Gonzales	28	Fugitiva em perigo	8/8/1977
Brian Burton	6	Sequestro por desconhecido	19/5/1978
Madonna-Glyde	15	Fugitiva em perigo	3/12/1981
Lacey Robertson	17	Fugitiva em perigo	1/10/1990
Kevin Tsui	9	Sequestro por parente	21/11/1997
Vincent Giovanelli	24	Desaparecido	30/9/2000
Laura Belle Helmsley	15	Fugitiva	13/3/2001
Valerie Lorraine-Luca	3	Sequestro	3/6/2004
Sophie Hecta	8	Desaparecida em perigo	13/3/2005
Vanessa Mills	52	Desaparecida	16/7/2005
Kurt Sullivan	9	Desaparecido em perigo	13/09/2009
Jessica Ann Carr	5	Sequestro por desconhecido	13/8/2011

Depois de "Habitação do diabo"

*Por volta da época em que
Anjinhos foi filmado em The Peak?*

Linha do tempo de Ashley Cordova

Nascida: 30/12/1986
Incidente na ponte do diabo Em algum momento de 1992

Os outros incidentes eram igualmente assombrosos. As últimas vezes em que as pessoas foram vistas e os detalhes simbólicos: o colar com medalhão de Sophie Hecta, o desenho de um peixe preto feito com lápis de cera de Jessica Carr fora encontrado em sua cama quando os pais descobriram que a menina tinha desaparecido. Infelizmente (e *previsivelmente*, já que era provável que Cordova soubesse como disfarçar seus rastros), nenhum detalhe que eu tinha lido relacionava claramente qualquer um desses casos ao diretor — nenhum paralelo com seus filmes, nenhuma visão de um homem misterioso usando lentes negras que obliteravam seus olhos.

Nada — mas então, uma pista frágil.

O escaninho de Laura Helmsley na escola fora vasculhado na semana anterior a sua fuga de casa, e ela denunciara à secretaria que seu diário tinha sido roubado. Esse detalhe lembrava levemente os incidentes que John, o informante anônimo, descrevera. Será que Cordova roubara o diário da garota esperando que ela pudesse ser uma troca justa por Ashley? A polícia acreditava que a menina simplesmente fugira com o namorado mais velho. Tinham sido flagrados por uma câmera de segurança em um *drive-thru* em White Castle dois dias antes de desaparecer.

Mas não havia qualquer notícia dela em mais de dez anos.

Antes de ler sobre as plantas alucinógenas, eu teria acreditado em uma possibilidade *alternativa*, que o mundo pudesse simplesmente ter se aberto e engolido essas pessoas. Parecia ser de fato a única explicação lógica para o caso de Kurt Sullivan, que desaparecera a menos de trinta metros de uma trilha de caminhada fácil na floresta selvagem de Moose River Plains (a cento e cinquenta quilômetros de The Peak). Ele deixara a família e voltara apressado ao acampamento para colocar meias mais compridas — e nunca mais foi visto. Uma busca feita por seiscentos homens, que contou com a ajuda da Força Aérea dos Estados Unidos, não encontrou nenhuma pista do garoto.

Sombras com vontade própria, maldições da morte e maldições do diabo, rios que fluíam, negros, e feras com casca de árvores em vez de pele, um mundo com fissuras invisíveis através das quais qualquer um poderia cair acidentalmente a qualquer momento — eu poderia mesmo ter considerado

isso depois do que acontecera comigo em The Peak. Aquela investigação de Cordova não estava chegando aos limites de uma realidade assim, um mundo infinitamente misterioso, envolto em questões que eram impossíveis de explicar? Cordova poderia muito bem ser um louco, ter apagado as fronteiras entre fantasia e realidade em sua vida e obra, mas não fora legitimamente capaz de adquirir algum tipo de poder lá, qualquer que fosse? Isso não era verdade? Eu não testemunhara com meus próprios olhos?

Agora eu não sabia no que acreditava. Era lógico que eu havia sido exposto a *trombeteiras* demais. Mas, ainda assim, o que Cordova — ou Popcorn — estava fazendo ao manter próspera aquela estufa com plantas tóxicas suficientes para eliminar um exército?

Quanto mais casos de pessoas desaparecidas eu lia, mais esses mistérios pareciam se desfazer em um milhão de fios. De qualquer forma, anotei os inúmeros detalhes, desdobramentos vagos mencionados por jornais locais e blogs de pessoas desaparecidas. Então, com a cabeça sobrecarregada, me afastei do computador e decidi ir até a Klavierhaus.

Se Ashley tinha frequentado a loja quando criança, como Hopper nos contara, eu queria conversar com alguém que a conhecia daquela época. O gerente com o qual tínhamos conversado, Peter Schmid, poderia ajudar a encontrar essa pessoa.

Mas quando cheguei lá fiquei chocado ao descobrir que algo *bizarro* acontecera — ou melhor, não era *nada* bizarro, considerando o que eu tinha pesquisado nos três dias anteriores.

Peter Schmid se fora.

— O QUE isso quer dizer? — perguntei.

— Ele pediu demissão — disse o jovem atrás do balcão da Klavierhaus.

— *Quando?*

— Há duas semanas.

— Para onde ele foi?

— Não tenho ideia. Foi muito repentino. O sr. Reisinger, o dono, ficou *puto*, porque estamos com pouco pessoal. Sou só estagiário. Mas Peter estava tendo alguns problemas também.

— Tem o telefone dele?

O garoto me deu e disquei, saindo da loja. O piano Fazioli que Ashley tocara ainda estava na vitrine.

Parei na calçada, incrédulo. Uma gravação anunciava que o número havia sido desligado.

Eu não sabia o que isso significava — apenas que havia algo errado.

Chamei um táxi e minutos depois estava entrando a passos largos no saguão do Campanile, o prédio de Marlowe Hughes. Reconheci o porteiro de rosto gordinho como o segundo que estava de serviço no dia em que abordei Harold.

— Estou procurando Harold — falei, indo na direção dele.

— Ele não trabalha mais aqui. Conseguiu um emprego novo na Quinta Avenida. Um prédio chique, luvas brancas...

— *Qual?* Preciso do endereço.

— Ele não disse.

— Preciso subir para ver Marlowe — afirmei, dando a ele meu cartão de visitas. — Sou amigo de Olivia Endicott.

— *Marlowe?*

— Marlowe Hughes. Apartamento 1102.

Ele pareceu desconfortável.

— É, mas a srta. Hughes não está exatamente... *em casa*.

— Onde ela está?

— Não posso discutir essa questão específica.

A preocupação me inundou. Dei cem pratas ao homem, que ele embolsou alegremente.

— Eles a mandaram para reabilitação — disse em voz baixa. — Houve um incidente. Mas ela está bem.

— Você ainda poderia me deixar entrar no apartamento dela?

Ele fez que não com a cabeça.

— Lamento, *não*. Ninguém foi lá desde...

— Sei que Olivia está fora do país, mas ligue para a assistente dela. Ele vai autorizar.

Ele pareceu duvidar, mas esperou pacientemente enquanto eu encontrava o número.

— É, oi — disse o homem ao telefone depois que disquei para ele. — É do Campanile. Estou com um cavalheiro aqui. — Ele semicerrou os olhos para meu cartão. — *Scott McGrath*.

Ele explicou a situação, depois ficou em silêncio.

Então, de repente, seu rosto, antes tão amigável, ficou sério. Olhou para mim, visivelmente assustado, depois desligou sem falar nada. Levantou-se e contornou a lateral da mesa, o braço estendido para me escoltar até a porta.

— Precisa ir embora, cavalheiro.

— Apenas me diga o que ela falou.

— Se você incomodar alguma das pessoas aqui novamente, chamarei a polícia. O senhor não tem qualquer ligação com Olivia Endicott.

Do lado de fora eu me virei — sem palavras —, mas ele estava solidamente de pé à porta, olhando feio para mim.

Fui depressa para a calçada. Quando cheguei à esquina, liguei eu mesmo para a assistente de Olivia. Ela atendeu imediatamente.

— Aqui é Scott McGrath. Que porra foi essa que acabou de acontecer?

— Com seu perdão, senhor? Não sei do que está falando...

— Sem babaquice. O que disse ao porteiro?

Ela não disse nada, aparentemente decidindo se ignorava ou não. Depois falou em uma fria voz suprimida:

— A sra. Du Pont preferiria que o senhor não entrasse em contato com ela ou com qualquer membro da família.

— A sra. Du Pont e eu estamos trabalhando juntos.

— Não mais. Ela não quer ter mais nenhuma relação com suas atividades.

Desliguei, furioso, e liguei para a administradora do Campanile de modo a conseguir o número de telefone de Harold.

Estava desativado.

RETORNEI À RUA Perry e tentei sistematicamente entrar em contato com todas as testemunhas com quem tínhamos encontrado durante a investigação.

Iona, da *diversão para despedida de solteiros*, que nos dera a dica de Ashley ter ido à Oubliette. Liguei para o número no cartão de visitas dela e fui informado pela gravação automática de que a caixa postal estava *cheia*.

Isso não mudou, nem depois de quatro dias.

Liguei para Morgan Devold. Eu não tinha mais a página arrancada do catálogo telefônico — havia sido roubada quando meu escritório fora invadido —, mas consegui o número ligando para o serviço de informações de Livingston Manor, Nova York.

Estava dando ocupado. Tentei de hora em hora pelas *seis horas* seguintes. Continuava dando ocupado.

Após ser informado pelo diretor assistente de manutenção do Waldorf Towers que Guadalupe Sanchez não era mais funcionária do hotel, decidi rastrear a jovem enfermeira de cabelo cor de morango que correra na frente do nosso carro em Briarwood. Lembro que Morgan Devold mencionara que seu nome era Genevieve Wilson.

— Genevieve Wilson foi estudante de enfermagem em nossa administração central durante três meses — explicou um homem da administração central.

— Posso falar com ela?

— Seu último dia de trabalho foi três de novembro.

Isso fora mais de três semanas antes.

— Há um número de telefone para que eu possa encontrá-la? Um endereço residencial?

— Não está disponível.

Seria aquilo de alguma forma culpa *minha*? *Eu tinha perdido a cabeça*? O sintoma básico da loucura era um assombro quase constante com o mundo e uma desconfiança de todas as pessoas, desde estranhos a parentes e amigos. Eu tinha os dois sintomas bem pronunciados. *Por que não teria*? Cada testemunha, cada estranho e espectador que encontrara Ashley havia desaparecido. Sumiram silenciosamente como uma neblina que eu não notara que se erguia até desaparecer. Fora o que acontecera com meu informante anônimo, John, anos antes.

Ou eu entendera tudo errado? Será que aquelas pessoas tinham fugido para salvar a própria vida, sumindo, se escondendo nos cantos mais distantes do mundo — como Rachel Dempsey e os inúmeros outros atores que tinham trabalhado e morado com Cordova — porque estavam fugindo de algo? Tinham medo dele, Cordova, por conversar comigo sobre sua filha? Como minhas anotações tinham sido roubadas, não havia mais registro do que eles me contaram sobre Ashley. O testemunho dessas pessoas agora só existia na minha cabeça — e nas de Hopper e Nora.

Mas até mesmo eles tinham partido.

Então, existia unicamente na *minha cabeça*.

Tomado por uma repentina preocupação de que Nora e Hopper poderiam ter sumido da mesma forma que os outros, liguei para os dois, deixando mensagens pedindo que retornassem a ligação. Depois telefonei para Cynthia, com uma vontade súbita de ouvir a voz de Sam, irracionalmente preocupado que ela também tivesse partido. Caiu na caixa postal. Deixei uma mensagem seca, peguei meu casaco e saí do apartamento.

À LUZ DO fim do dia, a ladeira de Morgan Devold parecia muito diferente da noite em que nós três fomos até lá. Quase não a reconheci. Parei no acostamento, desliguei o motor e saltei.

Imediatamente fui atingido por um cheiro: *fumaça*.

Subi a ladeira. Alguns galhos crescidos tinham sido quebrados para trás e ao meio — *como se um caminhão grande tivesse subido por ali*. O cheiro de queimado ficou mais forte, e quando cheguei ao topo, parei, olhando para o gramado diante de mim.

A casa dilapidada de Morgan Devold fora incinerada.

Fui na direção dela, tonto de choque. Nenhum dos dois carros estava lá. Tudo o que restara tinha sido um ar-condicionado calcinado e meio balanço lascado.

Meu palpite era que o incêndio acontecera uma semana antes, talvez mais, e não fora um acidente. Caminhei por ali, procurando provas, mas os únicos objetos identificáveis que encontrei foram uma banheira de louça enegrecida, a base queimada de uma poltrona reclinável e um braço de boneca de plástico se erguendo do entulho. Ao ver aquilo pensei se pertenceria a Bebê, a boneca que Morgan pescara na piscina de crianças. Imediatamente cruzei a grama alta até o canto mais distante do quintal.

Eu encontrei a piscina no exato lugar onde estivera antes, ainda parcialmente inflada, mas virada de cabeça para baixo. Desvirei e vi, além das folhas incrustadas, uma mancha preta considerável no fundo.

Só podia ser onde Ashley escondera a boneca, para que seu feitiço dentro do leviatã funcionasse. Era estranhamente esmagador ver aquilo — como se a marca preta fosse a última confirmação de que o que havíamos descoberto sobre sua vida e sua morte tinha sido real.

Quem incendiara a casa? Será que Morgan e a família estavam lá dentro quando aconteceu, ou tinham partido havia muito tempo, como todas as outras testemunhas que Ashley encontrara?

Passei meia hora circulando pelo entulho, tentando encontrar respostas, ao mesmo tempo incrédulo e furioso com o tom derradeiro daquilo. Parecia que aquela devastação calcinada *não era simplesmente* a casa de Devold, mas toda a investigação. Porque tudo acabara, fora desperdiçado, e eu, o último homem, tarde demais, me arrastava sobre ela, escavando uma verdade subjacente agora desaparecida.

Voltando para o meu carro, vi algo branco e pequeno caído na grama alta.

Era uma guimba de cigarro.

Havia quatro delas. Peguei uma e vi a estranha marca pequena impressa junto ao filtro. Recolhi as quatro guimbas apressadamente e então, com a cabeça girando, desci a ladeira correndo.

Murad.

BECKMAN, VESTINDO UMA calça de veludo cotelê preto e uma camisa de flanela xadrez azul, falava diante de um auditório lotado. Havia pelo menos trezentos estudantes, todos escutando cada palavra dele.

— O filme mantém a tensão à *flor da pele* até os minutos finais — dizia Beckman —, quando Mills descobre o conteúdo lacrado dentro da caixa entregue pela FedEx; a *cabeça cortada* de sua esposa. O filme termina em suspense, e ficamos pensando em qual é o destino do pobre detetive. Ele antes fora tão ousado, tão confiante. Agora se vê cara a cara com os horrores que estava perseguindo. A possibilidade de se transformar ele mesmo em horror. Mills será *assolado* ou *salvo*? Temos que avaliar o universo moral da história, tudo o que se passou antes, para conhecer a resposta. Será que sai vivo?

Dramaticamente, Beckman dá meia-volta, erguendo o controle remoto — como um feiticeiro apontando uma varinha de condão — e na tela gigantesca atrás dele surge um trecho de filme. Os minutos finais de *Seven*, com Morgan Freeman e Brad Pitt como Somerset e Mills, e Kevin Spacey como John Doe no banco de trás de uma viatura policial.

Bati pela segunda vez na janela, e dessa vez Beckman me ouviu, deu um pulo de evidente surpresa, olhou para os alunos e veio até mim.

— McGrath, mas que *inferno* — sibilou ele, entreabrindo a porta.

— Preciso falar com você.

— Não vê que estou ocupado?

— É uma emergência.

Os olhos escuros dele piscaram para mim por trás dos óculos. Olhou por sobre o ombro. Seus alunos continuavam fascinados vendo o filme, então ele saiu depressa para o corredor, fechando a porta silenciosamente.

— O que é isso, por *Deus*; você *sabe* que não gosto de ser interrompido quando estou dando aula. Há uma *coisinha* chamada *fluxo criativo*...

— Preciso do nome dos seus gatos.

— O quê?

— Seus *gatos*, seus *malditos gatos*. Quais são os nomes deles?

Uma estudante que passava se virou, me olhando desconfiada.

— Meus malditos *gatos*? — repetiu Beckman, me olhando com raiva. — Por isso nunca gostei de você, McGrath. Não é apenas grosseiro e exigente, como nem sequer se lembra dos *gatos* aos quais foi apresentado quinze, *dezesseis* vezes, como se de alguma forma fossem inferiores.

Ele abriu a boca, prestes a me censurar mais, porém deve ter percebido que eu estava perturbado, porque ajeitou os óculos na ponte do nariz.

— *Nomes completos* ou apelidos?

— Nomes completos. Começando por aquele sobre o qual você me falou outro dia. Algo sobre cigarros turcos Murad.

Beckman pigarreou.

— Cigarros Murad. Boris, o filho do Ladrão. Pontiac Caolho. Voyeur. Não Sabe o Quê. Steak Tartare. — Ele uniu as sobrancelhas. — Foram quantos?

— Seis — respondi, anotando.

— Rei Malvado. Phil Lumen. E, por último mas não menos importante, A Sombra. Aí está. *Aproveite*. — Dando um *olé* de toureiro, seguiu rumo à porta.

— Essas são *o quê*, marcas registradas de Cordova?

Ele suspirou.

— McGrath, eu lhe *expliquei* isso inúmeras vezes...

— Como elas funcionam exatamente? Onde aparecem?

Ele fechou os olhos.

— Em toda história que Cordova cria, faça chuva ou faça sol, pelo menos uma ou duas, algumas vezes até *cinco* dessas marcas registradas, ou assinaturas, caso prefira, aparecem *sem ser anunciadas*, como parentes há muito sumidos em uma véspera de Natal. Naturalmente elas provocam muito

drama. — Ele semicerrou os olhos para mim, me observando escrever. — *Sobre o que é isto, afinal?*

Enfiei a mão no bolso, tirando as guimbas de cigarro. Beckman, franzindo o cenho, pegou uma, examinando, e então, provavelmente lendo a marca impressa junto ao filtro, me olhou, alarmado.

— Onde em *nome de Deus* você encontrou...

— No interior, onde uma casa foi incendiada.

— Mas eles não *existem*, a não ser em um filme de Cordova.

— Eu estou em um.

— Perdão?

— Acho que estou *dentro* de um filme de Cordova. Em uma de suas narrativas. E não terminou.

— Do que você está *falando*...?

— Ele armou para mim. *Cordova*. Talvez Ashley também. Não sei *por que* ou *como*. Tudo o que sei é que tentei descobrir as circunstâncias que cercam a morte de Ashley, e todas as pessoas com quem conversei, todos que se encontraram com ela desapareceram. O homem tinha um gosto por trabalhar com a realidade, manipulando seus atores, levando-os ao limite. Agora fez isso comigo.

Beckman estava boquiaberto, seus olhos arregalados de descrença. Parecia ter entrado em um tipo de estado de fuga dissociativa.

— Apenas me conte sobre os cigarros — pedi.

Ele inspirou.

— McGrath, isso realmente não é bom.

— Pode ser um pouco mais *específico*?

— Eu não lhe *disse* para deixá-lo em...

— *Os cigarros!*

Ele tentou se recompor.

— Se você é o primeiro personagem a aparecer no local *depois* que os cigarros Murad foram fumados, significa que está marcado, McGrath. Está destinado. Condenado.

— Mas há *alguma saída*...

— Não. — Ele ergueu uma sobrancelha. — *Há* uma chance mínima se você conseguir ter uma improvável fé enorme de que vai sobreviver, mas isso é como saltar do telhado de um arranha-céu para outro. Quase sempre termina com você esmagado na calçada, morto ou preso para sempre em um inferno viscoso, lutando em seu casulo como Leigh no final de *La Douleur*.

Anotei isso.

— E quanto a Boris, o Filho do Ladrão?

— É um velho dublê de Cordova. Seu nome completo é Boris Dragomirov. Um russo pequeno e musculoso. Seu pai era um gângster famoso na terra natal deles, conhecido simplesmente como O *Olho Negro*. O homem conseguiu escapar de todo gulag onde o trancaram e ensinou ao seu único filho, *Boris*, todas as técnicas. Cordova usou Boris em todos os filmes. Ele fazia todos os trabalhos sujos, os golpes, as surras, arrombamento e invasão, acidentes de carros, pulos de penhascos. Seu maior papel foi interpretando o chantagista em *A janela rachada*, aquele que aparece do outro lado da tela do confessionário deixando Jinley em pânico. Corre tão rápido quanto um Maserati turbinado e consegue escapar de *tudo*, *todas as vezes*.

Só precisei de um segundo para saber onde o tinha encontrado.

— Eu o persegui — falei. — Conversei com ele.

— Você *conversou* com Boris, o Filho do Ladrão?

Expliquei rapidamente como ele invadira meu apartamento, como eu o perseguira pela West Side Highway até o píer, onde ele fingira ser gay e depois desaparecera num piscar de olhos.

— McGrath, como você não percebeu? Ele usou o Velho Safado com você, um de seus disfarces mais conhecidos.

— E quanto a Pontiac Caolho?

Beckman entrelaçou os dedos, pensativo.

— Há sempre um Pontiac de cor escura, preto, azul ou marrom, com um único farol. Qualquer objeto ou pessoa que ele ilumine com seu único farol ofuscante será aniquilado.

Lembrei-me disso imediatamente: Hopper alegara ter visto um carro assim no estacionamento do Evening View enquanto esperavam que eu

voltasse de The Peak. Anotei isso apressado, Beckman olhando meus rabiscos.

— *Você viu o Pontiac Caolho?* — perguntou, engasgando. — *Não me diga que você ficou sob o facho...*

— Eu não. Outra pessoa o viu. Voyeur?

Ele piscou, exasperado.

— A imagem é a marca registrada de Cordova. Assim como o plano-sequência desde o *porta-malas* é marca de Tarantino, O voyeur é uma única tomada longa de outra pessoa que não sabe estar sendo observada atentamente. É sempre emoldurada por uma cortina fechada, venezianas, o vidro traseiro enlameado de um carro ou uma porta entreaberta.

Pensei nisso, mas não pareceu lançar nenhuma luz sobre o que eu encontrara durante a investigação.

— Não Sabe o Quê? — prossegui.

Beckman deu de ombros.

— É o comparsa, o braço direito, a figura de *frente*, o lacaios. Aparece quando o chefe não vai, executando suas ordens passivamente sem julgar, liberando, dessa forma, uma força escura e malévola no mundo. A frase vem da bíblia, claro, Lucas, capítulo 23: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

Demorei algum tempo quebrando minha cabeça, e então a resposta me atingiu. Era tão óbvia que quase ri alto. Rabisquei o nome dele.

— Theo Cordova? — disse Beckman, olhando por cima do meu ombro.
— O que você quer com Theo Cordova?

— Ele tem me seguido.

— O filho de Cordova? Mas como você sabia que era ele?

— Ele não tem três dedos na mão esquerda.

Beckman pareceu chocado.

— Isso mesmo. Theo sempre foi um jovem estranho e calado. Atormentado pelo pai e apaixonado durante anos por uma mulher mais velha.

Fiz uma anotação rápida disso.

— Steak Tartare?

Beckman lambeu os lábios, ansioso.

— Em todo filme de Cordova, alguém, com frequência um figurante, é visto comendo carne crua precisamente picada. Então. *A primeira pessoa* que aparece em cena em plano médio ou em close *depois* do consumo de carne crua... será *malvada*. Ele ou ela em segredo, normalmente fora de cena, se torna um vira-casaca, um vendido, um *traidor*, um desertor, e *não é mais confiável*. É Cordova nos lembrando de nosso canibal interior onipresente, uma lembrança de que no final todos somos feras famintas que satisfaremos nossos desejos mais repulsivos no momento certo. Dizem que é a refeição preferida dele.

Eu não lembrava de ter reparado em ninguém comendo esse prato. Coloquei uma interrogação ao lado.

— Rei Malvado?

— Rei Malvado — anunciou Beckman oficialmente, pigarreando. — É o vilão. Um personagem universalmente aterrorizante dos mundos mítico e real. Pode ser repulsivo na aparência ou totalmente inócuo. Costuma ser alguém em posição de grande poder. Quanto mais inteligente e conspirador for o Rei Malvado, mais turbulenta e satisfatória será a tempestade que ele cria.

Esse era fácil. *Cordova*.

— Phil Lumen?

Beckman assentiu.

— Um pequeno detalhe. A Phil Lumen Company é a fabricante de todas as fontes de luz em um filme de Cordova. Lâmpadas, flashes, faróis, estroboscópios, *lava lamps* e postes. *Todas* vêm da Phil Lumen Company, que em latim significa *amor à luz*. De vez em quando o nome é dito em sistemas de comunicação de aeroportos ou de lojas. “Chamada para o sr. Phil Lumen. Por favor, compareça ao balcão da United Airlines no Terminal B.”

Eu não me lembrava de ter escutado nada do tipo — não que tenha notado.

— A Sombra?

Beckman parou, com um sorriso triste.

— Meu preferido. A Sombra é o que as pessoas caçam ao longo da história. Ou ela persegue o herói, se recusando a deixá-lo só. É uma força

poderosa que o enfeitiça tanto quanto o atormenta. Pode levar ao céu ou ao inferno. É um vazio eterno dentro de você, que nunca é preenchido. É tudo na vida que você não pode tocar, segurar, tão efêmero e doloroso que o faz engasgar. Pode até vislumbrar por alguns segundos antes que suma. Mas a imagem viverá com você. Nunca esquecerá enquanto viver. É o que o aterroriza e paradoxalmente o que procura. Não somos nada sem nossas sombras. Elas dão definição ao nosso mundo que do contrário seria pálido e ofuscante. Nos permitem ver o que está bem à nossa frente. Mas nos assombram até estarmos mortos.

Era Ashley. Beckman descrevera de modo impecável meu encontro com ela no Reservoir. Enquanto ele me observava escrever o nome dela, seus olhos passaram das minhas anotações para meu rosto.

— O que mais? — perguntei.

— O que mais sobre o *quê*?

— A mente de Cordova. As histórias dele.

Depois de um momento, Beckman deu de ombros, com uma expressão melancólica.

— Aquelas constantes apodrecendo dentro do cérebro de Cordova são tudo o que fui capaz de descobrir. O resto, como dizem, é... Não é *história*, nunca gostei desse termo, mas *revolução*. Uma revolta constante. Conversão. Rotação. Ah, meu caro. — Ele deu um pulo, uma ideia lhe ocorrendo. — Uma coisa, McGrath.

— O *quê*?

— Com frequência, em *algum* momento de uma narrativa de Cordova, o herói encontra um personagem que é a própria vida e a morte. Ele ou ela estará sentado no cruzamento dos dois, o começo de um, o fim do outro. — Beckman respirou depressa, apontando para mim. — Será um engodo, um substituto para garantir a liberdade da *coisa real*. É o personagem preferido de Cordova. Está sempre lá, quando a mente de Cordova funciona, não importa o que for, está entendendo?

Não tinha certeza de que sim, mas fiz uma anotação rápida.

— E quanto aos finais?

— Finais? — reagiu Beckman, parecendo chocado.

— Como *tudo termina*?

Ele coçou o queixo, nervoso, perturbado demais para continuar.

— Você sabe tão bem quanto eu, McGrath. Seus finais são choques sísmicos na psique. Cenas finais que o deixam desperto e pensando *por dias*, pelo resto da sua vida. Com *Cordova*, nunca se sabe. Seus finais podem ser tão plenos de esperança e salvação quanto o pequeno botão verde e branco de uma nova flor. Ou podem ser campos de batalha devastados, cobertos de pernas e línguas perdidas.

Anotei isso, sentindo uma onda de medo insidiosa enquanto o fazia, dobrando e enfiando o pedaço de papel no bolso.

— Obrigado — disse a Beckman. De repente ele parecia reflexivo demais para falar. — Explicarei quando tiver tempo — acrescentei, seguindo pelo corredor.

— *McGrath*.

Parei e me virei. Ele olhava para mim.

— Preciso lhe dar um último conselho para o caso de essa situação extraordinária e *invejável* na qual você se encontra ser realmente *verdade*, que de alguma forma você tenha mergulhado fundo em uma história de *Cordova*. — Eu o encarei de volta. — Seja o *cara bom* — falou.

— Como sei se sou o cara bom?

Ele apontou para mim, anuindo.

— Uma pergunta muito sensata. Você não sabe. A maioria dos caras maus acha que é bom. Mas há alguns significantes. Você será infeliz. Você será odiado. Vai tropeçar no escuro, sozinho e confuso. Terá pouca noção da verdadeira natureza das coisas, até o *último minuto*, e apenas se tiver a disposição e a loucura de ir bem até o fim. Porém, mais importante, e *crítico*, você agirá sem pensar em si mesmo. Será motivado por algo que não tem *nada* a ver com ego. Fará isso por justiça. Por graça. Por amor. Aquelas grandes qualidades bastante heroicas que apenas os *bons* têm força para carregar nos ombros. E você vai *escutar*. — Ele lambeu os lábios novamente, franzindo o cenho. — Se você for o cara bom, então *talvez possa* sobreviver, McGrath. Mas, claro, com *Cordova* não há garantias.

— Entendo.

— Boa sorte — disse ele, e então deu meia-volta e, sem olhar para mim novamente, desapareceu em sua sala de aula.

VIGIEI A CASA na rua Setenta e um Leste — a que Hopper invadira — pelos onze dias seguintes. Voltava para casa para ter um sono irregular, claro, deixando um pequeno fio clandestinamente posicionado no pé da porta da frente, preso por um pedaço microscópico de fita adesiva, para saber se alguém entrara enquanto eu estivera fora.

Mas o fio permanecera intacto.

Àquela altura tudo que eu aceitava como verdade era que de *algum modo* havia sido belamente enganado, começando, acreditava, com Ashley aparecendo no Reservoir naquela noite. Mas por que e como isso havia sido planejado e executado, se as testemunhas que localizamos tinham ou não contado a verdade sobre o comportamento de Ashley, o que era *real*, o que *não era*, eu não sabia mais. Será que algo podia ser real quando todas as provas daquilo desapareceram? Algo era categoricamente verdade se existia apenas em sua cabeça, da mesma forma que seus sonhos?

Cordova, em sua vida e em sua arte, fundira fantasia e realidade, então parecia estar explicitamente me mostrando, para meu desagrado, uma dessas misturas de verdade e ficção. Talvez fosse seu modo de destacar para mim não apenas sua superioridade — que estava além do desmascaramento, que eu nunca o pegaria —, mas que em alguns casos a maior verdade sobre uma família, sobre a vida de uma pessoa, era a fantasia, e apenas a mente de um homem simples ansiava que uma fosse claramente diferenciada da outra.

Pouco depois de eu ter interrompido a palestra de Beckman, Hopper e Nora me ligaram com algumas horas de intervalo, perguntando, preocupados, se eu estava bem. Então pelo visto os dois *não* tinham desaparecido como todos os outros, apenas estavam preocupados em cuidar das próprias vidas. Nora ensaiava o monólogo de abertura de Al Pacino em *O sucesso a*

qualquer preço, que planejava interpretar em seu teste para *Hamlette* no Flea Theater. Minha conversa com Hopper, embora civilizada, foi truncada, em parte porque estávamos sendo constantemente interrompidos por outras chamadas que ele recebia e por ele não ter exatamente me perdoado pela decisão de continuar procurando a verdade sobre Ashley. Ambos me perguntaram se eu ainda trabalhava na investigação, mas não pareceram querer ouvir a resposta. Senti que Ashley de alguma forma ficara no passado deles, um belo dia sombrio do qual desejavam se lembrar de certa forma, com uma determinada música tema assustadora, não querendo ouvir outra experiência que maculasse essa imagem. Nos dois casos desliguei sem mencionar qualquer coisa sobre os desaparecimentos de todas as nossas testemunhas *ou* sobre os cigarros Murad, as marcas registradas de Cordova que pareciam ter pontuado a investigação da vida real.

Contudo, *havia* uma pessoa fundamental que permanecia *exatamente* onde eu a encontrara.

Voltei à Encantamentos, passando sem me anunciar pela cortina preta nos fundos, esperando ver alguém novo sentado à mesa redonda me informando que Cleo se mudara para Louisiana.

Mas para meu choque — e alívio —, Cleo estava lá. Ficou surpresa ao me ver, e após algumas amenidades desajeitadas, que envolveram eu perguntar se ela conhecia Cordova (“O diretor? Não”, respondera, visivelmente confusa) ou comia *steak tartare* (“Sou vegana”, dissera secamente), e também verificar a lâmpada vermelha na luminária acima da mesa para descobrir se por acaso havia sido fabricada pela Phil Lumen (era da GE). Agradei e fui embora depressa, minha mente repassando obsessivamente a última vez em que a vira, quando me mostrara como a cauda do leviatã se movia por vontade própria.

Aquilo fora real.

Não podia ser descartado por eu ter ingerido trombeteira. Era um indício da realidade da magia negra, de fraturas escuras e invisíveis cortando nosso mundo comum.

Não era? Após passar dias pensando nisso, finalmente recebi o telefonema que estava esperando.

— McGrath. Sharon Falcone.

Senti desconforto ao ouvir a voz dela. Algo me dizia que eu não ia gostar do que ela iria me dizer sobre a camisa manchada que eu lhe entregara e os ossos.

— Conseguimos dar uma olhada no que você me deu.

— *E?*

— Não há nada ali.

Ela parou, como se sentindo que eu ficara perturbado com a notícia.

— Não há sangue, animal ou não, na amostra. O que encontraram foram traços de glicose, maltose, alguns oligossacarídeos.

— O que é isso?

— Xarope de milho. Pode ter sido refrigerante, alguma bebida enlatada ou engarrafada que foi derramada na camisa. Como passou anos guardada, deve ter enrijecido. Mas é uma amostra tão danificada que fica difícil dizer.

— Não há absolutamente *nenhuma chance* de ser sangue humano?

— Nenhuma chance.

Fechei os olhos. *Xarope de milho.*

— E os ossos? — perguntei.

— Foram identificados como sendo da família *Ursidae*, provavelmente *Ursus americanus*.

— O que é isso?

— Um urso-negro. Provavelmente o pé de um filhote.

Um urso-negro.

— Você precisa de férias — disse Sharon. — Dê um tempo por umas duas semanas. A cidade pode bagunçar sua cabeça. Como todos os casos amorosos nocivos, você precisa de um descanso antes de voltar para mais dor e coração partido.

Eu não tinha nada a dizer, porque não podia estar certo. *Eu tivera tanta certeza*, certeza dos cenários de filmes, de que eles continham sofrimento humano real. Não podia terminar assim.

— Ainda está aí? — perguntou Sharon.

— Desculpe ter incomodado você com isso — consegui dizer.

Ela pigarreou.

— Você precisa seguir em frente. Eu entendo, *acredite* em mim, como essa coisa pegou você, que não há nada mais importante que encontrar a porta oculta que o levará ao bunker subterrâneo onde está a verdade, sentada ali, atrás das grades. Mas algumas vezes a verdade simplesmente não está lá. Mesmo se você puder farejá-la e ouvi-la. Ou simplesmente *não* há mais um caminho. Foi tomado. Rochas se moveram. Poços desmoronaram. Nem com qualquer força humana é possível *entrar*, nem mesmo com toda a dinamite do mundo. Então você deixa isso para lá. E segue em frente.

Enquanto ela dizia isso, um telefone começou a berrar do outro lado, embora ela o tenha ignorado.

— O lado escuro da vida tem um modo de encontrar a todos nós, *de qualquer forma*, então pare de persegui-lo.

— Obrigado, Sharon. Por tudo.

— Deixe isso para lá. Agora, vá à praia, arrume uma namorada, pegue um *bronzeado, alguma coisa?*

— Com certeza.

— Cuide-se.

— Você também.

A linha ficou muda. *A pata de um urso-negro.*

Passei o resto do dia tentando afastar da minha mente a decepção, me dizendo para aceitar, que Hopper e Nora estavam certos. Eu chegara ao final da estrada. E encontrara um inegável beco sem saída. *Não havia prova de crime algum.*

Mas então me dei conta de que *havia* uma última pedra a virar. Restava *uma pessoa* que poderia lançar uma luz sobre a situação, que poderia explicar de um ponto de vista interno o que tudo aquilo significava, e aquela pessoa era a antiga assistente de Cordova, Inez Gallo.

Eu só precisava esperar que ela voltasse à casa. Iria esperar o tempo que fosse. E quando aquela mulher *finalmente* aparecesse — fosse no dia seguinte ou três anos depois — eu estaria pronto.

ACONTECEU NO DÉCIMO segundo dia que passara vigiando. Pouco depois das cinco da tarde. Estava voltando de uma delicatessen na Lexington quando notei uma mulher pequena de casaco preto caminhando apressada pela calçada, meio quarteirão à minha frente.

Era Inez Gallo. Eu a reconheci imediatamente: o cabelo grisalho cortado com afobação, postura curvada e resoluta como um pequeno touro prestes a atacar. Como se não quisesse ser vista, subiu os degraus rapidamente, desaparecendo do lado de dentro.

Esperei alguns minutos, e como a rua permaneceu deserta, agarrei a grade de ferro forjado que se estendia pelo primeiro andar da casa e comecei a escalar. Eu precisava que Gallo estivesse com a guarda baixa, e me lembrava de como Hopper fizera: enfiando os pés entre as barras, passando o pé direito sobre a luminária antiquada acima da porta da frente. Agarrando a balaustrada de treliça ao longo do segundo andar acima da minha cabeça, consegui me içar para a varanda, prendendo minha perna direita na lateral, escalando e desabando no piso coberto de folhas. Segui para a janela à direita, aquela cujo sistema de alarme Ashley desligara.

Gallo tinha acendido algumas luzes no saguão de entrada abaixo, pois uma luz penetrava pela abertura da porta em frente, permitindo que eu conseguisse enxergar. Era uma biblioteca decorada, com revestimento de madeira, todos os móveis cobertos com lençóis brancos. Estava vazia.

Peguei um cartão de crédito, o enfiei sob a janela, a erguendo apenas o suficiente para enfiar os dedos por baixo, então deslizei para abri-la e entrei.

Hopper dissera que na noite em que invadira, a casa parecia congelada no tempo. Encontrara cada objeto precisamente no mesmo lugar de sete anos antes — no dia em que Ashley e ele deveriam partir para o Brasil e ela o

deixara esperando. *Exatamente os mesmos lençóis jogados de forma aleatória sobre os móveis*, dissera, *a mesma música de Chopin no piano de Ashley*. Agora tudo estava meticulosamente coberto e guardado; quando ergui o lençol sobre o enorme Steinway, posicionado no canto mais distante, junto às estantes, não havia partitura alguma. Para mim, parecia que alguém — talvez Inez Gallo — tinha arrumado a casa com mais cuidado, talvez como resultado da invasão de Hopper. Ou a família tivesse lhe pedido que fizesse isso após o corpo de Ashley ter sido encontrado.

Havia uma poltrona voltada para a entrada da biblioteca, que se debruçava sobre o patamar iluminado e uma escada em espiral. Eu me sentei, esperando, e em minutos pude ouvir passos subindo depressa os degraus.

De repente lá estava ela, Inez Gallo, usando uma calça larga de lã cinza e uma blusa branca, passando apressada pelo patamar, seguindo para o lance seguinte.

— *Srta. Gallo.*

Ela ficou paralisada, chocada, e se virou, olhando para mim, embora provavelmente não pudesse ver muito além da minha silhueta.

— Ou prefere ser chamada de *Coio*te?

Ela avançou furiosa para a porta, deslizando a mão sobre um interruptor, e de súbito a biblioteca foi banhada em uma luz dourada fraca que vinha de um lustre alto.

Quando me viu, me avaliou com desprezo suficiente para que eu soubesse que ela sabia exatamente quem eu era.

— Desculpe aparecer assim.

— Vocês simplesmente não entendem uma *dica*. Espero que goste de dormir na cadeia.

Era uma voz grave, gutural, que parecia mais adequada a um caminhoneiro ou a um segurança de um metro e oitenta, não a uma mulher forte, mas diminuta. Mal media um metro e meio, mas tinha a forma de bloco de cimento. Entrou a passos largos na biblioteca e pegou um telefone sem fio no balcão, começando a discar.

— Eu não faria isso.

— *Não?*

— *Coiote* é um apelido intrigante. Eu pessoalmente iria querer que *meu* apelido fosse um pouco menos incriminador. *Tráfico de seres humanos para trabalhos forçados*? Meu amigo na Imigração me disse que havia um tremendo negócio que teve origem em sua cidade natal. *Puebla*, não é? Aparentemente, uma mulher misteriosa aparecia em uma minivan uma vez por ano e ia embora cheia de pessoas — empilhadas na traseira feito lenha. Conversei com algumas delas. Deram uma descrição *impressionante* da mulher ao volante. A punição por cada crime é de três a sete anos de cadeia. Em quantos filmes eles trabalharam lá? *Dez*? Isso dá de trinta a setenta anos. Depois de *The Peak*, acho que uma prisão federal será um grande choque cultural.

Enquanto eu dizia isso, observava o rosto de Gallo. No instante em que disse *tráfico de seres humanos* soube que acertara na mosca.

E *graças a Deus*, porque eu estava blefando: não tinha amigo algum na Imigração e nem uma testemunha sequer. Durante os dias anteriores eu me debruçara sobre minhas anotações reescritas apressadamente, tentando encontrar alguma coisa, *qualquer coisa*, para usar contra Gallo. Eu continuava voltando ao apelido, mencionado por Peg Martin e Marlowe Hughes: *Coiote*. Um coiole era um cão selvagem da pradaria, mas também era uma gíria para aqueles que transportavam imigrantes ilegais pela fronteira entre México e Estados Unidos. Podiam variar de organizações domésticas improvisadas às financiadas por cartéis de drogas de bilhões de dólares.

Peg Martin mencionara especificamente que a equipe de filmagem usara o apelido, daí imaginei que era por Gallo ter sido o coiole real deles. Isso, somado ao fato de ela ter nascido no México e a afirmação de Marlowe de que Gallo fazia o trabalho sujo para Cordova, me levou à hipótese de que poderia ter sido Gallo quem transportara todos os imigrantes ilegais para *The Peak*. O acerto provavelmente era que trabalhariam três meses em seu filme, testemunhando inúmeros atos chocantes, e então, após serem ameaçados o suficiente para que nunca contassem nada, estavam livres para partir. Sem dúvida *era* um palpite arriscado, e eu não esperara que funcionasse — até aquele momento, vendo a cor sumir do rosto de Gallo.

Ela sofrera uma considerável transformação durante os anos desde a foto de seu casamento com olhos brilhantes, desde o dia em que recebera em nome de Cordova o Oscar por *Anjinhos*. Era como se todas aquelas décadas servindo ao diretor, tão próxima dele, a tivessem petrificado, feito seu cabelo grisalho se tornar mais grosso e duro, seu cenho mais pesado, os lábios rígidos como cordas esticadas. Parecia não restar nada nela que fosse leve ou despreocupado. Mas talvez fosse isso que acontecia quando alguém decidia orbitar para sempre um planeta enorme com uma massa que apequenava a sua.

Ela não mexera um músculo, apenas me olhara atentamente. Pousou o telefone.

— O que deseja, sr. McGrath?

— Ter uma conversa sincera.

— Não temos nada para discutir.

— *Discordo*. Podemos começar com Ashley Cordova morrendo aos vinte e quatro anos, depois tenho outro problema: o fato de que todos com quem falei sobre Ashley terem desaparecido, incluindo a casa de um homem que foi arrasada pelo fogo. Se conversar comigo, então talvez meu amigo da Imigração *deixe passar* sua operação de trabalho escravo.

Ela parecia furiosa, mas mordeu a língua, indo determinada na direção do bar no canto e se servindo de uma dose.

— Se aquilo era trabalho escravo, então milhões morreriam para ser escravos — murmurou ela. — Eles viviam como reis.

— Eles não podiam sair dali. Então, tecnicamente eram prisioneiros.

— Era como pagavam pela travessia; tudo acordado antecipadamente. Não havia coerção nem mentiras. No final da produção mal conseguíamos fazê-los ir embora. Queriam ficar para sempre.

— Como crianças não querendo ir embora do Epcot. *Comovente*.

Ela semicerrou os olhos.

— O que espera ganhar com tudo isto?

— A verdade.

— *A verdade*. — Ela deu um risinho, como uma faísca de um isqueiro morto, depois pareceu séria.

Conseguia ver que ela estava verdadeiramente chocada por eu ter surgido ali, *disso* eu tinha certeza, e no momento parecia decidir como lidar melhor com a situação, a forma mais rápida de se livrar de mim. Deve ter resolvido entrar na brincadeira, pelo menos *por ora*, pois inclinou a cabeça para o lado e abriu um sorriso rígido.

— Posso lhe oferecer uma bebida?

— Desde que não coloque arsênico nela.

Ela me serviu um copo de Jameson da mesma garrafa da qual se servira e se apressou, empurrando o copo na minha direção.

Notei, enquanto ela se sentava no sofá adjacente, que realmente tinha uma pequena tatuagem de leme na mão esquerda — exatamente como eu lera semanas antes no Blackboards. O colaborador anônimo alegara ser uma prova de que Gallo e Cordova eram a mesma pessoa. Olhando agora para o rígido perfil dela, considerei a possibilidade de que o diretor e sua assistente fossem uma pessoa só, que *aquele* fosse Cordova. Mas havia algo naquela mulher, em sua postura pesada de tenente, nos olhos que se moviam depressa, tão subservientes e irrealizados — como se o eterno objeto de sua atenção não estivesse presente, mas em algum lugar nas coxias.

Não, ela certamente não era Cordova. Eu tinha certeza. E ela estava se esquivando.

— Antes que exija ver a estrutura, sr. McGrath — falou, baixando os olhos para me encarar —, tenha certeza de que realmente *é* o que deseja *ver*. As manivelas, as cordas e os suportes metálicos. A ferrugem e as correntes pesadas. Holofotes colocados dolorosamente no alto. É uma realidade diferente daquela que está na tela. E muito menos emocionante.

Ela inclinou a cabeça, como se lhe ocorresse um novo pensamento, estudando atentamente meu rosto e dando um sorriso fino.

— É engraçado. Eu teria pensado que de todas as pessoas *você* teria consciência disso. Você *realmente* nunca viu?

— Viu o quê?

— Com certeza deve ter notado os *indícios*, aqui e ali, pistas...

— Indícios de *quê*?

De repente senti que não estava mais em vantagem naquela situação, que Inez Gallo se *recuperara* — ou que eu nunca a encurralara, para início de conversa.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você realmente nunca descobriu?

— Descobriu *o quê*?

— Ashley era *doente*.

— Por causa da maldição do diabo.

Deu um risinho.

— Posso lhe *garantir*, assim como um *exército* de médicos e especialistas ao redor do mundo, que Ashley nunca sofreu de uma maldição do diabo. Ou de qualquer outro tipo de maldição. Ela tinha *câncer*. Leucemia linfoblástica aguda. Sofreu disso em diversos momentos ao longo da vida.

Olhei para ela, chocado.

Minha primeira tendência enfurecida foi lhe dizer que eu sabia o que ela estava fazendo, me empurrando outra mentira para que confiasse nela. Era uma afirmação absurda, e eu sabia que não era verdade.

Não podia ser.

Mas então, quase que com a mesma rapidez, comecei a pensar em se teria deixado passar algo — *se Hopper deixara* —, se isso, uma doença da vida real, estivera ali o tempo todo, escrita na areia, e tínhamos forçado nossos olhos, encarando ao longe o mar, nunca checando nossos pés.

— Ligue para o Sloan-Kettering se não acredita em mim — acrescentou Gallo, impaciente. — Descubra alguém para *subornar* no departamento de registros, e lhe dirão. Ashley foi tratada ali *três vezes*, registrada sob o nome Goncourt, que era o nome de solteira da sua mãe. A primeira vez foi quando tinha *cinco* anos, a segunda aos quatorze e finalmente aos dezessete, também na Universidade do Texas em Houston.

Olhou para mim, triunfante.

— Verá que estou *certa*.

Eu não disse nada, repassando as datas na cabeça. Ashley só tinha cinco anos quando cruzou a ponte do diabo, a condenando à maldição. Aos quatorze, ela abandonara de repente a carreira de música clássica e aos

dezessete — senti uma onda de incredulidade: aos dezessete, Ashley telefonara para Hopper, chorando. *Ela estava desesperada*, ele nos dissera. *Disse que não conseguia mais morar com os pais e queria ir para onde não pudessem encontrá-la*. Será que quisera fugir da doença?

— Não é culpa sua — anunciou Gallo secamente, como se lendo meus pensamentos. — Qualquer que tenha sido o absurdo em que passou a acreditar, maldições e Satanás, o bicho-papão; embora, *honestamente*, eu teria esperado que um adulto, um *repórter veterano*, fosse um pouco mais *cético*. Mas vou dar um desconto. Ashley era uma garota carismática. Você ficaria *surpreso* como ela convenceu as pessoas ao longo dos anos. Era bastante boa em fazer as pessoas acreditarem no impossível. Como o *pai dela*. Eles tinham, *ambos*, um jeito de tomar sua mão, olhar fundo em seus olhos, e você os seguia pelas passagens do absurdo e do inacreditável para viver lá para sempre, totalmente convertido. *Eu sei*. Eu *fiz* isso. Por quarenta e seis anos. Desisti de tudo. Meu marido. Meus filhos. Mas agora que terminou, consigo ver. Provavelmente porque não sou um deles. Não tenho dificuldade em distinguir o faz de conta da realidade. Vivo no mundo real. Assim como *você*. — Ela disse isso insistentemente, mesmo com raiva, cruzando os braços. — A doença dela destruiu a família. Para crianças pequenas o prognóstico é bom para TUDO. Depois da primeira rodada de tratamento, a maioria tem remissão que dura a vida toda. Não foi o caso de Ashley. Sempre que achávamos que tinha se livrado, que finalmente lhe seria concedido o presente da vida sem rodada após rodada de injeções e esteroides, punções lombares e transplantes de células-tronco, alguns anos se passavam, ela era examinada e os médicos novamente nos davam a notícia terrível. *Matilde* tinha voltado.

— Matilde? — repeti.

Ela concordou, me encarando.

— O nome que Ashley deu para sua doença. Ela a *apelidou*, do modo como outras crianças apelidam amigos imaginários, o que lhe dá uma boa noção de como a cabeça dela funcionava. Quando tinha cinco anos, certa manhã, enquanto comia sua tigela de cereal na cozinha, anunciou alegremente à mãe que tinha uma nova amiga. *Quem?*, perguntou Astrid.

Matilde, respondeu ela. Matilde. Era um nome estranho. Ninguém sabia onde ela tinha ouvido aquilo. *Matilde vai me matar*, disse Ashley. Todos ficaram chocados, mas enfim, ela *era* filha do pai. *Dramática*. Abençoada, e você poderia mesmo dizer *amaldiçoada*, com uma imaginação viva. No dia seguinte, Ashley ficou doente, com febre alta. Pontos vermelhos cobriam braços e costas. Astrid a levou ao hospital, e os médicos nos deram a notícia terrível.

— Mas *Matilde* não seria o título do filme seguinte de Cordova? Um filme que nunca foi lançado.

Gallo assentiu.

— Ele queria escrever sobre isso. Mas não conseguiu. Escrever diretamente sobre algo tão terrível é como olhar para o sol dia após dia. Você não consegue de verdade, por mais que tente. Com certeza ficará cego. — Ela suspirou. — Ele não queria trabalhar em outro filme, só queria salvar a filha. É excruciante para um pai perder um filho. Mas é ainda pior ver seu filho sofrer dia após dia, se equilibrando interminavelmente entre a vida e a morte, levando uma vida de morte. Mas você segue em frente, continua lutando, porque espera que um dia não seja assim. A vida pode ser muito cruel. Ela dá apenas esperança suficiente para sustentar você, como um pequeno copo d'água e uma fatia de pão a alguém à beira da inanição. — Fez uma pausa para dar um gole em sua bebida. — Ashley tomou a decisão de não contar a ninguém de fora da família — continuou Gallo. — Contra os conselhos dos médicos. Mas foi inflexível. Não queria que sentissem pena. Disse, e tinha apenas seis anos na época, que doeria muito mais se ficassem cheios de dedos com ela, se tratassem-na como uma borboleta frágil com uma asa rasgada, do que sofrer nas mãos de Matilde. Todos nós fizemos um pacto com ela, jurando nunca contar a ninguém. E se Ashley não estava suficientemente bem para sair pelo mundo para experimentar a vida, o pai tomou providências para que as vidas mais fascinantes e ultrajantes fossem até *ela*. Entre suas visitas ao hospital na cidade, quatro, algumas vezes cinco vezes por semana, ela tinha aulas particulares em The Peak, e a propriedade inteira se tornou um cenário, um albergue, um *alojamento* secreto escondido habitado o tempo

todo por filósofos e atores, artistas e cientistas, todos ensinando Ashley a viver, pensar e sonhar, ensinando a todos nós, na verdade.

Lembrei-me imediatamente do piquenique vespertino que Peg Martin descrevera. Ashley tinha seis anos. Teria sido por volta da época em que terminava o tratamento — isso se Gallo estava contando a verdade.

Ashley pegou minha mão e me levou até uma área deserta do lago onde havia um salgueiro, a grama era alta e a água, verde-esmeralda. Ela me perguntou se eu conseguia ver os trolls.

— Astrid acertou para que uma concertista de piano da Julliard fosse à casa três vezes por semana dar aulas a Ashley. Os médicos tinham nos alertado de que algumas das drogas muito potentes usadas no tratamento poderiam a longo prazo ter efeitos no seu sistema nervoso, prejudicando suas habilidades motoras e destreza, tornando algo como tocar piano *difícil*, se não *impossível*. Suas mãos e seus dedos poderiam ficar dormentes ou ter maior sensibilidade. Ela poderia ter tonturas. Mas em Ashley as drogas tiveram efeito *oposto*. Ela se tornou capaz de tocar com impressionante velocidade. Sua memória, sua capacidade de dominar mesmo as peças mais complexas, aumentaram, se tornaram *sobre-humanas*. Foi ao piano que ela voltou a viver, escapou da morte, viajando sobre continentes, cordilheiras e mares. Estava em remissão quando ficou em primeiro lugar no Concurso Internacional Tchaikovsky em Moscou. Mas três anos depois, aos quatorze anos, recebemos novamente a notícia horrível. *Matilde tinha voltado*. Ashley estava forte, mas seria logisticamente impossível para ela viajar para concertos e passar por outra rodada de tratamento. Ela teria que desistir de tudo. E foi o que fez.

Gallo ficou em silêncio.

Minha cabeça girava com a simetria dessa equação que eu via de repente: mágica de um lado, ciência de outro, um mito negro pulsante e uma realidade aceitável. Cordova estava desesperado para salvar a filha, como qualquer pai estaria — mas de uma maldição do diabo ou de um câncer mortal? O súbito brilhantismo musical de Ashley ao piano — fora causado por ela ter atravessado a ponte do diabo ou era efeito colateral das drogas quimioterápicas que tomara quando criança?

Voltei a pensar no que Beckman me dissera ao descrever Ashley em concerto. *Ela tinha o conhecimento da escuridão em sua forma mais radical.* Mas de onde viera esse conhecimento: olhando o diabo na cara, sabendo que ele levaria a alma dela, ou virando esquina após esquina de uma doença interminável imaginando se a Morte a estaria esperando do outro lado?

As explicações eram como dois lados da mesma moeda, e o lado que escolhesse revelaria algo fundamental sobre a pessoa que eu era. Antes de investigar Ashley, com pouca hesitação, acreditaria no mesmo lado que a maioria das pessoas, o lado lógico, racional, exato. Mas agora, para meu próprio choque, como um homem que de repente se dá conta de que não é mais a mesma pessoa, aquele outro lado impossível, ilógico, *louco*, exercia muita força em mim.

Eu não queria acreditar nisso, não queria aceitar que Ashley — uma presença tão feroz em toda história que ouvira sobre ela — podia ser derrubada unicamente pela vida real. Eu queria uma explicação mais selvagem para sua morte, algo mais sombrio, ensanguentado, mais insano — *uma maldição do diabo*.

— As coisas ficaram difíceis quando Ashley passou pelo segundo — continuou Gallo, séria. — Ela sempre tivera uma personalidade forte. Tão forte quanto a do pai. Os dois começaram a brigar constantemente; era mesmo uma *guerra*. Os médicos haviam nos alertado de que os esteroides que Ashley tomava poderiam causar instabilidade, explosões de humor, até mesmo violência. Ninguém conseguia controlar os dois. Nem Astrid. Nem eu. Era como viver com dois dragões, e o resto de nós não passava de passarinhos, nos escondendo dentro dos armários e debaixo das escadas, esperando não ser incinerados no fogo cruzado.

— Pelo que brigavam? — perguntei.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não sei quanto você sabe sobre o *temperamento* dos *gênios*, mas eles têm fomes desconhecidas do homem comum. Se você vai se comprometer com uma pessoa assim, precisa aceitar isso, ou seu sofrimento não terá fim. Para sobreviver a tal pessoa você deve se curvar e se torcer o tempo todo como um arame fino, fazendo concessões. Está sempre mudando a sua forma.

Sempre houve outras mulheres. *Outros homens*. Outros *tudo*. Astrid aceitou isso. Mas quando Ashley teve idade suficiente para compreender, considerou inconcebível; uma espécie de glotonaria da parte dele, uma falta de integridade, uma completa traição à família. Um de seus antigos amantes veio para a cidade e se mudou novamente para The Peak, um homem de quem Ashley *não gostava*. Certa noite, quando eu por acaso estava fora, ela foi ao quarto do homem e incendiou a cama enquanto ele dormia. Astrid, não querendo publicidade negativa, tirou o homem, que gritava de dor, da cama no meio da noite. Mas no meio do caminho ela teve um acidente. Theo resgatou o homem antes que uma ambulância chegasse e conseguiu levá-lo a uma emergência sem ser visto. Mas Ashley conseguiu o que queria. O homem desapareceu. — Ela me lançou um olhar. — Suspeito de que já saiba a maior parte disso.

Assenti.

— O homem era Hugo Villarde. O Aranha. Um falso padre.

— Foi sugestão *minha* enviar Ashley para aquele acampamento — anunciou.

— Six Silver Lakes.

— O lugar era bem recomendado. Quando fomos informados de que houvera uma morte acidental lá, um garoto se afogando em uma tempestade, pode imaginar como nos sentimos. Mas quando busquei Ashley ela estava... *diferente*. — Gallo deu de ombros, com uma expressão levemente cínica. — Tinha conhecido um *garoto*. O garoto mais solitário do mundo, como o chamava. Ela o descreveu como uma bela folha vermelha de bordo que se soltara prematuramente da árvore. E flutuou pelo vento e pela chuva, correndo por sarjetas e através de campos, completamente sozinho, ligado a nada. Mas havia algo de fundamentalmente *bom* nele, ela acreditava. Pouco depois ela o localizou, e eles começaram a se corresponder, coloquemos assim. Não sei o que escreviam ou diziam um ao outro, apenas que ela estava animada e viva de novo. O pai ficou aliviado. Todos ficamos. Ashley queria sair de The Peak, ficar perto de gente comum. Ele comprou este lugar para Ashley. — Parou para lançar um olhar cansado ao redor da sala, como se lembrando de como um dia fora calorosa e agitada, animada por vozes e

música, antes de ter sido enterrada sob lençóis brancos como uma civilização perdida. — Parecia o começo de algo. Nós a matriculamos na escola daqui. Rezei para que ele voltasse ao trabalho.

— Fizesse outro filme.

Gallo anuiu, virando o resto da bebida.

— O prognóstico para o câncer piora após mais recaídas. A janela de sobrevivência a longo prazo começa a se fechar. A toxicidade começa a aumentar no corpo, que é demolido de dentro para fora. No começo daquele mês de maio, Ashley deveria fazer um check-up. Não queria ir. Porque sabia a verdade, é claro. Sempre soube. Seus médicos recomendaram um tratamento envolvendo experiências clínicas, um programa experimental em Houston. Pouco depois, Astrid descobriu, escondida no quarto de Ashley, uma mala feita. E duas passagens só de ida para o *Brasil*. Quando Astrid confrontou Ashley, ela disse que ia fugir com Hopper e que não havia nada que alguém pudesse fazer para detê-la. Não queria se tratar. Mas, claro, sua vida estava em jogo. Era apenas uma adolescente. Esse garoto que ela alegava ser o amor de sua vida, um delinquente juvenil; nenhum de nós levava isso a sério. Quem realmente *ama* com essa idade?

— Romeu e Julieta — respondi.

— E Hopper e Ashley. Ashley e o pai brigaram de forma horrível por causa disso. Ele a jogou no carro, trancou as portas e disse que ela estava indo para Houston quisesse ou não. Poderia dizer ao garoto a *verdade ou não*. Mas Ashley decidiu não contar. Disse que amar alguém que está morrendo é uma tortura. Preferia que o garoto a odiasse, porque no ódio está a motivação para seguir em frente, para esquecer, derrotar; melhor do que ser devastado pela perda, ansiar por algo que nunca poderá ter. Ashley não poderia suportar que aquele amor profundo se transformasse em outra coisa, como piedade ou repulsa. Cortou todos os laços com o garoto. E foi para Houston. Quase morreu lá, mas foi mais por causa do coração partido do que da doença.

Gallo ficou em silêncio, seu perfil duro levemente suavizado.

— Ashley melhorou? — perguntei após um momento.

— Sim. Foi para Amherst. Teve que encerrar antes o semestre da primavera por causa de náuseas e fadiga, mas após descansar em The Peak

conseguiu cursar o segundo ano. E estava bem. Ela se formou. Mas então, seis meses atrás, voltou.

— *Matilde.*

Gallo concordou séria, olhando para a mesinha de centro. Minha cabeça girava, porque duas coisas que ela me dissera tinham me deixado perturbado: primeiro, o detalhe sobre Ashley ter encerrado mais cedo o primeiro ano em Amherst. Isso fora mencionado na matéria da *Vanity Fair*. Ao lê-la eu imaginara qual seria o motivo para essa partida misteriosa, e ali estava a explicação.

Em segundo lugar havia uma questão de tempo.

— Por quanto tempo Ashley foi tratada na Universidade do Texas? — perguntei.

— Oito meses? Por quê?

— E então retornou a The Peak?

Ela anuiu lentamente, confusa, e disse:

— Fazia terapia de manutenção em Nova York. Por quê?

— A família encomendou equipamento médico para ela? Uma cadeira de rodas? Ou algo de uma empresa chamada Century Scientific?

— Encomendei tudo para ela. The Peak foi equipada como a Clínica Mayo. Tudo para manter Ashley confortável, para que não a perturbassem sem que fosse necessário. Ela tinha enfermeiras vinte e quatro horas por dia.

— E o lixo de The Peak é queimado à noite?

— Crowthorpe Falls está sempre cheia de Cordovitas. É a Meca deles. Migram para lá de todo o mundo, na esperança de ver algo. A última coisa que Cordova queria era um fã revirando seu lixo, descobrindo uma prescrição que revelasse que Ashley estava doente e começasse a falar sobre isso na internet. Tínhamos que protegê-la. Embora, no fim, a proteção fosse apenas outra jaula.

Tudo tinha se juntado. Os incineradores que Nora vira em The Peak, o frasco de vidro marcado como *risco biológico*, a entrega accidental da UPS para Nelson Garcia em dezembro de 2004: agora tudo fazia sentido, à luz da doença de Ashley. Mas a excitação de solucionar esses últimos mistérios foi

quase imediatamente substituída por algo mais, uma sensação de vazio, até mesmo luto.

Eu me senti *decepcionado*. Sempre me sentia levemente assim quando chegava ao fim de uma investigação, quando, olhando ao redor, me dava conta de que não havia mais cantos escuros a examinar.

Ainda assim: aquilo era diferente. A desolação vinha de compreender que todo o Qilin estava morto. Nunca existira, para começar. Porque, por mais que eu pudesse não querer encarar, desejando para Ashley algo maior do que a vida, alguma outra realidade movimentada que desafiava a razão, cheia de *trolls* e demônios, sombras que tinham mente própria, magia negra tão poderosa quanto bombas nucleares, eu sabia que Inez Gallo estava me dizendo a verdade.

E sua verdade demolia tudo, abria aquela selva mágica e escura por onde eu penetrara seguindo as pegadas de Ashley, revelando que na verdade eu estava de pé em uma terra seca e plana, que era ofuscantemente iluminada, mas nua.

— O NEGÓCIO com você começou porque ela estava doente de novo — soltou Gallo com evidente desprezo.

Virei minha bebida, sentindo o uísque escaldante descer pela minha garganta.

— Como é? — murmurei.

Ela se virou para mim, exasperada.

— Eu lhe *disse*. Ashley era uma garota carismática. Graças à sua criação inventiva, sua vida solitária em The Peak, *sua doença*, ela tinha dificuldade de distinguir entre histórias inventadas e a vida real. Quando Ashley tinha dez anos, Astrid cometeu o erro de convidar um feiticeiro do Haiti para passar quatro meses na casa por *diversão*. Não se deu conta de que isso iria desenraizar permanentemente a imaginação de Ashley, como correr por uma praia cheia de flamingos descansando em silêncio, espantando-os. De repente, tudo na cabeça de Ashley ficou tumultuado, ruidoso e em movimento, penas rosa, guinchos e asas batendo por toda parte. Ela passou a acreditar em tudo, vudu, feitiçaria. — Gallo balançou a cabeça. — Encontrei em meu próprio *quarto* feitiços que ela fizera para mim, proteção contra o mal, ou era o que dizia. Ela tinha certeza de que tinha sido marcada por um mal, que o próprio diabo estava provocando sua doença. Era de partir o coração. E *delirante*. Ashley ficava aterrorizada quando se aproximava muito de pessoas de quem gostava, pois acreditava que as machucaria. Afirmava que a escuridão que crescia dentro dela por causa de sua, e nem sequer sei como explicar isso, de sua *alma* estar sendo lentamente tomada pelo diabo, que isso a tornava perigosa. *Letal*. A ideia era, claro, absurda. — Gallo suspirou. — Seis meses atrás, quando soubemos que estava doente outra vez, seu estado mental ficou *especialmente* precário. Tinha períodos sem saber

onde estava. Ou *quem* era. Não era culpa dela, depois do que tinha sofrido quando criança, competindo com a morte para ver quem piscava primeiro, repetidas vezes. Deixou claro que não queria ficar mais em um leito de hospital, ligada a tubos e monitores, enfraquecida pela morfina. Astrid se recusou a aceitar isso. Levou Ashley, contra a vontade dela, para uma clínica, esperando que isso a fizesse recobrar o juízo, que concordasse com mais uma rodada de tratamento.

— E essa clínica foi Briarwood Hall.

Gallo assentiu.

— Ela fugiu, como você sabe, graças a um pervertido ruim da cabeça que trabalhava na segurança. Ashley era mestre em manipular, especialmente homens. Eles se derretiam, suavam e ficavam fracos diante dela, como um bando de idiotas. Ela desapareceu completamente. Foi horripilante para todos nós. Não tínhamos pista alguma de onde ela tinha ido. Theo e Boris a procuraram por toda parte, mas ela era inteligente. Sabia como ficar invisível. Depois descobrimos que se escondera em um cortiço em Lower East Side.

— Rua Henry, 83.

— Astrid ficou alucinada de preocupação. A essa altura, Ashley já estava bastante doente. Astrid queria que ela morresse em casa com a família ao seu redor. Mas tínhamos alguma ideia de para onde iria. Não se passava um dia sem que ela pensasse naquele garoto. *Hopper*. Ela acompanhara seu paradeiro ao longo dos anos, sabia que ele tivera problemas com a lei, que estava destruindo a própria vida. Sentimos que ela o procuraria de algum modo. A outra opção, claro, era *você*.

— Eu?

— Ela estava interessada por você desde que o *pai* lidara com sua intromissão na vida dele da única forma que sabia. Usando fogo contra fogo.

— *Lidar* comigo? Foi como Cordova chamou aquilo?

Uma expressão de desafio passou pelo seu rosto, mas ela se manteve em silêncio.

— Foi uma armação? Então quem, cacete, era o homem que entrou em contato comigo? *John*?

Ela deu de ombros.

— Alguém pago para tirar você do caminho.

— Mas o que ele me contou sobre Cordova visitar todas aquelas escolas no meio da noite...

— Uma invenção *atraente*. É picante o suficiente para que você comentasse sem pensar sobre isso e se enforcasse em sua própria arrogância. Tenho certeza de que foi uma lição difícil de aprender, sr. McGrath, mas um artista como *ele* só precisa de uma coisa fundamental para frutificar. E fará qualquer coisa para manter isso.

— E o que é?

— *Escuridão*. Sei que é difícil compreender isso *hoje*, mas um verdadeiro artista precisa da escuridão para criar. Isso é o que lhe dá seu poder. Sua invisibilidade. Quanto menos o mundo souber sobre ele, seu paradeiro, suas origens e seus métodos secretos, mais *força* tem. Quanto mais banalidades sobre ele o mundo consumir, menor e mais seca será sua arte, até que ela se encolha e enrugue, se transformando em um marshmallow do cereal Lucky Charms para ser consumido em uma pequena tigela com leite no *café da manhã*. Você realmente achou que *ele* deixaria isso *acontecer*?

Enquanto dizia isso, sua reverência ainda muito viva por Cordova tomou sua voz, a jogou alto no ar, a fez girar em acrobacias, arrastando fitas vermelhas agitadas — uma voz fora isso flácida, caída em uma pilha vaga no chão. Também notara que, durante toda a conversa, Inez Gallo na verdade não *dissera* a palavra *Cordova*, nem uma vez sequer — sempre se referindo como *ele* ou o *pai de Ashley*.

Só podia ser uma superstição particular, ou ela não gostava de entoar despreocupadamente a palavra, como se fosse equivalente a *Deus*.

Enquanto ela se levantava, indo ao bar, retornando com a garrafa de uísque e jogando apressadamente o conteúdo em nossos copos, considere o que dissera. Se não havia maldição do diabo alguma, não haveria razão para Cordova ficar obcecado por uma troca, nenhuma razão para visitar aquelas escolas à noite, nenhuma vala com pertences de crianças. *Será que eu afinal tinha alucinado por causa da trombeteira?*

— Para compreender a força que era Ashley — disse Gallo, se sentando novamente no sofá, agarrando sua bebida — você precisa entender que ela

era filha do pai. O conto de fadas preferido da família era *Rumpelstitskin*. Era o que eles *faziam*, o que eles eram, criaturas fantásticas fiando a palha comum e anódina e transformando-a em ouro. Não irão parar até estarem mortos. Então Ashley recriou sua doença como uma maldição do diabo.

— Mas não era apenas Ashley que acreditava nisso. Marlowe Hughes e Hugo Villarde também estavam bem convencidos.

Ela bufou.

— Marlowe Hughes é uma viciada em drogas. Ela acreditaria que o céu era rosa-escuro com bolinhas se você lhe dissesse isso. *Especialmente* se escrevesse isso em uma carta de fã. Ela passou algum tempo com Ashley. Foi levada pelas histórias da menina. E Villarde, depois do que ela fizera a *ele*? O homem perdeu a cabeça. Acreditava que ela era a rainha dos demônios, tremia ao ver uma pulga.

De repente me lembrei de como Villarde descrevera, sem vergonha, ter engatinhado pela loja para se esconder de Ashley, se encolhendo dentro de um guarda-roupa como uma criança aterrorizada.

— E quanto a como Cordova trabalhava? — perguntei. — Os horrores na tela eram *reais*, não eram? Os atores não estavam atuando.

Ela me encarou, o olhar desafiador.

— Não era nada que eles não tenham pedido.

— Já ouvi serial killers dizendo a mesma coisa.

— Todos que ficavam em The Peak sabiam muito bem no que estavam se metendo. *Morreriam* para trabalhar com ele. Mas se está me perguntando se um dia ele cruzou a linha para a pura insanidade, se mergulhou de cabeça no inferno, não. Ele conhecia seus limites.

— Quais são exatamente?

Ela cerrou os olhos.

— Nunca foi um assassino. Ele ama a vida. Mas acredite no que quiser. Nunca irá encontrar qualquer prova.

Nunca vai encontrar qualquer prova. Era uma coisa estranha a se dizer. Soava quase como uma admissão — *quase*. Voltei a pensar na pequena camisa amassada de menino, encharcada não de sangue, mas de xarope de

milho, segundo Falcone. O que Gallo dizia certamente sustentava os resultados que Sharon me dera, quer eu aceitasse isso ou não.

— Por que todos com quem conversei sobre Ashley desapareceram?

— Eu cuidei deles — disse Inez, com um toque de orgulho.

— O que isso quer dizer? Estão todos em cova comum?

Ela ignorou isso, se empertigando, rígida.

— Também cuidei das fotos da autópsia de Ashley, e depois do próprio corpo dela; antes que fosse cortado diante de estranhos como um rato de laboratório. Paguei a todos regimento e os coloquei na estrada.

— Como você sabia com quem eu tinha conversado?

Ela pareceu surpresa.

— Com suas *próprias anotações*, sr. McGrath. Com certeza se lembra da invasão de seu apartamento. Elas foram muito úteis para tentar amarrar as pontas soltas.

Claro: a invasão.

— Estávamos *desesperados* — continuou ela. — Não sabíamos para onde Ashley tinha ido, o que acontecera com ela entre o desaparecimento de Briarwood e a morte naquele armazém. A única coisa que sabíamos era que tinha vindo *aqui* certa noite, invadido, tirado dinheiro de um cofre. Eu suspeitava de que *você* saberia mais coisas. Briarwood, afinal, nos informou que você aparecera lá, bisbilhotando. Invadimos para descobrir o que você sabia.

— Alguma chance de eu recuperar meu laptop?

— Foi uma empreitada cara, na esteira da morte dela, se livrar de cada testemunha. Só cumprimos a promessa que fizemos a ela de nunca deixar ninguém saber da verdade. Era o que *ele* queria. A história de Ashley agora permanecerá para sempre como ela desejava, onde acreditava de coração que sempre pertencera: além da razão, entre o céu e a terra, chão e espaço, elevado muito mais perto da lenda que da vida comum; vida comum na qual o *resto* de nós, incluindo *você*, sr. McGrath, devemos permanecer.

— Onde as sereias cantam — acrescentei em voz baixa, me lembrando do poema de Prufrock. Como Hopper explicara, as sereias eram uma coisa que a família estava sempre procurando, pela qual sempre lutou; o limite mais

impressionante e precário da vida. *Onde havia perigo, beleza e luz. Apenas o agora. Ashley dizia que era a única forma de viver.*

Notei que Inez Gallo estava me encarando, boquiaberta de choque — aparentemente surpresa por eu conhecer um detalhe tão íntimo sobre a família. Mas decidi não se alongar mais nisso, dando um longo gole em sua bebida.

— Marlowe Hughes sofreu uma overdose — falei. — Você teve algo a ver com isso?

— Pedi ao fornecedor dela que a *assustasse* um pouco. Não esperava que quase a apagasse.

— Sua compaixão é comovente.

Ela me olhou com raiva.

— Essa foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Eu a tirei daquele apartamento. Neste instante ela está em uma suíte com vista para o mar no Promises em Malibu, subindo aquele primeiro degrau muito alto e gasto de todos os programas de sobriedade de doze passos.

— E o que disse a Olivia Endicott?

Ela deu de ombros.

— Nada. Ela está fora do país. Mas *falei* com a secretária dela. Paguei uma pequena fortuna à garota para que ela evitasse você como se fosse uma peste e não repassasse nenhuma de suas mensagens à sua patroa.

— E Morgan Devold? Por que a casa dele foi incendiada?

— Ele precisava do dinheiro do seguro. Estava tendo dificuldades financeiras, tinha dois filhos e nenhum trabalho. Quando expliquei quem eu era, que estava ali para oferecer uma *mãozinha*, ele foi bastante receptivo. Caso o aborde novamente ele vai jurar que nunca viu nem você nem Ashley na vida. — Ela ergueu o queixo, satisfeita. — Todos neste mundo têm um preço, sr. McGrath. Até mesmo o *senhor*.

— Está errada. Nem todos estão à venda. Quem incendiou a casa?

— Theo e Boris. Boris é um velho amigo da família.

— Quem fuma cigarros Murad?

Ela ficou visivelmente irritada com a pergunta.

— Theo. Era a marca preferida do pai.

Novamente, de forma deliberada, dissera *do pai*, em vez de simplesmente de *Cordova*. Ela estava dando uma grande volta para evitar certo trecho de estrada perigoso.

— Anos antes ele se apossou de todo o estoque mundial — continuou. — *Murad*. A marca deixou de ser fabricada em meados dos anos trinta. É muito rara. Mas ele comprou o último pacote de cada colecionador obscuro de tabaco ao redor do globo. Gostava do cheiro de caramelo, da embalagem exuberante e do fato de que era o único detalhe de que lembrava do pai legítimo, um espanhol que vira pela última vez quando tinha três anos. Mas gostava especialmente do modo como *queimava*. Não existe nada igual. Há centenas de tomadas como essa nos filmes. A fumaça espirala no ar como se estivesse viva. “Como um enxame de cobras brancas lutando para se libertar”, foi o que ele me disse certa vez. — Ela prosseguiu com um estranho fervor incontido, os olhos brilhantes e voltados para o teto, a boca se retorcendo de excitação. Mas então, se lembrando de *mim*, se conteve. — Não vejo por que esses *detalhes* são tão importantes para você — murmurou, aborrecida.

— É onde está o diabo. Não ouviu falar?

Ela me olhou com desdém.

— O senhor passou uma vida inteira GARIMPANDO, sr. McGrath. Talvez esteja na hora de voltar à superfície e ir para casa com os pedaços de carvão que tenha conseguido escavar.

— E seguir o meu *caminho*. Como todos os outros.

Ela deu de ombros, imperturbável.

— Faça o que quiser com a informação. Claro que agora não há ninguém no mundo para corroborar sua história. Está sozinho outra vez com suas alegações delirantes.

Olhando para a mulher eu não pude deixar de me encantar com sua minúcia satisfeita, com o modo como conseguira se livrar de todas as testemunhas, uma após a outra.

— O que aconteceu à mãe de Ashley? Astrid?

— Foi embora. Para algum lugar na Europa. Com sua preciosa filha *morta*, não há nada que a prenda aqui. Lembranças soturnas demais.

— Mas você não se incomoda com elas.

Gallo sorriu.

— Minhas lembranças são tudo que me restou. E quando eu partir? Elas desaparecerão.

Franzi o cenho, voltando a desconfiar de repente do que estava me contando, percebendo algo de súbito. Talvez fosse o último sussurro moribundo de *magia* — os *Qilins* e demônios, os poderes sobrenaturais de uma mulher impressionante — antes que tudo pudesse descansar.

— Mas eu fui até The Peak — falei. — Eu invadi e...

— Você *foi*? — interrompeu Gallo, animada. — O que encontrou?

A reação dela foi perturbadora, para dizer o mínimo. Realmente parecia entusiasmada com minha admissão.

— Uma clareira circular perfeita onde nada cresce — prossegui. — Um labirinto de túneis subterrâneos. Estúdios. Cenários de filmes totalmente intactos. Tudo coberto de vegetação e sombrio. Cruzei a ponte do diabo. E então vi...

Gallo estava absolutamente atenta às minhas palavras, tão animada, esperando que eu continuasse, que fiquei em silêncio, perturbado.

— Quem mora lá? — perguntei. — Quem são os vigias com cachorros?

Ela balançou a cabeça.

— Não tenho ideia.

— *O que...* Você... Você não trabalha mais para a família? — perguntei.

— Você não entende mesmo. The Peak e o terreno foram deixados para os fãs.

— O quê?

— Os Cordovitas. Pertence a eles agora. Eles assumiram. Alguns moram lá o ano inteiro. É um parque temático perigoso, grátis, para os mais dedicados a ele. Tornou-se um rito de passagem secreto, ir para lá é como fazer uma expedição cult, percorrer a obra ou ser engolido por ela. Podem brigar por ela, cuidar dela, destruí-la, administrá-la como acharem melhor. *Ele* não coloca os pés lá há anos. Acabou para ele. Seu trabalho está concluído.

Fiquei pensando se poderia mesmo ser verdade — os homens que tinham me caçado, os cachorros, os pássaros vermelhos pichados. Eu havia sido aterrorizado por *fãs*? Mal conseguira dar conta daquilo quando não tive escolha a não ser agarrar a outra questão que ela deixara pendurada à minha frente.

— Onde ele está? — perguntei.

— Estava pensando quando iria me perguntar isso.

Ela se virou, olhando para algo na nossa frente, sua expressão como a de um caminhoneiro encarando uma estrada vazia se estendendo, sinuosa, interminável à frente.

Tive uma súbita visão daquele jornalista sul-africano bêbado anos antes, me alertando de que algumas matérias são contaminadas, são como tênia. *Uma tênia que comeu o próprio rabo. Não adianta ir atrás dela. Porque não tem fim. Tudo o que vai fazer é se enrolar em seu coração e espremer todo o sangue.*

Pela primeira vez desde que a encontrara, Inez Gallo deu um sorriso caloroso. E então soube que eu estava errado. Porque *ali estava*. O fim. O rabo.

Eu o encontrara, afinal.

FIQUEI CHOCADO POR não haver segurança alguma.

Esperava algo infeliz. *Como não poderia ser?* Um lugar onde homens e mulheres eram instalados para ficar fora de vista de forma que pudessem se arrastar pelo resto da vida — um lugar como Terra Hermosa. Pensei em telefonar para Nora exatamente por essa razão, pedindo que ela viesse, mas então, sentindo que ela diria não, deixei para lá. Mas assim que saí da rodovia e entrei naquele lugar, seguindo a ladeira perfeitamente pavimentada até a série de placas creme e prédios de alvenaria com telhados de telhas vermelhas, vi que a Enderlin Estates Retirement Community estava se esforçando ao máximo para lembrar uma fazenda espanhola na hora da sesta. Havia plantas, pátios e pássaros cantando, um caminho sinuoso de pedra que levava rumo à entrada principal aninhada atrás de um portão de ferro forjado.

Conferi o papel onde escrevera o endereço dado por Gallo.

Enderlin Estates. Apartamento 210.

Entreí no saguão deserto, peguei um elevador para o segundo andar, encontrando uma enfermeira ruiva atrás de um balcão.

— Estou procurando o apartamento 210.

— Último quarto no final do corredor.

Segui pelos corredores acarpetados, passando por uma enfermeira jovem que ajudava uma idosa com um andador. A porta que indicava 210 estava fechada, e o nome — o belamente genérico *Bill Smith* — estava escrito em uma placa azul ao lado da porta.

Bati, e como não tive resposta, girei a maçaneta. Dava para uma grande sala de visitas com pouca mobília, banhada pela luz do sol. Havia um quarto à esquerda com uma cama de solteiro, cômoda, mesinha de cabeceira — tudo simples, a não ser por uma luminária e uma imagem da Virgem Maria, as

mãos unidas em prece. Nada de fotos, nenhum objeto pessoal de qualquer tipo, mas Gallo certamente planejava que fosse assim, de modo que ficasse em completo anonimato ou, como ela definira, nada de mais memórias soturnas. “*Do que ele precisa agora é paz*”, dissera com um olhar de aviso.

— Está procurando Bill? — perguntou uma voz animada atrás de mim.

Eu me virei. Havia uma enfermeira de pé à porta.

— Acabei de levá-lo à sala matinal.

Ela explicou como chegar lá. Desci pelo elevador e segui pelo saguão principal, passando por calendários de atividades, um anúncio da Noite de Cinema — *Bogart e Bacall juntos novamente!* —, por portas duplas de madeira e entrando em um antiquado solário com paredes de vidro. A sala era clara e alegre, cheia de palmeiras e flores em vasos, cadeiras de vime brancas, piso de pedra cinza. Uma peça clássica de piano vinha fraca de algum lugar — um velho aparelho de som ao lado de uma estante cheia de livros.

Estava lotado. Homens e mulheres idosos, movendo-se como se estivessem debaixo d’água, cabelos parecendo fragmentos de nuvens, sentados a mesas com quebra-cabeças e tabuleiros de damas. Algumas enfermeiras estavam sentadas entre eles, lendo em voz baixa, uma delas colocando um cravo rosa na lapela de um idoso.

Mas meus olhos se desviaram da atividade para um homem.

Ele estava sentado no canto mais distante da sala, de costas para mim. Estava diante das janelas, olhando para o lado de fora. E embora estivesse em uma cadeira de rodas, vestindo um velho suéter cinza e sapatos de velho, havia algo robusto nele, algo estranhamente imóvel.

Segui na sua direção.

Ele não deu qualquer indício de ter noção da minha aproximação. Na verdade, parecia não ter consciência de nada na sala. Seu olhar — despido daquelas lentes circulares negras que supostamente usara a vida toda — permanecia fixo na janela, onde um vasto gramado delimitado por uma floresta se estendia como um lago vazio, a superfície verde-dourada e rígida ao sol da tarde. Tinha uma densa cabeleira branca prateada que não dava sinal de rarear, uma barriga considerável, que parecia mais imperial, até mesmo ameaçadora, do que gorda — como se, feito um deus grego com ânimo e

apetites explosivos, tivesse engolido um pedregulho e isso não o matara, apenas o mantivera brutalmente preso ao chão. Estava recostado relaxadamente na cadeira, as mãos — enormes mãos de operário — pendendo frouxamente dos braços da poltrona, do modo como um rei exausto poderia relaxar em seu trono. Seu rosto era diferente de como eu o imaginara, de certo modo menos seguro, ligeiramente mais caído e simples.

Mas tinha certeza de que era ele.

Cordova.

Podia até mesmo ver a desbotada tatuagem de leme na sua mão esquerda, exatamente no mesmo local da de Gallo. Seu olhar permanecia em algum ponto do gramado como uma âncora que tivesse sido arremessada lá. Era como se estivesse imaginando algo, uma cena final de um filme que nunca fizera — ou uma cena que quisesse para sua vida. Talvez estivesse imaginando a si mesmo caminhando sobre a grama com o sol nas costas, o vento batendo no rosto. Talvez estivesse pensando na família, em Ashley, onde e em toda parte que estivesse.

Gallo me alertara de que não teria consciência de nada.

“Um ou dois dias depois de Ashley descobrir que estava doente de novo, da última vez, ele foi para a cama cedo”, me contara Gallo. “Sempre estava de pé às quatro da manhã, trabalhando, vivendo. Mas não desceu. Alarmada, subi. Eu o encontrei na cama, apoiado nos travesseiros como se um fantasma tivesse entrado no meio da noite para conversar sobre algo. Seus olhos estavam arregalados, olhando para o nada. Estava catatônico — uma televisão *ligada*, mas sem mudar de canal, apenas estática.”

Para meu espanto, Gallo me explicara nos mínimos detalhes: os médicos, certos de que ele sofrera um derrame, o transferiram para uma instituição para idosos em Westchester — Enderlin Estates, na periferia de Dobbs Ferry — com a decisão de usar o pseudônimo Bill Smith para que não fosse atormentado ou perseguido, mas deixado para viver seus últimos dias em paz.

Eu disse a Gallo que era coincidência demais, essa prevalência da morte, duas vidas vibrantes chegando a um fim repentino — primeiro Ashley, depois Cordova. Certo, ele não estava *tecnicamente* morto, mas considerando

o tipo de vida que levava, *estava* — sem reação, seu espírito para sempre trancado dentro dele, ou o contrário, já tendo fugido.

“Não é *coincidência*”, cortou Gallo, como se considerasse a palavra insultuosa. “Ele tinha *encerrado*, você não vê? Homens e mulheres que realizaram o que deviam, aqueles que encontraram respostas para algumas questões graves sobre a vida, não *todas* as respostas, mas *algumas*, terminavam suas vidas quando escolhiam. Estão prontos. E *ele estava*. Vivera exatamente como quisera, de forma selvagem, *insana*, e agora está pronto para o *próximo*. Arrancou cada gota de vida de si mesmo, deixando apenas pilhas ressecadas de nervos e ossos. Sei com toda a certeza, como sei meu próprio nome, que estará morto em questão de meses.”

Achei a postura de Gallo assustadoramente eficiente e seca para uma mulher que acabara de perder o sentido de sua vida, o sol que regulara seus dias. Mas então ela ergueu a cabeça e vi que havia lágrimas em seus olhos — esperando que eu partisse para que pudessem escorrer livremente por suas faces fundas. Ela me conduziu em silêncio escada abaixo até a porta da frente e estendeu a mão com um brusco “*Até breve*” — uma afirmação que ambos sabíamos ser falsa. E embora eu não *gostasse* especialmente de Inez Gallo e ela não tivesse sido exatamente *calorosa* comigo, tínhamos chegado a uma espécie de compreensão não explicitada, encontrado um surpreendente terreno comum: nós dois fomos espectadores sugados pela violenta tempestade que era Cordova.

E agora ali estava ele, a menos de meio metro.

E era um velho frágil.

Eu não estava combatendo ninguém. Os crimes, os horrores de que considerara Cordova culpado agora pareciam risíveis, considerando o fato de que em todos aqueles momentos em que estivera tão certo de que me manipulava, ele estava bem *ali* — *provavelmente sentado assim pacificamente diante dessa mesma janela*.

Não conseguia não me assombrar com esse choque.

Mesmo assim ele estava tendo a última palavra.

De repente uma estranha emoção me deixou com um nó na garganta. Deve ter sido um riso, ou com a mesma facilidade, só um soluço. Porque me

dei conta, olhando para aquele homem, que na verdade eu estava olhando apenas para mim mesmo, para o que iria me tornar muito mais cedo e mais repentinamente do que sabia. A vida era um trem de carga seguindo para uma única parada, nossos entes queridos passando por nossas janelas em borrões de cor e luz. Não havia como se segurar, nem como desacelerar.

Eu estava muito sereno ali junto a ele, muito solitário. Jurava que podia ouvir a respiração dele, cada inspiração que tomava emprestada do mundo e depois libertava. Não eram os pulmões simples de um homem comum, mas o uivo leve de uma rajada de vento batendo nas pedras de algum rochedo distante junto ao mar. Fiquei pensando — outra onda de sentimento não contida crescendo em meu peito — que diabo eu iria *dizer* a ele depois de tudo aquilo, tudo o que fizera e vira — se tinha coragem de dizer alguma coisa.

Ou talvez, como uma criança encontrando os ossos espalhados de uma espécie perigosa de dinossauro com a qual sonhara, sobre o qual lera com uma lanterna debaixo de um edredom dias e noites, talvez fosse apenas esticar a mão e tocar seu ombro, pensando se com aquele toque eu poderia ter uma noção de como ele deveria ter sido quando vivo, no auge, percorrendo a Terra, uma força da natureza, quando não era um amontoado de silenciosos ossos acinzentados em exposição, mas algo esplêndido de se contemplar.

No final, apenas puxei uma cadeira e me sentei ao lado dele.

E juntos, pelo que pareceram horas, não fizemos nada além de encarar aquele gramado vazio, que parecia conter em seus limites rígidos e seu verde impecável o espaço no qual poderíamos empilhar nossas lembranças e perguntas, o que um dia tínhamos amado, mas perdido, fazendo um inventário silencioso de tudo. Quando voltei a ter consciência da música, a música de um piano, uma pálida imitação letárgica do que Ashley teria tocado, me dei conta então de que tudo o que iria dizer ao homem era “obrigado”.

Fiz isso. Depois me levantei e fui embora, sem olhar para trás.

O QUE POSSO dizer sobre as semanas seguintes?

Marlowe foi quem melhor expressou: “Quando você finalmente voltava à sua vida real após trabalhar com Cordova, era como se todas as cores tivessem sido reforçadas a seus olhos. Os vermelhos eram mais vermelhos. Os pretos, mais pretos. Você sentia as coisas profundamente, como se seu próprio coração tivesse agigantado, inchado e se tornado mais terno. Você sonhava. E *que sonhos*.”

Dirigi de Enderlin Estates para casa, fechei as cortinas e dormi por vinte horas, um sono tão pesado e decidido quanto a morte. Acordei por volta do cair da noite do dia seguinte, sombras se projetando sobre o teto, a luz que morria do lado de fora fazendo a rua corar com a elegância de uma lembrança.

Minha antiga vida me recebeu de volta, como o velho cão fiel que era.

Fiquei de certo modo chocado ao descobrir que era dezembro. Passei algumas noites em jantares com amigos, a maioria dos quais presumira que eu estivera fora, viajando. Deixei que acreditassem nisso. De certa forma era verdade.

“Você parece *bem*”, observaram alguns, embora certos olhares demorados parecessem sugerir que isso não era exatamente verdade, que havia alguma coisa mudada em mim, algo que eles sentiam que era melhor deixar de lado. Fiquei pensando, meio seriamente, se seria um resíduo da maldição do diabo — se, embora ela tivesse se revelado *não* sendo verdade, talvez a pessoa nunca se recuperasse de *um dia ter acreditado*. Talvez certos sôtãos distantes no cérebro tivessem sido violentamente invadidos — portas esmagadas, luminárias quebradas, escrivatinhas viradas de cabeça para baixo, cortinas balançando de forma estranha junto a janelas abertas —

sótãos em que nunca mais entrariam novamente, ou que nunca mais arrumariam.

Mas eu era grato pela companhia, pelos amigos, pelas conversas leves esquecidas assim que iniciadas. Eu me entreguei de todo coração, ri, pedi vinho, prato e sobremesa, e as pessoas deram tapinhas em minhas costas e disseram estar felizes de me ver, que eu tinha ficado fora tempo demais. Mas eventualmente eu escapava, sem ser visto, para longe de toda a conversa e olhava para ela, me perguntando se me deparara com a mesa errada, com a vida errada. Eu me sentia ao mesmo tempo descansado e aliviado pela investigação ter chegado ao fim, mas também lamentando vagamente, até mesmo com um desejo abafado de voltar, retornar a algo que não conseguia definir — uma mulher da qual não me dera conta de ter me enfeitado até que tivesse partido.

Rugas de riso em um rosto, garçonetes rudes com braços ossudos, figuras escuras se apressando por calçadas ansiosas para chegar a algum lugar, vozes próximas cheias de penumbra, táxis, pedintes e uma garota bêbada berrando como um pássaro ferido: tudo isso dotado de um calor e de uma triste beleza que eu nunca notara antes.

Talvez isso fosse uma consequência de chegar ao final do final, descobrir que a história sinistra, louca, reluzente terminara da única forma *possível* no mundo real, com pessoas mortais fazendo coisas mortais, um pai e uma filha encarando a morte.

Porque não podia haver dúvida sobre o que Gallo me contara: eu telefonara para o Hospital Sloan-Kettering me fazendo passar por agente de seguro-saúde de um departamento de RH desorganizado. Após contar algumas meias verdades a três diferentes subchefes de departamento e dar o número do seguro-saúde de Ashley que eu tirei do seu relatório de pessoa desaparecida — um dos poucos documentos deixados para trás —, três pessoas diferentes me confirmaram em dois dias diferentes. Ashley Goncourt havia sido tratada no departamento de oncologia pediátrica em 1992 e 1993, 2001 e 2002, e finalmente em 2004 em colaboração com a Universidade do Texas em Houston, assim como Gallo dissera.

À noite fui andando para casa por calçadas tortas, passando por casas silenciosas com janelas iluminadas cheias de vida. Copos brindando, a rua se engasgando com risadas quando a porta de um bar era empurrada — aqueles sons pareciam me seguir mais do que já tinham feito antes.

Eu não retornara ao Reservoir após ver Ashley ali, mas voltei depois de saber de sua doença.

Não havia sinal dela: nem na água, na luminária verde ou no vento cortante, nas sombras que se jogavam aos meus pés. Corri, volta após volta, e só conseguia pensar em como ela tinha ido ao armazém e como deve ter sido uma caminhada solitária, subindo os degraus até a beirada do elevador, que era a beirada de sua vida, olhando para baixo.

Estava morrendo quando apareceu aqui. Fazia sentido, considerando o modo como andava. Estava fraca, *em um estado mental particularmente precário*, segundo Inez Gallo.

Ainda assim, mesmo aceitando isso, algo me incomodava. Eu passara a acreditar que Ashley me procurara porque queria me contar algo — algo crucial e real —, mas as circunstâncias impediram uma abordagem direta. Agora até mesmo isso tinha uma explicação: Gallo mencionara o medo que Ashley tinha de que pudesse causar dano físico a qualquer um de que se aproximasse muito — um medo que poderia muito bem ter começado ao saber o que acontecera a Olivia Endicott ou ao tatuador, Larry, quando estiveram em sua presença.

Devia ter sido esse o motivo para que ficasse longe de mim.

Em todas as histórias que ouvira, Ashley defendia a verdade. Era a antítese da fraqueza. Mesmo caçando o Aranha, o procurara apenas para perdoá-lo. Aceitar agora que haviam sido delírios que levaram Ashley até ali, *fiando sua palha em ouro, uma mestre em manipular*, como definira Gallo, parecia deslocado.

O que Ashley queria que eu soubesse?

Dei tantas voltas na pista que perdi a conta, e então, pulmões queimando, exausto, fui embora, correndo pela rua Oitenta e seis Leste até o metrô, e peguei o trem, exatamente como fizera na noite em que a vira.

Olhando para a plataforma, a luz estável e brilhante, fiquei pensando em se poderia conjurar por *pura vontade* suas botas, seu casaco vermelho e preto — se ela poderia aparecer uma última vez, para que eu pudesse ter uma visão clara de seu rosto —, decodificar, de uma vez por todas, a verdade por trás dela.

Mas não havia nenhuma.

Mesmo o cartaz de ficção científica que estivera ali antes — o homem correndo com os olhos rabiscados —, até ele tinha sumido, sendo substituído por um anúncio de uma comédia romântica estrelada por Cameron Diaz.

Ela simplesmente não entende, dizia a chamada.

Talvez eu devesse aproveitar a dica.

DIAS DEPOIS EMPACOTEI minha pesquisa sobre Cordova — pelo menos o que *restara* dela —, coloquei tudo novamente na caixa de papelão, e a caixa, dentro do armário, Septimus acompanhando em silêncio com o olhar.

Levei uma montanha de roupas para lavar, incluindo o casaco de Brad Jackson. Mas então, olhando a coisa triste caída no balcão sob as pilhas das minhas camisas sociais, tive o súbito pensamento paranoico de que era o último fragmento de prova, minha última ligação com a insanidade de The Peak, e se o casaco de Brad fosse limpo e passado, guardado em plástico e com um papel pendurado nos ombros dizendo *Amamos nossos clientes!*, então também seria o fim de minhas lembranças. Assim, tirei desajeitadamente a coisa imunda *para fora* da pilha, e, voltando para casa, o enfiei no armário atrás do casaco vermelho de Ashley, e fechei a porta.

Eu queria ver Sam. Queria ouvir sua voz, senti-la pendurada pesadamente em meu braço e semicerrando os olhos para mim; mas Cynthia nunca retornou minhas ligações, nem uma vez sequer. Fiquei pensando se o silêncio significava que ela estava trabalhando com os advogados em um pedido de um novo acordo de guarda, como ameaçara fazer na emergência. Por fim, meu antigo advogado me telefonou exatamente com essa notícia.

— Marcaram uma data no tribunal. Ela quer restringir as visitas.

— O que ela quiser.

Isso pareceu chocá-lo, como os simples atos de gentileza *faziam* com advogados.

— Mas pode ser que você nunca mais veja sua filha.

— Quero que Sam fique segura e feliz. Que seja assim.

Eu fora secretamente vê-la certa tarde no final de dezembro. O dia estava ficando cinzento de frio, gigantescos flocos de neve flutuando, atônitos, pelo

ar, se esquecendo de cair. Não queria que Sam me visse, então permaneci atrás de alguns carros estacionados e de um caminhão do mercado FreshDirect, observando as portas pretas reluzentes da escola dela se abrindo, as crianças embrulhadas em casacos saindo para as calçadas. Para minha surpresa, Cynthia estava lá esperando, e após ter enfiado as mãos de Sam em luvas pretas, elas foram embora.

Sam vestia um casaco azul novo. Seu cabelo estava mais comprido do que me lembrava, preso em um rabo de cavalo sob um gorro de veludo preto. Também parecia mais madura, informando, muito séria, à Cynthia sobre algo de seu dia. Fiquei arrasado. Porque de repente vi como seria sempre para mim, a vida de Sam se desdobrando como slides em um velho projetor que eu estaria sempre clicando no escuro, perturbadores saltos para o futuro — mas nunca o original.

Mas ela estava feliz. Eu podia ver isso. Era perfeita.

Quando atravessaram a rua, pude enxergar apenas seus casacos azul e preto. Uma onda de táxis amarelos e ônibus inundou a Quinta Avenida, e eu não pude mais vê-las.

CHEGOU EM QUATRO de janeiro: um e-mail de Nora me convidando para sua estreia teatral em Nova York no Flea Theater naquela produção de gêneros trocados off-off-Broadway de *Hamlette*. Ela se saíra bem em seu teste e ganhara o que era a loteria para todos os atores de Nova York: um *papel remunerado*. Tudo bem que ela era apenas Bernarda, uma das duas guardas do castelo de Elsinore (o *Bernardo* renomeado), que aparecia apenas na primeira cena do primeiro ato, e ela recebia somente trinta dólares por apresentação — *mas mesmo assim*.

“Agora sou uma atriz de verdade”, escrevera.

Fui à noite de estreia, em um pequeno teatro. Assim que as luzes se apagaram e a pesada cortina preta foi aberta ruidosamente, lá estava Nora sob a luz azul, seu cabelo louro em duas tranças compridas, subindo para uma torre de vigia de um castelo instável feito de compensado. Era surpreendentemente boa — dando a todas as suas falas a pureza cômica de olhos arregalados que eu ouvira tantas vezes. Quando encontrou o fantasma da mãe de Hamlette (que em uma estranha escolha de figurino vestia uma cinta-liga e uma camisola branca, parecendo dessa forma um espírito viciado vindo não do purgatório, mas do Crazy Horse de Vegas) e Nora tropeçou e tombou de costas, ingenuamente anunciando: “*Aqui está!*” e “*Estava prestes a falar quando o galo cantou!*”, a plateia irrompeu em uma gargalhada encantadora.

A peça seguiu sem intervalo. Quando finalmente terminou — após Ophelio se matar tomando muito Xanax, Hamlette teve coragem de eliminar sua madrasta malvada e, enfim, Fortinbrassa e seu exército de garotas chegaram adequadamente tarde a Elsinore vestindo minissaias de nylon saídas diretamente de Ice Capades — permaneci em minha poltrona.

Quando o teatro esvaziou, fiquei surpreso ao ver que mais alguém também ficara para trás.

Hopper, claro.

Estava sentado na última fila, bem no fundo. Devia ter entrado já com as luzes apagadas.

— McGrath.

Como eu, ele trouxera um buquê de flores para Nora, rosas vermelhas. Tinha cortado o cabelo. E embora ainda estivesse usando seu casaco de lã cinza e tênis All Star, vestira uma camisa social branca, que parecia não ter sido encontrada no chão do seu apartamento, e as olheiras já não eram tão profundas.

— Como tem passado? — perguntei.

Ele sorriu.

— Bastante bem.

— Você *parece* bem. Parou de fumar?

— Ainda não.

Ele estava prestes a acrescentar algo, mas seu olhar foi para além de mim, e me virei para ver Nora saindo de trás da cortina. Fiquei aliviado ao notar que ela ainda usava o guarda-roupa do velho travesti — calça leggings preta, uma das camisas sociais roxas de Moe —, que ela não mudara. Porque Nova York podia fazer isso com você em pouco tempo, alisando e lixando, polindo e dando brilho em algo que parecia *bom*, mas era como todo o resto.

Nora nos deu um abraço forte e acenou para se despedir dos colegas de elenco.

— Tchau, Riley! Você foi *incrível* hoje!

Riley, uma loura muito oxigenada, interpretara Hamlette e recitara “Ser ou não ser” com a densidade de quem pensava “tuitar ou não tuitar?”.

— Drew, você deixou seu chapéu na mesa do cenário.

Nora, brilhando, cheia da energia do teatro, vestiu seu casaco e sugeriu que fôssemos comer algo. Enquanto saíamos do teatro ela entrelaçou seus braços nos nossos, seguindo pela calçada — Dorothy reencontrando o Espantalho e o Homem de Lata.

— Woodward, como tem passado? Senti sua falta. Ah, espere. Como está Septimus?

— Imortal, como sempre.

— Vocês dois trouxeram flores? Viraram cavalheiros de repente?

Fomos a The Odeon, uma brasserie francesa na West Broadway que ficava aberta até tarde. Ocupamos um nicho, Nora olhando nossos rostos como se fossem jornais estrangeiros em que finalmente colocara as mãos, cheios de notícias de casa.

— Vocês dois parecem bem. *Ah*. — Ela arrancou uma luva para exibir o lado interno do pulso direito, com uma palavra tatuada.

Ousarei?

— Então, eu nunca a esqueci. — Ela mordeu o lábio inferior, olhando nervosa para Hopper. — Você não se importa, não é?

Ele fez que não com a cabeça.

— Ashley teria adorado.

— Fui ao Rising Dragon fazer a tatuagem. Mas o cara com quem conversamos, Tommy?, ele se mudou de volta para Vancouver, então *outro* cara fez. Doeu *loucamente*. Mas valeu a pena.

Eu tinha me esquecido completamente de Tommy, o tatuador. *Então Gallo também o mandara embora*.

Nora confundiu meu olhar assustado com desaprovação.

— Sabia que você não iria aprovar. Mas é *minúscula*. E posso cobrir com maquiagem. E antes do meu casamento sempre posso apagar com laser.

— Que casamento? — cobreí.

— *Um* dia. *Se* tiver um. Mas Woodward, você me levará até o altar? Percebi que não tenho ninguém mais para fazer isso.

— *Sim*. Desde que seja daqui a vinte anos.

Ficamos fora até às cinco da manhã, bêbados e barulhentos, trocando o Odeon por alguma birosca sem identificação em uma lavanderia de Chinatown que Hopper frequentava; saindo disso para uma boate onde Maxine, amiga de Nora, era *hostess*; daí para um bar na rua Essex para jogar

sinuca e tomar conta do jukebox — que tocava “Love Will Tear Us Apart”, do Joy Division (“Esse é o nosso hino”, disse Nora enquanto Hopper, demonstrando impressionantes habilidades de dançarino, a girava pelo salão). Eles me contaram o que acontecera em suas vidas depois daqueles dois meses que passamos juntos perseguindo a verdade sobre Ashley — e Cordova.

Nora estava plenamente comprometida em conquistar a off-off-Broadway — indo a testes anunciados na revista *Backstage* e com um emprego em tempo integral na Healthy Bakes. (Healthy Bakes, criação de Josephine, a senhoria hippie de Nora, era uma loja de cupcakes veganos, macrobióticos, sem açúcar nem glúten no East Village). Nora nos mostrou suas novas fotos, que a apresentavam olhando para nós por sobre o ombro, cabelo esticado e cascadeando. *Nora Edge Halliday*, anunciava o retrato em uma letra cursiva elaborada. Se a foto tivesse uma voz, seria um rouco sussurro britânico em *Masterpiece Theatre*.

— Você realmente *precisa* do Edge? — perguntei a ela. — Nora Halliday é mais que suficiente.

— O Edge dá um quê a mais — disse Hopper.

Nora ergueu o queixo.

— Você perdeu, Woodward. Como sempre.

Ela se inclinou sobre a mesa de sinuca e, apertando os olhos em concentração, acertou a bola branca. Três sólidos ricochetearam em caçapas opostas. Aparentemente havia um salão de bilhar em Terra Hermosa sobre a qual nunca nos contara.

— Acho que vou demorar uns bons dez anos para ficar famosa — continuou ela, contornando a mesa para a jogada seguinte. — Depois sairei enquanto *ainda* puder. Vou comprar uma fazenda com colinas e burros. Ter alguns filhos. Vocês dois vão me visitar. Poderíamos fazer reuniões. Onde quer que estejamos no mundo, nos encontraremos nesse dia fantástico.

— Gostei disso — disse Hopper.

— Tenho um namorado chamado Jasper — acrescentou ela.

— *Jasper*? — reagi. — Parece pelo nome que ele tem luzes no cabelo.

— Ele é gente boa. Você gostaria dele.

— Quantos anos tem?

— Vinte e dois.

— Mas um vinte e dois *velho*?

Ela assentiu e desviou os olhos, ficando tímida de repente, e contornou a mesa para que eu não pudesse ver seu rosto.

Hopper, como descobrimos, estava prestes a deixar Nova York para sempre quando recebeu o e-mail de Nora, então adiará sua partida por uma semana para ter essa última chance de nos ver. Entregara o apartamento. Estava indo para a América do Sul.

— América do *Sul*? — perguntou Nora, como se tivesse dito que ia para a Lua.

— É. Estou indo encontrar minha mãe.

No típico estilo Hopper, ele escolheu não aprofundar essa informação hipnotizante, embora eu me lembrasse de algo que tinha dito sobre a mãe, que estava envolvido em algum estranho trabalho missionário, na tarde em que conversara com ele pela primeira vez em seu apartamento.

Nora mordiscou a unha do polegar, apoiada na quina da mesa de sinuca.

— E depois disso, o que vai fazer? — perguntou ela.

— Depois disso... — Ele sorriu. — Algo realmente bom.

Pedimos doses de tequila Patrón, dançamos e recarregamos o jukebox — minha *música antiga de velho*, como Nora a chamou. The Doors, “Everybody’s Talkin’”, de Harry Nilsson, e “Beyond Relief”, de Elvis Costello, intercaladas com as seleções modernas de Hopper como “Real Love”, de Beach House, e “Skin of the Night”, de M83.

A todo momento eu sentia que Ashley estava conosco, o quarto membro invisível de nosso pequeno grupo. Senti que todos nós tínhamos muita consciência da presença dela, embora não precisássemos mencionar seu nome. Era evidente que Nora e Hopper tinham resolvido a vida e a morte dela em suas cabeças. Acreditavam nela sem questionar, sem duvidar. Ela ajeitara o mundo para eles, o tornara ainda melhor. *Ainda acreditavam no mito, pensei, o mito da maldição do diabo. Ainda viviam em um mundo encantado* — *Ashley não era vitimada pelo câncer, mas um selvagem anjo vingador, e Cordova não era um catatônico em um asilo, mas um rei malvado que fugira para o desconhecido.* Pelo resto de suas vidas teriam essa realidade mágica

na qual se apoiar quando as chaves de seus carros inexplicavelmente se movessem pela sala, quando lessem histórias de crianças que desapareceram sem deixar vestígio, quando alguém partisse seus corações sem um bom motivo.

Mas, claro, pensariam. É a magia.

Parecia que tínhamos ido para a guerra juntos. Enfiado em uma floresta, sozinho, eu confiara neles, naqueles estranhos. Eles me sustentaram de formas que só pessoas eram capazes. Quando terminou, um fim que nunca pareceu ser um fim, apenas um empate esgotado, seguimos nossos caminhos distintos. Mas estávamos para sempre ligados pela história, o simples fato de que tinham visto meu lado cru e eu vira os deles, um lado que ninguém, nem mesmo os amigos mais íntimos ou os parentes já tinham visto, e provavelmente nunca veriam.

E entre o riso e as piadas, a música, um longo silêncio pousou sobre nós. Estávamos sentados lado a lado em um banco de madeira abaixo de um alvo de dardos e de um letreiro néon da Coors Light. E aquele era o momento: eu tinha a chance de lhes contar a verdade.

Olhei para o perfil de Hopper, sua cabeça jogada para trás, encostada na parede, os cachos dourados de Nora grudados em sua bochecha afogueada, as palavras gritando em minha cabeça.

Vocês não podem imaginar o que ela escondeu de nós. Foi o maior triunfo da vida sobre a morte: nunca se render à doença, nunca parar de viver.

De repente me ocorreu que talvez Ashley não tivesse sido tão delirante nos seus últimos dias de vida, uma verdade que Inez Gallo ansiara tanto que eu aceitasse. Talvez ela, exibindo aquela intuição penetrante sobre as pessoas e um coração que nem mesmo Gallo conseguia arrancar dela, talvez Ashley tivesse de algum modo desejado aquele momento. Talvez tivesse planejado que com sua morte nós três encontraríamos um ao outro. *Foi por isso que escolheu o armazém. Sabia que eu iria lá procurar pistas e encontraria Hopper que estaria pensando sobre o endereço do remetente no envelope. E por qual outro motivo deixaria seu casaco com Nora?*

Eu me dei conta de que o momento passara. Hopper saíra do banco, cruzando o bar para colocar outra música no jukebox, que ficara silencioso, e Nora fora ao banheiro.

Permaneci onde estava. *Tinha que ser assim.*

Eu contaria a verdade a eles um dia. Mas naquele momento, naquela noite, poderiam acreditar no mito.

Horas depois, o bar estava fechando, acendendo luzes ofuscantes, apagando a miragem para sempre. Era hora de partir. Eu estava arrasado. Do lado de fora, na calçada, abracei os dois, anunciando à cidade vazia — Nova York *finalmente* um pouco tonta e sem palavras — que eles eram duas das melhores pessoas que eu já conhecera.

— We are family, somos uma família! — gritei para os prédios, minha voz em parte engolida pela rua deserta.

— Já ouvimos você, Aretha — disse Hopper.

— Mas *somos* — disse Nora. — Sempre seremos.

— Com vocês dois? — continuei. — Este mundo não tem nada que eu possa temer! Estão me ouvindo?

Nora, rindo, colocou o braço ao meu redor, tentando me arrancar do poste que eu abraçava como Gene Kelly em *Cantando na chuva*.

— Você está um lixo — disse ela.

— Claro que estou um lixo.

— Está na hora de ir para casa.

— Woodward *nunca* vai para casa.

Seguimos pela calçada em silêncio, sabendo que nossa separação chegaria em minutos, sabendo que poderíamos não nos ver por um longo tempo.

Chamamos um táxi. Era o que você fazia em Nova York no final de uma noite, se enfiando juntos na diligência amarela imunda com o chofer sem rosto, que entregava vocês, um por um, relativamente a salvo, em sua rua silenciosa. A noite podia ser arquivada em algum lugar, sendo selecionada e limpa um dia, lembrada como um dos melhores momentos. Nós entramos, Nora no meio, suas rosas agora exaustas jogadas sobre os joelhos. Hopper estava dormindo no sofá de um amigo na rua Delancey.

— Bem aqui — disse ele ao motorista, batendo no vidro.

O táxi encostou, e ele se virou para mim, estendendo a mão.

— Continue procurando as sereias — me disse com voz rouca. Baixou a cabeça para que não visse as lágrimas nos seus olhos. — Continue lutando por elas.

Assenti e o abracei com toda minha força. Ele então beijou Nora gentilmente na testa e saiu. Não entrou imediatamente, ficando de pé na calçada e nos vendo partir, uma figura escura banhada pela luz laranja da rua. Nora e eu olhamos pelo vidro traseiro — o filme no qual tínhamos de manter os olhos, relutando em piscar ou respirar, enquanto isso se tornava apenas uma lembrança.

Ele ergueu a mão esquerda para nós, um aceno e uma saudação. E o táxi virou a esquina.

— Agora vamos para a rua Stuyvesant no cruzamento com a Dez Leste — disse ao motorista. — Perto de Saint Marks.

Nora se virou para mim, olhos arregalados.

— Você me disse onde mora — falei.

— Não disse. *Não disse* de propósito.

— Disse sim, Bernstein. Está ficando uma velha distraída.

Ela bufou, cruzando os braços.

— Você me espionou.

— Não.

— Espionou. Eu sei.

— Por favor. Tenho coisas *melhores* a fazer com meu tempo do que me preocupar com Bernsteins.

Ela fez uma careta, mas quando o táxi encostou na frente da casa geminada de arenito vermelho, ela não se moveu, apenas ficou olhando para a frente.

— Você vai me esquecer? — sussurrou.

— Isso seria fisicamente impossível.

— Promete?

— Você realmente deveria vir com uma alerta de “Não retire esta etiqueta. Vai se apaixonar por ela contra a sua vontade, goste disso ou não”.

— *Você vai ficar bem?*

Ela se virou para mim, querendo mesmo saber, preocupada.

— Claro. Assim como você.

Ela anuiu, tentando se convencer, e então sorriu de repente como se lembrasse de uma velha piada que eu contara, uma que só estava achando engraçada naquele momento. Inclinou-se para a frente e me deu um beijo na bochecha. E então, como se um feitiço estivesse prestes a se romper, saiu em disparada do táxi, batendo a porta, subindo os degraus com a bolsa pesada e os braços cheios de rosas.

Destrancou a porta e entrou. Mas então, se virou lentamente, o cabelo ficando dourado por causa de alguma luz oculta atrás dela.

Sorriu uma última vez. A porta se fechou, e a rua ficou calma.

— É isso — sussurrei, mais para mim mesmo do que para o motorista. Eu me virei, me recostando no banco, uma luz amarela fraca me banhando enquanto partíamos.

FOI UM ACASO feliz. Mas a vida *é* um.

Alguns dias depois da noite com Hopper e Nora, começara a me recuperar da minha ressaca. Estava limpando meu escritório. Deixei Septimus fora da gaiola, para que pudesse voar um pouco e se exercitar. Afastei o sofá de couro da parede e notei, no chão, as três velas de reversão pretas e brancas que Cleo nos dera.

Eu me esquecera totalmente delas. Deviam ter caído ali, sem ser vistas, quando o quarto foi revirado.

Mal as tínhamos queimado, preocupados com todo o resto. *Mas por que não terminar o serviço?* Coloquei-as em um prato e as acendi. Horas depois, quando estava no sofá com um uísque e *The Wall Street Journal*, ergui o olhar e vi que tinham se transformado em nada, apenas uma fatia de cera branca. A primeira e depois a segunda se extinguiram, como se esperando ter toda a minha atenção, os pavios ficando laranja por um momento antes de se apagar. A terceira resistiu, a chama se retorcendo como se ela se recusasse a ceder, a morrer, mas então também escureceu.

Eu me dei conta de que meu celular estava tocando.

— Alô? — atendi, sem me preocupar em checar o identificador de chamadas.

Meu contador devia ligar para me informar de que a poupança da minha vida estava no final e era hora de tentar um novo emprego como professor ou de pensar em outra investigação, alguma que rendesse dinheiro.

— Scott? É Cynthia.

O medo instantaneamente tomou conta de mim.

— Sam está bem?

— Sim. Está maravilhosa. Bem, não, na realidade isso não é verdade. —
Ela respirou fundo. — É um bom momento para conversar?

— Qual o problema?

Ela parecia aborrecida.

— Desculpe. Por não retornar suas ligações. Achei que era a coisa certa a fazer. Mas ela está inconsolável. Scott isso, Scott aquilo. *Chorando*. Eu não aguento isso. — A própria Cynthia parecia estar à beira das lágrimas. —
Você pode passar algum tempo com ela neste sábado?

— Sábado está bom.

Ela fungou.

— Talvez ela pudesse passar a noite.

— Eu gostaria disso.

— Bom. Por falar nisso, como você está?

— *Agora* estou ótimo. E você?

— Bem. — Ela deu uma risada gentil. — Então está combinado sábado?
Jeannie está de volta. Recuperada da mononucleose.

— Sábado.

Desligamos. Não consegui tirar os olhos daquelas velas.

Estavam soltando fumaça inocentemente, três longas fitas cinza compridas bordando o ar.

FOI COM A sensação penetrante de que um milagre acontecera que, no sábado, Sam apareceu no umbral, com Jeannie a reboque.

Era um claro dia de inverno com toda animação e resistência dos olhos brilhantes de um adolescente, céu azul, sol ofuscante, a neve de dois dias sendo esmagada como se fosse uma cobertura de bolo sob nossas botas. Revelei quais seriam nossas paradas: panquecas de limão e ricota no Sarabeth; uma expedição à FAO Schwarz, onde Sam se apaixonou por um elefante africano em tamanho real de mil e duzentos dólares da Coleção Safári (*o casaco cuidadosamente cortado à mão por artesãos experientes*, segundo a etiqueta), que Jeannie imediatamente me impediu de comprar. Perdemos Jeannie depois do sorvete no Plaza; com excesso de açúcar no sangue, ela preferiu pular o ponto alto do dia — patinar no gelo no ringue do Central Park —, para nos reencontrar na minha casa.

— *Por favor, tome cuidado* — disse Jeannie, me lançando um olhar rígido e sério antes de desabar em um táxi.

Mas foi tranquilo, com apenas uma dificuldade: enfiar o pé esquerdo de Sam no patim. Pareceu prender em algum lugar perto do tornozelo, e ela fez uma careta, o que me levou a tirar o patim e alargá-lo bastante, fingindo um esforço, como se fosse um dos candidatos a Mr. Universo — Sam riu bastante —, e então pisamos no gelo, pai e filha, de mãos dadas. Estava lotado de turistas — eram frívolos demais para serem nova-iorquinos —, mas, assim que fomos engolidos pela multidão, era como se estivéssemos em um mar de alegria. Por toda parte havia parcas coloridas e risos, chiados e assovios enquanto o Central Park South e a Quinta Avenida se erguiam acima de nós.

Foi quando estávamos caminhando pela calçada de paralelepípedos ao longo da Quinta Avenida que a coisa boa aconteceu. Sam revelou o nome de sua melhor amiga: Delphine. A garota parecia *mais que chique* aos seis anos, nascida em Paris.

— Delphine vai para a escola de limusine — observou Sam.

— Bom para Delphine. Como você vai para a escola?

— Mamãe me leva a pé.

Graças a Deus, Bruce estava mantendo seu Bentley escondido. Fiz uma anotação mental para ficar de olho nessa tal de *Delphine*. Parecia que em pouco tempo ela iria pular pela janela do quarto.

Sam queria me mostrar suas novas caneleiras e travas das chuteiras, e dizer que recentemente aprendera a diferença entre Fahrenheit e Celsius. Também gostava muito de sua nova professora de educação física, uma jovem chamada Lucy que era feliz casada com o sr. Lucas, que ensinava ciências. Sam falou em voz baixa e categoricamente sobre cada um desses assuntos, explicando com a autoridade de um funcionário experiente, enquanto eu era o alegre subalterno ignorante. Também mencionou alguns nomes próprios — Clara, um cachorro (ou um garoto muito infeliz) chamado Maestro, sr. Frank, algo chamado *Roda de Contos* — como se eu soubesse exatamente quem e o que cada uma dessas coisas era. E fiquei comovido, pois significava que Sam sentia que nunca houvera um momento em que eu *não estivera* com ela, que sempre estava vendo o que ela via.

Depois de termos cumprimentado dois dachshunds que passavam, Sam anunciou que estava pronta para ir para casa. No táxi, perguntei se ela tivera um bom dia. Ela assentiu.

— E o que mais, querida?

Estava bocejando.

— Lembra-se do brinquedo que mamãe achou no seu bolso?

Era uma pergunta suficientemente intrigante para que Sam me olhasse.

— A cobra preta? — esclareci, da forma mais relaxada que consegui.

— O dragão com o qual mamãe ficou louca? — perguntou ela.

— Sim, o *dragão* com o qual mamãe ficou louca. Onde você conseguiu isso?

— Ashley.

Fiz de tudo para parecer indiferente.

— E onde você encontrou Ashley?

— Com Jeannie no pátio.

Com Jeannie no pátio.

— Quando foi isso?

— Há muito tempo — disse Sam, bocejando de novo, os olhos comicamente pesados.

— Você conversou com ela?

Fez que não com a cabeça.

— Estava longe demais.

— Quão longe?

— Estava perto dos carros, e eu, no balanço.

— Mas como ela lhe deu o dragão?

— Ela o deixou — disse, com a exasperação de um professor, como se já tivesse explicado isso muitas vezes.

— Quando? No dia seguinte?

Ela concordou vagamente.

— Certo, você é a mais esperta juíza que já conheci, e valorizo muito sua opinião. O que achou dela? Ashley.

Ela abriu um leve sorriso à menção do nome. Mas seus olhos estavam se fechando.

— Ela era mágica... — sussurrou.

— O quê? Sam?

Mas estava apagada, a cabeça caindo em meu braço, as mãos no colo como se estivesse segurando um buquê de violetas invisível. Na rua Perry eu a carreguei para o andar de cima para que pudesse dormir, embora Jeannie a tivesse acordado às sete para vestir seu pijama de nuvens. Vimos *Procurando Nemo*. Fiz omeletes de claras. Quando Jeannie subiu para tirar as lentes, o que parecia ser um código para ligar para o namorado, Sam ficou comendo em silêncio à mesa da cozinha.

Era a chance de perguntar mais a ela sobre Ashley, descobrir como afinal aquilo tinha acontecido, mas então, me sentando ao lado de Sam, ela olhou

para mim, mastigando lentamente com a boca bem fechada, como se soubesse muito bem o que eu estava prestes a perguntar e achasse triste que ainda não tivesse entendido. Engolindo, ela pousou o garfo e pegou minha mão direita, dando tapinhas nela como se fosse um coelho solitário em uma pet shop, antes de pegar o copo de leite.

E me dei conta — *claro* — de que Sam tinha me contado tudo.

ELA ERA MÁGICA.

Quando me despedi de Sam no dia seguinte, dei nela o abraço mais forte e beijei sua bochecha e depois sua cabeça quente.

— Eu amo você mais que... Quanto é mesmo? — perguntei.

— O sol mais a lua.

Abracei Cynthia. Ela não estava esperando por isso.

— Você é sensacional — sussurrei próximo ao cabelo dela. — E sempre foi. Lamento nunca ter dito isso.

Ela ficou olhando chocada para mim enquanto eu saía do saguão, sorrindo para os dois porteiros que escutavam explicitamente.

— Entenderam isso? *Essa mulher é sensacional.*

No momento em que cheguei em casa, tirei novamente a velha caixa de papelão molenga, espalhando os poucos papéis no chão.

O que eu tinha aprendido sobre mim mesmo quando ficara preso naquela caixa hexagonal? *Você nem sequer conseguia ver por onde abrir.* Era uma dica de que eu *não* estava vendo tudo, não o quadro inteiro.

Talvez ainda não tivesse entendido direito. Talvez ainda não tivesse visto algo que até mesmo Sam tinha visto. E Nora. E Hopper.

Todos os três acreditavam em Ashley. E eu não.

Mas e se eu acreditasse tão cegamente quanto Hopper, Nora — e Sam? Seria cegueira, ou todos eles viam de um modo que eu não via? E se abrisse mão da razão e do bom senso, os deixasse fora de vista, e acreditasse em feitiçaria, em magia negra, em Ashley? Queimar as velas de reversão trouxera Sam de volta para minha vida. Sim, era possível argumentar que tinha sido apenas uma coincidência que no instante em que elas se extinguíram Cynthia telefonara em questão de segundos — mas e se não

fosse? Talvez fosse novamente a magia negra mostrando a cara, insistindo que era real.

E se eu confiasse e simplesmente aceitasse que a verdade por trás de toda essa investigação *não* estava com Inez Gallo, mas com Ashley? E se ela não estava em um estado mental especialmente precário? A verdade sobre sua doença não significava nada. Por que o câncer não podia ser mais um sintoma da maldição do diabo, como a própria Ashley acreditara? Eu podia não ter coletado provas suficientes em The Peak — a camisa de menino manchada e aqueles ossos animais —, mas isso não isentava Cordova do que eu desconfiava, de que ele praticava magia negra com o povo da cidade, de que seus filmes noturnos não eram ficções, mas horrores da vida real, de que usara crianças para tentar libertar a filha da maldição, possivelmente até mesmo chegando ao ponto de ferir uma delas, como o Aranha insinuara.

Não há nada que Gallo não faria para protegê-lo. Eu lera isso no Blackboards. Mas, estranhamente, ela escolhera *não* protegê-lo de mim. Me enviara direto para ele.

Ou não?

Beckman me alertara de que eu poderia encontrar uma figura posicionada no cruzamento entre vida e morte. *Será um engodo, um substituto para garantir a liberdade da coisa real. É o personagem preferido de Cordova. Está sempre lá, quando a mente de Cordova funciona, não importa o que for.*

Essa figura poderia muito bem ter sido aquele homem na casa de repouso, o estranho ao lado do qual me sentara.

Bill Smith.

Ele poderia ser qualquer um — qualquer um com uma estrutura e um corpo suficientemente grandes, apenas senil e silencioso o bastante para não ter consciência de que estava se passando por Cordova. A tatuagem de leme não era uma prova definitiva. Poderia ter sido desenhada ali — até mesmo tatuada por Gallo na mão do homem no meio da noite quando nenhuma enfermeira vigiava. Não havia qualquer segurança no asilo, nada que impedisse Gallo de fazer o que quisesse com qualquer idoso estranho que escolhesse, para que pudesse servir de um dublê factível para seu senhor e mestre — *garantindo dessa forma a liberdade da coisa real.*

Ela o queria livre.

Talvez Gallo fosse a executora remunerada de Cordova, esperando que alguém chegasse perto demais de seu paradeiro, alguém que soubesse demais. Talvez estivesse esperando que eu chegasse vociferando àquela última plataforma de madeira e fosse seu trabalho colocar o saco de lona sobre minha cabeça e depois o laço, impiedosamente tirando o solo de sob meus pés, me lançando no ar, esperneando, engasgando, de volta à *realidade*, onde tinha tanta certeza de que eu ficaria.

“Vivo no mundo real”, ela anunciara secamente. “Assim como você.”

Ela dissera isso como se fosse uma ordem, uma diretiva. Estava me dando instruções, certa de que as seguiria por vontade própria, porque eu era um realista, um cético, um homem prático. E ainda assim também notara que havia algo levemente sarcástico no modo como dissera *mundo real*, como se fosse a mais infeliz das sentenças perpétuas.

A história de Ashley agora permanecerá para sempre como ela desejava, onde ela acreditava de coração que sempre pertencera: além da razão, entre o céu e a terra, chão e espaço, elevado muito mais perto da lenda que da vida comum; vida comum na qual o resto de nós, incluindo você, sr. McGrath, devemos permanecer.

Onde as sereias cantam, murmurei.

Sereias. Havia algo sobre aquela palavra que incomodara Gallo. E se a enervara, só podia significar uma coisa: estava perto demais do verdadeiro Cordova para que ela se sentisse confortável.

Demorei a noite toda, o dia todo e mais uma noite depois disso para encontrar a relação. Não dormi. Não precisei. Digitei novamente as anotações que tinham sido roubadas, listando todas as testemunhas que havíamos rastreado que encontraram Ashley, tudo o que eu achara em The Peak, cada palavra que ouvira ser sussurrada sobre Cordova.

Quando consegui ver, me dei conta de que estivera bem na minha frente o tempo todo.

Guarita. Mansão. Lago. Estábulo. Oficina. Mirante. Troféu. Pincoya Negra. Cemitério. Sra. Peabody. Laboratório. O Z. Encruzilhada.

A palavra estava escrita acima de uma das treze passagens enegrecidas para os túneis subterrâneos de The Peak.

Pincoya. Era um tipo de sereia.

“Cabelos louros compridos, beleza incomparável, lasciva e sensual, ela emerge das profundezas do mar”, dizia o verbete da Wikipédia. “Concede riquezas ou escassez asfixiante, e todos os mortais da terra vivem de acordo com seus caprichos.” A criatura havia sido vista em um lugar remoto da terra, e apenas um: em uma ilha isolada no litoral da América do Sul chamada Chiloé.

La Pincoya era apenas uma da legião de criaturas míticas que assombravam a terra e as praias da ilha, que permanecia envolta em neblina pesada e chuva por onze meses ao ano. Era um lugar árido e inóspito, uma das ilhas mais remotas da Terra, uma ilha com uma história lendária de bruxaria.

De repente me lembrei de um detalhe que Cleo mencionara na Encantamentos na primeira vez que fomos vê-la, quando inspecionava o material que tínhamos lhe dado da maldição da morte do feitiço do Osso Negro de Ashley.

Vejo um pouco de terra marrom-escura aqui, e também alga marinha, nos dissera. *Ela deve ter pegado isso em algum lugar exótico.*

Não havia muita informação sobre a ilha Chiloé, mas enquanto lia o blog de um mochileiro espanhol me deparei com outra ligação.

Puerto Montt.

Era a última cidade do Chile continental, antes do país se esfarelar como um biscoito em centenas de migalhas de ilhas. O mochileiro fora de Puerto Montt para *outra* cidade, Pargua, e de lá pegara a balsa para Chiloé. A única forma de acessar a ilha era por barco, afora alguns campos de pouso rudimentares.

Eu sabia que tinha lido recentemente sobre a cidade, e após uma hora de busca descobri onde: em *The Natural Huntsman*, a matéria postada no Blackboards sobre o desaparecimento de Rachel Dempsey do Nepal — Rachel Dempsey, que interpretara Leigh em *La Douleur*. Embora não houvesse sinal dela após sumir da expedição de caça, nove dias depois do

aviso de desaparecimento seu telefone por satélite fora ligado em Santiago do Chile, e ela fizera uma rápida ligação para um número rastreado até Puerto Montt.

Eu digitara novamente a entrevista com Peg Martin no Washington Square Park e lembrei que ela havia mencionado que Theo Cordova tivera um caso com uma mulher dez anos mais velha, uma mulher chamada Rachel que aparecera em um dos filmes de Cordova.

Conferindo as datas vi que Rachel Dempsey deveria ter vinte e sete anos na primavera de 1993, o mesmo ano em que Peg Martin foi ao piquenique. Theo teria apenas dezesseis, uma diferença de onze anos.

Chegava bem perto. Então, Rachel e Theo aparentemente ficaram juntos. Mas o que exatamente Rachel Dempsey planejara para sua expedição de caça ao Nepal? Desaparecer da face da Terra? Desaparecer sem deixar rastros para poder ressurgir em algum lugar daquela ilha de modo a, *o quê?*, reunir-se no paraíso ao seu amante, Theo? O que acontecia naquela ilha?

As casas lá tinham um estilo arquitetônico singular. Chamadas de *palafitas*, eram construções modestas erguidas sobre suportes instáveis e pintadas de rosa, azul e vermelho vibrante, de modo que pareciam insetos aquáticos de pernas compridas infestando o litoral, que não era um paraíso tropical, mas espinhoso e cinza, com pedras afiadas e água escura que chegava na praia.

Já vi essas casas sobre toras.

Fora quando eu estivera dentro de *Espere por mim aqui*, na estufa da família Reinhart, no barracão de trabalho de Popcorn. Notara um cartão-postal em um quadro de avisos — as mesmas casas suspensas retratadas nele. Felizmente tivera a presciência de pegá-lo e ler o verso, onde alguém rabiscara quatro palavras.

Algum dia muito em breve você virá.

Havia mais: as igrejas de Chiloé eram diferentes de quaisquer outras no mundo, uma combinação de cultura jesuíta europeia e as tradições nativas dos povos indígenas da ilha. Eram austeras, cobertas de telhas de madeira, que pareciam escamas de dragão, e torres altas encimadas por uma cruz esguia. Como as *palafitas*, que também eram pintadas com cores vivas,

embora esse brilho não evocasse júbilo, mas a alegria sinistra do rosto de um palhaço.

Eu já tinha visto uma em algum lugar. Revirei os papéis no chão até encontrar.

Na matéria da *Vanity Fair*, a colega de quarto de Ashley no primeiro ano mencionara que, quando Ashley se mudara de repente, sem dizer nada, deixara para trás apenas *três polaroides*, que tinham caído atrás da cômoda e ficaram esquecidas. As fotos haviam sido incluídas na matéria — artefatos da existência perdida de Ashley, portinholas para seu mundo. Eu mal reparara nelas.

Agora, olhando para a primeira, fiquei tonto com o choque.

Mostrava uma pequena igreja de aparência melancólica. Não era uma correspondência perfeita, mas tinha a mesma arquitetura de todas as outras da ilha.

A segunda polaroide mostrava um enorme rochedo preto em uma praia, gaivotas rodeando acima. O rochedo tinha um buraco místico no centro, como se Deus tivesse enfiado o polegar ali, deixando um vazio malicioso no mundo. Não o reconheci.

Mas a *terceira* exibia um bando de cisnes de pescoço preto, um deles carregando um filhote nas costas. Eu lera na Wikipédia que *cisnes de pescoço preto* eram comuns na América do Sul. Mas se acasalavam e tinham os filhotes apenas em algumas áreas específicas, sendo que uma delas era a região sul do Chile, que incluía Chiloé.

Ashley poderia muito bem ter estado na ilha. Parecia ter sido onde tirara as polaroides.

Abri o Google Earth, na visão de satélite. Partes da ilha principal, *Isla Grande*, e quase todas as ilhas menores ao redor pontilhando o mar azul estavam escondidas por nuvens prateadas.

Será que todas as provas tinham silenciosamente me levado para lá?

Gallo fora tão inabalável sobre me manter no *mundo real*, na *vida comum*, garantindo que eu não continuasse caçando Cordova — até onde?

Vozes de alerta ecoaram em minha cabeça, sendo que uma das mais altas era a daquele velho repórter grisalho alcoólatra no bar de Nairóbi. Tombado

sobre o drinque, vestindo sua jaqueta cáqui suja e o uniforme militar, ele me alertara sobre os destinos dos três repórteres que tinham trabalhado no caso amaldiçoado, o caso sem fim, a tênia.

Um aparentemente enlouquecera. Outro pedira demissão e uma semana depois se enforcara em um quarto de hotel em Mombaça. O terceiro desaparecera, abandonando a família e um emprego no jornal italiano.

“Está contaminada”, murmurara o homem. “A *matéria*. Você sabe que algumas são.”

Eu me recostei pensativo na minha cadeira da escrivaninha. Septimus, eu vi, incrédulo, decidira voar como nunca o vira fazer. Estava batendo ebriamente no teto e nas janelas, o pôster de *Le Samourai*, as asas acertando o vidro de excitação — ou seria alarme com o que eu estava prestes a fazer e para onde estava prestes a ir?

Porque, estava notando, os destinos daqueles três repórteres não eram diferentes do dos atores que tinham trabalhado com Cordova, aqueles que, assim que deixavam The Peak, nunca voltavam para sua vida normal, se espalhando pelos cantos mais distantes do mundo, sendo que nunca se ouviu falar novamente, se tornando impalpáveis e invisíveis, fora de alcance.

Agora isso estava acontecendo comigo.

Não estava? Eu seguia os passos deles, me lançando para os cantos mais distantes do mundo. Estaria fugindo de algo ou será que tinha sido libertado?

Não saberia até ver o que havia lá, se é que havia algo.

QUATRO DIAS DEPOIS peguei um voo para Santiago do Chile, e outro para Puerto Montt.

Caminhei pelo aeroporto El Tepual até o setor de bagagens repleto de crianças, famílias se abraçando, placas de INFORMACIÓN e Eurocar. Encontrei minha bolsa militar sozinha na esteira rolante, como se estivesse me esperando havia meses.

Peguei um táxi para a rodoviária e o primeiro ônibus para Pargua. Estava lotado, metade dos assentos ocupada por garotos bagunceiros que usavam meias brancas até os joelhos, algum madrigal comandado por um maestro de rosto suado que parecia prestes a abandonar tudo. Uma senhora se sentou ao meu lado, me olhando desconfiada, mas, assim que cochilou, sua cabeça bateu gentilmente em meu ombro, como uma boia em um mar escarpado. Nosso ônibus, uma fera amarelada com arco-íris sujos gravados nas laterais, balançou e sacudiu pelas ruas, passando por chalés com telhados ao estilo bávaro e cafés movimentados, seguindo para o interior.

A balsa para Chiloé saía a cada vinte minutos. Custava um dólar. Quando zarpamos pelo mar açoitado pelo vento, fui cercado por um grande grupo de turistas barulhentos que lotava o convés superior. Uma italiana tentava impedir que os cabelos açoitassem seu rosto enquanto o namorado tirava uma foto. Ela me notou e sorriu, fazendo um gesto que perguntava se eu poderia tirar uma foto deles juntos. Enquanto concordava, não pude deixar de pensar em se algum dia alguém poderia rastreá-los e mostrar minha foto como eu fizera com a de Ashley.

Você o reconhece? Ele falou com vocês? O que estava vestindo? Como era o comportamento dele? Pareceu estranho?

De pé ao lado da amurada, olhando para fora, eu podia ver a ilha bem à frente. Ela se revelava como se fosse uma mulher saindo detrás de uma cortina, sem pressa e intencional: colinas baixas verde-escuras, neblina branca no litoral, luzes suaves tremeluzindo em meio à vegetação, postes telefônicos com fios pendurados, uma praia sem graça. Por um minuto, uma grande ave branca e preta, algum tipo de petrel, voou ao lado da balsa, muito perto de onde eu estava, subindo e descendo, chamando com um guincho penetrante antes de se afastar em uma nova rajada de vento, sendo engolida pelo céu.

Desembarcamos em Chacao, uma aldeia desgastada com a aparência abandonada de um lugar de onde as pessoas estavam constantemente partindo. Ali, com muitas das mesmas pessoas da balsa, embarquei em outro ônibus para Castro, a maior cidade da ilha, onde me hospedei no hotel, o *Unicórnio Azul*. Era difícil não ver: um prédio rosa brilhante em uma rua cinza molhada. Eu tinha lido que era animado, popular entre locais e turistas viajando com pouco dinheiro, conhecido por comida boa e equipe que falava inglês. Meu quarto tinha um papel de parede azul desbotado, um catre *ligeiramente* maior que a enorme lista telefônica fornecida na mesinha de cabeceira. Tomei uma chuveirada de pé ao lado do vaso (o banheiro era do tamanho de uma cabine telefônica) e depois, com a barba feita, descí para procurar o salão de jantar. Pedi um pisco sour, que a garçonete explicou ser a bebida local, e quando ela ficou ali, querendo saber se eu era australiano, peguei a matéria da *Vanity Fair* e perguntei se, por acaso, reconheceria os marcos nas fotografias.

Minha pergunta causou grande intriga.

Menos de um minuto depois, dois outros clientes, assim como o barman holandês, estavam ao redor da minha mesa, discutindo sobre as polaroides — e provavelmente sobre *mim* — em espanhol. O consenso foi de que, embora ninguém reconhecesse a igreja, um dos locais — um homenzinho moreno impaciente que, a pedido da garçonete, foi balançando desajeitadamente até nós, insinuando que se saía melhor na água — alegou ter visto o rochedo preto com o buraco em algum lugar ao longo do litoral sul de Quicaví quando

era um garotinho. (O homem, é preciso ressaltar, parecia ter setenta e tantos anos.)

— Quicaví? Como chego lá? — perguntei.

Mas o homem apenas projetou o queixo, fazendo uma careta como se eu tivesse acabado de insultá-lo, e voltou para sua mesa.

A garçonete se inclinou com um olhar de desculpas.

— Os *chilotes*, locais, são *muy supersticiosos* sobre Quicaví. Fica no norte. Mais ou menos uma hora de carro.

— Por que são supersticiosos sobre Quicaví?

— É onde o homem chega.

— Qual homem?

Ela arregalou os olhos, parecendo insegura sobre como começar a responder, e saiu rapidamente.

— Só não vá lá à noite — sugeriu ela por sobre o ombro.

O barman holandês sugeriu que eu alugasse um carro com o amigo dele na rua para chegar a Quicaví antes do anoitecer — *antes do anoitecer* parecia ser a parte mais crucial das indicações —, motivo pelo qual, menos de uma hora depois, eu estava atrás do volante de um Suzuki Samurai verde quatro por quatro datando dos anos oitenta seguindo por uma estrada sinuosa sem acostamento que mal dava para dois carros. Levava meu passaporte, todo meu dinheiro, tanto dólares quanto pesos chilenos, meu celular, um canivete e a bússola de Popcorn.

Enquanto dirigia, conferindo o mapa e a bússola, que indicava que eu seguia para nordeste, a ilha parecia sacudir ao meu redor. Montanhas ondulantes, cavalos galopando sozinhos pelos campos — passei por uma procissão de cabras soltas e dois garotinhos escoltando uma ovelha. Eu continuava imaginando meu quarto abandonado no Unicórnio Azul, como se fosse a foto do local de um crime recém-tirada impressa em minha mente: minha bolsa militar estava aberta na cama, roupas jogadas apressadamente dentro dela, o itinerário da Expedia no bolso interno, escova de dentes vermelha na beirada da pia, tubo de Colgate Total amassado pela minha mão e, finalmente, o espelho imundo que sustentara minha última imagem. Pensei, de repente, se eu deveria ter deixado um bilhete, algo para Sam, uma pequena

pista — *só por garantia*. Deixara Septimus com ela, garantindo a Cynthia que passaria só algumas semanas viajando, para que Sam soubesse que eu ia voltar.

E ia.

O Suzuki começou a resmungar em alguns dos aclives, e quando chegamos a um particularmente íngreme — a pavimentação se soltara muito antes, era apenas terra e pedras — coloquei a tração nas quatro rodas, pisando fundo. Isso matou o motor. Parei no acostamento e comecei a andar.

Como se por magia negra, um garoto em uma picape passou por mim, deu ré e me ofereceu uma carona. Ele não falava inglês, o rádio tocando Rod Stewart. Aparentemente chegando ao limite de Quicaví, uma estreita estrada inclinada com casas escuras — todas elas curvando-se para baixo como se desesperadas para chegar no oceano, visível no final —, o garoto me deixou e seguiu em frente.

Estava começando a escurecer, uma chuva fina caía. Virei à direita entrando em outra estrada, que me levou ao coração de Quicaví. Não havia nada explicitamente sinistro na cidade — cafés anunciavam internet grátis e Pepsi; um grande porco fuçava na frente de um armazém. Mas dez minutos depois das seis todas as lojas tinham janelas escuras, placas nas portas dizendo CERRADO. O único que parecia estar aberto era um restaurante chamado Café Romeu, algumas pessoas lá dentro debruçadas sobre as mesas e, na praia, um barracão bem no final, que parecia ser uma espécie de cantina, cujo telhado bem inclinado era iluminado por lâmpadas.

Segui na direção dele pela areia, que era pedregosa e preta, a água batendo preguiçosamente na costa. Percebi, surpreso, que estava sozinho ali. Repassei na minha cabeça as últimas quarenta horas, notando que desde o aeroporto JFK às cinco da manhã, cerca de dois dias antes, até *aquele momento*, o número de pessoas ao redor de mim murchara paulatinamente — como se tivesse entrado em uma festa animada e, olhando ao redor, visse que era o último convidado que restara.

Cheguei ao barracão e quando ergui os olhos, lendo a placa gasta acima da porta escura, fiquei imóvel, chocado.

La Pincoya Negra. Sereia negra. Exatamente a mesma frase que fora rabiscada acima de uma das passagens nos túneis subterrâneos de The Peak. *Se tivesse caminhado por ele, teria me trazido aqui?*

— *Quiere barquito?*

Eu me virei. Um velho esquelético estava de pé bem atrás de mim, perto da água, ao lado de uma estaca na areia, três barcos desgastados presos a ela. Era a única outra pessoa ali. Foi na minha direção, e pude ver que tinha um sorriso gentil, faltando alguns dentes, a calça suja de óleo enrolada nas canelas e tufo de cabelos brancos espalhados sobre a cabeça bronzeada, como se fossem restos de neblina do mar que continuaram presos ali.

Desdobrei a matéria da *Vanity Fair*, mostrando a ele as polaroides.

O homem anuiu, obviamente reconhecendo a igreja, dizendo algo que não entendi e que soava como *Buta Chauques. Isla Buta Chauques*. Quando viu o rochedo com o buraco, sorriu.

— *Sí, sí sí. La trampa de sirena.*

Ele repetiu a frase, os lábios rachados retorcendo de excitação. Fiz uma tradução rudimentar de cabeça. *A armadilha para sereias? A armadilha das sereias?* Assenti, confuso, e ele, considerando isso uma espécie de acordo, sorriu e voltou para os barcos. Desamarrou o maior deles e começou a arrastá-lo para a água.

— Não! — gritei. — Você não entendeu.

Mas ele o puxava com uma força surpreendente pela proa, a hélice do barco cravando na areia como se tentasse resistir.

— Ei, esqueça! Amanhã! *Mañana!*

O homem não deu sinal de ter me ouvido. Com água até os joelhos, estava parado lá, puxando a corda de ignição.

Fiquei em silêncio, observando-o, e então me vi dando meia-volta, retornando pelo caminho por onde viera.

Havia algumas luzes no final daquela estrada. Pareciam animadas e suaves, e de repente fui tomado por uma melancolia, como se contornando os cantos daquelas casas escuras eu pudesse encontrar a rua Perry e minha antiga vida, tudo o que conhecia e me era familiar, tudo o que amava, se pelo menos me sentisse inclinado a voltar para lá. Mas por mais perto que

parecessem, elas também pareciam estar recuando, salas quentes pelas quais eu já passara, as portas tendo desaparecido.

O homem conseguira ligar o motor, uma fumaça grossa subia, um ronco grave rasgava o vento que chacoalhava sobre os telhados das lojas atrás de mim.

Caminhei até o barco e entrei nele. Três centímetros de água do mar sacudiam no fundo, mas o velho não estava preocupado. Tomando sua posição ao lado do motor, tirou um boné azul do bolso da camisa, o puxou bastante para cima dos olhos e, com um único gesto de cabeça de evidente orgulho para mim, começou a nos afastar da praia.

Não tinham se passado dois minutos quando vi ilhas verde-escuras aparentemente desabitadas surgindo como baleias gigantes à minha esquerda. Supus que iríamos parar em uma, mas o homem continuou a nos levar à frente, uma depois da outra, até que vi que não restava absolutamente nada diante de nós, nenhuma massa de terra, nada: apenas um oceano negro agitado e um céu igualmente vazio.

— *Quanto tempo mais?* — gritei, me virando.

Mas o homem apenas ergueu uma mão envelhecida, murmurando algo que era levado embora pelo vento, que parecia investir sobre sua camisa cinza suja com uma corrente elétrica, revelando um corpo tão enrugado quanto uma velha árvore.

Talvez ele fosse Caronte, o barqueiro do rio Estige, transportando todas as almas recentemente mortas para o mundo inferior.

Eu me virei de volta, olhando para a frente, preso na sensação de que algo estava prestes a surgir e o horror de que nada surgisse. Continuamos em frente, não sei por quanto tempo. Eu não conseguia soltar as mãos das laterais do barco para conferir o relógio ou a bússola, as ondas ficavam violentas, a espuma do oceano me encharcando quando as ondas quebravam, batendo no barco. Comecei lentamente a me render à possibilidade de que continuaríamos assim até a gasolina acabar, e quando isso acontecesse o motor do barco iria pigarrear feito um cantor de ópera exausto deixando o palco, e eu me viraria e descobriria que até mesmo o velho tinha sumido.

Mas quando me virei de fato ele ainda estava curvado lá, cerrando os olhos para a nossa esquerda, virando na direção de outra enorme ilha verde-negra que brotava no horizonte, esta com uma praia estreita cercada de vegetação e, além dela, enormes penhascos se erguendo do mar feito ombros musculosos. O homem sorriu, como se reconhecendo um velho amigo, e quando estávamos a uns vinte metros da praia ele desligou o motor de repente, olhando ansioso para mim enquanto o barco sacudia e balançava. Enquanto ele esticava um indicador sujo de óleo para a água, ainda sorrindo, me dei conta de que era minha deixa para *saltar*.

Fiz que não com a cabeça.

— O quê?

Ele apenas balançou aquele dedo na direção da água, e quando acenei com o braço, tentando lhe dizer para *esquecer*, uma onda forte bateu no barco. Antes que eu pudesse me segurar, fui jogado para a frente de súbito.

Estava girando de cabeça para baixo nas ondas geladas. Cheguei à superfície, arfando, algas enchendo minha boca, mas quando o fundo encontrou meus pés percebi que era raso. Fui para a praia, me esforçando para ficar de pé, me curvando, tossindo. Mas então me virei depressa, horrorizado. Não pagara ao homem nem fizera acertos para *voltar*.

Ele já tinha ligado o motor e estava fazendo a volta com o barco.

— Ei! — gritei, mas novamente o vento levou minha voz. — *Espere!* Volte!

Ele não reagiu ou não ouviu. Ombros curvados, se protegendo do vento, o homem acelerava, o motor guinchando, e em minutos não passava de um pontinho preto no mar.

Olhei ao redor. Só restava luz suficiente para conseguir enxergar, lá no final da praia, onde a areia reduzia como se fosse jogada de lado violentamente pelos penhascos, um enorme rochedo. Tinha um buraco nele.

A armadilha das sereias.

Chocado, cambaleei até lá, então rapidamente me dei conta de que um bando de gaivotas, seus guinchos apagados pelo oceano, enxameava não apenas ao redor do rochedo, mas pela maior parte do litoral, se banquetando

com algo espalhado pelas pedras. A chuva começou a cair com força, então parti, buscando refúgio sob a folhagem que delimitava a praia.

Notei, a poucos metros, uma tábua se projetando sobre a areia.

Uma série de tábuas havia sido colocada em uma trilha enlameada que levava diretamente de volta à floresta. Conferi a bússola, a agulha apontando resolutamente para leste, então entrei na floresta, a lama esguichando com o meu peso. Eu segui a trilha, sendo atingido no mesmo instante por um ar estagnado, úmido e denso, mas também algo mais — uma ansiedade, uma sensação de que deslizava na direção de alguma coisa, sendo canalizado para um buraco do qual não conseguiria sair e não deveria tentar. Galhos retorcidos se enrolavam uns nos outros de modo tão denso que o que restava da chuva era o som, como uma multidão sussurrando acima. Comecei a andar mais rápido, e a caminhada virou uma corrida, a corrida uma disparada, as tábuas irregulares batendo em meus pés, algumas se partindo ao meio, me fazendo afundar até os joelhos na lama. Não parei, passando por samambaias e flores, raízes de árvores subindo dos dois lados da trilha, como se tentando escapar. Minha única companhia parecia ser um pássaro solitário, que me seguia como um último aviso, batendo asas, chilreando no mato alto até voar diretamente na minha direção, asas pretas raspando na minha bochecha, dando um grito agudo antes de mergulhar outra vez no escuro. A trilha se tornava um aclave, cada vez mais íngreme, como se quisesse me derrubar, mas não parei, subindo tão rápido que depois de um tempo não conseguia sentir o solo sob meus pés.

Havia uma casa à frente. Aninhada nas árvores, parecia com muitas outras que vira na ilha principal, desgastada, coberta de telhas de madeira, uma veneziana partida pendurada em uma janela. Ofegante, tentando recuperar o fôlego, me joguei na varanda, agarrei a maçaneta enferrujada e abri a porta.

Era uma sala deserta — mobília de madeira sóbria, luz fraca, um velho ventilador de teto girando.

Havia uma grande pintura a óleo pendurada na parede à minha frente. Era o retrato de um homem, o rosto torto da cor de giz recuando para um fundo, como se derretendo. Dei um passo para dentro, então fiquei paralisado, meus

olhos atraídos para um movimento no canto mais distante. Lá, junto a uma parede de janelas escuras, havia duas poltronas de couro e madeira como se fossem tronos à espera. Na mesinha ao lado de uma delas um *cigarro* queimava — *Murad*, sem dúvida —, faixas brancas de fumaça se desenrolando da ponta.

Fui na direção dela e vi óculos de armação metálica dobrados, lentes redondas e negras. Ao lado deles havia uma garrafa de uísque Macallan — o *meu uísque*, notei com assombro — e dois copos vazios.

Eu me virei, sentindo que alguém me observava.

Ele estava ali, uma corpulenta silhueta escura na passagem.

Cordova.

Centenas de coisas passaram pela minha cabeça naquele momento. Caçadores olham nos olhos de suas presas e o que veem? Eu não sabia que um dia iria encontrá-lo, e se encontrasse, se teria o impulso de matá-lo, condená-lo ou chorar. Talvez sentisse pena dele, ficasse de joelhos pela criança vulnerável que havia dentro de todo homem. Mas eu tinha a sensação de que ele me esperava, de que não iríamos fazer mais do que nos sentar naquelas cadeiras vazias, dois pais, e enquanto a chuva caía e a fumaça girava ao nosso redor, tramando outro feitiço hipnótico, ele iria me contar. Haveria uma escuridão inimaginável e rios de sangue dentro dela, essa história que me contou, que provavelmente duraria dias, gritos e pássaros vermelhos brilhantes e impressionantes sinais de esperança, como o sol, em um instante, pode batizar o mar mais negro. Eu aprenderia mais sobre até onde as pessoas iam para sentir algo, mais do que um dia achara que fosse possível, e ouviria o riso de Sam dentro do de Ashley.

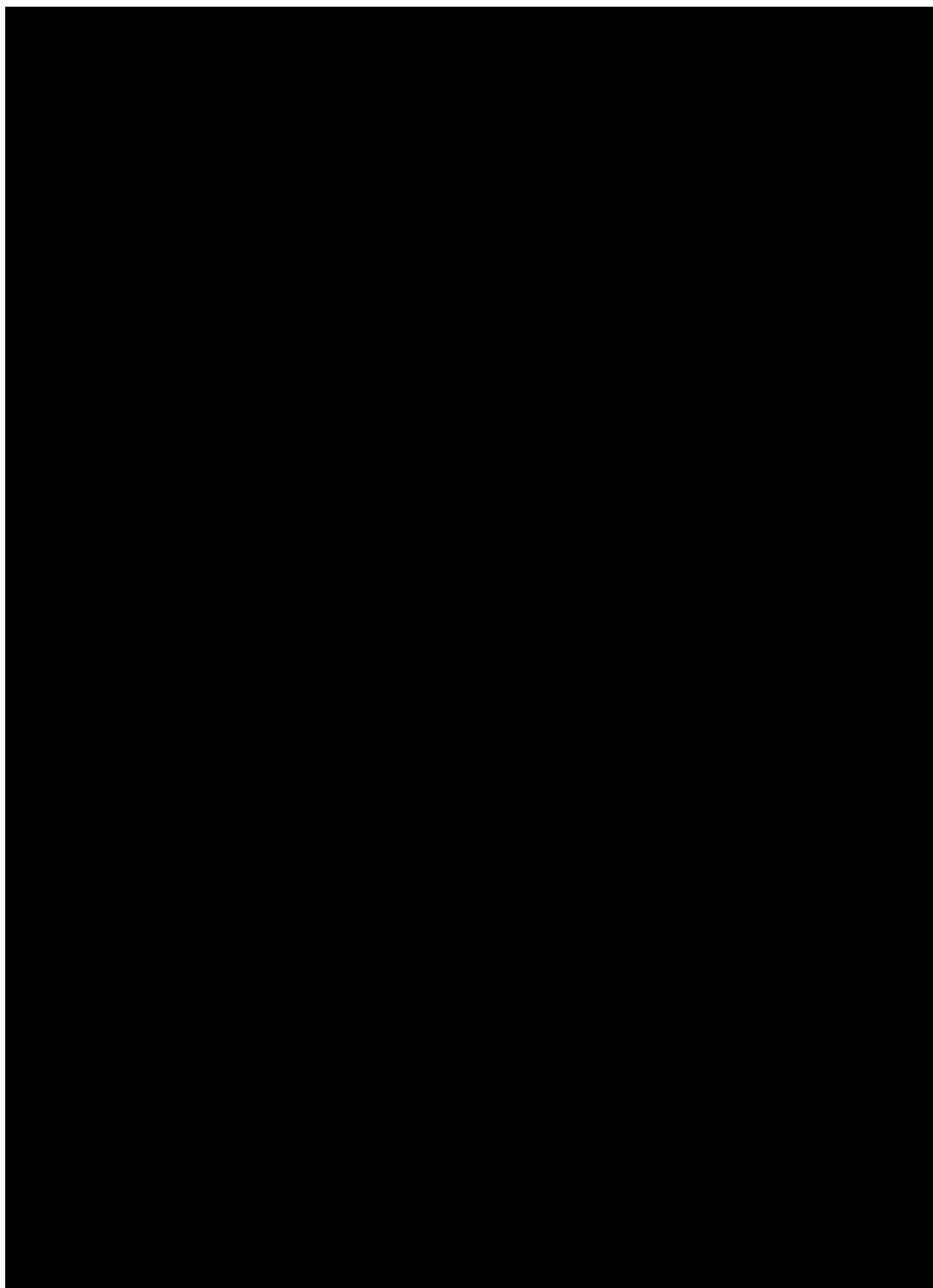
Não sabia o fim ou o que iria descobrir quando acabasse — se iria olhar para o entulho e reconhecer a história dele como uma de maldade ou de graça perdida, ou se veria a mim mesmo em tudo o que ele tinha feito, tentando salvar sua filha, em sua necessidade insaciável de estender a vida até onde ela pudesse ir, correndo o risco de quebrá-la.

De alguma forma, sentia que assim que tivesse me contado ele encontraria um modo de sumir, mais rápido que o vento por um campo. Eu acordaria em algum lugar bem distante pensando se teria imaginado, se ele

realmente estivera ali, dentro daquela casa silenciosa erguida na beirada do mundo.

A única coisa de que sabia, enquanto seguia na sua direção, era que ele ia se sentar ao meu lado e me contar sua verdade.

E eu iria escutar.



EDIÇÃO NÚMERO 255

29 DE DEZEMBRO DE 1977

\$1,90 U.S./75¢

Rollina Stone

STANISLAS CORDOVA

À beira e de volta
Por R.S. Miles

PROJETO MKULTRA

As tentativas secretas
da CIA de controlar
a mente

Por Susannah Steinberg

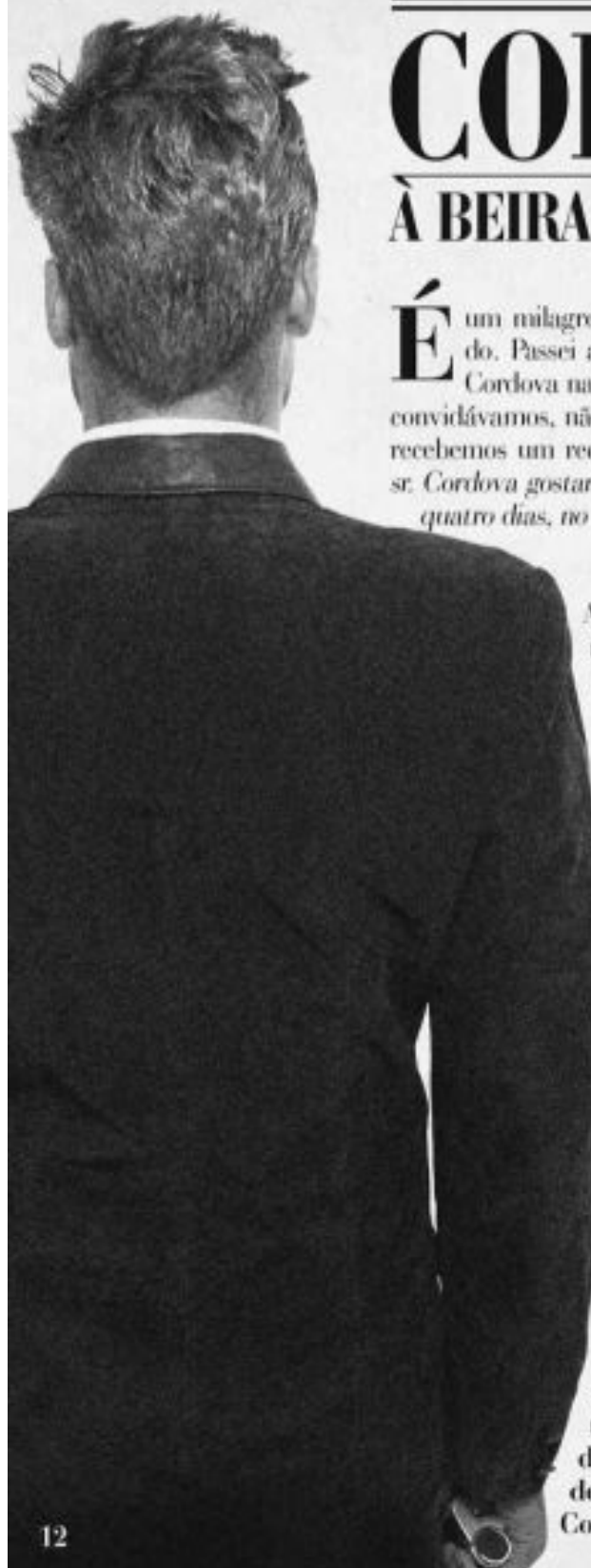
APPLE II

O primeiro computador
pessoal do mundo
Ele irá mudar o modo
como vivemos?

Por George R. Harvey

UM LUGAR CHAMADO STUDIO 54

Por Matthew Nash



CORDOVA

À BEIRA E DE VOLTA

POR R.S. MILES

É um milagre que este encontro esteja acontecendo. Passei anos fazendo campanha para colocar Cordova na capa da *Rolling Stone*. Sempre que o convidávamos, não tínhamos resposta. Então, do nada, recebemos um recado da sua assistente, Inez Gallo: *O sr. Cordova gostaria de que a entrevista acontecesse em quatro dias, no Ritz-Carlton.*

Agora, o homem estava sentado à minha frente na suíte presidencial, esperando que lhe fizesse uma pergunta. Era alto, vestia um sobretudo preto e óculos redondos de lentes escuras que davam à sua cabeça a alarmante aparência de ter dois buracos abertos.

O que o inspira?

SC: A respiração de uma mulher no meu ombro, o nascer do sol em uma montanha nevada que é cor-de-rosa como uma rosa, meu filho.

Todos os artigos que li sobre sua obra sugerem que o senhor deve ser um excêntrico exigente, um ditador feroz, até mesmo um sádico. O *Times* disse em sua resenha de *Em algum lugar em um quarto vazio* que o final — quando não temos ideia de se o herói sai vivo — indica que o senhor tem uma visão tão assustadora da humanidade que sua infância deve ter saído de um filme de terror. Como ela foi?

SC: Fui criado por uma mãe solteira no Bronx. Éramos pobres. Com frequência eu matava aula, pegava o metrô para o centro da cidade, onde me sentava em cafés, pontos de ônibus e boates de strip-tease. Foi nessa época que aprendi que a mente humana é um lugar enegrecido e que cresceu em excesso. A sociedade tenta aparar a grama e podar as plantas, mas todos nós estamos a poucos dias de uma selva. E é a selva que me interessa.

Há um campo de força impenetrável ao seu redor no que diz respeito a falar sobre como é estar em um filme seu. Por que isso?

SC: Pessoas casadas conseguem explicar o que acontece quando os convidados vão

À beira do fim? Isso soa um pouco perigoso.

SC: O medo mortal é tão crucial para nossas vidas quanto o amor. Ele apela ao cerne de nosso ser e nos mostra quem somos. Você vai recuar e tapar os olhos? Ou terá forças para andar até o precipício e olhar? Quer saber o que existe lá ou prefere viver na ilusão sombria dentro da qual este mundo comercial insiste em nos manter trancados como lagartas cegas em um casulo eterno? Você vai se encolher com os olhos fechados e morrer? Ou consegue lutar para sair disso e voar?

“A MENTE HUMANA É UM LUGAR ENEGRECIDO QUE CRESCER EM EXCESSO”

para casa, os pratos são retirados, a porta do quarto se fecha, as luzes são apagadas? O que acontece entre as pessoas que escolhi para contar uma história fica só entre mim e elas. Elas se entregam ao trabalho porque sabem que serei cuidadoso, que irei guiá-las, algumas vezes contra sua vontade, à beira do fim. Cabe a elas decidir se querem fechar os olhos após chegar lá e sair correndo — ou continuar olhando.



“Soberano, mortal e perfeito.”

Qual sua tomada preferida de todos os seus filmes?

SC: O close extremo do olho em *Figuras*. Na verdade, o meu olho foi usado na tomada. É soberano, mortal e perfeito.

O que lamenta?

SC: Que possamos destruir aqueles que **atiramos**.

Por que a temática dos seus filmes é tão perturbadora?

SC: É preciso andar algum tempo no lado sombreado da rua para sentir quando o sol bater em seus ombros.

Sua esposa, Geneva, se afogou acidentalmente em um lago em sua propriedade há alguns meses.

SC: Sim.

Como essa terrível tragédia o afetou?

SC: Só posso descrever isso com uma imagem — um cavalo de corrida com uma perna dianteira estilhaçada lutando para ficar de pé. A criatura finalmente se dá conta de que nada pode ser diferente, que é preciso permanecer no chão, sofrendo por causa do que fez. Ele correu com tudo, não segurou nada, não poupou nada para depois, para ir para casa. É o preço que pagamos por esse estilo de vida. Nossas vidas são flores que se abrem, brilhantes, e então somem.

Meus filmes são apenas histórias. Mas isso é tudo o que temos. As histórias que contamos aos outros e as que contamos a nós mesmos. Quando você conversa com um idoso, homens e mulheres no final da vida, vê que isso é o que fica para trás à medida que o corpo se desintegra. Nossas histórias. Nossos filhos vão decidir se continuarão ou não contando-as.

O que vem a seguir — na vida, na obra, no amor?

SC: Vou dar uma saída, se não se importa.

“NOSSAS VIDAS SÃO FLORES QUE SE ABREM, BRILHANTES, E ENTÃO SOMEM.”

Claro.

Desliguei o gravador, tendo um vishumbre de Cordova passando rapidamente atrás da porta — depois silêncio. Fiquei sentado



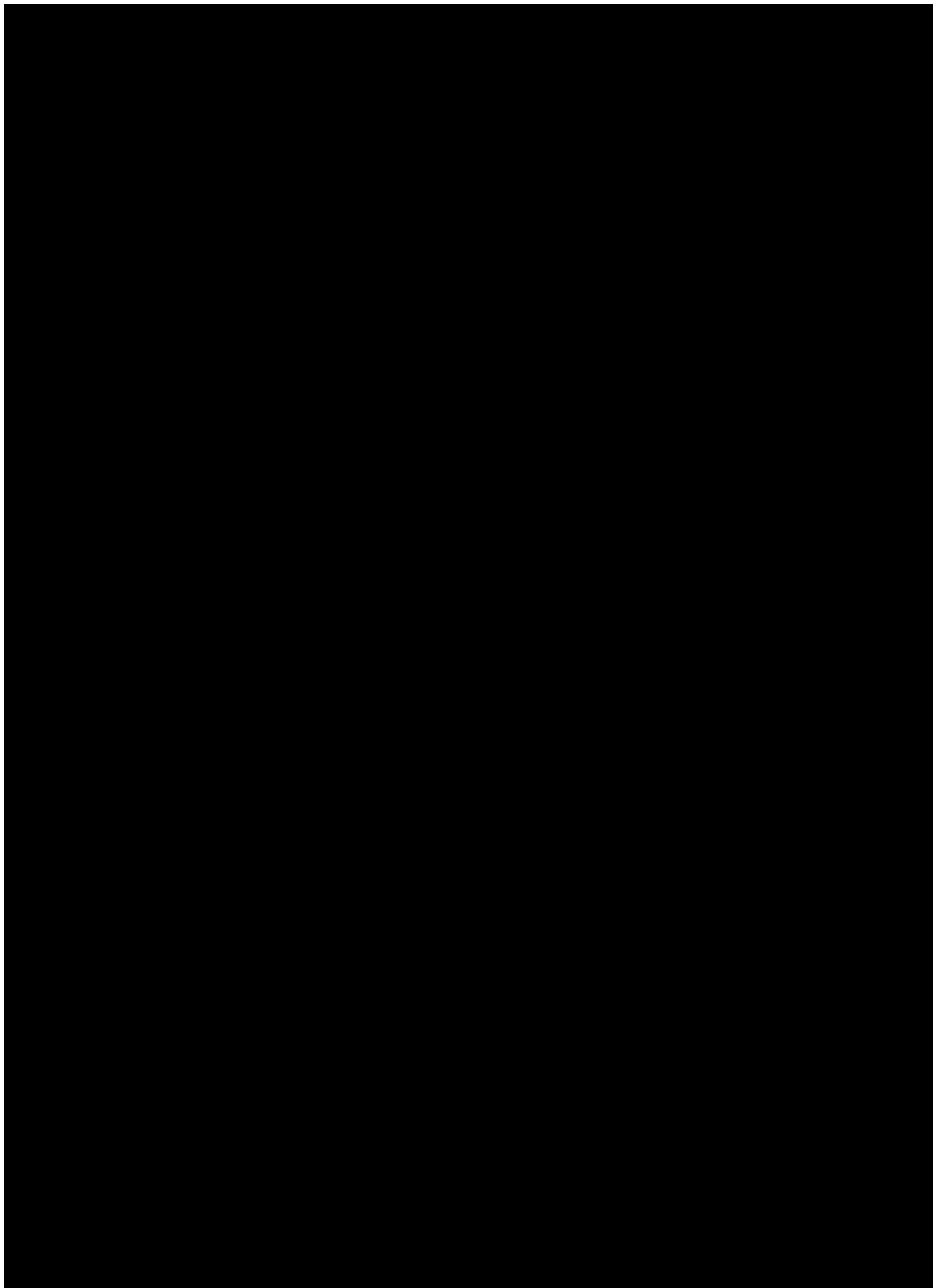
A única imagem liberada do set de Treblinka.

ali revisando minhas anotações, concluindo que iria perguntar mais sobre seu fascínio pelas selvas da mente — e quem era ele exatamente. Após quinze minutos desci de elevador até o saguão, procurei por ele no restaurante, entre as pessoas na rua, mas ele desaparecera como uma sombra que se dissolveu à luz do dia.

Repetidos telefonemas para sua assistente não tiveram resposta. Nem o envio desta entrevista uma semana antes da publicação. Será que eu dissera algo que o ofendera? O que o levava a fugir?

Por enquanto ele permanece um mistério — até seu próximo filme, sua próxima declaração, uma aparição exclusiva em *60 Minutes* ou *The Mike Douglas Show*. Até lá, ficaremos imaginando. Talvez até alguns de nós apareçam naquela misteriosa beira do fim de que ele fala, erguendo a vista, olhando para fora. Será inferno ou céu o que veremos? Talvez apenas a vida em seu espetáculo infinito.

Seja lá o que for, Cordova está lá.



AGRADECIMENTOS

FILME NOTURNO NÃO TERIA SIDO possível se não fosse pela orientação e pelo apoio de um grupo de pessoas de primeira linha.

Binky Urban: sua realidade é ainda melhor do que o mito. Obrigada por seus sábios conselhos, amizade, coração enorme e por sempre me dizer a verdade. Muito obrigada à equipe da ICM que é a melhor no que faz: Margaret Southard, Molly Atlas, Daisy Meyrick, Karolina Sutton, Rachel Clements e Ron Bernstein.

Kate Medina: sua visão editorial e sua paixão pela história de Ashley sempre me desafiaram como escritora, elevando este livro e o tornando mais profundo. Obrigada por me dar a coragem de ir cada vez mais longe naqueles corredores escuros (e por Alexander McQueen).

Lindsey Schwoeri: sua leitura atenta e perspicaz do primeiro rascunho me levou em uma direção inteiramente nova, abrindo outras e inesperadas portas para mim. Obrigada por apontá-las; eu poderia nunca ter percebido que estavam lá.

Anna Pitoniak: seu entusiasmo e suas sugestões criativas foram uma lufada de ar fresco. O modo como você lidou com tanta confiança ao estilo Ginger Rogers com os diferentes elementos necessários para criar este livro foi impressionante. Obrigada por nunca perder nada.

Ao meu Time dos Sonhos da Random House que trabalhou sem parar com tanta paixão destemida por mim:

Gina Centrello, obrigada por ser minha defensora fervorosa.

Sally Marvin e Karen Fink — obrigada pelo zelo, pelas ideias diferentes e por serem tão legais.

Muito obrigada a Debbie Aroff por sonhar as tantas formas de fundir o universo de *Filme noturno* com o mundo real. Obrigada também a Maggie Oberrender por suas contribuições de bastidores.

A Paolo Pepe, Barbara Bachman e Simon M. Sullivan: sou muito grata pela disposição que tiveram em levar o design do livro a uma nova direção. Vocês montaram um pacote impressionante que até mesmo Cordova aprovaria.

Muito obrigada à minha equipe digital, os profetas tecnológicos Ken Wohlrob e Matt Schwartz — vocês me ajudaram a aumentar a capacidade e a repensar o que é possível.

Laura Goldin: obrigada por conseguir tempo em sua agenda febril para me defender.

Obrigada a Richard Elman, Benjamin Dreyer e Lisa Feuer, que de algum modo fizeram a produção deste livro acontecer a tempo e antes do prazo.

Obrigada à estelar copidesque Amy Brosey e um agradecimento enorme para Loren Noveck, cujos poderes de dedução brilhantes ao estilo Sherlock Holmes foram incríveis e inestimáveis. (Eles podiam usar você na CIA.)

Obrigada a Jocasta Hamilton e ao restante da equipe da Hutchinson em Londres por seu apoio, entusiasmo, e pela House of Wolf.

O mundo de Cordova nunca teria ganhado vida com tamanha vibração soturna se não fosse pelo inimitável Tristan Woods-Scawen, cujos entusiasmo, enorme criatividade e impressionante direção de arte das ilustrações transcenderam fusos horários e superaram as expectativas. Cordova nunca teria saído das sombras sem você. Estou em dívida para com todo o time de visionários em Kennedy Monk: Stuart Monk, Bruce Kennedy, Jolyon Meldrum, Steven Harrison, Colin Taylor, Charlotte Kelly e Michelle Thomas. Foi uma alegria trabalhar com vocês.

Obrigada a meus belos personagens que têm rostos que sussurram perguntas e olhares que nos fazem quebrar a cabeça: Sophie Blackbrough, Seb Castang, Verona Edo, Samantha Englebrecht e Steven Harrison. Não teria conseguido um elenco mais fascinante se eu mesma o inventasse.

Obrigada ao fotógrafo Paul Archer, que faz arte a partir de evidências. Muita gratidão a Lucy Flower, David Wadlow e Lisa Jahovic, cuja atenção

aos detalhes fez todas as fotos parecerem oportunas, ricas e reais.

Uma série de especialistas em medicina foi bastante generosa em dedicar um tempo de seus dias ocupados para responder às minhas perguntas: o dr. Lawrence Levin, um dos mais dedicados e inspirados médicos de Nova York, e o dr. Leonard H. Wexler, que me ensinou e me tornou humilde com o trabalho incrível que realiza com crianças.

Um obrigado eterno para meu assistente e braço direito, Seth D. Rabinowitz. Você é meu confidente e cúmplice.

Obrigada à minha amada família, meus amigos e outros compatriotas que colaboraram com este livro de forma grandiosa: James Rosow, Robert Strent, Nicole Caruso, Adam Weber (suas vinte e duas horas encarcerado no Brooklyn Central Booking foi válido para *the Tombs*), Nic Caiano, Noriel Abdon, Josh Thomas, Elke Pessl e Don Marvel.

Serei eternamente grata à minha impressionante mãe e primeira leitora, Anne, que me ensina que o verdadeiro sentido do sucesso é alguém que deixa muito amor e luz em seu encalço. Quase sempre você sabe o que estou tentando dizer antes que eu mesma saiba.

Finalmente, quero agradecer à minha falecida avó Ruth, que viveu com verdadeira graça. Sua citação preferida era “Não há de o novo dia levantar-se antes que eu / De pé me encontre para a bela aventura de amanhã”.

Que assim continue sendo.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

*Quando não especificadas, todas as imagens são ©
Marisha Pessl*

Imagem 1: Adaptação da imagem original © SuperStock/Corbis

Imagem 2: Adaptação da imagem original © Getty Images

Imagem 3: Adaptação da imagem original © Photonet.de/Lehnartz

Imagem 4: © Joel Gillespie

Imagem 5: Adaptação da imagem original © Getty Images

Imagem 6: Adaptação da imagem original © Masterfile

Imagem 7: © Tristan Savatier

Imagem 8: © Stephen Alvarez/National Geographic Stock

Imagem 9: © Getty Images

Imagem 10: © The Estate of Francis Bacon. Todos os direitos
reservados/ARS, Nova York/DACS 2013

Imagem 11: Usando imagem de © Anke Van Wyk / Dreamstime.com

Imagem 12: Usando imagem de © Andreiuc88 / Dreamstime.com

Imagem 13: Usando imagem de © Parkinsonsniper / Dreamstime.com

Imagem 14: © Hakan Karlsson / Dreamstime.com

Imagem 15: Adaptação da imagem original © Jen Hamilton-Emery

Imagem 16: © Punchan / Dreamstime.com

Imagem 17: © Daniel Sanchez Blasco / Dreamstime.com

Imagem 18: © Tverkhovinets / Dreamstime.com

Imagem 19: Adaptação da imagem original © Bettmann/CORBIS

Imagem 20: © Diane Scheuermann

Imagem 21: © Debbie Grant

Imagem 22: Usando imagem de © Joel Gillespie

Imagem 23: © Michael Mellinger

Imagem 24: Adaptação da imagem original © David Curtis

Imagem 25: Adaptação da imagem original © Martin Grace Photography

Imagem 26: © Elke Meitzel / cultura / Corbis

Imagem 27: © Alexey Stiop / Dreamstime.com

Imagem 28: Adaptação da imagem original © Melanie Pepper

Imagem 29: Usando imagem de © AndrisCam / Dreamstime.com

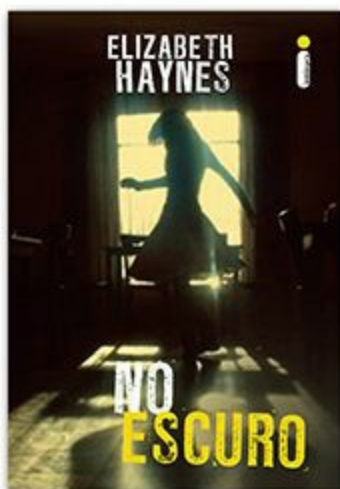
SOBRE A AUTORA

© David Schulze

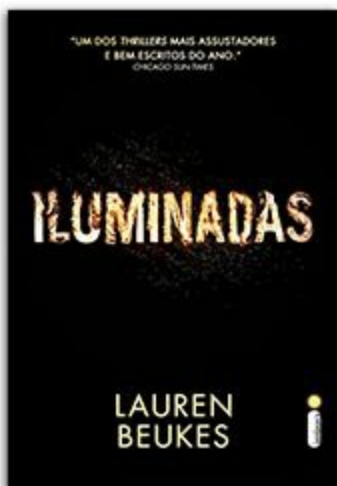


MARISHA PESSL cresceu em Asheville, Carolina do Norte, e hoje mora em Nova York. *Special Topics in Calamity Physics*, seu primeiro romance, foi um best-seller. Ganhou em 2006 o prêmio John Sargent Sr. de melhor romance de estreia (atual Flaherty-Dunnan First Novel Prize) e foi escolhido como um dos dez melhores livros daquele ano pelo *The New York Times Book Review*. *Filme noturno* é seu segundo romance.

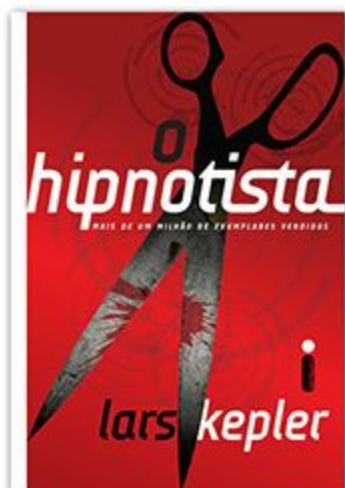
LEIA TAMBÉM



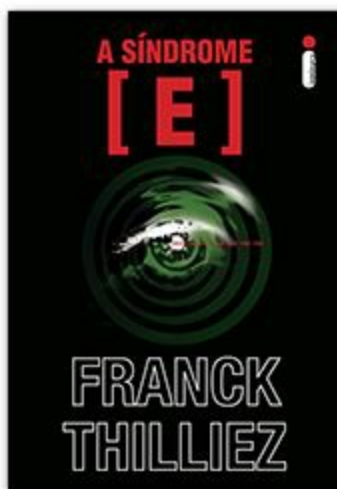
No escuro
Elizabeth Haynes



Iluminadas
Lauren Beukes



O hipnotista
Lars Kepler



A síndrome E
Franck Thilliez